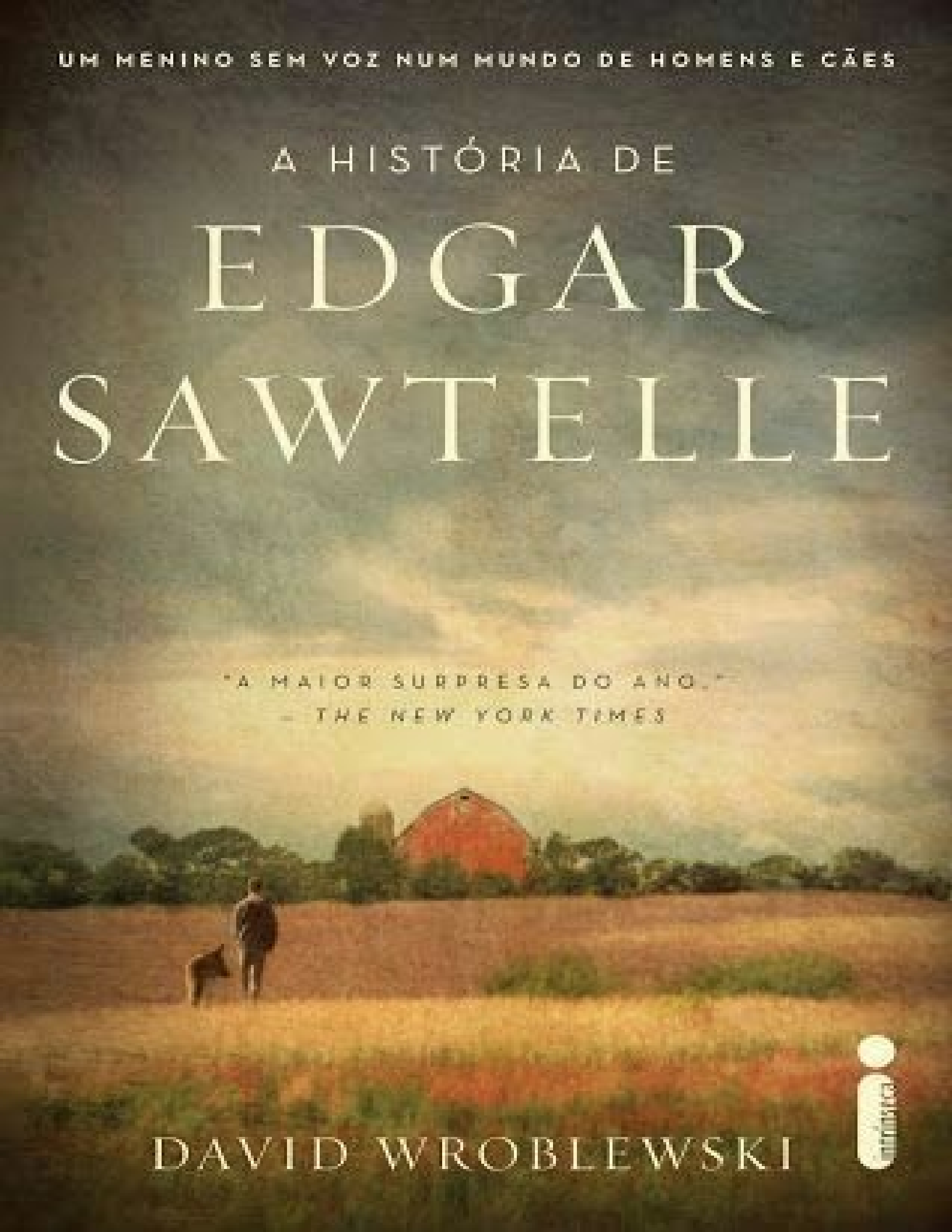
UM MENINO SEM VOZ NUM MUNDO DE HOMENS E CÃES

A HISTÓRIA DE EDGAR SAWTELLE

"A MAIOR SURPRESA DO ANO."
— *THE NEW YORK TIMES*



DAVID WROBLEWSKI

Índice

Para pular o índice clique: AQUI

- Capa
- Formatação
- Epígrafe
- Prólogo
- Parte I
  - OS DESCENDENTES DE FORTE
  - Um punhado de folhas
  - Almondine 1
  - Sinais
  - Edgar 1
  - Cada Canto e Recanto
  - O Desgarrado
  - A Ninhada
  - Essência
  - Um Tênue Suspiro
  - Tormenta
- Parte II
  - TRÊS TRISTEZAS
  - Funeral
  - As Cartas de Fortunate Fields
  - Lições e Sonhos
  - Almondine
  - A Briga
  - A Atitude de Epi
  - Corte
  - Na Chuva
- Parte III
  - O QUE AS MÃOS FAZEM
  - Despertar
  - Fumaça

    - Forca
    - Um Jeito de Ter Certeza
    - Lição de Motorista
    - Trudy 1
    - Popcorn Corners
    - O Texano
- Parte IV
    - CHEQUAMEGON
    - Fuga
    - Piratas
    - Nos Arredores de Lute
    - Henry
    - Comum
    - Máquina n º 6.615
    - Glen Papineau
    - Vento
    - Volta
    - Almondine
- Parte V
    - VENENO
    - Edgar 2
    - Trudy 2
    - Edgar 3
    - Glen Papineau
    - Edgar 4
    - Trudy 3
    - Edgar 5
    - Glen Papineau 3
    - Edgar 6
    - Trudy 4
    - Edgar 7
    - Claude 1
    - Edgar 8
    - Claude 2
    - Edgar 9
    - Claude 3
    - Trudy 5

    - Os Cachorros Sawtelle
- Agradecimentos
- Sobre o Autor
- Notas

CONVERTIDO E FORMATADO POR JÚLIO CESAR

https://www.facebook.com/juliocwmaciel

juliocwmaciel@gmail.com

(Quem gostou desta formatação, me adicione como amigo no Facebook e veja todos os Títulos que tenho dispónivel)

- Geralmente faço formatações de Livros que ainda não estão no mercado, nos formatos EPUB/MOBI -

Há grandeza nessa visão de que a vida, com seus diversos poderes, foi originalmente insuflada em algumas poucas formas ou em uma só; de que, enquanto este planeta girava de acordo com a lei fixa da gravidade, a partir de um começo tão simples, infinitas formas tão belas e tão maravilhosas evoluíram e continuam evoluindo.

CHARLES DARWIN, A origem das espécies

Prólogo

Pusan, Coreia do Sul, 1952

DEPOIS QUE ESCURECEU A CHUVA COMEÇOU A CAIR DE NOVO, MAS ele já tinha resolvido ir e, de qualquer modo, chovia havia semanas. Dispensou com um gesto os cules dos riquixás reunidos perto da doca, e dali da base naval, obedecendo às parcas orientações que lhe tinham dado, foi caminhando em meio à multidão da praça do mercado de Kweng Li, passou por comerciantes que vendiam galos em rústicos cestos de vime, cabeças de porcos e peixes de aspecto venenoso, eviscerados, de boca aberta nas barracas, passou por polvos cinzentos dentro de frascos de vidro, passou por velhas que apregoavam kimchee e bulgoki , até atravessar o rio Tong Gang na ponte das Aflições, último ponto que ele reconhecia.

No bairro boêmio, a água empoçada brilhava em verde e vermelho debaixo das faixas estendidas de telhado a telhado. Não havia outros militares nem policiais, e ele caminhou durante um longo tempo procurando uma placa que mostrava uma tartaruga e duas cobras. As ruas não tinham saída e ele não via a placa, nenhum dos quarteirões era quadrado e depois de algum tempo a chuva se transformou em uma névoa difusa e esparsa. Mas ele continuou andando, virou metodicamente duas vezes à direita, depois outras duas à esquerda, perseverante em sua busca mesmo depois de ter perdido o rumo muitas vezes. Passara da meia-noite quando desistiu. Estava refazendo seu caminho, seguindo uma rua que já havia atravessado duas vezes, quando finalmente viu a placa, pequena, amarela, fixada bem alto na esquina de um bar. Uma das cobras, virada para trás, mordia o rabo da tartaruga.

Como Pak dissera.

A orientação era procurar uma viela em frente à placa, e ela também estava ali: estreita, úmida, semipavimentada, descendo na direção do porto, iluminada apenas pelas placas em frente e pelo refulgir das janelas alinhadas ao longo de seu comprimento. Afastou-se da rua, sua sombra projetada adiante. Devia haver uma porta com uma lanterna — uma lanterna vermelha. Um herbanário. Olhou o alto dos prédios, observou as nuvens iluminadas por baixo que deslizavam sobre os

telhados. Pela janela de uma esquálida casa de banhos veio um grito de mulher, um riso de homem. A agulha desceu sobre um disco de vinil e a voz de Doris Day trinou no beco:

[1] I'm wild again, beguiled again,

A simpering, whimpering child again.

Bewitched, bothered and bewildered am I.

À frente, a viela dobrava para a direita. Passando a curva, ele avistou uma lanterna, uma cabaça de vidro rubi com veios de arame negro, a chama dentro dela uma rosa que se abria e lambia a garganta do vidro, lançando fitas de sombra na porta. Sobre a entrada projetava-se um teto baixo de varanda. Pela única janela, pálida, ele só enxergou uma cortina de seda manchada de fumaça e bordada com figuras de animais atravessando um rio num barquinho. Ele então espiou a viela, o caminho por onde tinha vindo. Depois bateu de leve na porta e esperou, levantando a gola da japona e batendo os pés como se estivesse enregelado, embora o tempo não estivesse frio, apenas úmido.

A porta se abriu. Um velho saiu, vestido com calça de algodão cru e uma túnica simples, feita de algum tecido resistente que não chegava a ser estopa. Tinha o rosto marcado e escuro, os olhos engastados em dobras de pele como origami. Dentro da loja, fileiras e mais fileiras de raízes leitosas de ginseng penduradas por barbantes oscilavam como pêndulos, como se recém-acariciadas.

O homem de japona olhou para ele.

— Pak disse que o senhor fala inglês.

— Pouco. Você fala devagar.

O velho fechou a porta ao passar. A névoa tinha virado chuva outra vez. Não ficou claro quando isso ocorreu, mas havia dias, semanas que a chuva caía, e o som da água correndo já fazia parte do mundo a tal ponto que ele nem o escutava mais. Estar seco era algo temporário; o mundo era um lugar que vertia água.

— Trouxe o remédio? — o velho perguntou. — Eu tenho dinheiro para pagar.

— Não vim atrás de dinheiro. Pak falou com o senhor, não falou?

O velho suspirou e sacudiu a cabeça, impaciente. — Ele não devia falar disso. Me diga o que quer. Às costas da figura de japona, um cachorro sem dono percorria

o beco, mancando sobre três pernas e olhando os homens. O pelo molhado brilhava como o de uma foca.

— Digamos que temos ratos — disse o homem. — Difíceis. — Sua Marinha capaz de matar uns ratos. Até capitão da barcaça mais fajuta faz isso todo dia. Usa arsênico. — Não. Eu... nós... queremos um método. O que Pak descreveu.

Alguma coisa que funcione na hora. Sem dor de estômago para o rato. Sem dor de cabeça. Os outros ratos devem achar que esse rato foi dormir e não acordou.

— Como se Deus levasse ele de uma hora para outra. — Exatamente. Para os outros ratos não pensarem que o que aconteceu com aquele rato não foi natural. O velho sacudiu a cabeça.

— Muita gente quer isso. Mas o que senhor pede se existe, então quem tem isso atrás apenas de Deus.

— Como assim?

— Deus dá vida e morte, certo? Quem chama outro para Deus na hora tem metade poder desse.

— Não. Nós todos temos esse poder. Só o método é diferente. — Quando método parece verdadeiro chamado de Deus, então é outra coisa — disse o herbanário. — Mais que método. Coisa assim deve ser brutal e óbvia. Por isso nós vive tudo junto, em paz.

O velho levantou a mão e apontou o beco atrás do visitante. — Cachorro seu?

— Nunca vi.

O herbanário foi para dentro da loja, deixando a porta aberta. Depois do ginseng, havia uma pilha emaranhada de chifres de veado debaixo de uma prateleira de frascos. Ele voltou com uma pequena tigela de cerâmica de sopa numa das mãos, e na outra uma caixa de bambu ainda menor. Colocou a tigela nas pedras do calçamento. De dentro da caixa, tirou um frasco de vidro, feito para perfume ou talvez tinta. O frasco era rústico e torto. A boca estava tampada e a borda irregular selada com cera.

Dentro via-se um líquido transparente como água de chuva, mas grosso e oleoso. O herbanário soltou a cera com a unha e segurou a tampa entre o polegar e o indicador. De algum lugar tirou uma vareta fina e comprida cuja extremidade era

cortada obliquamente e afiada como ponta de agulha. Mergulhou a vareta no frasco. Quando a retirou, uma quantidade minúscula do líquido havia penetrado na vareta e uma gota cintilava na ponta. O herbanário inclinou-se para o beco e deu um assobio agudo. Como não aconteceu nada, ele emitiu um ruído de beijo no ar, que fez o homem sentir um arrepio. O cachorro de três pernas veio mancando até eles debaixo da chuva, balançando o rabo, farejou a tigela e começou a lamber.

— Não é preciso — o homem falou.

— De que outro jeito vai saber o que leva? — perguntou o herbanário. Seu tom de voz não era gentil. Ele baixou a ponta afiada vareta até cerca de um palmo da base do pescoço do cachorro claudicante e então fez um delicado movimento para baixo com o punho. A ponta da vareta baixou, penetrou no corpo do animal e subiu de novo. No começo, o animal pareceu não notar nada.

— Eu disse que não era preciso. Pelo amor de Deus. O herbanário não respondeu. Não havia nada a fazer senão aguardar e olhar a chuva caindo, caindo quase invisível, a não ser quando o vento a dobrava sobre si mesma.

Quando o cachorro ficou imóvel, o herbanário recolocou a tampa no frasco e apertou bem. Só então o homem notou a fitinha verde em torno do gargalo do frasco e, na fita, uma linha de letras hangul pretas. O homem não sabia ler hangul, mas isso não tinha importância. Ele sabia o que significavam.

O herbanário depositou o frasco na caixa de bambu. Depois atirou a vareta no beco e deu um chute na tigela de sopa. Ela se estilhaçou no calçamento e a chuva começou a lavar seu conteúdo.

— Nessa ninguém não deve comê. Perigo pequeno, mas ainda perigo. Melhor quebrá que guardá, senhor entende?

— Entendo.

— Hoje de noite eu lava mão com lixívia. Isso senhor entende? O homem balançou a cabeça. Tirou um frasco do bolso. — Penicilina — disse. — Não é cura. Não é nada garantido. O herbanário pegou o frasco do homem. Levantou contra a luz cor de sangue da lanterna e chacoalhou o conteúdo. — Tão pequeno — disse.

— Um comprimido a cada quatro horas. Seu neto precisa tomar todos, mesmo que melhore antes de acabar. Entendeu? Todos.

O velho assentiu.

— Sem garantia.

— Vai funcioná. Não acredita tanto no acaso. Acho que nós aqui troca vida por outra vida.

O herbanário estendeu a caixa de bambu. Um tremor senil agitava sua mão, ou talvez ele estivesse nervoso. Fora bem firme com a vareta.

O homem guardou a caixa de bambu no bolso da japona. Não se deu o trabalho de se despedir, apenas virou e seguiu pelo beco, passou pela casa de banho onde a voz de Doris Day ainda vazava na noite. Por hábito, enfiou a mão no bolso do casaco e, embora soubesse que não devia, deixou as pontas dos dedos tatearem as bordas da caixa de bambu.

Quando chegou à rua, interrompeu-se e piscou diante da luz forte dos letreiros coloridos dos bares, depois olhou para trás uma última vez. Lá longe, o velho herbanário estava na chuva, um vulto curvado arrastando os pés na mistura de pedra e terra do beco semipavimentado. Ele pegara o cachorro pelas patas traseiras e o estava arrastando para longe. Para onde, o homem não sabia.

Parte I

OS DESCENDENTES DE FORTE

Um punhado de folhas

NO ANO DE 1919, O AVÔ DE EDGAR, QUE NASCERA COM UMA DOSE extra de excentricidade, comprou a terra deles e todas as edificações que nela havia de um desconhecido, um homem chamado Schultz, que, por sua vez, tinha abandonado uma equipe de lenhadores meia década antes, ao ver as correntes de um trenó inteiramente carregado de madeira se soltarem.

Vinte toneladas de troncos de bordo rolando sepultaram um homem no lugar onde Schultz estivera um minuto antes. Enquanto ajudava a remover os troncos para retirar os restos do infeliz, Schultz se lembrou de um lindo pedaço de terra que tinha visto a noroeste de Mellen.

Na manhã em que assinou os papéis, montado em um de seus cavalos seguiu pela estrada de lenhadores até sua nova propriedade, escolheu um ponto numa clareira ao sopé de uma encosta e, ao anoitecer, um estábulo feito de troncos pronto para uso existia naquela terra. No dia seguinte, pegou o outro cavalo, encheu a carroça a ele atrelada com suprimentos e os três voltaram a sua rústica morada, Schultz a pé, rédeas na mão, e os cavalos arreados atrás, puxando a carroça e ouvindo o rangido do eixo ressecado.

Durante os primeiros meses, ele e os cavalos dormiram lado a lado no abrigo de troncos, e muitas vezes, em sonhos, Schultz ouvia o estalo das correntes daquele trenó de troncos de bordo se rompendo.

Fez o melhor que pôde para ganhar a vida ali com a fazenda de gado leiteiro. Nos cinco anos em que trabalhou a terra, limpou um campo de uns doze hectares e drenou outro, e usou a madeira das árvores que cortou para construir uma privada, um celeiro e uma casa, nessa ordem. Para não precisar sair ao ar livre para puxar água, cavou seu poço no buraco que viria a ser o alicerce de sua casa. Ajudou a construir celeiros de Tannery Town até Park Falls, de forma que pudesse contar com muita gente para ajudar quando chegasse sua vez.

E noite e dia removia tocos de árvores. Nesse primeiro ano, revolveu e capinou o campo ao sul uma dúzia de vezes, até os próprios cavalos parecerem

cansados daquilo. Amontoou pedras nos limites do campo em longas pilhas irregulares e queimou troncos em fogueiras que eram avistadas em Popcorn Corners — a cidade mais próxima, se é que se podia chamar aquilo de cidade — e até em Mellen. Conseguiu construir um pequeno silo de pedra e concreto mais alto do que o celeiro, mas jamais conseguiu cobri-lo. Juntou leite, óleo de linhaça, ferrugem e sangue e usou a mistura para pintar de vermelho o celeiro e a privada. No campo ao sul plantou feno e no oeste, milho, porque o campo a oeste era úmido e o milho cresceria mais depressa.

Durante seu último verão na fazenda chegou a contratar dois homens da cidade. Mas quando o outono surgiu no horizonte, alguma coisa aconteceu — ninguém sabe exatamente o quê — , e ele fez uma magra colheita prematura, leiloou o gado e os instrumentos agrícolas e mudou-se, tudo no espaço de algumas semanas.

Na época, John Sawtelle viajava pelo norte sem nenhuma ideia nem intenção de comprar uma fazenda. Na verdade, ele havia posto seu equipamento de pesca no Kissel e dissera a Mary, sua mulher, que ia entregar um filhote de cachorro a um homem que conhecera em sua última viagem. O que era verdade mesmo. O que ele não mencionou foi que levava uma coleira extra no bolso.

NAQUELA PRIMAVERA, A CACHORRA DELES, Violet, que era boa, mas selvagem de coração, cavou um buraco por baixo da cerca quando estava no cio e percorreu as ruas pensando em romance. E eles acabaram, depois, correndo pelo quintal atrás de uma ninhada de sete. Ele podia ter dado todos os filhotes para estranhos, e desconfiava que teria de fazer isso, mas o negócio é que gostava de ter aqueles filhotes por ali. Gostava de um jeito primevo, obsessivo. Violet fora sua primeira cachorra, e os filhotes eram os primeiros filhotes com que havia passado seu tempo: eles latiam, mascavam os cadarços de seu sapato e olhavam para ele bem nos olhos.

À noite, ele se via ouvindo discos, sentado na grama atrás da casa, ensinando aos filhotes truques que eles logo esqueciam, enquanto ele e Mary conversavam. Eram recém-casados, ou quase. Ficavam horas e horas sentados juntos e era o melhor período da vida dele até então. Naquelas noites, sentia-se em contato com alguma coisa antiga e importante que não sabia como chamar.

Mas não gostava da ideia de um estranho tratando mal um dos filhotes de Vi. O melhor seria conseguir colocá-los todos no bairro, para poder manter contato e

acompanhar seu crescimento, mesmo que a distância. Sem dúvida, haveria meia dúzia de meninos morando por ali que queria um cachorro. As pessoas podiam achar estranho, mas não iam ligar se ele pedisse para ver os filhotes de vez em quando.

Então ele e um amigo foram até Chequamegon, uma viagem longa, mas que valia a pena pela pesca. Além disso, a Liga Anti-Saloon ainda não havia chegado às florestas do norte e provavelmente não o faria, o que constituía uma razão a mais para admirar a área.

Pararam no The Hollow, em Mellen, e pediram uma cerveja. Enquanto conversavam, um homem entrou, seguido por um cachorro, um cachorro grande, cinzento e branco, com manchas marrons, uma mistura de husky com pastor, ou algo assim, um animal de peito largo, de porte nobre e andar garboso, alegre. Todo mundo no bar parecia conhecer o cachorro, que trotou por ali saudando os frequentadores.

— Que belo animal — John Sawtelle comentou, observando enquanto ele se relacionava com o grupo em troca de amendoins e carne-seca. Ele ofereceu uma cerveja ao dono do cachorro pelo prazer de uma apresentação.

— Chama-se Captain — disse o homem, gesticulando ao atendente para pegar a bebida. Com a cerveja na mão, deu um assobio breve e o cachorro veio trotando. — Captain, cumprimente o moço.

Captain olhou. Levantou uma pata para cumprimentar. A primeira coisa que impressionou o avô de Edgar foi que se tratava de um animal grande. A segunda era menos tangível: algo nos olhos dele, no jeito como o cachorro se relacionava através do olhar. E ao apertar a pata de Captain, John Sawtelle foi tocado por uma ideia.

Uma visão.

Passara tanto tempo com os filhotes ultimamente que imaginou o próprio Captain como um filhote. Então pensou em Vi, que era o melhor animal que conhecera até então, e em Captain e Vi combinados num só cachorro, um filhote, o que era uma ideia maluca, porque já tinha cachorros demais. Largou a pata de Captain e o cachorro foi embora trotando. Virou-se para o bar e tentou tirar da cabeça aquela visão perguntando onde podia encontrar peixes muskie. Não estavam mordendo no lago Clam. E havia muitos lagos pequenos por ali.

Na manhã seguinte, voltaram à cidade para tomar o café da manhã. A lanchonete ficava em frente à Prefeitura de Mellen, um grande prédio quadrado

com uma cúpula esquisita que dava para a rua. Diante dele havia uma fonte de água potável com uma bacia à altura de uma pessoa, outra mais baixa para cavalos e um prato menor, junto ao chão, cujo propósito não era claro de imediato.

Estavam prestes a entrar na lanchonete quando um cachorro virou a esquina e passou trotando por eles muito à vontade. Era Captain. Andava de um jeito estranhamente leve para um cachorro de constituição tão sólida, levantando e baixando as patas como se estivessem suspensas por cordões invisíveis e apenas patinassem para se orientar. O avô de Edgar parou na porta da lanchonete e ficou olhando. Ao chegar à fonte diante da Prefeitura, o cachorro virou e bebeu na tigela que ficava junto ao chão.

— Vamos — chamou o amigo. — Estou morrendo de fome.

Do beco ao lado da Prefeitura saiu uma cachorra, com meia dúzia de filhotes enfileirados atrás. Ela e Captain realizaram uma complexa dança, farejando traseiros, empurrando focinhos e bufando, enquanto os filhotes bambeavam entre as patas dos dois. Captain curvou-se para os pequenos, enfiou o focinho debaixo da barriga deles e rolou os filhotes, um a um. Depois, saiu correndo pela rua, virou-se e latiu.

Os filhotes foram tropeçando atrás dele. Minutos depois, trouxe-os de volta à fonte, girando em círculos, com os mais novos perseguindo-o, enquanto a mãe ficava esticada no gramado, a observar, ofegante.

Uma mulher de avental saiu da lanchonete, espremeu-se entre os dois homens e olhou.

— É o Captain e a senhora dele — disse. — Há uma semana se encontram aqui toda manhã. Desde que os filhotes da Violet começaram a andar.

— Filhotes de quem ? — perguntou o avô de Edgar.

— Ora, da Violet. — A mulher olhou para ele como se fosse um idiota. — A cachorra mãe. Aquela ali.

— Eu tenho uma cachorra chamada Violet — ele disse. — E neste momento ela está com uma cria exatamente dessa idade lá em casa.

— Nossa, que coisa — disse a mulher, sem o menor sinal de interesse.

— Quer dizer, não é uma grande coincidência? Eu encontrar uma cachorra com o mesmo nome da minha e uma ninhada da mesma idade?

— Não sei. Pode ser que isso aconteça o tempo todo.

— Tem uma outra coincidência que acontece toda manhã — interrompeu o amigo dele. — Eu acordo, fico com fome e tomo café da manhã. Incrível.

— Vá então você — disse John Sawtelle. — Eu não estou mesmo com tanta fome. — E, dizendo isso, atravessou a rua e foi até a Prefeitura.

QUANDO FINALMENTE SENTOU-SE para comer, a garçonete apareceu junto à mesa com o café.

— Se está tão interessado naqueles filhotes, pode ser que Billy venda um para o senhor — disse ela. — Vai ser difícil ele conseguir dar, tem tanto cachorro por aqui.

— Quem é Billy?

Ela se virou e apontou para o balcão. Lá, num dos banquinhos, estava sentado o dono de Captain, tomando uma xícara de café e lendo o Sentinel . O avô de Edgar convidou o homem para comerem juntos. Quando estavam sentados, perguntou a Billy se os cachorrinhos eram mesmo dele.

— Alguns — Billy respondeu. — O Cappy aprontou com a velha Violet. Tenho de encontrar lugar para metade da ninhada. Mas acho mesmo é que vou ficar com eles. Cap é louco por eles e desde que o meu Scout fugiu, no verão passado, estou com um cachorro só. Ele se sente solitário.

O avô de Edgar falou da sua ninhada e de Vi, aumentando as qualidades delas, e ofereceu trocar um filhote por outro. Disse a Billy que ele podia escolher o que quisesse na ninhada de Vi e, além disso, podia escolher qual filhote de Captain queria dar, embora ele preferisse um macho, se para Billy não fizesse diferença. Depois pensou um minuto e refez o pedido: ficaria com o filhote mais esperto que Billy estivesse disposto a dar, não importando se fosse macho ou fêmea.

— A ideia não é reduzir o número de cachorros na sua casa? — seu amigo perguntou.

— Eu disse que ia encontrar uma casa para os filhotes. Não é exatamente a mesma coisa.

— Acho que Mary não vai concordar, não. É o que eu acho.

Billy tomou seu café e sugeriu que, mesmo interessado, tinha restrições em

praticamente atravessar o Wisconsin inteiro só para pegar um filhote de cachorro. A mesa deles ficava perto da grande janela da frente e por ela John Sawtelle podia ver Captain e os filhotes rolando no gramado. Ficou olhando um pouco, depois se virou para Billy e prometeu que pegaria o melhor da ninhada de Vi e traria para ele: macho ou fêmea, à escolha de Billy. E se Billy não gostasse, não fariam troca nenhuma, e tudo bem.

E foi assim que John Sawtelle se viu indo para Mellen em setembro com um cachorrinho dentro de uma caixa e uma vara de pescar no banco de trás, assobiando "Shine on, Harvest Moon". Já tinha decidido chamar o filhotinho novo de Gus, se o nome combinasse.

Billy e Captain gostaram do filhote de Vi imediatamente. Os dois homens foram para o quintal de Billy para discutir as qualidades de cada filhote da ninhada de Captain. Depois de algum tempo um deles se aproximou com o andar bamboleante, e isso resolveu as coisas. John Sawtelle colocou a coleira sobressalente no filhote e passaram a tarde na margem do lago, pescando. Gus comeu pedaços de perca assadas no espeto e os dois dormiram diante de uma fogueira, a coleira amarrada no cinto com um pedaço de barbante.

No dia seguinte, antes de partir para casa, o avô de Edgar pensou em andar um pouco por ali. A região era uma mistura interessante: os trechos desmatados eram feios como o pecado, mas os trechos bonitos eram especialmente bonitos. Como as cachoeiras. E alguns campos de plantio a oeste. E, acima de tudo, a floresta montanhosa ao norte da cidade. Além disso, não havia muita coisa de que ele gostasse mais do que dirigir o Kissel por aquelas estradinhas.

No final da manhã, dirigia por uma estrada de terra muito esburacada. Os galhos das árvores se entrelaçavam no alto. À esquerda e à direita, moitas cerradas encobriam tudo que ficasse quinze metros floresta adentro. Quando a estrada finalmente desembocou numa clareira, ele foi brindado com a visão da cordilheira Penokee estendendo-se para oeste e uma floresta cor de esmeralda espraiando-se compacta em direção ao norte, aparentemente até a margem de granito do lago Superior. Ao sopé da montanha havia uma casinha branca e um gigantesco celeiro vermelho. Uma casa de ordenha estava erguida próximo à frente do celeiro. Atrás, um silo de pedra sem cobertura. Junto à estrada, uma placa escrita toscamente dizia: "À venda.".

Ele pegou o esburacado caminho de entrada. Estacionou, desceu e espiou pelas janelas da sala. Não havia ninguém em casa. Caminhou pelos campos com

Gus no colo e quando voltou deixou-se cair no estribo do Kissel, olhando as nuvens de outono deslizarem no alto.

John Sawtelle era um grande leitor e missivista. Gostava, sobretudo, de jornais de cidades distantes. Recentemente, havia encontrado um artigo sobre um homem chamado Gregor Mendel (um monge tchecoslovaco, coisa esquisita), que fizera experiências interessantes com ervilhas. Para começar, ele havia demonstrado que conseguia prever como seriam as mudas das plantas: a cor das flores etc. Passaram a chamar de mendelismo esse estudo científico da hereditariedade.

O artigo tratava das estupendas consequências para a criação de gado. O avô de Edgar ficara tão fascinado que tinha ido à biblioteca e retirara um livro sobre Mendel, que leu do início ao fim. O que aprendeu vinha-lhe à cabeça ocasionalmente.

Lembrou da visão (se é que se podia chamar assim) que tinha lhe vindo ao segurar a pata de Captain no The Hollow. Era um daqueles raros dias em que tudo na vida da pessoa parece estar ligado. Tinha vinte e cinco anos, mas ao longo do ano anterior seu cabelo ficara grisalho, cor de aço. A mesma coisa acontecera com seu avô, embora seu pai estivesse beirando os setenta com uma juba preta como azeviche. Isso não havia acontecido com nenhum de seus irmãos mais velhos, embora um deles fosse mais careca que um ovo. Nessa época, quando John Sawtelle olhava no espelho, sentia-se um pouco como uma ervilha mendeliana.

Ficou sentado ao sol observando Gus, patas largas e desajeitadas, prender no chão um louva-a-deus, abocanhar o inseto, depois sacudir a cabeça com nojo e lamber os beiços. Começara a se esfregar no que sobrara do louva-a-deus com a lateral do pescoço, quando notou de repente que o avô de Edgar o estava observando, calcanhares na estrada de terra, dedos dos pés apontados para o céu. O filhote deu um pinote fingindo surpresa, como se nunca tivesse visto aquele homem antes. Avançou tropeçando e rolou no chão ao se aproximar.

John Sawtelle pensou que era um lugarzinho adorável.

Explicar Gus para a mulher era a menor de suas preocupações.

NA VERDADE, NÃO DEMOROU MUITO para acabar a confusão. Quando queria, o avô de Edgar conseguia irradiar um entusiasmo encantador, uma das razões por que Mary se sentiu atraída por ele. Conseguia contar uma boa história de como as coisas seriam. Além disso, estavam morando na casa dos pais dela fazia mais de um ano e ela queria tanto quanto o marido ir embora para um

lugar que fosse deles. Fecharam a compra da terra por correio e telegrama.

O menino Edgar viria a saber disso porque seus pais guardavam os documentos mais importantes em uma caixa de munição nos fundos do armário do quarto do casal. A caixa era de um cinza bélico, com um grande fecho do lado, e de metal, portanto à prova de ratos. Quando eles não estavam por perto, Edgar tirava a caixa escondido e investigava o conteúdo.

As certidões de nascimento deles estavam ali, com a certidão de casamento, a escritura e a história da propriedade da terra. Mas o telegrama era o que mais o interessava: uma folha de papel grossa, amarelada, com o logotipo da Western Union no alto, a mensagem composta de apenas seis palavras, coladas em tiras: OFERTA ACEITA PROCURE ADAMSKI REF. DOCUMENTOS. Adamski era o advogado sr. Schultz; a assinatura dele aparecia em diversos papéis da caixa. A cola que prendia as palavras ao telegrama havia ressecado ao longo dos anos, e cada vez que Edgar o pegava mais uma palavra se soltava.

A primeira a sair tinha sido DOCUMENTOS, depois REF., depois PROCURE. Edgar acabou não pegando mais o telegrama, temendo que quando ACEITA caísse em seu colo o direito de sua família à terra fosse anulado.

Ele não sabia o que fazer com as palavras que se soltaram. Parecia errado jogá-las fora, então as deixou dentro da caixa de munição, na esperança de que ninguém fosse notar.

O POUCO QUE SABIAM DE SCHULTZ vinha do fato de viverem nas construções que ele fizera. Por exemplo, como os Sawtelles realizaram muitas reformas, sabiam que Schultz trabalhava sem nível nem esquadro e que ele não conhecia a velha regra de carpintaria dos múltiplos de três, quatro e cinco para fazer ângulos retos. Sabiam que só cortava madeira uma vez e, se ela ficava muito curta, dava um jeito com cunhas ou pregos a mais, e se ficava muito comprida, encaixava em ângulo.

Sabiam que era sovina porque preenchera as paredes do porão com pedras para economizar no custo do cimento, e toda primavera a água vertia das rachaduras até o porão ficar inundado à altura do tornozelo. E foi assim, disse o pai de Edgar, que descobriram que Schultz nunca havia cimentado um porão.

Descobriram também que Schultz admirava a economia (tinha de admirar para viver na floresta), porque a casa que construiu era uma versão em miniatura do

celeiro, com todas as suas dimensões divididas por três. Para ver a semelhança, o melhor era ficar no campo ao sul, perto do bosque de bétulas com a cruz branca pequena base. Com um pouco de imaginação e descontando as mudanças feitas pelos Sawtelles (a ampliação da cozinha, um quarto extra, uma varanda nos fundos que corria ao longo do lado oeste), dava para notar que a casa tinha o mesmo telhado íngreme de duas águas, que escoava tão bem a neve no inverno, e que na casa as janelas se abriam exatamente no mesmo ponto em que ficavam as portas de abrir em cima e embaixo na extremidade do celeiro. Até mesmo o topo do telhado se projetava sobre o caminho como um toldo de palha, bonito mas inútil.

As construções eram atarracadas, simpáticas, simples, como uma vaca e seu bezerro deitados num pasto. Edgar gostava de ficar olhando o pátio; era essa a vista que Schultz devia apreciar todo dia quando trabalhava no campo catando pedras, arrancando tocos de árvores, juntando seu rebanho para a noite.

Inúmeras perguntas não podiam ser respondidas apenas pelos fatos. Havia um cachorro para pastorear as vacas? Teria sido o primeiro cachorro a considerar aquele lugar como sua casa, e Edgar gostaria de ter sabido seu nome. O que Schultz fazia à noite sem rádio nem televisão? Será que ensinou o cachorro a apagar as velas? Será que temperava com pólvora os ovos do café da manhã, como faziam os viajantes? Criava galinhas e patos? Passava as noites sentado com uma arma no colo para atirar nas raposas? No meio do inverno, será que saía correndo a berrar pela trilha rústica até a cidade, bêbado, entediado e enlouquecido pelo interminável acorde de gaita que o vento tocava no caixilho da janela?

Era demais esperar uma fotografia de Schultz, mas o menino, mesmo internamente, o imaginava saindo da floresta como se o tempo não tivesse passado, pronto para tentar plantar mais uma vez: um homem compacto, solene, com um bigode de guidão de bicicleta, sobrancelhas grossas e tristes olhos castanhos. Seu passo seria gingado, por tantas horas passadas montado a cavalo, e haveria nele certo encanto. Quando parasse para pensar em alguma coisa, colocaria as mãos nos quadris, mexeria na terra com o calcanhar e assobiaria.

Mais vestígios de Schultz: ao abrir uma parede para substituir uma janela apodrecida, encontraram numa tábua anotações de Schultz feitas a lápis:

64 ½ + 8 ½ = 73

Em outra viga, uma lista rabiscada:

toicinho

farinha

piche 5 galões

fósforo

café

1 kg pregos

Edgar ficou aturdido ao encontrar palavras dentro das paredes de sua casa, rabiscadas por um homem que ninguém nunca tinha visto. Ficava com vontade de abrir cada parede, de ver o que podia estar escrito na calha do telhado, debaixo dos degraus, acima das portas. Com o tempo, usando apenas a imaginação, Edgar construiu uma imagem de Schultz tão detalhada que não precisava nem semicerrar os olhos para invocá-la.

O mais importante foi que entendeu por que Schultz abandonou tão misteriosamente a fazenda: ele sentiu solidão. Depois do quarto inverno, Schultz não suportou mais, sozinho com os cavalos e as vacas, sem ninguém para conversar, sem ninguém para ver o que ele tinha feito nem ouvir o que tinha acontecido: absolutamente ninguém para presenciar sua vida. Na época de Schultz, assim como na de Edgar, não havia vizinhos à vista. As noites deviam ser assustadoras.

E então Schultz foi embora, talvez para o sul, até Milwaukee, ou para oeste, até St. Paul, esperando encontrar uma mulher que voltasse com ele, ajudasse a limpar o resto da terra, começasse com ele uma família. Alguma coisa, porém, o manteve longe. Talvez a noiva não gostasse da vida na fazenda. Talvez alguém tivesse adoecido. Impossível saber isso, no entanto Edgar tinha certeza de que Schultz lamentara aceitar a oferta de seu avô. E essa, imaginava, era a verdadeira razão por que as palavras se descolavam do telegrama.

Claro que não havia motivo para se preocupar, e Edgar sabia disso, sim. Tudo aquilo acontecera quarenta anos antes de ele nascer. O avô e a avó tinham se mudado para a fazenda sem incidentes, e na época de Edgar aquela já era a morada dos Sawtelles havia mais tempo que qualquer pessoa poderia lembrar. John Sawtelle conseguiu trabalho na madeireira de compensados na cidade e alugou os campos que Schultz havia limpado.

Sempre que encontrava um cachorro que admirava, fazia questão de descer e olhar nos olhos dele. Às vezes, entrava em acordo com o dono. Ele transformou o gigantesco celeiro em um canil, e ali o avô de Edgar aprimorou seu talento para

criar cachorros — cachorros tão diferentes dos pastores, cães de caça, perdigueiros e de tração usados por ele como ponto de partida, que se tornaram conhecidos simplesmente como cães sawtelle.

E John e Mary Sawtelle criaram dois meninos tão diferentes um do outro como o dia e a noite. Um filho permaneceu na terra quando avô de Edgar, depois de ficar viúvo, voltou para a cidade, e o outro filho foi embora para sempre, todos pensavam.

O que ficou era o pai de Edgar, Gar Sawtelle.

SEUS PAIS SE CASARAM TARDE. Gar tinha mais de trinta anos, Trudy, poucos anos menos, e a história do encontro dos dois mudava dependendo de quem Edgar interrogava ou quem estava ouvindo.

— Foi amor à primeira vista — a mãe dizia em voz alta. — Ele não tirava os olhos de mim. Era muito embaraçoso mesmo. Casei com ele porque tive pena.

— Não acredite! — o pai gritava da outra sala. — Ela andava atrás de mim como uma louca! Se atirava aos meus pés toda vez que podia. Os médicos disseram que ela podia fazer uma bobagem se eu não concordasse em ficar com ela.

Sobre esse assunto, Edgar nunca conseguiu ouvir a mesma história duas vezes. Uma vez, os dois tinham se conhecido num baile em Park Falls. Outra vez, ela havia parado para ajudá-lo a trocar um pneu furado da caminhonete.

Não, por favor, Edgar insistira.

A verdade era que os dois haviam se correspondido durante anos. Conheceram-se num consultório médico, os dois pintalgados de sarampo. Conheceram-se numa loja de departamentos no Natal, brigando pelo último brinquedo de uma prateleira. Conheceram-se quando Gar estava entregando um cachorro em Wausau. Os dois estavam sempre disputando um com o outro, transformando a história em alguma aventura fantástica na qual escapavam do perigo, fugiam para o esconderijo de Dillinger nas florestas do norte.

Edgar sabia que a mãe havia crescido do outro lado da fronteira de Minnesota com o lago Superior, passado de uma família adotiva para outra, mas apenas isso. Não tinha irmãs nem irmãos, e ninguém do lado dela da família vinha visitá-los. De vez em quando, chegavam cartas endereçadas a ela, mas Trudy não tinha pressa em abri-las.

Na parede da sala havia uma foto dos pais de Edgar tirada no dia em que o juiz de Ashland os casara — Gar de terno cinzento, Trudy com vestido branco curto, até os joelhos. Seguravam um buquê de flores entre eles e ambos tinham expressões tão solenes que Edgar quase não os reconhecia. Seu pai pedira ao doutor Papineau, o veterinário, que cuidasse dos cachorros enquanto ele e Trudy passavam a lua de mel no condado de Door. Edgar tinha visto instantâneos tirados na câmera Brownie de seu pai: os dois sentados num píer com o lago Michigan ao fundo. Isso era toda a prova que havia: a certidão de casamento na caixa de munição, umas poucas fotos com as bordas onduladas.

Quando voltaram, Trudy começou a participar do trabalho no canil. Gar concentrou-se no cruzamento, na criação e na colocação, enquanto Trudy se encarregava do treinamento, atividade em que, independentemente de como eles houvessem se conhecido, ela brilhava. O pai de Edgar admitia sem constrangimentos suas limitações como treinador. Era bonzinho, sempre disposto a deixar os cachorros cumprirem uma ordem sem exatidão.

Os cachorros que ele treinava nunca aprendiam a diferença entre um senta , um deita e um fica ; eles achavam que tinham de ficar mais ou menos onde estavam, mas às vezes escorregavam para o chão, ou davam alguns passos e depois sentavam, ou sentavam quando deviam ficar deitados, ou sentavam quando tinham de ficar em pé imóveis. O pai de Edgar estava sempre mais interessado no que os cachorros preferiam fazer, predileção que herdara de seu pai.

Trudy mudou tudo isso. Como treinadora, era inflexível e precisa, movendo-se com a mesma economia seca de gestos que Edgar notava em professores e enfermeiras. E seus reflexos eram singulares: era capaz de corrigir um cão na guia tão depressa que dava vontade de rir. As mãos dela voavam e voltavam à sua cintura como um relâmpago e a coleira do cachorro se apertava com um clique discreto e se afrouxava outra vez, tão rápido que parecia um truque de prestidigitação.

O cachorro ficava com uma expressão surpresa, sem fazer ideia do que havia puxado a guia. No inverno, usavam a frente do cavernoso depósito de feno para o treinamento, fardos de palha arrumados como barreiras, trabalhando os cachorros em um mundo fechado, limitado pela palha seca sob as patas e a viga rústica do alto, as nodosas pranchas do teto como uma cúpula escura marcada pelos pregos das telhas de madeira, os buraquinhos de luz do dia e os esteios cruzados a meia altura, toda a metade dos fundos ocupada por pilhas de dez, onze, doze fardos de palha amarela.

Mesmo assim, o espaço livre ainda era enorme. Ao trabalhar ali com os cachorros, Trudy exibia todo seu carisma e domínio. Edgar a vira atravessar o celeiro num salto, agarrar a coleira de um cachorro que se recusava a se deitar e levá-lo ao chão com um movimento acrobático, em forma de arco. O próprio cachorro ficara impressionado: saltara, correra e lambera o rosto dela, como se ela tivesse realizado um milagre a seu favor.

Embora os pais de Edgar fossem sempre alegremente evasivos sobre a maneira como se conheceram, outras perguntas eles respondiam de imediato. Às vezes, embarcavam em histórias do próprio Edgar, de seu nascimento, de como ficaram preocupados com sua voz, como ele e Almondine brincavam juntos antes mesmo de ele deixar o berço.

Como Edgar trabalhava ao lado dos dois todos os dias no canil, tratando, escolhendo nomes e manejando os cachorros que aguardavam sua vez no treinamento, tinha muitas chances de fazer perguntas por sinais e de esperar e ouvir. Nos momentos mais tranquilos, falavam até das coisas tristes que haviam acontecido. A mais triste de todas era a história daquela cruz debaixo das bétulas no campo ao sul.

ELES QUERIAM UM BEBÊ. Era o outono de 1954 e estavam casados havia três anos. Transformaram um dos quartos do andar de cima num quarto de bebê e trouxeram uma cadeira de balanço, um berço com um móbile e uma cômoda, tudo pintado de branco.

Mudaram também o próprio quarto para o andar de cima, do outro lado do corredor. Nessa primavera, Trudy ficou grávida. Depois de três meses, sofreu um aborto. Quando o inverno chegou, ela estava grávida de novo, e de novo perdeu, aos três meses. Foram a um médico em Marshfield, que perguntou o que eles comiam, que remédios tomavam, quanto fumavam e bebiam.

O médico fez exames do sangue da mãe e declarou que ela era perfeitamente saudável. Algumas mulheres tinham essa tendência, disse o médico. Esperem um ano. E falou para ela não cometer excessos.

No final de 1957, a mãe engravidou pela terceira vez. Esperou até ter certeza, depois mais um pouco, para só então dar a notícia, no dia de Natal. Ela calculava que o bebê chegaria em julho.

Levando em conta o alerta do médico, eles mudaram a rotina do canil. A mãe

de Edgar ainda cuidava dos filhotes mais novos, mas quando chegava a hora de trabalhar com os de um ano, voluntariosos e fortes o suficiente para desequilibrá-la, era o pai que ia para o celeiro. Não era fácil para nenhum dos dois.

De repente, Trudy estava treinando cachorros usando Gar, e ele fazendo as vezes de uma guia péssimo. Ela sentava num fardo e gritava: Vai! Vai!, frustrada cada vez em que ele não acertava uma correção, o que era muito frequente.

Depois de algum tempo, os cachorros viravam as orelhas para Trudy mesmo quando Gar era quem levava a guia. Aprenderam a trabalhar com três cachorros de cada vez, dois parados ao lado da mãe de Edgar enquanto o pai estalava a guia com um terceiro e o conduzia pela sequência de obstáculos, os pega, os fica, e o trabalho de fixação.

Sem nada para fazer, a mãe começou pequenos exercícios de morder e prender, para ensinar os cachorros a ter uma mordida suave. Em dias assim, ela saía do celeiro tão cansada como se tivesse trabalhado sozinha. O pai ficava para trás, realizando as tarefas noturnas. Aquele inverno foi especialmente frio e às vezes levava mais tempo recolher tudo do que atravessar do canil para a varanda dos fundos.

À noite, arrumavam a cozinha. Ela lavava, ele enxugava. Às vezes, ele jogava a toalha no ombro e a enlaçava com os braços, apertando as mãos em sua barriga e imaginando se iria sentir o bebê.

— Pegue — ela dizia, estendendo um prato fumegante. — Pare de enrolar. — Mas no reflexo na janela gelada acima da pia ele via que ela estava sorrindo.

Uma noite, em fevereiro, Gar sentiu um movimento na barriga debaixo de sua mão. Um chamado de um outro mundo. Nessa noite, eles escolheram um nome de menino e um de menina, os dois fazendo as contas de cabeça e pensando que tinham ultrapassado a marca dos três meses, sem ousar dizer isso em voz alta.

Em abril, cortinas cinzentas de chuva varreram o campo. A neve escureceu e dissolveu ao longo de um único dia e um vapor de cheiro de plantas encheu o ar. Por toda parte, ouvia-se o barulho da água pingando das folhas. Numa noite, o pai dele acordou e encontrou os lençóis enrolados e a cama molhada, onde sua mãe estivera deitada. À luz do abajur, uma mancha carmesim nos lençóis.

Encontrou-a no banheiro, encolhida dentro da banheira de pés. Tinha nos braços um bebê menino perfeitamente formado, a pele parecendo cera azul. O que acontecera, acontecera depressa, com pouca dor, e embora ela se sacudisse como se

estivesse chorando, estava em silêncio. O único som era o de sua pele úmida colada à louça branca. O pai de Edgar ajoelhou-se ao lado da banheira e tentou abraçá-la, mas ela estremeceu e o empurrou, então ele se sentou à distância de um braço e esperou que o choro dela parasse ou começasse para valer.

Em vez disso, ela estendeu a mão e abriu as torneiras com os dedos na água até sentir que estava bastante quente. Lavou o bebê, sentada dentro da banheira. A mancha vermelha da camisola começou a tingir a água. Pediu que Gar pegasse um lençol no quarto do bebê, embrulhou a forma imóvel e passou para ele. Quando ele se virou para sair ela pôs a mão em seu ombro, e ele então esperou, olhando quando achava que devia olhar e desviando os olhos em outros momentos, e o que ele viu foi ela voltando a si, partícula por partícula, até que finalmente virou para ele com um olhar que queria dizer que tinha sobrevivido.

Mas, secretamente, a um alto preço. Embora a infância de filha adotiva a tivesse deixado calejada para perdas familiares, a necessidade de manter a família unida sempre foi parte de sua natureza.

Explicar o que aconteceu depois por qualquer acontecimento particular seria negar a predisposição ou o poder do universo a modelar. Em sua mente, o lugar onde o bebê já vivera e respirara (de qualquer forma, as esperanças e os sonhos que criaram o bebê para ela) não iriam simplesmente desaparecer porque o bebê tinha morrido.

Ela não podia deixar o lugar vazio nem trancá-lo para sempre e virar para o outro lado como se nunca tivesse existido. E então restou uma minúscula e escura semente negra, um vazio em que uma pessoa poderia mergulhar para sempre. Esse era o custo, e só Trudy sabia disso, ainda que não soubesse o que significava ou o que viria significar.

Ela ficou na sala com o bebê enquanto Gar levava Almondine para a oficina. De ponta a ponta do corredor os cães estavam em seus cercados. Ele acendeu a luz e tentou esboçar um plano num pedaço de papel, mas suas mãos tremiam e as dimensões não saíam direito. Cortou-se com o serrote, raspou a pele em cima dos nós de dois dedos e fez um curativo com o kit do celeiro, em vez de voltar a casa.

Trabalhou até o meio da manhã para fazer o caixão e a cruz. Não pintou nada porque, com aquele tempo úmido, levaria dias para tinta secar. Carregando uma pá, atravessou o campo ao sul até o pequeno bosque de bétulas, de cujas cascas brotava uma gosma branca brilhosa, e ali cavou um túmulo.

Na casa, forrou o caixão com dois cobertores e depositou o bebê enfaixado ali dentro. Só então pensou em lacrar o caixão. Olhou para Trudy.

— Tenho de pregar a tampa — disse. — Vou levar para o celeiro.

— Não — disse ela. — Faça isso aqui.

Ele foi até o celeiro, pegou um martelo e oito pregos, e ao longo de todo o caminho de volta a casa foi remoendo o que estava para fazer. Colocaram o caixão no meio da sala. Ajoelhou-se na frente dele. Estava parecido com um caixote, notou, porém fizera o melhor possível. Bateu um prego em cada canto e ia colocar um no centro de cada lado, mas de repente não conseguiu. Desculpou-se pela violência daquilo. Recostou a cabeça na madeira áspera do caixão. Trudy passou a mão em suas costas, sem dizer uma palavra.

Ele levantou o caixão e o levou até o bosque de bétulas, baixou-o à cova e jogou terra por cima. Almondine, apenas um filhote na época, ficou a seu lado na chuva. Gar usou a pá para fazer um buraco em forma de meia-lua no gramado, e com o lado plano do martelo pregou a cruz no chão. Quando levantou o rosto, Trudy estava inconsciente em cima do feno verde recém-brotado.

Ela acordou quando aceleravam pelo asfalto ao norte de Mellen. Do lado de fora da janela da caminhonete o vento açoitava a chuva, criando formas incompletas que tremiam e giravam nas valas. Fechou os olhos, não conseguia olhar sem ficar tonta. Passou a noite no hospital de Ashland, e quando voltaram para casa, na tarde do dia seguinte, a chuva ainda caía, as formas ainda dançavam.

ACONTECE QUE O LIMITE DOS FUNDOS da propriedade deles corria exatamente ao longo do córrego que ia para o sul por dentro da floresta de Chequamegon. Durante a maior parte do ano, o córrego tinha apenas entre sessenta e noventa centímetros de largura, tão raso que era possível pegar uma pedra do fundo sem molhar o pulso. Quando Schultz levantou a cerca de arame farpado, ele colocou os mourões bem no centro da corrente.

Às vezes, Edgar e seu pai iam até lá no inverno, quando apenas a ponta superior dos mourões aparecia nas nevascas e a água fazia sons gotejantes, como bolinhas de gude se chocando, porque, embora o córrego não fosse largo nem rápido o bastante para dissolver a neve que o encobria ele tampouco congelava. Uma vez, Almondine inclinou a cabeça para o som, fixou de onde vinha, depois mergulhou as patas da frente na neve e na água gelada.

Quando Edgar riu, embora sua risada fosse silenciosa, ela baixou as orelhas. Levantou uma pata, depois da outra, para que ele as enxugasse com o chapéu e as luvas, e voltaram para casa, mãos e patas igualmente pinicando.

Durante algumas semanas de cada primavera o córrego se transformava em um rio preguiçoso e barrento, que corria pelo solo da floresta com três metros de largura para cada lado dos mourões da cerca. Qualquer coisa podia passar flutuando durante a temporada cheia — latas de sopa, cartões de beisebol, lápis — , cuja origem era um mistério, uma vez que não havia nada rio acima, apenas floresta. Os gravetos e os pedaços de madeira apodrecida que Edgar jogava na corrente densa oscilavam e flutuavam em direção ao Mississippi, ele esperava, enquanto seu pai, recostado a uma árvore, observava a linha de mourões.

Uma vez, viram uma lontra flutuando de barriga para cima na enchente, as patas na direção da correnteza, alisando a pelagem do peito, uma espécie de animal-canoa independente. Ao passar, a lontra percebeu que estava sendo observada e levantou a cabeça. Olhos redondos, negros e untuosos. Trocaram olhares enquanto ela era arrastada pelas águas.

AO VOLTAR DO HOSPITAL, TRUDY passou dias de cama, observando o desenho das gotas de chuva na janela. Gar fazia a comida e levava para ela. Ela só falava o suficiente para tranquilizá-lo, depois voltava a olhar a janela. Depois de três dias a chuva parou, mas nuvens cinzentas encobriam a terra. Nenhum sol nem lua aparecera desde o natimorto. À noite, Gar a enlaçava num abraço e sussurrava para ela até adormecer de exaustão e desapontamento.

Então, uma manhã, Trudy saiu da cama e desceu, lavou-se e sentou para tomar o café da manhã na cozinha. Estava pálida, mas não inteiramente introvertida. O tempo havia esquentado, e depois do desjejum Gar a convenceu a se sentar numa grande poltrona bem estofada que levou para a varanda. Trouxe para ela um cobertor e um café. Ela pediu, com a maior delicadeza que pôde, que ele a deixasse em paz, que estava bem, que queria ficar sozinha. Então ele amarrou Almondine na varanda e foi para o canil.

Terminadas as tarefas da manhã, levou um pincel e uma lata de tinta branca até as bétulas. Quando terminou de pintar a cruz, usou as mãos para revirar a terra onde havia pingado tinta. Até as lentas pinceladas na madeira tudo tinha corrido bem, mas o toque da terra o encheu de tristeza. Não queria que Trudy o visse daquele jeito. Em vez de voltar para o canil, foi acompanhando a cerca ao sul, pela

floresta.

Longos dias de chuva haviam expandido o córrego a ponto de ele alcançar a segunda fileira de arame farpado. Encontrou uma árvore onde reclinar-se e, distraído, contou os redemoinhos que se formavam atrás dos mourões da cerca.

A visão daquilo deu-lhe alguma serenidade, embora não soubesse por quê. Depois de certo tempo, enxergou o que tomou por um amontoado de folhas girando, marrom contra a água marrom. Depois, com um pequeno abalo, viu que não eram folhas, mas um animal lutando, engasgado. Deslizou para um redemoinho, afundou na água e, quando voltou à tona outra vez, ele ouviu um grito tênue, mas inconfundível.

Quando chegou à cerca, a água do córrego batia em seus joelhos, mais quente do que ele esperava, porém o que mais o surpreendeu foi a força da correnteza. Foi forçado a agarrar-se a um mourão para se equilibrar.

Quando a coisa passou perto dele, estendeu o braço, recolheu-a da água e levantou-a no ar para olhar bem. Depois, aninhou-a no casaco, mantendo sua mão lá dentro para aquecer a coisa, e atravessou a floresta numa linha reta, direto para o campo atrás da casa.

SENTADA NA VARANDA, TRUDY VIU Gar surgir da floresta. Quando ele atravessou um grupo de faias jovens, pareceu tremeluzir entre os troncos como um fantasma, a mão aninhada ao peito. De início, Trudy achou que ele tivesse se machucado, mas como não tinha forças para ir a seu encontro, esperou e observou.

Na varanda, ele se ajoelhou e estendeu a coisa para ela ver. Sabia que ainda estava viva porque ao longo de todo o caminho pelo campo viera mordendo fraquinho seus dedos. O que ele segurava era algum tipo de filhote, de lobo talvez, embora ninguém visse lobos por ali havia anos.

Estava molhado, tremendo, da cor de um punhado de folhas e quase do tamanho da mão dele. O filhote havia se reanimado o suficiente para estar com medo. Arqueou as costas, uivou, bufou e fincou as patas traseiras nas mãos calejadas de Gar. Almondine pressionou o focinho no braço de Gar, louca para ver a coisa, mas Trudy com firmeza a fez se deitar, pegou o filhote, segurou um minuto para examinar, depois apertou-o contra o pescoço.

— Quieto agora — disse. — Quieto. — E ofereceu o dedo mínimo para ele

chupar.

O filhote era macho, tinha talvez três semanas, embora pouco soubessem de lobos e só pudessem avaliar sua idade como se fosse um cachorro. Gar tentou explicar o que tinha acontecido, mas antes que pudesse terminar o filhote começou a ter convulsões. Levaram-no para dentro, secaram com uma toalha e ali ele ficou, olhando para os dois. Fizeram uma cama com uma caixa de papelão e a colocaram no chão, perto do registro da caldeira. Almondine passou o focinho por cima da beira da caixa.

Ela não tinha nem um ano, ainda era desajeitada e muitas vezes boba. Eles temeram que ela pudesse pisar no filhote ou pressioná-lo com o focinho, deixando-o apavorado; então, depois de um momento, puseram a caixa sobre a mesa da cozinha.

Trudy tentou leite diluído, mas o filhotinho tomou uma gota e empurrou o bico da mamadeira com as patas dianteiras, não muito maiores que os polegares dela. Trudy tentou leite de vaca, depois água com mel, deixando as gotas pingarem da ponta dos dedos. Encontrou um avental com um grande bolso na frente e levava o filhotinho assim, achando que ele podia ficar na vertical, olhando em torno, mas ele só ficava deitado de costas, olhando muito sério para ela. Aquilo a fazia sorrir. Quando ela passava um dedo no pelo de sua barriga, ele se retorcia para não perder de vista os olhos dela.

Ao jantar, discutiram o que fazer. Já tinham visto mães rejeitarem seus bebês na sala de cria mesmo quando parecia não haver nada errado. Às vezes, Gar disse, funcionava colocar órfãos com outra mãe que estivesse amamentando. Assim que essas palavras foram pronunciadas, os dois deixaram os pratos na mesa e levaram o filhotinho para o canil. Uma das mães rosnou ao sentir o cheiro do filhotinho. Outra o empurrou e, com o focinho, jogou palha sobre seu corpo.

O filhotinho reagiu ficando absolutamente imóvel. Não adiantava nada ficar zangada, mas mesmo assim Trudy ficou. Marchou para casa, o filhote nas mãos. Amassou um pedacinho de queijo entre os dedos até ficar morno e macio. Ofereceu uma lasca de rosbife de seu prato. O filhotinho não aceitou nada disso.

Perto da meia-noite, exaustos, levaram o enjeitado para cima e o acomodaram no berço com um pires de leite diluído. Almondine enfiou o nariz entre as barras e cheirou. O filhotinho engatinhou em direção ao barulho, fechou os olhos e ficou com as pernas traseiras esticadas, patas para cima, enquanto os sininhos do móbile tocavam.

Trudy acordou durante a noite e encontrou Almondine andando de um lado para outro no quarto. O filhotinho estava caído no berço, olhos vidrados, sem força para levantar a cabeça. Ela empurrou a cadeira de balanço para perto da janela e pôs o filhotinho no colo. As nuvens tinham se afastado e, à luz da meia-lua, o pelo do filhote tinha as pontas prateadas.

Almondine deslizou o focinho pela coxa de Trudy. Ficou farejando o cheiro do filhotinho um longo tempo, depois se deitou, e a sombra da cadeira de balanço passava por ela, para a frente e para trás.

Na hora final do filhotinho, Trudy sussurrou para ele sobre a semente negra dentro dela, como se ele pudesse de alguma forma entender. Esfregou os pelos de seu peito quando ele voltou os olhos para ela, e no escuro fizeram uma barganha: um deles iria embora e o outro ficaria.

Quando Gar acordou, sabia onde encontrar Trudy. Dessa vez foi ele quem chorou. Enterraram o filhotinho debaixo das bétulas, perto do túmulo do bebê, os dois sem nome, mas o túmulo mais novo sem marca também, e agora, em vez da chuva, o sol brilhava com a pequena consolação que podia fornecer. Quando terminaram, os pais de Edgar voltaram ao canil e começaram a trabalhar, o trabalho deles, o trabalho que não acabava nunca, porque os cachorros estavam com fome, e uma das mães estava doente, e os filhotinhos tinham de ser amamentados à mão, e os de um ano, bagunceiros e teimosos, precisavam desesperadamente de treinamento.

EDGAR NÃO SOUBE DESSA HISTÓRIA toda de uma vez. Ele a montou pedaço por pedaço, fazendo uma pergunta com sinais e encaixando mais um pedaço. Às vezes, eles diziam que não queriam falar a respeito naquele momento, ou mudavam de assunto, tentando talvez protegê-lo do fato de não haver final feliz para algumas histórias. No entanto, também não queriam mentir para ele.

Chegou um dia (um dia terrível) em que a história estava quase completamente contada, e sua mãe resolveu revelar tudo, tudo mesmo, do começo ao fim, repetindo até aqueles trechos que ele já sabia, deixando de fora apenas o que ela própria havia esquecido.

Edgar ficou incomodado com a aparente injustiça, mas não reagiu, temendo que ela pudesse abrandar a verdade se lhe fizesse outras perguntas. Até então, ele achava que entendia alguma coisa sobre aqueles acontecimentos, sobre o mundo

em geral: que haveria um certo equilíbrio na história, que de alguma forma devia haver uma compensação pelo bebê.

Quando sua mãe contou que o filhotinho morreu naquela primeira noite, ele pensou ter ouvido errado e a fez repetir. Depois, chegou a pensar que talvez tivesse havido uma certa compensação, embora cruel, embora tivesse durado apenas um dia.

Sua mãe engravidou de novo, e dessa vez levou o bebê até o final da gravidez. Era ele esse bebê, nascido no dia 13 de maio de 1958, às seis da manhã. Chamaram-no de Edgar em homenagem ao pai de seu pai. E embora a gravidez tivesse sido tranquila, surgiu uma complicação no momento em que ele tomou o primeiro fôlego para chorar.

Ele ficou cinco dias no hospital, antes de ser finalmente levado para casa.

Almondine 1

ELA ACABOU ENTENDENDO QUE A CASA GUARDAVA UM SEGREDO.

Todo aquele inverno e durante toda a primavera Almondine sabia que algo ia acontecer, porém, por mais que procurasse, não conseguiu descobrir. Às vezes, quando entrava numa sala, tinha a sensação de que aquela coisa que ia acontecer estivera ali. Então ela parava, resfolegava, espiava em volta, e a sensação se desvanecia tão misteriosamente como havia surgido.

Semanas podiam se passar sem qualquer sinal, até que numa noite, deitada com o focinho sobre a cauda, debaixo da janela, no canto da cozinha, ouvindo o murmúrio da conversa, o espirrar e o bater dos pratos sendo lavados, sentia aquilo na casa outra vez; ela abanava o rabo nas tábuas do chão em movimentos longos, pensativos, dobrava silenciosamente as patas debaixo do corpo e esperava. Depois de meia hora sem que nada acontecesse, dava um grunhido, suspirava e rolava de costas, esperando para ver se estaria em algum lugar de seu sono.

Começou a investigar esconderijos improváveis: atrás da geladeira, onde camadas milenares de poeira revoavam numa vida frenética sob sua respiração; entre o emaranhado de pernas de cadeira e pés vivos debaixo da mesa da cozinha; dentro de botas e sapatos largados em uma fila ao lado da porta da varanda dos fundos; tudo sem sucesso, embora ratoeiras com iscas frescas tenham começado a aparecer atrás dos móveis, além do alcance de seu focinho inquisitivo e delicado.

Uma vez, quando os pais de Edgar deixaram aberta a porta do armário, ela passou uma manhã inteira deitada no chão do quarto, certa de que finalmente tinha encurralado a coisa no meio da confusão de sapatos e dobras de pano. Perdeu a paciência depois de algum tempo e foi até a porta, farejou o escuro mofado, e podia ter começado a procurar para valer, mas Trudy chamou do pátio e ela foi forçada a deixar para lá. Quando se lembrou do armário, mais tarde, naquele mesmo dia, a coisa tinha ido embora, e não havia como dizer onde poderia ter ido parar.

Às vezes, depois de procurar e não encontrar aquilo que ia acontecer, ela parava ao lado da mãe ou do pai de Edgar e esperava que chamassem a coisa. Mas

eles tinham se esquecido dela ou, mais provavelmente, nem sabiam de nada. Havia coisas assim, ela descobrira, coisas óbvias que eles não sabiam. O jeito como passavam a mão nas laterais de seu corpo e coçavam suas costas a consolava, mas o fato é que ela queria um trabalho para fazer.

Já estava na casa fazia quase um ano, longe de seus companheiros de ninhada, longe dos sons e dos cheiros do canil, com apenas o treinamento diário para ocupá-la. Agora, até aquilo havia se tornado rotina, e ela não era o tipo de cachorro que podia ficar muito tempo parado sem se sentir infeliz. Se eles não sabiam da coisa, era ainda mais importante que ela a encontrasse e mostrasse para eles.

Em abril, começou a acordar à noite e a andar pela casa, e parava ao lado do sofá vazio e dos registros da caldeira fervendo para perguntar a eles o que sabiam, mas eles nunca responderam. Ou sabiam e não queriam contar. Sempre, ao final dessas rondas ao luar, ela se via parada no quarto do berço (onde, algumas vezes, encontrava Trudy arrumando de novo as gavetas da cômoda ou alisando com a mão o móbile suspenso ali).

Da porta, seu olhar era atraído pela cadeira de balanço, banhada pela pálida luz da noite, que se infiltrava pelas cortinas da janela. Ela se lembrou de um tempo em que dormia ao lado daquela cadeira, enquanto Trudy balançava no escuro. Aproximou-se, encaixou o focinho debaixo do assento e levantou um pouquinho, incitando a cadeira pela memória e lhe contar o que mais sabia, mas ela só balançou para a frente e para trás, em silêncio.

Claro que a cama, sem dúvida alguma, sabia o segredo, mas não ia contar, por mais que ela perguntasse; os pais de Edgar acordaram uma noite e a encontraram puxando o cobertor num momento de raiva. De manhã, cutucou com o focinho a caminhonete — a viajante, como ela a via — , parada, petrificada, no caminho de entrada, e ela também mantinha todos os segredos trancados, e nada respondeu.

Portanto, perto do fim dessa época, só lhe restava se compadecer com Trudy, que agora, evidentemente, queria encontrar a coisa tanto quanto Almondine, e que, por alguma razão, havia começado a passar todo o tempo deitada na cama em vez de ir ao canil. A ideia, ao que parece, era parar inteiramente de procurar a coisa e deixar que a casa revelasse o segredo por si mesma.

Certa manhã, eles acordaram quando ainda estava escuro lá fora e Gar começou a correr pela casa, parando apenas para dois rápidos telefonemas. Ele jogou algumas coisas dentro de uma mala e deixou na caminhonete, depois levou a mala de volta, jogou mais coisas dentro dela, e enquanto fazia isso Almondine

observou Trudy se vestindo devagar, mas decidida. Quando estava pronta, ela sentou na beira da cama e disse:

— Relaxe, Gar, tem muito tempo.

Desceram juntos a escada e Almondine escoltou os dois até a caminhonete. Quando Trudy estava sentada na cabine, Almondine deu a volta e esperou a parte traseira se abrir, mas, em vez disso, Gar levou-a para o canil e abriu a porta de um cercado vazio.

Ela ficou no corredor, olhando para ele, incrédula. — Entre — ele disse.

A porta aberta do celeiro era uma tentação. A luz da manhã entrava ali pelas costas de Gar, projetando a sombra dele no piso de cimento seco e empoeirado e sobre ela. Por fim, deixou que ele pegasse sua coleira e a levasse para o cercado, que era o melhor que podia fazer. Então ouviu o som da caminhonete dando a partida e dos pneus no cascalho. Alguns cachorros latiram, por hábito, ao ouvir o barulho, mas Almondine estava perplexa demais para fazer qualquer coisa além de ficar parada na palha, esperando que a caminhonete voltasse e Gar fosse correndo buscá-la. Quando finalmente se deitou, foi tão perto da porta que tufos de sua pelagem projetavam-se para fora dos quadrados de arame.

O doutor Papineau foi lá naquela noite, distribuiu comida e água e examinou os filhotinhos. Na manhã seguinte, o pai de Edgar voltou, mas fez correndo suas tarefas e deixou Almondine no cercado. Ao entardecer, foi Papineau outra vez. Quando a noite chegou, ela se pôs de pé no corredor externo do canil escutando os filhotes de passarinhos começarem sua cacofonia e os morcegos adejarem no alto, e viu o gélido óculo da lua subir acima das árvores e lançar seus raios azuis sobre o campo.

O tempo refrescou a ponto de sua respiração ficar visível, e durante um longo momento ela ficou ali, resfolegando, tentando imaginar o que estava acontecendo. Alguns dos outros cachorros se comprimiam contra as portas de seus cercados, parados como ela. O velho silo de pedra pairava sobre eles. Depois de algum tempo, ela desistiu e voltou para dentro, encolheu-se num canto e fixou o olhar nas portas imóveis do celeiro.

Passou mais um dia, em seguida mais dois. De manhã, Almondine ouviu a caminhonete entrando no pátio, seguida do som de um carro. Quando a voz de Trudy chegou até ela, Almondine apoiou as patas na porta do canil e uniu-se aos latidos pela primeira vez desde que estava ali. Gar foi até o celeiro e abriu o cercado.

Ela girou no corredor, depois saiu correndo para os degraus da varanda dos fundos, virou, ofegando, à espera de que ele a alcançasse.

Trudy estava sentada em sua poltrona na sala de estar com um cobertor branco nos braços. O doutor Papineau estava no sofá, de chapéu no colo. Almondine aproximou-se, tremendo de curiosidade. Deslizou o focinho cuidadosamente pelo ombro de Trudy, parou a centímetros do cobertor, estreitou os olhos e deu uma dúzia de fungadelas curtas. Um bufar tênue emanou de dentro do tecido e uma delicada mão cor-de-rosa apareceu. Cinco dedos se abriram e relaxaram e assim conseguiram expressar um bocejo. Foi a primeira vez que Almondine viu as mãos de Edgar. De certa forma, foi a primeira vez que o viu fazer um sinal.

Aquela mão em miniatura era tão úmida, rosada e interessante que a tentação era quase irresistível. Ela pressionou o focinho um pouquinho mais para a frente.

— Sem lamber — Trudy sussurrou em seu ouvido.

Almondine começou a abanar o rabo, primeiro devagar, depois mais depressa, como se alguma coisa mantida imóvel dentro dela durante muito tempo ganhasse impulso suficiente para se liberar. O bater do rabo sacudia seu peito e o pescoço como um contrapeso. Afastou o focinho do peito de Trudy e lambeu o ar, e com essa gracinha perdeu toda a reserva, curvou-se de brincadeira e deu um latido baixinho. Como resultado, mandaram que se deitasse quieta, mas ela nem ligou, contanto que estivesse num lugar de onde pudesse ver.

O doutor Papineau ficou sentado com eles durante quase uma hora. A conversa soava baixa e séria. De alguma forma, Almondine concluiu que estavam preocupados com o bebê, que alguma coisa não estava certa. Ao mesmo tempo, ela via que ele estava bem: se mexia, respirava, dormia.

Quando o doutor Papineau pediu licença para ir embora, o pai de Edgar foi até o celeiro cumprir suas tarefas devidamente pela primeira vez em quatro dias, e a mãe, exausta, ficou olhando pela janela enquanto o bebê dormia. Era o meio da tarde de um dia de primavera, reluzente, verde e ameno. A casa dobrou-se silenciosamente em volta de todos eles. E então, sentada ereta em sua poltrona, a mãe de Edgar adormeceu.

Almondine ficou no chão olhando, intrigada com uma coisa: assim que Gar abriu a porta do canil, ela sabia com certeza que a casa estava pronta para revelar o

segredo — naquele momento ela iria descobrir a coisa que ia acontecer. Quando vira o cobertor e sentira o cheiro do bebê, pensara que talvez fosse aquilo. Mas agora lhe parecia que também aquilo não era o certo. Fosse qual fosse o segredo, tinha a ver com o bebê, porém não era simplesmente o bebê.

Enquanto Almondine ponderava sobre isso, um som lhe chegou aos ouvidos, um sussurro rouco, quase inaudível, mesmo para ela. De início, não conseguiu entender o sentido daquilo. No momento que entrara no quarto, tinha ouvido respirações vindo do cobertor, que quase acompanhavam as respirações da mãe, e então levou algum tempo até entender que nesse novo som estava ouvindo aflição; até se dar conta de que aquele quase silêncio era o som dele choramingando . Esperou que parasse, mas o som continuou e continuou, tão suave quanto o roçar das folhas novas nas macieiras.

Por isso a preocupação, ela entendeu.

O bebê não tinha voz. Não conseguia emitir sons.

Almondine começou a ofegar. Transferiu o peso do corpo de um lado para outro e continuou olhando. Viu que a mãe dele continuava dormindo, e por fim entendeu: a coisa que ia acontecer era que seu treinamento terminara e agora, finalmente, tinha um trabalho a fazer.

E então Almondine desdobrou as pernas de baixo do corpo e saiu da imobilidade.

Atravessou o quarto, parou ao lado da poltrona, e nesse momento se transformou, e para sempre, em uma cachorra cautelosa, porque de repente lhe pareceu importante que estivesse certa daquilo; e ao olhar os dois ali, um berrando em silêncio, a outra em graciosa exaustão, a certeza se desdobrou dentro dela como a luz da manhã banha um quarto que dá para o norte. Passou a língua pelo rosto da mãe uma vez só, muito decidida, depois recuou. A mãe despertou num susto. Um momento depois, mexeu no cobertor com seu conteúdo, arrumou a blusa, e logo depois os sons, sussurrados que o bebê emitia foram substituídos por outros, que Almondine reconhecia, igualmente silenciosos, mas sem nenhuma nota de aflição.

Almondine voltou para onde a tinham mandado ficar. Tudo isso acontecera em um curto espaço de tempo, e nas almofadas das patas ela podia sentir como seu corpo havia aquecido um lugar no tapete. Ficou ali um bom tempo olhando os dois. Em seguida, se deitou, enfiou o nariz debaixo da ponta do rabo e dormiu.

Sinais

QUE MAIS SE PODIA FAZER COM UM BEBÊ DESSES SENÃO SE PREOCUPAR com ele? Gar e Trudy preocupavam-se porque ele nunca teria uma voz. Os médicos se preocupavam porque ele não tossia. E Almondine simplesmente se preocupava sempre que o menino estava longe de seu olhar, embora nunca fosse por muito tempo.

Depressa descobriram que ninguém entendia um caso como o de Edgar. Crianças assim só existiam nos manuais, e mesmo elas eram diferentes em mil detalhes daquele bebê, cujos lábios funcionavam quando queria mamar, cujas mãos remavam no ar quando os pais trocavam suas fraldas, que cheirava ligeiramente a farinha fresca e tinha gosto de mar, que dormia no colo deles, acordava e comparava a perplexidade do rosto deles com o éter de algum mundo distante, silencioso em seu contentamento e silencioso em sua aflição.

Os médicos acendiam luzes em cima dele e faziam conjeturas. Mas quem vivia com ele de manhã à noite? Quem punha o despertador para tocar, a fim de avaliá-lo à luz do luar? Quem se esgueirava todas as manhãs e encontrava um bichinho de olhos arregalados espiando do berço, a pele translúcida como papel de seda? Os médicos faziam conjeturas, mas todos os dias Trudy e Gar viam provas de um estado de normalidade e de estranheza, e tiravam as próprias conclusões. E todas as crianças precisavam das mesmas coisas simples, fosse um filhote de cachorro ou um bebê, chorão ou mudo. Apegavam-se a esta certeza: ao menos por algum tempo não importaria o que nele era especial e o que era comum. Ele estava vivo. O que importaria era que ele abria os olhos todas as manhãs. Comparado a isso, o silêncio não era nada.

EM SETEMBRO, TRUDY ESTAVA FARTA de salas de espera, tabelas e testes, sem falar das despesas e do tempo passado longe do canil. Durante todo o verão, ela disse a si mesma para esperar, que qualquer dia seu bebê começaria a chorar e a resmungar como qualquer criança. A questão, porém, parecia cada vez mais terrível. Algumas noites, ela mal conseguia dormir de tão preocupada. E se a

medicina não tivesse uma resposta, poderia haver outras maneiras de saber. Uma noite, ela disse a Gar que precisavam de leite em pó, enrolou Edgar, colocou-o na caminhonete e foi até Popcorn Corners. As folhas das árvores estavam de todas as tonalidades de vermelho e amarelo, e os restos secos e marrons cobriam a terra da estrada Town Line, girando no vórtice que a picape fazia ao passar.

Ela estacionou na frente do velho armazém caindo aos pedaços e ficou olhando a placa ABERTO em letras de neon, brilhando alaranjadas na vitrine da frente. O interior do lugar era excessivamente iluminado, mas estava vazio, a não ser por uma velha de cabelos grisalhos que parecia uma cegonha, de porte arcaico, sentada atrás do balcão. Ida Paine, a proprietária.

Lá dentro, o rádio tocava baixinho. Uma melodia de violino que mal se podia ouvir por cima do farfalhar de folhas da brisa noturna. Trudy estacionara a caminhonete bem em frente à grande vitrine de vidro temperado da fachada da loja, e Ida Paine com certeza sabia que Trudy estava lá, mas a velha continuou sentada como uma estátua, as mãos em concha no colo, um cigarro queimando em algum lugar fora do alcance da vista. Se Trudy não temesse a chegada de alguém, teria esperado bastante tempo na caminhonete, mas respirou fundo, pegou Edgar nos braços e entrou na loja. Então ficou sem saber direito o que fazer.

Quando se deu conta de que o som do rádio tinha parado, perdeu momentaneamente a capacidade de falar. Ida Paine olhou para ela de seu poleiro. Usava óculos muito grandes, que aumentavam seus olhos, e por trás das lentes aqueles olhos piscaram e piscaram de novo. Trudy olhou para Edgar aninhado em seus braços e concluiu que tinha sido má ideia ir até lá. Estava se voltando para sair quando Ida Paine quebrou o silêncio.

— Deixe eu ver — ela disse.

Ida nem sequer estendeu as mãos ou saiu de trás do balcão, e tampouco havia em sua voz nenhum tom de avó. O tom de voz era talvez indiferente e cansado, porém bondoso. Trudy deu um passo à frente e colocou Edgar sobre o balcão entre elas, cuja superfície de madeira se tornara aveludada pela eternidade das carícias de latas e vidros de picles. Quando ela o soltou, Edgar pedalou no ar e tentou agarrá-lo como se fosse constituído por algum material elástico que ninguém podia perceber. Ida inclinou-se para a frente e examinou o menino com os olhos arregalados.

Dois jatos de fumaça cinzenta saíram de suas narinas. Ela então levantou a mão de veias azuis e estendeu um dedo mínimo que lembrou a Trudy nada menos que a ponta da asa depenada de uma galinha, e com ele cutucou a coxa de Edgar. Ele

arregalou os olhos. Lágrimas surgiram neles. A boca emitiu um pequeno gemido.

Trudy tinha presenciado uma dúzia de médicos cutucar o filho sem sentir quase nenhum tremor, mas aquilo ela não conseguiu suportar. Estendeu os braços, com a intenção de pegar o bebê de volta.

— Espere — Ida disse. Curvou-se mais, inclinou a cabeça e pressionou o dedo mínimo, semelhante ao de uma ave, na palma da mão do bebê.

Os dedinhos dele fecharam-se num espasmo em torno do dela. Ida Paine ficou assim durante o que pareceu horas. Trudy parou completamente de respirar. Então soltou um suspiro, agarrou Edgar nos braços e afastou-se um passo do balcão.

Lá fora, um farol de carro brilhou no cruzamento. Nem Trudy nem Ida se moveram. O neon da placa ABERTO escureceu e um instante depois as luzes fluorescentes do teto piscaram. No escuro, Trudy não conseguia divisar a silhueta da velha e ergueu a mão diante dela, pensando no dedo mínimo. Os faróis eram de uma caminhonete, que circulou pelo estacionamento de terra, parou e acelerou de volta para o asfalto.

— Não — Ida Paine resmungou, com uma certa determinação na voz.

— Nunca?

— Ele pode usar as mãos.

A essa altura, o guinchar de pneus havia desaparecido na noite. Lagartas alaranjadas de plasma começaram a fluir e a se arrastar pelos tubos da placa ABERTO. No alto, os transformadores zumbiram, as luzes fluorescentes piscaram e acenderam. Trudy esperou que Ida desse mais detalhes, mas logo entendeu que estava diante de um oráculo bem sucinto.

— É só isso? — Foi tudo o que Ida Paine acrescentou. — Mais alguma coisa?

UM MÊS DEPOIS, UMA MULHER foi visitá-los. Trudy estava na cozinha preparando um almoço tardio enquanto Gar cuidava de uma ninhada recém-nascida no canil. Quando bateram na porta, Trudy foi até a varanda, onde uma mulher atarracada esperava, com uma saia florida e uma blusa branca, o cabelo cinzento como aço encrespado com um permanente bem forte. Agarrada à bolsa, olhou por cima do ombro para os cães do canil que latiam dando sinal.

— Olá — a mulher disse com um sorriso inseguro. — Acho que a senhora vai achar isso muito inadequado. Seus cachorros com certeza acham. — Alisou a frente da saia. — Meu nome é Louisa Wilkes — continuou — e eu... bom, o fato é que eu não sei exatamente por que estou aqui.

Trudy convidou-a a entrar, se não se importasse com Almondine. Ela não tinha absolutamente nada contra cães, disse Louisa Wilkes. Não um ou dois. A Sra. Wilkes sentou no sofá e Almondine enrolou-se na frente do cesto onde Edgar dormia. Alguma coisa no modo afetado como a mulher caminhava e juntava as mãos fez Trudy pensar que era sulista, embora não tivesse nenhum sotaque perceptível.

— Em que posso ser útil? — Trudy perguntou.

— Bom, como eu disse, não sei bem. Estou aqui visitando meu sobrinho e a mulher dele. John e Eleanor Wilkes.

— Ah, sei, claro — Trudy disse. Ela havia achado o nome Wilkes familiar, mas não conseguira localizá-lo. — De vez em quando encontramos com Eleanor na cidade. Ela e John cuidam de um dos nossos cachorros.

— É. Essa foi a primeira coisa que eu notei, seus cachorros. Ben, o cachorro deles, é um animal maravilhoso. Olhos muito brilhantes — ela disse, olhando para Almondine — , como os desse aqui. O mesmo jeito de olhar para a gente. Em todo caso, pedi que eles me emprestassem o carro de manhã para eu poder ver o campo. Sei que é estranho, mas gosto de estar sozinha no sossego de um carro. Lá para trás, entrei numa lojinha praticamente no meio do nada. Tinha a esperança de que vendessem sanduíches, mas não vendiam. Então comprei umas bolachas e um refrigerante. A loja é de uma mulher muito estranha.

— Deve estar falando da Popcorn Corners — disse Trudy. — É a loja de Ida Paine. Ida pode ser um pouco assustadora.

— Foi o que eu achei. Depois que paguei, a mulher disse que eu queria seguir pela estrada um pouco mais, depois pegar esta outra estradinha e procurar os cachorros. Foi estranho. Eu não tinha pedido nenhuma informação. E foi assim mesmo que ela falou: não que eu devia ou podia, mas que eu queria seguir pela estrada. Ela disse isso da janela, enquanto eu ia para o meu carro. Perguntei o que ela queria dizer com aquilo, mas ela ficou lá sentada. Eu pretendia voltar por onde tinha chegado, mas fiquei curiosa. Encontrei a estrada bem onde ela disse. Quando vi os cachorros, eu... — Ela se calou. — Bom, é só isso. Estacionei na estrada e agora

estou aqui, me sentindo uma maluca por ter entrado. Louisa Wilkes olhou a sala, remexeu na bolsa.

— Mas tenho mesmo a sensação de que devíamos conversar um pouco mais. Você acabou de ser mãe — disse ela. Foi até o moisés, e Trudy acompanhou-a.

— O nome dele é Edgar.

O bebê estava bem acordado. Franziu as sobrancelhas à visão infeliz de uma mulher que não era sua mãe se inclinando sobre ele e abriu bem a boca, em silêncio. A mulher franziu a testa e olhou para Trudy.

— É. Ele não usa a voz. O equipamento está todo aí, mas quando ele chora não faz nenhum som. Não sabemos por quê.

Diante disso, Louisa Wilkes endireitou o corpo.

— Que idade ele tem?

— Quase seis meses.

— Alguma possibilidade de que seja surdo? É um teste muito simples, mesmo com bebês. Basta...

— ... bater palmas e ver se ele reage. É, sabemos desde o começo que a audição dele é boa. Quando está no cesto e eu começo a falar, ele vira a cabeça. Por que pergunta? Conhece algum caso como o dele?

— Com certeza não, senhora Sawtelle. Nunca ouvi falar de uma coisa dessas. O que eu sei é que... em primeiro lugar, não sou enfermeira, muito menos médica.

— Fico contente em saber disso. Minha paciência com médicos acabou. Eles só nos dizem que está tudo bem com Edgar, tudo mesmo, menos a voz. Examinaram a velocidade de dilatação das pupilas. Examinaram a saliva. Tiraram sangue. Fizeram até eletrocardiograma.

É incrível o que eles conseguem saber que um recém-nascido não tem, mas eu dei um basta: não quero que atormentem meu filho a infância inteira. E é suficiente passar alguns minutos com ele para saber que é um bebê absolutamente normal.

Almondine estava de pé agora, farejando o cesto e a visitante com igual interesse. A senhora Wilkes olhou para ela.

— Benny é um animal tão excepcional — disse ela. — Nunca vi um cachorro tão consciente de uma conversa. Sou capaz de jurar que ele vira para mim quando é

minha vez de falar.

— É — disse Trudy. — Eles entendem mais do que a gente imagina.

— Ah, é mais do que isso. Já convivi com todo tipo de cachorro: cachorro que deita no seu colo e dorme, cachorro que late para qualquer estranho que passa, cachorro que senta no chão e olha para você como se você fosse uma paixão perdida. Mas nunca vi um cachorro se comportar daquele jeito.

Louisa Wilkes olhou Edgar no cesto. Depois virou-se, levantou as mãos e movimentou-as no ar, olhando intensamente para Trudy. Os movimentos dela eram fluidos, expressivos e inteiramente silenciosos. Fez uma pausa longa o suficiente para ter certeza de que Trudy havia percebido o que tinha visto, mesmo não entendendo o significado.

— O que eu acabei de dizer foi: "Sou filha de pai e mãe completamente surdos. ".

Mais um rápido voo de mãos.

— Eu própria não sou surda, mas ensino linguagem de sinais numa escola para surdos. E estou pensando, senhora Sawtelle, no que vai acontecer se seu filho for privado do dom da fala, mas de nenhuma outra coisa mais.

Trudy notou como Louisa Wilkes formulava habilmente suas perguntas, um rigor que vinha à tona no momento em que ela produzia os sinais. Algo quase feroz. Trudy gostou daquilo: Louisa Wilkes não enrolava. E Trudy não conseguia esquecer a frase de Ida Paine naquela noite de outono: Ele pode usar as mãos. Na época, Trudy achara que Ida Paine queria dizer que Edgar seria capaz só de usar as mãos, que ele estava destinado a trabalhos sem maior qualificação, o que Trudy sabia estar errado. Todo o episódio a aborrecera e ela atribuíra aquilo a sua própria tolice. Não tinha mencionado o incidente a Gar. Agora, Trudy começava a desconfiar que tinha entendido errado o que Ida Paine dissera.

— Ele vai se virar, senhora Wilkes. Acho que vamos acabar descobrindo que Edgar não tem nada de diferente. Talvez, à medida que for crescendo, a voz dele apareça. Como não sabemos o que aconteceu com a voz dele, não conseguimos dizer se é uma coisa temporária.

— Ele nunca emitiu nenhum som? Nenhuma vez?

— Não, nunca.

— E os médicos... o que eles disseram para a senhora fazer enquanto espera para descobrir se seu filho vai ou não vai encontrar uma voz?

— Foi tão desanimador! Eles me disseram só as coisas mais óbvias. Para conversar com ele, coisa que eu faço, de forma que, se ele puder escolher, vai imitar a mãe.

— Sugeriram algum exercício? Alguma coisa que a senhora possa fazer com ele?

— Nenhum, de fato. Especularam sobre o que podemos fazer dentro de alguns anos se nada mudar, mas, por ora, é só observar. Se... alguma coisa mudar, então partiremos daí.

Ao ouvir isso a reserva da senhora Wilkes, que vinha diminuindo depressa desde que a conversa passara a ser sobre surdez, afastou-se inteiramente.

— Senhora Sawtelle, agora me escute. Não quero tirar nenhuma conclusão, e pode ser que o que vou lhe dizer a senhora já tenha lido ou ouvido, embora, ao que parece, os médicos com quem esteve foram terrivelmente ignorantes, o que não me surpreende nada. Nunca é cedo demais para estimular o dom da linguagem em crianças cuja capacidade pode ser precária.

Ninguém sabe dizer com certeza quando as crianças começam a aprender a linguagem. Isto é, não sabemos quando elas entendem que podem e devem falar, que por meio da fala podem levar vidas plenas. Por outro lado, existem provas de que com a idade de um ano o dom da linguagem começa a desaparecer se não for estimulado. Isso vem acontecendo com crianças surdas ao longo da história e é uma coisa terrível: crianças consideradas retardadas são abandonadas para se virar sozinhas. Estou falando de crianças perfeitamente inteligentes, crianças capazes abandonadas porque não sabem que existe som . Como poderiam? Na hora que alguém percebe que elas só não são capazes de ouvir, já estão comprometidas para sempre.

— Mas tudo o que a senhora diz se aplica a crianças que não ouvem, não a crianças que não podem produzir som. E não há dúvida de que Edgar escuta.

— Mas e a fala? Uma pessoa se comunica tanto dando quanto recebendo, expressando o que tem por dentro. Crianças aprendem isso chorando; aprendem que chamar a atenção para si mesmas, ainda que do modo mais primitivo, lhes garante calor, comida e conforto. Seu filho me preocupa, senhora Sawtelle. Eu me pergunto como ele vai aprender essas coisas. Permita que eu fale de mim um

momento.

Quando eu nasci, meus próprios pais se viram diante de um dilema: como poderiam me ensinar a falar? Eles só aprenderam quando já era tarde demais, na adolescência, e assim dominavam tudo, menos a produção de uma fala inteligível. E então tiveram uma filha que, mais que qualquer coisa no mundo, eles queriam que falasse normalmente.

— O que eles fizeram?

— Chegaram à conclusão que eu estava aprendendo mesmo quando parecia não estar fazendo nada. Punham para tocar discos com conversa, embora eles não ouvissem. Compraram um rádio e pediram aos amigos que ouviam que dissessem quais estações sintonizar e quando. Olhavam minha boca para ver se eu estava produzindo sons. Fizeram com que eu passasse algum tempo com gente que podia brincar comigo e falar comigo. Em resumo, senhora Sawtelle, cuidaram para que a linguagem verbal estivesse ao meu alcance de todas as maneiras que podiam imaginar.

— Mas deve ter havido mais que isso. Como eles responderam quando a senhora falou as primeiras palavras? Como estimulavam a senhora se não podiam ouvi-la falando?

A senhora Wilkes falou então sobre a capacidade dos bebês de aprender uma linguagem, como era impossível impedir isso, pelos exemplos de que se dispunha. Como gêmeos isolados, às vezes, inventavam linguagens particulares. Ela continuou falando durante algum tempo. Havia trabalhado tanto com crianças surdas como com crianças que ouviam e eram filhas de pais surdos, disse, e só havia um princípio: o bebê quer se comunicar. Ele aprenderia qualquer coisa que fosse dada como exemplo, fosse inglês, francês, alemão, chinês ou sinais. Quando criança, ela havia aprendido a se comunicar por sinais e a falar, quase sem esforço. Esse último ponto, disse, era o fundamental para o bebê Sawtelle.

— Mas como posso ensinar sinais para ele se eu mesma não sei? — Trudy perguntou.

— Então vocês vão aprender juntos — disse a senhora Wilkes. — No começo, só vai precisar saber o suficiente para conversar com Edgar da maneira mais simples.

— Que é...?

— Que é dizer a ele que a senhora o ama. Dizer: aqui está a comida. Dar nome às coisas: cachorro. Pássaro. Papai. Mamãe. Céu. Nuvem. Como com qualquer criança. Mostre a ele como pedir as coisas que quer mexendo as mãos num sinal. Mostre a ele como pedir mais do que ele quiser — e ela balançou a ponta dos dedos de ambas as mãos juntas ao falar, para demonstrar — , e depois, quando chegar a hora de formar frases, a senhora já vai ter aprendido como fazer isso.

A conversa das duas avançou pela noite. Quando Gar voltou do canil, a senhora Wilkes estava começando a demonstrar o básico. Ela disse que podia explicar alguns sinais e uma sintaxe direta em uma noite e começou com palavras e frases simples. Demonstrou então a frase sujeito-verbo— objeto: "Trudy ama Gar." Explicou a maneira miraculosa como os pronomes são usados. Demonstrou um adjetivo.

Trudy estava hipnotizada, repetia os sinais, obedecia aplicadamente as correções da senhora Wilkes. Gar também tentou, embora não tivesse a graça e a coordenação de Trudy. Era perto da meia-noite quando a mulher foi embora, muito depois da hora em que normalmente iam dormir. Edgar acordou diversas vezes durante a atividade, e quando o pegaram no colo, a senhora Wilkes demonstrou como dizer "comida" e moveu as mãos de Edgar. Isso era mais difícil porque era preciso fazer o sinal ao contrário. Mas era possível. E Trudy entendeu o enorme impulso que o exercício dá ao treinador determinado.

Edgar 1

ESSA SERÁ SUA PRIMEIRA LEMBRANÇA.

Luz vermelha, luz matinal. Teto alto e inclinado. O indolente tamborilar de unhas na madeira. Entre as barras cor de mel da grade do berço, um focinho bigodudo avança até repuxar as bochechas para trás e uma fileira de dentinhos aparece num sorriso ridículo.

O nariz estremece. O focinho aveludado tremula.Toda a casa está quieta. Fique quieta. Quieta.

Pelos de focinho macios, escuros. Nariz preto, vincos rendados de couro, narinas em vírgula que se contraem a cada respiração. Uma brisa sopra no campo e infla as cortinas para dentro. A macieira perto da janela da cozinha acaricia a casa com um tique-tiqueti-tique-tique. O mais devagar possível, ele exala, fingindo dormir, mas, apesar do empenho, a respiração é irregular. Imediatamente o focinho sabe que ele está acordado. Bufa. Vira à direita e à esquerda. Retira-se. Fora do berço, aparecem os quartos dianteiros de Almondine. A cabeça dela está recuada, as orelhas viradas para a frente.

Inocentes olhos cor de cerejeira, salpicados com pintas escuras se fixam nele.

Balança o rabo.

Fique quieta. Quieta.

O focinho vem caçando de novo, túneis por baixo da coberta, por baixo dos fazendeiros, porcos, galinhas e vacas estampados naquele mundo de algodão. A mão dele abre os dedos e anda como uma aranha entre os surpresos moradores da fazenda para desafiar o intruso. Torna-se um pássaro, pairando diante dos olhos deles. Polegar e indicador apertam um enrugado focinho negro. A língua rosada sai da boca, mas o pássaro voa antes que Almondine consiga lambê-lo. O rabo dela balança mais intensamente agora. O corpo se agita, seu hálito o envolve. Ele puxa o fio mais comprido do queixo dela e dessa vez sua língua alcança a palma da mão dele muito de leve. Ele se deita de lado, esfrega a mão na coberta, sopra um bafo na cara dela. As orelhas dela viram para trás. Ela bate uma pata. Ele sopra de novo, ela

se afasta, inclina a cabeça, late, baixo, no peito, tranquilo e profundo, o bum de uma incontrolável batida do coração.

Ao ouvir isso, ele esquece e pressiona o rosto contra as grades para vê-la, vê-la toda, levá-la para dentro de si com os olhos, e antes que possa mover-se, ela passa a língua por seu nariz e por sua testa! Ele coloca a mão no rosto, mas é tarde demais: ela se afastou, girando, mordendo o rabo, dançando nas manchas de sol que se despejam pelos vidros da janela.

SACOLEJANDO NO QUADRIL DA MÃE quando ela anda pelo corredor do canil. Os cachorros correm e saem pelas abas de lona da parede do celeiro, olham para ele, percebem seu cheiro. A voz dela é musical quando fala com eles.

O PAI DELE, SENTADO À MESA DA COZINHA, papéis espalhados à frente. Fotos de cachorros. A voz do pai sussura em seu ouvido, falando na linhagem de um cruzamento de raça. A extremidade de um pedigree presa entre os dedos.

CORRENDO PELO PÁTIO, PASSA DIANTE da casa de ordenha, bate um portão da cerca antes que Almondine o alcance. Ele rasteja nas ervas daninhas mais altas e fica em guarda. Os passos dela se aproximam e ela voa por cima da cerca. Em um instante, está ao lado dele, ofegando. Ele cerra os punhos e finge se zangar.

Quando ela desvia os olhos, ele sai correndo de novo. As hastes de ervas roçam umas nas outras à sua passagem e ele chega ao pomar, trepa em um galho, único lugar onde ela não pode persegui-lo, pendura a mão para provocá-la. De repente, o mundo gira. Quando ele toca o chão, um ruído surdo no peito. Ele começa a chorar, mas o único som é o dos latidos de Almondine e, depois de um momento, dos cachorros do canil.

NA MACIEIRA MAIS DISTANTE há um pneu pendurado, a corda peluda e marrom-mariposa.

Disseram para não chegar perto, mas ele esqueceu por quê. Passa os ombros pelos dois círculos da borda de borracha, gira, empurra com as pernas. As macieiras entortam loucamente em volta. Leva um minuto para as abelhas se condensarem,

saídas da sombra e do sol, e ele está preso no pneu a girar, elas picam uma vez no pescoço, uma vez no braço. Pontos quentes de luz. Almondine salta no ar, gane, esfrega a pata na cara. Em seguida, estão correndo para casa.

A porta da varanda bate.

Eles esperam para ver se as abelhas vão continuar vindo, formando uma camada espessa contra a tela. Por um momento, Edgar quase acredita que as abelhas nunca existiram. Então as picadas começam a latejar.

PERAMBULANDO PELO CANIL com um livro na mão: O ursinho Puff . Ele abre um cercado de cria, senta-se. Os filhotinhos aparecem no meio da palha solta, levantando uma fina poeira branca ao se aproximar. Ele os prende entre as pernas e lê para eles, as mãos se movimentando diante dos focinhos levantados. A mãe deles chega, e eles piam como pintinhos quando a veem. Um a um ela os leva de volta à caixa de cria, pendurados na boca, pretos, com forma de feijão. Quando ela termina, para em cima deles, olhando para Edgar com ar de reprovação.

Eles queriam ouvir a história, ele sinaliza para ela, mas a mãe não larga os filhotes enquanto ele não vai embora.

O ursinho Puff é uma história boa para filhotinhos.

Se ela o deixasse contar.

O PAI ESTÁ LENDO PARA ELE na hora de dormir, a voz tranquila, a luz amarelada do abajur nas lentes dos óculos. A história é O livro da selva . Edgar quer dormir com Mogli e Baguera ainda na cabeça, para a história passar da luz do abajur para seus sonhos. A voz do pai se detém. Ele se senta.

Mais, sinaliza, as pontas dos dedos juntas.

O pai começa a página seguinte. Ele se deita e movimenta as mãos no ar ao som da voz do homem. Pensando nas palavras. Nas formas das palavras.

ELE ESTÁ SENTADO NA ALMOFADA CINZENTA de curvim na bancada do médico, a boca bem aberta. O rosto do médico está próximo, olhando lá dentro.

Então o médico coloca os blocos do alfabeto na frente dele. O médico pede que ele escreva apple [maçã], mas só há um p e não dá para escrever direito. O médico vira-se para uma caderneta e escreve alguma coisa enquanto ele tenta virar um b de cabeça para baixo para dar certo.

— Gostaria que ele ficasse alguns dias — diz o médico.

A mãe balança a cabeça e franze a testa.

O médico pressiona contra a garganta de Edgar com uma coisa em forma de lanterna, que faz um zumbido.

— Solte o ar — diz. — Afaste os lábios. Toque o céu da boca com a língua. Faça um círculo com os lábios.

Edgar segue as instruções e uma palavra flutua de sua boca: — Eluuuu. — Mas o som é horrendo, moscas contra uma vidraça.

Não faça isso.

Inicialmente, o médico não entende. Edgar usa uma prancha de letras destacáveis e escreve devagar para ele. A caminho de casa, tomam vacas— pretas no Dog"N"Suds. No rosto da mãe, uma expressão: Tristeza? Raiva?

SENTADO NUM CERCADO DE CRIA, olhando uma nova ninhada de filhotinhos a se retorcer. Com cinco dias, são novos demais para receber nomes, mas essa função passou a ser dele.

Um dos filhotinhos tenta trepar em cima dos outros e empurra para mamar. É um brigão. O nome dele será Hector, Edgar decide. Escolher nomes é difícil. À noite, ele discute com a mãe e com o pai. Ele é muito novo e só agora começou a usar o dicionário para encontrar nomes, que anota nas margens.

O MÉDICO TRAZ UMA PESSOA NOVA, um homem de barba e cabelo preto comprido até os ombros. O homem faz o sinal de alô para ele, um giro de mão na altura da testa, depois pergunta alguma coisa, sinalizando mais depressa do que Edgar jamais viu, um sinal se misturando ao outro.

Depressa demais, sinaliza.

Agarra os punhos do homem e o faz repetir.

— O homem vira-se para o médico, diz algumas palavras e o médico

concorda com a cabeça.

— Você fala estranho, Edgar sinaliza. O homem ri, e até isso é estranho.

— É mesmo?, ele sinaliza. Eu sou surdo. Nunca ouvi minha voz.

Edgar fica olhando para ele como se não soubesse que uma pessoa surda seria igual às outras. Atrás do homem, a mãe franze a testa e sacode a cabeça.

— Quantos anos você tem? O homem sinaliza.

— Quase quatro, ele diz. Levanta quatro dedos, com o polegar dobrado para dentro, bate o gesto de eu duas vezes no peito.

— Você é muito bom. Eu não conseguia sinalizar assim quando tinha quatro anos.

— Eu sou o contrário de você. Escuto bem.

— É. Que bom que nós dois usamos sinais.

— Consegue falar por sinais com seus cachorros? Os meus nem sempre entendem.

— Meu cachorro nunca entende, o homem sinaliza, sorrindo.

— Almondine entende quando digo isto . — E Edgar sinaliza alguma coisa que só ele e Almondine sabem. Veem Almondine se aproximar.

O homem faz uma pausa e olha para o médico.

PARADO NO CORREDOR DO CELEIRO. O pai está sentado em um dos cercados com uma cadela mãe, acariciando as orelhas dela. A mãe é tão velha que até o rabo é grisalho. Está deitada de lado, ofegante. O pai aponta as vigas do teto que correm para o corredor central e conta que elas vieram de árvores derrubadas por Schultz na floresta atrás do celeiro.

— Na primeira primavera, brotaram folhas dessas vigas — ele diz, e Edgar nota pela primeira vez os nós e as marcas, vê a árvore escondida dentro de cada viga e vê também Schultz e seus cavalos puxando-as pelo campo. Há uma fileira de lâmpadas nuas ao longo do corredor, penduradas em vigas alternadas.

— Aguente minha linda — diz o pai, voltando à mãe.

Quando o doutor Papineau chega, Edgar o leva ao celeiro.

— Aqui, Page — diz o pai de Edgar.

O doutor Papineau entra no cercado e se ajoelha. Passa as mãos pela barriga da mãe e aperta a ponta redonda de um estetoscópio no peito dela. Depois, vai até o carro e pega uma mochila.

O pai de Edgar volta-se para ele.

— Agora vá para casa — ele diz.

Da mochila, o doutor Papineau tira um frasco e uma seringa.

DUAS ENCOSTAS ONDULANTES se estendem pelo campo ao sul, uma perto do pátio, outra um pouco mais longe. Há uma pilha de rochas no meio e um pequeno bosque de bétulas com uma cruz. Ondas de feno se deitam à brisa de agosto. Edgar mergulha por um campo, tentando escapar de Almondine. A brincadeira deles de sempre. Ele se desvia das pedras, mergulha debaixo de uma bétula, e fica o mais quieto que consegue. Ele espia a cruz branca, erguida entre ele e o pátio, e se pergunta mais uma vez o que significa. É tão simples, direita, e reta, e em algum momento, não muito antes, recebeu uma nova camada de tinta branca, brilhante.

Então as touceiras de feno se abrem e Almondine vem trotando, resfolegando. Ela se atira no chão e aperta uma pata no peito dele, como quem diz: não faça isso de novo. Está quente demais para essas brincadeiras. Mas ele dá um pulo e sai correndo, e ela segue a seu lado, a boca aberta num sorriso.

Quase sempre, ela corre à frente.

Quase sempre, ele a encontra esperando quando chega.

UMA TARDE DE FIM DE PRIMAVERA. Edgar e sua mãe estão sentados no sofá da sala. A televisão mostra uma estática cinzenta e o som chia. Todas as persianas estão abertas. Nuvens roxas como hematomas deslizam sobre os campos. Lá fora, um raio corta o céu. Há um estalo na cozinha e fagulhas voam das tomadas elétricas. Edgar conta um, dois, três, até o trovão vir rolando das montanhas em direção a eles.

— É o ferro do solo que atrai os raios — disse o pai. — Está vendo como a terra é vermelha? É aqui que começa a Cadeia do Ferro.

Os galhos dos pinheiros se agitam com as rajadas, nadadores do vento. Ele vai até a janela para ver o topo das árvores realmente perfurarem as nuvens. Um fiapo de vapor branco passa pelo alto das árvores oscilantes, deslizando na direção oposta à tempestade.

— Saia da janela — diz a mãe.

A chuva bate na janela. Lá fora, um instante de luz intensa, e fagulhas saltam das tomadas da cozinha outra vez. O trovão não chega nunca e o silêncio que se prolonga é assustador.

— Seria um raio frio?

— Provavelmente.

Há raios quentes e raios frios, ela dissera. Só raios quentes produzem trovão. A diferença é importante: uma pessoa atingida por um raio quente frita na hora. Uma pessoa atingida por um raio frio sai andando normalmente, como se nada tivesse acontecido.

A mãe está sentada na poltrona e olha as nuvens. — Queria que seu pai viesse para cá.

Vou buscar.

— Não vai, não. Vai ficar bem aqui comigo. — O olhar que dirige a ele diz que não está para brincadeiras.

Sou mais alto que você agora, ele sinaliza, tentando fazê-la relaxar. Ultimamente, ele começou a brincar com ela por ser a mais baixa da família. Ela lhe dá um sorriso de lábios apertados e se volta para a televisão. Ele não sabe bem o que deveriam procurar, mas será uma coisa óbvia. Em um artigo da Reader's Digest , ela tomou conhecimento do Método Weller, que estão pondo em prática agora. A televisão está sintonizada no Canal 2 e escurecida até a estática ficar quase negra.

— É só ficar olhando — ela explicou. — Se um tornado chegar perto, a tela fica branca, por causa do campo elétrico.

Eles dividem a atenção entre a agitação da tevê e o avanço da massa de nuvens. A mãe tem uma coleção infinita de histórias meteorológicas: raios, tornados, furacões. Mas hoje, assim como em todas as tempestades piores, um ar assombrado toma conta de seu rosto, e ele sabe que essas histórias se agitam dentro dela iguais às nuvens no céu. A televisão crepita e estala. Mesmo assim, a mãe está

bem, até a hora em que Almondine vem e se encosta nela, em busca de segurança.

— Pronto — diz ela. — Todo mundo para baixo.

A escada do porão fica na varanda dos fundos. Pela porta de tela veem o pai dele parado na entrada do celeiro, o cabelo despenteado pelo vento. Está encostado no batente, quase relaxado, o rosto voltado para o céu.

— Gar! — a mãe grita. — Venha. Vamos para o porão.

— Vou ficar aqui — ele grita de volta. O vento faz sua voz soar pequena e fraca. — Essa vai ser das brabas. Vão vocês.

Ela balança a cabeça e os empurra escada abaixo.

— Xô, xô — diz. — Vamos.

Almondine mergulha na escada antes deles. Há uma porta com tranca no fundo e ela fica esperando com o focinho pressionando na fresta, farejando. Uma vez lá dentro, eles espiam as nuvens pela empoeirada bandeira das janelas do porão. Não está caindo chuva nenhuma, só uns pingos e bolhas de água soprados lateralmente no ar.

— O que ele acha que vai fazer lá fora? — ela pergunta, furiosa. — Só quer ficar olhando a tempestade.

Tem razão. Ele fica parado na porta desse jeito.

— Os cachorros sabem se cuidar. Estão agitados é por causa dele lá. Como se pudesse proteger o celeiro. Ridículo.

Raios mergulham do céu no campo próximo. Trovões agitam a casa.

— Ah, meu Deus — diz a mãe.

Este último raio assustou e fez disparar o coração de Edgar também. Ele sobe a escada correndo para dar uma olhada. Ao chegar lá em cima, surge um relâmpago branco-azulado, com um brilho ofuscante e um sonoro estouro, e ele então desce voando a escada, mas não sem antes observar: o pai, ainda parado com uma das mãos apoiada na porta do celeiro, agarrado ali como se desafiasse a tempestade a atingi-lo.

E então fica claro que até ali foi tudo um prelúdio. O vento sopra não em rajadas e ondas, mas com um uivo contínuo que faz Edgar imaginar se as janelas não vão arrebentar com a pressão. Almondine gane e ele passa a mão em suas costas

e ancas. Uma tábua geme dentro das paredes. A mãe juntou todos no canto sudoeste do porão, em princípio o canto mais seguro se um tornado levantar a casa dos alicerces, ao estilo de O Mágico de Oz . O vento sopra um longo tempo, tanto que se torna risível. E, coisa estranha: com tamanha ventania o sol começa a brilhar pelas bandeiras das janelas. É o primeiro sinal de que a tempestade vai passar. Só mais tarde o rugido sólido do ar vai diminuindo em oitavas descendentes até tudo o que resta uma irônica brisa de verão.

— Fique sentado — diz a mãe.

Edgar entende o que ela está pensando, o olho do furacão, mas a voz do pai ecoa no pátio:

— Essa foi incrível!

Lá fora, é impossível não olhar primeiro para o céu, onde um campo de cúmulos de verão, brancos e inócuos, se estende para oeste. As nuvens de tempestade pairam ameaçadoras sobre o alto das árvores do outro lado da estrada. A casa e o celeiro parecem intocados. Os pinheiros estão quietos e inteiros, as macieiras parecem intactas à primeira vista, até que ele nota que todas as flores foram arrancadas, cada pétala soprada pelo vento. Não choveu quase nada e o ar está empoeirado, sufocante. Edgar e Almondine circulam pela casa, religam o fogão, a torradeira, a secadora, o ar-condicionado na janela da sala. O carteiro dá uma parada com o carro junto à caixa de correio e vai embora acenando. Edgar corre pela entrada para pegar a correspondência, uma única carta, endereçada a mão para o pai. O carimbo do correio diz: Portsmouth, Virgínia.

Ele está pegando a maçaneta da porta da varanda quando o grito do pai vem de trás do celeiro.

FICAM OS QUATRO PARADOS NO MATO atrás do celeiro, olhando para cima. Um pedaço irregular de telhado de madeira, do tamanho do piso da sala, está pendurado nos beirais como uma dobra de crosta de pele, cheia de pregos. Um terço do teto está exposto, cinzento e nu. Diante de seus olhos o celeiro se transformou no casco enferrujado de um navio emborcado.

Mas o que os deixa perplexos, o que os faz ficar parados boquiabertos, é o seguinte: perto do cume, uma dúzia de pranchas de madeira do teto foi arrancada das vigas e recurvada em longas volutas esquisitas que chegam quase a formar um círculo. O mais espetacular saca-rolhas subindo na vertical, como se uma gigantesca

mão tivesse descido e enrolado as tábuas entre os dedos. No lugar onde as tábuas foram arrancadas, aparecem as costelas do celeiro, mal ajustadas e encaixadas por Schultz tanto tempo antes. A brisa sacode como ossos as tábuas do teto. Um tênue alfabeto formado com poeira de palha amarela escapa do depósito e voa pelo comprido cume do celeiro.

Depois de algum tempo, Edgar se lembra da carta.

Levanta-a, distraído.

Estende-a para o pai.

Cada Canto e Recanto

BEM CEDO DE MANHÃ, UMA SEMANA DEPOIS QUE A TEMPESTADE IMPÔS seu estranho dano ao teto do celeiro, Edgar e Almondine estão parados no alto da escada dos quartos, menino e cachorro observando os doze degraus, as superfícies marcadas por nós bem lixados e com uma camada tão grossa de verniz aplicada por Schultz que reluziam com um brilho marrom, a não ser no centro, bem desgastado. Traiçoeiros para gente de meias nos pés e enervante para quadrúpedes. O que mais impressionava Edgar não era a aparência, mas o dom para reverberar tudo, de gemidos a triscado de unha e muitas outras novidades, dependendo do dia da semana, da umidade ou do livro que você estivesse lendo. O desafio aquela manhã era descer em silêncio. Não apenas Edgar, mas Edgar e Almondine juntos.

Ele sabia de cor a disposição dos pontos silenciosos. Extrema direita no décimo segundo e décimo primeiro degraus, décimo e nono seguros em qualquer ponto, o oitavo, bom à esquerda, o sexto e o quinto, silenciosos no meio, um lugarzinho traiçoeiro na extrema direita do quarto, à esquerda do meio do terceiro e assim por diante. O sétimo degrau, porém, nunca os deixava passar sem um gemido ou o estalo de um tiro de rifle. Por um longo tempo ele havia se desinteressado da charada, mas a visão das insensatas pranchas do teto do celeiro o fez lembrar que madeira, sob todas as formas, pode ser misteriosa, e resolveu tentar de novo.

Venceu os primeiros quatro degraus e virou. Aqui, ele sinalizou, apontando para Almondine um lugar no degrau. Aqui. Aqui. Cada vez ela pousava uma pata almofadada onde os dedos dele tocavam, e seguia-se o silêncio. Ele então parou no oitavo degrau, na borda, com Almondine farejando suas costas, à espera.

Ele passou o pé sobre o sétimo degrau como um rabdomante à procura de água. Para o lado direito, ele sabia, a coisa rangia. No meio, fazia um som como de dobradiça enferrujada. O pé suspenso deslizou sobre a superfície. Por fim, deteve-se acima de um nó no veio da madeira próximo da parede à esquerda. Cuidadosamente, pôs seu peso no degrau.

Silêncio.

Desceu depressa o sexto e o quinto e virou, pegou a pata de Almondine e acariciou-a.

Tocou o nó da madeira. Aqui.

Ela pisou.

Isso, boa menina.

Acabaram chegando juntos à base da escada sem fazer um som. Um silencioso momento de exaltação passou por eles, e os dois foram para a cozinha. Não era intenção dele contar a ninguém que tinha encontrado o caminho para descer. Eram uma pequena família vivendo numa pequena casa de fazenda, sem vizinhos e praticamente nenhum tempo nem espaço para si mesmos. Se ele conseguisse manter um segredo com o pai, um segredo diferente com a mãe e ainda outro com Almondine, o mundo pareceria muito maior.

NÃO DISSERAM PARA ONDE O PAI IA, mas era uma longa viagem até que pudesse voltar com Claude. Era fim de maio e a escola estava em curso, embora não muito bem, e quando ele perguntou se podia ir junto sabia que a resposta seria não. Naquela manhã, ele, Almondine e a mãe ficaram olhando a caminhonete subir o morro pela Town Line Road, e em seguida se encaminharam ao celeiro para as tarefas matinais. Uma pilha de LPs de segunda mão e um velho toca-discos estilo maleta ocupavam a prateleira inferior da oficina. Duas moedinhas tinham sido presas com fita adesiva em cima do braço da agulha, encobrindo o Z em forma de raio de "Zenith" gravado no metal canelado. Pela grade do alto-falante uma pessoa podia ver os filamentos queimarem alaranjados dentro de suas válvulas de bicos prateados. A mãe tirou da capa um de seus discos favoritos e colocou no prato. Edgar limpou o canil ao som da voz de Patsy Cline. Quando terminou, encontrou a mãe na sala de cria. Segurava um filhote no ar, à sua frente, examinando e cantando baixinho que era louca por tentar, louca por chorar, louca por amar.

A caminhonete ainda não tinha voltado quando ele desceu do ônibus da escola naquela tarde. A mãe requisitou sua ajuda para recolher os lençóis do varal.

— O cheiro não é ótimo? — disse ela, levando o tecido ao rosto. — É tão bom poder pendurar a roupa ao ar livre outra vez.

Subiram a escada até o quarto vago, localizado na frente do de Edgar, do

outro lado do corredor. Naquela manhã, o quarto estava transbordando com pilhas de revistas Dog World e Field and Stream e uma coleção de móveis descartados, aparelhos quebrados e muitos outros restos familiares. Uma cama de armar com o colchão listrado fechada como uma concha. Um conjunto de cadeiras dobráveis para cozinha. Dois abajures de pé de latão, oscilando como aves pernaltas. E, acima de tudo, inúmeras caixas de papelão com as abas cruzadas, que ele tinha passado longas tardes escarafunchando, na esperança de desenterrar um velho álbum de fotos. Havia fotografias de todos os cachorros que eles tinham criado, mas nenhuma de si mesmos. Talvez, pensava ele, uma das caixas guardasse alguma imagem apagada que revelasse como o pai e a mãe se conheceram.

A mãe abriu a porta com um floreio.

— O que você acha? — perguntou. — Vou dar uma dica. Eu mesma não acredito na diferença.

Tinha razão. O quarto estava transformado. As caixas haviam desaparecido. O vidro da janela brilhava. O piso de madeira tinha sido varrido e lavado, a cama de armar estava aberta e junto à cabeceira uma mesinha que ele nunca vira fazia as vezes de criado-mudo. Uma brisa cálida sugava as cortinas recém-lavadas contra a tela e soprava de novo, e de alguma forma o quarto todo cheirava a um pomar de limoeiros.

Ótimo, ele sinalizou. Nunca foi tão bonito.

— Claro que não, estava cheio de lixo! E sabe o melhor de tudo? Seu pai disse que foi neste quarto que Claude cresceu. Já imaginou? Olhe aqui, pegue desse lado. — Ela estendeu o lençol sobre o colchão e os dois foram arrumando na direção dos pés da cama. Cada um enfiou um travesseiro numa fronha. A mãe olhava para ele enquanto trabalhavam. Por fim parou e endireitou o corpo.

— Está chateado com o quê?

— Nada. Não sei. — Ele fez uma pausa e olhou em volta. — O que você fez com tudo?

— Encontrei uns esconderijos. Coloquei uma porção de coisas no porão. Achei que você e seu pai podiam levar com o carrinho aquelas cadeiras velhas para o depósito de lixo este fim de semana.

Ela então passou para os sinais, que fazia sem pressa e com grande precisão.

Queria me perguntar alguma coisa sobre Claude?

Eu o conheço? De quando era pequeno?

Não. Eu mesma só estive com ele uma vez. Ele se alistou na Marinha um ano antes de eu conhecer seu pai e desde então só voltou uma vez, para o enterro de seu avô.

Por que ele se alistou na Marinha?

Não sei. Às vezes, as pessoas se alistam para ver mais do mundo. Seu pai diz que Claude nem sempre se dava bem com seu avô. Essa é outra razão para as pessoas se alistarem. Ou talvez nenhuma dessas coisas.

Quanto tempo ele vai ficar?

Um pouco. Até encontrar um lugar para morar. Faz muito tempo que está fora. Talvez até não fique. Este lugar pode ser pequeno demais para ele agora.

Ele entende de cachorro?

Ela riu. Ele cresceu aqui. Provavelmente, não conhece cachorros como seu pai, agora não mais. Ele vendeu a parte dele no canil para seu pai quando seu avô morreu.

Edgar balançou a cabeça. Quando terminaram, ficou esperando a mãe se ocupar e aí levou os abajures do porão para o quarto. Colocou-os em extremidades opostas das estantes, e ele e Almondine passaram a tarde folheando os livros que tiravam das prateleiras.

JÁ ESCURECERA HAVIA MUITO TEMPO quando os faróis da caminhonete iluminaram as paredes da sala. Edgar, a mãe e Almondine foram esperar na varanda dos fundos, enquanto seu pai fazia a volta com a caminhonete no celeiro. A luz da varanda refletiu no vidro do para-brisas e a caminhonete parou. O pai desceu com expressão séria, até zangada, embora tenha se suavizado ao olhá-los. Acenou brevemente para eles em silêncio, depois foi até a traseira da caminhonete, abriu a tampa e tirou de lá uma maleta de lona. De início, Claude permaneceu na caminhonete, apenas com a silhueta visível. Ele esticou o pescoço para olhar em volta. Então, a porta do carona se abriu, ele desceu e o pai de Edgar caminhou a seu lado.

Impossível não fazer comparações. O irmão de seu pai usava um terno de sarja deselegante, dentro do qual parecia pouco à vontade e grosseiramente formal.

Pelo jeito da roupa, pendurada no corpo dele, era o mais magro dos dois. O cabelo de Claude era preto enquanto o de seu pai era grisalho. Tinha uma postura ligeiramente curvada, talvez por causa da longa viagem, o que tornava difícil dizer quem era o mais alto. E Claude não usava óculos. No geral, a primeira impressão de Edgar foi de alguém bem diferente de seu pai, mas então Claude virou para olhar o celeiro e, de perfil, as semelhanças saltavam à vista: a forma do nariz, do queixo e da testa. E quando atravessaram o pátio lateral o passo dos dois era idêntico, como se os corpos se articulassem exatamente do mesmo jeito. Edgar teve uma ideia súbita e estranha: isso é ter um irmão .

— Parece que está tudo igual — dizia Claude. Sua voz era mais profunda que a do pai de Edgar, e mais grave. — Acho que eu pensei que as coisas tivessem mudado um pouco.

— Está mais diferente do que você pensa — disse o pai. Do outro lado do pátio, Edgar podia identificar a irritação no tom de sua voz. — Nós pintamos tudo faz uns dois anos, mas mantivemos o branco. Os caixilhos das duas janelas da frente apodreceram, e nós trocamos por aquela grande janela panorâmica, você vai ver quando entrar. E boa parte da fiação e do encanamento foi consertada, coisas que não são visíveis.

— Isso é novo — disse Claude, apontando com a cabeça para o tambor verde-claro de gás LP de um lado da casa.

— Trocamos a velha caldeira de carvão há quase dez anos — disse o pai. Pôs a mão de leve nas costas de Claude e sua voz soou amistosa de novo. — Venha, vamos entrar. Podemos dar uma volta depois.

Levou Claude para a varanda. Quando chegaram à escada, Claude subiu primeiro. A mãe de Edgar segurou a porta, Claude passou e virou-se.

— Oi, Trudy — disse.

— Oi, Claude. Bem-vindo de volta a sua casa. É muito bom receber você aqui. — Ela lhe deu um rápido abraço, os ombros encolhidos de um jeito ao mesmo tempo amistoso e ligeiramente formal. Depois, deu um passo atrás e Edgar sentiu a mão dela em seu ombro.

— Este é Edgar — disse ela.

Claude desviou os olhos de Trudy e estendeu a mão. Edgar apertou a mão dele, meio sem jeito. Ficou surpreso de ver como Claude apertava sua mão,

fazendo-o sentir os ossos, e como tinha a palma calejada. Edgar se deu conta de que apertava uma mão feita de madeira. Claude examinou-o de alto a baixo.

— Bem grandinho você, não?

Não era exatamente o que Edgar esperava que ele dissesse. Antes que pudesse responder, o olhar de Claude mudou de novo, dessa vez para Almondine, que estava parada, em expectativa, balançando o rabo.

— E essa é?

— Almondine.

Claude ajoelhou-se e de imediato ficou claro que ele tinha vivido com cães durante muito tempo. Em vez de alisar Almondine ou coçar seu pescoço, ele estendeu a mão, os nós dos dedos primeiro, para ela farejar. Depois projetou os lábios e deu um assobio baixinho, agudo e grave ao mesmo tempo. Almondine sentou-se, ereta, e virou a cabeça para a direita e para a esquerda. Depois deu um passo à frente e farejou Claude criteriosamente. Quando Edgar olhou para cima, seu pai exibia um ar de quem se lembrava de coisas chocantes.

— Ô, menina — Claude disse. — Que beleza. — Só quando Almondine terminou de investigar o cheiro de Claude foi que ele a tocou. Acariciou a base do pescoço dela e coçou-lhe o peito atrás do cotovelo, deslizou a mão por sua barriga. Ela fechou a boca e arqueou as costas, num gesto de tolerante satisfação. — Cara, faz... — Claude pareceu não encontrar palavras. Continuou acariciando o pelo de Almondine. Engoliu em seco, respirou fundo e se pôs de pé. — Tinha esquecido como eles são — disse. — Faz muito tempo que não passo a mão em um cachorro como este.

Houve um silêncio desajeitado e então o pai de Edgar levou Claude para cima, até o revitalizado quarto de hóspede. Ficaram esperando o jantar e Edgar arrumou a mesa enquanto sua mãe tirava o presunto da geladeira e cortava, para fritar, as batatas que haviam sobrado do almoço. Trabalharam em silêncio, ouvindo a conversa. Como para compensar o comentário anterior, Claude apontava diferenças, grandes e pequenas, entre o jeito das coisas agora e como se lembrava delas. Quando desceram, os dois homens ficaram no largo corredor entre a cozinha e a sala.

— Que tal jantar? — minha mãe perguntou.

— Seria ótimo — Claude respondeu. Ele, de repente, parecia pálido, como

alguém perturbado por alguma coisa que tinha visto ou alguma lembrança recém-aflorada, e não muito feliz. Ninguém falou por um instante. A mãe de Edgar olhou na direção deles.

— Espere um pouco — disse ela. — Esperem. Vocês dois fiquem aqui. Edgar, fique do lado do seu pai. Vá. Vá!

O menino foi até a porta. Ela se afastou da frigideira onde as batatas chiavam e pôs as mãos nos quadris, apertou os olhos como se estivesse examinando uma ninhada de cachorrinhos para descobrir quem era o problemático.

— Meu Deus, os homens Sawtelle são todos iguais — disse, balançando a cabeça. — Vocês três foram feitos na mesma forma.

Evidentemente, ela viu três sorrisos constrangidos em troca, com isso caiu na gargalhada, e pela primeira vez desde que Claude chegou as coisas começaram a ficar descontraídas.

Quando terminaram a refeição, o ar assombrado de Claude havia abrandado. Duas vezes ele saiu à varanda e acendeu um cigarro, soltando a fumaça pela tela. Edgar, sentado à mesa, ouviu a conversa até tarde da noite: sobre o canil, a casa, até histórias sobre o próprio Edgar. Ele ensinou alguns sinais para Claude, que Claude esqueceu imediatamente. Almondine começou a encostar no recém-chegado quando ele a coçava, e Edgar gostou de ver isso. Ele sabia quanto o gesto descontrai as pessoas. Ficou sentado, ouvindo durante um longo tempo, até a mãe comprimir a mão em sua testa e dizer que ele estava com sono.

Vaga lembrança de tropeçar escada acima. Em seus sonhos dessa noite ele permanecia à mesa. Claude falava com voz baixa e tranquila, o rosto dividido por uma linha ondulante de fumaça de cigarro, as palavras, uma mistura sem sentido. Mas quando Edgar olhou para baixo viu a si mesmo parado no cercado de cria, com doze filhotinhos em volta dele, lutando e se mordendo; e depois, no momento de mergulhar num sono profundo, sem sonhos, ele estava no córrego e, um a um, os filhotes pulavam na água rasa e eram levados embora.

EDGAR ABRIU OS OLHOS NO ESCURO e viu a silhueta de Almondine diante da janela, com a respiração profunda, o que queria dizer que ela estava com o olhar fixo em alguma coisa fascinante ou alarmante. Ele se arrastou para fora da cama, ajoelhou-se ao lado dela e cruzou os braços no peitoril da janela. Almondine abanou o rabo, tocou-o com o focinho e voltou a olhar para fora.

De início, ele não viu nada de especial. O pé de bordo com suas ramas novas adiante da varanda, a folhagem negra contra o refulgir amarelado da luz do pátio pairava sobre o pomar. Nenhuma comoção agitara o canil; os cachorros não estavam latindo em seus cercados. A sombra da casa envolvia o jardim. Ele esperava talvez ver um veado ali, caçando mudas, o tipo de invasor comum no verão, e que sempre fazia Almondine acordar. Só quando Claude se mexeu foi que Edgar viu o tio encostado no tronco do bordo. Estava de jeans, com uma camisa de flanela que pertencia ao pai de Edgar, e uma garrafa cintilou em sua mão. Ele a levou à boca e bebeu. O jeito de segurá-la diante dele depois sugeriu que o conteúdo era ao mesmo tempo precioso e raro.

Claude foi até a porta dupla da frente do celeiro. Havia uma pesada barra de ferro encostada nela, costume deles sempre que havia ameaça de tempestade. Claude ficou pensando nesse arranjo. Em vez de abrir a porta, deu a volta no silo e desapareceu. Dos cercados dos fundos subiu uma onda de latidos que logo se aquietou. Momentos depois, Claude apareceu do lado sul do celeiro e acocorou-se junto ao cercado da extremidade. Seu assobio musical flutuou na noite. Uma das mães passou pela aba de lona e trotou à frente. Claude coçou o pescoço dela através da tela. Ele seguiu pela fileira de cercados até ter visitado todos os cachorros, depois voltou para a frente, pôs de lado a trava e abriu a porta. Se tivesse entrado imediatamente, ele, um estranho, os cachorros teriam armado um barulhão, mas quando a luz do canil se acendeu houve apenas alguns latidos contrariados e depois silêncio. A porta se fechou e Edgar e Almondine ficaram olhando o pátio sem nada além de sombra.

A janelinha da oficina começou a brilhar. Um momento depois a voz de Patsy Cline ecoou lá de dentro. Após alguns compassos, a melodia tremulou e parou. Roger Miller atacou “King of the Road”. Ele tinha acabado de descrever o que comprara com duas horas de trabalho com uma vassoura quando também foi cortado. Seguiu-se uma onda de música orquestral. Depois um número de uma big band . A progressão continuou, cada música tocava apenas o suficiente para ser identificada antes de ser silenciada. Então, a música parou.

Almondine rosnou no silêncio.

Edgar enfiou a calça jeans e pegou os tênis. O abajur do quarto de hóspede lançava uma vaga luminosidade no corredor, ele empurrou a porta e olhou o interior. Os lençóis secos no varal estavam bem arrumados no colchão. Os travesseiros afofados na cabeceira da cama de dobrar. Os únicos sinais de que

Claude tinha estado ali eram sua velha mala aberta no chão e o terno caído ao lado. A mala estava quase vazia.

Eles desceram a escada. Edgar teve de adivinhar a posição do nó da madeira no escuro, mas chegaram embaixo em completo silêncio, deslizaram pela porta da varanda dos fundos e trotaram para o celeiro. Ele apertou um olho contra a fresta entre duas portas. Como não viu nenhum movimento, girou o trinco, deslizou entre as portas para dentro do celeiro, com Almondine logo atrás.

Havia poucos cachorros de pé nos cercados. A maioria estava enrolada na palha. Todos vigiando. Ali perto, a oficina estava aberta. Na extremidade do canil, a luz da enfermaria brilhava. Era como se Claude tivesse inspecionado tudo e saído. Edgar foi até as salas de cria, abriu um pouquinho a porta e espiou lá dentro. Em seguida, ele Almondine subiram, de novo silenciosamente, a escada da parede dos fundos da oficina. No alto havia um vestíbulo de compensado com uma porta que impedia a entrada das rajadas de inverno. Ficaram na sombra e olharam o depósito. Quatro lâmpadas nuas brilhavam entre as vigas. A pilha maciça de fardos de palha nos fundos do depósito, bem embaixo do buraco no teto, estava coberta com encerado para o caso de chover. Palha seca e sobras dos fardos cobriam o piso do depósito. De ganchos na parede da frente saíam cordões que passavam através de roldanas nas vigas e terminavam em alças penduradas a quase um metro do chão.

Claude estava deitado no meio de tudo isso numa cama de fardos improvisada às pressas, uma das mãos caída mole no chão, a palma para cima, os dedos meio curvados ao lado de uma garrafa de bebida. Entre cada respiração, uma longa pausa.

Edgar quase se virou com Almondine para descerem a escada de novo, mas nesse momento Claude soltou um ronco baixo e Edgar resolveu que como ele estava dormindo de verdade podiam seguir pela parede da frente para olhá-lo melhor. Esgueiraram-se. Edgar sentou num fardo de palha. O peito de Claude subia e descia. Ele roncava, coçava o nariz, resmungava. Foram para um fardo mais perto. Mais um ronco, alto o bastante para ecoar no espaço cavernoso. Então Edgar e Almondine estavam bem em cima de Claude.

Cabelo preto. Rosto de rugas muito fundas.

Edgar estava meditando outra vez nas diferenças entre seu pai e esse tio quando, sem abrir os olhos, Claude falou.

— Vocês sabiam que tem um buraco no teto aqui?

Edgar não sabia o que mais o assustava: se Claude estar acordado ou ele começar a sorrir antes de abrir os olhos. Almondine latiu baixinhho enquanto se afastava rapidamente. Edgar recuou desajeitado, tropeçou em um fardo de palha e estatelou-se no chão.

Claude bocejou e sentou-se. Pôs os pés no chão do depósito e notou a garrafa de bebida. Uma expressão de agradável surpresa passou por seus traços. Levantou a garrafa, olhou para os dois e encolheu os ombros.

— Presente de despedida de uns amigos — disse. — Não me perguntem como eles conseguiram. Devia ser impossível.

Levou a garrafa à boca para um longo e langoroso gole. Parecia não ter nenhuma pressa em voltar a falar e Edgar sentou e tentou não encará-lo. Depois de algum tempo, Claude olhou para ele.

— É bem tarde. Seus pais sabem que você está aqui?

Edgar balançou a cabeça.

— Achei mesmo que não. Por outro lado, eu entendo. Quer dizer, um palhaço aparece de repente, entra no seu canil no meio da noite e você quer saber o que é aquilo, certo? Eu fiz a mesma coisa. Na verdade, seu pai e eu, a gente era muito bom espionando a casa. Uns verdadeiros Houdinis.

Claude refletiu um pouco sobre isso.

— Voltar para dentro de casa era sempre muito mais difícil. Você saiu pela janela ou passou pela... ah, deixe pra lá — disse, interrompendo-se quando viu Almondine. — Acho que vocês escaparam pelos fundos. O velho e batido método. Já descobriram o jeito de sair pelo telhado da varanda?

— Não.

— Seu pai não mostrou para você?

— Não.

— Bom, ele não mostraria mesmo. Mas você vai acabar descobrindo sozinho. E quando descobrir lembre que seu velho pai e eu usamos muito esse caminho aí.

Claude olhou o depósito em volta.

— Talvez uma porção de coisas estejam diferentes, mas este celeiro continua exatamente como eu lembrava. Seu pai e eu conhecíamos cada esconderijo deste

lugar. A gente escondia cigarros aqui, até bebida, e se esgueirava para tomar um gole bem no meio de um dia de verão. O velho sabia que estava aqui, em algum lugar, mas era orgulhoso demais para procurar. Aposto que se eu tentar é capaz que ache meia dúzia de garrafas nessas tábuas soltas agora mesmo.

Algumas pessoas ficavam incomodadas de falar com Edgar, achando que tinham de transformar tudo em pergunta, algo que ele pudesse responder dando de ombros, balançando ou sacudindo a cabeça. Essas mesmas pessoas tendiam a ficar nervosas com o jeito de Edgar olhar para elas. Claude parecia não se importar a mínima.

— Você queria me perguntar alguma coisa — disse — ou era uma missão de pura espionagem?

Edgar foi até a bancada de trabalho na parte da frente do depósito e voltou com um pedaço de papel e um lápis.

O que você está fazendo aqui?, escreveu.

Claude olhou o papel e o deixou cair no chão.

— Não estou lá muito certo de que sei explicar. Quer dizer, eu posso explicar , mas não sei se posso explicar para você . Se é que você me entende.

Edgar devia estar olhando para Claude sem nenhuma expressão.

— Tudo bem, seu pai me pediu que eu não entrasse em muitos detalhes, mas, ahn, vamos dizer que passei muito tempo dentro de casa. Me cansei mesmo de ficar trancado o tempo todo. Quarto pequeno, pouco sol, essas coisas. Então, quando entrei naquele quarto hoje à noite, mesmo arrumadinho e bonito como sua mãe fez, me ocorreu que não era muito maior do que o quarto onde eu estava . Aí achei que não era o jeito certo de passar minha primeira... — Uma expressão divertida cruzou seu rosto. — ... minha primeira noite nesta casa. Comecei a pensar que podia dormir no gramado ou mesmo na traseira da caminhonete. Ver o sol nascer. O negócio é que ao ar livre é tudo tremendamente maior. Faz sentido? Você passa um longo tempo engaiolado, sai, e no começo quase se sente mal.

Edgar assentiu. Bateu dois dedos na palma da mão e passou por cima da cabeça.

— Isso mesmo. Uufhh. — Claude passou a mão por cima da cabeça também. — Sabe o que é scotch? — perguntou.

Edgar apontou para a garrafa.

— Muito bem. Parece que quase todo mundo acaba se interessando por bebida e depois experimenta sozinho...

A garrafa de scotch inclinou-se para ele, tentadora. Edgar balançou a cabeça.

— Não está interessado, não é? Muito bem outra vez. Não que eu fosse deixar você beber muito. Só queria ver se você tinha curiosidade.

Claude tirou a tampa da garrafa, tomou um gole e olhou direto para Edgar.

— Porém, seria um grande favor para mim se você mantivesse isso entre nós. Não estou prejudicando ninguém aqui, certo? Só relaxando e pensando, curtindo este lugar. Seus pais iam acabar ficando preocupados sem razão. Assim eles não ficam sabendo que você sai por aí à noite e não ficam sabendo que eu saí para dar um passeio também.

Edgar concluiu que o sorriso de Claude só se parecia um pouquinho com o de seu pai.

— Melhor você voltar para casa agora. Se eu bem conheço seu pai, ele acorda todo mundo ao raiar do dia para começar a trabalhar.

Edgar concordou com a cabeça e se pôs de pé. Estava a ponto de bater as mãos para chamar Almondine quando se deu conta de que ela já estava no vestíbulo, olhando para baixo da escada. Ele foi para junto dela.

— Tem um truque que pode ser útil — Claude disse às costas dele. — Sabe aquele degrau que range? Na metade da escada? Tente pisar do lado esquerdo. Tem um ponto silencioso, não é fácil de achar, mas está lá. Se você entrar sem bater a porta, vai se dar bem.

Edgar virou e olhou para o depósito.

Conheço esse ponto, sinalizou. Nós encontramos hoje de manhã.

Mas Claude não viu. Tinha se deitado de costas na palha, dedos cruzados atrás da cabeça, olhando o céu noturno pelo buraco das tábuas do teto. Não parecia bêbado, mas sim um homem perdido em pensamentos. Ocorreu a Edgar que Claude não estava dormindo nada quando entraram para dar uma olhada nele. Estava brincando com eles, ou testando os dois. Embora Edgar não conseguisse imaginar o motivo.

Na manhã seguinte, Edgar desceu e encontrou o tio sentado à mesa da

cozinha, olhos injetados, voz rouca. Não mencionou o encontro da noite anterior; em vez disso, pediu que Edgar lhe ensinasse o sinal para café. Edgar girou um punho em cima do outro como quem gira a manivela do moedor. Então seu pai saiu para a varanda, Claude foi com ele e falaram sobre o teto do celeiro.

— Posso começar com isso — disse Claude.

— Você já consertou tetos de celeiro?

— Não. Nem de casa. Será que é tão difícil?

— Não sei. Por isso estou perguntando.

— Vou descobrir.

Naquela tarde, o pai de Edgar e Claude voltaram da casa de ferragens de Park Falls com uma escada nova amarrada em cima da caminhonete e a carroceria cheia de pranchas de pinho, papel betumado e caixas compridas e planas de telhas isolantes fabricadas com asfalto. Empilharam os suprimentos no gramado atrás do cercado dos fundos e em cima de tudo estenderam uma lona encerada nova, marrom.

O Desgarrado

DE MANHÃ CLAUDE FICAVA NA VARANDA BEBENDO CAFÉ, O PIRES equilibrado na palma da mão. Depois do jantar, ele sentava nos degraus e fumava. Às vezes, desembrulhava uma barra de sabão, virava e revirava e depois de algum tempo começava a retirar fitas encaracoladas raspando com o canivete. Certa manhã, não muito depois de Claude ter mudado para a casa, Edgar pegou o sabonete do banheiro e encontrou a cabeça de uma tartaruga em uma das extremidades.

Durante um longo tempo Edgar e seu pai obedeciam ao ritual de percorrer a cerca de arame depois das primeiras tarefas, antes que o orvalho evaporasse da grama e o ar ficasse espesso de poeira e pólen. Almondine, às vezes, seguia junto, mas estava ficando velha e frequentemente, quando Edgar a chamava, ela rolava de costas e juntava as patas no peito como em oração. O pai nunca convidou Claude, nem mesmo naquelas primeiras semanas do verão, antes que as brigas dos dois dominassem tudo.

O trajeto começava no jardim, onde a cerca ficava quase no limiar da floresta. Depois eles acompanhavam o córrego com a cerca no meio até o extremo da propriedade, onde havia um carvalho antigo, moribundo, de galhos tão grossos e maciços que sombreavam inteiramente o solo riscado de raízes. A árvore tinha em volta de si uma pequena clareira, como se a floresta tivesse recuado para lhe deixar espaço para morrer. Dali seguiam para leste, a terra subia, e passavam por moitas de sumagre, amora-preta e lençóis de feno cor de limão-galego.

Nesse último trecho caminhavam pela estrada. Não era raro o pai de Edgar seguir o caminho todo em silêncio, e quando ele estava quieto cada passo se transformava no passo de algum passeio anterior (o respingar de água dos galhos de loureiro; o cheiro úmido de folhas apodrecidas subindo com seus passos; os corvos e os pica-paus em perseguição no campo), até Edgar evocar a lembrança, talvez uma invenção, de ter sido arrastado pelo córrego quando criança, enquanto Almondine seguia na frente, homem, menino e cachorro atravessando a floresta como viajantes.

Foi numa manhã escura daquele verão, numa dessas caminhadas, que viram o desgarrado pela primeira vez. Durante a noite, uma maré branca tinha engolido a terra. Ao amanhecer, o canto mais próximo da casa de ordenha aparecia na névoa, mas o celeiro e o silo tinham desaparecido, e a floresta era o reino só das coisas próximas, onde tudo que Edgar conseguia enxergar possuía detalhes extraordinários e o restante deixava de existir. O córrego corria de lugar nenhum para lugar nenhum. Os galhos do carvalho moribundo pendiam como sombras no alto. No céu, o sol estava reduzido a um minúsculo disco cinzento.

Estavam quase em casa, caminhando pela estrada, o mundo adiante coberto de algodão, quando alguma coisa chamou a atenção de Edgar. Ele parou perto do estreito bosque que se projetava para o campo ao sul, no alto da encosta. Uma placa de granito se projetava do chão ali, cinza, estreita e envolta em musgo, formando uma crista entre as árvores e submergindo junto à estrada como a corcova de uma baleia rompendo a superfície da terra.

O pai continuou andando, mas Edgar entrou pela mostarda silvestre e pelo sorgo e esperou para ver se o chão ia ondular e fechar-se de novo quando a coisa passasse. Em vez disso, uma sombra flutuou, visível na extremidade da pedra. Então, a sombra se transformou num cachorro, focinho abaixado para as costas cobertas de musgo do leviatã, como se farejasse uma velha trilha. Quando o cachorro atingiu a crista da rocha, olhou para cima, pata dianteira levantada, e ficou imóvel.

Ficaram olhando um para o outro. O animal deu um passo à frente para ver melhor, como se esperasse reconhecê-lo. Inicialmente, Edgar pensou que fosse um cachorro do canil se divertindo numa caçada proibida. Era do tamanho certo, com porte conhecido, e o peito claro, o focinho escuro e o dorso preto não eram incomuns num cachorro sawtelle. Mas as orelhas eram maiores e o rabo, peludo demais; e havia outra coisa: as proporções estavam de alguma forma erradas — mais angulosas do que Edgar estava acostumado a ver. E se fosse um dos deles, sem dúvida nenhuma teria pulado para a frente.

O pai quase já havia desaparecido na estrada, mas por acaso olhou para trás e Edgar levantou o braço para apontar. Ver Edgar não tinha assustado o animal, porém o movimento do braço, sim. O cachorro se virou e voltou para o campo, ficando mais cinzento e mais espectral a cada passo, até que afinal a névoa se fechou em torno dele e ele desapareceu.

Edgar foi correndo pela estrada até o pai.

Tinha um cachorro lá, sinalizou.

No canil não faltava nenhum cachorro. Cortaram pelo campo até uma clareira da floresta, esperando avistá-lo de novo. Estavam parados na estrada onde Edgar o tinha visto quando o pai notou as fezes do cachorro.

— Olhe isto — disse, cutucando o montinho modesto com um graveto. Era da mesma cor alaranjada da estrada. Só então Edgar entendeu por que a silhueta dele pareceu tão desacertada quando se afastou sobre a crista da pedra-baleia. Ele nunca tinha visto um cachorro esfomeado antes.

CONTARAM PARA A MÃE que tinham encontrado um desgarrado e que ele estava comendo terra. Ela apenas sacudiu a cabeça. Não era uma grande surpresa. As pessoas sempre estavam parando na entrada deles, com a esperança de que os Sawtelle adotassem os filhotes embolados no banco traseiro, talvez até os treinassem com seus próprios cachorros. O pai de Edgar explicava que não trabalhavam assim, mas pelo menos uma vez por ano um carro freava ruidosamente no pomar e uma caixa de papel era jogada no cascalho. Com maior frequência, filhotes eram abandonados fora da vista, no lado mais distante da encosta, e esses eles encontravam de manhã, encolhidos nas portas do celeiro, exaustos, assustados, abanando os rabinhos curtos.

O pai nunca deixava que chegassem perto dos outros cachorros. Ele os prendia no pátio e, depois de terminadas as tarefas, levava-os para o abrigo em Park Falls, de onde voltava sombrio e silencioso, e Edgar havia muito tinha aprendido a deixá-lo sozinho nessas ocasiões.

Por isso esperavam logo ver o desgarrado aparecer no pátio, talvez naquela manhã mesmo. Na verdade, passaram-se dias e ele não apareceu, e depois só de relance. Almondine, Edgar e o pai estavam percorrendo a cerca.

Quando chegaram perto do velho carvalho, algo escuro correu pelo sumagre, saltou o córrego e sumiu nas moitas. Edgar jogou os braços em torno de Almondine para impedi-la de sair em perseguição. Era como deter um tornado: a respiração dela rugiu no peito e ela se sacudiu em seus braços. Naquela noite, latiu e teve um sono agitado.

O pai fez vários telefonemas. Ninguém estava à procura de um cachorro perdido, não que o doutor Papineau soubesse. A mesma coisa no abrigo animal e com George Geary, nos correios, e com as telefonistas. Nos dias seguintes,

deixaram Almondine em casa ao saírem para caminhar, esperando atrair o desgarrado. Quando chegavam ao velho carvalho, o pai de Edgar abria um saco plástico e despejava restos de jantar perto das raízes tortuosas da árvore.

No quarto dia, o animal estava esperando junto ao carvalho. O pai de Edgar o viu primeiro. Pousou a mão no ombro do menino, que levantou o olhar. Reconheceu de imediato o peito claro e a cara escura, o dorso e o rabo pretos. Acima de tudo, o corpo ossudo. As patas traseiras tremiam de medo, de fraqueza ou de ambas as coisas. Depois de algum tempo, ele se virou de lado para eles, deixou as orelhas caírem, baixou a cabeça e rastejou de volta para o tronco do carvalho.

O pai de Edgar tirou um pedaço de carne do bolso. A mão dele girou no ar e a carne foi pousar no chão entre eles. O cachorro recuou, depois ficou olhando a oferenda.

— Vá para trás — o pai de Edgar disse, baixo. — Três passos. Recuaram devagar. O cachorro ergueu o focinho e tremeu, se

pelo cheiro de comida ou de gente Edgar não sabia dizer. Os próprios joelhos começaram a bater. O cachorro trotou para a frente como se fosse pegar a carne, mas no último minuto girou e voltou, olhando de lado. Ficaram se observando de uma grande distância.

— Boceje — o pai de Edgar sussurrou.

Edgar levantou as mãos para sinalizar o mais devagar possível.

— O quê?

— Boceje. Um bocejo bem grande — o pai disse. — Como se você estivesse entediado. Não olhe para a comida.

Então eles abriram a boca e olharam os pardais que pulavam de galho em galho no topo do carvalho moribundo. Depois de algum tempo, o desgarrado sentou, coçou o pescoço e bocejou também. Toda vez que ele olhava para a carne, Edgar e o pai voltavam a se concentrar no movimento dos pardais. Por fim, o desgarrado levantou-se e andou pelo caminho, apressando-se no último instante para agarrar a carne e mergulhar nas moitas.

Eles soltaram a respiração.

— É um pastor alemão raça pura — o pai disse.

Edgar concordou com a cabeça.

— Quantos anos, você acha?

— Um ano.

— Acho que menos.

Não, tem um ano, o menino sinalizou. Olhe o peito.

O pai assentiu com a cabeça, foi até a base da árvore e jogou o resto das sobras do jantar. Olhou o mato no extremo do córrego.

— Belo porte — refletiu. — Não muito burro também.

E bonito, Edgar sinalizou, num gesto largo.

— É — disse o pai. — Com um pouco de comida, vai ficar bonito, sim.

CLAUDE TINHA COMEÇADO A TRABALHAR nos estragos deixados pela tempestade na parte de trás da cobertura do celeiro: marteladas ecoavam na floresta, o grito de pregos arrancados da madeira velha, um grunhido quando ele se machucava.

— Estão saindo fácil — ele disse ao jantar, com dois dedos apertados como se levantasse com delicadeza uma telha imaginária do próprio prato. O rosto estava queimado de sol e a mão enfaixada onde havia enfiado uma farpa do tamanho de um palito de dentes. — Algumas pranchas do teto estão em boas condições, levando em conta quantidade de água que as telhas deixavam passar. Mas muitas estão podres.

Claude levou-os ao depósito e apontou as pranchas enegrecidas, depois subiu a escada no entardecer e jogou telhas lá de cima. Se não trocassem todas as telhas, disse, teriam de refazer toda a cobertura, estrutura e tudo, dentro de uns dois anos. E, fosse como fosse, o trabalho ocuparia boa parte do verão. Fecharam o canil e voltaram para casa. Depois que Edgar entrou, os pais ficaram no pátio com Claude. As vozes deles, baixas, entravam pela tela da varanda e Edgar ficou na cozinha, escutando, cuidadosamente invisível.

— Isso não é bom — Claude dizia. — Vai acabar aparecendo no pátio qualquer noite, entrar no celeiro e armar uma briga com algum dos cachorros.

— Ele virá de qualquer maneira.

— Esse tempo todo por aí e ainda à solta? Quem o abandonou

provavelmente batia nele. Talvez seja louco de pedra. Se esse cachorro fosse vir mesmo, já teria corrido para você se mijando todo.

— É só dar um tempo.

— Eles morrem de fome à solta, você sabe disso. Não sabem caçar e seria pior se soubessem. Melhor dar um tiro nele.

Silêncio. Então a mãe de Edgar, falou, calmamente:

— Ele tem razão, Gar. Temos três cadelas entrando no cio no mês que vem.

— Você sabe que não vou fazer isso.

— Nós todos sabemos — disse Claude. — Não existe ninguém mais teimoso do que Gar Sawtelle. Estricnina, então.

Claude olhou para a varanda. A expressão dele quase encobriu um sorriso, mas não chegou a tanto, e o que disse em seguida soava como gozação, embora Edgar não tenha entendido o que ele queria dizer.

— Você já fez isso antes, Gar. Já fez isso com um desgarrado.

Houve uma pausa, bastante longa para Edgar se aventurar a dar uma olhada pela janela. O pai estava de perfil, meio virado para o campo, mas o menino viu muito bem a raiva em seu rosto. Quando respondeu, a voz, porém, estava calma.

— É o que dizem — falou. Depois, com firmeza: — Agora, nós levamos para Park Falls.

Ele subiu a escada da varanda e entrou na cozinha, o rosto afogueado. Pegou uma pilha de registros de criação de cima do freezer, pôs na mesa e trabalhou ali o restante da noite. Claude entrou na sala e ficou folheando uma revista, depois subiu a escada, e o tempo todo o silêncio ocupava a casa tão profundamente que quando a ponta do lápis de seu pai quebrou Edgar ouviu-o xingar baixinho e jogá-lo do outro lado da sala.

ENTÃO, DURANTE VÁRIOS DIAS, nenhum sinal do desgarrado. Almondine parava e olhava do outro lado do córrego, mas nem Edgar nem o pai viam nada, e depois de alguns instantes ele a chamava batendo as mãos. Gostava de imaginar que ela havia captado o cheiro do desgarrado, porém Almondine sempre olhava os arbustos daquele jeito, atraída pelos cheiros exóticos e desconhecidos das pessoas.

Edgar acordou uma noite com o som de um uivo ecoando no campo, um longo, solitário uuuuuuuhr-uhr-uuuh , que terminava num murmúrio agudo. Sentou-se no escuro e ouviu, imaginando se teria sido apenas um sonho. Houve um longo silêncio, depois outro uivo, dessa vez mais distante.

O que acontece se ele vier aqui?, perguntou ao pai na manhã seguinte.

— Ele foi embora, Edgar. Se viesse para cá, já teria vindo.

— Mas eu ouvi o uivo dele esta noite.

— Se ele vier, nós levamos para Park Falls — disse o pai. Depois levantou os olhos, viu a expressão de Edgar e acrescentou: — Talvez.

No fim dessa tarde, Edgar levou dois cachorros de um ano para o corredor do canil e tratou do pelo deles. Quando terminou, o sol poente banhava a casa em carmesim. Claude estava em pé na varanda, fumando. Quando Edgar subiu a escada da varanda, Claude levou o cigarro à boca, tragou e apontou o campo com a ponta incandescente.

— Olhe lá — disse.

Edgar virou-se. No limiar da floresta, três veados atravessaram o campo com saltos parabólicos. Atrás deles, em firme perseguição, a figura pequena do desgarrado rente ao chão. Quando os veados sumiram entre os álamos, o desgarrado parou e ficou girando como se estivesse ofegante ou confuso. Em seguida, entrou também entre as árvores. Claude apagou o cigarro no cinzeiro enquanto o sol mergulhava abaixo do horizonte.

— É assim que está sobrevivendo — disse. A luz tinha ficado cinzenta em volta deles, Claude virou e entrou na cozinha.

Tarde da noite, uma discussão. Edgar só entendeu parte dela de seu quarto. Claude disse que agora não havia escolha, que ele nunca viria por si mesmo depois de ter começado a caçar veados. O pai dele disse que não pretendia dar um tiro no cachorro se houvesse outro jeito. Não tinham encontrado nenhum veado morto. Depois, alguma outra coisa que Edgar não escutou.

— O que acontece se ele entrar em outra propriedade? — perguntou a mãe. — Vão pôr a culpa em nós, mesmo não sendo um dos nossos. Sabe que vão.

E assim continuou, as vozes deles baixas e sibilantes através das tábuas do piso. Depois silêncio sem concordância. A mola da porta da varanda guinchou.

Passos no caminho de entrada. As portas do celeiro gemeram nas velhas dobradiças.

Na manhã seguinte, o pai entregou a Edgar uma tigela metálica de comida com um furo na beirada e um pedaço de corrente fina. Despejou dois punhados de ração na tigela. Passaram a corrente pelo tronco do velho carvalho e fecharam. No dia seguinte, a tigela estava vazia. Eles a mudaram vinte metros mais perto do caminho, encheram de novo e acorrentaram numa bétula.

ARRUMAR O TELHADO DO CELEIRO acabou se mostrando o trabalho perfeito para Claude. Não demorou muito para se ver como aquele homem era ferozmente solitário. Um dia passado sozinho no alto da escada arrancando telhas de madeira revestidas com papel impermeável do velho madeirame o deixava assobiando e animado. Às vezes, se equilibrava no longo eixo do cume do celeiro e ficava olhando-os trabalharem com os cachorros. Podia estar pagando pela estada, mas o teto do celeiro também era um bom ponto de observação, um poleiro do qual o pequeno reino insular se revelava inteiro. Repetidas vezes, quando Edgar voltou a olhar para cima, viu Claude retomando o trabalho.

Tão logo a situação exigia que ele trabalhasse com o pai de Edgar, as discussões surgiram, intrigantes, desconcertantes. Embora os detalhes fossem diferentes a cada vez, Edgar ficou com a ideia de que o pai e Claude tinham escorregado, sem perceber, para um irresistível ritmo de provocações e respostas cujas referências eram muito sutis ou particulares para serem decifradas. Fosse qual fosse a dinâmica, não era a única aversão de Claude. Conversas em grupo o deixavam com um ar entediado ou encurralado. Arrumava razões para evitar a mesa de jantar e quando se juntava a eles parecia sempre pronto a se levantar e sair se as coisas ficassem desagradáveis. Mas na realidade ele nunca saía. Simplesmente ficava sentado, respondendo as perguntas com uma palavra ou um aceno de cabeça, olhando e ouvindo.

Não que não gostasse de conversar. Ele apenas preferia conversas individuais, durante as quais gostava de contar histórias sobre coisas estranhas que tinha visto acontecer, embora ele próprio quase nunca fosse o personagem da história. Uma tarde, quando Edgar atraiu uma cadela recém-parida para fora do canil de cria para tratar dela, Claude entrou pela porta do celeiro e foi se aproximando. Ajoelhou-se e acariciou a orelha do animal com o polegar e o indicador.

— Seu pai uma vez teve um cachorro — disse. — Que ele chamou de Forte.

Nunca contou isso a você?

Edgar negou com a cabeça.

— Nós tínhamos acabado de sair da escola, antes de eu ir para a Marinha. Seu avô foi quem escolheu o nome, por causa do tamanho dele. Era um desgarrado também, e semidomesticado por causa do tempo que passou na floresta. Mas ele era um cachorro , sabe? Esperto como nunca vi. Boa constituição, ossos bons, chegou a uns cinquenta e cinco, sessenta quilos quando foi bem alimentado. Seu avô não teve nenhuma restrição de usar aquele cachorro para cruzar quando viu o que tinha na mão. — Claude contou que Forte era forte e rápido, que a única coisa ruim nele era que gostava de brigar e que o avô o deixara sob os cuidados do pai de Edgar porque, Claude disse, aquele cachorro era parecido demais com Gar. Esse último comentário fez Edgar levantar o rosto, surpreso.

— Ah, era. Houve uma época que seu pai era encrenqueiro. Voltava para casa bêbado, às vezes nem voltava. Aqueles dois eram feitos um para o outro. Seu pai ensinou um truque para ele: assobiava e o cachorro pulava nos seus braços, com os quase sessenta quilos. Os dois seguiam para Park Falls e seu pai deixava Forte brigar com o cachorro de alguém, claro que Forte ganhava e toda vez o outro sujeito começava uma discussão e pronto, lá estavam eles, homem e cachorro brigando lado a lado. Voltavam para casa ensanguentados e dormiam até tão tarde na manhã seguinte que seu avô ficava furioso e chutava os dois para fora da cama.

Edgar nunca tinha visto o pai levantar a mão com raiva, nem contra um cachorro nem contra uma pessoa. Não conseguia imaginá-lo deixando acontecer uma briga de cachorros. Mas Claude apenas sorriu e balançou a cabeça como se lesse os pensamentos de Edgar.

— Difícil de acreditar, certo? Do mesmo jeito que, olhando para mim, você não pensaria que eu é que estava o tempo todo acalmando as coisas, mas a verdade é essa, sim. Então, seu pai se apaixonou por aquele cachorro, e não dava ouvidos para nada. Uma noite, ele pega o Forte e eu, e a gente vai para o The Hollow. Ele entorna um monte de cerveja e logo um cara diz que ouviu falar de Forte, e quando eu me dou conta, estamos sacudindo por uma estradinha de terra na caminhonete do sujeito. Seu pai na direção, costurando para lá e para cá, mas não fazia mal, porque a gente estava tão dentro da floresta que não tinha mais ninguém na estrada.

Ele para na entrada da casa do homem, que no fim era só uma cabana. Não tem luz. Seu pai deixa o farol aceso e, enquanto a gente fica olhando, o cara vai até

um barraco e um minuto depois sai o maior e mais preto mastim que já vi na vida. A coisa apoia as patas da frente no capô da caminhonete e olha para nós ali dentro, babando feito um urso. Seu pai abre a porta do lado do carona, mas Forte viu aquele monstro e achou que não tinha a menor chance, então, de repente, sentou-se no colo do seu pai. O mastim desce do capô e dá a volta até a porta aberta. Eu estou sentado desse lado e vou fechar a porta, mas a cabeça do mastim está entre a minha mão e a maçaneta.

Antes que eu me dê conta, estou curvado para trás, e fora da caminhonete, sendo arrastado na grama pela bota. Meu outro pé está livre, mas fico com medo de chutar e ele pegar minha perna, então, tudo o que eu posso fazer é gritar pelo seu pai.

Enquanto isso, o sujeito está parado na frente do farol. Com um rifle no ombro e às gargalhadas. Seu pai tenta sair da caminhonete, mas está bêbado demais para se mexer depressa e tem um cachorro grande e amendrontado no colo. Ele joga Forte para fora da caminhonete. Assim que toca no chão, o cachorro volta para dentro, e eles começam tudo de novo. Enquanto isso, o mastim está me puxando para o cercado dele para me mastigar por um bom tempo.

Bom, seu pai finalmente desiste de Forte e sai pela porta do motorista, o que seria engraçado em qualquer outra situação, mas àquela altura eu estava gritando por socorro. Ele se levanta, arranca arma da mão do sujeito, sai correndo e acerta a coronha da arma nas costelas do mastim, mas ele não dá a mínima. Então ele bate de novo. O cachorro acaba percebendo e larga minha perna. Quando eu consigo ficar em pé, ele encurralou seu pai contra a parede do barraco e seu pai está gritando: „Como é que faz ele parar? Como é que faz ele parar?" O homem ainda está rindo. „Não faço a menor ideia", diz ele. O cachorro então dá um bote, a arma dispara e, antes que qualquer um de nós entenda o que aconteceu, o mastim está caído no chão."

Edgar levou o cachorro do qual estava cuidando de volta para o canil de cria. Quando voltou, Claude estava à sua espera.

— Aí, o cara está maluco — continua. — Pega a arma da mão do seu pai e diz: "Tire o seu cachorro daquela caminhonete, senão eu mato ele ali mesmo", e é claro que estava falando sério. Seu pai vai até a caminhonete e puxa Forte para fora. Você tem de entender que ele estava furioso com o cachorro porque tinha se acovardado ali. O homem levanta o rifle, mas seu pai diz: "Espere." E aqui vem a parte estranha: ele pega a arma do sujeito, com a maior facilidade. Os dois estão

bêbados para valer, sabe, cambaleando na frente dos faróis da caminhonete. Mas em vez de dar um soco no cara e jogar a arma dele no mato, ele chama Forte para fora e mata o cachorro ele mesmo. Ele mata o próprio cachorro. E aí ele joga a arma no chão e derruba o cara a socos.

Não, Edgar sinalizou. Não acredito em você.

— Eu ponho Forte de volta na caminhonete e tiro a gente dali. Enterrei o cachorro na floresta, do outro lado da estrada, bem ali. Depois, falei para seu avô que Forte tinha fugido, porque seu pai estava enjoado demais por causa da bebida para poder descer e muito menos explicar o que tinha acontecido. Além disso, ele nem lembrava . Tive de contar para ele. Primeiro fez algumas perguntas: como, por que não tinha feito isso ou aquilo, mas eu acho que ele acabou lembrando. Depois, simplesmente virou na cama e parou de falar. Ficou lá três dias quase inteiros até conseguir encarar alguém.

Edgar balançou a cabeça e empurrou Claude para passar.

— Então, está vendo como é? — Claude falou atrás dele. — Não tem como ele fazer isso agora, mesmo que seja preciso.

Almondine foi atrás de Edgar para seu quarto e os dois se deitaram no chão, lutando com as patas. Ele queria tirar a história de Claude da cabeça. Era mentira, embora não conseguisse dizer como sabia que era mentira ou por que Claude havia lhe contado uma coisa daquela. Quando Almondine se cansou da brincadeira, ele olhou pela janela. Claude estava sentado sozinho na escada da varanda, fumando seu cigarro e olhando as estrelas.

FORAM ATRAINDO O DESGARRADO pelo caminho dia após dia, enchendo a tigela e puxando-a mais para perto do quintal, primeiro, só uns poucos metros, depois, com o decorrer dos dias, muito mais longe. Eles ao menos esperavam que fosse o desgarrado: a tigela ficava sempre limpinha. Por fim, colocaram-na tão perto da casa que Edgar conseguia ver o brilho do metal atrás da horta, e na manhã seguinte, pela primeira vez, a comida estava intocada. Na hora do jantar, ele sugeriu acrescentarem uma porção generosa da carne que estavam comendo, mas a mãe disse que não ia mais jogar comida fora e que estava na hora de parar com aquela caridade.

De manhã, ele encontrou meia dúzia de esquilos sentados na beira da tigela rolando a comida em seus dedinhos pretos. Espantou-os e marchou para a oficina

levando a comida profanada. O pai estava diante dos armários, arquivando registros de criação que tinha levado para casa.

Os esquilos estão comendo a comida, ele sinalizou, indignado.

O pai puxou os óculos para a ponta do nariz e espiou a tigela.

— Eu estava só pensando quando isso ia acontecer — disse. — Não faz mais sentido continuar colocando. Agora que eles descobriram, não vão mais sossegar.

Essa ideia deixou Edgar louco de frustração.

Não tem algum jeito de a gente pegar o desgarrado?, sinalizou. Atrair para um canil? Ele ia se acostumar se a gente trabalhasse com ele, tenho certeza. Eu podia fazer isso.

O pai olhou-o longamente.

— Podemos, sim, acho. Mas se a gente enganar o animal, ele acaba fugindo de novo. Você sabe disso. — Ele suspirou e passou a mão pelo cabelo. — Toda vez que eu penso naquele cachorro, me vem à cabeça uma coisa que seu avô costumava dizer. Ele detestava encontrar um lugar para os filhotes, detestava de verdade. Por isso começou a ficar com os filhotes até completarem um ano; dizia que quase ninguém sabe lidar com filhote. Estragam o cachorro antes de ele completar seis meses. Lembro quando ele saiu de caminhonete uma noite porque ouviu dizer que um dono inexperiente estava deixando um filhote sem comida como castigo. Na manhã seguinte, o filhote estava de novo no canil.

Não discutiram com ele?

O pai sorriu.

— Acharam que tinha fugido. E esse não foi o primeiro que ele pegou de volta, não. Se se davam o trabalho de telefonar, ele dizia que o cachorro tinha aparecido do nada, passava um pito e, quem sabe , devolvia o cachorro. A maior parte das vezes ele simplesmente mandava um cheque para os donos e dizia para comprarem um beagle. O que na verdade quero dizer é o seguinte: ele detestava ter de escolher para onde iam os cachorros. Ele achava que era pura adivinhação. "Nós só vamos saber que acertamos quando eles escolherem sozinhos", dizia.

Isso não faz sentido.

— Era o que eu também achava. Perguntei a ele o que isso queria dizer, mas ele só deu de ombros. Acho que nem ele sabia. Mas estou pensando que talvez esse

desgarrado esteja fazendo exatamente o tipo de escolha de que ele falava. Estamos falando de um cachorro adulto, um cachorro que está na floresta há um longo tempo, tentando resolver se nós merecemos ou não sua confiança. Se este é o lugar para ele. E isso importa para ele: ele prefere morrer de fome a tomar uma decisão errada.

Ele só está apavorado.

— Sem dúvida. Mas é inteligente a ponto de passar por cima disso se quiser.

E se ele vier para cá?

— Bom, se ele escolher , então, talvez a gente tenha nas mãos um cachorro que vale a pena conservar. Que até vale a pena colocar na linhagem.

Você põe ele para cruzar se ele vier?

— Não sei. A gente teria muito trabalho antes disso. Entender o temperamento dele. Ver como ele aceita o treinamento. Conhecer o bicho.

Mas ele não é um dos nossos.

— Como você acha que os nossos cachorros começaram a virar nossos cachorros , Edgar? — perguntou o pai, sorrindo malicioso. — Seu avô não dava importância para raça . Sempre achou que havia algum cachorro melhor por aí. O único lugar onde ele tinha certeza de que não ia encontrar esse cachorro era em exposição, e por isso passou quase a vida inteira conversando com as pessoas sobre os cachorros delas. Sempre que encontrava um de que gostava, e não importava se era um cachorro que ele via todo dia ou se tinha ouvido falar lá do outro lado do estado, ele fazia um trato de cruzar o animal em troca de um filhote. E também não se importava de dar uma enganada de vez em quando.

Enganada? Como assim?

Em vez de responder, o pai se virou para o armário de arquivos e começou a mexer nas pastas.

— Fica para outra vez. Seu avô já tinha parado com isso quando eu era criança, mas eu me lembro de um ou dois cachorros novos. O que estou querendo dizer é que a gente precisa ser paciente. Aquele cachorro vai ter de resolver sozinho o que ele quer fazer.

Edgar balançou a cabeça como se concordasse. Mas uma coisa que seu pai disse lhe deu uma ideia.

NAQUELA NOITE ELE LEVOU um saco de dormir para a varanda e também uma lanterna e um livro. Tinha desamarrado e estendido o saco de dormir na frente da porta de tela e estava se acomodando para ler quando Almondine, como se soubesse de seu plano e não gostasse nada, passou pelo estreito espaço entre Edgar e a porta de tela e se deitou. Ele a cutucou no flanco onde ela sentia mais cócegas e ela aguentou com um grunhido, depois passou por cima do menino e se deitou de novo, dessa vez enrolando o rabo na frente do rosto dele.

Tudo bem entendi, ele sinalizou, incomodado, mas sorrindo. Ele a convenceu a se levantar, dessa vez com mais gentileza, com a mão em concha debaixo de sua barriga, e ajeitou o saco de dormir. Quando terminou, havia espaço suficiente para os dois olharem pela tela, embora Edgar tivesse de esticar o pescoço para ver o ponto atrás do jardim onde a tigela estava.

Almondine deitou com a cabeça nas patas, ofegando contente e observando Edgar com seus olhos castanhos pintalgados. Ele passou os dedos na pelagem macia das orelhas dela e na juba, e logo os olhos de Almondine se fecharam e a respiração ficou mais profunda ao exalar. Edgar olhou para ela e balançou a cabeça. Ela podia ser tão veemente às vezes e, no entanto, quando estava tudo do seu jeito, ser tão doce e cordata, transmitindo a certeza de que o mundo estava em ordem.

Depois de algum tempo, ele se apoiou nos cotovelos. À luz da lanterna, virou as páginas de O livro da selva , até encontrar a passagem que tinha lhe vindo à memória insistentemente ao longo do dia.

Mogli estende sua forte mão escura e ali debaixo do queixo sedoso de Baguera, onde os músculos potentes do gigante ficavam escondidos na pelagem brilhante, encontrou um pequeno ponto calvo.

— Ninguém na selva sabe que eu, Baguera, tenho essa marca — a marca da coleira; e, no entanto, Irmãozinho, eu nasci entre homens e foi entre homens que minha mãe morreu: nas jaulas do palácio do rei, em Udeypore. Foi por isso que eu paguei o preço por você no Conselho, quando você era um filhotinho pelado. É, eu também nasci entre os homens. Nunca tinha visto a selva. Me alimentaram atrás das grades com uma panela de ferro, até que uma noite eu senti que era Baguera, a Pantera, e não um brinquedo dos homens, quebrei aquela bobagem de cadeado com uma patada e fui embora; e como eu tinha aprendido os modos dos homens, passei a ser mais terrível na selva do que Shere Khan, não é verdade?

— É — disse Mogli — , a selva inteira tem medo de Baguera... todo mundo, menos Mogli.

Ele acendeu a lanterna e deitou a cabeça ao lado da cabeça de Almondine. Perguntou-se se teria acontecido de jeito semelhante com o desgarrado, se ele havia decidido depois de algum momento terrível que não era brinquedo de homem nenhum, ou se aquilo era alguma combinação de susto com loucura, como Claude dissera. A televisão acabou silenciando. Claude subiu a escada. A mãe dele inclinou-se pela porta.

— Boa noite, Edgar — disse.

Boa noite, ele sinalizou. Sonolento, ele esperava. Dava para sentir a mãe avaliando o arranjo.

— O que você está aprontando?

Está calor lá em cima. Eu queria dormir onde tem uma brisa. Quando a casa já estava silenciosa pelo tempo que ele conseguira aguentar, Edgar sentou-se, destravou a porta e deslizou para fora. Almondine tentou segui-lo, mas ele fechou a porta entre os dois. Ela, às vezes, conseguia abri-la arranhando a parte de baixo, porém ele a silenciou, sustentando seu olhar até ter certeza de que ela havia entendido. Foi até o canteiro de flores debaixo da janela da cozinha, de onde tirou um saco de pão de entre as hastes verdes das íris, atravessou o jardim e encheu a tigela com a ração que havia colocado no alto do saco. Depois sentou na escada da varanda, encostado na travessa da porta, e esperou. Seu olhar acabou levantando-se para as estrelas.

Acordou com o som de Almondine, atrás da porta de tela, rosnando em seu ombro. O jardim estava inundado pelo luar. Não lhe veio à mente de imediato por que estava sentado ali. Seu olhar vagou pelo varal que pendia da casa até desaparecer na sombra do bordo. O chocalhar da ração contra a tigela de metal acabou por despertá-lo de sua divagação. Ele endireitou o corpo depressa. Do lado oposto à extensão de estacas e mudas estava o desgarrado, comendo avidamente e observando Edgar, o peito prateado sob a lua.

Lentamente, Edgar se pôs de pé, levou o saco de pão, pesado e frio, até a sombra do bordo e ajoelhou-se. O cheiro metálico de sangue subiu quando ele abriu o saco: carne moída, roubada do freezer naquela tarde. Apertou um pouco para formar uma bola e soltou um assobio baixo. O cachorro levantou a cabeça e olhou para Edgar. Depois voltou à tigela para lamber os últimos pedacinhos de

ração e, apoiado em três patas, coçou o peito com uma das patas traseiras.

Edgar arremessou a carne quase escondida na mão, como o pai tinha feito na trilha. Os espelhos claros dos olhos do cachorro brilharam. Deu um passo para fora do mato e lançou o nariz no ar da noite. Mais um bolinho de carne moída voou, agitando as folhas de um tomateiro. O animal começou a procurar entre as fileiras de plantas e mudas e as hastes de milho de trinta centímetros de altura, fazendo uma pausa diante de uma das oferendas, depois da outra.

Edgar dividiu o restante da carne em dois bolinhos gordurosos. Um foi cair a meio caminho entre eles, menos de dez metros à frente. O cachorro foi até ele, farejou e engoliu a carne num só bocado, depois levantou a cabeça e lambeu os beiços. O outro bolinho de carne Edgar segurou na mão. Durante um longo tempo nenhum dos dois se mexeu. Edgar inclinou-se para a frente e colocou a carne na relva. O cachorro avançou, pegou a carne, engoliu e ficou, ofegante, olhando para Edgar. Havia uma mecha de pelo opaco atravessada em sua testa e carrapichos grudados na pelagem. Quando Edgar estendeu a mão, o cachorro chegou mais perto e por fim lambeu o sangue e a gordura de seus dedos. Edgar passou a mão livre no pescoço do cachorro. Ele entendeu então que era possível trazer o cachorro até o final do processo. Não que fosse acontecer naquela noite, mas podia acontecer. O cachorro não era louco. Nem toda a sua confiança havia se acabado. Estava indeciso, só isso. Tinha observado todos eles e o que vira não fora suficiente para fazê-lo ir ou ficar. Como seu pai achara.

Edgar estava tentando resolver o que fazer em seguida quando Almondine começou a ganir e arranhar a porta da varanda. Em quatro pulos o desgarrado atravessou a horta e desapareceu. Quando Edgar chegou à varanda, um dos cachorros do canil tinha saído para o seu cercado, latindo baixo, e outro o acompanhara. Edgar sossegou Almondine e se virou para o celeiro.

Quieto , sinalizou.

Os cachorros silenciaram e bocejaram, mas passaram-se quase dez minutos antes que parassem de andar e se acomodassem de novo.

QUANDO ABRIU OS OLHOS na manhã seguinte, havia um círculo rajado de um branco sujo bem diante da escada da varanda. Ele sentou no saco de dormir e esfregou os olhos. O que viu parecia um filtro de café, um filtro de papel para café, empapado, manchado de marrom. Quando saiu para investigar, Almondine passou

por ele e, para sua surpresa, urinou em cima da coisa. Depois virou na quina da casa com o focinho no chão.

No pátio da frente havia um saco de lixo de plástico preto, aberto a mordidas, o conteúdo espalhado: latas de sopa vazias, uma caixa de cereal Wheaties, pedaços de embalagem, jornais, uma embalagem de leite. Quando ele se abaixou para espiar um dos jornais, reconheceu sua letra nas palavras cruzadas. A data do jornal era de três dias antes. Tinham levado aquilo para o depósito de lixo no dia anterior.

Durante o café da manhã especularam sobre como o lixo teria ido parar ali. Claude disse que era alguma brincadeira, algum moleque bêbado. A mãe de Edgar foi a primeira a concluir que devia ter sido o desgarrado. O depósito de lixo ficava a uns quatrocentos metros na Town Line Road, subindo uma estradinha estreita de terra que termina sem saída em um semicírculo de lixo e carcaças de fogões e geladeiras.

— Por que, pelo amor de Deus, ele haveria de arrastar o lixo de volta lá do depósito? — perguntou Claude

.A mãe de Edgar pareceu pensativa.

— Talvez estivesse devolvendo — disse.

— Devolvendo? Por quê?

— Não sei — ela disse. — Gratidão pela comida? "Está aqui uma coisa que vocês perderam, acho que vão querer de volta", algo assim.

A mãe tinha razão, Edgar entendeu imediatamente, mas ele era o único a conhecer o significado pleno do empenho do cachorro. Pensou em contar a eles o que tinha acontecido na noite anterior, mas isso significava explicar como um quilo de carne moída havia desaparecido.

Na manhã seguinte, uma calça jeans havia muito jogada fora estava desdobrada no pátio da frente, como se um menino tivesse evaporado de dentro dela. Na manhã depois dessa, um pé de tênis, destroçado e cinzento. O pai de Edgar riu, mas Claude ficou irritado. Marchou para seu trabalho no telhado.

— Imagine se esse cachorro tivesse espalhado o lixo na sala de estar — disse a mãe de Edgar, quando este lhe perguntou a respeito. — É assim que Claude se sente. Para ele, o cachorro é um invasor.

Então, achando talvez que seus esforços não estavam sendo devidamente apreciados, o cachorro parou de trazer presentes, mas Claude já havia começado sua campanha. Explodiram discussões acaloradas, Claude teimando que o desgarrado devia ser morto, o pai de Edgar discordando terminantemente.

A mãe tentava manter a paz, mas ela também achava que era preciso eliminar o desgarrado. Duas noites depois aconteceu um tumulto no canil que levou os quatro a saírem de pijama para tentar acalmar os cachorros. Não encontraram nada errado. O que aconteceu era óbvio, disse Claude. O desgarrado havia tentado subir em um dos cercados. Diante dessa ideia, uma profunda ansiedade tomou conta de Edgar. Ele não queria que o cachorro fosse pego, não se isso significasse colocá-lo na caminhonete e levá-lo embora.

Mas se ele estava ficando mais ousado, alguma coisa ruim podia acontecer.

O problema era que ele tinha começado a pensar em nomes. Era seu trabalho, não podia evitar, mesmo sabendo que era má ideia. E um único nome lhe parecia certo. Como se o Forte original tivesse voltado.

NO SÁBADO, OS PAIS DE EDGAR levaram um trio de filhotes de um ano a Phillips para testá-los em multidões na festa dos Dias da Era do Gelo. De início, Claude planejara ir junto, mas depois resolveu trabalhar no celeiro enquanto o tempo estava bom.

Edgar e Almondine passaram a manhã com uma ninhada de três meses de idade. Depois de uma caminhada maluca para ensinar a eles que as pessoas eram imprevisíveis e tinham de ser observadas, Edgar os fez ficar imóveis e jogou bolas de tênis para Almondine na frente deles. Ela tinha muita prática em treinamento de atenção e mascava ferozmente seus prêmios, sacudindo a cabeça de um lado para outro. Os filhotes ficavam imóveis enquanto Edgar contava até dez, depois ele sinalizava que eles podiam sair, e armava-se uma louca confusão. De vez em quando, Claude içava-se à viga central do celeiro e sentava, os ombros bronzeados e reluzentes de suor.

Depois do almoço, Edgar adormeceu no sofá enquanto lia e assistia à televisão. Ouviu, a distância, Claude entrar e sair da casa, mas não deu importância. Quando acordou, as macieiras agitavam-se ao vento. Lá fora, encontrou Almondine parada ao lado do silo, o rabo para baixo, observando o campo a oeste.

Dois veados e um filhote pastavam o feno, pequenas figuras pardas a

distância. Forte estava abaixado a favor do vento, absolutamente imóvel, e Claude, por sua vez, na direção contrária ao vento, perto de uma fileira de árvores que o vento fustigava. Em seu braço, aninhada sem tensão, a longa forma negra de um rifle.

Os veados sacudiram os rabos inquietos e trotaram pelas beiradas da floresta. Assim que se deslocaram, Forte trotou para a frente, quadris abaixados, mas, em vez de atacar os veados, se esgueirou pelo bosque e desapareceu. Quando os veados começaram a pastar, Claude também seguiu em meio às árvores, com passos tão lentos que Edgar mal podia ver o movimento.

Ele se virou e levou Almondine correndo para a varanda, depois fechou a porta e saiu ventando pela trilha por trás do jardim. Na pilha de pedras, a meio caminho do campo, a trilha fazia uma curva em volta de uma touceira de cornisos, e ali ele encontrou Claude parado numa pequena clareira, olhando pela mira do rifle levantado. Quase trinta metros adiante, junto ao limiar da floresta, estava Forte. Edgar não via o cachorro à luz do dia desde que ele os encarara junto ao velho carvalho. Suas costelas eram visíveis por baixo do pelo e a barriga fazia um arco profundo contra a coluna vertebral. As orelhas do cachorro estavam apontadas para a frente e ele respirava depressa e profundamente.

Quando Edgar se aproximou de Claude, pôs a mão no cano do rifle. Claude afastou sua mão com um tapa.

— Saia daqui — murmurou. — Volte para casa.

Ele quase veio duas vezes, sinalizou, sabendo que na melhor das hipóteses Claude ia entender só a essência da coisa. Não consegue pegar os veados, não sozinho.

Estendeu a mão para o rifle de novo. Dessa vez, Claude virou-se, agarrou a frente da camisa dele e Edgar se viu caindo para trás nas folhas secas, na relva, lutando para manter o equilíbrio e depois esperando fazer barulho suficiente para chamar a atenção de Forte. Mas o vento soprava no alto das árvores e o desgarrado estava atento ao movimento do filhote.

Ele não ouviu Almondine chegar. De repente, um rosnado ao lado dele e ela estava ali, ofegando furiosamente, olhar fixo no desgarrado.

Edgar acenou a mão aberta na frente do focinho dela.

Fica .

Almondine viu o comando chegando e tentou desviar os olhos, mas ele conseguiu prender a atenção dela e repetiu a ordem. Ela sentou. Quando ele voltou, Claude estava com o rifle apoiado no ombro. Edgar viu o dedo dele apertar o gatilho, mas não houve coice nem estampido. Claude mexeu na coronha, procurando a trava de segurança.

Desde filhotes, os cachorros sawtelle aprendiam que fica significava manter-se não só parado mas também em silêncio; que não ganir e latir era uma espécie de consequência. E Almondine estava em posição de fica .

Edgar virou-se para ela e pôs a mão em sua têmpora.

Olhe para mim.

Ela virou a cabeça grande para olhar para ele.

Livre.

Ele pretendia pegá-la antes que ela se mexesse, mas os quartos traseiros dela estavam fora do chão antes mesmo que ele completasse o sinal. Tudo o que ele pôde fazer foi mergulhar e fechar os dedos em torno do jarrete da perna traseira. Ela caiu estendida no caminho com um ganido alto.

Foi o bastante para Claude desviar os olhos da mira do rifle. Em seguida, Almondine se pôs em pé de novo, fazendo força para avançar, meio arrastando Edgar pelo caminho. Ele finalmente chegou na frente dela e pôs a mão em volta de seu focinho para forçá-la a olhar em seus olhos.

Late , sinalizou.

E então Almondine começou a latir baixo.

Dessa vez, Forte não tinha como confundir com o vento os sons atrás dele. Virou-se, viu os dois e saltou para longe, tudo em um único movimento. Claude desviou o cano do rifle para acompanhar o cachorro em fuga, mas não havia nada mais à vista além de galhos oscilantes.

Edgar não se deu conta de que havia soltado a coleira de Almondine senão quando ela já estava longe, correndo pelo caminho.

Ela atravessou na frente de Claude. Durante um momento, o cano do rifle baixou e acompanhou-a e depois, sem pausa, Claude girou para o campo e atirou no menor dos dois veados quando ele esticou o pescoço, olhos arregalados, preparando-se para fugir. O outro veado soltou um guincho, deu três saltos e

desapareceu na floresta, com o filhote logo atrás.

Edgar enveredou pelo campo. A corça esperneava, convulsivamente. Jorrava sangue da ferida no pescoço. Ela revirou os olhos para olhar para ele. Claude apareceu ao lado de Edgar, baixou o cano do rifle para o peito do animal e puxou o gatilho. Antes mesmo de o eco terminar de ressoar nos morros, Claude se virou e foi voltando para casa, o rifle pendendo junto à perna como se fosse um pedaço de pau.

Durante um longo tempo Edgar ficou parado, olhando a corça, a pelagem marrom, as orelhas com pontas pretas. O sangue carmesim jorrou de suas feridas e depois parou. Almondine apareceu no limiar do campo, ofegante. Trotou até eles, deu uma parada e foi se aproximando do animal passo a passo. O momento em que Almondine havia passado na frente do cano do rifle continuava aparecendo diante dos olhos de Edgar.

Venha, ele sinalizou. Vamos embora daqui.

Encontraram Claude voltando para o campo com uma faca de caça e uma pá.

— Espere um pouco — ele disse.

Edgar parou, depois recomeçou a andar.

— Tudo bem, mas em breve você vai ter de tomar uma decisão — disse Claude às costas dele. — Nós podemos ajudar um ao outro nesse caso, se a gente quiser.

COM ALMONDINE PERTO DELE, Edgar passou o fim da tarde no celeiro, penteando os cachorros até as mãos doerem. Claude aproximou-se uma vez, mas Edgar virou o rosto. O sol havia se posto e as estrelas começavam a aparecer no alto quando a caminhonete surgiu na entrada.

A carcaça do veado estava pendurada em um ramo baixo de bordo, por uma pata traseira. O pai já fazia perguntas antes mesmo de descer da caminhonete. Claude foi se encontrar com eles. Forte tinha finalmente matado um veado, ele disse. Ele vira tudo do telhado celeiro, mas quando pegou o rifle o veado estava caído e o desgarrado em cima do animal, e ele teve de dar um tiro para espantar o cachorro.

— A corça ainda estava viva, mas bem dilacerada. Não tive escolha senão atirar nela. Não quis deixar lá, então dei uma limpada, tirei a perna que ele tinha

atacado e trouxe o resto para cá — disse Claude.

A mentira não surpreendeu Edgar, e sim o que Claude disse em seguida. Ele esperava que o tio retomasse o velho argumento, insistisse em atrair Forte para dar-lhe um tiro ou envenená-lo. E dessa vez seria uma discussão que ele provavelmente venceria. Em vez disso, ele sugeriu esquecerem Forte.

— Quanto àquele cachorro — Claude disse — , acho que não acertei nele, mas sei que apavorei o bicho. Fugiu tão depressa que nem tive tempo de dar um segundo tiro. Esse nós não vemos nunca mais.

Ele olhou para Edgar ao falar e de início Edgar não entendeu. A mãe de Edgar percebeu o olhar de Claude e virou-se para olhar para o filho.

— Onde você estava quando tudo isso aconteceu? — ela perguntou.

Iluminadas pela luz da varanda, moscas rabiscavam sombras contra a carcaça do veado. O pai de Edgar virou-se para olhar para ele também. Claude estava atrás, entre os dois, e a expressão resoluta em seu rosto abrandou-se. Os cantos de sua boca elevaram-se num sorriso.

Claude oferecia uma escolha de presente a Edgar. Ele entendeu isso. Toda a conversa de ter assustado Forte era apenas para deixar claros os termos do acordo. Ele propunha esquecer o desgarrado, deixar que ele viesse ou fosse embora. O preço era o silêncio. Edgar olhou a carcaça do veado e depois seus pais.

Eu estava dormindo na sala, sinalizou. Não vi nada.

SE ELE E CLAUDE FIZERAM um pacto naquela noite, continuou sendo um pacto silencioso. Claude nunca mais sugeriu que tentassem encontrar ou matar Forte e Edgar nunca contou ao pai a verdade sobre o veado. Quando era possível disfarçar, Edgar enchia tigela de metal com ração e colocava atrás da horta. De manhã, estava vazia, embora ele não soubesse dizer se tinha sido lambida pelo cachorro até ficar limpa ou saqueada pelos esquilos.

Uma noite, quando Edgar estava atravessando o gramado, naquele momento dilatado depois do pôr do sol em que o céu retém toda a luz, ele viu Forte vigiando do lado extremo do jardim e parou, esperando que o cachorro fosse finalmente trotar para o pátio. Em vez disso, ele recuou. Edgar voltou ao celeiro. Encheu a tigela metálica com ração e foi andando com cuidado pelas fileiras bem tratadas de ervilhas, milho, melão, até parar a um passo dele. Nem assim o cachorro avançou.

Foi Edgar quem deu o passo final, saiu da horta e entrou no mato que crescia junto à linha de árvores. Ali, Forte comeu a ração na mão de Edgar, tremendo. Depois, deixou que Edgar apoiasse a mão em seu ombro.

Assim começou um ritual que duraria todo aquele verão e entraria pelo outono. Podia se passar uma semana até que o desgarrado aparecesse outra vez. Edgar levava a comida e o cachorro comia enquanto o menino removia os carrapichos de sua pelagem. Sempre antes que Edgar terminasse, Forte começava a ofegar, depois virava, afastava-se e ia se deitar no limiar da floresta, onde as luzes da casa cintilavam em seus olhos. E se Edgar chegasse mais perto, o cachorro se levantava, virava e trotava para dentro da floresta sem parar para olhar para trás nem fazer nenhum som.

A Ninhada

NAQUELE DIA ELE ACORDOU COM O QUARTO VAZIO E UMA LEMBRANÇA distante de que Almondine tinha pulado da cama na luz cinzenta da manhã. Pensou em ir atrás dela, mas se deitou de novo, e quando abriu os olhos outra vez o sol estava brilhando e as cortinas infladas para dentro, deixando passar uma saraivada de marteladas, duplicadas por ecos: Claude trabalhava no teto do celeiro ao lado do campo. Edgar chutou as cobertas, vestiu-se e desceu a escada, tênis na mão. Almondine estava estendida em um trecho de sol que formava um paralelogramo na varanda. O pai e a mãe estavam na cozinha, trocando na mesa páginas do Mellen Weekly Record . As tarefas da manhã tinham sido cumpridas, e os dois cachorros do canil levados a casa no turno da noite estavam de volta a seus cercados.

Edgar comeu torrada na varanda, olhando para o campo. Almondine rolou de costas, espalhou-se como um crocodilo, e olhou o prato dele. Edgar olhou para ela e sorriu.

Pena, sinalizou, mastigando.

Almondine lambeu os beiços e engoliu em seco.

— Edgar, quando termina a escola? — perguntou o pai da cozinha.

Edgar inspecionou o naco que restava da torrada. Manteiga nos cantos, um monte de geleia de framboesa no meio. Ele mordiscou a casca e estalou os lábios. Almondine esticou as costas para olhar melhor. Por fim, ele estendeu a torrada, presa entre o polegar e o indicador para que os bigodes dela roçassem a palma de sua mão, um velho hábito. Ela se pôs de pé, farejou a oferta, fingindo não ter certeza se seria adequada a ela, depois pegou a torrada delicadamente com os dentinhos da frente.

Edgar entrou na cozinha e pôs o prato em cima da mesa. Sexta-feira é o último dia, sinalizou.

— Examinei Iris hoje de manhã. Os filhotes dela estão bem embaixo — disse seu pai.

Edgar olhou para o pai, que retribuiu o olhar com solenidade. Havia um problema? Era cedo demais para Iris dar à luz? Tentou lembrar se tinha escovado o pelo dela no dia anterior ou mesmo tocado nela.

— O que acha de ficar com essa ninhada para você?

Ele levou um segundo para registrar o que o pai dizia. Piscou os olhos e olhou para o celeiro. As linhas da parede vermelha pulsavam em ondas pelo vidro da janela da varanda.

— Você faz o parto. Eu vou estar junto, mas será sua responsabilidade. E você cuida dos filhotes — disse o pai. — Todos os dias. Se ficarem doentes, você trata deles, mesmo que prefira fazer outra coisa. E você cuida do treinamento, até a colocação, mesmo quando as aulas recomeçarem.

Edgar concordou, balançando a cabeça. Estava sorrindo como um bobo, mas não conseguia parar.

— Com minha ajuda — disse a mãe. — Se quiser.

Ela riu um pouco, tocou o braço dele e encostou-se na cadeira.

O pai estava com um jornal dobrado no colo. Os dois pareciam muito satisfeitos naquele momento, e ele entendeu que vinham discutindo aquilo havia muito tempo, observando-o, tentando avaliar qual ninhada seria melhor. Ele não tinha pedido nada. Normalmente, o pai supervisionava a fase de filhotinhos.

Quando os filhotes tinham idade suficiente, passavam aos cuidados da mãe. Enquanto ela os treinava, o pai arranjava colocação para eles. Edgar já tinha uma infinidade de tarefas no canil, que dividia com os dois. Ele alimentava e dava água aos cachorros, limpava os cercados e escovava os animais, sua especialidade. Ajudava a treiná-los também, fazendo os filhotinhos andarem para lá e para cá como malucos, conduzindo exercícios de olho no olho, inventando distrações quando a mãe queria testar os cachorros. Mas aquilo era diferente. Eles queriam que Edgar se encarregasse de uma ninhada toda, do nascimento até sua colocação, depois.

— Com um pouco de sorte, ela vai segurar os filhotes até o término das aulas — disse o pai. — Mas temos de ficar de olho. Nunca se sabe. — Pegou o jornal, dobrou ao meio, olhou por cima dele. — Você está com uma cara que parece que você é quem vai ter os filhotes — disse.

Então Edgar começou a rir. Almondine veio da varanda ver o que estava

acontecendo, abanando o rabo, as orelhas coladas na cabeça. Andou em volta da mesa, empurrando o focinho nas mãos deles.

Obrigado, Edgar sinalizou. Baixou as mãos, levantou de novo e baixou quando viu que não conseguia pensar em nada para dizer. Foi até a geladeira, encheu o copo de leite e bebeu com a porta aberta. Do fundo da geladeira, pegou um pacote de coalhos de leite, comeu um, escondeu o resto na palma da mão e saiu para um belo dia de verão.

A SALA DE PARTO, nos fundos do celeiro e fechada com tábuas grossas de madeira, era o lugar mais quente, mais escuro e mais sossegado do canil. A madeira das paredes recendia a parto: sangue, placenta, leite, suor. Os cercados tinham metade do tamanho dos outros, sem acesso externo, para que a temperatura se mantivesse constante.

O pai tinha de baixar a cabeça por causa da inclinação do teto. Lâmpadas lançavam uma luz pálida que fazia os olhos dos filhotes brilharem, e em cada cercado havia um termômetro daqueles antigos, um com uma garrafa de Pepsi no fundo, outro com um rótulo azul e branco de Valvoline, ambos marcados com uma espessa linha preta até os 25 graus. No corredor, um relógio de parede a bateria, com um ponteiro marcando os segundos, tiquetaqueava baixinho.

Uma cadela e sua ninhada de um mês ocupavam o primeiro cercado, os filhotinhos com idade suficiente para dar suas escapadas da caixa de crias. Caíam uns por cima dos outros, espremiam os focinhos pretos na tela de arame e mordiscavam os dedos de Edgar, depois, por nenhuma razão aparente, assustavam-se e saíam correndo.

No último cercado, Iris estava deitada quieta, ofegando, de costas para a caixa de crias no canto. Edgar se ajoelhou ao lado dela, enquanto ela lambia a parte de trás de seu pulso. Encostou uma mão no crepe quente da barriga dela e na outra apareceu o coalho de queijo. Iris pegou-o de sua mão com a língua. Ela farejou a própria barriga, onde ele havia tocado.

Você vai precisar trabalhar bastante logo logo, ele sinalizou. Sabe disso, não sabe?

Iris engoliu em seco e olhou para ele, os olhos úmidos na luz cavernosa. Ele enfiou a mão no bolso e tirou outro coalho.

EDGAR SONHOU QUE ESTAVA CORRENDO, os pés batiam no chão debaixo dele, a respiração ofegante. Sempre chegava tarde demais. Na terceira noite, acordou com um ataque de ansiedade e já estava na porta da cozinha para dar uma olhada em Iris quando concluiu que era má ideia. No café da manhã, descascou um ovo foi e com o pai para o celeiro. Ensaiou na cabeça o argumento para não ir à escola, mas antes mesmo de tocar Iris seu pai disse:

— Não vai ser hoje.

Edgar pôs-se de cócoras, afagou a cara dela, partiu o ovo em pedaços e deu a ela enquanto o pai tentava lhe explicar como poderia saber.

— Veja os olhos dela — disse. — Estão lacrimejando? Ela está andando em círculos? — Ele apalpou a curva da enorme barriga de Iris, as ancas, olhou as gengivas, tomou sua temperatura.

O pai sempre tinha uma explicação, mas a verdade, Edgar desconfiava, era que ele simplesmente sabia , e não sabia como sabia. Olharam o histórico dos partos de Iris; ela havia parido no sexagésimo segundo dia, na primeira ninhada de seis filhotes, e com sessenta e quatro dias na segunda, de cinco. Sexta-feira seria o sexagésimo segundo dia.

Quando terminaram, Edgar pôs uma coleira em Iris, prendeu uma guia e deixou-a andar por onde quisesse. Ela foi para o mato alto atrás do celeiro, depois para as macieiras Wolf River na parte alta do pomar. As patas traseiras escorregavam para os lados quando ela andava. Almondine aproximou-se, séria e respeitosa, e Iris parou para ser inspecionada.

Edgar pegou o ônibus da escola em desespero. Dez mil horas depois ele parou na frente da entrada de casa. Sentiu-se leve ao abrir a porta da sala de parto. Iris estava deitada, dormindo, solitária, enorme. Quando a sexta-feira passou, ele mal notou que as aulas tinham terminado. Era apenas mais um dia em que Iris, com toda a certeza, ia ter os filhotes enquanto ele estava longe.

NO SÁBADO DE MANHÃ QUANDO FOI OLHAR, a forragem da caixa de parto tinha sido raspada e empilhada. Em vez de estar estendida em sua habitual pose de gestante, Iris caminhava de um lado para outro, ofegante. Ela avançou com passo pesado. Uma vez lá fora, marchou para o campo de feno, na direção das aveleiras.

— Isso parece interessante — disse o pai, reticente, quando Edgar o encontrou na oficina. Foram até a enfermaria. Iris tinha se acomodado de volta na caixa de parto.

— Como vai, menina? Hoje é o grande dia?...

Ela olhou para trás e bateu o rabo contra as tábuas. O pai enfiou as mãos nos bolsos e encostou-se à parede, observando a cachorra.

— Não neste minuto — disse, depois de algum tempo — , mas vai ser hoje, em algum momento. De agora em diante, quero que você dê uma olhada nela a cada meia hora. Mas fique fora deste cercado. Só queremos saber se ela está dormindo, andando, ou o que quer que seja.

Eu fico e espero.

— Não. Não fique aqui mais que o necessário. Quando entrar, fique quieto e faça movimentos lentos. Ela está preocupada agora, pensando em como proteger os filhotes. Se a gente incomodar demais, ela pode entrar em pânico. Entendeu? Pode tentar comer os filhotes para garantir a segurança deles.

Tudo bem, ele sinalizou. Não era o que ele queria ouvir, embora entendesse o raciocínio.

— A próxima coisa a observar é se ela começa a se lamber ou a andar em círculos dentro da caixa de parto. Quando isso começar, vamos ter trabalho a fazer.

O TEMPO ENTÃO ENGROSSOU, feito cimento úmido. Ele desencavou da cômoda um relógio de bolso que tinha ganhado no Natal muitos anos antes, deu corda, acertou a hora e agitou para ter certeza de que estava funcionando.

Ele e Almondine desceram até o córrego, mas antes de chegarem à metade do caminho ele se virou e correu de volta, indo de encontro às samambaias. Chegaram cinco minutos antes da próxima checagem. Ele sentou com as costas apoiadas nas estreitas rodas dianteiras do trator, enquanto Almondine cochilava, irritantemente relaxada, na relva fresca.

Quando chegou a hora, ele encontrou Iris deitada em sua caixa, o focinho em cima das patas dianteiras dobradas; ela percebeu o olhar dele e levantou a cabeça. No outro cercado de parto, outra ninhada correu para a porta e tentou morder a ponteira de borracha de seu tênis quando ele encostou na tela de arame. Ele foi até a

casa, olhou o relógio, comparou com a hora do relógio da cozinha. Pegou o Novo dicionário enciclopédico Webster da língua inglesa e abriu ao acaso. Seus olhos saltaram pelas palavras. Intacto. Intalho. Intangível . Folheou uma porção de páginas. Perigoso. Perímetro. Perimísio . Ridículo, impossíveis para nomes de cachorros. Sentia cócegas nos dedos dos pés, os calcanhares batiam contra o soalho. Fechou o dicionário com um baque e se ajoelhou na frente da televisão, girando o botão de canais para Wausau, Eau Claire, Ashland.

O pai lhe atribuíra pequenas tarefas, inventando-as, pelo que Edgar desconfiava, mais por pena que por necessidade: empilhar jornais na porta do cercado, estender toalhas em cima dos jornais; endireitar a forração da cama de parto; lavar a tigela metálica da oficina, encher de água e pôr no fogão; colocar tesoura e pinças na panela e ferver a água; pôr um frasco de Fisohex em cima das toalhas; aprontar fio e iodo; arranjar uma guia curta.

Depois do jantar, passada a meia hora seguinte, ele pediu licença e foi para o celeiro. Elas parecem começar sempre na hora do jantar, o pai tinha dito. Os cachorros estavam todos de pé nos cercados, focinhos seguindo devagar seu avanço pelo corredor.

Bastou um olhar. Por medo de criar uma comoção, ele se esforçou para voltar caminhando por toda a extensão do celeiro, mas assim que o céu noturno se abriu sobre ele suas pernas assumiram o comando e Edgar correu para casa.

— LEMBRA DO QUE EU DISSE sobre ela ficar nervosa? Ela vai se acalmar se souber que nós estamos calmos, então mexa-se devagar. Ela tem experiência nisso. Nosso trabalho é observar e ajudar só um pouquinho. Só isso. Iris vai fazer o trabalho todo. Nós só vamos fazer companhia.

Edgar estava bamboleando atrás do pai, com uma bacia de água morna nos braços.

Tudo bem, sinalizou ele. Respirou fundo, expirou. O sol que se punha projetava a sombra do pai no caminho de entrada.

— Agora — disse Gar — vamos ver como ela está indo.

Iris estava de pé na caixa de parto, a cabeça abaixada, cavando freneticamente. Fez uma breve pausa quando eles entraram na sala de parto, olhou para eles, depois voltou a seu trabalho.

— Vá em frente — disse o pai, apontando a porta.

Edgar entrou no cercado, levando a panela, que colocou no canto. O pai lhe entregou os jornais, as toalhas e toda a parafernália que ele havia juntado durante a tarde. Iris parou de cavar e foi até a porta. O pai abaixou-se e afagou a cara e o peito dela; passou a ponta do dedo na linha de gengiva dela e pôs a mão na barriga inchada; a reação dela foi avançar, até uma das patas sair pela porta do cercado. O pai segurou os ombros dela e a empurrou delicadamente de volta. Fez Edgar fechar o trinco interno e Iris voltou para a caixa de parto, onde se deitou.

E agora?, sinalizou Edgar.

— Agora a gente espera.

Depois de uns vinte minutos Iris se levantou e começou a andar em círculos dentro da caixa de parto. Ganiu e ofegou, e sentou. Depois de alguns minutos, ficou em pé outra vez. Estremeceu, virou a cabeça bem para trás, olhando as ancas, e lambeu o quadril. Estremeceu de novo.

Ela não devia estar deitada?, sinalizou Edgar.

— Espere — disse o pai. — Ela está indo bem.

Iris abaixou até quase o piso, os quadris suspensos acima do forro da caixa de parto. Um espasmo sacudiu seu corpo. Ela ganiu baixinho, soltou um grunhido, depois levantou os quadris e virou-se para olhar atrás dela. Um filhotinho recém-nascido, escuro e brilhante dentro de seu saco embrionário, estava sobre as cobertas cinzentas.

— Lave as mãos — disse o pai. Ele tinha fechado os olhos e apoiado a cabeça contra a parede. — Use o Fisohex.

Quando Edgar esfregou as mãos dentro da água, ouviu um ganido na caixa de parto. Iris já tinha rasgado a membrana de nascimento e estava virando o filhotinho de costas. Lambeu a cabeça dele, depois a barriga e as patas traseiras. A pele brilhava e ele chutou com as patas de trás, ganiu de novo.

— Ela já cortou o cordão? — perguntou o pai.

Edgar balançou a cabeça positivamente.

— Molhe uma toalha pequena, pegue uma seca, e mais umas folhas de jornal. Ajoelhe do lado da caixa de parto. Devagar. Use a toalha molhada para limpar o filhote, bem perto de Iris, para que ela possa ver o que você está fazendo. Cuide

bem para que o focinho e a boca estejam limpos. Segure com a mão esquerda, pegue a toalha seca com a outra mão e enxugue o filhotinho. Pode esfregar um pouco. Vá em frente. Muito bom, enxugue o máximo que puder. Agora coloque o filhotinho na frente dela.

Edgar cumpriu cada passo da orientação. O pai estava encostado na parede, olhos fechados, a voz calma e controlada, como se descrevesse um sonho em que nasciam filhotinhos. Quando Edgar colocou o filhotinho na frente dela, Iris começou a lambê-lo de novo. Edgar respirou fundo e foi ouvindo a voz do pai, que o orientou a amarrar o cordão umbilical com o fio e esfregar de leve com iodo.

— Agora procure a placenta. Sabe o que é a placenta? Saiu inteira de dentro dela? Acompanhe o cordão umbilical para descobrir. Ponha-a dentro do jornal, enrole e deixe do lado da porta. Não faça movimentos rápidos. Agora volte para o filhote. Pegue com as duas mãos. Lembre-se de elogiar Iris quando você terminar, ela está indo muito bem. Muito delicada. Não se assuste se ela morder de leve sua mão. Isso só quer dizer que ela ainda não está pronta para deixar você pegar o filhotinho. Quando você estiver com ele na mão, ela o estará vigiando; tente não fazer nada longe do alcance dela, e nunca longe dos olhos dela. Examine bem. Parece normal? Olhe a cara dele. Tudo bem? Ótimo. Agora, deite o filhotinho de um jeito que a cabeça dele fique perto de uma teta de Iris. Ótimo. Fique olhando um pouco. Ele está pegando a teta? Ponha um pouco mais perto. E agora? Pegou a teta? Ótimo.

Iris estava deitada com o pescoço estendido nas cobertas, olhos semicerrados. A respiração em suspiros levantava seu peito. Edgar descobriu que podia ouvir o tênue sugar do filhotinho por cima da pulsação como um trovão em seu ouvido. Recuou até encostar na parede. Deu uma profunda e entrecortada respiração e olhou para o pai.

— Você esqueceu de elogiar — disse o pai, a voz tão baixa que Edgar mal escutou. Ele abriu os olhos e estava sorrindo. — Mas agora espere um pouco. Ela está querendo descansar.

OS FILHOTES FORAM CHEGANDO a intervalos de meia hora. Quando o terceiro estava mamando, o pai de Edgar pegou os jornais empilhados junto à porta e saiu da sala de parto. Voltou trazendo uma tigela de leite morno. Edgar ficou segurando enquanto Iris bebia, depois passou os dedos dentro da tigela, deixou que ela lambesse as últimas gotas e em seguida segurou a tigela de água para

ela. Ela virou-se para os filhotinhos, rolou-os e lambeu até eles chorarem e depois, satisfeita, baixou o focinho na coberta.

O quarto filhote parecia absolutamente normal, mas ficou pendurado na mão de Edgar quando ele o levantou. O pai aproximou o pequeno corpo desfalecido do ouvido e prendeu a respiração. Jogou o filhotinho alto no ar e o colocou depressa no chão, ouviu e fez de novo. Depois balançou a cabeça e pôs o natimorto de lado.

Eu fiz alguma coisa errada?, sinalizou Edgar.

— Não — disse o pai. — Às vezes, um filhote simplesmente não tem força para sobreviver ao parto. Não quer dizer que você fez algo errado e não quer dizer que há qualquer problema com o resto da ninhada. Mas agora seria um bom momento para dar uma volta com Iris. Ela vai relaxar para o restante do parto. — Edgar concordou com a cabeça, pegou a guia curta e delicadamente bateu na coxa para atrair Iris para fora da caixa de parto. Ela baixou a cabeça para os filhotes e, lambendo, empurrou-os para longe dela. Eles começaram a piar como pintinhos. Ela deixou que Edgar a levasse até o pátio. A noite estava sem nuvens e Almondine vigiava da varanda, ganindo baixinho.

Não ainda, ele sinalizou. Daqui a pouco.

Iris foi para o alto do pomar, urinou, depois puxou forte na direção do celeiro. Quando ele fechou a porta do celeiro e a faixa de luz amarela se estreitou em cima da floresta em frente, viu um rebrilhar de olhos, dois discos verde pálido que desapareceram e apareceram de novo. O Forte , ele pensou. Queria ter tempo para sair e verificar, mas em vez disso se virou e levou Iris para a sala de parto. A porta do celeiro ficou aberta. O pai tinha ido embora, com o natimorto. Iris se pôs em cima dos filhotes, lambendo-os metodicamente, depois se deitou e acomodou-os no círculo de suas patas.

Nessa noite, vieram mais quatro filhotes. Edgar lavou e inspecionou cada um, ofereceu água e comida para Iris, quando achou que ela aceitaria. O pai ficou sentado encostado à parede, os cotovelos nos joelhos, observando. Depois do oitavo filhote, o pai apalpou a barriga de Iris. Provavelmente, não havia mais nenhum, disse, mas eles deviam esperar. Edgar limpou o pelo das patas de Iris e toda a parte traseira, e secou-a com uma toalha limpa. Atraiu-a de novo para a noite cálida. Quando voltaram, Iris foi diretamente para a caixa de parto e puxou os filhotinhos para suas tetas, como tinha feito antes.

Ela é uma boa mãe, sinalizou Edgar.

— É, sim — disse o pai.

Ele levou Edgar para fora da sala de parto. A luz clara do canil projetava as olheiras do pai e Edgar se perguntou se ele também estaria parecendo tão cansado.

— Quero que passe a noite no celeiro, mas não chegue perto do cercado dela, a menos que ela tenha problemas. Mas primeiro quero que volte para casa e se limpe.

Entraram juntos na cozinha escura. O relógio da cozinha marcava duas e vinte e cinco da manhã. Almondine estava deitada junto à porta da varanda. Ela avançou sonolenta e farejou as pernas e as mãos de Edgar, depois apoiou-se em seu joelho. A mãe de Edgar apareceu na porta do quarto, vestindo um roupão.

— Então? — perguntou.

Três fêmeas, quatro machos, ele sinalizou. Ele fez o sinal de "lindo", um gesto amplo, em arco.

Ela sorriu, foi até a mesa e deu-lhe um abraço.

— Edgar — murmurou.

Ele preparou um sanduíche de presunto e contou tudo para ela. Uma parte das coisas já estava misturada em sua cabeça: não conseguia se lembrar se o natimorto tinha sido o quarto ou o quinto. Depois, de repente, não conseguia pensar em mais nada para dizer.

Posso voltar agora?

— Pode — disse ela. — Vá.

O pai dele se levantou, pôs a mão no ombro de Edgar e olhou para ele. Depois de algum tempo, Edgar ficou envergonhado e baixou os olhos.

Obrigado, sinalizou.

O pai levou a ponta dos dedos à boca e imobilizou o gesto. Soltou o ar e estendeu a mão para a frente.

De nada.

Almondine se espremeu pela porta da varanda e desceu a escada. Não havia nuvens para esconder as estrelas no alto nem a lua crescente reclinada no horizonte.

Quanto mais ele olhava, mais estrelas via. Eram sem fim. Pensou em Claude e em como ele tinha ficado fascinado com o céu na primeira noite de volta a casa.

Puxa , ele tinha dito. Como se uma pessoa pudesse cair dentro de alguma coisa tão grande.

No celeiro, ele parou para pegar uma toalha limpa da enfermaria e o Novo dicionário enciclopédico Webster da língua inglesa , em cima dos fichários, e foi para a sala de crias. Iris estava deitada de lado na caixa de parto, a respiração uniforme, os filhotinhos piando e grunhindo ao mamar.

Ele precisava de nomes agora, nomes especialmente bons. Esticou-se no chão do corredor, usando a toalha como travesseiro, e abriu o dicionário. Almondine farejou o ar e espiou dentro do cercado, o rabo abaixado. Iris abriu os olhos e levantou a cabeça. Então Almondine passou por cima de Edgar e se deitou ao lado dele. Ele a virou de lado e ela pateou no ar, soltou um pequeno suspiro e os dois olharam juntos pela tela de arame do cercado. A lateral da caixa de parto escondia os filhotes, mas quando Edgar fechou os olhos, continuava a vê-los mesmo assim, brilhantes meias-luas negras acomodadas contra a pelagem da barriga da mãe.

Essência

OUTUBRO. FOLHAS SECAS TAGARELAVAM DEBAIXO DAS MACIEIRAS. Por três noites seguidas flocos de neve perolados se materializaram em volta de Edgar e de Almondine enquanto iam do canil para casa. Almondine enfiava o focinho na fantasmagoria da própria respiração ao passo que Edgar observava um floco de neve se dissolver no ar, um e depois outro.

Os que conseguiam chegar ao chão tremulavam sobre as hastes da grama, depois se desmanchavam em gotas escuras. Na varanda, viraram para olhar as próprias pegadas, duas trilhas escuras atravessadas no gramado.

Os quatro ficaram jogando complexas partidas de baralho até tarde da noite. Edgar como parceiro da mãe — os dois gostavam de amarrar o jogo, fazer as coisas irem mais devagar, deixar subir a tensão com a altura da pilha de cartas rejeitadas. Logo se tinha uma ideia de quais cartas um jogador precisava e quais ele guardava. Às vezes, um era forçado a fazer uma escolha impossível. O pai revirava as cartas de valor menor, baixando jogo após jogo na mesa. Claude preferia segurar as cartas dela, abanando-as, recombinando, passeando o dedo por elas até que, sem avisar, completava duas ou três canastras e batia. Eles se provocavam ao jogar.

— Sua vez, Claude — dizia o pai de Edgar.

— Espere um pouco, estou planejando uma revolução.

— Ei, sem recadinhos.

— Não é recado. Estou tentando tirar meu parceiro de cima de mim.

— Bom, Edgar e eu não gostamos disso. Não dá nem para imaginar os sinais todos que vocês dois devem ter inventado.

— Tudo bem, vou jogar fora. Pode pegar.

— Ah. Você só tem lixo. Esta aqui é para meu querido marido. O pai de Edgar olhou o descarte e avaliou as cartas que tinha nas mãos.

— Nossa, Gar. Você joga como um fazendeiro.

— Qual é o problema? Devia me agradecer. A colheita também é sua.

— A propósito, quanto é que está o jogo?

— Três mil, duzentos e trinta a dois mil, oitocentos e sessenta. Vocês estão em segundo.

— É uma diferença de nada.

— Agora isso foi um recado, com certeza.

— Só estou falando a verdade. Toda vez que Edgar coça a orelha ele provavelmente está contando para você todas as cartas que tem na mão. Olhe essa cara de malandro. O que significa quando ele boceja? "Eu tenho valetes e vou baixar tudo na próxima mão?"

— Você é que pensa. Acho que estamos num beco sem saída.

— A culpa é de vocês, que trancam o jogo. Vamos lá, Edgar, o jogo é pra hoje?

Espere, ele sinalizou com uma só mão.

— Está vendo? Ora, o que ele quer dizer com isso? — Quer dizer que ele não sabe o que descartar.

Edgar pensou. Deu um tapa em sua coxa e Almondine saltou. Ele estendeu duas cartas para ela, viradas para baixo. Pode ser qualquer uma destas duas, sinalizou. Ela farejou uma, depois a outra. Pôs o nariz na primeira. Ele colocou um dez de copas na pilha de descartes.

— Bom, tudo bem. Agora é a cachorra que escolhe as cartas. Me lembre de baixar as minhas quando ela estiver atrás de mim. Passe a pipoca. Preciso pensar.

Mastigando uns caroços de milho, Claude olhou para o pai de Edgar do outro lado da mesa. Na parede, o telefone tocou baixinho, como o som de um besouro na vidraça.

— O que foi isso? — perguntou Claude.

— Ah, eu nem escuto mais. Quando converteram nossa linha, ela ficou tocando assim pela metade de vez em quando, mas quando a gente atendia só dava sinal de linha. Nós ligamos, eles disseram que estava consertado, mas aí toca assim de novo.

— Humm. Você nunca vai pôr um telefone no celeiro?

— Não. Pare de enrolar.

Claude contou as cartas.

— Ah, meu Deus, lá vamos nós — disse a mãe.

— No próximo jogo eu quero trocar de parceiro. Meu irmão está sem sorte. Ele só consegue sequências. Além disso, jogando com Edgar, eu levo dois por um.

— Não vai dar. Edgar e eu sempre somos parceiros. Mais um três preto? Quantos desses você tem?

— É isso que você vai descobrir. Todas as coisas boas vão para quem sabe esperar, e eu pretendo fazer você esperar. Edgar, escute o seu pobre tio Claude. Você pode conseguir tudo o que quiser neste mundo se estiver disposto a ir devagar. Lembre bem disso. Sábias palavras.

— Você acabou de se chamar de lento?

— Um tipo de lento esperto.

O pai de Edgar descartou uma dama de paus e olhou para o filho por cima dos óculos.

— Se você for o bom filho que eu criei, não vai pegar isso aí.

Edgar pegou duas cartas, nenhuma delas damas. Sorriu, tirou uma dama das cartas em sua mão e jogou-a fora. Claude apanhou todas as cartas na mesa, selecionou a que acabara de ser descartada e a incluiu na massa de cartas que ele trazia em leque na mão. Olhou para o pai de Edgar.

— Se eu sou tão lento, como é que eu podia saber que esta era sexta dama dessa pilha? É por isso que eu posso descartar essa linda senhora e partir o coração de Trudy.

Ele colocou outra dama em cima do lixo e sorriu.

A mãe de Edgar tirou um par de damas e pôs na mesa.

— Estou ferrado — disse Claude.

— Não usamos esse tipo de linguagem nesta casa — disse ela, brincando, enquanto arrastava o lixo.

— Foi por uma boa causa. Acho que posso esticar as pernas. Ela dividiu o lixo, fechou duas sequências e jogou uma série de cartas para Edgar.

— Parceiro, posso sair? — perguntou.

— Olha só. Sua própria mulher fazendo uma coisa dessas. — Pareceu mesmo desnecessário, não foi? — disse o pai de Edgar, mas estava sorrindo.

A mãe olhou de um para o outro.

— No amor e no baralho, vale tudo.

Claude contou as próprias cartas.

— Você estava segurando duzentos e vinte pontos? — perguntou o pai.

— É.

— Parece que não valeu a pena, não é?

— Jogue seu jogo de fazendeiro velho e deixe que eu me encarrego de mostrar algum estilo.

— Essa seria uma boa proposta, se você não fosse meu parceiro.

— Depois eu te dou a forra, irmão. Não foi sempre assim?

O pai não respondeu nada. Contou as cartas para pagar as de Claude, depois pegou um bloco de papel e anotou os resultados. O telefone zumbiu de novo. Claude balançou a cabeça, juntou as cartas e começou a embaralhar.

EDGAR LEVOU ALMONDINE até o canil. Aos quatro meses, os filhotinhos eram animais desajeitados, felizes, com pernas compridas demais e peitos estreitos. As orelhas caíam moles, a não ser quando olhavam intensamente para alguma coisa. Edgar levou quase duas semanas para escolher nomes no dicionário, experimentando e rejeitando possibilidades, indo dormir com os nomes na cabeça e, mesmo assim, na manhã seguinte à decisão acordou cheio de arrependimentos. Agora era como se os filhotes tivessem nascido com os nomes já dados e tudo o que ele fizera fora agitar um pouco até eles se revelarem.

baboo, babu , subst . Um título de respeito indiano usado para cavalheiro, equivalente a mestre, senhor. — babu . Inglês babu. O inglês incorreto falado em Bengala.

essay , v. tr. [Fr. Essayer . ASSAY.] Exercer os próprios poderes e recursos; fazer um esforço para realizar; tentar; experimentar; esforçar-se por fazer; fazer a experiência com. — subs. Esforço feito na realização de alguma coisa; tentativa,

experimento ou empenho; um teste, uma experiência; composição literária com a intenção de comprovar alguma posição específica ou ilustrar uma tese específica, sem a importância propriamente de um tratado; uma breve explanação sobre uma questão de gosto, filosofia ou vida cotidiana.

finch , subst. [Ang. sax. finc = Al. din. e sue. Fink , finke , gr. spiza.] Uma grande família (Fringillidae) de pequenos pássaros canoros, que compreende o tico-tico, o pardal e o pintassilgo, com um pequeno bico cônico adaptado para romper sementes.

pout , v. intr. [Do gaélico pwtiaw , empurrar, ou do fr. dialetal pout , potte , prov. pot , o lábio.] Projetar os lábios, como em mau humor, desprezo ou desgosto; portanto, parecer mal-humorado; inchar, como os lábios; ser proeminente.

opal , subst. [L. opalus , gr. opallios , uma opala; comp. sanscr. upala , uma pedra preciosa.] Uma pedra preciosa de diversas cores e variedades, a mais fina caracterizada por seus reflexos iridescentes à luz e que antigamente se acreditava possuir poderes mágicos.

tinder , subst. [Ang. sax. tynder , tender , de tyndan , tendan , acender (din. taende . al. züden) = sue. e b. al. tunder , isl. tundr , din. tonder , al. zunder , tinder .] Uma substância inflamável geralmente composta de tecido parcialmente queimado, usada para acender fogo com uma faísca de pederneira.

umbra , subst. [L., uma sombra.] A sombra total da Terra ou da Lua em um eclipse, ou o cone escuro projetado por um planeta ou satélite no lado oposto ao Sol, em oposição à penumbra ; a parte central, escura, de uma mancha solar cercada por uma porção anular mais brilhante.

Depois de decidir, ele voltou a cada verbete do Novo dicionário enciclopédico Webster da língua inglesa e anotou na margem, a lápis, o número do cachorro, número da ninhada e data de nascimento:

D 1114

L 171

3/06/72

As margens eram pequenas e cheias de anotações, e ele devia escrever com cuidado, de lado quando a palavra aparecia no meio das três colunas de definições. Ao terminar, guardou o dicionário de volta nos arquivos, ao lado do livro de registro das ninhadas.

Baboo era o maior da ninhada. Ele conseguia colocar as patas da frente nos ombros de Edgar e lamber seu rosto com facilidade. Essay, o selvagem, e o líder, gostava de pregar peças. Tinder pulava em cima de qualquer irmão que encontrasse dormindo, rosnando e provocando para uma luta; só Opal conseguiu encurralá-lo. Pout era pensativo, sóbrio e cauteloso. Finch, um tratado sobre a mais pura impulsividade. Umbra, preta da cabeça às patas, era uma vigilante, que se retirava para os cantos. Eram todos ferozmente indisciplinados e desatentos, mas de boa índole, e uma delícia de se olhar. E durante curtos espaços de tempo, pelo menos, eles se divertiam no treinamento.

JÁ FAZIA MUITO TEMPO QUE O TETO do celeiro estava pronto e uma nova ninhada nasceu e recebeu seus nomes. Como parte de seu trabalho de curandeiro do canil (conforme Trudy começou a chamá-lo), Claude assumiu os cuidados da ninhada mais recente. O pai de Edgar usou o tempo extra para arranjar colocação para os filhotes de um ano e planejar ninhadas, passando os dias ao telefone, escrevendo cartas e debruçando-se sobre os registros. Mas assim que esse arranjo se mostrou confortável, começaram a surgir discussões entre o pai e Claude.

— Não sou nenhuma porra de desgarrado que você atraiu — disse Claude durante um bate-boca particularmente cáustico sobre sua negligência com o horário dos filhotes.

— Claro que não — respondeu o pai de Edgar. — Você me conhece. Eu daria um tiro em você, se fosse.

Quando as coisas iam melhor entre eles, era por obra da mãe: ela caçoava das discussões dos dois, ria, ou se metia entre eles e fazia charme; quando uma discussão ameaçava desviar de acalorada para furiosa, ela punha a mão no pulso do pai de Edgar, ele olhava perplexo para ela, como se tivesse acabado de se lembrar de alguma coisa. Aí, seguiam-se dias de brincadeiras amistosas, visitas ao doutor Papineau, noites assistindo à televisão. Mas no momento em que entrava pela porta, Edgar sabia quando tinha havido outro incidente. Ele encontrava o pai à mesa da cozinha, ombros contraídos, carrancudo, trabalhando na papelada. Se um deles entrava na sala, o outro achava um jeito de sair, e a mãe de Edgar dava um suspiro de exasperação. E, no entanto, duas manhãs depois, eles estariam conversando de novo ao café da manhã, e ficava nisso.

Uma manhã, o pai dele anunciou que era melhor juntarem lenha, antes que uma nevasca cobrisse tudo. Era trabalho que faziam todo outono, cortando os

galhos de álamo e bétula que tinham acumulado durante a primavera ao longo da velha estrada de lenhadores que atravessava a floresta deles.

— Posso dirigir? Pediu Edgar.

Ele estava falando de Alice, o velho trator Allis-Chalmers C com os para-lamas curvos e a barra de tração em meia-lua. Em vez de selim como assento, Alice tinha um banco acolchoado plano no qual podiam sentar duas pessoas, embora o passageiro tivesse de passar o braço em volta do motorista e segurar-se numa das colunas. Ao longo dos anos, Edgar havia evoluído de pisar no acelerador para dirigir com a mão do pai conduzindo o volante, depois passou a mudar a marcha e, ultimamente, a usar a embreagem e o freio.

Ele encontrou o pai atrás do celeiro e foram juntos até Alice. Edgar acomodou-se atrás da direção, o pai levou a manivela para a frente do trator, encaixou-a na abertura abaixo da grade do radiador e girou. Houve um estalo abafado dentro do motor e um vômito da fumaça fuliginosa saiu pela chaminé, mas depois disso o motor permaneceu inerte. Ele tentou de novo. Depois foi até a casa de ordenha e voltou com uma lata de fluido de partida na mão, levantou uma tampa articulada dentro do carburador de Alice e despejou um longo jato em sua goela. Foi de novo para a frente do trator. Tocou a aba do boné, esfregou as mãos e girou a manivela. Houve um estampido de tiro e a manivela girou loucamente para trás.

— Ah! — disse ele. — Agora ela nos deu atenção. Force um pouco mais.

Edgar assentiu com a cabeça e acelerou. Dessa vez, Alice soltou um rugido, e da chaminé subiu uma nuvem negra de fumaça.

O dia estava quente. Um teto de nuvens cinzentas se estendia de horizonte a horizonte e a luz que emitia não fazia sombras no chão. Edgar deu ré no trator até a velha carreta de rodas de ferro estacionada na margem do campo ao sul. O pai colocou o engate no lugar, enfiou o pino na abertura e sentou-se ao lado dele no banco. Foram aos trancos até a frente do celeiro, onde Claude pôs a serra elétrica e a gasolina na carreta e subiu nela.

— Ôa! — gritou ele, e partiram.

No final da encosta atrás do celeiro o pai dele estendeu a mão e avançou a alavanca três pontos à frente. Edgar engoliu em seco, agarrou a direção e passaram ventando pelas marmotas da pilha de pedras, todas enfileiradas, as mãos em prece contra as barrigas gordas. O pai dele tirou o chapéu para cada animal.

— Minha senhora. Minha senhora. Madames.

Então Claude pegou na passagem um torrão de terra e jogou-o para cima, fazendo as senhoras se espalharem pelas frinchas das pedras.

Atravessaram o campo. Duas bétulas enormes marcavam a entrada da trilha de lenhadores no limiar da floresta. As folhas cobriam o solo com um lençol marrom e amarelo, e os troncos brancos eram enfeitados com tiras de papel pontilhado. Edgar diminuiu a velocidade, pronto para entregar a direção ao pai, mas o pai fez um gesto para Edgar continuar em frente. Claude ia pendurado atrás do banco e espiava a trilha. Quando percebeu o que vinha chegando, saltou da carreta e foi andando ao lado. Edgar diminuiu a marcha e guiou Alice em meio às poças de feno queimado pelo gelo sobre o caminho. Ele virou a carreta ao tentar dar ré até a primeira pilha de lenha cortada de mais de dois metros de altura. Depois, deixou morrer o motor ao tentar endireitar.

Você faz pegar, sinalizou Edgar.

— Tente outra vez — disse o pai. Ele foi até a frente de Alice e com a manivela fez girar o motor de novo. Edgar engatou ré e, suando, ouviu as instruções que o pai e o tio gritavam.

— Esquerda. Vá para a esquerda e endireite.

— Esquerda não, direita.

— Esquerda dele, não minha.

— Aí já dá. Pare. Pare aí.

— Tudo bem, um pouco mais. Pare. Mais um pouco. Pare. Ótimo.

Edgar girou a chave para desligar o motor e saltou. Claude pegou a serra elétrica e a lata vermelha de gasolina na carreta. Começaram a desmanchar a pilha. Um trabalho monótono mas agradável. Edgar ergueu um tronco, Claude cortou um pedaço do tamanho próprio para lareira e Edgar levantou o tronco de novo. A serragem adoçava o ar. Divagando, Edgar olhou em volta e se perguntou se Schultz teria cortado lenha naquela parte da floresta e qual parte da casa ou do celeiro teria sido construída com ela. Quando a lenha cortada se acumulava, Claude parava com a serra em ponto morto enquanto Edgar e o pai jogavam os pedaços na carreta.

Estavam na metade da primeira pilha quando começou a cair uma chuva leve, pouco mais que cócegas na nuca deles. Como não aumentou, o pai dele gritou para

Claude. Este levantou os olhos e voltou a cortar enquanto Edgar empurrava o tronco. Quando ele parou de novo, o ar estava cheio de uma névoa fina e fria, cortada por gotas de condensação que caíam dos ramos mais altos.

— Vamos carregar e voltar — disse o pai de Edgar. Ele começou a jogar pedaços cortados dentro da carreta, fazendo-os rolar e bater com ruído. Edgar e Claude juntaram-se a ele, mas quando terminaram Claude olhou para o céu entre o alto das árvores e enxugou o rosto na manga da camisa.

— O tempo está abrindo — disse. — Não precisamos parar.

E de repente o clima leve que os levara a brincar e acenar para as marmotas desapareceu. O pai de Edgar projetou o queixo para a frente. Quando voltou a falar, foi como se a discussão já tivesse acontecido, com posições inapeláveis e um impasse definitivo, tudo em alguma esfera invisível para Edgar.

— Essa madeira está molhada e escorregadia — disse o pai. — A serra também. Podemos voltar amanhã quando tudo estiver seco e não nos preocuparmos se alguém se machucar.

Durante um momento os três olharam a madeira empilhada, brilhando úmida. Claude deu de ombros.

— Como quiser — disse. Encostou a serra elétrica num tronco e puxou a cordinha de partida. O motor tossiu um pouco e pegou.

O pai gritou alguma coisa para Claude, que fez O quê? , com a boca e acelerou a serra até ser impossível ouvir a resposta. Então gritou O quê? de novo. Quando o pai mordeu a isca, Claude apertou o botão até a serra elétrica uivar em suas mãos. O pai ficou lívido de raiva. Um sorriso se abriu no rosto de Claude, ele se virou e baixou a serra num tronco. Uma chuva de lascas de madeira molhada salpicou o chão.

O pai foi até Edgar e pôs as mãos em concha junto ao ouvido dele.

— Suba no trator.

Edgar foi para o banco do trator e ligou a chave da ignição. O pai engatou a marcha, subiu no banco ao lado do motorista, acelerou o motor e foram sacudindo pela floresta, os troncos trepidando e voando para fora da carreta. Em casa, empilharam a lenha no canto interno da varanda, enquanto o gemido da serra elétrica perfurava a garoa, reduzido a um zumbido de inseto pela distância. Quando terminaram, Edgar estacionou Alice ao lado do celeiro. Almondine o saudou na

porta e acompanhou-o escada acima. Ele ouviu a mãe e o pai conversando enquanto tirava a roupa molhada.

— O que é que tem ele querer cortar lenha na chuva? — disse ela. — Deixe.

— E se ele corta a perna com a serra elétrica? E se a serra enferruja durante o inverno por causa da chuva?

— Gar, você tem razão. Mas não pode ficar pegando no pé dele. Ele é um homem adulto.

— Essa é a questão. Ele não é um homem adulto. Não tem mais juízo do que tinha vinte anos atrás! Mete umas coisas na cabeça e eu posso dizer o que quiser que ele faz o contrário.

— Ele já é adulto — repetiu a mãe. — Você não pode decidir por ele. Não podia no passado e não pode agora.

Passos e o clique da tampa do café. Quando Edgar e Almondine entraram na cozinha, a mãe de Edgar estava parada atrás do pai, com os braços cruzados no pescoço dele. O pai bebeu o café, entregou a xícara para a mãe dele e olhou a floresta pela janela.

— Você não viu ele lá, acelerando a serra toda vez que eu tentava explicar. Foi infantil — disse. — Foi perigoso.

A mãe de Edgar não respondeu. Esfregou os ombros do pai e disse que precisavam de algumas coisas da loja. Quando voltaram, Claude já tinha trazido tudo da floresta, limpado e lubrificado a serra e estava dormindo em seu quarto.

UMA SEMANA ANTES DO DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS Claude foi de caminhonete até a cidade. Quando voltou, tarde da noite, nem a rajada de vento frio que entrou atrás dele conseguia disfarçar o cheiro de fumaça de cigarro e cerveja. Ele jogou um saco de mercearia em cima da mesa e olhou para o pai de Edgar.

— Ah, nossa, Vossa Eminência está muito incomodado. — Marchou, bêbado para a sala de estar, depois voltou. — Olha as suas obras, ó poderoso, e desespera-te! — gritou com voz tonitruante, braços abertos, curvando-se até quase cair.

Quando os dias estavam quentes, Edgar ficava longe de casa, percorrendo a floresta com Almondine em busca de cogumelos e sagitárias. Procurando também

sinais de Forte, que não aparecia desde o final de setembro. Um dia, encontrariam seus ossos, pensou, triste. Foram até a pedra da baleia, sentaram na beira da península da floresta e ficaram olhando a fumaça que saía se enroscando da chaminé. Almondine caiu numa espécie de sonolência. Folhas marrons caíam das árvores e seu pelo estremecia quando aterrissavam em cima dela. Depois do jantar, ele escapou de praticar o fica com Tinder, que só queria pular e correr.

Trancou por dentro a porta do celeiro e deixou os filhotinhos correrem livres pelo corredor do canil enquanto ele ficava sentado num fardo de feno. Baboo sentou-se com ele. Essay começou a arrumar confusão imediatamente. Eles rolaram pelo chão e lutaram boxe de patas com Almondine, que os examinou e dispensou. Ele pegou meia dúzia de bolas de tênis na oficina e atirou-as contra as portas até o corredor se tornar uma massa de animais barulhentos em movimento. Quando se cansaram, levou-os até o depósito e leu para eles, sinalizando debaixo do sol amarelo das lâmpadas das vigas.

NESSE OUTONO, EDGAR OUVIU falar pela primeira vez da Colônia Starchild e de Alexandra Honeywell, cujo cabelo liso e comprido era realmente cor de mel. O noticiário da televisão contou a história da comunidade, localizada no lado canadense do lago Superior, perto de Thunder Bay. Os repórteres estavam ao lado de Alexandra Honeywell, nos arredores de uma clareira da floresta, uma casa enquadrada atrás deles, as folhas de outono amarelo brilhante. Às vezes ela respondia diretamente às perguntas do repórter, às vezes olhava para a câmera e exortava as pessoas a irem até lá ajudar.

— Este é um lugar de paz! Venha para Starchild! Precisamos de gente capacitada; gente que tenha vontade de trabalhar! Não importa se você é estudante, músico ou soldado. Deixe tudo para trás! Precisamos de mãos fortes e corações valentes!

Alexandra Honeywell era linda. Edgar sabia que era por isso que aparecia tantas vezes na televisão. Se estava em seu quarto e ouvia uma chamada sobre Starchild, ele descia, sentava na sala e ficava olhando para ela enquanto os pais trocavam olhares. Claude soltava um assobio baixo quando a via.

O DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS veio e passou. Edgar acordou uma noite com o som de um estampido, embora ao afastar o cobertor tivesse entendido que

havia sido a porta da varanda batendo. Almondine levantou-se do lugar junto à porta e os dois olharam pela janela. A luz da varanda estava acesa. O chão estava coberto com uma camada fina de neve e o vento soprava flocos de neve cinzentos contra o vidro. Na parte de baixo da escada da varanda ele viu seu pai e Claude. Estavam se agarrando pelo pescoço, as sombras negras e compridas projetadas para o campo. Claude segurava o punho fechado do pai, como se tentasse forçá-lo a se abrir. Os dois gemiam e se empurravam sem palavras, um colocando o peso sobre o outro e tremendo pelo esforço enquanto a neve se acumulava em seus ombros e cabelos.

Soltaram-se e se afastaram, o hálito cinzento no ar frio. O pai de Edgar levantou a mão e apontou para Claude, mas antes que pudesse falar Claude pulou em cima dele e os dois rolaram no chão. Os óculos do pai de Edgar cintilaram no ar. Ele baixou as mãos atrás de Claude e bateu forte do lado de sua cabeça. Claude soltou. O pai de Edgar se pôs de pé. Claude cambaleou atrás dele, mas escorregou e caiu pesadamente. Antes que pudesse se levantar, o pai de Edgar estava ali, o pé erguido para trás. Claude cruzou os braços sobre o rosto convulsivamente e um grito encheu o pátio.

Durante algum tempo, os dois homens ficaram absolutamente imóveis, e a própria neve caindo congelou no ar. Então, o pai de Edgar respirou. Ele baixou o pé. Com um gesto de desprezo, jogou na neve o que tinha na mão. As chaves da caminhonete. Depois virou-se e entrou em casa, e a luz da varanda se apagou.

Edgar e Almondine ofegavam em uníssono, seus hálitos congelando na janela. Almondine rosnava baixo, no peito, mas Edgar só então ouviu e estendeu a mão para afagar seu pescoço. Limpou um espaço no vidro embaçado. Claude se pôs de pé cambaleante e abaixou-se para pegar as chaves. A luzinha da cabine brilhou, tênue, sobre ele quando abriu a porta da caminhonete, entrou e bateu a porta. O motor rosnou. As luzes traseiras piscaram e piscaram, como se ele estivesse pisando no freio. A caminhonete estava envolta nas volutas de fumaça do escapamento. Por fim, rodou na direção do celeiro e deu ré.

Os faróis varreram o pátio onde o pai de Edgar e Claude tinham brigado, a luta deles desenhada na neve, que brilhava branca, depois vermelha, depois negra de novo, quando a caminhonete passou ruidosamente pela casa e sumiu na Town Line Road.

Um Tênue Suspiro

ELE SE AJOELHOU JUNTO À JANELA E DEIXOU AS IMAGENS SE REPETIREM. A neve delimitada pela luz do pátio e a sombra negra da casa sobre a neve, ininterrupta, a não ser por um único retângulo inclinado brilhando no centro. A luz da janela da cozinha. Flocos de neve eram capturados ali, caindo como cinza em seu caminho até o chão. Pelo registro da caldeira soava a voz do pai, minúscula e interrompida. Edgar foi até a cama e bateu no colchão chamando Almondine, mas ela ficou deitada na porta e não veio. Por fim, ele arrastou o cobertor até ela e aconchegou-se no chão de ardósia. Ela rolou de lado e pousou as patas esticadas sobre ele.

Então, todas as vozes silenciaram. A luz do fim da escada se apagou. Ficaram deitados juntos no chão, que cheirava a poeira, ouvindo as madeiras da casa estalar e gemer. Uma luz sem forma infiltrou-se quando Edgar fechou os olhos. Depois, estava acordado. Pôs a mão debaixo da barriga de Almondine e ela se levantou, esticou as pernas da frente e curvou a coluna até deixar escapar um alto ganido, e desceram a escada, tateando o caminho no escuro. Na sala de estar, o minúsculo abajur de vela iluminava apenas o bastante para se divisarem as cadeiras.

Ele achou que encontraria a cozinha como um campo de batalha, mas a mesa estava em seu lugar, as cadeiras embaixo dela. Tudo sombra e silhueta. Ele foi até a mesa e tocou as cadeiras, uma por uma, pontos de uma bússola. O compressor do freezer fez um tique, ligou e murmurou uma baixa pulsação elétrica; o aquecedor soprou ar quente em seus pés calçados de meias quando passou pelo registro. Uma conta prateada de água floresceu na boca da torneira e caiu no vazio. Ele girou as torneiras.

A mãe sussurrou para ele da porta do quarto.

— Edgar, o que está procurando?

Ele se virou e sinalizou, mas no escuro ela não conseguiu entender. Ele foi para a sala e parou ao lado do abajur de vela, ela seguindo atrás, apertando o cinto do penhoar. Sentou-se na beira da poltrona e olhou para ele. Almondine ficou ao lado dela até a mãe dele passar a mão por seus flancos, depois deitou-se entre os

dois, no chão. A sombra deles se movia enorme nas paredes e janelas da sala enquanto sinalizavam.

— Está tudo bem?

Ele está com um corte no lábio. Perdeu os óculos. Está envergonhado.

— O que aconteceu?

— É... — Ela pensou um momento, e começou de novo. — É difícil dizer.

— Ele vai voltar?

Ela negou com a cabeça. — Claro que não. Não depois do que aconteceu.

— E a caminhonete?

— Não sei.

Edgar se pôs de pé e apontou para a porta.

— Eu vi onde os óculos caíram. Estava indo buscar. — Ainda vai saber de manhã?

— Acho que sim.

— Então espere até amanhã. Ele vai acordar se ouvir a porta abrir.

Tudo bem.

Edgar levantou-se e foi para a escada.

— Edgar? — sussurrou a mãe.

Ele olhou para ela.

— Essa história entre seu pai e Claude. É antiga, desde que eram crianças. Acho que nem eles entendem mais. Eu sei que não. O que se deve lembrar é que acabou. Nós tentamos ajudar Claude e não deu certo.

Ele concordou com a cabeça.

— E Edgar...

Ele se virou para olhar para ela.

— O quê?

— Acho que seu pai não vai querer responder uma porção de perguntas sobre o que aconteceu.

Ela sorriu um pouco e isso o fez sorrir. Ele sentiu uma indizível ternura pelo pai, falando dele no escuro daquele jeito. Um riso nasceu dentro de Edgar, como um soluço. Balançou a cabeça, bateu na perna e subiu a escada com Almondine, o andar de cima outra vez só dos dois. E nessa noite sonhou com um mundo todo misturado, cor e som sem substância, e no sonho tudo se encaixava perfeitamente, peças de um mosaico interligadas numa dança bela, imponente.

O DOUTOR PAPINEAU LEVOU a caminhonete de volta para a casa deles no dia seguinte. O pai de Edgar embalou as coisas de Claude na caminhonete, não muito mais que a mala com que ele havia chegado: uma caixa de revistas, as camisas e calças, um par de botas de trabalho e uma japona marinho bem usada. Com o passar do tempo, ficaram sabendo que Claude tinha arrumado trabalho de meio período na serraria de compensado e biscates para complementar. Na verdade, ele trabalhava para o doutor Papineau. Em seguida, colocaram a cama de dobrar na caminhonete, com a mesinha e o abajur, e foram para a cidade.

NAQUELE ANO, A NEVE NÃO CAIU antes de dezembro, mas, quando veio, parecia nunca mais parar. Edgar e o pai removiam a neve da entrada com pás enquanto os flocos cobriam seus capuzes. O pai de Edgar sabia o truque de remover a neve sem pegar o cascalho.

— Deixe um pouco na entrada, certo? — disse, lembrando a Edgar como as pedras que caíam no gramado voavam feito balas na primeira vez que passavam o cortador de grama.

Edgar levava a ninhada para a neve em duplas ou trios, Tinder, Essay e Finch, depois Pout e Baboo, depois Umbra e Opal. Eles saíam em perseguição, escorregavam nas patas dianteiras, andavam para trás, pedalavam de ré, corriam com os focinhos no chão, traçando linhas tênues no pó, só paravam para espirrar. Aquela primeira neve não se tornava compacta. Quando Edgar conseguia juntar um pouco, formando uma bola, ele jogava em Tinder. Ela se desintegrava na boca do cachorro, ele lambia os beiços e procurava a bola no chão.

No sábado antes do Natal, planejaram ir fazer compras em Ashland, mas estava nevando tanto que a mãe achou que não conseguiriam voltar. Ficaram em casa e viram os astronautas andando de buggy na lua. O pai disse que parecia que eles estavam se preparando para plantar milho. E toda semana havia uma notícia

sobre Alexandra Honeywell e a Colônia Starchild. Estava frio; as pessoas estavam indo embora, ela admitia, mas as inspiradas ocupariam o lugar delas. Ela ficava parada na neve lendo poesia para câmera e falava sobre os viajantes. Muitas vezes, essas notícias vinham depois da previsão do tempo. Ele sempre estava na sala quando a previsão do tempo era anunciada.

NA NOITE DE ANO-NOVO, a mãe de Edgar assou um pato. Perto da meia-noite, eles serviram três taças de champanhe e brindaram. A televisão fez a contagem à meia-noite, e quando começaram a tocar Auld Lang Syne , a valsa da despedida, a mãe de Edgar deu um pulo, estendeu a mão e tirou-o para dançar.

Eu não sei, ele sinalizou.

— Então está na hora de aprender — disse, puxando-o do sofá. Embora estivessem em casa, ela usava um vestido preto e branco com sapatos pretos de correia atrás e meias de náilon. Ela mostrou a ele como pôr o braço na cintura dela e estender a mão para que ela pusesse a sua na dele. — É assim que as meninas vão olhar para você quando for dançar com elas — disse, e ficou olhando em seus olhos até ele ficar vermelho.

Edgar não sabia mexer os pés. Não conseguia nem explicar o problema, uma vez que ela estava segurando suas mãos, mas mesmo assim ela sabia.

— Assim, como numa caixa — disse ela. Parou, fez o filho estender as mãos com as palmas voltadas para baixo e moveu as mãos dele para mostrar como devia fazer com os pés. Depois, parou na frente dele de novo. A sala estava escura, as luzes da árvore de Natal piscavam nas janelas. Quando ela apoiou a cabeça no ombro dele, o ar ficou quente. O gosto doce do champanhe na boca de Edgar misturou-se ao perfume da mãe e no mesmo instante ele entendeu que aquela sensação permaneceria com ele pelo resto da vida.

Quando a música terminou, a mãe sussurrou: — Feliz Ano-novo.

O pai estava encostado na porta da cozinha. Quando a orquestra começou outra vez, ele se aproximou e disse:

— Com licença, posso roubar a dama?

A mãe deslizou dos braços de Edgar para os do pai. Edgar ficou olhando os dois dançarem, a música ressoando pela casa. Então, abriu a geladeira, pegou um pacote de coalhos de queijo, calçou os sapatos e um casaco. Tentou dizer a eles

aonde estava indo. Embora música tivesse acabado, os dois continuavam ali, dançando, suas silhuetas contra as luzes da árvore de Natal.

Ele e Almondine correram pela noite negra e intensamente fria. No celeiro, acenderam as luzes e puseram Patti Page cantando A Valsa de Tennessee no velho toca-discos. Ele então deu os pedaços de queijo aos cachorros, até para os filhotes, sinalizando feliz Ano-novo para cada um.

EM JANEIRO, O DEGELO. A cinza que espalhavam na entrada derretia a neve em poças cinzentas, confeitadas de gelo de manhã. Sentado na sala de estar de casaco e botas, ele esperava o ônibus escolar passar como uma lagarta amarela entre as árvores nuas. Nas tardes, o sol durava apenas o suficiente para ele sair com a ninhada para o pátio antes do jantar para testá-los nos comandos de aqui e fica na neve. Eles aprendiam depressa agora. Ele levou três de uma vez até as bétulas do campo ao sul, depois correu até o quintal e liberou-os com um gesto amplo que podiam ver contra o céu. Eles saíram correndo pelo campo como um trio de lobos, os corpos esticados sobre os montes de neve acumulados pelo vento.

Ele estava melhorando, sim. Com um cachorro de cada vez podia fazer correções com a guia tão bem quanto a mãe, surpreendendo-os em meio ao primeiro passo de desobediência a um comando de fica , quando eles mal haviam decidido transgredi-lo; quando ele fazia direito, os cachorros voltavam atrás antes mesmo de levantar as ancas do chão. Mas para ele não era fácil como ela fazia parecer. Exigia absolutamente toda a concentração. Ele aprendeu a dar um puxão em uma coleira de corrente presa nas ancas deles caso não atendessem os chamados, embora a precisão fosse um problema. Além disso, ele movia tanto os braços que eles previam o que ia acontecer. Treinou com um feixe de feno. A mãe conseguia girar o pulso e pegar um cachorro escapando do outro lado do depósito. Quando ele estava desprevenido, ela jogou uma coleira de correntes no traseiro dele. O choque daquilo, o tilintar e o impacto fizeram Edgar dar um pulo.

— É assim — disse ela, sorrindo. — Funciona bem, não funciona?

E o tempo todo os cachorros iam ficando mais espertos, aprendiam os castigos e achavam um jeito de levar a melhor. Logo completariam sete meses, a pelagem estava lisa e mais espessa por causa do inverno. Já estavam do tamanho que iam ficar, mas o pai disse que o peito deles só encorparia no verão.

Quando fazia as visitas, o doutor Papineau não conseguia distinguir um do

outro, mas para Edgar eles eram tão diferentes que mal conseguia acreditar que tinham nascido na mesma ninhada. Conseguia distingui-los apenas pelo movimento, pelo som de seus passos. Essay sempre forçava para ver até onde conseguia ir, e esperava até ele desviar os olhos para sair correndo. Tinder, o mais violento, desobedecia o comando fica só porque um dos irmãos tinha olhado para ele com um certo brilho nos olhos. Baboo era o contrário: uma vez no fica , permanecia sentado para sempre. Compensava a lentidão em sair com seu gosto por buscar coisas. Ele trotava de volta para Edgar vez após vez com o objeto na boca, sacudindo o traseiro enquanto abanava com doçura a cauda.

Eram, cada um deles, brilhantes, frustrantes, teimosos, petulantes. E Edgar era capaz de ficar olhando para eles se movimentando, só se movimentando, o dia inteiro.

GRÃOS DE GELO, SECOS E BRANCOS, estavam caindo das nuvens baixas e aveludadas. O vento juntava os grãos e soprava pelo pátio como uma onda. Quando Edgar abriu a porta do celeiro, um redemoinho de neve dançou pelo chão de cimento e dispersou-se aos pés de Almondine. O pai dele estava ajoelhado no cercado de cria mais distante, onde um filhote se remexia e choramingava no prato metálico da balança, as orelhas dobradas como as de uma lontra. Enquanto Edgar olhava, o pai aninhou o filhote na mão e devolveu-o para a mãe.

— Gigantes — disse, anotando numa ficha. — E geniosos. Ainda nem abriram os olhos e já estão se empurrando. Você agradeça por não ter ficado com esta ninhada.

Vou levar a minha para cima, Edgar sinalizou.

O pai concordou com a cabeça e voltou para o filhote.

— Quero limpar aqueles baldes da oficina antes de sua mãe voltar da cidade. Quando terminar, me procure, certo?

Tudo bem, ele sinalizou. Sabia de que baldes o pai estava falando: uma fileira inteira deles debaixo da escada da oficina, todos de tamanhos diferentes, alguns nem baldes eram, mas apenas velhas latas de leite de quase quarenta litros cheias até a borda de sucata, pregos velhos, dobradiças, parafusos, porcas. Fazia muito tempo que o pai estava ameaçando arrumar aquilo ou jogar tudo dentro do silo.

Edgar tirou Finch e Essay dos cercados para treinarem deitar a longa distância. Os cachorros correram para a oficina e subiram a escada, rolando e rosnando na palha enquanto ele e Almondine subiam. No depósito, ele podia ver o

próprio hálito no ar. Fechou a porta do vestíbulo. Almondine, sem nenhuma tarefa de treinamento imediata, encontrou um canto confortável de onde assistir. Edgar pôs um cachorro na posição fica e deixou que descansasse enquanto prendia uma longa corrente na coleira do outro e o colocava na posição fica em pé . A cada ensaio, ele levantava a mão acima da cabeça para sinalizar um senta , recompensando-os com um afago no pescoço ou corrigindo com uma puxada firme da corrente, que ele havia passado por uma argola no chão para conduzir a força para baixo e não para a frente. Assim que eles dominavam uma distância, ele recuava mais um passo.

Essay entendeu o exercício imediatamente e como escapar dele. Ela esperava Edgar vir andando em sua direção (quando ficava mais difícil aplicar o corretivo) e levantava antes de ele autorizar, resfolegando toda alegre. Ou então deitava, mas imediatamente rolava. Duas vezes, enquanto ela deveria estar esperando a vez, ele a descobriu fuçando os fardos de feno, pensando em subir neles. Finch, por outro lado, nunca tirava os olhos de Edgar. O problema era que ele simplesmente ficava lá parado, olhando, quando Edgar sinalizava o senta . Depois de Edgar repetir o comando três vezes, Finch começou a parecer preocupado. Edgar ralhou consigo mesmo por repetir o comando e avançou, mas a visão de Edgar se aproximando atingiu Finch como um raio de inspiração, e o cachorro deslizou para o chão.

Para descansar, Edgar jogou bolas de tênis e lançou tampas de latas de café nos cantos mais distantes do depósito para os cachorros pegarem. O contato das patas no piso do depósito provocou nos cachorros do canil abaixo um coro de latidos abafados. Ele havia começado a treinar Essay e Finch para segurar os objetos recolhidos, simplesmente mantê-los na boca por um ou dois segundos, quando notou que os cachorros do canil continuavam latindo. Estranho, uma vez que os dois cachorros estavam sentados, quietos. Edgar abriu a porta do vestíbulo e ouviu, depois começou a descer a escada. Finch e Essay, as unhas tiquetaqueando nos degraus de madeira, passaram correndo por ele.

Preciso trabalhar isso, pensou ele.

Estava quase no último degrau quando viu o pai, caído e imóvel no chão perto da entrada da oficina. Estava com o casaco de inverno, como se fosse sair. E caído de bruços.

Durante um momento, Edgar ficou paralisado. Depois desceu correndo a escada e ajoelhou-se ao lado do pai enquanto Essay e Finch pulavam e mergulhavam em volta deles. Ele sacudiu o pai, enfiou os dedos no tecido pesado do casaco e

virou-o de costas, examinando seu rosto.

O que aconteceu? O que aconteceu?

Atrás das lentes dos óculos, o pai piscou. Os olhos dele acompanhavam as mãos de Edgar muito vagarosamente. Ele fez um esforço para levantar a cabeça, não conseguindo erguê-la mais que dois centímetros do chão. Parou e tomou fôlego. Edgar deslizou a mão por baixo da cabeça do pai antes que ela caísse de volta no piso de cimento.

E então ficou desesperado. Retirou a mão com a maior delicadeza possível e examinou seus dedos em busca de sangue, mas não havia. Arrancou o suéter e o embolou debaixo da cabeça do pai.

A boca do pai estava aberta.

Está me vendo?, sinalizou. Baixou depressa o zíper do casaco do pai e olhou a camisa xadrez por baixo. Tateou do pescoço até o cinto. Nenhum sangue, nenhum ferimento.

O que aconteceu? Você caiu? Está me vendo?

O pai não respondeu. Nem retribuiu o olhar.

Então, Edgar saiu correndo pelo frio, a casa sacudindo diante de seus olhos. Punhados de neve rodopiavam em volta dos degraus da varanda. Ele entrou voando na cozinha e arrancou o telefone do gancho. Parou um momento, sem saber direito o que fazer. Girou o zero do disco e esperou. Almondine estava na cozinha com ele: não conseguia se lembrar dela correndo a seu lado para casa, nem a viu descendo do depósito.

Depois do segundo toque uma voz de mulher soou na linha.

— Telefonista.

Ele já estava tentando formar as palavras. Mexeu os lábios. Um suspiro saiu dele, tênue e seco.

— Aqui é a telefonista. Posso ajudar?

O coração estava disparado no peito. Tentou forçar um som com a boca, mas havia apenas o raspar do ar exalado. Ele afastou a mão bem longe e bateu no peito com toda a força de que era capaz, pronunciando as palavras.

— É uma emergência? — a telefonista perguntou.

Ele bateu no peito outra vez. Outra vez. Cada golpe arrancava uma única nota do corpo.

— A-n-a-a-a.

— Pode me dizer onde está? — a telefonista perguntou.

Almondine recuou um passo e começou um latido profundo e cavernoso, sacudindo o rabo de um lado para outro, indo e voltando até a porta.

— Não consigo entender. Pode me dizer onde está?

Ele estava ofegante. Bateu o fone no suporte até despedaçá-lo e o deixou ali pendurado. Saiu correndo pela porta, pelo caminho de entrada, até a estrada, esperando ver a mãe chegar com a caminhonete, ou algum carro passar, qualquer carro. Almondine estava a seu lado agora. A floresta estava invisível na neve que caía, as macieiras brancas.

Qualquer coisa próximo de cem metros se desmanchava num vazio indefinido, tão branco que doía olhar. Um carro não haveria de passar numa tempestade daquelas. Quando olhou de volta para o celeiro, Essay e Finch estavam atravessando o pátio na direção dele. Ficaram os quatro parados enquanto ele olhava de um lado e outro da estrada. Então correu de volta para casa. Uma voz soava ao telefone quebrado.

— ... você tem de ficar onde está. Eu estou...

Os cachorros correram à sua frente quando ele atravessou o celeiro. Tinha deixado a porta aberta, e esse tempo todo o ar frio entrara sem parar. Fechou a porta, passou o trinco e ajoelhou-se ao lado do pai.

Você está bom você está bom você está bom.

O pai não olhava para ele.

Não olhava para ele.

Correu até a enfermaria nos fundos do celeiro e passou as mãos pelas estantes. Gaze e comprimidos espalharam-se a seus pés enquanto ele procurava nos suprimentos. Voltou de mãos vazias. Ele só precisa ficar aquecido, pensou. Pegou um casaco extra do gancho da oficina e enrolou no peito do pai.

Uma onda de tremores tomou conta de Edgar. Almondine avançou e pôs o focinho no rosto de seu pai. As patas traseiras tremeram, como se farejasse alguma coisa assustadora e estranha. Ao ver isso, Edgar se zangou, desdobrou as pernas de

debaixo do corpo e voou para cima dela. Ela fugiu para a extremidade do celeiro e ficou olhando enquanto ele voltava cambaleando para a oficina. Ele se ajoelhou e olhou o rosto do pai. Apertou a mão em seu peito. Teve a impressão de que ele inspirava com dificuldade, mas em vez disso houve apenas uma longa expiração. Da boca aberta do pai veio um gemido, sem expressão e mecânico, uma nota declinante. Depois disso, mais nada, nenhum movimento, nenhuma inspiração, nenhum piscar de pálpebras. Apenas aquele colapso, como uma figura de cera se derretendo.

Ele correu pela fileira de cercados, batendo na tela de arame. Os cachorros se puseram em pé nas patas traseiras, latiram, ganiram, o rumor deles soando como um hino. No entanto, através disso tudo ele ouvia o sussurro da neve se infiltrando por baixo das portas, fervilhando pelo chão até onde o pai estava lá deitado no concreto, imóvel, olhando o nada e respirando nada. O chão tremeu como se alguma coisa tivesse golpeado a terra. Edgar se deu conta de que estava sentado. Pôs-se em pé, quadrado por quadrado da tela de arame da porta do cercado. Então, viu-se de novo ao lado do pai, e os cachorros estavam quietos. Almondine aproximou-se devagar, enfiou o focinho na mão dele e sentou-se a seu lado. Os outros ficaram escondidos na extremidade do canil, ofegando, observando.

E assim esperaram.

Tormenta

QUANDO FECHOU OS OLHOS, ALGO HORRENDO FLORESCEU, UMA forma de pétalas negras em ebulição incessante de dentro para fora. Em seu corpo, permaneceu ao lado do pai, mas em sua mente levantou-se e saiu pela porta do celeiro. Lá fora, era uma noite de verão. O sol se pusera, a terra negra. Atravessou o pátio e entrou na casa. Lá dentro levantou o telefone intacto e falou. Ninguém respondeu. Foi para fora de novo. Uma chuva sem vento começou a cair, levando embora a noite. Andou pela estrada, a roupa encharcada no corpo, e estava tudo quieto, e ele andou assim por horas.

Ouviu um som: o crepitar abafado de pneus no caminho de entrada gelado. Os cachorros começaram a latir. Alguns se lançaram pelos portões para os cercados externos. Uma voz de homem gritava. A porta da varanda batendo. Os sons o puxaram de volta, até que se viu sentado ao lado do pai outra vez.

Tentou levantar-se, mas não conseguiu. No último instante, lançou seu peso para o lado e arrastou-se pelo piso do celeiro de modo a não tocar no pai. Deitou-se ofegante. Almondine apareceu de algum lugar — perto dos armários de arquivos — e enfiou o focinho em sua mão até obrigá-lo a se levantar. Ele foi até as portas do celeiro e abriu-as. Neve azul. Sombras mais azuis ainda. Estava quase chegando a casa quando o doutor Papineau apareceu na porta da varanda dos fundos.

— Edgar, a porta estava escancarada... — ele começou, e parou. O olhar do doutor foi para o celeiro. — O que está acontecendo? — perguntou. — Onde estão seus pais?

Tudo o que Edgar conseguiu foi parar na frente do velho, tremendo. Os dentes batiam e os músculos do rosto começaram a se contrair, fora de controle. Então, uma das pernas bambeou, ele caiu na neve e a última coisa que viu foi o doutor Papineau correndo.

ACORDOU NO QUARTO DOS PAIS. Estava deitado de lado, de frente para a porta. Almondine junto dele. O doutor Papineau apoiava-se pesadamente no armário da cozinha, de costas para Edgar, falando ao telefone quebrado.

— ... isso — dizia. — Claro . Pelo amor de Deus, Glen, Gar Sawtelle está caído no celeiro e o filho dele está em uma espécie de choque. Não. Eu não sei. As mãos deles estão feridas, cortadas. Tudo bem. Certo. É, deve ter sido ele. Estava todo quebrado e pendurado na parede quando cheguei aqui. Estou surpreso de ainda funcionar.

Houve uma pausa.

— Na loja de rações — disse. — Talvez no armazém. Se ela já não estiver voltando. Tente encontrar antes... Ela está com a caminhonete. É uma marrom... ahn, Chevrolet com uma capota. Ahn-han. — Depois disse: — Não. — A palavra tinha um tom definitivo.

Quando ele desligou o telefone, passou as mãos pelo cabelo branco, endireitou o corpo e virou-se para entrar no quarto.

— Filho? — disse. — Edgar?

Edgar olhou para ele e tentou sentar-se. O velho pôs a mão em seu ombro.

— Fique aí deitado — disse. — Sabe o que está acontecendo aqui?

Eu não devia ter saído de perto dele. Ele não vai ficar aquecido lá.

— Edgar, eu não entendo o que você sinaliza. — O doutor Papineau se pôs de pé e voltou para a cozinha. — Vou pegar lápis e papel.

Assim que ele saiu do quarto, Edgar levantou e correu para a cozinha, mas seu senso de equilíbrio estava prejudicado. Ele tropeçou na mesa e caiu. Quando se levantou e abriu a porta da varanda, o doutor Papineau estava segurando seu braço. Durante um momento, ficou suspenso, na metade do passo, acima da escada. Então o doutor Papineau não conseguiu suportar seu peso e Edgar caiu na neve logo além da subida. Antes que conseguisse se mexer, o doutor Papineau estava em cima dele.

— Espere — disse. — Não quero que você vá lá. Não há nada que possa fazer e olhar para ele assim só vai piorar as coisas depois. Venha para dentro e espere comigo, certo?

Para um velho, o doutor Papineau era surpreendentemente forte. Levantou Edgar da neve segurando-o pelas costas da camisa. Edgar sentiu os botões da frente repuxados, quase estourando, à medida que era levantado.

— Consegue andar direito?

Ele assentiu. A neve onde ele tinha caído estava manchada de vermelho por

causa dos cortes e lacerações de suas mãos. Voltaram para a casa, a mão do doutor Papineau firme no ombro de Edgar. Edgar sentou-se à mesa e olhou o veterinário até o velho desviar os olhos, levantar-se e começar a fazer café. Edgar foi até o canto da cozinha e sentou no chão perto do aquecedor, deixando o ar quente soprar em seus pés. Bateu na perna chamando Almondine. Ela veio e parou a seu lado, respirou, encostou nele. Os cortes em suas mãos ardiam como se fossem pegar fogo.

— Fiz café — disse o doutor Papineau depois de algum tempo. Como ele não respondeu, o doutor Papineau pegou uma xícara

na estante, encheu-a e sentou-se à mesa. Olhou o telefone, o relógio e o rapaz.

— Sinto muito isso tudo, Edgar — disse por fim. — Mas uma coisa que aprendi em todos esses anos como veterinário foi cuidar dos vivos. Seu pai está lá e eu sinto muito a gente não poder fazer nada por ele, mas não vai adiantar você ir lá fora e enlouquecer. Eu sei que é difícil, mas você vai acabar entendendo que é verdade. Todo mundo perde alguém. Você entende? É terrível. É uma tragédia para um rapaz como você lidar com isso, mas não há nada que eu, você ou qualquer um possa fazer senão esperar até chegarem as pessoas que sabem lidar com isso.

A voz do doutor Papineau era calma, mas seu polegar tremia batendo na mesa, e ele colocava uma mão sobre a outra de modo a se controlar. Edgar fechou os olhos e deixou a coisa de pétalas negras se retorcer diante dele. Depois de algum tempo, estava de novo andando na estrada escura, a chuva caía e, quanto mais andava, mais estreita e mais cheia de mato a estrada ficava, até por fim ser quase um conforto.

QUANDO ALMONDINE LEVANTOU a cabeça, ele ouviu a sirene, tênue de início, depois mais forte, à medida que subia o morro. Olhou para as mãos. Havia ataduras de gaze em volta de cada palma, bem presas com esparadrapo. O doutor Papineau devia ter cuidado delas, mas Edgar não se lembrava disso. Entrou na sala e encontrou o veterinário parado diante da janela. Olharam a ambulância subir o caminho de entrada, seguida pela caminhonete. A mãe de Edgar estava no banco do carona. Ela virou para olhar a janela quando a caminhonete passou pela casa, o rosto vazio, sem expressão.

Edgar foi para a cozinha e sentou de novo perto do registro. O doutor Papineau abriu a porta da cozinha e saiu. Edgar ouviu uma voz desconhecida.

Minutos depois, a mãe estava ajoelhada a seu lado.

— Olhe para mim — disse, rouca.

Ele se virou, mas não conseguiu sustentar muito tempo o olhar.

— Edgar — ela disse. — Quanto tempo você ficou lá fora? — Como ele não respondeu, ela acrescentou: — A telefonista recebeu um chamado por volta das duas da tarde, mas ninguém falou nada. Era você?

Ele aquiesceu. Olhou para o rosto dela a fim de ver se ela já conseguia adivinhar o quanto ele era culpado, mas a mãe apenas inclinou a cabeça para tocar a de Edgar e passou os braços por seus ombros. Ao toque dela, um fogo surgiu dentro dele e devorou-o vivo. Quando passou, deixou-o com uma sensação de vazio apoiado nos braços dela.

— Sei o que está pensando, Edgar — ela sussurrou. — Olhe para mim. Não foi por sua causa. Não sei o que aconteceu, mas você vai ter de me contar, por pior que seja. Está entendendo? Vou esperar a noite inteira se for preciso, e nós vamos ficar sentados juntos, mas antes de ir dormir você precisa me contar o que aconteceu.

Só quando ela levantou a cabeça Edgar se deu conta de que tinha cruzado os braços em cima da cabeça. As mãos dela estavam quentes contra seu rosto. Ele queria contar tudo, ali mesmo, e não queria dizer nada, nunca. Levantou a mão para sinalizar, percebeu então que não sabia o que queria dizer. Tentou de novo.

Não vai ser verdade se eu não disser.

Ela olhou as mãos enfaixadas e tomou-as entre as suas.

— Mas você sabe que isso é errado, não sabe? Não podemos fazer nada para trazer seu pai de volta.

Ela franziu o rosto e começou a chorar. Ele lhe deu um forte abraço.

Então um homem apareceu na porta, um homem enorme, largo, uma réplica gigante e jovem do doutor Papineau. Glen Papineau, o xerife de Mellen. A mãe de Edgar levantou-se. Glen pôs a mão no braço dela e levou-a até a mesa, puxou uma cadeira.

— Por que você não senta? — disse ele.

Glen Papineau puxou uma cadeira e sentou também, a parca farfalhando quando se mexia, a cadeira rangendo sob seu peso.

— Pelo que pude deduzir, ele estava carregando alguma coisa pesada, um balde de sucata de metal, quando tudo aconteceu — disse Glen. — É possível que tenha sido um derrame, Trudy.

Houve um longo silêncio.

— Quer que eu ligue para alguém?

Antes que ela pudesse responder, o doutor Papineau falou.

— Vou passar a noite aqui, Glen. Se for preciso telefonar para alguém, eu ligo.

O xerife olhou do rosto envelhecido e dedicado de seu pai para Trudy, que balançou a cabeça, distraída.

— Vou precisar falar, ahn, com seu filho, para o meu relatório, Trudy. Sei que não é a melhor hora, mas precisa ser logo. Agora seria o ideal.

— Não — disse ela. — Hoje não.

— Tudo bem. Amanhã, o mais tardar. Acho que vou precisar de você também. Ele só fala por sinais, não é verdade?

— Claro. Você sabe disso, Glen.

— O que eu quero dizer é que, se você não se sentir capaz de fazer isso, posso ver se consigo um intérprete — disse Glen. Ele pareceu surpreso com o tom da mãe, uma mistura de cansaço, dor e impaciência.

— Tem de ser eu.

— Por que isso?

— O jeito de Edgar sinalizar é uma espécie de... metade é invenção dele. Gar e eu conseguimos entender. Conseguíamos. Conseguimos. Um intérprete de sinais convencional não conseguiria entender tudo. Ele pode escrever as coisas, ou podemos pegar a velha caixa de letras dele, mas levaria muito tempo. Além disso, eu não deixaria você interrogar o meu filho longe da minha presença.

— Tudo bem, tudo bem — disse Glen. — Só pensei em facilitar as coisas para você. Ligue para mim de manhã, quando achar que é possível.

Ele se virou e saiu para a varanda. O doutor Papineau saiu com ele da casa. Caminharam lá fora, pelo aclive, as vozes baixas. De repente, a mãe de Edgar se levantou e foi até a porta.

— Que droga, Glen! — ela gritou, a voz tão alta que Edgar ouviu um eco do lado do celeiro. — Se precisa tomar alguma providência fale você comigo. Comigo , entendeu? Page, eu agradeço você estar aqui, mas não vou deixar que você e seu filho tomem decisões por nós. Este lugar é nosso. Glen, você fala comigo.

— Trudy — disse Glen — , eu, ahn, acho que eu só estava dizendo a meu pai que pedi a John e a Al que levassem Gar para o Brentson. E que você ou ele, alguém telefonaria e conversaria com Burt sobre as providências. Se você quiser que alguém cuide das coisas, ele pode ajudar a providenciar. Só isso. Não estamos tentando esconder nada de você. Estamos tentando facilitar as coisas para você.

— Sei que está fazendo o que parece certo. Mas não sou uma inútil. Não espero que vá ser fácil, não espero enfrentar tudo sozinha, mas espero, sim, que qualquer decisão que seja preciso tomar seja tomada por mim e por mais ninguém. Entendeu? Quando precisar de ajuda, eu peço. A propósito, o Brentson está ótimo. Glen, se puder falar com o sr. Brentson, diga que ligo para ele amanhã cedo. Eu ficaria muito agradecida. Ligo para você amanhã cedo também. Agora, Page, venha para dentro antes que pegue uma pneumonia.

Fez-se um silêncio e então os três trocaram breves despedidas. O doutor Papineau entrou e a mãe de Edgar foi até a sala, observou a ambulância e a radiopatrulha manobrarem na entrada e partirem pelo morro coberto de neve na direção de Mellen.

QUANDO AS LUZES TRASEIRAS desapareceram, Trudy foi para a cozinha.

— Page, você se importaria de fazer o jantar? O que você quiser. Nós temos de ir até o canil e...

— Espere um pouco — disse o doutor Papineau. — Tem certeza de que não preferia que eu cuidasse das coisas? Assim você e Edgar podem conversar um pouco.

— Não, nós precisamos jantar e isso é uma coisa sossegada demais para qualquer de nós dois fazer agora. Edgar vai para o celeiro e quando a gente voltar a melhor coisa do mundo vai ser encontrar o jantar pronto. Isso se a gente conseguir sentir fome.

Ela se virou para Edgar.

— Edgar? Você pode ir ao canil comigo tratar dos cachorros? Embora a ideia de entrar no canil o deixasse tonto, Edgar se

levantou. O casaco estava no chão do quarto. Quando saíram pela porta, com Almondine ao lado deles, o doutor Papineau tirou da geladeira um pacote branco de carne, ainda embalado no papel branco do açougue, e ficou parado, olhando os armários.

LÁ FORA, TRUDY SE DETEVE, pegou Edgar pelos ombros e passou os braços em volta dele. Sussurrou em seu ouvido:

— Edgar, se nós queremos conservar este lugar, é preciso parecer que somos capazes desde o começo. Eu não sei se devo pedir que faça isso, mas vou pedir. Escute um pouco, meu bem. Consegue entrar nesse celeiro comigo agora? Nós dois vamos juntos. Eu sei que vai ser ruim, e se você não conseguir, então nós não vamos, está bem? Mas acredite quando digo quanto antes você entrar aí, melhor vai ser.

Ela inclinou o corpo para trás e olhou para ele. Ele concordou com a cabeça.

— Certeza?

Não. Ele sorriu um pouco e ela também, e os olhos dela ficaram úmidos de repente.

Eu não conseguiria sem você, disso eu sei.

— Não vai ter de entrar ali sozinho sem mim enquanto não conseguir.

Quando chegaram ao celeiro, ela destrancou as portas sem uma pausa e abriu-as inteiramente; as luzes do corredor, tão fracas durante o dia, agora se abriram sobre a neve, projetando as sombras de Edgar e de sua mãe sobre os montes de flocos. Almondine trotou à frente. Sem parar para pensar, Edgar entrou, virou-se e fechou as portas, concentrado na luz que sumia sobre as árvores em frente quando as portas iam se fechando.

Os três pararam no corredor do canil. Os cachorros estavam tão quietos que dava para ouvir a respiração dele e da mãe. A porta para a oficina estava aberta. Lá dentro, a primeira coisa que ele notou foi a lata de leite cinzenta e fosca, emborcada, e a sucata de pequenos parafusos, porcas, dobradiças, pregos e arruelas espalhados pelo chão, tudo coberto com o pó alaranjado da ferrugem. Ele tinha apenas uma vaga ideia de ter visto a lata de leite antes. A mãe pegou a lata pela

borda e virou-a, com a ajuda dele. Recolheram a sucata com as mãos e jogaram dentro da lata. A ferrugem deixava manchas na bandagem das mãos de Edgar. Quando acabaram de recolher toda sucata, pegaram a vassoura e a pá, varreram e jogaram o pó para dentro da lata de leite. Juntos, lutaram para colocá-la de volta debaixo da escada do depósito. Ele pensou que tinham varrido alguma coisa inominável e posto dentro daquela lata. Ficou subentendido que nunca mais mexeriam nela, nunca a esvaziariam nem a tocariam de novo.

Deram comida e água para os cachorros, limparam os cercados e espalharam palha nova. Edgar pegou uma lata de café cheia de cal viva do saco junto à porta dos fundos e carregou no carrinho as fezes pelo corredor. Depois que jogou no buraco, polvilhou com a cal viva. Quando voltou, encontrou a mãe no cercado de crias. Um dos filhotes recém-nascidos tinha morrido, talvez assustado com todo o barulho. Talvez a mãe tivesse entrado em pânico e pisado em cima dele. Trudy acariciou-o com dois dedos. Ela e Edgar o levaram para a enfermaria e o colocaram dentro de um dos sacos plásticos grossos que guardavam ali. Edgar pegou-o da mão dela e colocou lá fora na neve.

Ainda se podia sentir o corpo quente do filhote através do plástico, como se a mãe tivesse ficado deitada junto dele mesmo depois de morto.

Quando ele voltou para dentro, a mãe estava esperando. A voz de Trudy tremeu e ela segurou os braços dele, de forma que Edgar não podia se desviar.

— Quero que você me conte o que aconteceu — disse. — Agora, se puder. Antes de a gente voltar.

Ele começou a sinalizar. Contou quase tudo: que tinha encontrado o pai caído ali, que discara o número e deixara o fone pendurado. Mas não contou a ela que havia se esmurrado até quase se nocautear para tentar arrancar uma voz do peito. Não contou a ela sobre a sensação que o revirava por dentro quando fechava os olhos, nem da estrada que tinha percorrido, nem da chuva. Quando terminou, ela chorava baixinho. Ficaram ali parados, abraçados. Por fim, ele pegou os casacos dos dois e apagou as luzes. A neve tinha parado de cair, mas o vento soprava contra o celeiro, os flocos secos rodopiando como galáxias glaciais. Havia nuvens baixas sobre as árvores, o céu encoberto e cinzento.

Atravessaram o caminho em direção à casa. Almondine resfolegava ao lado deles. Atrás da janela embaçada e transparente da cozinha, o doutor Papineau apareceu um momento na pia, depois sumiu. Quando entraram na varanda, pararam para tirar a neve das botas, subiram a escada e entraram na casa.

Parte II

TRÊS TRISTEZAS

Funeral

O DOUTOR PAPINEAU SENTOU-SE À MESA DA COZINHA, OUTRA VEZ o velho de cabelo branco e ombros estreitos que Edgar conhecera toda a vida, parecendo tão abalado e vazio como Edgar se sentia. Difícil acreditar que uma figura tão frágil o levantara da neve pelas costas da camisa. Mas, afinal, era difícil acreditar em quase tudo o que acontecera aquela tarde.

Duas panelas ferviam no fogão, as tampas trepidando para deixar escapar nuvens de vapor. Edgar tirou o casaco. A mãe apoiou a mão no ombro dele para se equilibrar e curvou-se para desamarrar as botas. Depois ficaram parados, olhando uns para os outros. Papineau finalmente quebrou o silêncio.

— Não é muita coisa — disse apontando com a mão os pratos e as tigelas que povoavam a mesa. — Sopa e batatas. Não sou grande cozinheiro, mas sei abrir latas e ferver água.

A mãe de Edgar atravessou a cozinha e abraçou o velho.

— Está ótimo, Page — disse ela. — É tudo o que nós precisamos hoje.

Edgar puxou uma cadeira e sentou. Almondine se pôs entre as pernas dele, pressionou a cabeça contra sua barriga, acomodou-se; ele apoiou a cabeça nas mãos e sentiu o cheiro empoeirado da pelagem dela. Durante um longo tempo a cozinha pairou sobre eles. Quando levantou a cabeça, uma tigela de sopa fumegava à sua frente o doutor Papineau estava tirando do forno uma tigela de batatas descascadas, cortadas em quatro. Ele as distribuiu pela mesa e sentou-se.

Edgar olhou a comida.

Não consegue comer, mas devia, Trudy sinalizou.

Tudo bem. Parece que não está certo sentir fome.

Está com fome?

Estou. Não sei. Parece que é outra pessoa que está com fome.

Ela olhou os curativos nas mãos dele.

Dói?

A palma repuxava e o polegar esquerdo latejava, embora não conseguisse se lembrar como tinha torcido. Fatos muito triviais para repetir.

Tome uma aspirina.

Eu sei. Vou tomar.

Ela mergulhou a colher na sopa, levou à boca, engoliu e olhou para ele. Ele viu a determinação que havia por trás daquilo e por solidariedade pôs um pedaço de batata dentro da sopa e começou a cortá-lo.

O doutor Papineau pigarreou.

— Não vou atender amanhã de manhã.

A mãe de Edgar assentiu com a cabeça.

— Pode dormir no quarto de hóspedes... os lençóis estão no banheiro. Eu arrumo a cama depois do jantar.

— Eu mesmo arrumo minha cama. Não se preocupe.

Então fez-se silêncio, só o tilintar dos talheres. Depois de algum tempo, a tigela de Edgar estava vazia, embora ele não soubesse dizer que gosto tinha a sopa. A mãe não fez qualquer tentativa para comer.

— Essas coisas são um choque imenso — disse o doutor Papineau. Não falou a propósito de nada e não havia mais o que dizer.

— Quando Rose morreu, eu pensei que estava bem. Triste, mas bem. Mas naqueles primeiros dias eu não sabia o que estava fazendo. Vocês precisam tomar cuidado agora, estão me ouvindo? Eu quase pus fogo na minha casa naquela primeira noite. Coloquei a cafeteira elétrica no fogão e acendi o fogo.

— É verdade, Page. Obrigada por lembrar.

O veterinário olhou para Edgar, depois para Trudy. A expressão dele era grave.

— Precisamos conversar umas coisas agora à noite.

A voz dele silenciou.

— Tudo bem, Page — disse a mãe de Edgar. — Edgar participa de tudo agora, quer a gente goste, quer não. Você não precisa contornar nada.

— Eu ia me oferecer para dar uns telefonemas. Edgar vai precisar faltar à escola alguns dias. Estava pensando se você gostaria que eu falasse com Claude, informasse o que aconteceu. E se você quer contar para mais alguém. Parentes ou seja lá o que for. Eu posso ajudar a fazer uma lista.

A mãe de Edgar olhou para o doutor Papineau e concordou com a cabeça.

— Certo. Mas prefiro fazer eu mesma os telefonemas. Vocês dois podiam tirar a mesa?

Todos se levantaram. O doutor Papineau guardou as sobras na geladeira e Edgar empilhou os pratos na pia, aliviado de se movimentar um pouco. Abriu a torneira e ficou olhando a espuma se formar sobre os pratos. O doutor Papineau passou-lhe um pano de prato e disse que era melhor ele enxugar, por causa da mão daquele jeito.

A mãe de Edgar foi até o balcão, abriu a caderneta de telefones e anotou alguns números num pedaço de papel. Ela olhou o fone quebrado pendurado no gancho, o lado do fio para cima, como um pássaro de pescoço partido, colocou o aparelho em cima do balcão e discou. Segurou o fone junto ao rosto com as duas mãos e perguntou se estava falando com o diretor. Disse que o pai de Edgar tinha morrido.

— Obrigada — disse. — Não. Eu agradeço. Certo. Obrigada. Até logo.

Deixou o fone no balcão, baixou as mãos e respirou fundo. Ouviu-se o sinal de ocupado, e ela apertou o gancho para que parasse. Depois discou de novo.

— Claude? — disse. — Tenho uma notícia. Achei que você devia saber. É sobre Gar. É. Ele estava trabalhando no canil hoje à tarde e teve... teve um problema. Algum tipo de ataque. Ele... Não. Não sabemos. É, sim. É. É.

Fez-se um longo silêncio.

— Desculpe, Claude. Não acho que seja a coisa certa agora. Não há nada que... Sim. Page está aqui. É. Graças a Deus ele está aqui. Tudo bem. Certo. Até logo.

Ela discou um terceiro número e pediu que chamasse Glen, falando num tom monótono. Combinou um encontro no escritório dele na manhã seguinte, depois ficou quieta, ouvindo Glen falar. Edgar só conseguia ouvir uma voz zumbindo no fone quebrado, não as palavras. Mas a mãe começou a se curvar sobre o balcão como cera amolecida pelo sol até a testa quase tocar nos papéis.

— Isso é absolutamente necessário? — ela sussurrou. — Não tem nenhum outro...? Sim, Claro, sim, eu sei. Mas...

Mais sons abafados.

— Tudo bem — disse ela. Algo em sua voz amoleceu as pernas de Edgar. O doutor Papineau fez uma pergunta a ele. Ele balançou a cabeça sem entender. O veterinário foi até sua mãe e pôs a mão no ombro dela. Trudy endireitou o corpo outra vez.

— Agora chega — disse o doutor Papineau, quando ela terminou. Tirou o fone da mão dela e colocou-o de cabeça para baixo no gancho. — Chega por hoje.

Ela olhou para o velho, os cantos da boca para baixo, os olhos brilhando.

— Tudo bem — disse. — Foi... mais difícil do que eu esperava. Ela deu a volta à mesa, até onde Edgar estava sentado, e passou os braços pelos ombros dele, as mãos à frente, para poder sinalizar.

Você está bem?

Ele tentou responder e descobriu que não conseguia.

Quero que você vá dormir agora.

E você?

Vou sentar um pouco. Vá. Não temos mais nada para fazer.

A mãe tinha razão, ele sabia. Era uma mulher pragmática, talvez por causa de todos aqueles anos treinando cachorros. Talvez tivesse nascido assim. Ele apertou os antebraços dela até sentir a pulsação na ponta dos dedos, depois levantou a mão para o doutor Papineau num boa noite silencioso.

COMO SE FOSSE COMBINADO antes, embora isso não tivesse acontecido, ele e Trudy dormiram na sala de estar. Ele levou cobertor e travesseiro para baixo, e quando se sentou no sofá, a força para subir de novo e trocar de roupa o abandonou. Puxou o cobertor até os ombros, dobrou os joelhos, fechou os olhos. Começou um zumbido em seu ouvido — talvez presente o tempo todo, mas perceptível apenas quando o peso do cobertor amorteceu seus sentidos. Uma sonolência o dominou.

A mãe e o doutor Papineau apagaram a luz e tudo ficou quieto. Então, uma sucessão de imagens apareceu, ressuscitadas por alguma parte alerta de sua mente que não estava dormindo nem acordada. Foi dominado por emoções fragmentadas

que o abandonavam, retiradas como roupas de um guarda-roupa e descartadas, uma após a outra. Por baixo desse caos de imagem e memória alguma coisa tão poderosamente suprimida que ele mal se lembrava: a ideia de que tudo que um dia fora verdade no mundo agora fazia parte do passado, criando mil e uma possibilidades. E, seguindo-se a isso, um estrondo de arrebatadora culpa.

Algum tempo depois, ele abriu os olhos. A mãe tinha se enrolado num cobertor na poltrona. Estava encolhida num canto. Ele tinha uma vaga lembrança de que ela se ajoelhara a seu lado e passara a mão, quente e macia, por sua testa, a palma tocando a sobrancelha e terminando com os dedos enfiados no cabelo. Ele não tinha aberto os olhos naquele momento. A carícia libertara algum mínimo desenvolvimento do veneno preso dentro dele que, nos dias vindouros, frutificaria como tristeza. E quando pensou nisso tudo, não conseguia mais dizer se o carinho dela havia realmente acontecido ou se ele inventara aquilo por necessidade.

O sono que se seguiu foi negro, sem conter absolutamente nada. Cada fricção da neve contra a janela o fazia apoiar-se num cotovelo, para apenas cair de novo no sono, oscilando entre um mundo e outro. Papineau roncava no quarto de cima, que, um dia, arrumaram para Claude. O som atravessava o teto da sala de estar como o mugido de um gado distante: muu, muu. Ele acordou de novo quando sentiu Almondine se afastando dele.

No escuro, viu quando ela comprimiu o focinho no cobertor em que sua mãe estava enrolada, farejando tão cuidadosamente como devia ter farejado Edgar um momento antes. Ela parou um instante, ofegando baixinho, depois voltou ao centro da sala. Girou, deitou, e seus olhares se cruzaram. As orelhas dela viraram para a frente. Depois de algum tempo, seus olhos se estreitaram, então se abriram muito, então se estreitaram de novo, o brilho claro deles crescendo e minguando no escuro. Por fim, ela deu um suspiro e dormiu.

Quando amanheceu, a lembrança dele era a de haver passado uma noite vigiando todos eles. E cada um ali — cachorro, garoto, mãe e velho — sentia o mesmo.

COM A PRIMEIRA LUZ foram para o celeiro. O frio era assustador, o céu no alto sereno e salpicado de estrelas. No canil ele viu que precisavam de mais palha, e foi até a oficina, subiu a escada do depósito e acendeu a luz. A parede de fardos empilhados parecia um templo. Ainda era o começo do inverno — alguns fardos chegavam até as vigas. Havia um gancho de feno de cabo vermelho

pendurado num prego na parede da frente. Ele arrastou dois fardos para o centro do depósito, puxou uma argola e abriu uma porta no chão, olhou para baixo. Trudy estava lá embaixo, esperando.

— Pode jogar — ela disse.

Edgar empurrou os fardos e ficou olhando-os caírem com uma meia-volta e um baque surdo no cimento empoeirado.

Ele limpou os cercados com um forcado e um carrinho de mão e espalhou cal no chão de terra batida. Quando cortou o fio, os fardos de palha se abriram em feixes dourados. Tirou uma escova do bolso traseiro e escovou rapidamente os cachorros.

O doutor Papineau entrou quando ele estava trabalhando, comentou que era melhor dar uma olhada nos filhotes e desapareceu pela porta da sala de parto. Edgar foi ver sua ninhada. Finch e Baboo, o mais calmo, apoiaram-se nele, cada um de um lado. Essay tentou escalar o corpo dele pela frente. Ele acalmou-os, segurando-os pela barriga e pelo pescoço, pediu que se sentassem e fizessem outras pequenas coisas em vez do treinamento normal.

Quando terminaram, Edgar, Trudy e o veterinário caminharam juntos até a entrada. O doutor Papineau prometeu ligar depois, foi andando até seu carro, e partiu. Quando Edgar desceu com uma roupa limpa, a mãe estava ao balcão, o fone quebrado nas mãos. Ele esperou na sala de estar enquanto ela pedia a alguém na companhia telefônica que consertassem o telefone. Quando terminou, ela entrou na sala.

— Você não precisa ir — disse a mãe. — Eu ligo para Glen e digo que você não está pronto.

Você não vai ao Brentson sozinha.

— Page pode ir comigo.

Não.

Ela ia responder, mas concordou com a cabeça. Almondine ficou parada próximo à porta da cozinha enquanto Edgar vestia o casaco, depois trotou escada abaixo e parou junto à caminhonete. De alguma forma, na cabine estava ainda mais frio.

Os assentos de vinil vergavam-se como folhas de flandres. Trudy engatou a

marcha da caminhonete, subiu o longo aclive e eles rodaram pela estrada sem conversar, ouvindo o crepitar do gelo debaixo dos pneus. O mundo brilhava, azul, translúcido. Os postes telefônicos passaram depressa e ficaram para trás, os fios subindo e descendo a intervalos. Em Mellen, Trudy estacionou a caminhonete em frente à prefeitura com sua cúpula e os três seguiram as setas indicativas no corredor, até chegarem à sala do xerife. Mesmo lá dentro, saía fumaça quando eles respiravam. Havia um cheiro de cabelo queimado no edifício.

Uma jovem de cabelo branco de tão louro estava sentada a uma mesa, com um casaco de inverno e mitenes. No centro da mesa, um microfone com pedestal. Ela olhou para eles, pôs-se de pé e espiou Almondine por cima do balcão.

— Vou chamar Glen. Fiquem com os casacos — disse. — Aconteceu alguma coisa com o aquecimento. Estamos esperando um sujeito que vem de Ashland para consertar.

A jovem foi até a porta do escritório atrás da mesa e bateu. Um momento depois Glen Papineau saiu, com sua jaqueta azul de patrulha e chapéu, e a sala ficou instantaneamente pequena. As mãos dele, mesmo sem luvas, eram como pratos de jantar. Passou pela mente de Edgar se o doutor Papineau teria sido um dia grande assim, em seguida descartou a ideia. Velhos ficam menores com a idade, ele sabia, mas ninguém podia encolher tanto.

— Trudy, Edgar, venham comigo. Desculpem o frio... problemas com a caldeira. Mas vocês não estão interessados nisso. Eu estou aqui desde as seis da manhã. É um milagre não ter ainda arrebentado nenhum cano. Café, vocês querem? Chocolate quente?

Trudy olhou para Edgar. Ele negou com a cabeça.

— Tudo bem, Glen — disse ela.

— Bom, traga mesmo assim, Annie. Quem sabe esquenta um pouco a sala. Creme e açúcar no meu.

Ele levou os dois para uma sala ao mesmo tempo vazia e atravancada. Papéis e cadernos se amontoavam sobre a mesa dele, mas as paredes não tinham nenhum enfeite, a não ser um diploma emoldurado e uma fotografia de um Glen jovem com uniforme de lutador da Escola Secundária de Mellen, segurando algum brutamonte desconhecido numa posição fetal. Na fotografia, Glen estava apoiado nos dedos dos pés, quase paralelo ao chão, o corpo rígido como um tronco, as coxas cheias de veias grossas como as de um cavalo de tiro. O braço do juiz era um borrão batendo

no tatame.

Glen havia arrumado três cadeiras dobráveis na frente de sua mesa, e gesticulou para Trudy e Edgar sentarem, depois se acomodou. Almondine aproximou-se e farejou o joelho dele e a bota.

— Ô menina — ele disse, e depois — aha — quando Annie entrou com três copos de papel.

Com o antebraço, ele abriu um espaço na mesa. Uma pilha de papéis despencou do outro lado.

Ele deu um sorriso enviesado.

— Minha resolução de Ano-novo. Todos os anos.

— Este aqui é chocolate quente — disse Annie.

Ela colocou os copos no espaço que Glen abrira e empilhou os papéis na mesa com uma expressão de desespero.

— Estão aqui se vocês quiserem — disse Glen, apontando os copos fumegantes. Ele fez uma encenação ao abrir o caderno e bater a ponta do lápis na página. — Tudo bem — disse. — O que nós precisamos fazer aqui é um relatório do que aconteceu. Mera formalidade. Queremos fazer isso logo, antes que alguém esqueça alguma coisa. Peço desculpas por isso. Sei que não vai ser agradável. O fato é que papai veio aqui hoje de manhã e me passou um pito.

Ele fez uma pausa, repentinamente envergonhado. Edgar achou por referir-se ao pai como papai.

— Tudo bem, Glen — disse Trudy. — Só pergunte o que precisa perguntar. Edgar sinaliza a resposta para mim.

— Bom, então. Trudy, a que horas você foi para a cidade?

— Saí às onze e meia, mais ou menos.

Glen escreveu em seu caderno.

— E, Edgar, você ficou em casa o dia inteiro?

Ele assentiu.

— Quando você achou que havia alguma coisa errada?

Edgar sinalizou a resposta.

— Ele estava trabalhando no depósito e notou os cachorros latindo — disse a mãe. — Quando desceu, Gar estava... caído no chão.

— Você estava no depósito?

— A gente treina lá em cima quando está frio — Trudy disse, impaciente, antes de Edgar responder. — Você sabe disso. Já esteve lá.

— É, estive. Só estou perguntando para ficar completo. Você estava lá em cima com algum cachorro?

É. Dois cachorros da minha ninhada.

— Os cachorros que latiram estavam embaixo?

Estavam.

— Quanto tempo fazia que você estava no depósito?

Uma hora. Talvez mais.

— Você usa relógio?

Tenho um relógio de bolso. Não estava comigo.

— Tem relógio no depósito?

Tem.

— Lembra mais ou menos a que hora isso aconteceu?

— Você deve saber disso pela telefonista — disse Trudy.

— É. Tenho essa informação. Mas acho que seria bom ter tudo registrado, já que estamos fazendo isto aqui.

Eu não estava prestando atenção. Era depois da uma, isso eu sei.

— Que tipo de coisa você estava fazendo com seus cachorros? Ir buscar . Testar o fica . Posição de fica longe. Tinha preparado

uma barreira.

— Essas coisas fazem muito barulho?

Não muito.

— Quer dizer, dava para seu pai ouvi-lo no andar de cima?

Ele deve ter ouvido os cachorros correndo. E os meus passos.

— Dava para você ouvir seu pai embaixo?

Como assim?

— Se ele gritou alguma coisa, você teria ouvido?

— Ele teria ouvido um grito — Trudy falou, intercedendo de novo. — Nós chamamos quem está lá em cima o tempo todo. Com a porta fechada, é preciso tentar mais vezes. Senão, é fácil ouvir alguém.

Glen olhou para Edgar.

— E a porta estava fechada?

Estava.

— E alguma coisa falada em voz normal?

— Não com a porta fechada — disse Trudy. — Com a porta aberta, dá para ouvir alguém falando na oficina.

— Mas você não ouviu um grito nem nada? Só os cachorros?

Edgar fez uma pausa. Balançou a cabeça.

Glen tomou nota e virou a página.

— Tudo bem, agora eu vou fazer uma pergunta difícil, mas é importante que você me conte tudo o que lembrar. Você estava trabalhando no depósito com alguns cachorros. Ouviu latidos, abriu a porta, desceu. O que você viu?

Edgar pensou um momento.

Não me lembro, sinalizou.

A mãe olhou para ele.

Não se lembra?

Não.

Mas você me contou ontem à noite.

Quer dizer, eu sei que quando desci o vi caído lá, mas não me lembro disso. Só sei que ele estava caído lá. É como se eu soubesse porque outra pessoa me contou, não porque eu vi.

Ela se virou para o xerife.

— Glen, ele não lembra muita coisa. Mas Gar estava no chão.

— Bom, tudo bem. Às vezes acontece. Qual é a primeira coisa que você lembra?

De correr para casa.

— Foi quando você chamou a telefonista?

Foi.

— Mas não deu certo?

Não.

— E depois?

Corri de volta para o celeiro. Não, espere. Corri para a estrada. Achei que podia ver alguém passando de carro por ali que pudesse falar ao telefone. Mas não tinha ninguém.

A mãe dele repetiu isso.

— Isso foi depois de você entrar na casa?

Acho que sim.

— Você não lembra com certeza?

Não. Mas acho que eu voltei para dentro de casa.

— Como o fone quebrou?

Ele fez outra pausa. Não me lembro.

— Papai disse que estava pendurado aos pedaços quando ele chegou lá.

É. Acho que eu quebrei, mas não sei quando.

— Tudo bem, tudo bem. Você estava com a telefonista na linha, mas não conseguia contar o problema. Trudy, você nunca combinou com Edgar um plano para quando ele precisasse de ajuda?

— Não, realmente não. O que nós pensávamos era que Gar ou eu sempre estaríamos lá. Nossa maior preocupação era Edgar se machucar quando estivesse no campo ou na floresta. Mas ele sempre estava com Almondine, e ela cuida dele desde que nasceu. Então... não. — Os olhos dela começaram a brilhar, ela baixou o olhar. — Nós pensamos sobre tantas possibilidades. Assim que foi possível, ensinamos

Edgar a escrever o nome dele, o endereço e o número do nosso telefone, caso ele se perdesse. Estávamos sempre preocupados... sempre pensando: "e se?"

Ela baixou o rosto e fechou os olhos. Glen pegou uma caixa de lenços de papel, amassou um na mão e deu um suspiro.

— Nossa preocupação era Edgar ficar longe de nós. Principalmente quando pequeno. Mas nunca aconteceu. E ele era tão esperto . Estamos falando de uma criança que começou a ler com três anos. Nos últimos dois anos, a gente simplesmente não se preocupou. Ele sabe lidar com gente que não sabe ler os sinais dele; não, mais que lidar: metade da classe dele sabe ler os sinais dele. Ele vem ensinando as pessoas a vida inteira. Ele é bom na coisa. Bom . Além disso, se houvesse algum problema, ele podia simplesmente escrever o que queria dizer. Nada desse tipo nunca nos passou pela cabeça.

Ela parou e abraçou o próprio corpo. Vê-la fazer isso, ela se recolher assim, fez Edgar estremecer. Dava quase para ver a mãe indo para dentro de si mesma para endireitar alguma coisa, pegar uma louça caindo. Almondine se pôs de pé e enfiou o focinho na mão de Trudy. Ela afagou as costas da cachorra.

— Desculpe — disse Glen. Ele parecia envergonhado. — Não queria insinuar que você fez alguma coisa errada. Só estou querendo estabelecer o que aconteceu de acordo com o que Edgar viu. Vamos terminar isto aqui em dois minutos e aí está acabado para sempre, prometo. Acreditem, eu queria não precisar falar disso, mas não tenho escolha. Edgar, como vai você?

Edgar balançou a cabeça.

Glen recostou-se na cadeira e bateu as mãos nos joelhos amplos.

— Tudo bem, deixe eu fazer uma pergunta aos dois: Gar mencionou alguma coisa que pudesse indicar que ele estava doente? Uma dor de cabeça? Cansaço? Alguma coisa fora do comum?

— Não, nada — respondeu a mãe, e Edgar balançou a cabeça, concordando. — Pensei muito sobre isso na noite passada. Se ele não estava se sentindo bem, não contou nada.

— Ele teria contado?

— Talvez não. Ele detestava ir ao médico. Ele diz... — ela fez uma pausa e corrigiu-se — dizia que eles nunca resolvem nada. Só fazem a pessoa se sentir pior.

— Quem é o médico de vocês?

— Jim Frost. O mesmo de todo mundo por aqui, acho.

— Ele pode me fornecer um histórico médico de Gar?

— Pode. Não tem nada de mais. A única coisa que poderia de longe parecer um problema médico era ele precisar de óculos.

— Ahn-han. Tudo bem.

Glen também anotou isso.

— Tudo bem, Edgar, vou pedir que você me conte o que lembra do seu pai quando voltou para o celeiro. Quero entender se ele estava consciente, se você falou com ele ou não.

Ele estava acordado quando eu voltei.

— Você falou com ele?

Não. Mas ele estava respirando.

— Conseguia falar?

Não.

— O que você acha que aconteceu?

Eu não sei. Ele queria tirar os baldes de sucata debaixo da escada da oficina. Quando desci, ele estava caído no meio da oficina. Achei que tinha batido a cabeça, mas não tinha. Abri o casaco dele. Não vi nada errado.

— Depois, o que aconteceu?

Depois, ele parou de respirar.

Fez-se silêncio na sala. Glen olhou para Edgar e resmungou com simpatia.

— Nada mais?

Nada.

— E aí papai apareceu?

Acho que sim.

— Você não se lembra?

Não.

— Qual é a primeira coisa que você lembra?

De acordar em casa. O doutor Papineau falando ao telefone.

— Lembra de ter feito mais alguma coisa quando voltou para o celeiro, além de ficar com seu pai?

Não.

— Você está com as mãos machucadas. Isso aconteceu quando quebrou o fone?

Não. Eu bati nas portas do canil para fazer os cachorros latirem.

— Por quê?

Porque, se viesse uma ambulância, eles iriam saber que tinham de ir para o canil.

— Certo. — Ele escreveu um minuto no caderno. — Muito esperto. Só para você saber, a telefonista ainda estava na linha quando você fez isso. Ela disse que escutou uma coisa que parecia cachorros latindo.

Nesse momento, bateram na porta e ouviu-se a voz abafada de Annie.

— Glen, o pessoal do conserto da caldeira chegou.

— Tudo bem — ele disse, alto. — Mande descerem, por favor. Vou lá daqui a um pouquinho.

Virou-se para eles.

— Entre os meus gloriosos deveres, tenho de supervisionar alguns aspectos da manutenção. — Sorriu. — Mas ainda não me pediram que lavasse pratos.

Fez algumas anotações no caderno e levantou o rosto.

— Bom, sei que vocês dois estão com muita coisa na cabeça. Mais algumas formalidades e nós terminamos. Trudy, eu gostaria de falar com você a sós antes de terminar.

Ela olhou para Edgar.

— Tudo bem você esperar lá fora?

Ele assentiu. Ele e Almondine foram para o salão vazio. Do subsolo do prédio vinha a batida dos martelos em canos e o longo criiiiiiii de roscas enferrujadas girando. Ele olhou para a mesa muito bem arrumada de Annie: o

microfone, a planta, o copo de lápis, a bandeja de formulários, mas quando ele tentava focalizar alguma coisa, o olhar se desviava.

Almondine foi caminhando lentamente pelo corredor até a entrada e ele a seguiu. Na rua, estacionado atrás da caminhonete, havia um veículo com o letreiro: "LaForge Aquecimento e Manutenção, Ashland, W1." O dia tinha es quentado e a rua estava cheia de lama da neve derretida. Estalactites de gelo pálido produziam uma procissão de gotas de água dos beirais do restaurante. Ele abriu a porta da caminhonete e entrou, ao lado de Almondine.

O doutor Frost apareceu na esquina. Entrou na prefeitura pela porta de onde ele tinha acabado de sair. Edgar inclinou a cabeça para trás, fechou os olhos e tirou as luvas para suas mãos doloridas ficarem entorpecidas com o frio.

A MÃE ENTROU NA CAMINHONETE, girou a chave da ignição e ficaram ali sentados com o motor funcionando. Um trailer passou a reboque pela Main Street fazendo voar a lama de neve. Mais adiante, a torrezinha branca da igreja presbiteriana se projetava contra o céu azul. Ela pôs as mãos na direção e endireitou os cotovelos.

— O doutor Frost... — começou a dizer, mas parou e inspirou o ar com dificuldade.

Me conte.

— A lei exige que quando alguém morre de forma inesperada seja feita uma autópsia para descobrir o que aconteceu. Você sabe o que é autópsia, certo?

Edgar anuiu. Tinha autópsia praticamente toda noite nos programas de detetive.

A mãe suspirou. Ele viu que ela estava com receio de ter de explicar.

— O mais importante é saber que seu pai não sentiu dor. O doutor Frost disse que ele não sofreu. O que aconteceu foi que há um ponto na cabeça da pessoa chamado círculo de Willis. Fica no cérebro, bem lá dentro. Seu pai teve um aneurisma perto desse ponto. Isso quer dizer que um dos vasos sanguíneos estava fraco e simplesmente rompeu. E o lugar onde estava fraco era tão importante que ele... ele não tinha como viver depois disso.

Edgar anuiu outra vez. Não sabia mais o que dizer; era tão definitivo. Havia até um nome para o ponto onde as coisas tinham dado errado: o círculo de Willis.

— O doutor Frost disse que todo mundo nasce com pequenas falhas nas artérias e veias. Pontos fracos. A maior parte das pessoas vive a vida inteira e nunca descobre. As falhas estão em lugares que não têm importância: nos braços, nas pernas. Em algumas pessoas, as falhas estão em lugares delicados e mesmo assim essas pessoas podem passar a vida inteira sem acontecer nada. Mas em algumas pessoas, que têm um ponto fraco num lugar importante, esse ponto se rompe. Às vezes, elas morrem disso. Ninguém sabe por que isso acontece com algumas pessoas e com outras não.

A mãe ficou ali sentada, olhando pelo para-brisa. Pôs a mão no pescoço de Almondine e afagou seu pelo, depois escorregou a mão pelo ombro de Edgar.

Obrigado por me contar, ele sinalizou.

Ela se virou para ele e o olhou, de verdade, pela primeira vez desde que tinham saído de casa.

— Eu sinto muito — ela disse. Não parecia que ia chorar, só estava fraca, exausta e determinada. — Acho que é melhor saber o que aconteceu do que não saber — acrescentou. — Não acha?

Acho.

— E não quer dizer, de jeito nenhum, que vá acontecer com você ou comigo. Nós temos nossas falhas, como todo mundo, mas não são em lugares importantes. — Isso ela disse com ar determinado.

É.

— Preciso ir ao Brentson agora. Tem certeza de que quer ir junto?

Ele tinha dito que queria, e era verdade. Não temia os preparativos para o funeral. O que lhe dava medo era ficar sentado em casa, sozinho, sabendo que não teria energia nem concentração para fazer nada além de olhar pela janela e pensar. Não queria ver a coisa desabrochar na sua frente outra vez. O que lhe dava medo era deixar a mãe fazer as coisas sozinha; achava que os dois tinham de fazer tudo juntos, pelo menos por algum tempo, por pior que fosse. Pensou que provavelmente iam tentar se separar depois de algum tempo. Não falou nada disso a ela, apenas assentiu com a cabeça, e Trudy engatou a marcha da caminhonete e foram para a Casa Funerária Brentson, onde ele ficou sentado ao lado dela ouvindo-a explicar o que queria.

À MEIA-LUZ, a mãe pôs a mão em seu ombro. — Café da manhã — disse.

Ele sentou no sofá e esfregou os olhos.

Quanto tempo você dormiu? ele sinalizou.

— Um pouco. Venha.

Almondine se levantou, espreguiçou-se e foi atrás da mãe dele até a cozinha. Edgar subiu a escada até o quarto, vestiu-se e viu Almondine andando pelo pátio à procura de um lugar para urinar. Ele desceu a escada, saiu de meias na varanda gelada e empurrou a porta. No alto, uma abóbada de azul líquido. Vênus e a estrela polar presas dentro dela. Almondine jogou para trás uma patada de neve e ficou parada sobre três pernas, olhando para ele, o queixo caído jovialmente.

Venha, ele sinalizou. Está muito frio.

Ela olhou em volta enquanto ele tremia, depois subiu os degraus de madeira. Ele tocou as costas de Almondine quando ela passou. Na cozinha, ela sacudiu o frio do pelo e empenhou-se em beber água com lambidas ruidosas. O termostato fez um clique e a caldeira começou a soprar.

Edgar pegou uma xícara do armário e foi até a cafeteira elétrica ao lado do fogão. Serviu meia xícara e levou à boca. Deve ter feito uma careta.

— Encha com leite — disse Trudy. — No começo ponha bastante açúcar.

Tudo bem.

Ele sentou e eles esperaram o sol se levantar um pouco mais. Depois de algum tempo, Trudy fez ovos mexidos e torrada.

— Vai cortar a cerca agora de manhã? — ela perguntou por cima do ombro. — No ponto em que a gente falou? Precisa de um caminho até as bétulas para eles saberem onde passar o trator. Comece por aí. Não sei quando eles vão chegar.

Na oficina, ele experimentou o alicate de cerca num prego, apertando os cabos até as duas metades tilintarem no chão. Enganchou uma guia de treinamento nos dedos enluvados e puxou Tinder do cercado. Passou a coleira pela cabeça do cachorro e levou-o pela neve fresca, pulverizada, tão leve que flutuava debaixo dos pés.

Haviam passado o trator na estrada durante a noite. Não vinha nenhum carro. Teriam visto ou ouvido carros de longe, de qualquer forma, mas não veio nenhum. No alto do morro, ele parou para que a Tinder fizesse suas necessidades.

Quando o cachorro passou por ele, os olhos voltados para alguma coisa lá longe, Edgar recuou. Fizeram isso duas vezes, até Tinder sentar ao lado de Edgar. Ele então soltou o cachorro e foram chapinhando até a cerca. Tirou o alicate do bolso, cortou o arame farpado e enrolou as pontas em uma das estacas, depois abriram caminho pela neve, que ia até a panturrilha. As placas de gelo na neve derretida estalavam sob os pés. Ao voltarem para a estrada, Tinder atirou-se no chão e pedalou com as pernas, enfiou o focinho debaixo da neve, lançando um olhar tolo para Edgar.

O que acontece com esse tempo?, Edgar sinalizou. Está deixando vocês todos loucos.

Por fim, ele precisou ajoelhar na neve, aproximar a boca da orelha do cachorro e formar as palavras com os lábios até Tinder se levantar. Uma vez de pé, o cachorro recuou, levantou as patas dianteiras, mordeu a guia e sacudiu a cabeça. Edgar deu um suspiro e esperou. Dez passos adiante, Tinder começou tudo de novo. Dessa vez Edgar desistiu e soltou a guia. Meio desanimado, atirou punhados de neve para Tinder pegar saltando enquanto o cachorro fazia oitos no campo, com as orelhas abaixadas e o rabo reto para trás, girando tão loucamente que as ancas chegavam até o chão. Quando acabou o surto, ele trotou de volta. Ao regressarem ao celeiro, Tinder estava andando corretamente, e quando Edgar parou na frente das portas, o cachorro sentou com perfeição a seu lado.

UMA CAMINHONETE LIMPA-NEVE passou pela entrada, parou, deu ré e virou para dentro. Na cabine, dois homens, gorros de tricô e golas levantadas. O motorista deu um passo para fora da cabine e apoiou-se por cima da porta enquanto Trudy explicava o que queria.

— Feche a porta se vai ficar aí gritando — disse o homem no banco do carona. Ele era muito mais velho que o motorista, que gesticulou como quem enxota alguma coisa e continuou falando. O velho inclinou-se, empurrou o motorista para fora e fechou a porta.

Os homens deram ré na caminhonete ali na entrada, as marchas rangendo. O homem mais velho dava as ordens, para grande irritação do outro. Na estrada, Edgar e Trudy subiram na carroceria. Quando chegaram ao ponto onde Edgar tinha cortado a cerca, Trudy bateu na janela traseira da cabine. O motorista pôs o veículo atravessado na estrada e os dois homens pegaram duas pás para limpar a neve acumulada, depois passaram com a caminhonete pela cerca cortada, expondo

um feixe de feno cor de mel.

A caminhonete contornou as bétulas e retornou morro acima. Na metade do caminho, os pneus com correntes perderam a aderência e voltaram para baixo. Tentaram de novo. Criaram um segundo caminho, pararam o veículo e ficaram batendo os pés e as mãos enquanto a mãe de Edgar explicava o que queria que fosse feito em seguida.

Os dois passaram a manhã trabalhando com pás e picaretas. A discussão deles ressoava através do campo como um grasnar de gansos. À tarde, a caminhonete voltou a subir vagarosamente pela entrada e os homens foram até a varanda, discutindo em sussurros ásperos. Trudy abriu a porta. Os homens entraram na cozinha.

— Minha senhora, tem um problema — disse o homem mais velho.

— Qual?

— A terra está mais dura que concreto. Não dá para cavar com as ferramentas que a gente tem.

— Claro que está duro — disse a mãe dele. — Estamos no meio do inverno. Está congelado. Quando nós conversamos, vocês disseram que já tinham feito isso antes.

— Não no inverno. Não com a terra congelada desse jeito.

— Nunca fizeram isso no inverno?

— O fato é que a gente faz mais limpeza. Um ou outro serviço extra, mas principalmente limpeza. Só fizemos um ou outro, ahn, enterro doméstico, e eles foram no verão.

— Então, por que cargas— d"água vocês disseram que podiam fazer isso?

O homem mais velho assentiu com a cabeça como se a pergunta fosse exatamente a que ele faria.

— Eu não disse. Foi o idiota do meu filho aqui que disse. — Ele fuzilou com o olhar o mais jovem, que levantou as mãos sem dizer nada. — Desculpe. Eu quis que ele telefonasse para a senhora quando descobri, mas o deixei me convencer a tentar. Ele disse que a gente conseguia quebrar o gelo. Eu fui burro e concordei, mas é como cavar uma placa de ferro.

— Então, como ficamos?

Os dois homens olharam para Trudy por um momento.

— O enterro é amanhã — disse ela. Edgar viu que a mãe estava ficando zangada. — Vamos enterrar o meu marido . Esse não é um problema que eu tenha vontade de resolver. Entendem isso? Por acaso um de vocês pensou um segundo no que podia acontecer se não conseguissem fazer isso?

O homem mais velho balançou a cabeça e disse: — Minha senhora, não sei o que fazer para me desculpar. Seja

qual for o equipamento necessário para furar um terreno desses, nós não temos.

Eles ficaram ali durante algum tempo. Edgar estava atrás do homem e podia ver o rosto da mãe como eles o viam, assustador e altivo ao mesmo tempo.

Podíamos fazer uma fogueira, ele sinalizou.

Ela franziu a testa, tornou a olhar para os homens.

— Vocês não vão conseguir?

— Não, senhora. O pessoal do cemitério deve ter alguma coisa. Quem sabe eles possam ajudar.

— Tudo bem — disse ela. — Venham comigo.

Pegou o casaco do cabide e saiu porta afora. Na luz minguante do entardecer ela os levou até a pilha de lenha na esquina da casa.

— Olhem — disse. — Vocês vão carregar isso na caminhonete e levar até o campo. Cada graveto. Edgar vai mostrar onde está o carrinho de mão. Depois vocês vão à cidade, até o Gordy Howe, pegam mais uma carga de lenha e trazem para cá. Vou ligar para ele agora.

O velho coçou a cabeça e olhou para ela.

— Será que dá? — ela perguntou.

— Acho que dá, sim, senhora. Pode até levar algum tempo, mas acho que vai dar.

— E você ajuda?

O velho sorriu e balançou a cabeça.

— Ah, a gente ajuda, sim. Vamos ficar aqui até a terra descongelar. — Virou-

se para o homem mais novo. — Não vamos? — disse. — Filho?

A FOGUEIRA QUEIMOU A NOITE INTEIRA no campo nevado. Colunas de fagulhas subiam toda vez que os homens jogavam mais um tronco nas brasas. Acima de tudo isso, as bétulas se transformaram em torres alaranjadas. Até o celeiro ficou pintado pela luz. Edgar e a mãe observaram da sala. Edgar pensou nas fogueiras que Schultz acendia para incinerar as grandes pilhas de tocos e raízes.

Duas vezes levaram comida e café para os homens. A mãe teve de bater na janela embaçada da caminhonete para chamar a atenção deles. Eles recusaram o convite de se aquecer dentro da casa, mas aceitaram o lanche. Na segunda viagem, levaram cobertores e travesseiros para os homens.

A lenha estava empilhada entre a caminhonete e a fogueira e as chamas ocupavam um retângulo na base das bétulas. O mato seco, nu, cercava as labaredas. A mãe de Edgar foi até a fogueira e espiou as brasas. Ele juntou-se a ela. O calor aqueceu seu rosto. Quando a fumaça os envolveu, a mãe tossiu, mas não arredou o pé. Edgar aspirou aquilo sem sentir o menor incômodo.

Fizeram as camas na sala de estar pela terceira noite e ficaram olhando o refulgir no campo. Nenhum dos dois conseguiu dormir. Conversaram entre longas pausas.

Eu fico com a poltrona hoje. Você dorme no sofá.

— Não, eu gosto daqui.

O que você estava procurando lá?

— Onde?

Na fogueira. Parecia que você estava procurando alguma coisa.

— Não sei. Não estava procurando nada.

Ela passou a falar por sinais.

Posso perguntar uma coisa?

Pode.

Você está com medo?

Por causa do funeral?

Por causa de tudo.

Não. Com medo não. Mas eu não sabia que ia ser assim.

Nem eu.

Ficaram olhando a luz alaranjada do fogo brincar nos galhos das macieiras.

Você acha que vai funcionar?

Vai.

Gosto da ideia de que a terra vai estar quente.

Ela olhou para ele.

Estou muito orgulhosa de você, sabe.

Você não tem de me dizer que tudo vai ficar bem?

Ela riu baixinho.

É isso que você quer que eu diga?

Acho que não. Eu não sei se eu ia acreditar, se você dissesse.

Muita gente vai dizer isso. Eu vou dizer também, se você quiser.

Não. Não diga.

Ficaram quietos, só olhando pela janela.

Lembra de alguma coisa do seu pai? O seu pai de verdade, eu digo.

Não, não muito. Ele não ficava muito em casa. Ela fez uma pausa, depois se ajeitou na poltrona de modo a ficar de frente para ele. O que você está pensando? Não está pensando que vai ter de ser adotado, está?

Não.

Bom. Porque isso não vai acontecer. Nada vai acontecer comigo nem com você, se você quer saber.

Mas tudo pode acontecer.

Tudo pode acontecer. Mas quase sempre só acontecem coisas normais e as pessoas têm vidas felizes.

Você era feliz antes de conhecer meu pai?

Ela pensou um momento.

Não sei. Às vezes eu era feliz. Assim que a gente se conheceu eu entendi que ficava infeliz sem ele.

Como foi mesmo que vocês se conheceram?

Ela sorriu. De um jeito bom.

Você ficaria decepcionado com os detalhes.

Você não vai me contar, não é?

Vou, se você precisa saber.

Ele pensou então nas histórias que seus pais tinham inventado, como seu pai, sempre tão sério, havia se divertido com aquele jogo e como ele havia se divertido também. Saber que uma história era mais verdadeira que todas as outras faria parecer que aqueles momentos nunca aconteceram. E talvez fosse melhor que eles tivessem se conhecido muitas vezes, em muitas circunstâncias.

Não, ele sinalizou depois de um momento. Não me conte. Ele apontou para o fulgor alaranjado do campo. Vamos levar mais alguma coisa lá fora?

Acho que eles estão indo bem.

Boa noite então.

— Boa-noite — sussurrou a mãe.

Depois disso, ficaram quietos.

NA CAPELA, O CAIXÃO ESTAVA na frente, e desde o momento em que o viu Edgar não se lembrou mais da ordem das coisas. O tom monótono do sermão do pastor. As velas queimando. O doutor Papineau sentado com eles na frente. A certa altura, ele se virou para olhar as pessoas, trinta ou quarenta espalhadas pelos bancos. Claude não estava entre os rostos que ele viu.

Depois, entraram no carro do doutor Papineau e seguiram o cortejo pela estrada principal, até o condado C, virando por fim na Town Line Road e seguindo através dos galhos pesados que se projetavam das árvores. Pararam onde Edgar tinha cortado a cerca. Glen Papineau era um dos que carregavam o caixão, ao lado de um dos homens da loja de rações. No total, doze pessoas atravessaram o campo. Na beira do túmulo, o homem da casa funerária começou a falar. Fragmentos do

que era dito ecoavam no celeiro, como se endossando apenas parte de suas palavras.

Então, dois faróis brilharam em meio às árvores nuas. Um carro parou e Claude apareceu na entrada da trilha. Mais carros e picapes começaram a aparecer em uma longa fila. A cerimônia foi interrompida e todo mundo se virou. Portas se abriram e foram batidas, vozes ressoaram baixinho no ar frio. Claude acenou para uma pessoa. Um homem levando um cachorro. Eram Art Granger e Yonder, ambos mancando por causa da artrite. Depois, o senhor e a senhora McCullough, com Haze, o terceiro cachorro sawtelle que a família possuía. Depois a senhora Santone, com Deary. Depois uma mulher solitária com seu cachorro, a guia frouxa numa curva. Um jovem casal com um menino e o cachorro deles. A exalação dos cachorros produzia uma pluma branca acima de suas cabeças enquanto avançavam pelo campo.

Durante um longo tempo continuaram aparecendo pessoas pelo caminho, treinadores que haviam adotado filhotes de um ano, homens cujas vozes tinham soado em conversas telefônicas com o pai de Edgar, e Claude os conduzia. Edgar reconheceu um homem de Wyoming; outro de Chicago. Mas a maioria era dali, de casas que cuidavam de cachorros sawtelle. Claude ficou na estrada e orientou-os pelo caminho até o último ter passado, e todos alinharam-se em longas fileiras circulares em torno das bétulas.

Edgar olhou os cachorros e depois a casa do outro lado do campo. Trudy passou os braços em volta dele e sussurrou:

— Não, por favor, fique aqui — como se ele pensasse fugir de tudo aquilo. Mas ela havia entendido errado e ele não podia explicar. Ele se soltou e saiu correndo pelo campo nevado na direção da casa. Nenhum som, além do rugido em seus ouvidos. Duas vezes caiu e levantou-se, sem olhar para trás.

Quando abriu a porta da cozinha, Almondine esperava por ele. Ele se ajoelhou e deixou o peito dela preencher o círculo de seus braços. Juntos, voltaram para as bétulas, Almondine pisando a trilha que ele havia deixado na neve cristalizada. Quando chegaram às fileiras de pessoas e cachorros, Almondine avançou, passou por todos até parar à beira do túmulo. Então, Edgar foi até a mãe e pôs os braços em volta dela. Juntos eles se renderam ao vento sobrenatural que uivava sobre eles e apenas sobre eles, Almondine prudentemente sentou debaixo das bétulas sobre suas coxas, e juntos viram o caixão baixar à sepultura.

ELES LEVARAM TORTAS E ENSOPADOS, queijo e presunto fatiados, tigelas de azeitonas verdes e pretas, picles, pequenas fatias de pão dispostas em leque em pratinhos com mostarda e maionese. As pessoas circulavam em torno de Edgar e Trudy, murmurando consolos, pressionando as mãos em seus ombros. Almondine passeava pela multidão, mostrando-se tranquila.

Muitos donos permaneceram do lado de fora com seus cachorros. Claude e o doutor Papineau seguravam as coleiras para outros donos poderem entrar a fim de encher as xícaras de café e falar com Trudy. Aos que tinham vindo de longe, ela ofereceu um quarto para eles ficarem, mas ninguém aceitou. Envolviam mãos enluvadas em torno de xícaras de café e iam para fora, parando apenas para arrumar os chapéus antes de abrirem a porta. Claude levou ao celeiro os que quiseram ver o canil.

Maridos começaram a entrar para avisar as esposas que o carro estava ligado. As últimas mulheres lavavam e secavam os pratos enquanto os carros manobravam na entrada, os faróis percorrendo as paredes da sala. Alguém entrou pedindo um cabo para ligar a bateria. As mulheres enxugaram as mãos nos panos de pratos e pegaram seus casacos da pilha sobre a cama. E então restaram apenas três visitantes: o doutor Papineau, Glen e Claude. Ficaram na varanda dos fundos no entardecer azulado. O doutor Papineau abriu a porta da cozinha.

— Nós vamos cuidar dos cachorros — disse. — Não proteste. Vá se deitar.

Trudy concordou com a cabeça.

— Quando terminarem, venham comer alguma coisa — ela disse. — Ainda tem bastante.

Mas depois o trio saiu pela entrada. Dois pares de faróis se acenderam. Edgar ficou olhando os carros irem embora. Subiu a escada, tirou a roupa e caiu na cama. Mal teve forças para bater no colchão e chamar Almondine. Assim que ela se acomodou ao lado dele, Edgar adormeceu.

As Cartas de Fortunate Fields

SEGUIRAM-SE, PARA CADA UM, BONS E MAUS DIAS, E MUITAS VEZES OS melhores momentos de Edgar coincidiam com os piores de sua mãe. Ela ficava alegre e decididamente disposta durante dias e dias, de repente, uma manhã, ele descia e a encontrava curvada sobre a mesa da cozinha, abatida e de olhos vermelhos.

Quando isso ocorria, nada conseguia aliviá-la. Com ele acontecia do mesmo jeito. No momento em que a vida normal parecia quase possível, quando o mundo adquiria algum tipo de ordem, significado, até beleza (o jorro de luz brilhante numa estalactite de gelo; a quietude de um amanhecer), alguma coisinha saía do lugar e o véu do otimismo se rasgava, o mundo árido se revelava. Eles aprenderam, de alguma forma, a esperar esses momentos. Não havia cura, nem resposta, nem reparação.

Ele voltou da escola um dia, em março, e encontrou a mãe trabalhando no quarto, o cabelo suado e embaraçado, a respiração entrecortada. Já havia fechado as abas de uma pilha alta de caixas e estava dobrando uma calça de seu pai e colocando dentro de outra caixa. O olhar dela mal pousou em Edgar quando ele entrou. Depois ele procurou ver o que havia se perdido. A gaveta que um dia guardara os cintos e as gravatas de seu pai estava cheia de luvas e echarpes da mãe. Em cima da cômoda, restavam apenas sua escassa coleção de joias e o despertador de corda. Ela empacotara até mesmo a fotografia dela e do pai de Edgar, recém-casados, sentados no píer do condado de Door.

ELE ACORDOU UMA MANHÃ atormentado por uma ideia: se conseguisse ver três árvores do pomar imóveis por um segundo, por meio segundo, se elas ficassem absolutamente imóveis pelo mais breve momento, então nada teria acontecido. A porta da cozinha abriria ruidosamente e seu pai entraria, de rosto vermelho, batendo as mãos e falando de uma ninhada recém-nascida. Infantil, Edgar pensou, mas não importava. O truque era não focalizar em uma parte isolada de alguma árvore, e sim olhar através de todas elas, para um ponto no ar. Mas que aposta traiçoeira ele fizera. Até no momento mais tranquilo alguma coisinha

estremecia e o quadro se destruía.

Quantas tardes passou assim? Quantas noites parado no quarto de hóspede olhando as árvores tremerem ao luar? Mesmo assim continuava olhando, paralisado. Então, corando, porque aquilo era inútil e bobo, ele se obrigava a ir embora.

Quando piscava, uma imagem interna de perfeita imobilidade.

Pensar que podia acontecer quando não estava olhando.

Virava-se antes de chegar à porta. Pelo vidro da janela, uma dúzia de árvores oscilava ao vento de inverno, esqueletos dançando em pares, dedos levantados para o céu.

Pare, ele dizia a si mesmo. Pare.

E olhava mais um pouco.

O TRABALHO A FAZER era assustador.

O mais simples era a manutenção do canil: limpar os cercados, alimentar e dar água aos cachorros, remover a neve dos corredores e a infinidade de pequenos reparos no trabalho mecânico do canil. Depois havia as tarefas das salas de crias e de parto: verificar as mães grávidas, lavar as tetas das que estavam amamentando e desmamando, medir a temperatura e pesar os recém-nascidos. Para os recém-nascidos ainda cegos e surdos havia rotinas de toque e cheiro a serem obedecidas, anotadas caprichadamente na letra de Gar num papel amarelecido pregado na parede da sala de parto.

Para os que tinham acabado de abrir os olhos, havia uma lista de testes, desde o sacudir do chaveiro do carro até o surgimento de uma velha buzina de bicicleta, que eles podiam farejar antes de Edgar apertar o bulbo de borracha e cronometrar quanto tempo demoravam para voltar. Um retalho de tapete para andar. Um tubo. Um bloco de madeira. Lixa. Gelo. O rola-e-segura semanal até eles chutarem e ganirem, mantendo um olho no ponteiro de segundos do relógio. As sessões com tias e tios, para aprender boas maneiras enquanto a mãe descansava.

Tudo era anotado nas folhas de registro, metas conferidas, reações assinaladas, tabelas atualizadas, o histórico compilado de cada vida. Fotografias com quatro, seis, oito e doze semanas, e depois com seis, nove, doze e dezoito meses: de frente, de lado, de trás e orodental em Tri-X, os cachorros posicionados

diante da grade de mensuração pintada na parede da enfermaria.

À noite, havia o esquema de revezamento na casa, levando-os de dois em dois ou de três em três, e a pesquisa de pedigree, as visitas de cachorros reprodutores, o cronograma de cio das mães e a prática de colocações e negociações com possíveis donos.

Mas era o treinamento que os consumia. Os pequenos tinham de aprender as coisas mais simples: olhar, ouvir, observar, esperar. Os de dezoito meses precisavam de fixação e avaliação. E os adolescentes, ladrões, gatunos, assaltantes e valentões, que sabiam exatamente o que você queria e empenhavam-se no oposto, precisavam de cada minuto disponível e mais.

Uma noite, depois de terem voltado do canil, a mãe de Edgar o convidou a sentar à mesa. Numa folha de papel, ela desenhou uma tabela com colunas marcadas "Edgar" e "Trudy".

— Precisamos dividir o trabalho — disse. — Nós dois estamos fazendo tudo agora. Estou muito preocupada com a creche. Pearl é uma mãe experiente e não vai precisar de muito cuidado. Mas me preocupo com a colocação deles. Seu pai passava muito tempo ao telefone. Eu preciso pôr muita coisa em dia.

Ela fez uma pausa e respirou fundo.

— E isso tudo vai diminuir o tempo de treinamento. A única coisa boa é que aquela ninhada mais velha está totalmente encaminhada. Isso nos dá alguns meses para respirar. Depois, a próxima ninhada a ir embora é a sua. Acho que ninguém reservou nenhum deles até agora.

Ela o observou, para ver o efeito disso. Ele concordou com a cabeça. O pai não tinha discutido a colocação da ninhada de Edgar, e isso não era algo que ele quisesse apressar.

— Então ainda temos uns meses. Preciso dar uma olhada nos contatos. Pelo que sei, Gar tinha contratos informais. Espero que eu não precise viajar. Não sei o que vamos fazer se eu tiver de ir.

Ela pensava alto. Ele deixou que ela continuasse e ficou escutando. Então ela parou e se virou para ele.

— Tem uma outra opção, Edgar, e precisamos conversar sobre isso. Podemos vender os animais e fechar o canil. Tudo o que precisamos fazer é colocar essas ninhadas. Provavelmente no fim do verão já vamos ter colocado todos, se a gente

quiser. Podíamos mudar para a cidade. Tenho certeza que eu podia...

Ele já estava balançando a cabeça.

— Não, escute. Nós precisamos pensar nisso. Precisaremos trabalhar tão duro que não vai sobrar tempo para mais nada. Já pensou como vai ser? Dentro de um ano você vai querer sair para dar uma caminhada ou jogar futebol.

Você pode pensar que não agora, mas quando os outros meninos estiverem fazendo essas coisas você vai se ressentir de estar preso aqui cuidando de cachorros de manhã à noite. O que eu tenho medo é que chegue uma hora em que você vai detestar entrar no ônibus para voltar para casa. E eu vou saber quando isso acontecer.

Não vai acontecer, ele sinalizou. Não quero viver em outro lugar.

— Isso é outra coisa. Você não vai viver aqui para sempre. Dentro de quatro anos, você se forma. Eu não posso, de jeito nenhum, tocar o canil sem ajuda e, mesmo que eu pudesse, não vou ficar aqui sozinha. Cinco anos a mais ou menos não importam tanto, Edgar.

Importam para mim . Além disso, como você sabe que eu vou embora?

— Não seja ridículo. Você vai para a faculdade.

Não vou. Ainda nem pensei em faculdade.

— Vai — disse a mãe. — Você precisa entender que há alternativas. Não seja cabeça-dura. Ficar aqui e trabalhar com cachorros pode ser a coisa mais difícil, não a mais fácil. Nem a melhor. Como treinador, você não é grande coisa, Edgar. Dormir com eles no depósito não adianta muito, por mais gostoso que seja.

Edgar sentiu que ficava vermelho.

— Não é tão difícil de adivinhar o que acontece lá em cima quando tudo fica em silêncio por horas e você desce tropeçando e com palha no cabelo. Eu sei como é tentador. Eu mesma já fiz isso.

Você dormiu no depósito?

Ela deu de ombros, recusando-se a mudar o rumo da conversa.

— O que eu estou dizendo é que talvez sua aptidão não esteja aí — disse. — Ah, claro que você é bom com os cachorros, pare de fazer essa cara murcha. Sua pior qualidade como treinador, Edgar, é o seu orgulho. Se nós vamos tentar levar

este canil, você vai ter de aprender muito mais. E vai precisar levar a sério . Você só sabe o básico. Até agora esteve treinando filhotes e ajudando seu pai. Treinar os de um ano exige muito mais. Eu não consigo lidar com eles e fazer todo o resto também. É impossível.

Mas eu quero aprender! Eu posso ajudar.

— E se eu disser que não tenho certeza se sei ensinar o que você precisa saber?

Você sabe. Eu sei que você sabe. Eu observo você desde que eu nasci.

— É, é verdade. Então por que, com nove meses de idade, Tinder sai correndo sempre que pode?

Isso não é justo!

— Quem falou em justo ?

A voz da mãe dele falhou um pouco quando ela disse a palavra. Ele podia adivinhar o que ela estava pensando: como a palavra "justo" podia aplicar-se à situação deles? Além disso, o que ela tinha dito sobre sua capacidade como treinador era verdade. Ele era preguiçoso e indulgente; o que ele gostava era da atenção dos filhotes, não do treinamento. Ele era inconsistente. Trabalhava com eles em coisas que já sabiam e evitava as mais difíceis. O pior de tudo era que entendia que havia mais coisas que devia fazer, mas não fazia ideia do quê , e isso o deixava envergonhado.

— Você precisa entender que isto aqui é um negócio, como um armazém ou um posto de gasolina. Você pode achar que essa é uma maneira de pensar terrivelmente fria. Está pedindo que seja sócio nisso. Pois vai ter de pensar neste lugar primeiro como um negócio e depois como um parque de diversões com cachorros.

Você está me subestimando, sinalizou. Eu sei o que nós fazemos.

— Sabe? O que você acha que nós vendemos?

Ele deve ter olhado para ela como se ela fosse louca.

Cachorros. Cachorros, claro.

— Errado. Está vendo, Edgar? Não é tão óbvio como você pensa. Qualquer um vende cachorros. As pessoas dão cachorros. Sabe quanto nós cobramos por um deles?

Ele não sabia. Seu pai é que negociava essas coisas, e não era algo sobre o qual falasse muito.

— Mil e quinhentos dólares por um cachorro treinado de dezoito meses.

Mil e quinhentos dólares?

— É — ela disse. — Sua ninhada poderia valer entre nove e dez mil dólares. Não vale agora, mas poderá valer.

E por que a gente não é rico?

Ela riu.

— Porque a maior parte desse dinheiro vai para comida, remédios e despesas. Nós reembolsamos as pessoas que cuidam dos cachorros mais velhos. Se colocamos vinte cachorros num ano, o que é mais ou menos a nossa média, muito mal cobrimos os nossos custos. E não é tão fácil encontrar vinte pessoas dispostas a pagar tudo isso por um cachorro adulto. As pessoas querem filhotes, você sabe.

Ele fez que sim. Outros cachorros custam tão caro?

— Alguns. Alguns custam mais, filhotes de campeões de exposições . — Ela revirou os o lhos quando disse "exposições", sua atitude quanto à moda de cachorros chegava muito perto do total desprezo. — Mas quase todos os cachorros custam menos. Muito menos.

Por que a gente cobra tão caro?

— É exatamente isso que você precisa aprender, Edgar. Quando você souber responder essa pergunta, vai saber como conseguimos colocar nossos cachorros, e por esse preço. Vai entender também o que nós vendemos.

Você não pode simplesmente me dizer?

— Eu podia tentar, mas não existem palavras para certas coisas, Edgar. Deixe eu perguntar uma coisa. Você já esteve com uma porção de cachorros na cidade. Eles são iguais aos nossos? Cor diferente, raça diferente, mas iguais no resto?

Não exatamente.

— Meio desmiolados, certo?

É. Mas eles não são treinados, a maioria.

— Acha que essa é a única diferença? Nossos filhotes se desenvolvem mais

devagar, você entende isso? Só têm o primeiro cio aos dois anos de idade. E quando são pequenos... você sabe como a gente pode se frustar com eles. Veja Essay. A gente ainda estava trabalhando simples obediência quando ela estava com seis meses, muito depois de qualquer vira-lata já saber disso direitinho. Mas experimente fazer um exercício de olhar com um daqueles cachorros da cidade e veja o que acontece.

Mas isso é fácil!

Ela riu, levantou-se e ligou o rádio na estação de música country de que gostava e tiraram a mesa. Ela cantarolou baixinho enquanto lavavam os pratos, mas não estava alegre, era mais como uma pessoa cantando para tirar alguma coisa da cabeça. Antes de Edgar ir para a cama, a mãe falou uma última coisa.

— Edgar, pense no que nós conversamos. Dê um tempo. Depois, vamos precisar fazer uma coisa ou outra. Ou ficamos e fazemos este canil funcionar, e isso vai exigir que você aprenda o treinamento de fixação; ou começamos a desativar o canil. Não faz sentido nada no meio do caminho.

Edgar concordou com a cabeça. Aquilo parecia muito razoável, as alternativas muito claras. Ele sabia o que queria no momento em que a mãe colocou a questão e sabia o que ela queria que ele quisesse, apesar da tentativa de ser objetiva. Era inconcebível uma outra vida. Os dois demorariam muito para entender que tinham seduzido um ao outro nessa noite, seduzido um ao outro para acreditar que percebiam todos os custos e as implicações do que queriam. Que qualquer erro que cometessem nunca poderia se equiparar ao que já havia acontecido. Que a calma deles não era apenas aparência.

COMO JÁ ESTAVAM NA CIDADE, Trudy resolveu que almoçariam no restaurante Mellen. Assim que sentaram, o doutor Papineau chamou do outro lado do salão e Trudy foi até ele. Edgar ficou sentado ouvindo toda aquela conversa de hora do almoço e olhando pela janela. Na mesa do canto, uma menininha olhava para ele. Um momento depois, ela passou, sussurrando uma melodia e desapareceu no banheiro. Quando ele desviou os olhos da janela, descobriu que ela estava parada ao lado da mesa deles.

— Oi — disse ela.

Tinha uns cinco anos, usava um macacão azul com um elefante colorido como um arco-íris no peito, o cabelo um emaranhado de cachos amarelos. Ela se

inclinou para ele confidencialmente.

— Minha mãe disse que você não sabe falar — ciciou ela. — É verdade?

Ele olhou para ela e assentiu.

— Nem cochichar?

Ele balançou a cabeça.

Ela recuou e lançou-lhe um olhar inquiridor.

— Como assim? — perguntou.

Ele sacudiu a cabeça e encolheu os ombros. A menininha olhou para a família dela, que não notara sua ausência, e apertou os olhos.

— Minha mãe disse que eu devia aprender um pouco com você, mas eu não consigo. Eu tentei, mas as coisas saem de mim. Eu disse que uma pessoa que pode falar precisa falar. Não acha que é verdade?

Ele concordou.

— Minha avó é como eu. Quer saber o que minha avó falou? Ora, ele tinha certeza de que não conhecia aquela menininha,

não conhecia a mãe dela nem a avó. Porém, quanto mais olhava no rosto dela, mais familiar ela ficava, como se sempre a tivesse visto, mas de longe. Ele olhou outra vez para a mesa do canto. A família dela não tinha um cachorro sawtelle, ele reconheceria na hora se tivessem.

— Bom, você quer ou não quer saber? — perguntou a menina, batendo o pé no linóleo.

Ele deu de ombros outra vez. Tudo bem. Claro.

— Ela disse que antes de você nascer Deus lhe contou um segredo que não queria que ninguém mais soubesse.

Ele olhou para ela. Não havia muito o que responder a uma coisa daquelas. Pensou em escrever um bilhete para a menininha: Eu poderia escrever. Mas achou que não era isso que ela queria dizer e ela talvez fosse muito nova para saber ler. Principalmente, ele queria dizer que ela não precisava sussurrar. As pessoas cometiam erros assim: falavam alto demais ou ficavam nervosas. Mas a menininha não estava nervosa, nem um pouco. Agia como se o conhecesse a vida inteira.

Ela o chamou com o dedo. Ele se inclinou e ela pôs a mão em concha em seu ouvido.

— Você podia contar o segredo para mim — sussurrou. — Eu não conto para ninguém. Prometo. Às vezes fica mais fácil se só uma outra pessoa sabe.

No começo, a menininha ficou ali parada com os olhos grandes e plácidos. Ele encostou na cadeira e olhou para ela. Então os olhos dela se estreitaram em duas meias-luas e os lábios se fecharam num pequeno círculo zangado.

— Você não lembra, não é? — ela ralhou, e agora não estava sussurrando. — Você esqueceu!

A mãe de Edgar, do outro lado do restaurante, parou de conversar com o doutor Papineau e virou-se.

Não olhe para mim , ele sinalizou. Nem sei quem ela é.

De repente, a menininha se virou e saiu pisando duro. Tinha dado cinco ou seis passos quando se voltou para olhar de novo para ele. Era uma criança terrivelmente dramática e Edgar teve uma amostra de como devia ser na casa dela. Ela devia inventar ceninhas como aquela a respeito de comer suas verduras e assistir à televisão o tempo todo.

Ela franziu o rosto, como se estivesse pensando num problema intrincado.

— Você me contariaa se lembrasse ? — perguntou, afinal.

Sim.

A expressão dela iluminou-se num sorriso. O rosto dela ainda lhe era estranhamente familiar, ainda que impossível de localizar.

— Ah! — ela disse. — Tudo bem. — E foi embora. Antes de chegar à mesa do canto, uma criancinha numa cadeira alta chamou sua atenção e ela parou para cutucá-la e fazer perguntas, quando ela começou a chorar.

— O que foi aquilo? — Trudy perguntou, sentando.

Não sei.

— Talvez você tenha uma admiradora — disse ela.

E pela terceira vez desde que haviam entrado no restaurante ele não conseguiu pensar em nenhuma resposta melhor do que encolher os ombros.

OS DOIS TRABALHAVAM DURO para um distrair o outro sempre que percebiam que o desânimo estava baixando. Edgar puxava Trudy para a mesa da cozinha para jogar damas e comer pipoca. Uma noite, ela trouxe toda a ninhada dele para dentro de casa, sem acordá-lo. Na manhã seguinte, quando ele abriu os olhos, oito cachorros levantaram a cabeça para olhá-lo.

Edgar abriu O livro da selva e descobriu que, pela primeira vez desde o funeral, ele era capaz de se concentrar o suficiente para ler. E ler era mais reconfortante do que qualquer outra coisa. "A caçada de Kaa". "Histórias de Bander - Log". Não impo rtava. Aquilo devolvia sua antiga vida, a vida de antes. Ele acompanhava as notícias de Alexandra Honeywell e da Colônia Starchild na televisão, e isso também era reconfortante. No entanto, de manhã, a parte da frente de sua caixa torácica doía como se alguém tivesse derrubado uma bigorna em seu peito durante a noite.

As salas de parto o consolavam. Também a oficina, apesar do que tinha acontecido lá. Mas o que mais o atraía era a fileira de arquivos com a pintura lascada, parados como sentinelas contra a parede dos fundos da oficina. Em cima dos armários havia uma pequena biblioteca de referência. Cães de trabalho , de Humphrey, Warner e Brooks. Genética e agricultura , de Babcock e Clausen. Técnicas veterinárias para a fazenda , de Wilson e Bobrow. Genética e o comportamento social dos cães , de Scott e Fuller. E, é claro, o Novo dicionário enciclopédico Webster da língua inglesa . O livro referência de ninhadas também estava lá: fileira após fileira de nomes e números de ninhada, uma linha para cada cachorro sawtelle, desde os tempos de seu avô. Mil vezes ele devia ter visto o pai correr o dedo por uma página, para depois tirar uma pasta muito cheia de uma gaveta. Gerações de cachorros enchiam aquelas gavetas de metal. Se alguma pasta desaparecia, o pai dizia que era como se ele tivesse perdido o próprio cachorro, e procurava e procurava, dizendo:

— Estes registros são o que importa. Sem eles, não saberíamos como planejar a próxima ninhada. A gente não saberia o que significa um cachorro.

As gavetas de baixo dos armários mais antigos continham uma pilha de artigos de jornal e cartas, a maioria endereçada ao avô de Edgar. Havia uma carta de um homem de Ohio cujo cachorro o havia resgatado de um afogamento. Outra, de uma mulher do estado de Washington, descrevia como seus cachorros a tinham protegido quando foi atacada por uma suçuarana. Algumas cartas estavam presas

com um clipe de papel a recortes de jornal de cidades distantes. The Boston Globe. The New York Times . Até do Times de Londres. O padrão era claro: o avô dele lhes escrevera porque seus cachorros tinham feito alguma coisa notável, alguma coisa noticiada no jornal.

Uma carta, particularmente, chamou a atenção de Edgar. Tinha o carimbo postal de Nova Jersey e o nome, Brooks, soava familiar. Ele leu as primeiras linhas, depois levantou-se, conferiu de novo a lombada do Cães de trabalho e voltou à carta.

Morristown, Nova Jersey, 2 de maio de 1934

Prezado senhor Sawtelle,

Obrigado por seu interesse em nosso trabalho. Fico satisfeito que Cães de trabalho tenha sido de alguma ajuda e não apenas uma documentação inútil. Infelizmente, não tenho planos que me levem ao Wisconsin em um futuro próximo, uma vez que nosso trabalho exige minha presença aqui. Como uma pessoa que trabalha com cachorros, creio que o senhor compreende.

Primeiro, suas perguntas. Não procuramos treinar nossos cachorros a fazerem escolhas complexas em seus objetivos de treino. Claro, os cachorros fazem julgamentos consistentes muitas vezes ao dia, tanto em treinamento como em serviço, mas a intenção de um comando é sempre clara e sem ambiguidade. Por exemplo, quando chamado, o cachorro deve sempre atender. Quando mandado ficar quieto, deve sempre ficar quieto. Não vejo nenhum benefício em pedir que um cachorro talvez venha quando chamado. Farejar uma pista exige alto grau de escolha, mas não do tipo que o senhor perguntou. Somos eminentemente práticos nessas questões. Nosso objetivo é produzir os melhores cães de trabalho possíveis e, portanto, nossa ênfase está na previsibilidade.

Eu não gostaria de me arriscar a dizer sobre se o comportamento de escolhas que o senhor me pergunta pode ser treinado ou testado com exatidão, ou se é hereditário. E não tenho em mente nenhum procedimento de comprovação eficaz além daqueles que o senhor sugere. Passei as últimas noites especulando em vão toda essa questão sobre escolha entre objetivos, e cheguei mesmo a discutir o assunto com meus colegas. O consenso parece ser que, mesmo que fosse possível, isso seria de pouca utilidade para os cães de trabalho.

Em segundo lugar, por razões que creio o senhor entenderá, não podemos cogitar sobre a troca de cães. As seis matrizes que compõem o programa de criação

da Fortunate Fields representam linhagens cuidadosamente pesquisadas. A fim de selecionar uma matriz fundamental de apenas vinte e um animais examinamos o pedigree de centenas de candidatos, comparamos com seus títulos de trabalho e de exposições.

Por isso, todos os nossos cachorros possuem ancestrais comprovados que produziram tanto cães de excelente conformação como de grande sucesso no trabalho. Introduzir um desconhecido na linhagem está fora de questão.

Gostaria também de lhe apresentar duas observações. Primeiro: ao iniciar seu programa de criação com cães que o senhor considerou de "excelente temperamento e estrutura", mas sem pedigree de origem, o senhor tornou a obtenção de seu objetivo, e admito que não o entendo de todo, incomensuravelmente mais difícil. Embora seja verdade que, em essência, foi acidental a escolha de cães pastores alemães, a opção de começar com linhagens bem documentadas não o foi. Sabemos, por exemplo, que nossos cães são estruturalmente sadios há pelo menos cinco gerações.

Quando surgem dúvidas sobre a origem de algum traço, podemos entrar em contato com os proprietários dos ancestrais de duas e, às vezes, de três gerações anteriores. No intuito de produzir um cão de trabalho cientificamente construído, tal coisa é inestimável. Sem essa informação, seria de esperar que as primeiras doze gerações apresentassem extrema variabilidade de tipo; para colocar ordem nesse caos, seria preciso realizar cruzamentos consanguíneos agressivos, com a previsível amplificação de traços indesejáveis tanto quanto dos desejáveis.

Sinto-me também compelido a lhe dizer que é assombrosamente ingênuo pretender criar uma raça de cães. Esse procedimento, selecionando o que o senhor arbitrariamente considera exemplares excepcionais (qualquer cachorro que atenda seus caprichos) e cruzá-los com sua linhagem, resultará apenas numa mistura, e poderá criar filhotes não saudáveis ou inviáveis. Minha opinião é contrária a esse procedimento. O senhor parece ter conhecimento dos princípios da hereditariedade e diante disso fico perplexo com que pensa poder realizar. O senhor, a espécie canina e nossa sociedade estariam mais bem servidos se aceitasse os limites da criação animal. Sua vaidade é bastante comum, todo criador a ela se permite durante um momento de fraqueza, mas os melhores deixam de lado essas ideias e perguntam o que é certo para a linhagem. Espero que o senhor logo o faça também. O que está tentando é, em essência, o contrário de nossos esforços, e não posso recomendar tal atitude.

Havia um espaço em branco no texto e a carta continuava:

Senhor Sawtelle,

Depois de terminar a última passagem, deixei de lado esta carta durante alguns dias, incomodado demais para concluí-la. Senti que devia ou escrevê-la de novo em um tom mais civilizado ou simplesmente não enviá-la. Embora não esteja hoje menos firme, nesse meio tempo descobri que irei a Minneapolis. Isso é raro e imprevisto, mas se entendi corretamente o mapa, no meu retorno posso ter tempo para uma breve viagem complementar, cujo propósito seria convencê-lo pessoalmente de sua loucura. Além disso, como cientista, sinto-me na obrigação de examinar seus animais, na remota possibilidade de poderem vir a ser úteis para nós. Devo viajar dentro de seis semanas e terminarei meus negócios em Minneapolis por volta de 15 de junho.

Assinado,

AB

A carta era uma curiosidade. Edgar tinha lido Cães de trabalho anos antes e sabia que Brooks era um dos primeiros criadores do projeto Fortunate Fields. Na biblioteca improvisada em cima dos arquivos havia diversos livros sobre aquele assunto, assim como artigos sobre Buddy, o mais famoso desses cachorros. A Fortunate Fields havia surgido por meio do apoio filantrópico de uma mulher chamada Dorothy Eustice, cuja ideia era criar cães para ajudar a humanidade, particularmente cães-guias para cegos. Para conduzir os trabalhos, foi fundada uma instituição chamada O Olho Que Vê.

A Fortunate Fields era interessante porque cães-guias para cegos tinham de ter um temperamento especial: ser imperturbáveis, fáceis de treinar e mais felizes quando trabalhando. Isso eliminava cães que, por exemplo, se assustavam com ambientes novos ou eram fechados demais para serem confiáveis num trabalho regular. A lenda família Sawtelle (que Edgar sempre considerou um mito) era que seu avô entrara em contato com os criadores da Fortunate Fields nos primeiros tempos e que um deles se dera o trabalho de aconselhá-lo na criação e no treinamento. Dizia a história que os cachorros sawtelle tinham o sangue de Buddy.

Edgar passou o dedo pelas cartas. Havia diversas outras de Brooks. A seguinte era datada de dois meses depois.

Morristown, Nova Jersey, 2 de julho de 1934

Senhor Sawtelle,

Peço desculpas por minha pressa em ir embora. Sua hospitalidade foi mais do que eu podia esperar, na verdade, mais do que deveria ter me permitido. Depois de ver seus cachorros, compreendo seu entusiasmo. No entanto, devo repetir que não existe possibilidade de usarmos seus animais como matriz da Fortunate Fields.

Tendo visto suas anotações, entendo que a diferença entre nossas atitudes é filosófica, não técnica. O senhor é, à sua maneira, tão seletivo quanto nós da Fortunate Fields. (Se estou repetindo o que já disse durante a visita, peço desculpas, parte da coisa agora me escapa.) Não creio que o senhor tenha muita chance de sucesso, embora sua definição de sucesso seja menos precisa que a nossa. Isso pode ser mais sensato, como o senhor disse, mas é menos científico, e na ciência o progresso é necessariamente lento.

Também não posso permitir que mande uma fêmea para cá para ser fecundada. Embora esteja do seu lado nessa questão, meus colegas não concordaram.

Porém, posso revelar confidencialmente o seguinte: um cavalheiro chamado Conrad McCalister possui um cachorro dos nossos, Amos, nos arredores de Minneapolis, já há dois anos. Amos é filho de Buddy e sob todos os aspectos tão bom quanto ela. Consideramos Amos um de nossos maiores sucessos, embora Buddy receba toda a publicidade. Com minha anuência, creio que Conrad permitiria que Amos fosse pai de uma ninhada com uma cadela de sua escolha. Posso garantir que o senhor receba toda a documentação de Amos, uma vez que estaria em condições de apreciar seu significado.

Por fim, gostaria de mencionar uma questão pessoal, desejando que nunca seja abordada outra vez. Nossa noite no The Hollow (acredito que assim se chamava o estabelecimento) culminou com um incidente bastante infeliz, embora tolo. A jovem que o senhor me apresentou passou a escrever várias cartas para meu endereço pessoal, indicando que preferia não colocar o fato em sua devida perspectiva. Pode ter certeza, já concluí que se trata apenas de uma questão de afeição despropositada e não de algo de natureza médica. Acredito que o senhor a conhece, se minha lembrança daquela noite não foi completamente destruída por seja lá o que for que continham aqueles copos. (Nunca mais poderei ouvir o nome "Leinenkugel" sem sentir alguma náusea. É uma sorte que a bebida não seja vendida aqui.)

De qualquer forma, lhe sugeri que a melhor coisa seria uma sutil lembrança

na forma de um filhotinho aparentado com a famosa Buddy, que ela poderá adquirir com o senhor. Expliquei a ela que se trataria de um sobrinho ou sobrinha do lado paterno de Buddy, mas, como o senhor bem sabe, quem não está envolvido com a criação de cães demonstra pouco interesse nas exatas relações filiais e não tem o menor apreço pelo seu significado. De qualquer forma, se o senhor concordar em tornar isso possível, ficarei feliz de escrever a Conrad uma carta endossando o acasalamento. E o senhor contaria com minha mais profunda gratidão.

Acredito que o senhor empreendeu um projeto particularmente interessante, senhor Sawtelle. Se minha carta anterior lhe pareceu rude, por favor aceite minhas desculpas.

Esperando ansiosamente sua resposta,

Alvin Brooks

P.S.: quanto ao nome, não vejo nenhuma razão para não chamá-los de "cães sawtelle" ou talvez apenas "sawtelles". Se chegarem a qualquer coisa além de vira-latas bem treinados, serão, afinal, produto de sua visão.

E em seguida uma terceira carta, datada de quase cinco anos depois:

Morristown, Nova Jersey, 18 de novembro de 1938 John,

Não compartilho esse desejo de filosofar sobre a natureza de homens e cães. Leva a discussões que são, na melhor das hipóteses, não científicas e, na pior, um desperdício de energia intelectual. Você está falando de religião, não de ciência.

Uma parte de sua carta, porém, me intrigou, sua discussão sobre Canis posterus, o "cão vindouro", como você os chama. Conheço a teoria do grande lobo, esse gigantesco ancestral dos lobos que pisou a terra pré-histórica. Acredito, como você, que nossos cães modernos descendem dos lobos da antiguidade, talvez de cem mil anos atrás. Como você diz, isso nos dá três pontos, mais que o suficiente para desenhar uma trajetória, caso eles pertençam ao mesmo ramo evolucionário da espécie. Isto é, o grande lobo pode ter sido alguma coisa completamente separada do Canis lupus, uma forma alternativa com que a seleção natural brincou e descartou.

Devo esclarecer uma coisa antes de prosseguir. Você fala de seleção natural e evolução como se fossem uma única e mesma coisa, mas a seleção natural, a sobrevivência não dirigida de um indivíduo ou indivíduos, é apenas um dos

mecanismos da evolução, e não o único. A mutação, por exemplo, é outro mecanismo, uma maneira de introduzir a novidade. Como você bem sabe, a criação animal conscienciosa serve à mesma função da domesticação de animais que a seleção natural serviu no estágio selvagem.

No entanto, na geometria, dados dois pontos, é preciso traçar uma linha. Talvez a mesma coisa seja verdadeira na biologia. Imagine que esses dois pontos que tomamos sejam o lobo e o cão doméstico. Isso de fato implica algo mais na mesma linha — "o cão vindouro", como você gosta de dizer.

Mas é aí que seu pensamento se confunde, porque, ao longo de qualquer linha biológica, os pontos mais distantes não são mais avançados do que os pontos iniciais; são apenas mais bem adaptados. Isto é, a evolução e a sofisticação não são necessariamente uma única e mesma coisa. E, portanto, é inútil sua infindável especulação sobre a natureza do Canis posterus, e, consequentemente, a próxima pequena mudança que fará deles melhores trabalhadores (que é o meu sonho) ou companheiros (o seu), uma vez que as forças de seleção teriam de saber previamente qual pequena mudança é desejada ou ser capaz de reconhecê-la quando acontecer por puro acidente. Esta última possibilidade não é realista: mutações ocorrem numa taxa extremamente baixa em qualquer população e, é claro, a chance de uma mutação específica que adaptaria um cachorro para companhia... bem, é possível, mas estatisticamente improvável.

Isso o coloca na incômoda posição de especular sobre uma mudança que só poderá ocorrer se você souber qual vai ser (ou quanto tempo a seleção natural tem em mãos). Essa é a dificuldade crucial que o leigo tem para entender a evolução: ela funciona numa escala de tempo tão distante da experiência pessoal que é preciso treinar para pensar em éons, não em décadas. Aqui na Fortunate Fields definimos com cuidado critérios objetivos conhecidos previamente por meio dos quais nossos animais podem ser comparados aos mais aptos; sabemos exatamente quais comportamentos selecionar. Portanto, embora nosso progresso tenha de ser lento, temos confiança de que ele também será constante.

Como, porém, você insiste em conjeturar sobre isso, eu direi o seguinte. Existem limites para o que até mesmo o mais rigoroso programa de criação pode obter — com base não apenas na matriz inicial e nos limites de precisão que temos para avaliar os cães, mas nos limites que vêm de dentro de nós — , limites, em outras palavras, de nossa própria imaginação, e de nós mesmos como seres humanos conscienciosos. Afinal, para criar cachorros melhores, teremos de nos

tornar pessoas melhores.

E essa, meu senhor, é a última conjetura que você vai ouvir de mim nesse sentido.

Havia mais na carta, uma troca de ideias sobre técnicas de canil, esclarecimento de cartas mais antigas. O que interessou Edgar foi como Alvin Brooks assinou a carta. Levar o homem tão formal daquela primeira carta indignada a uma que ele encerrava com "Afetuosamente" deve ter exigido d ezenas, senão centenas de cartas trocadas. Por que aquelas, dentre todas, haviam sido conservadas? Ele sabia que podia ser o acaso. Mas ainda vasculhou os armários de arquivos, para ver o que mais conseguia encontrar, foi abrindo carta após carta e colocando de lado.

Tudo aquilo o fazia pensar sobre os registros deles. A papelada sobre um cachorro não terminava quando ele deixava o canil. A pedido de seu pai, os novos donos mandavam cartas de tantos em tantos meses, descrevendo como o cachorro adotado estava se saindo. Quando um cachorro chegava aos cinco anos, seu pai entrava em contato com os donos para preencher outro formulário. E quando o cachorro morria, um outro formulário era preenchido, registrando a idade, a causa da morte, o comportamento no final da vida e assim por diante. Às vezes, o pai de Edgar até falava com o veterinário do cachorro. O resultado é que a pasta de cada cachorro se expandia com o tempo, até ficar recheada de notas, cartas, fotografias.

— Uma ninhada — disse o pai de Edgar — é como uma radiografia dos pais dela e dos pais dos pais, mas uma radiografia que leva anos para ser revelada, e mesmo assim é imprecisa. Quanto mais raios X se tem, melhor a imagem que se consegue.

Isso fazia sentido. Um cachorro podia inseminar uma dúzia de ninhadas, cada uma com seis ou sete filhotes. Isso significava quarenta ou mais filhotes com as qualidades do reprodutor. Se, num exemplo extremo, palatos fendidos apareciam em todas as ninhadas (o que significava que os filhotes tinham de ser sacrificados), você sabia que o pai tinha propensão a palato fendido. (Claro que se um animal produzia palatos fendidos mais de uma vez paravam de usá-lo como reprodutor, e uma faixa vermelha era pintada na pasta do cachorro.)

No momento em que ia deixar o canil, o cachorro era avaliado uma última vez. Chamavam isso de "o acabamento". Não havia testes especiais no acabamento, apenas as mesmas coisas em que ele já havia sido testado, os mesmos exercícios, as mesmas medições. A diferença era que, dessa vez, os resultados eram arrolados

numa escala numérica que representava a maturidade do cão. Esta última pontuação era a melhor indicação do que os ancestrais haviam passado adiante, a melhor radiografia.

Quando uma pontuação final era atribuída, o pai de Edgar recalculava todas as pontuações finais dos ancestrais, até cinco gerações. Era assim que se acumulavam evidências de como o cachorro se reproduzia, de como passava adiante suas qualidades boas ou ruins às gerações seguintes. Um segundo número revelava quantos da prole de um cachorro haviam contribuído com a pontuação master: um índice de confiança.

Ao planejar ninhadas, a escolha entre dois cachorros com pontuações finais quase idênticas favorecia o cachorro com índice de confiança mais alto, aquele que havia sido testado com mais profundidade. Esse era um sistema que o avô de Edgar havia elaborado e refinado, ao que parece, em longas discussões com Brooks, e que seu pai havia praticado, modificado e incrementado.

Não era um esquema perfeito, é claro. Embora a pontuação final desse uma ideia de como o cachorro tinha se saído em testes, algumas questões subjetivas deviam ser levadas em conta. Não o temperamento, que eles dividiam em comportamentos individuais e avaliavam, e não as qualidades físicas, que eram facilmente mensuráveis, mas como o cachorro combinava todas essas coisas, porque o todo de cada cachorro era sempre maior do que a soma de suas partes.

Alguns, por exemplo, pareciam ter o dom da inspiração: eles encontravam novas maneiras de fazer coisas com mais frequência do que outros. Não havia jeito de medir isso. E havia a personalidade do cachorro, que era distinta de seu temperamento. Um cachorro com senso de humor sempre encontrava um jeito de fazer graça e podia ser um prazer trabalhar com ele. Outros eram sérios e contemplativos, e eram bons por outras razões.

Às vezes, o pai de Edgar resmungava que tudo o que fazia era registrar as falhas de um cachorro, embora o que ele quisesse dizer era que mesmo o melhor registro do mundo não conseguia captar a totalidade de um cão. Podiam registrar apenas o que era mensurável. E as medições e os testes dos cachorros, os telefonemas e as cartas de acompanhamento, as reavaliações dos ancestrais de um cachorro colocado, tudo isso servia para lembrar a seu pai o caráter do cachorro por inteiro. Quando chegava a hora de planejar uma ninhada, a pontuação e os números serviam apenas como guia. Não era raro ele escolher baseado na intuição, em detrimento dos números.

Mas a reclamação de seu pai apontava também para o fato de que os registros preveniam, sobretudo, maus acasalamentos; cruzar, digamos, dois cachorros que tendiam a produzir frontes fracas. Isso é que era interessante no planejamento de um cruzamento. Dois cachorros brilhantes não podiam cruzar se havia o risco de produzir uma ninhada cheia de joelhos tão retos que os cachorros estariam aleijados antes de completar cinco anos. E, portanto, a primeira questão sobre qualquer possível acasalamento era não a maravilha que seriam os filhotes, mas os problemas que poderia produzir.

Pensando em tudo isso, Edgar começou a entender o que a mãe quisera dizer ao afirmar que não tinha palavras para descrever o que tornava valiosos os cachorros. Em parte, era o treinamento. Eles passavam longas horas treinando caminhada maluca, o fica , livre , série de olhos nos olhos e todo o resto até os filhotes prestarem atenção na direção para onde estavam indo e para o que estavam olhando; eles aprendiam que uma certa expressão no rosto de uma pessoa queria dizer que havia alguma coisa interessante atrás dela ou em outra sala. Ele achara aquilo natural, mas agora que a mãe apontara isso, via como era incomum.

Então, o valor de um cachorro resultava do treinamento e do cruzamento. E cruzamento Edgar achava que queria dizer tanto a linhagem, os cães ancestrais específicos, como toda a informação contida nos arquivos. Porque as pastas, com suas fotografias, medições, notas, tabelas, referências cruzadas e pontuações, contavam a história do cachorro, o que significava um cachorro, como o pai dizia.

Às vezes, quando Edgar tinha uma ideia, toda uma série de outras ideias vinha atrás dela, como se estivessem congestionadas em algum ponto de sua cabeça, esperando um espaço para serem liberadas. De repente, ele entendeu como o treinamento, os cruzamentos e os registros funcionavam em conjunto, como o treinamento testava as qualidades do cachorro, sua habilidade de aprender diferentes tipos de trabalho.

Isso explicava as notas de treinamento e por que os Sawtelle tinham de criar os cachorros até a maturidade: se colocassem um filhote, não saberiam que tipo de cachorro ele havia se tornado. Mas os Sawtelle podiam compará-los porque treinavam cada cachorro. Então, fazia sentido que a pontuação final de um cachorro pudesse alterar a pontuação de seus ancestrais, que por sua vez determinavam os cachorros que seriam usados no próximo acasalamento. Como se cada cachorro tivesse voz na seleção das próximas gerações.

Edgar fechou os olhos e esperou até conseguir manter tudo na cabeça, e

quando isso aconteceu, queria tanto fazer perguntas a seu pai, ter certeza de que tinha entendido as coisas direito, que quase chorou. Mas só lhe restavam os registros. E, no entanto (ele sentia isso, mas não encontrava palavras para expressar), alguma outra coisa tornava os cachorros valiosos também, alguma coisa que não estava no meio daquela súbita cascata de ideias. Ele queria ter lido as cartas de seu avô para entender o que ele queria dizer com "cães vindouros".

Por mais ingênuo ou deslumbrado que seu avô tivesse parecido a Brooks, Edgar achava que a visão de John Sawtelle não podia ser tão quixotesca.

Na verdade, Edgar tinha uma sensação de que ela já podia ter acontecido.

Lições e Sonhos

ALGUMAS SEMANAS DEPOIS DO FUNERAL, QUANDO O IMPACTO HAVIA abrandado e restabeleceram-se algumas rotinas no canil, começaram os sonhos de Edgar. Neles, o pai fazia as coisas mais comuns: andava pelo caminho de entrada para pegar a correspondência, lia em sua poltrona, levantava um filhote na sala de parto para olhar de perto. Edgar procurava alguma ligação entre seus últimos pensamentos acordado e o que enxergava ao dormir. Uma noite, viu-se andando junto ao córrego com o pai, o sumagre e a aronia verdes e luxuriantes, embora ele soubesse, mesmo no sonho, que lá fora os campos estavam cobertos por uma densa camada de neve. Então seu pai se virou e disse alguma coisa, alguma coisa importante. Quando Edgar acordou, ficou imóvel, tentando fixar aquelas palavras na cabeça, mas quando entrou arrastando os pés na cozinha, não conseguia se lembrar se seu pai tinha sinalizado ou falado.

Trudy observou-o por cima da xícara de café.

— Qual o problema? — perguntou.

Nada.

— Foi um sonho? — ela perguntou. — Seu pai? Ele ficou surpreso de ela adivinhar. Não sabia o que responder.

Ela estaria tendo sonhos também? Podia ser: certas manhãs ela parecia tão frágil como um filhote de passarinho. Estava tentando protegê-lo de qualquer mau pressentimento que tivesse, isso ele percebia. Ela ficava acordada até tarde, sentada à mesa da cozinha, fingindo trabalhar. Metade do tempo, ele fazia a comida porque ela parecia ter esquecido de comer. Apenas revirava a comida no prato, depois levantava-se e arrumava a cozinha. Quando falava com as pessoas da cidade, era calma e controlada (embora parecesse cansada), mas por trás das aparências Edgar via que alguma coisa se rompera.

E havia, ele descobriu, uma espécie de egoísmo nele em relação a seus sonhos. Podiam ser falsas lembranças, mas mesmo assim eram lembranças, tempo roubado. Enfim, ele apenas deu de ombros e partiu para suas tarefas matinais. Não a enganou, porém também não contou, o que, por ora, bastava.

A MÃE O FEZ CONSTRUIR uma barreira baixa no depósito: duas estacas em pé e uma barra atravessada, como barreira de uma corrida de obstáculos. Uma cortina rústica de fitas vermelhas pendurada na barra. Pediu que Edgar trouxesse um dos cachorros. Primeiro, ele tencionava usar Essay, que adorava trepar e pular. Depois, lembrou-se da advertência da mãe sobre treinar os cachorros em exercícios que eles já dominavam, e por isso escolheu Finch. Fez o cachorro ficar quieto numa extremidade da barreira, depois foi para o lado da mãe.

— Mande ele saltar a barreira — ela disse.

Não estava pedindo nada de sensacional: a barra estava na marca mais baixa, quinze centímetros acima do piso. Finch podia passar por cima daquilo. Quando Edgar sinalizou o chamado, Finch foi para a frente. Farejou as estacas para depois dar a volta sem passar por cima da barra. Trotou o resto da distância e terminou na frente de Edgar, abanando o rabo, olhando de um para o outro.

— O que me diz disso? — perguntou a mãe.

Ele fez errado, Edgar sinalizou.

— Tudo bem, vamos colocar de outro jeito. O que você fez de errado?

Nada. Ele sabia exatamente o que eu queria. Teve de dar uma volta para evitar isso.

— É mesmo?

Edgar olhou para Finch, cuja boca estava ligeiramente aberta, as orelhas eretas, os olhos brilhando, maliciosos. Claro que Finch sabia que tinha de pular a barreira. Ele não apenas tinha visto outros cachorros fazerem a mesma coisa, como o próprio Finch havia pulado a barreira muitas vezes, mesmo quando estava colocada muito mais alta (embora nunca de maneira confiável, Edgar tinha de admitir). Com toda certeza, Finch não tinha medo da barreira, como alguns cachorros têm. E, além disso, era obviamente o caminho mais curto entre eles.

É, sim, sinalizou Edgar. Você viu.

— Tudo bem — disse a mãe. — Vamos esquecer por um momento que quando Finch finalmente chegou aqui, você não reagiu. Aliás, ele ainda está esperando por isso, mas é um cachorro paciente. Ele sabe que você vai acabar reagindo. Existe até uma possibilidade ele não se esquecer por que você o estaria

elogiando. Enquanto isso, por que não leva Finch de volta? Talvez a gente consiga fazer isso de novo e entender qual é o problema.

Envergonhado, Edgar coçou o peito de Finch e alisou a pelagem da cabeça do cachorro. Enfiou os dedos na coleira, mas antes que desse um passo a mãe disse:

— Pare!

Ele se virou para olhar.

— Por que você acabou de agradar o Finch?

Ele riu, em silêncio, os ombros balançando. A mãe parecia decidida a fazer perguntas absurdas.

Porque ele veio quando eu chamei.

— É mesmo? — Ela parecia intrigada. — Tudo bem. Certo. — Ela levantou o braço e com um aceno sem energia sinalizou que eles continuassem, uma rainha dispensando seus súditos. — Prossiga.

Ele levou Finch até o outro lado do depósito, passando bem longe das estacas para não reforçar por acidente o caminho incorreto. Quando chegaram à metade do caminho de volta à posição inicial, a mãe dele gritou de novo:

— Pare!

Eles pararam. A barreira estava ao alcance da mão de Edgar. Lá longe, perto da porta do depósito, a mãe estava com as mãos na cabeça como uma louca, como se não conseguisse acreditar no que estava vendo.

— O que você pensa que está fazendo? — ela perguntou.

Era uma representação, ele sabia, e arrancou dele outra risada.

Estou levando o Finch para o ponto de partida.

— Mas você não passou por cima da barreira!

Você não me pediu que eu passasse por cima da barreira.

— Exatamente — disse ela. — Está vendo? Você não treina um cachorro a fazer alguma coisa se não sabe o que quer que ele faça. Quando chamou Finch, você mesmo não sabia o que queria. Como eu sei? Porque você disse uma coisa para ele e esperava outra, exatamente como eu fiz. Se soubesse o que queria de você, eu teria pedido isso. Mas eu não sabia até você já ter passado a barreira. Agora eu sei o que

você queria. Volte aqui. Você me ensinou o que eu queria.

Obediente, ele levou Finch de volta para o lado dela.

— Obrigada — ela disse, com uma ligeira inclinação.

De nada, ele sinalizou, inclinando-se também. Estava sendo difícil esconder o sorriso no rosto.

— Quem era o professor nessa conversa?

Ele apontou para ela.

— Ah, é mesmo?

Ah. Eu ensinei você.

— Então, quem foi o professor?

Fui eu.

— Certo. O que você diz quando alguém faz de tudo para ensinar alguma coisa para você?

Obrigado?

— Exatamente. Por que você elogiou Finch antes?

Porque ele me ensinou alguma coisa?

— Está me perguntando ou afirmando?

Afirmando. Porque ele me ensinou uma coisa.

— Exatamente.

Quando a mãe abandonou a pose teatral e sorriu, ele não entendeu bem de onde vieram as lágrimas. Não estava triste, na verdade, estava rindo, mas de repente ficou com os olhos turvos. Lágrimas de choque, talvez, ao descobrir que tinha passado a vida inteira no canil e mesmo assim ainda não entendia uma coisa tão elementar. E a força da personalidade dela era imensa. Virou-se e passou a manga no rosto, antes que alguma coisa ainda mais embaraçosa acontecesse.

Ela ficou olhando um momento.

— Ah, Edgar — disse. — Não quero ser dura com você. Estou tentando esclarecer uma coisa. Lembra quando eu disse que não conseguia explicar por que as pessoas nos pagam? Eu não estava sendo modesta. Uma das coisas que você

precisa aprender é que o treinamento quase nunca depende de palavras . Eu podia tentar explicar essas coisas, mas as palavras não teriam muito sentido. É só o que acontece aqui: eu disse para você as palavras dessa ideia logo que nós começamos, mas isso não quer dizer que você entendeu. Talvez agora você entenda por que alguém paga por um cachorro "treinado" em vez de um filhote.

Ele pensou sobre isso e assentiu com a cabeça.

— Principalmente outro treinador.

Ele assentiu outra vez.

— Então, por que você não leva esse fabuloso professor chamado Finch de volta por cima da barreira , manda ele ficar quieto e vamos tentar outra vez?

Dessa vez ela o fez ficar do outro lado do depósito, ao lado de Finch, com uma guia curta presa à coleira, e deu a ordem. Edgar correu ao lado de Finch para garantir que ele pulasse a barreira: ele só precisou de uma correção em três tentativas. Depois trocaram e ela correu ao lado dele em mais três tentativas, com Edgar dando a ordem.

Ele agradeceu a Finch todas as vezes por ensinar-lhe uma coisa. Em troca, os olhos do cachorro cintilaram e ele tentou pôr a pata no peito de Edgar e lamber seu rosto. Bem contente, Edgar deixou.

O DOUTOR PAPINEAU VEIO JANTAR algumas noites depois.

— Aqui está — anunciou ao entrar.

Ele chegou acompanhado de uma rajada de ar frio e uma caixa branca de confeitaria, transportada como se fosse um prêmio. Viúvo havia muito tempo, o doutor Papineau era cliente dos cafés e padarias entre Park Falls e Ashland. Tinha opiniões formadas sobre quem servia melhor suas comidas favoritas desde ovos com torradas até torta de queijo com morango. — Merengue de limão — anunciou. — Comprei com as minhas próprias mãos.

Essa piada também fazia parte da tradição.

— Mandei a Betsy lá da padaria Mellen reservar a melhor de todas. Ela guardou mesmo: tem uma queda por mim, acho, desde que eu heroicamente removi as pedras do rim do gato dela.

A mãe de Edgar pegou a caixa da mão de Papineau.

— Bom, ela vai ter de esperar a fila das garçonetes de Park Falls andar — disse, sorrindo. — Está bom o frio, Page?

— Não — ele disse alegremente. — Queria que ficasse ainda mais frio.

— Ah, é mesmo? — ela perguntou. — E por que isso?

— Porque quando eu estiver torrando no sol da Flórida quero ler o jornal e conferir o tempo aqui. Se não houver grandes sinais de menos na frente das temperaturas, vou me sentir traído.

— Ah, sei. A migração anual.

— Ah, sim. Cada ano eu gosto mais.

Passaram o jantar conversando sobre o canil. A mãe de Edgar tinha levado um dos cachorros mais velhos ao doutor Papineau aquela semana e ele tinha diagnosticado hipotireoidismo. Conversaram sobre a medicação. Depois, ele perguntou como ela e Edgar estavam se virando, com um comentário indireto de que pareciam cansados. Trudy retrucou. As coisas estão duras, disse ela, mas sob controle. Os dois tinham organizado um horário.

A mãe de Edgar deu uma dourada na pílula. Embora fosse verdade que aos poucos as coisas estavam voltando ao normal, também não era raro ela ficar no celeiro até as nove da noite, depois mais uma hora em cima da papelada na mesa da cozinha. Edgar também trabalhava à noite, escovando e treinando os cachorros. Ele propusera passar duas horas com os cachorros todas as noites; Trudy disse que precisava sobrar tempo para a lição de casa e que, se ele fosse eficiente, uma hora e meia de treino seria tempo suficiente.

Os sábados eram exceção: eles dormiam até a hora que quisessem e resolviam coisas na cidade. Mas mesmo assim, se Edgar por acaso acordava primeiro, ele saía para o celeiro e começava o trabalho, com a esperança de que, pelo menos uma vez, a mãe abrisse os olhos e visse que não tinha nada para fazer. Muitas vezes, não fazia nem vinte minutos que ele estava trabalhando, as portas do celeiro se abriam, ela entrava, de olhos inchados, cansada e parecendo mais magra a cada semana. Além disso, havia uma tosse crônica. Às vezes, ela se dobrava de tanto tossir.

— Vocês dois estão fazendo um trabalho incrível — disse o doutor Papineau. — Nem acredito como vocês retomaram a vida depressa. Me lembro o que aconteceu quando Rose morreu. Eu não consegui fazer nada durante meses. — Ele pareceu pensativo. — Só estou me perguntando se vocês vão conseguir manter o

ritmo.

— Por que não? — disse a mãe de Edgar. — Não falta muito para o tempo mudar e as coisas ficam bem mais fáceis quando se pode treinar ao ar livre. Além disso, as férias de verão estão chegando. Isso vai fazer uma grande diferença.

— E dois meses depois disso as aulas recomeçam — disse Papineau. Ele sabia onde estavam os pratos e talheres e serviu as fatias de torta. Gostava de servir as sobremesas que trazia.

— Bom, o que mais podemos fazer? — disse a mãe de Edgar, parecendo irritada. — Somos só dois aqui. Talvez a gente precise pular uma ninhada este outono. As coisas podem ficar um pouco apertadas, mas estou controlando nossas finanças e acho que vai dar para acertar tudo. Sinto muito se a sua parte vai ser um pouco menor, mas é o melhor que podemos fazer agora.

Papineau descartou o comentário dela com um gesto do garfo. — O que eu estou achando é que você devia pensar que a verdadeira solução talvez exija três pessoas.

— Isso quer dizer?...

— Isso quer dizer que tem um garoto da família Sawtelle na cidade que conhece este canil como a palma da mão.

— Claude não tem nada de garoto — disse a mãe de Edgar. — E você sabe como as coisas terminaram entre ele e Gar.

— Águas passadas, não? Ele tem me ajudado no consultório, Trudy, e posso lhe dizer que ele ainda tem um dom. Eu me lembro como ele era há vinte anos.

— E nós dois sabemos como ele aprendeu tudo isso. Você não melhora tratando de cachorros machucados se não fica muito com eles.

— Tudo bem, tudo bem. Não vim aqui para discutir o passado de Claude. O negócio é o seguinte: onde está a folga nesse seu horário, Trudy? Não tem espaço para nada dar errado, e no fim alguma coisa sempre dá errado. Veja o ano passado. Quantas coisas imprevisíveis? Não estou falando de Gar, estou falando do canil. O celeiro foi atingido por um tornado. Você previu isso? Se não me falha memória, pelo menos uma mãe que teve mastite na amamentação no ano passado, e nós dois sabemos quanto tempo se perde alimentando com mamadeira. Você previu isso?

— Tudo bem, Page, uma pergunta: vamos supor que eu contrate alguém para

ajudar. Como é que vou pagar? Não há dinheiro. Vivemos na ponta do lápis. Pagamos nossas contas. Temos uma pequena poupança. Ponto. Aquela caminhonete não vai durar muito, e quando chegar a hora de comprar uma nova, não quero mandar ninguém embora por causa disso. Não quero nem chegar perto dessa possibilidade.

— Foi só uma ideia, Trudy — disse o doutor Papineau. — Estou tentando ajudar.

— Uma má ideia — disse ela. — É por isso que você está aqui? Para proteger seu investimento ?

Finalmente Edgar entendeu a que se referia a "parte" do doutor Papineau. Ele sinalizou uma pergunta para a mãe, mas ela balançou a cabeça irritada, pôs-se de pé e saiu da mesa. Parou ao lado do balcão onde o doutor Papineau tinha deixado a caixa de torta e com um gesto rápido jogou-a no lixo.

— Eu posso não ter nascido aqui, mas isso não significa que não sei como este lugar vem funcionando há vinte anos. Vinte anos, permita que eu lembre você disso, durante os quais Claude, com certeza, não estava aqui.

A mãe de Edgar estava com quarenta e um anos. Ele sabia que quando ela queria era perfeitamente capaz de mascarar os sentimentos, porque havia cachorros que deliberadamente se comportavam mal só para provocar uma reação, não importava se de prazer ou raiva. Na maior parte das vezes, só muito depois ele entendia que um cachorro a tinha conquistado.

Ela, decerto, era capaz do mesmo autocontrole durante uma conversa de jantar, e no entanto ali estava ela, entregando-se à raiva, quase gostando disso. As olheiras tinham desaparecido, os ombros haviam relaxado, a postura estava de repente sinuosa e ágil, como uma bailarina ou um leão. Parecia ser capaz de, com a mesma facilidade, pular em cima da mesa ou se enroscar para dormir. Parte daquilo era calculado, ele achava, para parecer que ela estava tão longe quanto possível do desamparo, e no controle absoluto de seu destino, mas parte também era uma rendição à sua própria teimosia. Ele pensou que talvez devesse sentir medo de uma tamanha manifestação de temperamento, no entanto, na verdade, nunca se sentiu tão seguro na vida.

O doutor Papineau, porém, estava completamente intimidado. Inclinou a cadeira sobre as pernas traseiras e estendeu as mãos.

— Epa — disse. — A decisão é sua. Não estou sugerindo que faça nada que

não lhe pareça certo. Mas pense nisto: no fim, alguma coisa vai dar errado. O que você vai fazer então? Só estou dizendo isso. O que você vai fazer então?

— SIM — TRUDY DISSE quando o doutor Papineau foi embora. — Ele tem uma participação no canil. Dez por cento.

E há outras pessoas?, Edgar perguntou.

— Não. Anos atrás, quando ficamos apertados de dinheiro, Page nos ajudou. Naquela época, era impossível conseguir um empréstimo, então ele pagou cinco mil dólares em troca de cota do canil. Mas ele tem as obrigações dele.

Por isso que você nunca paga o trabalho dele.

— É.

E Claude?

— Claude vendeu a parte dele para seu pai quando seu avô morreu.

Edgar tinha outras perguntas, mas de repente a mãe pareceu exausta, e de manhã ele teria muitas oportunidades para fazer suas perguntas.

DE QUANDO EM QUANDO, Edgar relia as cartas de Brooks. Elas eram como um enigma a ser solucionado. Brooks era dado a proclamações e alertas lúgubres. Argumentos acalorados eram levantados contra ou a favor da importância da marcha, dos jarretes, dos flancos, da função do rabo; do ângulo ideal das quartelas; o quanto isso podia variar entre a linhagem da Fortunate Fields e os cães sawtelle; se seria possível diferenciar a disposição para trabalhar da inteligência mais geral; se a sensibilidade corporal era aprendida ou herdada. Os argumentos eram sempre promovidos a teorias. Brooks parecia ser o homem que arrastava John Sawtelle para a idade da ciência.

"Tenho a vantagem de saber" , escrevia ele, "que muito depois que eu me for o meu trabalho fornecerá alicerce sobre o qual poderão se desenvolver futuras gerações de cães, criadores e treinadores. Habilidade e talento apenas não bastam. Se essas coisas existem em você, e apenas em você, não em dados e em procedimentos rigorosamente registrados, de que adiantarão seus esforços? Uns poucos cachorros, uns poucos sucessos, nada mais. Só um breve lampejo de luz na escuridão."

Tinha havido algum problema em 1935, embora Edgar não soubesse dizer o quê, alguma doença havia acometido o canil, talvez, ou alguma falha espetacular no treinamento. De qualquer forma, era sério o bastante para Brooks mudar do debate para o encorajamento. "Não há nada a fazer senão recorrer a suas realizações", ele escreveu. "Agora seus registros devem servir a você, não a seus cachor ros. Estude-os. Olhe quantos cachorros seus foram bem-sucedidos no mundo. Seus registros são um histórico de suas realizações, John. Eles demonstrarão por que você se lançou a esse trabalho."

Edgar nunca tinha visto o pai selecionar um cachorro para acasalamento por puro capricho, mas naqueles primeiros tempos ainda não havia nada que pudesse ser chamado de cachorro sawtelle; havia apenas os cachorros de John Sawtelle. O que deixava Brooks maluco era que o avô de Edgar tinha o costume de ver um cachorro na rua e concluir que ele tinha alguma qualidade essencial. As respostas de Nova Jersey muitas vezes pareciam gritar: "Quantas vezes nós já discutimos isso, John? Cada vez que você faz isso, introduz na sua linhagem maior variabilidade do que possa ser benéf ico a ela. Por que você confia no acaso?"

Edgar organizou as cartas de Brooks em ordem cronológica. A última parecia dar um ponto final à discussão.

Morristown, Nova Jersey, 16 de dezembro de 1944 John,

Você deve ser o homem mais teimoso que já conheci. Permita que eu refute suas posições uma última vez, embora tema que ninguém jamais conseguirá mudar sua opinião a esse respeito. Pelo menos concordamos que por meio de uma cuidadosa documentação do fenótipo pode-se aumentar ou diminuir a preponderância de uma qualidade se ela for medida objetivamente e reforçá-la em muitas gerações através do acasalamento seletivo.

Até o fazendeiro mais pobre sabe que isso pode ser feito e se tira proveito disso: escolhe heresfords, holsteins ou guernseys, dependendo de suas necessidades. Ele tem opiniões definitivas quanto a colocar um percheron ou um belga nos arreios.

Do mesmo modo, nós aplicamos princípios científicos à hereditariedade em busca da perfeição de um acasalamento, de modo que em vez de apenas um cachorro em duas ninhadas seja aproveitável, noventa por cento correspondam a nossas expectativas. Como estamos fazendo isso? Pela definição e mensuração das qualidades que produzem um bom cão de serviço. E é aí que nós discordamos. Você sente muito menos necessidade de escolher traços específicos a priori, acreditando,

em vez disso, que características notáveis simplesmente aparecerão se os melhores indivíduos, tomados como um todo, forem introduzidos na linhagem.

Vamos usar a metáfora do sal. Não podemos ver o sal em um copo de água, mas podemos sentir seu gosto. Se misturarmos dois copos de água ligeiramente salgada e reduzirmos a quantidade, teremos um resultado mais salino. Se repetirmos essa experiência um determinado número de vezes, o invisível se torna visível: cristais de sal. Podemos não ter começado pensando em criar cristais de sal, mas agora os temos. Isso é análogo ao que você propõe. Você escolheu, inteligentemente, trabalhar com salmoura forte. Não sabe o que vai obter se continuar a destilar, apen as que "isto vai ficando sempre mais salgado que aquilo". E assim, por mera adivinhação, escolhe um cruzamento e não outro.

Na Fortunate Fields, ao contrário, nós não só sabemos que estamos tentando produzir cristais de sal como sabemos o tamanho, a forma e a cor desejados para esses cristais, e temos cuidadosamente documentada a salinidade do pai e da mãe de cada ninhada, assim como de sua prole.

No entanto, vi seus registros e você é quase tão rigoroso quanto a Fortunate Fields. Confesso que nosso rigor e precisão às vezes me cansam. Não digo que nosso processo seja fácil. Bem ao contrário: se isso fosse fácil, já teria sido feito há muito tempo. Mas digo, sim, que é a única maneira de obter resultados comprovados.

No fim, a diferença entre mim e você limita-se à diferença entre o artista e o técnico. O artista não sabe o que ele quer, mas procura boa tinta, bons pincéis e boas telas. Acredita que seu talento produzirá um resultado agradável. Infelizmente, não é isso o que acontece com a maioria das pessoas. O técnico diz: o que eu posso fazer em que possa confiar? Pode não ser o ideal, mas tenho de poder garantir aos meus clientes que a cada compra vão receber o mesmo produto. O técnico privilegia a previsibilidade em detrimento da "mera" excelência. Por uma boa razão: você frequentaria uma confeitaria onde uma em cada dez tortas é divina, enquanto as outras nove são intragáveis?

Isso mostra você como uma figura romântica e a mim como um trabalhador. Talvez você pense que isso me diminui. Eu não. Mude a analogia de pão para remédio e terá o mesmo impulso que eu. Você pode estar disposto a arriscar com uma torta, mas se seu filho estiver doente você sempre escolherá o remédio com resultados confiáveis. Eu sacrifico o brilho para tornar um bom remédio disponível para a humanidade.

Ninguém é capaz de dizer se você é aquela pessoa que, com uma boa tinta,

bons pincéis e uma boa tela, pode produzir algo melhor que o técnico. Isso está e sempre esteve acima da esfera da ciência. Você realmente tem a atitude de um sonhador. Por essa razão, não tenho mais ânimo para discutir sobre isso: é uma tarefa inglória. E para um simples técnico como eu, um esforço deve ser abandonado quando se tem a certeza de que ele é infrutífero. Só o artista persevera nessas circunstâncias.

No entanto, lhe deixarei uma pergunta. Suponha que, guiado apenas pela intuição, você capte a grandeza que procura. Não importa que não se possa definir "grandeza" em termos científicos. O que o faz pensar que será capaz de reconhecer a grandeza quando ela aparecer? Alguns acreditam que o comportamento bruto do animal pode ser reduzido a um conjunto de traços simples e indivisíveis, e que só a multiplicidade de formas em que esses traços se combinam cria a ilusão de complexidade. Suponha que você tope com uma pequena mudança com dezenas de ramificações no comportamento bruto do animal. Como saberá o que você fez? Como fará para obter a mesma coisa outra vez?

O pintor que cria uma obra-prima nunca produzirá outra, isso é bem sabido. Se você obtiver um sucesso, muito provavelmente ele será singular. Você é capaz de se satisfazer com isso, John?

Almondine

PARA ELA, O CHEIRO E A LEMBRANÇA DELE ERAM UMA COISA SÓ. ONDE era mais forte, o passado distante lhe voltava como naquela manhã: ele tirara o pardal morto de suas mandíbulas, antes que ela aprendesse a esconder essas coisas. Conduzindo-a até o piso, dobrando seu joelho até fazê-la sentir a pontada da artrite, a palma da mão contra suas costelas para medir a respiração e saber quando a dor começava. E para consolá-la. Tinha sido na semana antes da sua partida.

Ele tinha ido embora, ela sabia disso, mas algo dele permanecia nas tábuas do assoalho. Às vezes, o piso tremia sob os passos dele. Ela se punha de pé então, farejava a cozinha, o banheiro, o quarto, principalmente o closet, com a intenção de comprimir o pescoço na mão dele, de passar o pescoço em sua coxa, sentir o calor do corpo dele através do tecido.

Lugares, horas, tempo: tudo isso o despertava dentro dela. Chuva, principalmente, caindo nas portas duplas do canil, onde ele esperara durante tantas tempestades, cada gota lançando uma dúzia de réplicas no ar ao atingir a terra encharcada. E onde se encontram a água que sobe e a água que cai forma-se algo como uma expectativa, um lugar onde ele pode aparecer e caminhar com passadas largas, silencioso e sem gestos. Porque ela também não deixava de ter seus desejos egoístas; segurar as coisas, imóvel, comparar-se a eles e se saber presente, ter certeza de que estava viva exatamente porque ele não precisava olhar para ela ao passar por acaso; essa estabilidade absoluta devia prevalecer se ela prestasse atenção ao mundo com todo o cuidado. E, na instabilidade, então apenas aquelas mudanças que ela desejava, não as que a consumiam, que a deixavam indeterminada.

E, então, ela procurava. Tinha visto o caixão dele baixar à terra, uma caixa, feita por humanos, tão diferente dele quanto as árvores que oscilavam no vento do inverno. Atribuir a ele uma identidade fora do mundo não fazia parte do pensamento dela. A cerca onde ele andava e a cama onde dormia, era aí que ele vivia, e elas se lembravam dele.

Mas ele tinha ido embora. Ela sabia disso mais sutilmente na diminuição de seu próprio self . Em sua vida, tinha sido alimentada e sustentada por determinadas

coisas, sendo ele uma dessas coisas, Trudy, outra, e Edgar, a terceira e mais importante, mas realmente eram os três juntos, cruzando-se dentro dela, porque cada um fortalecia seu coração de maneira diferente. Cada um atribuía a ela diferentes responsabilidades e exigia dela coisas diferentes, e seu dia era a satisfação dessas responsabilidades. Não podia imaginar que aquela porção dela jamais voltaria. Não havia para ela esperança nem pensamentos tristonhos: era sua sensação de estar viva que minguava diante da extensão de seu espírito dedicada a ele.

Quando veio a primavera, o cheiro dele começou a desaparecer. Ela parou de procurá-lo. Passava dias inteiros dormindo ao lado da poltrona dele, enquanto a luz do sol se deslocava da inclinação do leste para a inclinação do oeste, e se movia apenas para aliviar o peso dos seus ossos contra o chão.

E Trudy e Edgar, encapsulados no luto, de alguma forma esqueceram de cuidar um do outro, quem dirá dela! Ou, se sabiam disso, a dor e a tristeza dos dois acabaram por dominá-los. De qualquer forma, havia tão pouco que eles podiam fazer, a não ser trazer uma camisa dele para ela deitar em cima, talvez caminhar com ela ao longo da cerca, onde fragmentos de tempo pendiam dali, enganchados. Mas se eles notavam a tristeza dela, dificilmente sabiam fazer essas coisas. E ela sem linguagem para pedir.

A Briga

A TOSSE DA MÃE PIORAVA DE MANHÃ, EMBORA CEDESSE QUANDO TERMINAVAM as tarefas. Na escola, uma tarde, ele foi chamado à secretaria. A mãe tinha telefonado. Ela ia pegá-lo no trevo em frente à escola. De início, ele não pensou nada a respeito; às vezes, coisas a fazer na cidade coincidiam com o final das aulas. Esperou debaixo da entrada coberta, onde os ônibus aceleravam os motores e partiam. Ele só viu a caminhonete quando todos tinham ido embora. A mãe estava sentada na cabine, a cabeça caída para trás, até que uma crise de tosse a dobrou para a frente. Ele seguiu pela calçada, olhando o veículo sacudir sobre as molas. Quando abriu a porta, o aquecedor estava a todo vapor.

O que aconteceu?, sinalizou. Você está péssima.

— Não sei bem. Fiquei tonta no depósito e fui me deitar em casa. Esta coisa está ficando...

Bateu de leve no peito, o que provocou um acesso de tosse. Ela cruzou os punhos no peito e curvou-se para a frente, depois pousou ambas as mãos na direção. Quando olhou para ele, o rosto estava brilhando de suor.

— Eu telefonei... — ela começou a falar, depois mudou para sinais. Liguei para o doutor Frost.

Quando ele pode ver você?

Ela olhou o relógio. Dez minutos atrás.

Então vá, ele sinalizou. Vá!

O DOUTOR FROST ATENDIA NUMA CASA reformada na parte leste da cidade. A sala de espera tinha meia dúzia de cadeiras e uma mesinha de centro coberta com números antigos da National Geographic . Uma janela alta e estreita havia sido recortada na parede dos fundos, pela qual se podia ver a recepcionista. Antes que pudessem sentar, o médico apareceu, cabelos muito claros, óculos de aro metálico, e levou a mãe de Edgar para o consultório. Edgar sentou no sofá e olhou

pelas janelas. O sol estava se pondo atrás da copa das árvores. Dois gaios piavam um para o outro nos pinheiros, dando acrobáticos voos rasantes. Do consultório vinha um som confuso de vozes.

— Mais uma vez, por favor — ele ouviu o doutor Frost, e mais um ataque de tosse.

Um momento depois, o médico apareceu na janela da recepcionista.

— Edgar — disse. — Por que não entra e fica conosco?

No consultório, Trudy estava sentada numa cadeira no canto. O doutor Frost deu uns tapinhas na ponta da bancada de exames, pediu que Edgar abrisse a camisa e pressionou um estetoscópio em suas costelas.

— Tussa — disse.

Edgar exalou o ar em silêncio.

— Limpe a garganta — o médico murmurou. Fez uma anotação em seu bloco, virou-se e pressionou os polegares na pele macia debaixo do maxilar de Edgar, olhando concentrado para o espaço, depois examinou a garganta com um pequeno aparelhinho, iluminado.

— Diga ah.

A-H-H-H-H, ele sinalizou com os dedos.

O doutor Frost olhou para a mãe dele.

— Ele aca bou de dizer "ah" para o senhor — ela disse, com uma voz débil, mas sorrindo.

— Tudo bem, senso de humor intacto — disse o médico. — Tente ao menos.

Em seguida, bateu no ombro de Edgar e disse que ele podia se vestir. Cruzou os braços sobre a mesa e olhou para os dois.

— O pulmão de Edgar está limpo. Ele não pegou o que você tem, Trudy, que é pneumonia. Preciso que você faça um exame de laboratório com amostra de catarro, mas na verdade não tenho nenhuma dúvida: a crepitação do seu pulmão direito é pronunciada. Estou tentado a encaminhar você até Ashland, para fazer uma radiografia do peito, mas vou esperar um pouco e talvez economizar seu dinheiro. Neste momento, não é tão grave, e você é uma mulher jovem e diagnosticamos no começo. Vamos tratar com antibióticos e você vai vencer isso

depressa. Só tem uma coisa...

— Não é grave? — perguntou a mãe.

— Relativamente, se bem que teria sido melhor você ter vindo há três ou quatro dias. Isso não é brincadeira. Não desejo alarmá-la, mas quero que entenda que pneumonia é perigoso . As pessoas morrem disso. Se estivesse um pouco pior, você precisaria ir para o hospital.

A mãe balançou a cabeça e começou a dizer alguma coisa, mas antes que pudesse falar foi acometida por um acesso de tosse. O doutor Frost fez um gesto com a mão.

— Eu sei, eu sei... é uma possibilidade que todos queremos evitar. Então, vai ter de fazer o que eu digo. Certo?

Ela assentiu com a cabeça. O doutor Frost olhou para Edgar e ele concordou também.

— Minha preocupação é a seguinte: o reflexo da tosse em Edgar não é normal. Tossir implica a constrição das cordas vocais, que, como nós sabemos, é difícil para ele. Com a pneumonia, tossir é bom e é ruim. É ruim porque cansa a pessoa. Mas é bom porque remove a secreção dos pulmões. Se Edgar for acometido da doença, ele naturalmente vai ter a tendência de tossir menos, e o material nocivo vai se acumular em seus pulmões. Isso seria pior do que para uma pessoa comum. Muito pior. Entenderam?

De novo, os dois concordaram balançando a cabeça. O doutor Frost olhou para a mãe de Edgar.

— O ideal seria que Edgar ficasse em algum outro lugar durante uma semana.

Ela balançou a cabeça.

— Não tem outro lugar.

— Nenhum lugar? Que tal Claude?

Ela deu uma risada asmática e revirou os olhos, mas havia também uma expressão de angústia em seu rosto. Edgar podia ver o que ela estava pensando: fofoqueiros de cidade pequena!

— De jeito nenhum.

— Tudo bem, então precisamos minimizar o contato entre vocês dois nos próximos dez dias. Nada de refeições juntos nem de sentar perto na sala para assistir à televisão, nada de abraços e beijos. Dá para isolar uma parte da casa? Criar algum lugar onde você possa dormir e manter as portas fechadas?

— Completamente, não. Posso fechar a porta do meu quarto. Mas ela dá para a cozinha, e só temos um banheiro.

— Não é nada bom, mas parece que não tem jeito. Entenda que só estou sugerindo medidas excepcionais aqui porque é uma situação fora do comum. — Virou-se para a tabela e anotou. Quando terminou, olhou para eles. — Mais uma coisa, Trudy. Você precisa ficar de cama. Não dá para brincar com isso.

— Por quanto tempo?

— Uma semana. Dez dias seria melhor. Vai dormir o máximo que puder na próxima semana.

— Está brincando.

— Nem um pouco. Estou avisando, Trudy, não force a barra. O antibiótico não é uma droga milagrosa. Se você se esgotar, ele não vai ajudar em nada.

Ele se virou para Edgar.

— Edgar, se você começar a sentir que está resfriado, se seu peito começar a ficar apertado, conte a Trudy. Às vezes, as pessoas não querem admitir que estão ficando doentes. Mas se você brincar com isso, vai se dar mal. Entendeu?

O doutor Frost levou os dois para a sala de espera. Minutos depois, apareceu na janela da recepcionista com uma receita e um frasco de comprimidos, entregou à mãe de Edgar um copo de papel com água e mandou que engolisse a primeira dose ali mesmo.

NA CAMINHONETE, EDGAR FICOU ouvindo os chiados do peito da mãe. Franziu a testa e ligou o rádio.

— Vou ficar boa — disse ela. — Pare de se preocupar.

Seguiram em frente, a música estalando no alto-falante.

— Você vai ter de cuidar do canil sozinho.

Eu sei.

Quando chegaram em casa, Trudy foi para o quarto, tirou os sapatos e puxou o cobertor sobre os ombros. Edgar ficou na porta, olhando para ela.

— As férias de primavera começam semana que vem? É.

— Vou telefonar para a escola e pedir que você seja dispensado até lá.

Tudo bem.

— Talvez seus professores possam mandar as lições pelo ônibus escolar.

Tudo bem.

— Sobre o canil. Só faça o básico. Examine os filhotes de manhã e à noite. Não se preocupe com o treinamento.

Posso fazer um pouco de treinamento.

— Então se concentre na sua ninhada. Nada de mais. Só um cachorro em movimento de cada vez. Lembre-se disso.

Tudo bem, tudo bem.

— Passe no canil todo o tempo que puder. Leve livros. Fique fora de casa, a não ser quando precisar comer, dormir ou... — Antes que pudesse terminar, a tosse sacudiu seus ombros e a levantou da cama. Quando parou, estava apoiada num braço, ofegante.

E se você precisar de alguma coisa?

— Não vou precisar de nada. Posso fazer sopa e torrada para mim. Vou estar dormindo mesmo. Agora feche a porta, por favor.

Ele ficou memorizando os traços dela à luz amarela da lâmpada.

Ela apontou a porta.

— Fora — disse, com ênfase.

QUANDO ELE E ALMONDINE VOLTARAM para a casa à noite, a porta do quarto estava fechada e o despertador de sua mãe armado na mesa da cozinha. Ele apagou a luz da cozinha, levou o despertador ao ouvido e olhou as pontas fosforescentes dos ponteiros. Havia uma luminosidade amarelada por baixo da porta do quarto. Ele abriu um pouco a porta.

Na cama, a mãe estava em posição fetal, os olhos fechados. A respiração parecia ligeiramente mais fácil do que à tarde. Ele ficou olhando e escutando por um longo tempo. Almondine passou por ele e entrou no quarto, farejou a mão magra da mãe, descansando relaxada com a barriga para cima no lençol e voltou para o lado de Edgar. Ele fechou a porta do quarto e ficou pensando, virando e revirando o despertador nas mãos.

Depois subiu. Puxou as cobertas da cama, apertou o travesseiro debaixo do braço e levou tudo para o celeiro. Juntou quatro fardos de palha no corredor entre os cercados, estendeu as cobertas em cima dos fardos, sentou-se, desamarrou os sapatos e olhou a fileira de lâmpadas brilhando acima do corredor. Foi até as portas e apagou a luz. O escuro encheu o canil de um só golpe. Acendeu a luz de novo, pegou um balde de metal da oficina e foi seguindo pelo corredor: subia no balde, lambia a ponta dos dedos para se proteger do calor das lâmpadas. Desrosqueou todas, menos uma, perto da sala de parto. Na penumbra, girou o botão de trás do despertador para as cinco horas, deixou o relógio em cima dos fardos ao lado do travesseiro e deitou-se.

Almondine ficou no cimento, observando, hesitante.

Venha, ele sinalizou, batendo nos fardos. É como lá em casa.

Ela circulou o arranjo e subiu, deitando com o focinho junto do rosto dele. O vento agitava as portas. Um filhote ganiu no criadouro. Ele pressionou a mão no pelo do peito de Almondine, sentindo-o subir e descer, subir e descer.

Estava morrendo de medo de ficar doente. Já seria bem difícil manter a mãe na cama; se ela achasse que ele estava doente, terminaria fazendo o trabalho do canil e, então, ia ter se ser hospitalizada. No entanto, apesar das apreensões, a perspectiva de lidar com o canil sozinho deixava-o entusiasmado. Queria provar que era capaz, que nada ia dar errado. E agora, que tinha começado a perceber os verdadeiros problemas do treinamento, vislumbrava muitas possibilidades sempre que trabalhava com os cachorros.

Havia um outro sentimento também, alguma coisa mais sombria e difícil de resolver, porque uma parte sua queria ficar longe dela. Desde o funeral, eles dependiam um do outro tão intensamente que era um alívio estar sozinho, contando só consigo mesmo. Talvez tenha pensado que se afastando da mãe, pudesse tornar mais distante a morte do pai. Ele compreendeu que poderia ser parte daquilo e, se assim fosse, era uma ilusão, mas isso não mudava o que sentia. Ficou ali deitado sob o olhar dos cachorros do canil, a mão no peito de Almondine,

e pensou em solidão.

ENQUANTO TOMAVA O CAFÉ DA MANHÃ, a mãe falava com ele pela porta fechada, parando para tomar fôlego a intervalos perturbadores.

— Ainda não foi para o celeiro?

Ele abriu a porta até a metade. Ela olhou para ele com os olhos vidrados.

Está tudo bem. Você está bem?

— Mais ou menos o mesmo. Muito cansada.

Tomou os comprimidos?

— Tomei — disse ela. — Quer dizer, ainda não. Vou tomar com o café da manhã.

Vou preparar para você.

Ele esperava que a mãe fosse dizer não, mas ela fez que sim com a cabeça.

— Só torrada com geleia de morango. E suco de laranja. Deixe em cima da mesa antes de sair.

Ele fechou a porta do quarto. Preparou o suco de laranja, torrou o pão, cobriu com bastante geleia, o coração batendo forte o tempo todo. Quando olhou de novo, ela estava dormindo. Ele esperou um momento, pensando no que devia fazer, então bateu na porta.

— Estou acordada — ela disse, grogue.

O café da manhã está pronto, ele sinalizou. Volto ao meio-dia.

NOS PRÓXIMOS TRÊS DIAS ELE SÓ SOUBE que a mãe tinha estado acordada porque, na hora do almoço, não encontrava o café da manhã que preparara e porque a sopa havia sido tomada quando ele verificava de noite.

Ela devia ter telefonado para a escola, porque o ônibus não diminuía a marcha ao passar pela entrada. Invariavelmente, ela estava dormindo quando ele olhava, um livro aberto obliquamente sobre as cobertas, ao alcance das pontas dos dedos. Sempre que ele a acordava, ela parecia assustada, levava um minuto para entender o que ele dizia. Ele perguntava como ela estava, ela dizia que dava para

sentir o antibiótico fazendo efeito. Ela perguntava se havia problemas no canil, ele dizia que não.

Os dois mentiam.

Todas as noites Edgar ficava acordado, ridiculamente atormentado pelo relógio de corda, que, com o tiquetaque, fazia um barulho de catraca, crepitante, que ele nunca havia notado. Quando por fim conseguia dormir, o pai aparecia a seu lado na cama improvisada, tão perto e real que Edgar não acreditava que estivesse sonhando até se ver sentado, com Almondine lambendo seu rosto. Na quarta manhã, atrapalhou-se para silenciar o despertador e imediatamente voltou a adormecer, temendo mesmo poder sonhar de novo com o pai. E temendo também não sonhar. Em vez disso, sonhou que podia sussurrar as palavras sem esforço. A habilidade não tinha simplesmente aparecido, tinha voltado , como se ele tivesse tido uma voz no útero e perdido ao entrar no mundo. E no sonho ele havia escolhido não falar ao telefone, não chamar a ambulância que teria salvado a vida do pai.

Acordou frenético, soluçando. Levou um momento até tomar coragem para recuperar o fôlego, se recompor.

Silêncio.

O mais terrível era que sua voz soara toda errada no sonho: baixa, como a do pai, e grave. Mas qualquer voz que viesse de dentro dele soaria errado, tanto quanto o zumbido da lanterninha que os médicos haviam enfiado em sua garganta. Aquilo tinha lhe dado uma voz, mas não valera a pena. A menos, é claro, que ele tivesse a voz no dia em que o pai caiu no celeiro.

Começou a pegar atalhos na rotina do canil. A fim de treinar todos os cachorros, fazia as tarefas correndo. Descobriu que conseguia limpar três ou quatro cercados e ao mesmo tempo alimentar os cachorros, se jogasse um monte de comida no chão. Algo lhe dizia que era má ideia, mas funcionava.

À noite, os cachorros pareciam irritados, mas isso porque os horários tinham mudado: nunca ninguém tinha dormido no canil noite após noite, muito menos percorrido o corredor e aberto as portas dos cercados para deixar que eles corressem atrás de bolas de tênis. O treino tarde da noite, ele disse a si mesmo, era um excelente exercício de resistência.

No quarto dia, passava da meia-noite quando ele finalmente se deitou nos fardos e puxou as cobertas. Tinha apagado todas as luzes e se acomodado ao lado de

Almondine quando ouviu seu nome pronunciado por uma nítida voz feminina. Sentou-se e escutou. Tinha sido apenas um guincho da ventoinha do aquecimento, concluiu. Minutos depois, uma ideia começou a persegui-lo: e se não fosse a ventoinha? E se a mãe estivesse parada na porta do celeiro, chamando? Empurrou as cobertas e abriu as portas do celeiro, mas tudo o que viu foi o pátio deserto e a varanda escura e vazia.

DE CERTA FORMA, TRUDY PENSOU, teria sido melhor se o antibiótico a deixasse efetivamente doente. Agora, ela ficava na cama, gelada um momento, fervendo no momento seguinte. Era indiferente à comida, embora fizesse um esforço para se alimentar. No terceiro dia, telefonou para o consultório do doutor Frost conforme prometera, esperando dizer o que ele queria ouvir. Estava cansada, disse, mas não com febre.

Estava dormindo muito. Isso era normal, respondeu Frost. Ela precisava tomar cuidado com a desidratação, cuidar de não pular as doses do antibiótico. Conversaram brevemente sobre Edgar. Ela disse ao médico que ele não apresentava sinais de tosse. Ela achava que conseguiria ir de carro até a cidade no final da semana? A tosse ainda era produtiva? E assim por diante. Ela não mencionou que se sentia enjoada e tonta sempre que se levantava, nem que estava com a cabeça tão confusa que tinha esquecido o número do telefone dele duas vezes ao discar. E ela podia ter torcido um pouco as informações sobre a febre. Mas manteve o foco tempo suficiente para conduzir a conversa, o que era como um triunfo.

Depois, caiu de volta na cama. A que horas tinha de tomar de novo o comprimido? Ou havia acabado de tomar? Um fim de tarde começou a parecer muito igual ao outro, mas ela não estava certa se tinha tomado o comprimido antes de telefonar para Frost. O antibiótico a deixava extremamente sonolenta. Lembrou de Edgar parado na porta do quarto, dizendo que as coisas estavam indo bem no canil. Ele havia ficado tão sério depois da morte do pai.

Ela rolou na cama. O sono era a coisa mais importante. Se tudo corresse bem, amanhã ela acordaria recuperada. A febre teria cessado, ela ia sentar, ler um pouco, dar alguns telefonemas. Continuar o trabalho com a papelada.

Pegou o frasco de comprimidos de cima da cômoda, virou em cima do cobertor e contou. Que surpreendente! Ainda havia muitos.

NA QUINTA NOITE, EDGAR ENTROU NA CASA, deu uma olhada na mãe e jantou. Depois de lavar os pratos, ele e Almondine foram para o celeiro fazer o que tinha de ser feito, mas quando chegou lá a exaustão baixou sobre ele como um cobertor de chumbo. Os fardos de palha pareciam luxuosos, o travesseiro macio como uma nuvem, e pela primeira noite em muito tempo, não houve sonhos. Acordou com Almondine respirando em seu rosto. O despertador marcava duas horas. Sentou-se, esfregou o rosto com a mão. Havia alguma coisa estranha. Não tinha feito as tarefas da noite.

Tudo podia ser feito de manhã, mas como não gostava de deixar os cachorros sem água, já que ia fazer aquilo podia dar comida a eles também. Colocou um monte de ração no meio do corredor e encheu um balde de água na torneira da enfermaria.

Quando abriu as portas, sua ninhada saiu correndo, saltando em suas pernas, voando para a comida. Ele tinha feito um monte suficiente para todos os cachorros, não só os de três ou quatro cercados, e precisava soltá-los depressa antes que os primeiros comessem tudo e deixassem os últimos com fome. Quando chegou ao final do corredor, dezoito cachorros circulavam pelo piso de cimento, disputando posições. Edgar entrou num cercado e começou a encher o cocho de água.

Ele nunca soube o que deu início à briga. Houve um latido e, pelo canto dos olhos, ele viu um cachorro saltar. Finch. Largou o balde de água, saiu para o corredor e foi esse o tempo que levou para se dar conta da enormidade de seu erro. Um cachorro em movimento de cada vez , tinha dito a mãe. Era uma das muitas regras do canil, regras que nem sempre faziam sentido, ou mesmo pareciam importantes, até alguma ocorrência dar a lição.

Finch pousou no chão, farejou sua perna direita e virou-se para massa de cachorros, cabeça abaixada, cara feia, mostrando os dentes. Girou para olhar uma das fêmeas mais velhas, uma cadela chamada Epi, dominante em sua ninhada, maior do que Finch, nem um pouco covarde.

Em toda a sua vida, Edgar tinha visto apenas uma briga de cachorros de verdade. Ela tinha acabado quando seus pais jogaram água nos antagonistas, puxando os dois pelos rabos. Depois, o pai dissera que uma pessoa nunca, jamais , devia se intrometer entre cachorros brigando. Para provar o que dizia, levantou a manga e mostrou a Edgar a cicatriz ao longo do antebraço, serrilhada e brilhante. Numa briga, o cachorro morde antes de pensar no que está fazendo, ele dissera. Não quer machucar você, mas vê movimento e reage.

Alguns cachorros estavam se afastando de Finch e Epi, pelos do pescoço arrepiados. Edgar bateu palmas, agarrou dois cachorros e jogou dentro do cercado mais próximo. Depois mais dois. O barulho havia ficado ensurdecedor. Ele havia prendido Tinder, Essay e Pout. Baboo já havia ido para seu cercado; Edgar empurrou Opal e Umbra atrás dele e percorreu o corredor lutando para levar os cachorros para seus cercados um após outro, fechando as portas.

Quando se virou, restavam apenas três cachorros no corredor do canil: Finch, Epi e Almondine. Finch estava deitado de costas. Epi estava em cima dele, os maxilares enterrados na pelagem da base de seu pescoço. No focinho dela havia uma mancha vermelha. Finch permanecia deitado, imóvel, e às vezes tentava escapar. A um passo, estava Almondine, os beiços levantados, rosnando, e no momento em que ela avançou Epi soltou Finch e avançou com o focinho para Almondine, orelhas abaixadas. A cabeça de Almondine foi lançada para trás, mas ela resistiu firme.

O importante era separá-las. Edgar avançou rápido, querendo chegar a Epi por trás. Pensou brevemente em afastá-la com um chute forte, mas teria de ser forte mesmo , talvez a ponto de machucá-la, e ele não queria fazer isso. De qualquer forma, estava próximo demais e correndo muito depressa. Quando chegou aos quartos traseiros de Epi, simplesmente atirou-se em cima dela.

Depois, tentou entender tudo do ponto de vista de Epi. Alguém tinha aparecido por cima do seu ombro. A orientação dos olhos de um cachorro se dá ao longo do focinho, com menos visão periférica do que um ser humano. Edgar pretendia enfiar os dedos na coleira dela e atirá-la no chão usando o peso de sua queda, como a mãe fazia às vezes quando um cachorro se recusava a deitar. Ao executar isso corretamente, um cachorro estaria dominado no chão antes de ter tempo para reagir. Se ele a surpreendesse o suficiente. Se usasse força suficiente. Se pegasse a coleira com firmeza.

Edgar acabou não fazendo nada disso.

Epi lançou o corpo para o lado até suas patas escorregarem no cimento liso. Ela podia ter se virado e fugido, porém estava disposta a lutar e, quando Edgar rolou de lado, ela se pôs em cima dele. Tudo o que ele conseguiu fazer foi enfiar dois dedos na coleira dela, mas sem as mãos livres não podia dar um comando. E Epi não teria mesmo obedecido.

Se era idiota tentar interromper uma briga de cachorros, era suicida entrar numa. Ele ficou caído de costas, o corpo de Epi suspenso sobre ele, um arco só de

músculos e pelos, e antes que ele pudesse se mexer, ela recuou, arqueou o pescoço e o mordeu.

Na verdade, ela o mordeu duas vezes, rápida como um relâmpago. Na primeira vez, seus dentes mal roçaram a pele, como se ela estivesse apenas experimentando, mas na segunda vez foi para valer, e ele já estava até resignado, achando mesmo que a cachorra tinha o direito. A surpresa foi que ela se controlou, reprimiu a força da mordida que poderia ter esmagado os ossos do antebraço dele, controlou o puxão que teria rasgado tendão, músculo e veia do pulso até o cotovelo dele numa trilha igual à de seu pai. Em vez disso, um lampejo de reconhecimento apareceu nos olhos âmbar da cadela. Era uma boa cachorra, mas ameaçada e confusa, e quando a ponta de seus caninos penetrou no braço dele, ela congelou.

Então, o focinho de Almondine apareceu no campo de visão dele, à direita. Ela não ia arriscar nada. Epi era mais jovem e mais forte, e se Almondine algum dia esteve numa briga de cachorros, fazia tanto tempo que Edgar nem se lembrava mais. Almondine não queria brigar. Ela queria tirar Epi de cima dele, de cima de seu menino. Ela não latiu nem rosnou, não tentou morder o pescoço de Epi, nem forçar Epi a soltar o braço de Edgar.

Naquele momento, Almondine tinha uma única ideia: cegar Epi.

TRUDY SENTOU NA CAMA, INCOMODADA e confusa. Em seu sonho, Gar aparecera na televisão, falando com ela, então já era bem terrível acordar, e duplamente desagradável quando ela entendeu que o que a tinha acordado eram os cachorros, latindo e chorando, todos eles. Seu primeiro pensamento foi que algum animal tivesse entrado no celeiro.

Isso acontecia de vez em quando, embora só Deus soubesse por quê, uma vez que o lugar certamente fedia a cachorros. Uma vez lá dentro, os sons ou paralisavam o animal ou o lançavam em um pânico incontrolável. Certa vez tinha sido um guaxinim; outra, inacreditavelmente, um gato. O tumulto que se seguira soara tão alarmante quanto o que ela ouvia agora no celeiro.

Tentou se levantar, mas perdeu o equilíbrio e começou a tossir. Uma névoa amarela espalhou-se por sua visão. Sentiu uma pontada de dor nas costelas. Sentou no canto da cama. A casa estava escura como breu. Tentou chamar Edgar, mas não conseguia falar mais alto que um sussurro. Quando sentiu que estava bastante forte para se levantar, foi devagar até o pé da escada.

— Edgar? — chamou. — Edgar?

Esperou a luz se acender no quarto dele, ou Almondine aparecer. Quando nenhuma das duas coisas aconteceu, ela subiu a escada. No alto, parou para tomar fôlego. A porta do quarto dele estava aberta. Ela entrou e acendeu o abajur ao lado da cama.

Os lençóis tinham sido removidos descuidadamente, não havia travesseiro nem cobertas. Ela desceu a escada com movimentos lentos e cautelosos. Alguma coisa ruim estava acontecendo no celeiro. Enfiou uma calça e uma blusa por cima da camisola, enfiou os pés nas botas desamarradas e abriu a porta.

OS OLHOS DE EDGAR ESTAVAM FIXOS nos maxilares de Epi em seu antebraço, na pele que havia se franzido em torno dos caninos como uma meia frouxa. Não havia sangue ainda, nem dor, apenas a sensação de que a pele do braço repuxava.

E então, caído ali, tudo o que ele viu foi algo indistinto, depois um corte se abriu perto do olho de Epi. Em seguida, o focinho de Almondine estava arreganhado perto da cara de Epi e o som que saiu de dentro dela ele nunca tinha ouvido antes vindo de um cachorro: não um latido, mas um grito , tão cru, feroz e sangrento que, apesar de todos os latidos e uivos dos cachorros naquele momento, o canil parecia em silêncio.

Epi soltou seu braço e recuou, trôpega. Antes que pudesse se mexer, Almondine sentou em cima dele e, quando tentou se levantar, ela o empurrou com o quadril com tanta força que o derrubou, como a um filhotinho. Ele precisou se arrastar debaixo dela para se pôr de pé. O pelo dela se contraiu quando ele a tocou.

Epi tinha recuado para a frente do celeiro, ora rosnando, ora farejando a porta. Havia uma trilha de gotas escuras pelo cimento. Ela passava a pata no focinho e sacudia a cabeça. Edgar levou Almondine para a enfermaria e sacudiu as mãos na frente dela. Ela não estava cortada nem sangrando. Ele a pôs quieta, com firmeza, e virou-se para Finch. Levou o cachorro para o centro do corredor, onde a luz era mais forte. Ele não conseguia pôr nenhum peso na pata da frente. Quando Edgar tentou examiná-lo, Finch puxou a perna, mas não antes de Edgar ver um corte perto do cotovelo esquerdo do cachorro e um lampejo de branco na pelagem ensanguentada. Passou a mão pelo focinho e pescoço de Finch. Seus dedos ficaram úmidos, mas não de sangue.

Canil, ele sinalizou. Finch marchou para seu cercado. Quando o trinco estava fechado, ele se virou para Epi, que andava de um lado para o outro diante da porta da entrada. Quando ele estabelecia contato visual com ela, ela baixava as orelhas junto ao crânio e arrepiava o pescoço. A cara parecia ter sido rasgada a faca. A visão daquilo fez seu coração disparar.

Ele se ajoelhou e começou a chamar Epi, quando a porta se abriu e sua mãe apareceu iluminada contra a noite. Epi deu um bote, forçando sua mãe a recuar e a agarrar a porta para se equilibrar. Ela olhou Epi fugir para o escuro, depois virou-se para Edgar.

O que você está fazendo aqui?, ele sinalizou furiosamente.

— O que está acontecendo?

Houve um problema. Uma briga.

— Mas no meio da noite? Seu braço... você está machucado?

Ele olhou para baixo. A manga da camisa estava manchada de sangue. Ele não sabia dizer se era dele ou de Finch. Apertou a manga contra o corpo, esperando esconder o corte em seu antebraço.

Acho que não. Não muito. Mas Epi está com a cara cortada. Vai precisar de uns pontos. Almondine deu uma mordida nela. Finch está mancando. Não sei se é grave.

A mãe oscilou e equilibrou-se.

Você não devia estar aqui fora, ele sinalizou. Volte para casa.

Ele tentou virá-la.

— Ah, meu Deus — disse ela. — Olhe o seu braço.

Volte para casa. Primeiro vamos fazer isso.

— Edgar, eu já estou aqui. Posso muito bem ficar.

Não! O doutor Frost disse que você pode ir parar no hospital! Disse que você pode morrer !

Ela começou a responder, mas um ataque de tosse a dobrou em dois. Quando passou, ele a levou pela noite. Não estava especialmente frio para a primavera, mas também não estava quente, e ele queria que ela voltasse para casa. Então lembrou-se de Almondine. Ela estava sentada na enfermaria, olhando para os dois no corredor.

Ele deu um tapa na perna, mas ela não se mexeu.

Venha, ele sinalizou. Venha! Não temos tempo a perder.

Ela deu uns passos, mas cambaleou e caiu no cimento.

Ele se virou para a mãe. Vá em frente, sinalizou. Por favor.

Almondine estava em pé de novo quando ele chegou junto dela, caminhando vacilante até a porta. Ele seguiu ao lado dela.

O que foi?, sinalizou. O quê? O quê?

Quando Edgar fechou as portas do canil, depois de Almondine passar, ela recuperara algum equilíbrio e trotava atrás da mãe dele. Ele acompanhou as duas enquanto subiam a escada da varanda. Uma vez dentro de casa, Almondine deitou de novo, ofegante. Ele se ajoelhou ao lado dela.

Alguma coisa está errada, ele sinalizou. Ela caiu lá no celeiro.

— Foi mordida?

Não. Eu verifiquei.

Deslizou a mão por baixo da barriga dela e a fez levantar. Levantou as patas e flexionou suas juntas, observando se ela gemia. A mãe o fez descrever os ferimentos de Finch e de Epi; não perguntou como tinha acontecido, nem como Almondine havia se envolvido. Simplesmente olhou para Edgar como se ele não estivesse falando coisa com coisa.

Precisamos chamar alguém, Edgar sinalizou. Chutou a porta, frustrado.

A mãe começou a falar das opções que tinham:

— Page está na Flórida até... — Ela olhou o calendário na parede. — Que dia é hoje? Quarta-feira? Ele só volta na segunda.

Não estou falando do doutor Papineau, ele sinalizou.

— Não adianta chamar aquele veterinário em Ashland. Não no meio da noite. Ele nunca vai...

Mas Edgar balançou a cabeça.

— Bom, então o quê? — perguntou ela, irritada. — Se conseguirmos pôr os cachorros na caminhonete, eu posso dirigir...

Ele levantou o telefone e colocou no balcão.

Chame Claude, sinalizou. Chame agora mesmo.

A Atitude de Epi

TRUDY SENTOU-SE À MESA E FICOU OLHANDO EDGAR FECHAR A PORTA da cozinha ao sair de novo para procurar Epi. Ela tinha feito café, com a esperança de clarear as ideias, e em cima da mesa havia uma xícara soltando espirais de fumaça. A luz do teto cintilava e faiscava na periferia de sua visão. Difícil não semicerrar os olhos, e ela iria até o interruptor para apagar a luz se tivesse força e talvez o equilíbrio para isso.

Alguma coisa tinha mudado. Difícil avaliar exatamente o quê, mas todo movimento era doloroso. Conseguia respirar fundo, porém, quando exalava havia um chiado no pulmão direito, um som que se propagava através de sua carne e ossos. Ela tremia e suava ao mesmo tempo. Este é o tipo de coisa que faz as pessoas acreditarem em possessão , pensou. E efetivamente se sentia habitada, possuída, usurpada por alguma coisa cega e feroz. O que o doutor Frost tinha dito do antibiótico? Quanto tempo até ele começar a fazer efeito? As paredes da cozinha recuaram de forma alarmante. Ela sentiu uma duplicação, a sensação de estar ao mesmo tempo dentro de seu corpo e flutuando acima dele.

Fechou os olhos para se livrar daquilo. Depois de algum tempo, acordou com um salto.

Apenas mantenha-se acordada, disse a si mesma. Mas a razão para isso lhe escapava.

Ela se levantou. Foi até o quarto, olhando tudo do alto, as mãos azuis e encolhidas tateando, apoiadas no balcão, Almondine, deitada de lado junto à geladeira, ofegante, a mesa da cozinha com a xícara de café agora fria, o calendário da loja de rações com uma foto de uma fazenda pendurado na porta. Como eram estranhas as veias que se projetavam sobre os ossos de seus dedos. Ela estava usando uma velha camisa de flanela de Gar por cima da camisola. O cabelo espetado num emaranhado rebelde.

Quando chegou à porta do quarto, parou para olhar Almondine. Ela havia passado por alguma coisa no celeiro, Edgar tinha dito, mas Almondine estava bem. Ali deitada, descansando, sem a introspecção de um cachorro que está sofrendo

dor. Ela estava simplesmente velha . Edgar precisava começar a poupar Almondine, não ter expectativa de que ela mostrasse a mesma energia que tinha cinco anos antes. Trudy pensou na primeira noite que Almondine passou na casa, uma desajeitada filhotinha de dez semanas.

Tinha havido uma tempestade, ela lembrava, e Almondine ganiu metade da noite, assustada e sentindo falta de seus irmãos de ninhada. Agora, estava com o focinho grisalho e não conseguia levantar depressa depois de um sono prolongado. Mas o olhar continuava tão firme e claro como sempre. Aquele olhar é que a fizera ser escolhida dentre todos os filhotes. Hoje ele parecia conter mais do que Almondine conseguia expressar e lhe dava um ar triste e pensativo.

Trudy fechou a porta do quarto ao entrar. Puxou uma ponta de lençol sobre os ombros e se deitou. Alguém estava vindo. Page? Não, Claude. Tinha havido uma briga de cachorros. Ela havia tentado fazer Edgar explicar enquanto a levava de volta para casa, mas ele dissera que explicaria depois e ela não tivera forças para discutir. Mais e mais, ele parecia filho do pai, com tanta certeza de ter razão.

De manhã, ela ia ligar para o doutor Frost e dizer que o antibiótico não estava fazendo efeito.

Havia uma possibilidade de ele querer mandá-la para o hospital.

Talvez ela pudesse esperar mais um dia.

CLAUDE CHEGOU NUM CARRO FOCINHUDO, de aspecto mau, com as letras SS em cima do radiador. Impala, dizia a insígnia na concha azul do para-choque dianteiro. Era uma viagem de vinte minutos até Mellen, e a menos que Claude estivesse com a chave na ignição no momento que a mãe dele telefonou, Edgar pensou, ele tinha vindo muito depressa. Claude estacionou o carro perto do celeiro, onde Edgar estava parado esperando.

— Sua mãe disse que houve uma briga, é isso? — perguntou Claude. O cheiro de cerveja e cigarro estava impregnado nele como um halo.

Edgar entregou-lhe o bilhete que tinha escrito previamente.

Epi está atrás do celeiro. Não consigo chegar perto dela.

— Onde ela está machucada?

Ele passou o dedo ao longo das sobrancelhas.

Claude pôs as mãos em concha na frente da boca, estremeceu e olhou o céu noturno. Sua respiração ficou branca no ar. Passou por Edgar e entrou no celeiro. Na enfermaria, revirou os armários. Quando terminou, virou-se de mãos vazias.

— Ainda tem algum Prestone na casa de ordenha? — perguntou.

Edgar ficou olhando para ele.

— Sabe, fluido para motor de partida. Nós usamos no trator no outono passado. Tinha uma lata quase cheia. Vá ver se ainda sobrou.

Edgar correu para a casa de ordenha e puxou a corrente da lâmpada do teto. Examinou a confusão de ancinhos, pás e enxadas encostados num canto. Plantadeira elétrica. Cortador de grama. Serra elétrica.

Viu a lata de aerossol vermelha e amarela perto de uma fileira de latas de óleo numa estante, pegou e saiu correndo. Claude o encontrou na porta do celeiro com uma coleira e uma guia enfiadas debaixo do braço e um saco plástico grande dentro do qual estava pondo uma gaze da enfermaria, dobrada cuidadosamente até formar uma almofada quadrada. Edgar entregou-lhe o Prestone.

— Quanto tem? — Claude sacudiu a lata. Fechou o saco em volta do punho e apertou a válvula contra a gaze. O saco inflou com o gás. — Noventa e nove por cento éter — disse. Pareceu de repente preocupado. — Você não está fumando, está?

Edgar negou com a cabeça antes de entender que Claude não estava falando sério.

— Muito bom — disse. — Senão, ia provocar uma grande explosão e você ia poder contar a seus amigos que seu tio Claude era o Tocha Humana.

Quando o chiado do aerossol silenciou, Claude tirou a mão e segurou o saco. A gaze saturada escorregou lá dentro. Ele sacudiu o arranjo debaixo do nariz de Edgar. Um cheiro adocicado como açúcar e gasolina penetrou suas narinas. Fez os cabelos de sua nuca se arrepiarem.

— Pelo menos a noite está fria — disse Claude, dando uma cheirada. — No verão, metade disto aqui teria evaporado. Melhor você ficar longe. Não dá para isto aqui ficar bem fechado.

Então, Edgar levou Claude para trás do celeiro, uma área pouco iluminada pela lâmpada obstruída do quintal e pela luz de cima da porta do canil. Epi

percebeu a chegada deles e recuou, na defensiva, até parar na frente de uma velha casa de cachorros fora de uso, perto do silo. Gotas de sangue manchavam a neve em volta dela.

— Se nós dois chegarmos, ela vai fugir — disse Claude. Ele olhava cuidadosamente para um ponto no chão poucos metros à frente dele. — Dê a volta pelo outro lado do silo.

Edgar hesitou.

— Vá logo — disse Claude. — Antes que ela resolva fugir por lá.

Edgar se virou e deu a volta na circunferência pedregosa, voltando rapidamente à luz antes de chegar ao sólido píer de cimento de trinta centímetros de altura e um metro de largura que ligava o alicerce do celeiro ao silo. Por uma abertura, dava para ver a casa de cachorro e os cercados do canil mais adiante, os cachorros parados neles, observando. O gelo derretido do teto havia corroído uma linha na neve cristalizada debaixo dos beirais.

Epi ficou absolutamente imóvel, olhar fixo em Claude. Edgar agachou-se no píer de cimento, pronto para interceptá-la, caso tentasse fugir em sua direção.

COMO HAVIA COMEÇADO, NEM MESMO Claude se lembrava. Devia ter havido uma primeira vez no canil, algum momento significativo em que um filhote se machucara e recuara para um canto, amedrontado e defensivo, e Claude tinha se adiantado a todos e de alguma forma encantado o filhote, única palavra para descrever o que fizera. Ele sabia instintivamente como se aproximar, como tocar, como confundir e distrair, de forma que, amedrontado ou não, o cachorro se via cedendo. Talvez a primeira vez tenha acontecido quando muito jovem. De qualquer forma, foi uma coisa que ele soube fazer a vida inteira.

Na escola secundária, Claude começara a trabalhar à tarde e nos fins de semana na clínica do doutor Papineau. De início, em trabalhos esparsos: limpar, consertar, arquivar, passear com cachorros convalescentes. Ele gostava do cheiro de antisséptico do lugar e dos remédios enfileirados nas prateleiras, como se fossem frascos de magia.

Quando os animais precisavam trocar o curativo, ele ajudava também, fazendo muitas perguntas, o que lisonjeava o veterinário, e raramente esquecia as respostas, o que o impressionava. Com o tempo, Claude convenceu o doutor

Papineau a deixá-lo ajudar nas cirurgias menores. O veterinário mostrou a ele como aplicar sedativos intramusculares, assim como a técnica mais antiga, em desuso mesmo na prática veterinária, da inalação de éter.

De vez em quando, um cachorro chegava loucamente assustado. O doutor Papineau tinha uma vara com nó corrediço para essas situações, mas as pessoas detestavam vê-la ser usada, e Claude aprendeu a trabalhar sem aquilo, engatinhando por trás da caminhonete, ou onde quer que o animal enlouquecido se escondesse, e aparecia com um animal dócil e uma seringa vazia.

Ele foi mordido mais de uma vez, mas eram mordidas de medo, rápidas e pouco profundas, e Claude tinha excelentes reflexos. Passou a ser um hábil avaliador de até que ponto se podia forçar um cachorro. E acabou sentindo falta da emoção desses momentos mais que de qualquer outra coisa.

Nas tardes de domingo, quando a clínica estava fechada, Claude fazia a limpeza e ministrava os remédios sozinho; ele sabia onde encontrar o doutor Papineau, no caso de alguma emergência. E se nesses domingos acontecia de estar internado um cachorro de que Claude não gostava, quando terminava o trabalho ele soltava o animal nas salas. Depois arrombava a gaveta do doutor Papineau para pegar a chave do armário de remédios, preparava qualquer método de sedação que mais o interessasse no dia e começava a procurar. Assim que o cachorro estava inconsciente, ele o levava para o cercado e consultava o relógio. Ambos os métodos tinham seus usos, concluiu, mas ele era mais rápido e mais hábil com a agulha.

Porém, não era perfeito. O doutor Papineau atribuiu a morte do primeiro cão a um trauma pós-cirúrgico. O segundo cachorro, porém, deixou o veterinário intrigado. Interrogou Claude durante um longo tempo sobre o estado do cachorro naquele domingo. O interrogatório deixou Claude abalado e depois disso não houve mais incidentes na clínica.

Tarde da noite, outono de 1947. Claude estava encostado na parede do celeiro havia muito abandonado, observando a multidão, todos homens, se dispersar na noite fria. Alguns levavam junto às pernas cachorros com focinheira e guias curtas. Outros iam envoltos em silêncio e decepção. Um homem contava dinheiro e entregava na mão de outro. Uma arena de compensado áspero já havia sido desmontada e à luz dos dois lampiões a gás brancos alguém jogava água nas pranchas para lavar o sangue. Lá fora, risos amargos, negras correntes de animosidade subjacente. Seguiu-se uma discussão, logo silenciada a gritos.

Então Gar apareceu, abrindo caminho à força. Piscou diante da luz dos

lampiões. Estava para sair quando viu Claude e foi até ele, fuzilando-o com os olhos.

— Venha comigo — disse. — Vamos embora.

— Eu vim sozinho. Posso ir embora sozinho.

— Se você saiu de casa comigo, vai voltar comigo, nem que não queira. A única coisa que eu quero saber agora mesmo é se algum dos nossos cachorros estava aqui.

— Não.

— Me diga quais cachorros.

— Eu disse que não. O que você acha que eu estou fazendo aqui?

— Não sei por que você está aqui. É isso que vamos conversar quando sairmos.

Então, um homem entrou trotando no celeiro.

— Ô doutor — chamou, acenando com a mão. Gar olhou para Claude, depois para os homens que limpavam as pranchas de compensado. Claude havia chutado para trás a mochila quando seu irmão entrara, mas Gar percebeu. Pegou a mochila. Olhou as iniciais gravadas sobre ela. Depois abriu e deu uma olhada.

— Você está brincado — disse. — Você trata deles depois? É essa a ideia?

O homem chamou de novo, dessa vez com mais urgência. Claude ia pegar a mochila, mas Gar o empurrou contra o poste.

— Espere aqui — disse.

Foi até o homem. Claude não conseguiu escutar a conversa, mas viu Gar balançando a cabeça. O homem protegia um braço na frente do corpo e apontou alguma coisa lá fora. Gar balançou a cabeça de novo. Por fim, virou-se, acenou para Claude e os três saíram do celeiro, Claude levando a mochila. Lá fora, motores aceleraram e pneus rolaram no cascalho, os focos dos faróis varrendo, vesgos, entre as árvores. Claude via os furos de mordida nos músculos marcados do antebraço do homem.

Uma cruza peluda de pastor com corpo sólido e focinho curto estava acorrentada a uma árvore perto da estrada. Quando eles se aproximaram, o cachorro se pôs de pé e começou a latir, uma pata traseira ensanguentada levantada

do chão.

— Pare com isso! — gritou o homem.

O cachorro lambeu os beiços e moveu-se com dificuldade para frente. O dono parou ao lado dele, mas no momento que tentou deslizar o braço por seus flancos o animal avançou o focinho até a orelha do homem. Mesmo de onde Claude estava parado, o selvagem rosnar do cachorro era inconfundível.

— Está vendo? — disse o homem, recuando. — Ele estava bom quando a gente chegou aqui. Agora não consigo fazê-lo entrar na picape.

Gar olhou para Claude.

— Pode aplicar um tranquilizante nele?

Claude assentiu.

Gar fez com que o homem recuasse alguns passos. Claude pôs a mochila no chão e abriu a parte de cima, tirou um frasco e uma seringa. Encheu a seringa de líquido. Depois avançou até um ponto no limite de alcance da corrente do cachorro e assobiou um trinado de dois tons: tuí, tuí .

O cachorro inclinou a cabeça, curioso.

AGORA, NO ESCURO ATRÁS DO CELEIRO, Claude estava de lado para Epi. Ele mantinha os olhos desviados, cotovelos junto ao corpo, joelhos dobrados, tentando diminuir seu perfil ao avançar para ela com um lento deslocamento lateral. Estava murmurando um som monótono e sem sentido, as palavras apenas um fluxo contínuo que não dizia nada.

— Desculpe, querida — disse. — Tão boazinha. Minha nossa. Tão bonitinha.

Levava o saco plástico amassado junto ao quadril do outro lado e alguma coisa metálica brilhava em sua mão. Ele avançou mais meio metro, depois parou, demorando só o tempo suficiente para parecer que estava andando a esmo, introspectivo, cada gesto leve, contido e quase acidental, de forma que mal parecia estar se mexendo, nunca um olhar direto, nunca levantar a voz, porém mais perto, sempre mais perto e sempre uma conversa fiada interminável.

Epi recuou para a casa de cachorro vazia, olhando de lado com os olhos arregalados. Ela sabia que estava encurralada e virou para olhar para Edgar. Ele

achou que ela podia resolver vir na direção dele, mas os rosnados e os dentes à mostra, o desejo de fugir, dominaram todo o resto na cabeça dela e ela ficou paralisada.

Edgar levantou a mão, ordenando que se deitasse. Ela o viu e se virou de volta para Claude, baixou a cabeça desconsoladamente, a boca fechada, as orelhas achatadas. O corte na testa estava escuro e umedecido, ela passou uma pata no corte e afundou na neve fria, as patas bem escondidas debaixo do corpo. Ela avaliava maneiras de passar por Claude. Quando ele estava a três passos curtos, ela recuou para dentro da casa de cachorro e logo depois ouviu-se um rosnado baixo lá dentro.

Claude abriu o saco plástico. Os eflúvios se propagaram pelo chão. Ele atirou a gaze encharcada no fundo da casa de cachorro e rapidamente virou-se e vedou a porta com as costas de seu casaco.

— Espere — disse a Edgar. Parou de falar, estava tudo em silêncio. Dentro da casa de cachorro passos em pânico enquanto Epi se posicionava entre a gaze e a porta. Claude ficou sentado olhando o campo. Passou-se um longo tempo. Por fim, ele se levantou e recuou um passo.

— Venha, menina — disse. — Venha cá.

O focinho de Epi apareceu. Ela piscou e saiu para a noite. Cambaleou e rosnou, indecisa. Claude percorreu a distância entre eles com dois passos rápidos, segurou-a pelo queixo com a mão esquerda e deu um passo para trás. Os maxilares dela fecharam-se com um ruído surdo.

— Nada disso — disse ele.

Em sua confusão, acrescida pelos acontecimentos da noite, pelos eflúvios do éter e agora por esse ataque fulminante de Claude, Epi deixou a coluna distender e o rabo desenrolou. Por um momento, perdeu todo o tom desafiador, como se estivesse se deixando dominar definitivamente em alguma briga que ainda continuava em sua cabeça. Então Claude passou o braço por suas costas, a mão contra a barriga. Ela virou de repente o focinho para ele, surpresa, mas ele já estava com a agulha entre as suas escápulas, falando de novo, baixo e macio, e continuou ali mesmo depois de ter lançado longe a seringa, acariciando-a e esperando.

— Tudo bem, querida — disse. — Edgar, fique quieto. Se ela se assustar agora, eu é que vou ser mordido. Hora de deitar e descansar, meu bem. Foi uma longa noite. Tão boazinha.

Passou a mão pelas costas de Epi. Ela se dobrou e encolheu-se no chão, um arrepio a perpassou.

— Traga aquela guia — disse Claude. — Devagar.

Depois:

— Ponha nela.

— Tudo bem — disse. — Vamos ver o que temos aqui. — Claude se ajoelhou e escorregou um braço por baixo do peito de Epi, o outro debaixo de seus flancos, e ela estava no colo dele, o branco dos olhos aparecendo, o corpo relaxado. Deram a volta ao silo e Claude esperou debaixo da cobertura metálica da lâmpada enquanto Edgar se atrapalhava com o trinco da porta.

— Tem uma mala no carro — disse Claude, entrando no canil. — No banco da frente. Pegue lá.

Claude estava na enfermaria quando Edgar voltou. Epi estava estendida na mesa de exames, debilitada, mas acordada, ganindo baixinho enquanto Claude raspava a lateral de sua cara com a máquina de tosar. Ele parava de quando em quando para despejar um antisséptico na pele cor-de-rosa exposta, removendo pelos soltos do ferimento. Por baixo do pelo aveludado a pele estava manchada. O líquido marrom escorria na pelagem do pescoço e empoçava na mesa.

Edgar pôs a mochila surrada que trazia junto à parede. Havia as iniciais PP gravadas na parte de cima, as curvas e os arcos das letras gastas pelo tempo transformados numa penugem pálida. Claude deixou de lado a máquina de tosar e procurou dentro da mala. Tirou fio de sutura preto e uma agulha, mergulhando-os no antisséptico. O ferimento era menor do que Edgar esperava, abrindo-se logo abaixo do olho de Epi e se estendendo até a boca. Toda vez que Claude fazia alguma pressão, saía sangue das bordas recortadas da laceração, e a visão daquilo fez surgirem círculos amarelados que dançavam no limite do campo visual de Edgar.

A culpa foi sua, ele pensou. Pare. Preste atenção. Apertou as mãos até elas doerem e observou. Duas vezes

Claude enfiou a agulha na pele de Epi, dando pontos. Ele xingou baixinho e tornou a lavar tudo com antisséptico.

— Tem algum outro cachorro ferido?

Edgar concordou com a cabeça.

— Procure dentro da mala um frasco de comprimidos com o nome Valium.

A bolsa estava aberta no chão. Edgar tirou alguns frascos e examinou-os, depois virou-se e entregou um para Claude olhar.

— Esse mesmo. Dê dois desses e espere por mim.

Claude voltou a suturar. Edgar sacudiu os comprimidos na mão e foi para o cercado de Finch. O cachorro foi encontrá-lo mancando sobre três patas. Quando Claude carregou Epi para fora da enfermaria e a colocou em seu canil, com a cabeça apoiada em duas toalhas, Finch já havia relaxado e dormido.

Os pontos na cara de Epi eram benfeitos, pretos e uniformes. Edgar contou doze, de cima para baixo. Claude tinha passado uma pomada brilhante no ferimento. Edgar mergulhou três dedos na tigela de água e deixou as gotas caírem na língua de Epi, ouvindo o estalar e o zumbir da máquina de tosar. Quando Claude saiu com Finch, Epi tinha acordado o suficiente para levantar a cabeça e espiar. Tentou se pôr em pé, mas Edgar passou a mão em suas costas e a fez deitar-se de novo.

Corte

NA CASA, CLAUDE ATRAVESSOU A COZINHA E BATEU NA PORTA DO QUARTO fechada, o casaco embolado na mão. Edgar ajoelhou-se e acariciou o focinho de Almondine.

O que aconteceu hoje à noite?, ele sinalizou. Por que você não conseguiu ficar em pé?

Ela enfiou o focinho no braço e nas pernas dele, farejando para adivinhar o que tinha acontecido depois que ele saíra da casa. Os olhos dela brilhavam. Ela procurou o rosto dele. Quando viu que ela estava satisfeita, ele se levantou e foi até a porta do quarto, onde Claude ainda esperava.

— Trudy? — Claude chamou, batendo uma segunda vez.

A porta se abriu. A mãe de Edgar estava em pé, segurando na maçaneta para se equilibrar. O cabelo empapado de suor, os olhos circundados por olheiras fundas no rosto branco como papel. Claude soltou um breve suspiro quando a viu.

— Meu Deus, Trudy. Você precisa de um médico.

Ela se virou e sentou na cama. Olhou através de Claude, como se não tivesse registrado sua presença.

— Edgar? — disse. — Epi está bem? Que horas são? Antes que Edgar pudesse sinalizar uma resposta, Claude disse: — Ela está com um corte perto do olho, mas não é fundo. Finch vai ficar mancando uns dias, só isso. Parecem pior do que de fato estão.

A mãe de Edgar fez que sim com a cabeça.

— Obrigada, Gar. Você tem razão, acho que esse antibiótico não está fazendo efeito — ela disse. — Pode me levar ao doutor Frost?

Eles ficaram quietos um instante. De início, Trudy não se deu conta do erro, mas a postura de Claude mudou como se ele tivesse posto a mão em um fio de alta voltagem. Algo como vergonha, medo e outro sentimento que ele não conseguiu identificar fizeram o rosto de Edgar ficar vermelho.

— Claro — disse Claude. — Posso, sim.

Trudy passou a mão na frente do rosto, como se afastasse teias de aranha.

— Claude , eu quero dizer — ela falou. — Claude . Vou deitar agora. Me acorde às oito, está bem? Aí eu telefono e marco uma hora.

— Sem chance — disse Claude. — Nós vamos agora.

— Mas ele só vai estar no consultório daqui a uma hora e meia.

— Não se eu telefonar agora — disse Claude.

Ela insistiu que Edgar ficasse em casa e não chegasse perto dela. Relutante, ele concordou em ficar e cuidar de Epi, Finch e Almondine. Claude deu ré no carro no caminho de entrada e seguiu para a cidade com a mãe de Edgar encolhida contra a porta do banco do carona.

Edgar arrastou-se pelas tarefas matinais, forrando os cercados com os fardos de palha em que tinha dormido antes da briga. Examinou os filhotes na sala de parto, pesou-os para anotar na tabela, sentou na palha no canto do cercado deles e cochilou. Os filhotes reuniram forças para atacar. Ele os afastou, mas eles atacaram de novo, mordendo os dedos de suas mãos e de seus pés, e o cinto da calça jeans, então ele se levantou e foi até o cercado de Epi.

MAIS TARDE, ELE SE CULPOU POR NÃO ter previsto o que podia acontecer, como se pudesse evitar, mas durante as semanas que se seguiram sua preocupação era, acima de tudo, a saúde da mãe curar os cachorros feridos. Limpou e passou pomada na sutura de Epi todas as manhãs e aplicou compressas quentes no local até elas esfriarem em sua mão, indo para a escola com os dedos manchados de marrom por causa do antisséptico. O pelo começou a crescer, mas ela estava desconfiada e arisca. A perna de Finch sarou depressa. Mais importante de tudo, o ataque de Almondine no canil não se repetiu.

Mas, deitado na cama, Edgar repassava os acontecimentos daquela noite, mudando as mínimas ações para impedir aquele desenlace.

Se eu tivesse deixado saírem menos cachorros...

Se eu não tivesse dormido...

Se eu tivesse dado comida logo...

Às vezes, chegava até mesmo a pensar Se ela não tivesse ficado doente... Se eu conseguisse falar... Se ele não tivesse morrido...

Quando ele pensava em tudo aquilo, o futuro oferecia poucas ameaças e poucas promessas. Quando o Impala voltou, aquela tarde, e a mãe desceu com um passo mais firme e uma nova receita na mão, ele pensou que todos os erros deles já tinham sido cometidos. Ela precisava se recuperar.

O pai havia morrido em janeiro; estavam apenas no final de maio. Precisavam manter a rotina que tinham estabelecido durante esses meses. Dessa forma, a vida voltaria à sua forma original, como uma mola esticada em tempos ruins, mas que acaba voltando a se contrair com a felicidade. Nunca lhe ocorreu que pudesse viver em um mundo totalmente sem distensões. E, assim, durante a maior parte do tempo ele ficou indiferente a tudo o que acontecia, porque, no que dizia respeito a sua mãe, algumas coisas pareciam tão impossíveis como se ela pudesse, de repente, sair voando.

O RITMO DE TRABALHO NÃO DIMINUIU. Os filhotes vinham primeiro, depois a comida, a água, a limpeza, os remédios. O tempo restante era dedicado ao treinamento. Enquanto sua mãe ainda estava se recuperando, Claude vinha todas as manhãs, descarregava suprimentos e ajudava com o trabalho. Edgar andava com Finch para lá e para cá no corredor para avaliar a recuperação do cachorro. Depois, Claude ficava apenas o suficiente para uma xícara de café, que bebia de pé, sem tirar a jaqueta; a mãe de Edgar conversava com Claude sobre o que era preciso ser feito no canil, como se tivessem chegado a algum acordo sobre a ajuda dele. Em seguida ele punha a xícara na mesa e ia para o carro.

Quando acabou o período de repouso, Claude parou de ir de manhã. Como ele não estava lá quando Edgar tomava o ônibus para a escola, não havia por que acreditar que tivesse estado lá, até que uma tarde ele encontrou raspas de sabão na escada da varanda. Claude foi jantar na noite seguinte. No momento em que ele entrou, os movimentos da mãe de Edgar se tornaram mais lentos, mais lânguidos. E quando a conversa mudou para Epi e Finch, Edgar percebeu que Claude tinha estado no canil muitas vezes desde que o vira pela última vez, inclusive naquele dia. Nesse momento, quase um mês havia se passado.

Depois do jantar, Edgar subiu. Ouviu os passos deles, a conversa murmurada não inteiramente encoberta pelo ruído da televisão. As palavras dela infiltravam-se até ele, deitado em sua cama.

— Ah, Claude. O que nós vamos fazer?

A pergunta terminara com um suspiro.

Edgar se virou na cama e esperou pelo sono. Ouvindo e não ouvindo.

Se ela não tivesse saído aquele dia...

Se eu não estivesse no depósito...

Se eu pudesse falar...

Em algum momento durante a noite um ronco de motor longo e surdo anunciou a partida do Impala. De manhã, quando Edgar se levantou, aguilhões de fogo irradiaram do centro de seu peito.

ESTAVA QUENTE AGORA, OU PELO MENOS algumas noites. Em um fim de tarde ele foi até a varanda e sentou montado numa velha cadeira da cozinha para ver o pôr do sol. Dias de sol tinham

derretido a neve do campo e uma chuva breve havia lavado tudo. Almondine encontrou um lugar no velho tapete e começou a roer um osso, a boca aberta sobre a ponta oca. Pouco depois, a porta da cozinha se abriu e as mãos de sua mãe pousaram em seus ombros. Ficaram ouvindo a água pingar das árvores.

— Gosto desse som — disse ela. — Eu costumava ficar sentada aqui ouvindo a água correr pelo telhado desse jeito, antes de você nascer.

Eu sei, ele sinalizou. Você é muito velha.

Ele sentiu mais do que ouviu a risada dela. Ela cravou os dedos de leve nos seus ombros.

— Foi nesta época do ano que seu pai encontrou o filhote de lobo. Lembra quando a gente contou para você?

Só algumas partes.

— Está vendo aqueles álamos ali? — Ela estendeu o braço por cima do ombro dele e Edgar fechou um olho para enxergar, na direção do braço dela, um grupo de árvores que ocupava o canto inferior do campo. — Não passavam de brotos, quando ele saiu da floresta naquele dia. Dava para fechar os dedos em volta do tronco da maior parte delas. Estavam começando a ganhar folhas. Por acaso eu estava olhando para lá enquanto seu pai vinha chegando. Foi a coisa mais incrível:

ele simplesmente tremulava no lugar, tão devagar andava, e com tanto cuidado. Primeiro, pensei que estivesse machucado. O cabelo da minha nuca se arrepiou quando vi.

Porque achou que ele estava machucado? Ou por causa do jeito dele?

— As duas coisas, acho. Eu devia ter percebido na hora que ele estava carregando um filhote. Estava andando do mesmo jeito que quando carregava um recém-nascido no canil.

Com os ombros curvados.

— Isso. Mas de longe não percebi.

O som da voz dela era agradável e Edgar sentiu vontade de ouvir, achou que ela estava com vontade de falar. Já tinha ouvido trechos dessa história desde que se entendia por gente, mas agora ela estava contando dos abortos que haviam precedido aquilo, da última viagem ao hospital, das figuras na chuva. Quando terminou, os álamos no fundo do campo tinham se dissolvido no crepúsculo.

Você deu um nome para o bebê?

— Não — disse ela depois de algum tempo. E se ele tivesse sobrevivido?

A mãe respirou fundo.

— Acho que sei aonde você quer chegar, Edgar. Por favor, não me peça que compare tipos diferentes de dor. O que estou tentando dizer a você é que depois do aborto passei um tempo perdida. Há um período que eu não lembro muito bem. Não sei explicar como era exatamente, mas me lembro de sentir raiva de não ter podido ver aquele bebê antes dele morrer, nem por um minuto. E me lembro de pensar que eu tinha encontrado um lugar onde nada daquilo tinha acontecido, onde eu podia simplesmente descansar e dormir.

Ele balançou a cabeça. Lembrava-se agora que, ao esperar no celeiro ao lado do pai naquele dia, alguma coisa havia desabrochado diante de seus olhos quando ele os fechava, alguma coisa escura e sempre voltada para o interior. Ele se lembrava que depois de algum tempo viu-se andando por uma estrada, que um Edgar tinha ficado com o pai e outro continuara andando, que estava tudo escuro feito breu em volta da estrada e que a chuva caía sobre ele e suavemente o encharcava. E lembrava-se de pensar que enquanto estivesse na estrada estaria a salvo.

— Quer saber por que isso não aconteceu comigo agora? — perguntou ela.

Por quê?

— Porque eu de fato pude saber quem era seu pai. É tão injusto ele ter morrido que me dá vontade de gritar, mas eu tive a sorte de viver com seu pai durante quase vinte anos. Isso não basta. Eu jamais o conheceria completamente, mesmo que a gente vivesse até os cem anos. Mas já é alguma coisa, e isso faz diferença para mim. — Ela fez outra pausa. — O que aconteceu com seu pai não foi culpa sua, Edgar.

Eu sei.

— Não, Edgar, você não sabe. Acha que não consigo perceber o que se passa em você? Acha que eu não vejo? Acha que só porque você não fez um sinal sobre alguma coisa ela não está escrita em todo seu corpo? No seu jeito de parar, de andar? Sabe que você se bate enquanto dorme? Por que está fazendo isso?

Demorou um tempo para ele absorver aquilo. Quando se levantou, a cadeira caiu no chão atrás dele.

O que você quer dizer?

— Desabotoe a camisa.

Ele tentou se afastar, mas ela pôs a mão no ombro dele.

— Abra, Edgar. Por favor.

Ele desabotoou a camisa e deixou que caísse aberta. Um hematoma, pintalgado de um roxo e um verde doentios, cobria o centro de seu peito.

Em algum lugar, um diapasão gelado golpeou uma barra de prata, e soou e ressoou. Ele foi até o banheiro, parou na frente do espelho e apertou a ponta do dedo no hematoma. Sentiu uma dor pulsar ao longo das costelas.

Há quanto tempo estava acordando com aquela sensação de que tinham derrubado uma bigorna em seu peito? Uma semana? Um mês?

— O que é isso? — perguntou Trudy, quando ele voltou para a cozinha. — Que maldição , Edgar. O que está acontecendo com você? Está tão fechado na sua tristeza que me deixou aqui sozinha. Não pode fazer isso. Não pode me trancar do lado de fora. Como se você fosse o único que perdeu alguém. — Ela pôs as mãos no ombro dele.

— De manhã, quando você entra na cozinha, vejo você pelo canto do olho e penso que é ele ...

Isso é loucura. Eu não pareço nada com ele. — Parece, sim , Edgar. Você se mexe como ele. Anda como ele.

Fiquei olhando você na sala de parto e você até carrega os filhotes como ele, do jeitinho que você descreveu, com os ombros encolhidos, dando aqueles passos cuidadosos. Você sabia que às vezes tenho de sair de casa, quando nós dois estamos sozinhos, porque olho para você e é como se ele não tivesse ido embora? Eu volto do celeiro algumas noites e não consigo evitar. Subo até o seu quarto para olhar você. É o único momento em que você me deixa chegar perto. Só assim eu posso me aproximar. De você ou dele.

Eu não sou ele. Não sou nem metade do que ele era.

Ele foi sacudido por uma onda de tremores. Ele passou por Trudy e saiu para a varanda, abotoando a camisa. Havia outra coisa que ele queria dizer, mas a descoberta do hematoma em seu peito varrera tudo o mais de sua cabeça.

— Edgar, eu sei o que é se perder em sentimentos ruins. Sei como é tentador. Você acha que se mergulhar mais nisso vai acabar saindo do outro lado e vai ficar tudo bem, mas não é assim que funciona. Você precisa falar comigo. Não consigo me livrar da sensação de que você ainda não me contou tudo o que aconteceu.

Eu contei . Contei a você. Desci do depósito e ele estava lá . Tive de esperar alguém aparecer.

— O fone estava arrebentado.

Eu fiquei histérico e bati com o fone no balcão. Já contei isso.

— E o que mais, Edgar? O que mais aconteceu?

Nada!

— Então o que é isso ? — ela disse, apontando para o peito dele.

Eu não sei! Devo ter caído em cima de alguma coisa. Simplesmente não me lembro.

— Edgar, eu vi você fazer isso dormindo. Você está batendo em seu peito. Está tentando sinalizar alguma coisa. O que é?

Ele não conseguiu responder, paralisado pela lembrança de bater com os punhos no peito. Toda vez que pensava nisso, quase se sacudia com o golpe. Ficou parado na varanda, a respiração irregular igual à dela, até que por fim lembrou o que queria dizer.

Claude também não é igual a ele.

Então foi a vez de sua mãe ficar em silêncio. Ela desviou o olhar dele para o campo e suspirou.

— Depois daquele último aborto, eu queria fazer uma operação para não engravidar mais. Eu gostava dessa ideia: assim teria certeza de que nunca mais ia sofrer tanto outra vez. Mas seu pai disse que eu só conseguia pensar no pior. Uma vez mais, ele disse. Não porque não vá ser terrível se acontecer de novo, mas porque vai ser uma maravilha se não acontecer. E ele tinha razão, Edgar. Na outra vez, tivemos você. Não consigo imaginar como teria sido nossa vida se seu pai não tivesse acreditado com tanta força em começar de novo.

Ele se virou e olhou a noite lá fora.

— Edgar, existe uma diferença entre sentir falta dele e querer que nada mude — ela disse. — Não é a mesma coisa, absolutamente. E não podemos fazer nada. As coisas sempre mudam. As coisas estariam mudando agora mesmo se seu pai estivesse vivo, Edgar. Assim é a vida. Você pode resistir ou aceitar. A única diferença é que, se você aceita, consegue fazer outras coisas. Se resiste, fica para sempre batendo na mesma tecla. Faz algum sentido?

Mas não vale a pena lutar contra algumas mudanças?

— Você sabe que sim.

Então, como você sabe qual é qual?

— Não existe como saber com certeza — ela disse. — Você pergunta: por que é mesmo que estou brigando com isso? Se a resposta for: porque estou com medo de como vão ficar as coisas, então, quase sempre, você está brigando pela razão errada.

E se a resposta não for essa?

— Então, você finca o pé e luta, luta, luta. Mas tem de ter absoluta certeza de que consegue suportar um outro tipo de mudança, porque, no fim, as coisas vão mudar de qualquer jeito, só que não daquele jeito. Na verdade, se você entra numa briga dessas, é praticamente certo que as coisas vão mudar.

Ele concordou balançando a cabeça. Sabia que ela estava certa, mas detestou o que ela disse. Uma pessoa podia impedir determinada coisa, mas não podia impedir a mudança em geral. Os rios não correm para trás. Mas ele sentia que devia

haver uma alternativa, nem obstinação, nem resignação. Não conseguia colocar aquilo em palavras. Tudo o que sabia era que nenhum dos dois havia mudado de ideia e nenhum dos dois tinha mais nada a dizer. Ficou ali parado até a mãe se virar e voltar para a cozinha. Depois empurrou a porta da varanda e foi para o celeiro.

HAVIA MUITO BARBANTE LARGADO no depósito. Depois de algumas tentativas e erros ele conseguiu fazer um laço duplo com uma sobra que podia amarrar na cabeceira da cama. A coisa era fácil de esconder embaixo das cobertas, e se ela entrasse no quarto durante a noite não ia ver. Ele passou os pulsos pelos laços. Bastava dar um giro para impedir que eles escorregassem quando estava dormindo.

Tarde da noite, o disco do telefone ressoou pelas paredes, o correr dos dígitos deslizando em sentido horário, o crepitar do disco voltando para trás, alto o suficiente para acordá-lo. Toda a parte da conversa dela que não era captada pelo fone voava em correntes de ar pela velha casa, uma fumaça cinzenta tão fina que subia pela escada, pelos registros da caldeira e, sempre que roçava uma parede, uma cortina, uma lâmpada, desmanchava-se em poeira, repousando sobre tudo.

De manhã, ele escondia o amarrilho de barbante no fundo de um tênis velho e olhava o próprio peito no espelho.

Funcionava surpreendentemente bem.

A PRIMEIRA TEMPESTADE DE PRIMAVERA veio no meio da noite, raios cruzando o céu e trovões agitando os vidros das janelas. De manhã, a tempestade havia se reduzido a uma chuva contínua, pouco intensa. Cortinas lentas e uniformes de água que paravam por um minuto ou uma hora e logo voltavam, com as torrentes que caíam dos beirais. Depois de dois dias, o porão começou a inundar. Não era nenhuma surpresa, nenhuma emergência. As pernas das mesas havia muito estavam apoiadas sobre latas de café. Edgar observou a água infiltrando-se pelas pedras que Schultz havia colocado nas paredes do porão.

A boia subia na caixad"água duas vezes por hora e as luzes piscavam quando o motor ligava. Depois, um tranco, quando a coluna de água atingia um joelho do tubo de ventilação.

Lá fora, o mundo se transformava num tumulto de cheiros vegetais,

pantanosos e vicejantes: a aragem do feno velho, dos lariços, algas, musgo, seiva e folhas apodrecidas, ferro, cobre e vermes, um bocejo almiscarado que pairava sobre o pátio.

POR DUAS NOITES SEGUIDAS os cachorros o acordaram. Eles começaram a deixar as lonas dos cercados levantadas à noite e os cachorros dormiam com o focinho apoiado nos batentes de madeira. Da janela do quarto ele conseguia divisar os focinhos pretos e os olhos brilhantes. Na primeira noite, ele ignorou os latidos, virou-se para o canto e cobriu a cabeça com o travesseiro, mas na segunda noite detectou uma espécie de ardor no tom deles que o fez acordar totalmente. Identificou os latidos de Essay e Opal por cima do tamborilar da chuva. Ele e Almondine se debruçaram na janela. Os cachorros estavam parados, molhados em seus cercados, os rabos abanando alegremente.

Veado no pomar, ele pensou. Ou um guaxinim.

Foi até o quarto de hóspede, onde as janelas davam para o pomar e a estrada. Não viu nada. Quando voltou para o quarto, os cachorros haviam silenciado. Ocorreu-lhe que eles poderiam ter visto Forte, e essa ideia o animou. O desgarrado parecia do contra o suficiente para voltar depois de passar o inverno com alguma família adotada.

Edgar ficou acordado na cama, à espera, agora, de que os cachorros começassem de novo. Ou de ouvir o uivo de Forte. Com a atenção assim alerta, começou, de certa maneira, a ouvir uma voz: a voz que tinha ouvido no celeiro quando dormiu lá. A voz que tinha ouvido (lembrava-se agora) na noite anterior. Sempre entremeada com algum outro som. Ouviu seu nome gritado quando as molas da cama rangeram; um chamado sem palavras na rajada de vento contra a janela. Sentou-se na cama e pegou uns livros na estante, passou os olhos pelas letras como se fossem rabiscos, até o céu clarear lá fora.

No café da manhã, esperou a mãe mencionar os latidos.

Os cachorros acordaram você essa noite?, ele perguntou afinal.

— Não. Eles latiram?

Muito.

— Tudo bem — disse ela. — Eles ficam inquietos com o degelo.

Quando terminaram as tarefas da noite no dia seguinte, ele sentia-se tão cansado que se arrastou escada acima e caiu na cama. Estava escuro feito breu quando o som de seu nome o despertou. Dessa vez, vinha do ruído provocado pela chuva nas calhas. Sentou-se na cama, braços cruzados, escutando. Um minuto depois, os cachorros recomeçaram. Ele saiu da cama sem acender a luz, levantou a cortina e esticou a cabeça para fora. A chuva caía por toda parte. Bem debaixo de sua janela o Impala de Claude estava estacionado no caminho de entrada.

Em cada cercado, um cachorro em pé, latindo.

Ele vestiu uma calça jeans, uma camisa e amarrou os sapatos descuidadamente. Esgueirou-se pela escada, a mão nas costas de Almondine para que ela fosse mais devagar. O quarto da mãe estava escuro. O relógio da cozinha marcava uma e meia.

Ele se ajoelhou na frente de Almondine.

Você precisa ficar. Não quero que se molhe.

Abriu a porta da varanda e inclinou-se para fora. Uma brisa despenteou seu cabelo. Não havia raios nem trovão, apenas o sussurro constante da chuva morna, como o murmúrio do córrego: o som que um dia fizera Almondine avançar no córrego coberto de neve como se houvesse alguma coisa escondida ali. Cortinas prateadas de água vertiam para as calhas em volta do telhado.

Perto da porta havia um interruptor. Quando ele o acendeu, a lâmpada sobre a entrada do celeiro projetou um cone de luz nas pranchas ásperas das portas duplas. Ele esperava ver uma marmota ou uma raposa se esgueirando para fora, mas havia apenas um cintilar de chuva caindo na luz. E no entanto os cachorros continuavam latindo, com uma estranha mistura de alarme e reconhecimento, molhados e brilhantes, olhando para o pátio. Uma centelha dançou na chuva diante deles e desapareceu. Edgar estava para voltar para dentro quando alguma coisa chamou sua atenção perto da porta do celeiro. Quando olhou melhor, viu apenas chuva.

Então, os cachorros silenciaram, abruptamente. Fincaram as quatro patas no chão, sacudiram-se e, um a um, trotaram para os portais na parte de trás de seus cercados, onde empurraram as abas de lona e desapareceram.

Fosse o que fosse que os fazia latir, Edgar pensou, estava dentro do canil. Ele nunca descobriria o que era parado na varanda. Virou-se para Almondine uma última vez e ajoelhou-se para aquietá-la. Depois saiu na chuva e começou a

atravessar o pátio.

Na Chuva

ANTES MESMO DE CHEGAR AO CANTO DA CASA ESTAVA ENCHARCADO. A mesma chuva, morna na mão, agora ensopava sua camisa e sua calça jeans, deixando-o com frio, mas era inútil voltar para buscar um casaco. Foi até o Impala e encostou a mão no capô. O motor estava frio como pedra.

Ele pisou na pequena elevação coberta de relva da entrada para carros, dali um fluxo de água barrenta escorria para ambos os lados. Sob a luz pálida do pátio, a grama recém-brotada parecia negra e oleosa. Os dois pinheiros altos tremiam como sentinelas, a água caindo em cascata de galho em galho. Mas não havia veado, nem a cauda vermelha de uma raposa, nem os olhos brilhantes de um guaxinim. Ele se virou e andou até os corredores desertos, enxugando o rosto com a mão encharcada.

Numa das portas pequenas, apareceu a cabeça e os ombros de um cachorro: Essay observando sua aproximação, metade para dentro, metade para fora. Quando ele se agachou e enfiou os dedos na tela de arame, ela correu pelo corredor, parou à sombra dele, lambeu seus dedos, piscando na chuva. A postura dela revelava curiosidade, mas sem ansiedade, expectativa ou medo.

O que está acontecendo aqui?, ele sinalizou. Para onde você iria se eu abrisse a porta? O que você perseguiria?

Essay abanou o rabo e sustentou seu olhar como se lhe devolvesse a pergunta. Ele endireitou o corpo junto à porta. A madeira encharcada da moldura rangeu. Ele se virou para olhar para trás, tentando ver o que os cachorros podiam ter visto.

A luz do pátio, no alto do poste do pomar, projetava seu globo amarelo. A terra subia à medida que se afastava dele, passava por baixo das árvores do pomar e ficava plana perto da estrada. A casa ficava no limite da luz, iluminada do lado da entrada, escura do lado jardim. As sombras das macieiras se projetavam pelo gramado. A floresta do outro lado da estrada, um tecido cinzento denso e sinuoso. Do alto, as gotas de chuva caíam para a luz, recortadas pela brisa em formas de salgueiros que oscilavam no quintal e voltavam para a noite.

Quando Edgar olhou para trás, Essay tinha voltado para dentro do celeiro e

uma fila de olhos brilhantes o observava pelas abas de lona. Ele deu a volta à casa de ordenha e caminhou pelo cone de luz das portas do celeiro. Quando chegou ao silo, tentou olhar o campo a oeste, mas seus olhos estavam turvados e o escuro começava poucos metros adiante. Olhou o escuro na direção dos fundos e não viu nada, só a lateral do silo deslizando para o escuro e a silhueta de um telhado amplo. Depois de um momento, virou-se de volta para o celeiro.

E pela segunda vez nessa noite alguma coisa se mexeu na frente das portas duplas. Ele levou um momento para entender aquilo. Uma alteração na chuva que caía. Alguma coisa no jeito como ela caía. Deu um passo à frente para olhar mais de perto, acompanhou uma única gota de água quando passou pela luz. Bem acima de sua cabeça, a gota parou, flutuando no ar como uma pérola transparente, e começou a cair novamente. Desmanchou na poça a seus pés.

Ele enxugou o rosto e olhou para cima. Outra gota havia tomado o lugar da anterior, e então essa caiu, para ser substituída por outra e outra. Nada que pudesse ver as segurava no ar, no entanto, cada uma pairava por um segundo, depois continuava até o chão. Ele presenciou isso acontecer uma dúzia de vezes ou mais. Sem perceber, estendeu a mão para tocar aquele ponto, mas no último momento hesitou.

Deu um passo para trás e viu que a mesma coisa estava acontecendo por toda parte no espaço à sua frente: centenas de gotas de chuva, milhares, suspensas por um segundo à luz da lâmpada. Vislumbrou alguma coisa, e perdeu. Fechou os olhos com força. Era como observar o pomar, tentar captar todas as árvores imóveis durante um segundo. Quando abriu os olhos de novo, o jeito de ver todas elas juntas tinha se encaixado no lugar.

Em vez de gotas de chuva, ele viu um homem.

A cabeça, o corpo. Os braços afastados do corpo. Todo formado de gotas de chuva suspensas e instantaneamente substituídas. Perto do chão, as pernas do vulto se esgarçavam em jatos de água azul-acinzentado. Quando uma rajada de vento atravessou o quintal, a forma tremulou e os ramos da macieira se retorceram atrás dele, refratados como se fossem vistos através de vidro derretido.

Edgar balançou a cabeça e desviou o olhar. Uma cascata interminável de gotas de chuva atingiu braços, pescoço e rosto. A mesma brisa que tinha feito tremular o vulto acariciou sua pele, trazendo um cheiro de pântano, de brejo. Havia o cheiro do canil e da água.

De repente, ele precisava tocar em alguma coisa, em alguma coisa sólida demais para existir num sonho. Entrou cambaleante no celeiro. Passou a palma da mão nas pranchas da parede. Uma farpa de madeira perfurou sua pele e entrou na carne na base do polegar. A dor foi breve e quente, inquestionavelmente real.

Olhou em volta. O vulto na chuva tinha se virado para olhar.

Ele observou de novo o celeiro, num exame agora minucioso, frenético. Contornou com a ponta dos dedos a dobradiça de ferro enferrujada da porta e as frestas irregulares entre as tábuas, onde as sombras eram tão nítidas como a linha que divide a lua.

Ele sabia que se ficasse olhando veria coisas loucas, fantásticas, inexplicáveis, coisas de sonho, mas, para onde quer que olhasse, encontrava as coisas comuns do mundo. Madeira pintada. Ferro corroído. A água caía de seu rosto para a terra, cada gota com o trajeto tão reduzido que ela parecia estar imóvel e encolher até cair no chão. Fechou os olhos e escutou a própria respiração.

Quando se virou, a chuva caía com uniformidade através da luz. Estava sozinho. Olhou em volta e viu o vulto parado na esquina da casa de ordenha. Agora que tinha aprendido o truque, Edgar não conseguia deixar de vê-lo. O vulto gesticulou. Suas pernas perderam a nitidez entre as cortinas de chuva e ele então desapareceu. Os cachorros começaram a latir.

Edgar se viu parado na frente dos cercados. Todos os cachorros tinham saído, espiavam sem medo, um alvoroçado reconhecimento nos latidos. Os rabos abanavam de um lado para o outro, borrifando água. O vulto virou-se para ele e seus braços se mexeram para sinalizar. Fios de água voaram pelo ar. A distância e a forma indistinta do vulto dificultavam a compreensão.

Edgar deu um passo à frente. O vulto repetiu os sinais.

Solte um cachorro .

Edgar piscou na chuva.

Por quê?

Você acha que eu não sou real. Abra um cercado .

Edgar foi até o cercado de Essay. Levantou o trinco, enfiou os dedos na tela de arame e abriu a porta. Essay saltou imediatamente. Esfregou o focinho no chão, no ponto onde o vulto tinha estado, e deslizou uma pata na grama. Olhou para

Edgar e depois para o quintal. O rabo abanando alegremente.

O vulto chamou-a com um sinal, mas Essay já se aproximava a trote. Quando chegou, deu várias voltas em torno do vulto, com sua forma distorcendo-se enquanto passava por trás dele, e terminou sentada à sua esquerda. O vulto deu um passo à frente, e se virou, depois que o cachorro sacudiu a água, ordenando que deitasse. Imediatamente, Essay deitou-se na grama molhada. O vulto se abaixou e passou a mão na lateral da cabeça da cachorra. Um jorro de água escorreu pela bochecha já molhada, ela ofegou contente, retesou os lábios numa careta de prazer e lambeu a mão do vulto. Sua língua passou por um fluxo de água. Ela fechou a boca num reflexo, engoliu e começou a ofegar outra vez.

O vulto olhou de novo para o celeiro, sinalizou um amplo comando para sentar e em uníssono todos os sete cachorros atrás de Edgar sentaram. Então, ele sinalizou, liberando-os. Um por um eles se levantaram. Trotaram de volta para o celeiro. Um momento depois, as abas de lona se abriram e sete focinhos apareceram.

Está vendo?

Por fim, o vulto sinalizou para Essay voltar ao canil. Ela trotou para seu cercado e desapareceu dentro do celeiro. Antes que Edgar fechasse a porta, ela se juntou aos outros cachorros, que olhavam para eles.

Ele se virou na chuva.

Edgar.

O que... o que você está fazendo aqui?

Não está me reconhecendo?

Não consigo dizer. Não tenho certeza. Talvez.

Quantas vezes ficamos parados aqui, juntos, olhando a casa, só nós dois? Quantas vezes contamos os veados no campo olhando daqui? Quantas vezes eu levantei você até os galhos daquelas árvores para que você apanhasse uma maçã? Olhe para mim, Edgar. O que você está vendo?

Não sei.

O que você está vendo?

Eu sei por que você está aqui. Desculpe. Eu tentei tanto.

Você acha que podia ter me salvado.

Não consegui pensar em nada para fazer. Tentei tudo. Eu teria morrido de qualquer jeito .

Não. Não consegui falar com eles. Teriam mandado médicos.

Não teriam feito nada.

Mas eu estava lá. Só fiz piorar as coisas!

O vulto da chuva baixou a cabeça. Um espaço de talvez um metro separava os dois. Depois de um momento, o vulto ergueu a cabeça, deu um passo e começou a levantar as mãos para abraçá-lo.

Edgar não conseguiu se conter. Deu um passo para trás. Imediatamente, uma onda de remorso o invadiu.

Desculpe, sinalizou. Não queria fazer isso.

Você não entendeu o que aconteceu naquele dia.

O vulto se virou e se dissolveu na frente do celeiro, em seguida, apareceu na esquina da velha casa de ordenha. Depois de um momento, Edgar o seguiu. O vulto parou nas portas do celeiro. Debaixo da luz, seus sinais eram fáceis de ler.

Entre aí. Agora. Antes que a chuva pare.

Para fazer o quê?

Procure.

Procurar o quê?

O que ele perdeu. O que ele acha que está perdido para sempre.

Então, o vulto se afastou das portas. Edgar tirou a velha barra de ferro e girou a maçaneta da fechadura. Lá dentro estava escuro mas seco, e a pausa na chuva o assustou. Olhou pela porta, porém era só chuva caindo outra vez. Nenhum dos cachorros latiu, embora alguns espiassem dos cercados.

Empurrou a porta da oficina e ficou paralisado, sem conseguir atravessar o batente. Estendeu a mão até alcançar o interruptor, acendeu a luz e observou a sala: a bancada à esquerda, a prancha perfurada coberta de ferramentas suspensa na parede acima dela. O torno semiaberto. A não ser pelos armários, mal haviam tocado em alguma coisa naquele inverno, e havia uma película aveludada de poeira

de palha sobre a bancada.

Diante dele, subia a escada do depósito e, diante dela, estantes cheias de latas de tinta e creolina, os rótulos manchados com pingos.

Respirou fundo e entrou. Tirou as latas de tinta da estante e empilhou-as na bancada. Embora o resto da oficina estivesse coberto de poeira, as latas de tinta não estavam; só uma fina película de pó as cobria, como se tivessem sido manipuladas recentemente. Quando terminou, só restava uma pilha de pincéis e rolos velhos, amontoados ao acaso na ponta de uma estante, e esses ele também colocou na bancada.

Abaixo das estantes, no chão, estavam as duas enormes latas de sucata que seu pai tentara remover naquele dia, transbordando de pregos tortos, parafusos sem rosca, peças de máquinas sobressalentes, o ferro marrom-escuro de ferrugem, as partes de aço de um cinza fosco. Ele se agachou e tentou virar a que estava mais perto da parede.

Depois da terceira ou quarta tentativa para soerguê-la, a alça de metal soldado escapou e ele caiu para trás. Voltou de quatro, abraçou o latão e empurrou. O balde oscilou e caiu, e ele depressa o virou, deixando uma trilha de sucata alaranjada. Ajoelhou-se e catou a sucata.

A segunda lata perdera a alça havia muito. Mais uma chuva de sucata. No processo, alguma coisa afiada cortou a ponta de seu dedo. O sangue se misturou à ferrugem em suas mãos e começou a pingar no chão. Ele se ajoelhou de novo, mas não adiantava, então voltou a sentar. Debaixo da escada do depósito um monte de bugigangas enferrujadas enfiadas no vão onde as vigas encontravam o piso de concreto: um pincel, caído havia muito da estante, uma estopa, uma lata de arruelas. Ele pegou todos. Um a um, revirou todos na oficina. Uma gota de sangue castanho-avermelhada caiu numa teia de aranha debaixo do último degrau e tremulou sombriamente no ar. Ele estendeu a mão e removeu a teia.

Ali, contra a parede, havia uma seringa plástica bojuda. Ele a pegou, soprou a poeira e segurou-a contra a luz. Três quartos do êmbolo haviam sido empurrados para dentro; a gaxeta preta tocava a última marca da ampola. A agulha refletiu a luz numa linha longa e nítida. Ele sacudiu a coisa. Dois cristais transparentes tilintaram dentro da ampola.

Saiu para a chuva com a seringa na mão, ofuscada pelas luzes do celeiro. A chuva tinha virado um chuvisco e de início não conseguiu enxergar seu pai, e, em

pânico, olhou ao redor, antes de se dar conta de que ele estava parado exatamente onde Edgar o tinha visto antes. A chuva estava tão fina que mal se discernia a forma dele.

Edgar mostrou a seringa.

Isto estava debaixo da escada.

Isso mesmo .

O que você quer dizer?

Você viu ele usar uma dessas.

Claude?

Edgar olhou o Impala parado na entrada, depois a casa escura. Na janela de seu quarto, julgou ver o brilho dos olhos de Almondine.

Ele a pediu em casamento.

Ela não vai aceitar.

Ela riu dele. Mas vai aceitar. Quando estiver sozinha, vai aceitar.

Não vai! Ela...

Antes que Edgar pudesse protestar de novo, seu pai pôs a mão aberta no centro do peito de Edgar. Um formigamento atravessou sua pele. Inicialmente, ele achou que o pai só queria pôr a mão nele, num gesto que significava fique quieto e escute , mas depois ele estendeu a outra mão, Edgar sentiu alguma coisa perpassá-lo e seu pai parecia estar embalando o coração de Edgar.

A sensação era tão estranha que Edgar achou que seu coração ia parar. Mas o pai apenas o segurou nas mãos, como se fosse um filhote recém-nascido. No rosto dele, Edgar identificou pesar, raiva, alegria e, acima de tudo, uma tristeza indizível.

Toda a ideia de protesto ou resistência o abandonou. O mundo ficou cinzento. Então, as lembranças inundaram Edgar como uma cascata, como os pingos de chuva que passavam através do vulto de seu pai; imagens vistas por um bebê, uma criança, um jovem, um adulto. Todas as lembranças de seu pai revividas de uma vez.

De pé diante de um berço olhando um bebê silencioso cujas mãos se movem sobre o peito. Trudy, mocinha, rindo. Almondine, um filhote molhado, ainda cego. Visão de um rapaz com um menino mais novo ao lado, segurando alguma coisa no

ar; alguma coisa ensanguentada. E sorrindo. Mil cachorros brilhando como rubis. E, com as imagens, um senso de responsabilidade; a necessidade de se colocar entre Claude e o mundo.

Cachorros brigando.

Tempestades sobre o campo.

Árvores passando pela janela da caminhonete.

Cachorros: dormindo, correndo, doentes, alegres, morrendo. Sempre e por toda parte, cachorros. Depois Claude, saindo da oficina, procurando alguma coisa no chão. Escuro. E agora, parado diante dele, um rapaz, límpido como vidro, o coração batendo nas duas mãos em concha.

Edgar caiu de joelhos, ofegando. Dobrou-se para a frente, esvaziou o estômago numa poça d"água da chuva. Pelo canto do olho, viu a seringa caída na lama, a luz brilhando na agulha.

Levantou os olhos, ofegante. O pai ainda estava ali.

Tudo que ele quer, ele pega, desde criança.

Vou contar para a polícia.

Não vão acreditar.

Edgar começou a chorar.

Você não é real. Não pode ser real.

Encontre...

O quê? Pare! Não consegui ler isso.

O pai sinalizou de novo, soletrando a última palavra com os dedos.

Encontre H-A-A...

Ele não entendeu. Era H-A-A e mais alguma coisa, seguido de um muito nítido I : H-A-A-A- alguma coisa— I .

Eu ainda não...

A garoa tinha diminuído ainda mais e o pai ficou quase invisível. As mãos dele se dissolveram numa rajada de vento. Depois desapareceram inteiramente. Edgar achou que ele tinha ido embora para sempre, mas então o vento passou e ele reapareceu, agora ajoelhado na frente dele, as mãos tão transparentes que Edgar

mal podia identificar os movimentos.

Um toque do polegar em sua testa.

A mão do sinal de eu encostada em seu peito.

Lembre de mim.

E então seu pai estendeu a mão uma segunda vez.

Edgar pensou que preferia se matar a sentir aquela sensação outra vez. Engatinhou pelo solo enlameado até se encostar no celeiro e sinalizou furiosamente na noite, os braços acima da cabeça.

Não me toque! Não me toque! Não me toque!

Depois disso, tudo caiu em um absoluto silêncio. A garoa ficou tão fina que não fazia ruído ao cair na terra, só o gotejar dos beirais soava. Ele não conseguiu levantar os olhos até a chuva parar totalmente.

Por trás de um penacho de nuvens que se abriam, apareceu a lua, uma foice de osso brilhante tão pontuda como a seringa a seu lado. As árvores no limiar da floresta brilhavam, azuis. Ele seguiu pelo caminho de entrada e olhou para o celeiro. Os cachorros estavam sentados imóveis na frente de seus cercados, a pelagem como mercúrio. Os focinhos o acompanhavam quando ele se aproximou. Eles baixaram a testa, afundaram a cabeça, não queriam mais ficar fora. Mas não se mexeram.

Desde o momento em que abriram os olhos, os cachorros foram ensinados a observar, ouvir e confiar. A pensar e a fazer escolhas. Essa tinha sido a lição por trás de cada minuto de treinamento. Eles aprendiam alguma coisa além da simples obediência: que através do treino todas as coisas podiam ser ditas.

O próprio Edgar acreditava nisso, acreditava que eles tinham o direito de pedir certas coisas aos cachorros. Mas quanto mais força colocassem no pedido, mais convictos tinham de estar para os cachorros obedecerem. Incertos, incomodados, apreensivos, temerosos: eles obedeceriam.

A fila de cachorros esperava que ele fizesse um sinal para liberá-los.

As nuvens se abriram, se dobraram e se fecharam sobre a lua.

Parte III

O QUE AS MÃOS FAZEM

Despertar

ELE SAIU DE UMA ESCURIDÃO QUE NÃO ERA SONO, MAS ALGO MAIS VASTO e mais reconfortante, o negrume da inconsciência voluntária ou talvez a noite que precede o primeiro despertar, que os bebês conhecem no útero e esquecem para sempre. Havia a respiração de Essay lenta e quente contra seu rosto.

Quando abriu um pouquinho uma pálpebra, o focinho preto como azeviche e o olho curioso preencheram sua visão e ele a afastou, curvou a cabeça até os joelhos e fechou os olhos com força. Mesmo assim, vislumbrou o suficiente para saber que estava deitado no cercado mais distante das portas e mais próximo da sala de parto, e que as luzes nuas brilhavam sobre o corredor do canil. Lá fora, a chuva caía, rugindo, uma torrente contra o telhado. Havia o farfalhar das abas de lona, e outro cachorro passou trotando, dessa vez Tinder, que enfiou o focinho no espaço entre o queixo e o peito de Edgar, farejou, afastou-se e inclinou a cabeça com um gemido baixo e intrigante.

Hastes de palha começaram a dar coceira em seu pescoço. A camisa estava colada às costelas, gelada, úmida. Um espasmo sacudiu seu corpo, depois outro, ele suspirou penosamente e contra sua vontade respirou fundo, levando para dentro de si os odores do canil: suor e urina, palha e terebintina, sangue e fezes, nascimento, vida e morte, tudo aquilo estranho e amargo como se toda a história do próprio lugar de repente tivesse brotado em seu peito. E com isso, dissimulado até o último instante, a lembrança do que acontecera naquela noite.

Então Essay e Tinder o abordaram juntos. Ele só conseguiu reunir forças para sentar de pernas cruzadas contra a parede de madeira e enterrar o rosto nos braços, contando pelo som quantos cachorros andavam na palha em seus cercados enquanto a chuva ecoava no celeiro. Quando levantou a cabeça de novo, Essay e Tinder ganiam à sua frente, esticando o pescoço contra suas mãos, tremendo. Ele acabou se pondo de pé. O tecido umedecido descolou-se de sua pele. Saiu do cercado e foi até as portas duplas, parou com a mão no trinco, ouvindo as cortinas de água caindo dos beirais.

Respirou fundo e empurrou a porta para fora. No céu de safira acima

flutuava uma pequena nuvem solitária, alaranjada pelo sol que nascia. As folhas novas do bordo se agitaram, tremeram; pardais faziam voos acrobáticos sobre o campo úmido como bicos de vidraceiro contra o céu, e as andorinhas aninhadas nos beirais mergulhavam no ar matinal. A casa iluminava-se branca contra o verde de floresta. O Impala, azul-néon. Mas não havia sinal de tempestade, nem mesmo um chuvisco. O som de chuva caindo o dominou um momento mais, depois desapareceu.

Já estava na altura da casa de ordenha quando se lembrou da seringa e voltou. Encontrou-a esmagada no centro de um tufo de grama enlameado, a agulha partida, a ampola quebrada, boiando. Fechou-a na mão e levou os pedaços para o velho silo, onde os atirou pela grelha de ferro oxidado, e ouviu quando eles atingiram a curva distante de cimento e pedra, fazendo um ruído semelhante a papel. Depois subiu o caminho de entrada, mais depressa ao passar pela casa, pelo pomar, pela caixa de correio.

Começou a seguir pela estrada, girou e tomou a outra direção, irrompeu numa corrida, depois diminuiu para um passo lento e desajeitado. Virou de novo. Depois de algum tempo, viu-se voltando para o caminho da entrada e começou a circular a casa naquele mesmo passo vacilante. Cinco vezes, dez, vinte vezes, olhando a escuridão por trás dos vidros da janela. Cada vez que passava pela velha macieira tinha de fazer força para afastar os ramos mais baixos até que, depois de esbarrar neles pela enésima vez, finalmente descansou e virou-se para olhar.

Era uma velha árvore, velha já ao nascer, talvez mais velha que a própria casa. No nível dos olhos, o tronco se abria em três galhos grossos quase horizontais, o mais longo deles fazendo um arco na direção da casa e terminando de repente em uma massa de folhas cerosas. O galho continuaria cozinha adentro se não tivesse sido podado na metade. Ele estava tremendo, enregelado, os dedos endurecidos, mas conseguiu subir no galho. A casca estava escorregadia devido aos longos dias de chuva. Estava na metade quando o galho começou a balançar e ceder sob seu peso. A água da chuva recolhida nas folhas novas pingava nele cada vez que se mexia. Edgar subiu lentamente. Quando chegou à ponta cortada, fixou-se agarrando um par de galhos em forma de chifre, apoiou o osso esterno no tronco e ficou ali estendido, um nadador entre os ramos.

A janela acima da pia estava fechada, as cortinas de algodão listrado abertas de ambos os lados. A tênue luz matinal era insuficiente para iluminar o interior da cozinha e de início se podia ver apenas a luz alaranjada da base da geladeira, a

lâmpada piscando e tremulando. Sua respiração fazia o galho tremer como a corda de um instrumento retesada demais; não era mais grosso que sua mão e a casca espetava seu peito, que logo começou a doer.

Edgar não sabia por que estava em cima da macieira ou o que estava procurando, mas ficou à espera. Depois de algum tempo, a lateral do celeiro refulgiu, vermelha. Um dos cachorros do canil apareceu no corredor, olhou em volta e voltou para dentro. O ar matinal estava brilhante e úmido. Lá no campo, uma batuíra cantava ki-di, ki-di.

Almondine flutuou pela cozinha, andando silenciosa e ritmadamente com suas velhas pernas. Parou ao lado do fogão, deu a volta na mesa e desapareceu. Em seguida, a mãe de Edgar entrou no campo de visão, o robe apertado na cintura. Parou de costas para a janela e ligou a máquina de café.

Levantou o cabelo preso em um rabo de cavalo, deixou que caísse por fora do robe e esperou. Encheu a xícara. Ela gostava de café preto com um pouco de açúcar (ele havia preparado assim para ela muitas vezes naquele inverno) e ele ficou olhando-a levantar a colher da xícara e colocá-la molhada no açucareiro duas vezes, depois, provar o café. O canto da cozinha tinha janelas de ambos os lados. Ela estava de perfil, virada para oeste, olhando o vapor que pairava sobre o campo. Quando Claude apareceu, estava vestido, como se tivesse acabado de chegar. Ele foi por trás dela, pôs a mão em seu ombro e a deixou ali. Ajeitou a gola do robe no pescoço dela, foi até a pia e lavou uma xícara. Não olhou para fora, apenas virou-se, serviu o café e se sentou na cadeira mais próxima da pia.

O murmúrio deles atravessava o vidro da janela, mas não as palavras. Depois de alguns minutos, a mãe de Edgar deixou a xícara na mesa e foi ao banheiro. Claude ficou olhando a esfera do sol avançar pelo campo. Penachos de névoa giravam e se desmanchavam no calor novo da manhã. Um bando de pardais pousou no comedouro do canto da casa, bicando e batendo asas para afastar os outros, tão perto que Edgar poderia ter pegado um.

Ele ficou na árvore e observou. Claude era mais magro que seu pai e, embora fosse o mais novo e não tivesse a formalidade do seu pai, tinha o cabelo riscado de branco. Sentou-se na cadeira do pai de Edgar, projetou os lábios e levou a xícara de café à boca.

Edgar temia ver os dois se beijarem.

Almondine foi até Claude, levantou a cara, e Claude passou a mão na cabeça

dela. A mãe de Edgar saiu do banheiro, o cabelo preso num turbante. A luz incandescente do quarto derramava-se sobre a mesa da cozinha. Claude se pôs de pé, foi até a pia, lavou a própria xícara e por fim olhou para fora da janela.

Talvez de início não entendeu o que viu. Seu olhar passou sem foco pela árvore e seguiu em frente. Edgar teve tempo de se perguntar se as folhas novas eram camuflagem suficiente para escondê-lo, embora não parecesse possível e ele de fato não se importasse. Claude passou a esponja na xícara, pegou um pano de prato e começou a enxugá-la. Mas em algum lugar no fundo de sua mente ele devia ter tido uma pontada, um incômodo, uma imagem consecutiva, porque, quando levantou o rosto de novo, olhou diretamente para Edgar, estremeceu e em seguida se afastou da pia.

UM PASSO ATRÁS, UM PEQUENO MOVIMENTO, perfeitamente natural, se é que se pode chamar de natural quando você se dá conta de que alguém trepou numa árvore do lado de fora da janela e o está espreitando como uma pantera sabe Deus há quanto tempo. Desde que você acordou, talvez. Você se inclina.

O cabelo do rapaz está molhado, pingando e como se ele tivesse passado a noite inteira ali na chuva. Ele tem no rosto um ar imobilizado e cínico, como se a lâmina de vidro entre vocês o protegesse de qualquer coisa, de tudo, e se ele pisca você não nota. Depois de um prolongado olhar para ter certeza de que está vendo o que está vendo, você entende que o rapaz realmente ficou acordado o tempo todo, um sussurro não teria escapado à sua vigília mesmo que você estivesse meio dormindo e distraído. E os pássaros nunca brigariam como brigavam no comedouro a apenas um braço de distância.

Você avalia que aquilo é uma brincadeira. Recosta na cadeira e tenta rir baixinho, como se dominasse a situação. Você vira as costas e deixa a caneca de café na mesa, depois olha de novo pela janela enquanto o rapaz espreita de volta, as mãos agarradas ao galho em cuja extremidade está equilibrado. Quando a mãe dele aparece atrás de você, você se vira, olha para ela e então a beija. Fica de costas para janela, não fala nada sobre o que viu, enquanto ela pega o casaco do gancho. Ela diz uma última coisa e em seguida ela e Almondine saem pela porta e vão para o celeiro.

Você volta a olhar pela janela. Embora espere que ele tenha desviado o olhar para a mãe e a cachorra que atravessam o quintal, ele não desviou. A expressão dele é indolente e os olhos tomam todo o rosto. Ele é todo olhar, sem reação. E uma voz

no fundo da sua mente diz que aquele rapaz passa seus dias observando. Você não vai ganhar uma disputa de olhar.

E você pensa também (ele ainda está olhando de seu poleiro molhado) que se aquilo é um duelo, você já perdeu, porque, no momento em que você entendeu o que estava vendo pela janela, quando seus olhos disseram que era assim e sua mente respondeu que era impossível, naquele momento, ao pensar do ponto de vista do rapaz, você sabe que pareceu assustado. Você recuou da janela, recuou da visão do corpo dele encolhido, afrontado por aquele rosto, aqueles olhos, aquele emaranhado de cabelos caindo na testa, pingando.

Você recuou, olhou para fora, e seus olhos se arregalaram. Agora você olha para fora de novo, experimenta um sorriso insolente, mas que não vem fácil. Sai forçado, e o sorriso desaparece como se os músculos de seu rosto tivessem ficado paralisados, e isso é algo que o rapaz também pode ver, ele que não desviou os olhos nem uma vez, nem demonstrou qualquer emoção. Mas seu fracasso em produzir um sorriso não é o que o incomoda.

O que o incomoda é que o rapaz parece estar lendo seus pensamentos, parece poder ouvir essas reflexões, e isso o faz perguntar a si mesmo o que mais ele viu, o que mais ele pode saber ou supor. E quando vocês travam olhares e você por fim força um sorriso divertido, que espera ter saído fácil, o que o irrita, o que finalmente faz com que você vire as costas é que, sem mover um músculo, sem piscar um olho, ele começa a sorrir de volta.

Fumaça

NESSE MOMENTO O QUINTAL ESTAVA BANHADO NA LUZ MATINAL, o gramado, uma pele com contas d"água. Edgar engatinhou para trás no galho da macieira, desceu para o chão e trotou na frente da escada da varanda. A mãe havia aberto as portas do celeiro e prendido nos ganchos aparafusados na lateral vermelha.

Da porta, ele ouvia sua voz. Ela estava numa das salas de parto acalmando uma cadela enquanto examinava seu filhote. Ele entrou na oficina onde a sucata de metal descrevia uma trilha ocre no chão. De um prego acima da bancada Edgar pegou um velho martelo, aquele que Claude usara para fazer o telhado do celeiro no verão anterior, o mesmo que ele havia perdido mais de uma vez na grama alta e que portanto exibia agora uma pátina manchada de ferrugem.

A ferramenta era pesada em sua mão e ele queria voltar para casa com ela, mas quando se virou Almondine estava na porta. O olhar fixo nele e o rabo abanando de um lado para outro lentamente. A visão dela o reteve por um instante. Ele apertou o cabo do martelo e avançou, curvou-se e apoiou a mão no peito dela para que recuasse, mas em vez de lhe dar passagem Almondine esticou o focinho para cima e pressionou a orelha e depois o pescoço dele.

Ele parou. Uma respiração trêmula escapou-lhe. Olhou para ela, que o espiava de baixo, as íris pintalgadas de um belo castanho e preto, as mechas de finos pelos marrons contornando a cara, o losango de ébano descendo pela testa, entre os olhos, até o alto do focinho. Ele enfiou a cabeça do martelo no bolso e dessa vez colocou ambas as mãos em Almondine. Quando conseguiu afastá-la da porta, o toque de suas mãos no pelo havia aplacado alguma coisa dentro dele, e Edgar se viu de joelhos enquanto ela farejava sua roupa molhada.

A mãe saiu do criadouro. Trazia com ela um filhotinho, girando e mordiscando a guia.

— Você está aí — ela disse, e interrompeu-se para corrigir o filhote. Quando terminou, também estava ajoelhada e olhou para ele.

— Nossa. Você está ensopado. Já esteve na floresta?

Não. Eu... não.

Ele ainda estava pensando no que dizer quando ouviu a porta da varanda dos fundos se abrir e bater. Era a provocação que o filhote precisava para pular e sacudir a guia na boca como se fosse uma serpente. A mãe de Edgar o dominou habilmente e circundou o focinho com o polegar e o indicador para deter as mordidas.

— Esses moleques estão loucos por movimento — disse. — Graças a Deus a chuva parou. Vá se trocar depressa. Vou precisar de ajuda agora de manhã. — Ela mantinha-se atenta ao filhote enquanto falava, esperando que ele se pusesse em movimento outra vez. Edgar não sabia dizer se ela estava evitando seu olhar e por isso esperou. Quando ela olhou, ele viu que não estava evitando nada.

— Qual o problema? — ela perguntou.

Não podia lhe contar o que tinha visto na noite anterior, mas era como se ela tivesse se ajoelhado em algum lugar visível para ele, porém inatingível por palavras. Edgar pensou que se ele apenas esperasse ela poderia notar a diferença nele. Talvez no mundo em si. Lá fora, ouviu-se a batida da porta do Impala. A chave girou na ignição e o motor deu partida.

Ajoelhado, ele olhou pela porta. A cabeça do martelo pressionava o quadril. Ele sabia que ainda dava tempo de ir até o Impala, abrir a porta e descer a cabeça do martelo com força, mas uma espécie de deslocamento passou por ele, como se um outro Edgar saísse dele para ir em busca de um futuro diferente. Então, o Impala rodou pelo caminho de entrada. Na estrada, engasgou, e subiu o morro.

Ele levantou o olhar. A mãe ainda estava olhando para ele, mas Edgar não respondeu. Voltou à oficina, colocou o martelo de volta e foi para casa. Depois de trocar de roupa, desceu para a sala e olhou o cobertor e o travesseiro amassados em cima do sofá. Claude não estava no sofá quando Edgar atravessou a casa na noite anterior, e aquele gesto fingido fez com que sentisse um vazio. Sentou-se com a mão na nuca de Almondine, olhando o sofá. Por fim, levantou-se e saiu.

O que veio em seguida foi inacreditável, mas de fato aconteceu: passou-se uma manhã comum. E comum era exatamente a coisa para a qual Edgar estava menos preparado. Assim que ele saiu, a mãe pediu que começasse a trazer os cachorros do canil em duplas e trios, os mais jovens primeiro. Quando o sol estava a meio caminho do zênite, a normalidade do dia o cercava por todos os lados, o mundo concreto, intangível, inegável, insistindo em que a noite anterior não tinha acontecido. Aquelas lembranças que haviam se despejado sobre ele, indeléveis ao

nascer do sol, começaram a se apagar até restar apenas uma vaga trama em sua mente.

Podia ser qualquer manhã quente de verão, não fosse o fato de toda vez que ele fechava os olhos haver pendurada no escuro à sua frente uma gota de chuva brilhante, a luz do quintal captada e invertida dentro dela. Ao meio-dia sentiu que estava se desarticulando. O que sentia era confusão, embora parecesse mais complicado que isso. Quando a mãe entrou para o almoço, ele disse que não estava com fome e levou os últimos dois cachorros para o canil, lá os abrigou, apoiou a cabeça na porta do cercado e ficou ouvindo enquanto bebiam água. Pegou as luvas de trabalho, catou o entulho da oficina, despejou na lata de leite e arrastou-a de volta a seu lugar.

Quando terminou, subiu a escada do depósito. Almondine esperava por ele na penumbra de frestas e rachaduras do meio-dia. Ele afundou em cima de dois fardos de palha e recolheu os joelhos para o peito. Antes que pudesse estender a mão para Almondine, o sono o engoliu. Ela ficou ao lado do seu corpo encolhido e encostou uma narina no dedo que Edgar cortara na noite anterior. Depois de algum tempo, deu uns giros, deitou-se e ficou vigiando-o.

NO SONHO, EDGAR ESTAVA SENTADO no alto da escada do depósito, olhando para dentro da oficina. Ele sabia que aquilo não era possível, a parede de madeira áspera da escada teria impedido a visão, mas seu sono tinha uma luminosidade que a tornava transparente como vidro.

Lá embaixo, o pai estava diante da bancada, de costas. Edgar podia ver seu cabelo preto cortado curto no alto da cabeça e as hastes dos óculos presas atrás das orelhas. A bancada estava coberta de ferramentas de trabalho com couro e uma lata de ilhoses, e o pai tinha na mão uma guia cuja alça havia desfiado. Quando Edgar olhou nos armários, o pai estava parado ali também, passeando os dedos pelos envelopes pardos muito cheios de uma gaveta aberta; levantou um e abriu. Os dois trabalhavam em silêncio, cada um ocupado e ignorando o outro.

Uma nesga de fumaça branca avançou entre as vigas do teto. Nenhum fogo à vista, nenhum fogo a apagar. Edgar desceu a escada e parou na oficina. A fumaça se tornou mais densa, uma névoa cinzenta. Ele inalou um pouquinho e tossiu, mas seu pai, ambos os pais, continuaram o que estavam fazendo, sem nada notar. De alguma forma, Edgar adquiriu uma altura incrível, a cabeça quase tocando as vigas do teto. Tinha o poder de ficar de um tamanho normal, ele sabia, e quando os vultos do pai

desaparecessem ele estaria sozinho na oficina.

Encontrou o fardo de feno apenas pelo tato, passando a mão pelo teto até perceber o contorno. Quando pressionou para cima, um peso excessivo ofereceu resistência: o próprio Edgar dormia nos fardos. Mudou as mãos para outro lado da portinhola e empurrou de novo, forçando. Uma fresta se abriu. Espirais de fumaça passaram por ela, sugadas pelo espaço acima, mas o peso da portinhola era demasiado e ele a fechou de novo. Então, uma coluna de fumaça apareceu, densa e negra, com gosto de metal quente.

No momento seguinte, o teto estava fora de alcance e ele se viu sozinho na oficina. Era noite. A luz da lâmpada acima da porta da frente penetrava pela janelinha da oficina, projetando um retângulo amarelo enviesado contra a parede. Almondine apareceu, guiando Claude. Uma expressão hesitante brincava no rosto de Claude, mas Almondine o empurrou com o focinho. Ele passou por Edgar e pegou a guia desfiada. As mãos trabalharam o couro e logo a guia estava consertada. Claude balançou a cabeça e acariciou as costas de Almondine. Depois, Edgar foi para o lado de Almondine e ele também começou a alisar os flancos dela.

ESSA NOITE, FIZERAM O JANTAR LADO A LADO, Edgar fritando as batatas fatiadas enquanto a mãe virava duas costeletas de porco numa frigideira, estendendo a mão de vez em quando para acrescentar um pouco mais de gordura às batatas dele, como um velho casal que pensa no dia enquanto a gordura espirra. Ela arrumou os talheres, os pratos, o pão, a manteiga, cortou ao meio os grapefruits, polvilhou com açúcar e ajeitou as metades viradas para cima em tigelas.

Sentaram-se para comer. Ele enfiou a colher na pele entre os gomos do grapefruit e olhou pela janela um mundo que se tornara azul. Céu azul, terra azul, árvores azuis, com folhas azuis, como se visíveis através de quilômetros de água transparente.

— No que está pensando? — perguntou ela afinal.

Ele queria desesperadamente falar sobre o que havia acontecido na noite anterior, mas vieram à tona os velhos sentimentos daquelas primeiras semanas depois do funeral e quando ele sonhava com o pai: fale e você esquecerá tudo no próprio momento em que as palavras forem pronunciadas. Você não vai lembrar nem o bastante para chegar ao final. E ele pensou também sobre seu pai cantando “They Won"t Believe You” .

Você acha que existe céu e inferno?, ele sinalizou.

— Não sei. Não do jeito cristão, se é isso que você quer saber. Acho que as pessoas têm o direito de acreditar no que quiserem. Eu simplesmente não acredito.

Não estou falando como na Bíblia. Estou perguntando se você acha que acontece alguma coisa com a pessoa depois que ela morre.

Ela pegou um gomo de grapefruit com a colher.

— Acho que eu não penso nessas coisas tanto quanto deveria. É difícil acreditar que isso é importante quando, de um jeito ou de outro, a gente tem o mesmo trabalho para fazer. Uma porção de gente acha que essa é uma questão importante, e se elas pensam assim, então, é importante para elas. Mas elas devem responder por elas.

Se alguém entrasse aqui e desse uma prova definitiva, mudaria alguma coisa para você?

Ela balançou a cabeça.

— Acho que se pode dizer também que este lugar, bem aqui, é céu, inferno e terra, tudo ao mesmo tempo. E mesmo assim a gente não saberia agir diferente. Todo mundo vai mesmo é seguindo em frente e tenta não errar muito.

Gostei disso. Aqui é céu, inferno e terra.

Depois de tirar a mesa e lavar os pratos, foram para o celeiro, conferiram a tabela de revezamento noturno e tiraram dois filhotes de um ano para levar para casa. Os cachorros fizeram uma grande confusão no celeiro. Quando chegaram diante de Almondine, pararam de repente e se apresentaram.

— Sabe, você precisa escolher os nomes para essa ninhada — disse a mãe. — Eles já estão com duas semanas.

O tom era brando, mas de repente a cabeça de Edgar começou a latejar e ele ficou tonto com uma mistura de raiva, vergonha e incerteza; acima de tudo, com o esforço esmagador de fingir que nada havia mudado.

Que diferença faz? Dê os nomes que você quiser. Ou não dê nome nenhum.

Ela olhou para ele.

— Você está se arrastando o dia inteiro. Está doente?

Talvez esteja, ele sinalizou. Talvez eu esteja ficando cansado de sentir sempre

o mesmo cheiro.

— Não faça essa cara para mim — ela disse. O rosto afogueado. — Qual é o problema?

A gente treina, treina, aí um dia simplesmente entrega os cachorros para estranhos e começa tudo outra vez. Não tem fim. Não tem por quê . Nós não temos mais escolha do que eles.

— Ah, sei. E de que outro jeito poderia ser?

Não sei. Alguma coisa que não precise ficar limpando cercados de cachorro toda manhã. Alguma coisa que não seja passar o dia inteiro dentro de um celeiro. Alguma coisa que a gente possa fazer só nós dois.

Ele não sabia que ia dizer essa última coisa, e ele corou. Ela estudou o rosto dele um longo tempo e passou a mão no cabelo, deixando que escorressem entre seus dedos como fibras escuras de vidro.

— Vai ser uma coisa difícil de entender, Edgar. Eu deixei para falar com você depois e agora acho que foi um erro. Sinto muito.

Você sente muito. Por quê, exatamente?

Foi a vez dela corar. Endireitou o corpo e uma espécie de curva leonina surgiu em sua postura.

— Sei que você viu seu pai e Claude brigando, mas o que você não viu foi que eram brigas antigas . Brigas que eles tinham a vida inteira. Eu não entendo, talvez ninguém entenda, nem Claude, nem seu pai, se ele estivesse aqui. Mas de uma coisa eu sei: é possível duas pessoas boas errarem completamente quando estão juntas. Dê uma chance a Claude. Eu dei, e descobri uma pessoa diferente da que eu esperava.

Ele fechou os olhos.

Uma pessoa diferente.

— É.

Depois de quatro meses.

— Edgar, você acha mesmo que o tempo que uma pessoa fica de luto dá a medida do quanto ela amava alguém? Não existe nenhuma regra que diga como se faz isso. — Ela riu, amarga. — Não seria ótimo? Não precisar tomar decisão

nenhuma. Tudo pronto para nós. Mas isso não existe. Você quer fatos, não quer? Regras. Provas. Você é igual a seu pai nisso. Só porque uma coisa não pode ser catalogada, definida, organizada, não quer dizer que ela não seja verdadeira. Metade do tempo a gente se apaixona pela ideia da coisa em vez da realidade da coisa. Mas, às vezes, as coisas não são assim. Você tem de prestar atenção ao que é real , ao que existe no mundo. Não alguma alternativa imaginária, como se fosse uma escolha que se pudesse fazer.

Mas ele não foi embora .

O coração dele disparou quando sinalizou isso.

— Eu sei. E mesmo assim, você e eu enterramos seu pai. Mas ele está aqui também, não está? Neste canil, nesta casa, por toda parte. Mas, a menos que a gente vá embora deste lugar e nunca mais volte, nós vamos ter de viver com isso todos os dias. Entende?

Não, ele sinalizou. Depois: entendo, sim.

— E isso é a mesma coisa que dizer que ele está vivo? Nós tratamos esse sentimento como se ele realmente estivesse aqui?

Ele achou que não conseguiria responder para ela. E se ele realmente pensasse que a duração do luto de alguém desse a medida do seu amor? Estava tão perturbado pelo simples fato dela fazer essa pergunta como por sua própria incapacidade de respondê-la. E outra coisa o incomodava, uma coisa que acontecera durante a sessão de treinamento da manhã. Um dos filhotes tinha entrado naquele estado de espírito do contra em que, às vezes, eles entravam, quando ficavam mais interessados no drama que no elogio.

O filhote estava provocando a mãe de Edgar, se divertindo com ela, cutucando-a de todo jeito, entendendo errado propositalmente o que ela lhe pedia, atacando seus irmãos, fazendo de tudo para deixá-la zangada. Mas não funcionou. O tom cuidadosamente modulado da voz dela e sua postura igualmente modulada tinham mostrado apenas uma tranquila indiferença. Só quando Edgar levou o filhote para o canil foi que ela disse:

— Da próxima vez que ele fizer essas besteiras, eu torço o pescoço dele.

E Edgar se deu conta de que na verdade ela havia ficado zangada. Furiosa mesmo. Não fazia parte da habilidade dela não demonstrar nenhum sentimento que fosse contra o treinamento? Se ela conseguia enganá-lo com um filhote, o que

podia estar escondendo quando falavam sobre Claude?

Então, a mãe disse que Claude ia voltar dentro de um ou dois dias e que traria algumas coisas para ficar. Edgar perguntou se ela o amava e ela disse que não do jeito que havia amado o pai dele. Ele perguntou se os dois iam se casar. Ela disse: meu bem, para mim eu ainda sou casada.

Ela disse que não esperava que ninguém entendesse, talvez ele especialmente, e que ela conseguia entender que as duas coisas não se juntavam e que não havia outro jeito de explicar a não se r dizendo que para ela faziam sentido. Edgar sabia que ela era uma pessoa direta, com pouca paciência para explicações. Claude ia voltar por um tempo, e embora ela não dissesse estava implícito que poderia ser um longo tempo. Talvez para sempre.

Talvez o dar de ombros dele a tenha surpreendido. Ele viu que não tinha voz na questão e não se deu o trabalho de pleitear isso. Quando a mãe escolhia ser imperiosa, era inútil discutir com ela. Podia-se discordar das palavras dela o quanto se quisesse, mas a conduta dela era irrefutável. Ele disse que ia ficar um pouco no canil e ela levou os dois cachorros embora. Na porta, olhou para ele como se fosse acrescentar uma última coisa, em seguida pareceu pensar melhor, virou-se e foi para casa.

DEPOIS QUE ELA SE FOI, EDGAR ABRIU e prendeu as partes de cima das portas do canil para deixar entrar a brisa da noite e abriu os cercados para sua ninhada andar pelo corredor. Ajoelhou-se ao lado de Almondine, pôs a mão em sua nuca e pela primeira vez naquele dia sentiu uma certa calma.

Queria que você estivesse aqui comigo ontem à noite. Assim eu pelo menos podia ter certeza de que aconteceu mesmo.

Sua memória era vívida a ponto de fazê-lo tremer por dentro, mas também havia lacunas. Ele tinha acordado no celeiro, no cercado com Essay e Tinder. Não se lembrava de ter entrado, nem de nada do que havia acontecido depois de ficar na chuva. E de manhã a seringa estava quebrada na grama, como se ele tivesse pisado em cima dela, mas não se lembrava disso também.

Tentou organizar os sentimentos. Havia o desejo de sair correndo; havia o desejo de ficar e colocar-se diante de Claude no momento em que ele voltasse; havia o desejo de acreditar nas explicações de sua mãe, literalmente; acima de tudo, havia o desejo de esquecer tudo que tinha acontecido, um desejo sofrido de que tudo

fosse normal e conhecido, da rotina do canil, de ler à noite, de fazer jantares, os dois sozinhos, quando ele quase podia acreditar que o pai tinha saído só um instante para ir ver uma ninhada nova e logo voltaria.

Ele quase esperou se assustar como no celeiro, mas não foi isso que aconteceu, talvez porque o céu da noite estava limpo. Se estivesse chovendo, ele não teria tido coragem de demorar. Observou Essay pôr as patas dianteiras na porta da frente e espiar o quintal. Quando ela se cansou disso, começou a desfilar diante dos cachorros, sacudindo para a frente e para trás um pedaço de barbante na boca, fingindo que lutava com uma presa.

Pare de provocar os outros, ele sinalizou. Venha cá.

Colocou os cachorros em posição de fica e pegou as escovas e os cortadores de unha. Tinham parado de soltar o pelo de primavera e ele usou o pente de pelo inferior para remover os últimos vestígios da pelagem superior. Estavam em círculo em volta dele, resfolegando e observando. Ele escovou primeiro Almondine, depois Opal e Umbra juntas, depois Finch e Baboo. Tinder e Essay ele deixou por último, porque ambos precisavam aprender a ter paciência. Essay não gostava de ser escovada, e Edgar não entendia por quê. Conversou com ela a respeito, ouviu suas reclamações, mas não parou. Eles sempre acabavam gostando de ser tratados. Ele tinha orgulho disso. Ainda podia ter muito a aprender como treinador, mas era o melhor tratador que podia ser.

O movimento de escovar das ancas até a nuca o ajudava a pensar. O que estava confuso era a inconstância da mãe. Uma hora ela pedia que ele decidisse o futuro do canil, outra hora determinava vida deles. Não conseguia entender o que ela sentia de verdade sobre nada. Uma expressão que lera num livro lhe voltava à cabeça: ela estava se relacionando com um homem. Um expressão idiota, antiquada. No livro, era uma coisa simples e clara. Relacionar-se com alguém. Um ato tão direto quanto acender uma luz, dar um tiro com uma arma, um ato indivisível.

No entanto, era mais complicado do que qualquer capacidade que ele pudesse ter para expressar aquilo. Sentiu que não podia fazer nada enquanto não soubesse as palavras certas, mas as que lhe vinham à mente só captavam o que ele tinha pensado, seguindo atrás de seus verdadeiros pensamentos como a cauda de um meteoro. Dizer que sua mãe estava se relacionando com um homem era uma ideia que tinha lhe ocorrido dias antes, talvez semanas.

Mas só então essas palavras ficaram martelando dentro dele. Assim que as

ouviu na cabeça, ele as descartou como impertinentes e idiotas, remanescentes de um pensamento antigo. O que ele estava pensando naquele momento era inteiramente diferente, e não sabia se alguém havia encontrado palavras para aquelas ideias. Parou de escovar Essay e tentou explicar. Durante um longo tempo os cachorros ficaram olhando enquanto suas mãos traçavam ideias no ar.

De qualquer forma, disse a eles, tudo aquilo não importava, depois de ter visto seu pai. Ele encontrara a seringa na oficina naquela noite. Disso se lembrava, com toda certeza. Então, seu pai o tinha tocado e Edgar se enchera de lembranças dele, mas, como um vaso feito pela metade, tinha sido incapaz de captá-las, e elas desapareceram, todas, menos alguns vestígios fragmentados. Um dos vestígios era a visão de Claude recuando das portas do celeiro para aquele mundo branco, frio.

O pai tinha morrido por causa de um aneurisma.

Uma deficiência em um lugar chamado círculo de Willis.

Mas agora ele não acreditava nisso. Claude tinha estado lá naquele dia. Teria deixado pegadas na neve? Edgar tinha visto pegadas? Tinha: as suas, as de sua mãe, as de seu pai. As pegadas de meia dúzia de outras pessoas podiam estar lá sem que ele soubesse diferenciá-las, porque não era uma coisa que estivesse procurando. O vento soprara constante, preenchendo cada pegada, cada marca de pneu com uma duna de branco do lado contrário do vento. As pegadas de Claude teriam levado ao caminho de entrada? Ao campo? À floresta?

Ele devia ter chegado lá de alguma forma. Edgar se lembrava de ter corrido para a estrada, mas cinquenta ou sessenta metros adiante estava tudo interrompido por uma barreira branca de neve. O Impala de Claude podia estar parado no alto do morro ou a três quilômetros dali; de ambas as maneiras estaria igualmente escondido. Ele pensou, pela primeira de muitas vezes, na expressão do rosto de Claude naquela manhã, quando espiara pela janela da cozinha. Tinha visto surpresa? Ou culpa?

Se ele fosse culpado, o que Edgar devia pensar do beijo que veio em seguida, tão determinado e desafiador? Por que se dar o trabalho de provocar uma pessoa que pode saber seu terrível segredo? A menos, pensou, que fosse melhor aquela pessoa estar cega de raiva. Será que Claude podia ter concluído tão depressa que se Edgar parecesse louco de ciúmes qualquer coisa que dissesse cairia no descrédito?

Ele olhou os cachorros estendidos em várias posturas de sono, todos menos Almondine, apoiada pesadamente em sua coxa.

Nós vamos ter de aguentar, sinalizou. Vamos apenas esperar.

Levou os cachorros para seus cercados. Passou um minuto agachado na palha com cada um, deslizando a mão por seus focinhos, pela curva dos ombros, certificando-se de que estavam sossegados. Depois apagou as luzes do corredor e, juntos, ele e Almondine caminharam para o escuro.

No gramado com cascalho, onde a seringa estivera quebrada na água da chuva, um losango de grama e ervas daninhas chamou sua atenção. Sentou-se nos calcanhares para olhar. O ponto era talvez do tamanho da palma de sua mão e à primeira vista ele achou que a grama estava morta, mas não estava. Estava cerrada e viçosa, e ali ao luar leitoso também estava branca como um osso.

Forca

ESSA NOITE ELE FICOU NA CAMA COM ALMONDINE A SEU LADO, AMBOS esperando pelo sono que não vinha. Lá fora, soprava um vento noturno e pelo janelão de seu quarto o farfalhar da macieira e do bordo eram um ruído constante. Almondine estava deitada com as patas dianteiras estendidas e a cabeça erguida, olhando com desconfiança o movimento das cortinas.

Depois de algum tempo, ela deu um longo e amplo bocejo, Edgar estendeu a mão e tocou sua pata dianteira. Ela desconfiava do vento. O vento entrava na casa e batia portas. Ele alisou os filamentos de pelos mais longos que se arqueavam acima dos olhos dela. De manhã ela estaria dormindo no chão, ele pensou. Se começava a noite na cama, ela sempre terminava no chão. Se começava no chão, havia uma chance de ele acordar de manhã e encontrá-la na cama, mas era mais provável que estivesse parada junto à janela ou deitada perto da porta. Havia nela uma noção do que era adequado que ele não conseguia entender inteiramente.

Estava olhando para Almondine e tentando não pensar em nada quando lhe voltou a imagem do pai soletrando com os dedos. Sentou-se na cama. O que mesmo o pai tinha dito naqueles momentos finais? Como podia ter esquecido?

Encontre H-A-A-alguma coisa— I .

Fechou os olhos com força e tentou rever os acontecimentos da noite anterior. A chuva se transformara em garoa. Mal podia relembrar os gestos do pai. Edgar ficou sentado, num devaneio, vendo as mãos do pai, modeladas pela névoa, traçando as letras, e quando abriu os olhos de novo pensou ter interpretado mal a terceira letra daquela noite. Parecia-lhe agora que era um C , não um A .

Procure H-A-C-alguma coisa— I .

Não se chegava ao conhecimento sem algum sacrifício. Ele tinha visto o pai estender a mão para ele outra vez e lembrou como havia implorado não ser tocado, em vez de dizer o que queria dizer. Ele acreditava, embora não soubesse dizer por quê, que o pai estava soletrando um nome, o nome de um cachorro. Acendeu a luz. Na mesa de cabeceira, encontrou um pedaço de papel, um lápis, e escreveu as letras, deixando um espaço em branco para a letra desconhecida. Mesmo incompleto,

aquilo lhe parecia familiar. Ele não fazia ideia do que significava.

Almondine seguiu-o escada abaixo. A mãe apagou as luzes da sala e da cozinha e deitou-se na cama para ler. O relógio da cozinha marcava dez horas.

— Edgar... — chamou ela.

Ele foi até a porta do quarto.

— Queria não ter sido dura com você hoje à noite.

Ele deu de ombros.

— Quer conversar mais?

Não. Não consigo dormir. Vou para o celeiro, procurar nomes.

— Não fique até muito tarde. Você está com olheiras.

Ele segurou a porta para Almondine passar, mas ela resolveu que seria melhor dormir na varanda. Ele foi até a oficina, pegou o livro mestre de ninhadas e folheou as páginas. Se conseguisse encontrar um nome que servisse, poderia pegar o número do cachorro e, a partir dali, a ficha.

E depois?

Ele não sabia o que ia acontecer.

Levou quase uma hora olhando os registros, primeiro passando os olhos pelas páginas, depois mais devagar, ponderando cada nome em busca de um diminutivo. Não deu em nada, sem possibilidades, sem nem uma pista. Fez uma lista, preenchendo cada espaço com uma letra possível e riscando tudo que parecesse bobagem: "Haedi", "Hacqui" e "Hacwi". Era como jogar forca, em que se adivinha uma palavra, letra por letra, enquanto o oponente vai desenhando a cabeça, o corpo, os braços e as pernas de um homem no patíbulo.

Mas, nesse caso, era surpreendentemente difícil eliminar probabilidades. A possibilidade de ser um nome estranho lhe ocorreu e nomes eram mais idiossincráticos do que palavras normais. Por fim, ele simplesmente tentou adivinhar. Eliminou tudo, menos seis possibilidades:

Hacai.

Hacci.

Hachi.

Hacki.

Hacli.

Hacti .

Procurou cada palavra no Novo dicionário enciclopédico Webster da língua inglesa , porém, conforme desconfiava, nenhuma era um verbete. Folheou o livro mestre de ninhadas uma última vez, procurando nomes que pudessem ser abreviados ou alterados, mas mesmo percorrendo as páginas com o dedo sabia que era inútil.

Insistentemente, seus olhos se voltavam para "Hachi". A letra que faltava era um H , ele tinha certeza disso: indicador e dedo médio estendidos na horizontal com a mão fechada. Visualizou as mãos do pai, translúcidas e manchadas de vento. O problema era que o vento tinha soprado e ele mal vira o sinal. Desesperado, devolveu o livro mestre de ninhadas para o alto do armário. Podia examinar as pastas uma por uma, talvez, embora isso fosse levar dias, semanas mesmo. Apoiou a cabeça no armário. Chutou a gaveta de baixo.

A gaveta continha as cartas.

Então entendeu. Hachi estava certo, mas era apenas parte do nome. Hachi-alguma coisa. Hachigo? Hachiru? Tinha visto esse nome numa carta lida e abandonada enquanto procurava as cartas de Brooks. Pôs-se de joelhos e abriu a gaveta de um golpe. Agora que sabia o que procurar, não demorou muito. Reconheceu a caligrafia antes mesmo de localizar o nome.

Hachiko.

Maio de 1935

Chicago

John,

Apenas uma nota para você saber que meus amigos do corpo diplomático me mandaram uma notícia triste. Hachiko foi encontrado morto na estação de Shibuya no dia 7 de março, no mesmo local onde o encontrei, muitos anos atrás. Estava esperando Ueno, claro. Pelo que todos disseram, ele ainda fazia a trilha todos os dias, a menos que a artrite estivesse tão ruim que ele não conseguisse andar.

Anexo uma fotografia que meus amigos mandaram do monumento erigido

para ele. Ele passava na frente do monumento a maior parte de seu último ano. Acho que nunca nem o notou. Mais um exemplo de que nossos cachorros superam seus pretensos donos.

Como pode ser, John, que eu sinta que perdi um velho amigo, quando só estive com ele duas vezes? Talvez por causa de nosso Ouji. Ele e Charles Jr. são companheiros inseparáveis, e acho que não exagero ao dizer que têm uma ligação igual à que eu tive um dia com Lucky.

Meu consolo é saber que parte da linhagem de Hachiko está sob meus cuidados, e seus. Espero que o grande experimento esteja prosseguindo bem. (Sei que não gosta que eu o chame assim, mas não consigo deixar de provocar você às vezes.) No mês passado, ao visitar meu bairro em Chicago, conheci uma família que possuía um cachorro sawtelle. Vi quando passavam na rua e saí correndo do carro como um louco. Será que você se lembra deles? Os Michaelsons? Pode ser imaginação minha, mas juro que vi um traço de Ouji naquele cachorro. Poderia ser uma de suas crias?

Seu, como sempre,

Charles Adwin

Oitavo Distrito, Illinois,

Câmara dos Deputados dos Estados Unidos

Nada na carta parecia significativo, Edgar não conhecia ninguém chamado Charles Adwin. Por que seu pai tinha lhe dito para encontrar Hachiko? Hachiko, fosse quem fosse, estava morto, e fazia muitos anos.

Recostou-se.

Ueno? Ouji?

Voltou ao armário dos arquivos. Tinha procurado em uma gaveta, mas havia uma segunda, também cheia de correspondência e coisas diversas. Começou a procurar uma carta com carimbo de Washington, talvez Chicago, e assim quase deixou passar o que queria, porque trazia um carimbo internacional. Só a caligrafia grande e característica de Charles Adwin o fez olhar melhor.

Outubro de 1928

Tóquio

Caro senhor Sawtelle,

Com alguma dificuldade, entrei em contato com a família de Hachiko e descobri, para minha surpresa, que existe de fato mais uma ninhada produzida pelos mesmos macho e fêmea. Não sei como o senhor sabia disso, ou se foi um palpite espetacularmente bem afortunado. Nem pretendo entender seu projeto de criação. Sei pouco sobre cachorros e apenas os admiro, como a maioria das pessoas, de um modo ignorante, talvez. Mas admiro-os de fato, e conheci os melhores deles. Quando criança, tive um setter chamado Lucky que era moralmente superior a qualquer homem que eu tenha conhecido, inclusive eu.

Hachiko é um fenômeno aqui em Tóquio, muito comentado entre os habitantes. As histórias são verdadeiras. Eu estava na plataforma de trens Shibuya aquela tarde e vi quando ele saiu da multidão, sozinho, sentou e esperou a chegada do trem. É um animal nobre, cor de creme-claro e movimenta-se com grande dignidade. Fui também até ele, alisei sua pelagem cerrada e olhei em seus olhos. Devo dizer que senti a presença de uma grande alma. Quando estávamos ali parados, o trem chegou, as portas se abriram e Hachiko levantou a cabeça para ver se seu dono, o professor Ueno, ia desembarcar, mas, evidentemente, não desembarcou. Ueno não tomava aquele trem havia quase três anos, uma vez que um derrame o vitimou na universidade. Hachiko já devia saber que ele não ia aparecer, mas esperava mesmo assim. Então, esperei junto dele. Dois meninos idiotas surgiram de um lado da plataforma, rindo e provocando o cachorro, e antes que eu me desse conta do que fazia corri até eles e os mandei embora, furioso, comportamento inadequado para um diplomata. Hachiko não se distraiu com facilidade.

De fato, tão sereno era ele de sua posição, tão pacientemente esperava e observava o trem, que senti que nós é que não enxergávamos a verdade, não Hachiko. Depois de uma longa espera, ele se levantou e voltou para a multidão, sozinho. No dia seguinte, lá estava ele de novo, esperando o trem. Sei disso porque eu também voltei, atraído por esse drama silencioso por razões que não consigo explicar.

A história de Hachiko passou a ser tão conhecida que estranhos que circulam pela estação de Shibuya o reconhecem de imediato. Alguns começaram a deixar comida para ele. Correm histórias de pessoas que se põem a chorar ao ver o cachorro sentado, esperando. Como já confessei, eu mesmo não consegui deixar de me emocionar. Creio que seja impossível conceber tal devoção em um homem ou um animal até que se veja com os próprios olhos. Já se fala em erigir um monumento ao cachorro.

Francamente, eu estava disposto a ignorar seu pedido, mas ao conhecer Hachiko mudei de ideia. Com alguma dificuldade, consegui localizar o criador. Isso exigiu que eu seguisse Hachiko pelas ruas de Tóquio, até a casa onde Ueno morava. Ali o cachorro parou brevemente, e eu esperava que ele fosse entrar. Em vez disso, virou-se para olhar a rua e prosseguiu, até a casa do jardineiro do professor Ueno, que agora cuida do cachorro. (O professor não tinha família.) O jardineiro soube me indicar o criador, Osagawa-san. Eu me apresentei, expliquei seu pedido e foi assim que descobri que havia uma ninhada. Ele insistiu que nenhum de seus cachorros poderia ser despachado da maneira como o senhor sugeriu.

Ele não acredita que um filhote possa passar intacto, física e mentalmente, por uma viagem dessas, e se recusa a considerar a ideia. Ele disse (depois que o acalmei) que o senhor será benvindo para vir ver os filhotes, momento em que poderá discutir se o senhor seria um dono adequado. Expliquei que o senhor não dispunha dos meios para fazer a viagem. Osagawa-san é muito dedicado a seus cachorros. Acho que ele tem razão sobre a viagem de um filhote. Embora tenham sido usados na caça ao urso, os cachorros parecem excepcionalmente sensíveis, e mesmo que encontremos um lugar para um deles num navio para São Francisco ou Seattle, são ainda muitos milhares de quilômetros de viagem de trem até poder chegar ao senhor, sem ninguém para cuidar dele. É simplesmente impraticável. Estou certo de que o senhor entenderá.

No entanto, abriu-se outra possibilidade, se o senhor estiver disposto a considerá-la. Um resultado inesperado de minha visita foi que tive a oportunidade de adquirir um desses filhotes para minha própria família. Nós o chamamos de Ouji, que significa, numa tradução aproximada, "Príncipe". É um bom exemplar. Aos quatro meses, não tem a sagacidade de Hachiko, porém isso é de esperar. Às vezes, ele é um terror para nós, mas acredito que chegará o dia em que agradecerei ao senhor por ter nos aproximado. Vejo nele algo do caráter de que me lembro em Lucky tantos anos atrás, e embora possa ser imaginação minha, creio ter percebido nele um relance do que vi no olhar de Hachiko na plataforma do trem.

A oportunidade que sugiro é a seguinte. Dentro de um ano, espero terminar minha missão aqui no Japão e voltar para casa. Já anunciei minha intenção de me aposentar. A vida no corpo diplomático tem sido boa, mas não posso negar minhas raízes do Meio-Oeste. Na primavera, minha mulher, meu filho e eu vamos embarcar no navio para São Francisco, e no outono deveremos estar instalados em Chicago outra vez. Ouji terá então dezoito meses, e se o senhor quiser vir conhecê-

lo, será benvindo. Se estiver interessado, e ele achar adequado, não creio que vá se recusar a ser pai de uma ninhada para o senhor. Já coloquei a questão para ele, mas como ele estava ocupado destruindo a quina da minha pasta de documentos, não me respondeu.

Peço desculpas por não ter conseguido defender seus interesses junto a Ogasawa-san; no entanto, sou-lhe imensamente grato por ter inspirado minha visita a Hachiko. Foi um momento que bem pode ter transformado minha vida. Saiba o senhor, minha decisão de voltar para casa se consolidou durante a longa caminhada ao lado de Hachiko pelas ruas de Tóquio. Não tenho como justificar a sensação, mas pareceu-me possível — de fato provável — que uma terceira presença nos acompanhasse, alguém que só Hachiko conseguia enxergar. E naquele momento entendi que estava longe de minha terra havia tempo demais.

Antes de encerrar, devo externar uma última ideia. Não posso acreditar que o senhor tenha pensado que um plano de despachar um filhote desacompanhado por avião e trem pudesse funcionar. Chego a pensar que o senhor me manipulou de longe para que eu adotasse um macho para seu projeto. Nesse caso, o senhor é um gênio, e teríamos uso para alguém assim no corpo diplomático.

Seu,

Charles Adwin

Secretário Sênior

Embaixada dos Estados Unidos no Japão

Edgar reclinou-se, carta na mão. Não havia nada que desvendar sobre o seu significado. O pai estava apontando uma espécie de prova para ele, mas nada que Claude tivesse feito.

Não sou nenhum sonho, seu pai estava dizendo. Já aconteceu antes.

Um Jeito de Ter Certeza

O METRÔNOMO DO CANIL TIQUETAQUEAVA, ALVORECER E ENTARDECER. Uma nova ninhada foi providenciada, um parto era esperado para o fim do verão. Quatro cachorros da ninhada mais velha foram colocados ao longo das duas semanas seguintes, exigindo uma frenética atividade de fixação do treinamento, avaliação e papelada.

O doutor Papineau achava motivo para aparecer sempre que chegavam novos donos adotivos, exsudando o que parecia a Edgar cada vez mais ares de proprietário. E Edgar viu-se entre dois desejos opostos: esperar e observar e fugir. Contar à mãe sobre sua suspeita ou atirar-se sobre Claude. De dia, sua cabeça estalava de fadiga.

À noite, caía na cama e ficava horas percorrendo o teto com o olhar agitado. As tempestades de verão o atraíam como uma mariposa para a luz de uma varanda e ele caminhava sem rumo debaixo da chuva, escarafunchando seu interior, repassando ideias, tênues ideias. Pairava sobre ele o tipo mais estranho de maldição: saber e não ter como provar. Sentia-se assombrado não tanto pelo vulto do pai como pelas lembranças do pai, que se despejaram sobre ele naquela noite só para se perderam de novo.

Nada que fizesse ajudava-o a resgatá-las. Lá... era uma lembrança sua ou um fragmento de uma vivência com o pai? Ou será que o exame incessante de seu interior havia criado fantasmas que não eram lembrança de absolutamente ninguém? A mente parecia capaz de fazer malabarismos em torno de qualquer escorregadia linha de pensamento, refletindo seus próprios desejos como uma gota de mercúrio tremulando diante de um espelho, a lembrar qualquer coisa que quisesse, verdadeira ou falsa. Sempre que a chuva parava, restava-lhe decepção e raiva; sobretudo, raiva do pai, e depois, arrependimento por isso.

E, apesar da declaração de sua mãe, Claude não veio para ficar logo de uma vez. Nunca havia uma fronteira clara, nunca havia um momento decisivo contra o qual Edgar pudesse protestar. Se Claude passava a tarde trabalhando no canil, ia embora antes do anoitecer. No dia seguinte, podia não aparecer, ou podia vir muito

depois do anoitecer, para deixar uma garrafa de vinho enquanto o Impala ficava parado na entrada, algum companheiro à espera no banco do carona, o semblante iluminado de baixo pela luz do painel enquanto o rádio tocava. E sua mãe acompanhava Claude até o carro.

Fique quieto, Edgar dizia a si mesmo. Espere.

Isso significava sentar à mesa no jantar e olhar Claude cortar, mastigar, engolir, sorrir enquanto o coração de Edgar vibrava como um beija-flor dentro do peito. Significava sentar na sala de estar depois, fingindo indiferença. De manhã, significava ver as lascas de sabão espalhadas pela varanda e as barras se transformando em tartarugas surpreendidas no ato de se acasalarem: tudo muito parecido com o próprio Edgar, preso e incapaz de se mover à medida que os dias transcorriam, um após o outro.

Significava, pior que tudo, ser obrigado a ajudar Claude no canil, onde, apesar de sua determinação, Edgar muitas vezes respondia a Claude com torrentes cortantes e incompreensíveis de sinais. Mas quando conseguia se acalmar e observar, via não um Claude, porém muitos: o quieto, o jovial, o reservado, aquele que se sentava em silêncio num grupo. Quando vinha visita, ele observava Claude levá-las para passear no pomar de macieiras, no campo ou na estrada. Qualquer lugar sossegado, particular. Havia conversas e risos. Um gesto de surpresa. Uma cabeça acenando que sim.

Nada disso revelava a Edgar o que ele precisava saber. No fim, teve certeza apenas de uma coisa: Claude voltava sempre. Independentemente do que Claude quisesse, independentemente do que tivesse feito, por mais desinteressado que se mostrasse, precisava continuar voltando sempre.

A MANCHA BRANCA HAVIA SE ESPALHADO, ou ao menos parecia. O solitário dente-de-leão, tão descorado e pálido quanto a grama em volta, brotara no centro, o botão semiaberto. Edgar arrancou aquela coisa albina e espremeu a massa sem cheiro junto ao nariz. Quando Almondine começou a investigar aquele ponto, ele a espantou e passou o carrinho de mão por cima, a pá chacoalhando na caçamba.

A mãe dele veio dos fundos do celeiro e ficou olhando.

— O que você está fazendo?

Ele enfiou a ponta da pá na mancha branca.

Acha que isto é normal?

— O quê?

Isto aqui. Esta mancha.

Ela olhou as manchas de relva morta espalhadas pelo gramado, todas mirradas pela urina do cachorro, e de novo para Edgar, com uma expressão infeliz. Quando ele voltou a olhar, ela tinha ido embora. Ele cavou um buraco até debaixo da raiz do dente-de-leão e levou a terra no carrinho até o campo de aveleiras. Encheu o buraco com cal virgem dos sacos empilhados atrás da porta do celeiro, despejou por cima um balde de água e ficou olhando a cal assentar. Quando terminou, encheu uma lata de café com o mesmo pó esbranquiçado, foi até as aveleiras e polvilhou a terra.

ENTARDECER. MORCEGOS GUINCHAVAM através do halo de insetos em volta da luz do quintal. Os cachorros eram submetidos agora a períodos mais longos de atenção e eles começavam a apresentar talentos raros e desconhecidos, que Edgar estimulara durante horas, em vez de ficar em casa. Havia os comandos de volta feitos a distância, que Baboo e Tinder obedeciam aparecendo do nada, saltando no meio do feno cor de limão.

Finch e Opal aprenderam a desmanchar nós simples. Quando solicitada a se livrar de uma guia emaranhada a seus pés, Essay se agachava e saltava, evitando com um movimento ágil o laborioso processo de desfazer suas voltas. No celeiro, ele fazia os cachorros sentarem em círculo, amarrava um prêmio num trapo e o pendurava em um dos varais presos por roldanas às vigas. Liberava por nome um dos cachorros. Se outro animal se mexesse, o prêmio subia no ar, e todos os cachorros rosnavam. Quando esgotava os meios de colocá-los à prova, ficava parado na porta do celeiro olhando o Impala de Claude ou escutando pelas janelas a música que tocava na sala, à espera de que as luzes se apagassem.

UMA NOITE, DEPOIS DO JANTAR, Claude levou o doutor Papineau para o canil, aparentemente sem perceber que Edgar estava lá. Quando ouviu os dois chegando, ele recuou para o escuro, próximo às portas dos fundos do celeiro, e escutou. Os dois homens entraram na sala de parto, depois saíram e ficaram

observando a noite.

— Talvez seja a hora — dizia o doutor Papineau. — Há anos eu mantenho esses cachorros como um segredo muito bem guardado.

— Bom, você sabe o que eu acho — disse Claude — , mas Trudy pode avaliar seu conselho. Ela respeita e confia muito na sua opinião.

— Isso eu não sei. Com Trudy é melhor esperar que ela pergunte do que oferecer uma opinião.

Edgar sorriu no escuro. Não sabia com certeza do que estavam falando, mas se lembrava bem da noite em que o doutor Papineau havia provocado sua mãe e como o velho tinha sido obrigado a recuar depressa.

— Precisaremos renegociar sua cota, se você entrar nisso. Vinte por cento pode parecer mais razoável.

O doutor Papineau soltou um grunhido, um baixo hmmm-hmmm-hmm .

— Nunca me conformei com a venda daquele lote no lago Namekegon. Está simplesmente parado lá — disse. — Com quantos ele quer começar?

— Doze, por enquanto. Uma leva experimental no Natal e depois alguma coisa maior no ano que vem.

— Acho que posso conversar com Trudy da próxima vez que eu vier.

Ficaram quietos algum tempo.

— Sabe, o Stumpy vai fazer uma peixada no sábado. A primeira do verão.

— É mesmo? Truta do lago?

Viraram-se e seguiram pelo corredor do canil.

— Peixe branco, acho. Por que não damos uma passada e pegamos você? Eu posso ficar longe para você conversar com Trudy.

Edgar olhou os dois se afastarem. Quando o doutor Papineau entrou no carro e foi embora, Edgar voltou para casa, bateu na perna para chamar Almondine e subiu, sentindo o tempo todo o olhar de Claude atrás de si.

QUANDO A NOITE DE SÁBADO CHEGOU, Edgar deixou claro que não ia a lugar nenhum com Claude. A mãe fingiu indiferença, como fazia com um

filhote resistente, embora ele soubesse que ela estava sentindo outra coisa.

No momento que as luzes traseiras do Impala desapareceram, ele revistou a gaveta de correspondência, depois os arquivos do canil empilhados em cima da geladeira, e os cadernos de trabalho. Almondine ficou sentada, observando sua busca. No armário, vasculhou os bolsos do casaco e da calça de Claude. Não encontrou nada que o ajudasse a entender a conversa que tinha escutado.

Então, voltou-se para os lugares mais improváveis: a caixa de munição com o velho telegrama, a caminhonete e, por fim, o quarto de hóspede. Estava quase vazio, e isso desde que Claude tinha se mudado dali, mas na parede que dava para o interior da casa havia uma portinha. Ele se abaixou e abriu-a, olhou lá dentro o espaço de vigas inacabado acima da cozinha. Espalhadas ali ao acaso por cima das placas de isolamento cor-de-rosa empoeiradas havia uma dúzia de caixas de papelão, que sua mãe havia embalado naquele dia de inverno em que ele a encontrara com o cabelo emaranhado e tão perdida de dor a ponto de nem vê-lo.

Ele se ajoelhou nas vigas e puxou as caixas para o quarto. Nas caixas havia logotipos de latas de tomates, feijão, ketchup, e suas abas estavam cruzadas e fechadas com fita. As mais pesadas estavam cheias de camisas e calças e exsudavam um vago aroma da loção pós-barba de seu pai. Edgar passou a mão por dentro, procurando qualquer coisa que não fosse tecido. Duas caixas tinham casacos e chapéus e outras duas, sapatos. Por fim, uma caixa menor, com coisas misturadas: o relógio de pulso, a navalha, o chaveiro, a carteira de couro vazia, brilhante dos lados mas com os cantos esticados e foscos, a costura se desmanchando de um lado.

Do fundo dessa caixa Edgar tirou um anuário da Escola Secundária Mellen, turma de 1948. Guardado dentro da capa estava o diploma de seu pai, com grandes letras ornamentadas no alto: Escola Secundária de Mellen. Ele folheou as páginas de fotos em preto e branco até encontrar seu pai no meio dos vinte e cinco formandos, entre Donald Rogers e Marjory Schneider. A expressão de seu pai era severa, ao estilo de todos aqueles retratos, e seu olhar focado em alguma preocupação distante. Ele já usava óculos então. Edgar procurou os segundanistas. Claude estava na lista como um dos três sem fotografia.

Edgar examinou as fotos posadas de grupos e os instantâneos: o time de futebol, o clube campestre, a turma do coral, a multidão na lanchonete. Nesse processo, duas fotos soltas escorregaram das últimas páginas. Gente e lugares que ele não reconhecia. Sacudiu o anuário em cima do colo. Mais três fotografias caíram. Numa delas, o pai à beira de um lago, pescando. Na outra, sentado num

caminhão, exibindo uma barba de vários dias. O cotovelo dobrado na janela aberta, a mão segurando a direção.

A última fotografia tinha sido tirada no quintal. Nela, o celeiro aparecia a distância, erguendo-se sombriamente no topo do gramado lateral. Seu pai, uma figura minúscula, estava ali parado, olhando, perto da casa de ordenha. Em primeiro plano, Claude, de camiseta e calça jeans. Um cachorro corpulento, já adulto, tinha acabado de pular em seus braços estendidos. Ele estava rindo e caindo para trás. E estava com um olho roxo.

Edgar ficou olhando a foto. O cachorro, em movimento quando diafragma se fechou, era quase um vulto, mas parecia muito grande, isso era óbvio. Não se parecia muito com um dos cachorros deles, não exatamente, uma espécie de mistura, embora predominantemente pastor, com a cara escura, orelhas altas e rabo em curva. Edgar virou a foto. No verso, na caligrafia de desenhista de seu pai, a legenda dizia: Claude e Forte, julho de 1948.

CLAUDE ASSUMIU A PAPELADA DO CANIL, ideia que a mãe de Edgar recebeu de bom grado. Edgar encontrava Claude na cozinha muitas vezes, cartas espalhadas, falando ao telefone, fazendo acompanhamentos e novas colocações. Se Edgar entrava durante um de seus telefonemas, Claude interrompia a conversa, como se o trabalho do irmão já fosse duro o bastante, para ainda ter de ficar sendo observado por alguém.

Os arquivos e registros estavam muito bem organizados e legíveis; o problema era controlar a linhagem dos cachorros disponíveis para cruzamento na ninhada seguinte e manter todas as informações necessárias na mente. Claude sabia o básico, claro. John Sawtelle havia ensinado os dois filhos a cuidar dos animais. Mas Claude passara muito tempo longe do canil e o complexo sistema de avaliação aperfeiçoado pelo pai de Edgar ao longo dos anos se tornara um mistério para ele.

Por outro lado, a atitude de Claude diante de qualquer conquista era de fria indiferença, uma estudada falta de surpresa. Qualquer que fosse o feito, um solo de piano pirotécnico em um show de variedades ou um "gancho do céu" de Kareem Abdul -Jabbar para os Bucks, no último minuto, não impressionava Claude. Ele sempre dizia que uma pessoa podia conseguir tudo o que quisesse se estivesse disposta a ir com calma. O pianista, observava ele, tinha sacrificado a infância se exercitando: claro que ele dominava as teclas. Jabbar tinha nascido alto e treinara o lance cinco dias por semana, o ano inteiro.

— Todo o mundo acaba sendo bom em seu trabalho — dizia. — É osmose. A coisa mais comum do mundo.

A mãe de Edgar ria quando Claude começava com isso, tendo concluído que era uma espécie de elogio às avessas, já que, quanto mais impressionante o feito, mais Claude se aferrava a sua posição. Não era desrespeito, ele afirmava, porque o princípio se aplicava a todo mundo, não tinha erro: a Trudy, Edgar e mais especialmente ao próprio Claude. A questão nunca era se Claude ia aprender alguma coisa; a questão era apenas se valia a pena aprender, e quanto tempo levaria. Essa era sua atitude em relação aos registros do canil (e, a propósito, ao aprendizado da leitura de sinais, apesar dele ignorar o dicionário de sinais na sala todos os dias). Se ele manipulasse as pastas tempo suficiente, o sistema de registro acabaria ficando claro e os méritos e as qualidades e as imperfeições das várias linhagens terminariam entrando em sua mente. Durante as conversas telefônicas, ele folheava qualquer pasta que estivesse à sua frente, rabiscando tabelas de linhagem nos jornais.

O pai vinha planejando uma ninhada para uma doce mãe preta e castanha chamada Olive. Tinha falado em encontrar um parceiro perfeito, mas a busca de Claude nos cadernos do pai de Edgar se mostrou infrutífera. Como Edgar bem sabia, aquele caderno era uma confusão de anotações ilegíveis, listas, lembretes e diagramas. O mesmo homem que preenchia registros com a precisão de um professor de desenho fazia suas anotações num rabisco indecifrável. Mas logo Olive ia entrar no cio, e Claude ficava sentado à mesa depois do jantar, atrás de uma avalanche de envelopes de papel pardo. Uma vez, tarde da noite, ele entrou na sala.

— Encontrei a cruza escolhida por Gar para Olive — disse.

A mãe de Edgar levantou os olhos da revista que estava lendo.

— Quem?

— Drift — ele disse. — Ele foi pai de três ninhadas boas. Saudável como um cavalo. Está em Park City.

A mãe de Edgar concordou com a cabeça. Tinha intuição para cruzamentos, baseada em sua lembrança de como ninhadas anteriores tinham se comportado, mas sempre fora indiferente à pesquisa detalhada, deixando isso para o pai de Edgar. Os filhotes é que a estimulavam, todos os seus talentos ainda ocultos. Mas Edgar logo viu o problema, e estava sinalizando a resposta antes de ter tempo de repensar.

É uma cruza na mesma linhagem. É ruim.

Trudy olhou de volta para Claude e traduziu:

— Na mesma linhagem?

— Vamos ver — disse Claude. — O pai de Olive era... — Ele voltou à cozinha e remexeu nos papéis. — Minha nossa — ouviram. — Olive e Drift são filhos do mesmo pai, com uma geração de diferença.

Half Nelson. Filhos de Nelson, que era filho de Bridger e Azimuth.

— E qual é o problema disso? — a mãe perguntou. Lembra de Half Nelson e Osmo?, Edgar sinalizou.

— Ah, claro — ela disse. — Não é nada bom.

Claude voltou, mas não sabia ler os sinais de Edgar.

— O que significa que?...

— Que há uns dois anos Half Nelson foi pai de uma ninhada de Osmo, com três filhotes natimortos e o resto com peito reto. Gar concluiu que era uma cruza ruim.

Ele concluiu mais do que isso, Edgar pensou. O pai tinha considerado aquela ninhada um desastre. Ele quase não fazia restrições a traços superficiais como cor da pelagem, mas os ossos eram importantes, e peito reto, que implicava má angulação para as patas dianteiras do cachorro, era uma característica difícil de eliminar numa linhagem.

No entanto, Osmo tinha dado boas ninhadas com outros pais. O pai de Edgar passara um dia quase inteiro abrindo pastas e tomando notas até bater duas vezes o lápis e anunciar que tinha encontrado o que procurava, cruzamentos na mesma linhagem de um ancestral de Nelson. Edgar ficara ao lado dele enquanto falava disso e ainda visualizava os diagramas que haviam desenhado.

— Teria sido bom saber disso dois dias atrás — disse Claude.

— Edgar só ficou sabendo agora que você estava pensando em Drift — disse Trudy antes que Edgar pudesse responder. Ela se virou para ele. — Quem seria bom então? Você tem alguma ideia?

Edgar queria deixar Claude em suspenso, fazê-lo descobrir sozinho para que parecesse tolo e lento. Qualquer ajuda que desse a Claude seria colaborar com a

descabida teoria da osmose, mas Edgar não tinha certeza se Claude não iria fazer uma escolha aleatória e não suportava a ideia de que os cachorros fossem usados de forma inadequada.

Gleam, ele sinalizou. Ou um dos irmãos dele.

Quando Trudy traduziu, Claude franziu os lábios e voltou à cozinha, enquanto Edgar abria um sorriso. A mãe estreitou os olhos para ele com uma cara de não force demais as coisas, e voltou à revista.

Ele sabia o que Claude ia achar: Gleam era um malhado de quatro anos, colocado numa família de fazendeiros a leste da cidade. O menino que morava lá, às vezes, procurava Edgar na escola para contar coisas do cachorro. Ele sabia também que Claude não ia ter nada contra o cruzamento; ele precisaria voltar sete gerações para encontrar algum ancestral comum, se se desse o trabalho de procurar tanto.

Quando Edgar desceu na manhã seguinte, Claude estava sentado à mesa, os envelopes pardos empilhados diante dele.

— Vamos ficar com Gleam — disse. Apontou as pastas com a xícara de café na mão. — Quer checar isso para mim? Vou telefonar para o proprietário hoje à tarde e arranjar as coisas.

Edgar tentou pensar numa resposta, mas sua mente parou de funcionar. Deu de ombros e foi para a porta.

— Olhe — disse Claude. — Quer me dizer alguma coisa? Estamos sozinhos aqui, você e eu. O que você estiver pensando vai ficar só entre nós.

Edgar parou.

Aposto que sim, sinalizou. Pensou como havia capitulado na noite anterior, como havia ajudado Claude, mesmo sendo a última coisa que queria no mundo. Lentamente, com grande precisão, de forma que o gesto fosse inequívoco, Edgar fez uma curva com a mão esquerda diante dele e passou a mão direita por baixo, com o dedo indicador esticado como a faca que queria que evocasse.

Assassinato. Era o que tinha em mente.

Os olhos de Claude acompanharam as mãos de Edgar. Ele parecia estar buscando algo na memória, o tempo todo assentindo friamente.

Edgar se virou e saiu para a varanda.

— Só quero que saiba — disse Claude da cozinha. — O modo como escolheu

Gleam. Fiquei impressionado.

Edgar empurrou a porta de tela e deixou que batesse, o sangue lhe subindo ao rosto. Tinha conseguido tomar coragem para acusar Claude na cara dele, mas de alguma forma Claude tinha conseguido transformar o momento em uma chance de se mostrar magnânimo. E para quem? Não havia ninguém para assistir. O pior foi que o elogio de Claude despertara nele uma onda de orgulho que o fez imediatamente abominar a si mesmo.

O problema, e esse problema era terrivelmente perturbador, era que, quando queria, Claude podia soar muito parecido com o pai de Edgar.

NOITE. ELE SE LEVANTOU NO BANHEIRO e cruzou os braços na cintura, tirou a camisa pela cabeça e se olhou no espelho. Onde uma vez uma história fora escrita com manchas roxas e esverdeadas, agora havia apenas pele clara e normal.

A lembrança das mãos de seu pai afundando naquele ponto. Como, à menor pressão, seu coração podia ter parado. Um fluxo de recordações passou por ele como chuva, agora tão vaga e sem detalhes como os sonhos evocados do sono. Apertou um polegar no osso esterno. Uma dor conhecida espalhou-se pelas costelas.

Abriu bem os braços, a mão fechada em punho.

A sensação, quando a trouxe para o peito, era extraordinária.

TARDES QUENTES, ELE ANDAVA COM ALMONDINE na floresta, onde dormia debaixo do carvalho moribundo. Às vezes, levava Essay e Tinder para fazer parecer treinamento. Sempre que a mãe insistia, ele passava a noite em casa, esperava até ela e Claude irem dormir, depois levava Almondine para baixo, colocando todo seu peso nos degraus que rangiam. Pela porta do quarto, a mãe via quando ele remexia na geladeira.

— O que está fazendo?

Vou para o celeiro.

— São onze da noite.

E daí?

— Ah, pelo amor de Deus. Se não consegue dormir, leia alguma coisa.

Ele batia a porta dos fundos e atravessava o quintal.

Porém, não podia se opor a eles em tudo. Um problema que o intrigava especialmente era achar os nomes para a ninhada mais nova, coisa que vinha protelando havia três semanas. Mas agora os filhotes tinham aberto os olhos, os dentes de leite estavam começando a cair e eles começavam a fazer suas explorações.

A primeira fase de treinamento logo começaria: brincar com sons incomuns, armar escadas em miniatura, arcos e todos aqueles obstáculos para os filhotes, e quando isso começasse eles precisavam ter nomes. Levou o Novo dicionário enciclopédico Webster da língua inglesa azul para a sala de parto e afundou na palha com as pernas cruzadas. Quatro pequeninos vieram bamboleando da caixa de filhotes e olharam para ele.

A lombada do dicionário estalou, ressecada, quando ele o abriu. Passou as páginas entre os dedos. As anotações tremularam depressa, as mais velhas na caligrafia de seu pai, mas a maior parte em sua letra quadrada. Bons nomes um dia viveram entre as capas do dicionário: Butter. Surrey. Pan. Cable. Argo. Às vezes, ele conseguia se lembrar até do lugar exato onde estava sentado quando a palavra saltou da página e declarou-se como um nome. No final do dicionário, havia um ensaio de Alexander McQueen, o editor, intitulado "Dois mil nomes e seus significados: um guia prático para pais e todos os interessados em dar melhores nomes de batismo". Edgar conhecia aquilo de cor.

"O nome de um bebê tem importância mais que passageira", escrevera McQueen. Ele listava sete regras para a escolha de nomes, como "O nome deve impor respeito", "deve ser fácil de pronunciar" e "deve ser original". Agora, quanto mais Edgar pensava nessas regras, mais as palavras ainda não usadas perdiam o sentido: Spire. Encore. Pretend. Herb. A mãe dos filhotes levantou o focinho para farejar as páginas ressecadas, depois suspirou, concordando com as dificuldades dele, e Edgar fechou o dicionário.

Os filhotes tinham dormido, menos um, que mordiscava uma teta, mamava, largava e pegava de novo. Ele estendeu a mão e rolou um mamilo entre os dedos, trouxe os dedos úmidos ao nariz e à língua.

Do que você está reclamando?, sinalizou.

Deixou de lado o dicionário e colocou o filhotinho de volta em seu lugar, alisando-o com dois dedos enquanto ele mamava, e não parou até que ele também

dormisse.

DEPOIS, PELA ESCADA ESTREITA, levou sua ninhada até a oficina, parando apenas para pegar a foto de Claude com Forte de seu esconderijo, enfiada dentro do envelope com a carta sobre Hachiko. O depósito ainda guardava o calor do dia. Abriu a porta larga da frente e deixou o ar da noite entrar, ameno e cheio de pólen. Os cachorros lutaram e mergulharam nos fardos de feno dos fundos, pois a muralha um dia alta de palha amarela tinha diminuído até virar uma plataforma baixa. Logo precisariam de mais palha. Isso significaria um dia parado na porta do depósito, esperando o barulhento elevador de fardos, que precisavam ser puxados com o gancho de feno e empilhados cruzados até as vigas do teto. Olhou as madeiras escuras. Ficou imaginando se Schultz teria pensado em equipes de homens trabalhando onde ele estava durante a época da colheita, gritando, xingando, ralhando com os que estavam embaixo para trazer o feno enquanto erguiam as cordas.

Quando os cachorros sossegaram, ele fechou a porta e começaram a trabalhar. Tinha abandonado o programa regular de treinamento, e em vez disso ensinava-lhes brincadeiras sem objetivo nem finalidade. Pique-pega canino. Levar pedaços de madeira de um lugar para outro. Deitar no chão durante esse transporte. Observar os cachorros era a única coisa que o acalmava, e ele transformava isso num jogo, tentava variações, erguia barreiras, e mudava a ordem, testando as implicações. Ele resolveu que no pique-pega, não bastava enconstar no outro cachorro e farejar, mas dar um empurrão firme e fazê-lo cair. Carregar alguma coisa significava não derrubá-la, nem mesmo quando uma bola de tênis passasse rolando. Edgar achou uma caneta, uma velha colher e um pedaço de arame de solda e pedia aos cachorros que levassem essas coisas na boca, em vez de madeira, apesar da textura e do gosto estranhos.

Quando eles concordaram com esse novo sentido de carregar , uma hora já tinha se passado, e ele fez uma pausa. Enquanto os cachorros descansavam na palha solta, Edgar pegou a fotografia de Claude e Forte. O desgarrado voltou-lhe à cabeça pela primeira vez em muito tempo. Quanta ingenuidade achar que o cachorro fosse vir da floresta. Pensou naquele dia no campo, em como Claude tinha se virado depressa para atirar no veado quando o desgarrado saiu correndo. Depois de algum tempo, deslizou a foto de volta para dentro do bolso e leu O livro da selva , deixando as mãos dançarem no ar.

Uivou tão alto que Tha o ouviu e disse:

— Por que você está triste?

E o Primeiro dos Tigres, levantando o focinho na direção do céu recém-feito, que agora é tão velho, disse:

— Me devolva meu poder, ó Tha. Fui humilhado perante toda a Selva e fugi do Pelado, e ele me chamou de um nome vergonhoso.

— E por quê? — perguntou Tha.

— Porque estou sujo da lama dos pântanos — disse o Primeiro dos Tigres.

— Nade, então, e role na grama molhada, e se for lama, sem dúvida, será lavada — disse Tha.

E o Primeiro dos Tigres nadou, rolou e rolou, até a Selva toda girar diante de seus olhos, mas nenhuma lista de seu pelo mudou, e Tha, olhando para ele, riu. Então, o Primeiro dos Tigres perguntou:

— Que foi que eu fiz para merecer isso?

Tha disse:

— Você matou o gamo e deixou a Morte solta na Selva, e com a Morte veio o Medo, de forma que o Povo da Selva tem medo um do outro como você tem medo do Pelado.

O Primeiro dos Tigres disse:

— Eles nunca terão medo de mim, porque eu os conheço desde o princípio.

Tha disse:

— Vá e veja.

E o Primeiro dos Tigres correu para lá e para cá, chamando alto veado, o porco, o sambhur , o porco-espinho e todos os Povos da Selva; mas todos fugiram dele, que tinha sido seu Juiz, porque tinham medo.

Ele despertou os cachorros outra vez e começou a treinar dois novos comandos. Começou com longe , demonstrando em pequenos incrementos: de início bastava olhar para algum outro lugar, sem se mexer. O treino da troca de olhares agora ajudava, e eles aprenderam depressa. Depois, Edgar os ensinou a dar um passo, depois vários passos, depois correr até a extremidade do depósito. Finch

foi o primeiro a pegar: nenhum lugar em particular para ir, apenas não aqui . Os cachorros quase dançavam de excitação.

Muito mais difícil foi a ideia de que outro cachorro podia emitir um comando. Por exemplo, se queria que Baboo deitasse, tudo o que Edgar precisava fazer era levantar a mão no ar: os filhotes sawtelle conheciam aquele sinal desde os três meses de idade. Mas agora ele queria que Baboo deitasse se Finch ou Essay encostassem o focinho no quadril dele.

Chamavam isso de associação: ensinar ao cachorro que a uma ação seguia-se automaticamente outra. Associação era o que fazia um cachorro sentar quando seu companheiro parava de andar. Associação era o que importava para encerrar com clareza um chamado, quando o cachorro não só voltava mas circulava a pessoa e sentava-se à esquerda dela. E quando se tratava de associação, os cachorros sawtelle eram realmente dotados.

Colocou Baboo na posição de fica e deu um passo para trás.

Toca , sinalizou para Essay, indicando Baboo.

No instante em que Essay tocou o cachorro, Edgar levantou a mão. Baboo deitou. Um momento de festa. Treinaram de novo, dessa vez com Baboo empurrando. Depois de dezenas de tentativas, com intervalos para correr atrás de um trapo com um nó jogado nos cantos escuros do depósito, todos tinham entendido o espírito da coisa. Ele os separou mais, um metro e meio, três metros, seis metros, usando uma linha longa passada pela argola do chão para poder fazer as correções a distância. Treinaram até que, com apenas uma insinuação de deita , os cachorros deitavam quando empurrados, não todas as vezes, mas metade das vezes, depois, dois terços das vezes, até finalmente Edgar poder ficar imóvel e observar enquanto Essay corria pelo depósito, empurrava com o focinho as ancas de Baboo e Baboo deitava no chão.

Edgar comemorou rolando-os sobre as costas e segurando as patas deles contra seu rosto. Suas patas eram muito limpinhas, e quando ele respirava perto delas, um cheiro de pipoca invadia seus sentidos. Os cachorros esticavam o pescoço para olhar, com expressão de surpresa, tremendo e dando patadas para atraí-lo de novo. Ele bateu palmas para que se levantassem, a fim de treinarem mais. Sempre os mesmos poucos comandos agora. Brincou com eles com diferentes ordens em diferentes pares. Diferentes obstáculos. Liberação mais longa ou mais breve.

Role de costas

Leve isto até o outro cachorro.

Brinque de pique com aquele cachorro.

Era muito tarde e ele estava quase cansado a ponto de dormir quando escolheu uma sequência a esmo e observou-os trabalhar nela. Opal trotou pelo depósito com um pauzinho na boca. Ela empurrou Umbra. Umbra deitou no chão.

Alguma coisa na visão daquilo fez Edgar se levantar. Ele repetiu a sequência.

Leve isto para aquele cachorro.

Brinque de pique com aquele cachorro.

Deite quando for pego.

De repente, o sangue pulsava em seus ouvidos. Percebeu que uma ideia tinha lentamente vindo pousar nele ao longo dos dias, saída de algum lugar de sua mente, dividida em pedaços e partes. Refizeram todo o treinamento. A cada vez, ele via com mais clareza a imagem de Claude recuando no celeiro, procurando alguma coisa caída ou atirada longe, o mundo branco de neve atrás dele.

Se aquela visão trazia a lembrança de volta para Edgar, será que faria o mesmo com Claude?

Quando se cansou de treinar os cachorros, sentou-se e olhou a fotografia de Claude e Forte. Fechou os olhos e deitou-se de lado, vagamente consciente de que os cachorros estavam reunidos em volta dele, observando-o. Ele oscilara entre uma verdade e outra durante muito tempo. Nada parecia certo, nada parecia reconhecível.

Mas agora, talvez, tivesse encontrado um jeito de ter certeza.

Lição de Motorista

ELE OUVIU O SOM DE PASSOS NA ESCADA DO DEPÓSITO E SUA MÃE INCLINOU-SE na porta do vestíbulo, o cabelo escuro preso num rabo de cavalo que balançava, sinuoso, de um lado para outro em seus ombros. Essay, Tinder e Opal estavam no depósito com Edgar, sentados e em posição de fica , e ele segurava um pedaço de corda grossa com um nó em cada extremidade, do tipo usado para treinar busca. Almondine estava esparramada perto da porta.

— Que tal uma volta na cidade? — perguntou a mãe. — Podemos dar uma parada para almoçar.

Os três filhotes de um ano, excitados com a presença da mãe, começaram a levantar as ancas do chão. Edgar colocou-se na linha de visão deles, captou o olhar de cada um, até se sentarem de novo, quietos. Quando estava seguro de que iam ficar assim, virou-se para a mãe.

Quero continuar trabalhando com Essay, sinalizou, uma meia-verdade.

De manhã começara a praticar a sequência de pique-pega canino, mas eles tinham resistido, fingindo-se de bobos depois de serem pressionados noite após noite. Mais do que tudo, ele queria ficar sozinho para trabalhar, para não haver chance de que a visão de Claude perto de sua mãe o lançasse numa daquelas paralisias de raiva que lhe tiravam o fôlego. A ideia dos três amontoados na caminhonete, ou, pior, no Impala, provocou um grito de pânico em sua mente. Seu estado de espírito, depois de uma noite de sonhos semilembrados em que ele repetidamente caía dos galhos da macieira num abismo sem forma, já era bem negro e em carne viva.

— Tudo bem — ela disse, alegre. — Um dia você vai voltar a ser o meu filho, aquele que eu conheço.

Ele ouviu a voz dos dois no quintal, a caminhonete deu partida e foi crepitando pelo caminho de entrada. Edgar e os cachorros voltaram ao trabalho. Ele bateu palmas chamando Almondine e os dois fizeram alguns exercícios de ir buscar enquanto os cachorros de sua ninhada assistiam. Quando Essay tinha executado três buscas seguidas sem nem um erro, Edgar passou a fazer a rotina com

Opal, depois com Tinder e depois recomeçou com Essay. Dessa vez, a menos que ela se entediasse, jogaria a corda num labirinto de fardos de palha que ele havia montado às pressas. Quando Tinder terminou, levou-os para baixo.

Resolveu almoçar cedo, para não correr o risco de estar na casa quando eles voltassem. Passou pelo Impala, controlando o impulso de fazer uma mossa na carroceria com um coice, e deixou Almondine subir a escada da varanda na frente dele. Quando entrou na cozinha, Claude estava sentado à mesa. Fumava um cigarro e o jornal estava dobrado em quatro em sua mão. O primeiro impulso de Edgar foi se voltar e sair enquanto a mola da porta da varanda ainda estava em movimento, mas fez um esforço para atravessar a cozinha, abrir a geladeira e amontoar os ingredientes do sanduíche na mesa. Claude continuou lendo enquanto Edgar esparramava as fatias de pão, queijo e mortadela. Por fim, Claude deixou de lado o jornal.

— Que bom que você veio — disse. — Quero falar uma coisa com você.

Edgar olhou as frias profundezas da geladeira e fingiu procurar alguma coisa ali. Depois, puxou a cadeira na frente de Claude, sentou-se e começou a comer o sanduíche.

— Sabe dirigir aquela caminhonete? — Claude perguntou.

Edgar negou balançando a cabeça, o que era verdade. De vez em quando o pai havia deixado que segurasse a direção, do banco do carona, mas só por pouco tempo.

— Ora, isso é um crime — disse Claude. — Com a sua idade, Gar e eu já sabíamos dirigir fazia um bom tempo. Às vezes é útil, sabe.

Edgar cortou um canto do sanduíche e estendeu para Almondine.

— Estou tentando convencer sua mãe que nós mesmos temos de ensinar você, mas ela não quer nem ouvir falar disso. Ela é a favor da autoescola. — Ele pronunciou a palavra "autoescola" como se fosse a coisa mais tola do mundo. — Um dia, nosso pai simplesmente nos levou e mostrou como era. Só isso. Depois de uma tarde treinando, a gente estava pronto. Para começar, ida e volta até Popcorn Corners, um pé lá e outro cá, como diziam.

Edgar achou que entendia aonde Claude estava querendo chegar e assentiu com a cabeça.

— Claro que eu e você agora temos uma vantagem. Naquela época, era tudo

com marcha; o Impala é automático. Enquanto sua mãe está na cidade, pensei que nós dois podíamos nos divertir um pouco. Uma coisa que a gente podia sair e fazer, uma coisa que sua mãe não precisa ficar sabendo. Na hora que você for para a autoescola, vai ser o melhor da classe. Além disso, vai deixar sua mãe muito impressionada quando vocês dois saírem para uma aula prática. O que me diz?

Edgar olhou para Claude.

O, ele sinalizou com o dedo, dando uma mordida no sanduíche.

K, sinalizou.

Claude observou as mãos de Edgar e deu um tapa na mesa.

— Então está feito — disse. — Engula isso, filho, que é hora de pegar na direção. Sua vida está prestes a mudar.

Sacudiu o jornal, levantou-se e rodou as chaves do carro no dedo. Edgar deixou os restos do sanduíche na mesa, levantou-se e saiu com Almondine rente aos calcanhares.

O Impala estava estacionado de frente para a estrada, as rodas do lado do carona em cima da grama. Claude abriu a porta do carona e se preparou para entrar, mas quando viu Almondine empurrou o banco para a frente e disse:

— Entre aí, querida. Nosso garoto está pronto para surpreendê-la.

Então Claude disse mais uma coisa. Estava olhando o caminho de entrada com o antebraço descansando no teto do carro. Deu um tapinha com a mão aberta no metal.

— Bem, aqui está uma coisa que Gar nunca teria feito — disse. — Ele manteria você sob controle o máximo que pudesse.

Almondine havia pulado para o banco de trás. Agora olhava para Edgar, ofegando. Ele estava com um zumbido no ouvido desde que Claude o chamara de "filho", e uma coisa que parecia estar por um fio dentro dele pareceu se soltar.

Abriu a porta do carona.

Saia, sinalizou para Almondine. Você precisa ficar na casa.

Ela olhou para ele e ofegou.

Venha, ele sinalizou.

Deu um passo atrás. Almondine conseguiu sair do carro e ele subiu com ela a escada da varanda, indo para a cozinha. Agachou-se na frente dela, passou a mão por sua cabeça, pela nuca e olhou longamente o sublime padrão de ouro e marrom de seus olhos.

Você é uma boa menina, sinalizou. Sabe disso.

Depois fechou a porta e voltou ao Impala. Claude estava parado olhando por cima da capota azul. As três fendas de ventilação nas laterais do carro faziam lembrar as guelras de um tubarão.

Vamos.

Não se importou se Claude entendeu o sinal. A linguagem corporal era suficientemente clara.

Claude deixou-se cair sentado no banco do carona. Baixou o vidro da janela e Edgar fez o mesmo.

— Sabe a diferença entre o acelerador e o freio, certo? Todo mundo sabe.

Claude entregou o chaveiro a Edgar, que examinou as chaves à luz e experimentou pisar no acelerador.

— Não bombeie gasolina — disse Claude. — Vai afogar o motor.

A chave entrou macia na ignição e a partida do Impala ronronou, o motor rugiu, vivo. Edgar manteve a chave virada um pouco mais de tempo e houve um rangido horrendo. Ele soltou, olhou a expressão no rosto de Claude e girou a chave de novo. Tirou o pé do acelerador, deixou no chão e ficou ouvindo o motor em ponto morto.

Claude começou a falar de novo, mas Edgar não prestava atenção. Pisou no pedal do freio para experimentar e sentiu que ele cedia sob seu pé. A marcha ficava na coluna de direção. A ponta alaranjada do marcador de marcha ficava debaixo do velocímetro. Tinha visto pessoas fazerem aquilo antes com transmissão automática; empurrou a alavanca da marcha para trás e deixou no D.

O carro começou a rodar para a frente.

— Isso mesmo — disse Claude. — Bom, tranquilo.

A direção girava com uma desconhecida maciez lubrificada comparada com Alice, o velho trator. Edgar se perguntou se o Impala tinha direção hidráulica. Mais estranho ainda era o imenso capô plano que se projetava à frente. Estava

acostumado com um estreito retângulo cor de laranja com uma chaminé que tossia fumaça preta. Aquilo dava a sensação de estar dirigindo atrás de uma imensa mesa azul. O motor soava distante e abafado. E ele não conseguia ver o que as rodas da frente faziam, tinha de dirigir baseando-se apenas na sensação.

— Muito bem — disse Claude. — Agora é só seguir o caminho e vamos ver o que acontece. Pegue à esquerda, vá na direção dos Corners, para sua mãe não nos flagrar se voltar da cidade.

Edgar olhou para ele e concordou com a cabeça. Começou a pisar no acelerador e então, sem se dar bem conta de que tinha tomado uma decisão, continuou afundando o pé, que trilhou um caminho surpreendentemente longo, até ficar rente ao chão.

O Impala rugiu. Deu uma rabeada sem sair do lugar sobre a terra e o cascalho do caminho de entrada. Edgar segurava a direção com firmeza e manteve o carro mais ou menos reto ao se lançar à frente, talvez um pouco sobre a grama à direita, mas era melhor que raspar na casa.

— Opa, calma aí, filho — Claude exclamou. — Pegou um tigre pelo rabo. Calma aí! Opa!

Não demorou quase nada para chegar ao fim do caminho de entrada. Edgar se perguntou a que velocidade estaria indo, mas não teve tempo de olhar o velocímetro, com tanta coisa acontecendo. Primeiro, as árvores do pomar avançavam depressa pela direita.

Em segundo, tinha virado o pescoço para olhar o celeiro se afastando na janela traseira, e isso era difícil de fazer com o pé afundado no acelerador. Quando olhou de novo para a frente, pensou um longo tempo antes de resolver não desviar o carro da estrada e seguir pelo caminho que atravessava a pista até a floresta, porque sabia que não estava indo assim tão depressa. Na estrada, poderiam ganhar um pouco mais de velocidade. Quando o vulto da última macieira passou pela janela, ele começou a virar a direção.

Claude tinha parado de gritar "Opa!" como se estivessem numa carroça puxada a cavalos e estendeu a mão para virar a direção para esquerda. Eles não se entenderam quanto ao momento de virar a direção para o centro; Edgar achava que isso devia acontecer quando a caixa de correio estivesse bem no meio do para-brisa, mas Claude queria começar antes.

Juntos, chegaram a um acordo. O nariz do Impala virou para a esquerda, o

carro deu uma deslizada profundamente satisfatória e ficaram atravessados na estrada, ou quase. Houve um ruído ensurdecedor de cascalho mastigado debaixo dos pneus e cuspido para os painéis laterais. Claude agora estava com ambas as mãos no volante; tinha ideias bem definidas quanto à direção que deviam seguir.

Tudo bem, Edgar sinalizou, você dirige.

Tirou as mãos, mantendo o pé afundado no pedal do acelerador. Livre da tarefa de navegar, podia virar-se para olhar pela janela traseira outra vez; era excitante ver a estrada sumindo como uma larga faixa marrom de doce puxa-puxa sendo esticada no tabuleiro.

Agora também tinha tempo de verificar o velocímetro. Não sabia se estava certo; não parecia que pudessem já estar ultrapassando os oitenta quilômetros, não tinham nem chegado aos limites da propriedade. Talvez fosse só por causa das rodas girando no cascalho. Por outro lado, eles tinham, sim , começado a correr bastante no momento em que Claude os dirigiu para o centro da estrada. Claude tinha dito uma vez que o carro era um quatro-vinte-alguma coisa. Edgar pensou que isso era bom: achou que queria dizer que podia ir muito, muito depressa.

O ar começou a rugir pelas janelas abertas.

Não podemos ouvir música?, sinalizou.

Então Claude gritou alguma coisa sobre o acelerador. Edgar estendeu o braço diante dele e ligou o rádio. Por cima do ronco do motor, ouviu o dedilhar metálico de uma guitarra.

Música country, sinalizou. Minha preferida.

Apertou um dos grandes botões pretos pré-programados para mudar de estação, depois outro.

Realmente não gosto quando você me chama de filho , sinalizou. Não está certo. Não sou seu filho.

Ele desligou o rádio.

— Não entendo você — disse Claude. — Tire o pé do acelerador, pelo amor de Deus.

Na verdade, ele sinalizou, eu realmente não gosto nem um pouco de você na minha casa.

Claude estendeu a mão e tentou colocar o carro em ponto morto, mas Edgar

estava de novo com as mãos na direção e virou para a esquerda. O carro deslizou para o cascalho e uma fileira de bordos encheu o para-brisa. Claude largou a marcha e pôs ambas as mãos na direção outra vez, e para surpresa de Edgar conseguiu voltar para a estrada.

Agora o velocímetro marcava cento e dez quilômetros. O Impala trepidava como se viajasse em uma faixa de rolamentos. Edgar jamais vira um carro correndo tanto, e era interessante que fosse sobre o cascalho. A velocidade realmente devorava a estrada; lá adiante, podia ver onde a poeira se fundia com a ampla curva de asfalto que continuava para o norte e virava a leste para Popcorn Corners.

Havia uma pontezinha sobre um regato e ele imaginou se conseguiria manter o Impala a cento e vinte por hora quando chegassem a ela. Antes que tivesse a chance de pensar de novo, chegaram. Houve um salto e quando voltaram a aterrissar Edgar sentiu que seu corpo ainda flutuava no ar quando seus olhos já tinham voltado para a terra.

Sorriu para Claude e conferiu o velocímetro. Tinham chegado a cento e vinte afinal. O capô do Impala estava embaçado, o que era uma pena. Num dia claro, ele apostava que devia ser bonito ver as nuvens deslizando por aquele espelho azul estendido diante deles. Como voar no céu.

— Tudo bem — disse Claude.

Ele já tinha pegado o jeito de dirigir do banco do carona. Eles quase não sacudiam, o que era uma boa coisa, porque a estrada era estreita.

— Tudo bem — Claude repetiu. — Você manda. O que você quer?

Edgar perguntou a si mesmo. Ele não tinha realmente um plano. Na verdade, toda a história de dirigir fora ideia de Claude. E havia aquele zumbido em sua cabeça. Estava ficando desnorteado; tentou bater na testa com a base da mão para que parasse. Não adiantou, embora agora houvesse uma razão para sua cabeça zunir. Virou-se e sorriu candidamente para Claude.

Por que não vamos até Popcorn Corners?, sinalizou. Um pé lá e outro cá, como dizem.

— Não entendo você — disse Claude. — Você sabe que não sei esses...

P-O-P-C-O-

— Não soletre essa porra para mim — Claude gritou. — Tire o pé do

acelerador !

E então, antes que Edgar pudesse reagir, Claude estendeu o braço e colocou o carro em ponto morto. De onde estava sentado, Claude não conseguia ver o mostrador do câmbio no painel, então tinha feito aquilo às cegas e podia facilmente ter engatado marcha à ré. O que aconteceria se ele engatasse marcha à ré, digamos, a cento e dois quilômetros por hora? Não, digamos noventa e dois. Oitenta.

O som do motor do Impala, que rugia quando engatado, tornou-se um guincho, como se ele fosse saltar do lugar. Claude girou a chave e o motor morreu. Foram diminuindo até parar. Durante algum tempo havia apenas o som dos dois ofegando e um ruído de um estalido colossal. Edgar olhou e descobriu seu pé espasmodicamente bombando o pedal do acelerador. Foram envolvidos por uma nuvem de poeira, e a poeira que haviam levantado os alcançou, e passou uma névoa seca e marrom que logo se desfez. O motor fazia um tiquetaque baixo ao esfriar.

Quando vou aprender a estacionar?, Edgar sinalizou. Ouvi dizer que é difícil.

Claude puxou a chave da ignição e encostou no banco do carona. Não era possível que tivesse entendido o que Edgar sinalizara, mas começou a rir assim mesmo. Logo estava uivando de rir e dando tapas na coxa. Edgar desceu do carro e começou a andar pela estrada de volta para casa, a três ou quatro quilômetros dali. Atrás dele, ouviu a porta do carona bater e o crepitar de passos sobre o cascalho. A ignição do Impala guinchou e parou, guinchou e parou.

Antes que Edgar conseguisse avançar muito pela estrada, Claude já tinha manobrado o carro e estava rodando ao seu lado. O motor fazia um som esquisito e alguma coisa batia ou estalava debaixo do capô.

Uá-ting! Uá-ting! Uá-ting! Tingtingtingtingtingtingtingting!

— Acho que errei com essa história de dirigir — disse Claude. — Sem ressentimentos?

Edgar continuou andando.

— Já que está gostando do seu passeio, aproveite para pensar que você e eu temos pessoas em comum. Sua mãe, por exemplo.

E meu pai, ele sinalizou.

Claude não pôde evitar de querer entender os sinais, apesar da velocidade dos gestos de Edgar. O Impala rodava a seu lado, enquanto Claude refazia os gestos

na cabeça.

— É, isso também — disse Claude, tentando loucamente adivinhar. Então acelerou o Impala. Ele deu um salto e soluçou pela estrada. Tinha rodado pouco mais de quinhentos metros na direção da casa quando o carro parou de novo e ele desceu.

— Você é igualzinho a seu pai! Que droga! — gritou, chutando o cascalho. Depois virou, entrou no Impala e foi embora roncando o motor.

Trudy 1

SE NÃO ESTIVESSE PREOCUPADA AO IR DE CAMINHONETE PARA MELLEN, Trudy podia ter sentido prazer na viagem, porque era um daqueles dias quentes perfeitos de junho, quando o sol parecia uma voluptuosa e tranquilizadora mão alisando a pele da pessoa. Normalmente, ela gostava do rádio, mas o rumor do ar passando pela janela da caminhonete era melhor para pensar, e estava com Edgar na cabeça.

Ele se achava empenhado numa rebelião que ela não entendia bem. Era por causa de Claude, isso ela sabia. Três noites da semana anterior ele tinha se recusado a voltar do canil, e dormira no depósito. Mas, toda vez que tentava falar com ele, ele simplesmente se virava e saía ou ficava ali parado e se isolava dela como só Edgar sabia fazer.

Claro que ele sempre fora difícil de entender, mesmo quando pequeno, tão ensimesmado e estoico, muito além do que ela podia esperar. Praticamente, não tinha chorado quando bebê. Almondine fazia as solicitações por ele, metade babá, metade porta-voz. Os professores atribuíam seu estoicismo à ausência da voz, mas Trudy sabia que não era isso.

Na verdade, Edgar tinha começado a se comunicar com uma urgência desesperada quando tinha apenas um ano. Aos dois, absorvera os fundamentos da linguagem de sinais, demonstrados de qualquer jeito, e começara, para a surpresa dela, a construir um vocabulário próprio. Houve um período, memorável mas exaustivo, em que Edgar exigia que ela desse o nome das coisas desde o momento em que ele acordava até seus olhos fecharem de sono, exaustos.

A ferocidade com que ele se aplicava era quase assustadora, e embora ela achasse que talvez se tratasse de uma forma perversa de orgulho materno, não acreditava que essa obsessão fosse característica. Quase como uma autodefesa, tinham dado a ele o dicionário e pedido que escolhesse o nome dos filhotes.

Ele tinha sido aplicado e inteligente desde o início, com perguntas surpreendentemente criteriosas. Ela o observava assimilando uma ideia nova e se perguntava que efeito teria sobre ele, porque com Edgar tudo , de alguma forma,

acabava se manifestando. Mas o processo , a maneira como ele construía uma história sobre os mecanismos do mundo, isso era um mistério que ia além da sua compreensão.

De certa forma, ela pensava, era a única coisa frustrante em ter um filho. Ela imaginara que ele continuaria transparente para ela, mais uma parte dela, por muito mais tempo. Mas, apesar da proximidade do trabalho diário, Edgar tinha deixado de ser um livro aberto havia muito tempo. Amigo, sim. Um filho que ela amava, sim. Porém, quando se tratava de saber seus pensamentos, Edgar podia ser mais opaco que uma rocha.

Um exemplo perfeito disso fora no Natal em que ele tinha cinco anos. Ele começara a estudar naquele ano. Todas as manhãs esperavam juntos no fim do caminho de entrada, e ela o embarcava no ônibus escolar. E sempre ao meio-dia ele voltava, as mãos levantadas para saudar Almondine, que quase amassava o menino assim que ele descia do ônibus, armando tamanho espetáculo que as outras crianças chamavam Almondine pelo nome pelas janelas do ônibus.

A convivência com outras crianças deixara Edgar excitado naquele outono, mas não lhe contava muito sobre a escola, a menos que ela perguntasse. O que havia feito naquele dia? A professora era boa? Tinha lido histórias para eles? Trudy então o persuadia a lhe contar a história. Às vezes, havia um sinal que ele ainda não conhecia e juntos os dois procuravam no dicionário de sinais, e, se não encontravam, inventavam um na hora. Quando dezembro chegou, ele se sentou à mesa da cozinha e escreveu sua primeira lista de presentes para Papai Noel e colocou em um envelope antes que ela pudesse ler. Trudy teve de esperar ele ir dormir para abrir o envelope com vapor.

No alto da lista, ele escrevera: Relógio de bolso COM CORRENTE .

Aquilo a pegou inteiramente de surpresa. Ele nunca expressara o desejo de ter um relógio, e já sabia ver as horas, tinha aprendido com quatro anos. Durante longas semanas ele incluíra a hora em tudo o que dizia: às seis e quinze nós vamos jantar. Quando eu terminar o banho serão oito e meia.

Ele logo perdeu o interesse por isso, mas talvez sua obsessão pelo tempo estivesse apenas internalizada, obscura. De qualquer modo, era o primeiro item de sua lista, e ela fazia questão de que ele encontrasse aquilo embaixo da árvore. Ela e Gar descobriram uma loja de relógios em Ashland cujo proprietário, depois de revirar lá nos fundos, apareceu com um velho relógio de bolso que um menino poderia usar (e quase com certeza quebrar). E ele tinha uma corrente comprida.

A bolota de dar corda possuía detalhes complexos, e gravada na tampa de latão havia uma floreada letra N . Trudy gostou do N. Podiam dizer que era N de Natal. O homem explicou que com a corda toda o relógio funcionaria durante um dia quase inteiro; talvez atrasasse cinco ou dez minutos, mas isso bastava para um menino; melhor, até, porque assim ele seria obrigado a dar corda e acertá-lo com frequência.

Embrulharam o relógio, colocaram debaixo da árvore de Natal e cuidaram para que a caixa pequena de papel de alumínio verde fosse a última a ser aberta por Edgar. Ele olhou o relógio na mão, deu exatamente o sorriso que ela esperava e guardou-o com cuidado no bolso do pijama.

— Não vai abrir? — Trudy perguntou. — Aperte o fechinho! Olhe os ponteiros!

Ele tirou o relógio do bolso e deixou que lhe mostrassem como dar corda e como acertar a hora. Observou atentamente, mas, quando terminaram, fechou o relógio e guardou-o de novo no bolso. Não o viram mais por quase uma semana, até Trudy entrar na sala e encontrar Almondine em posição de senta e Edgar balançando o relógio para a frente e para trás diante dos olhos dela. Almondine ofegava, olhando para Edgar atrás do relógio. Quando Edgar percebeu que havia mais alguém na sala, virou-se.

Não funciona com cachorros, sinalizou.

— Está tentando hipnotizar Almondine? — perguntara Trudy. — Para isso queria o relógio?

Ele assentiu.

Venha, sinalizou para Almondine. Vai funcionar melhor com os filhotes.

Vestiu o casaco e marchou para o canil, enquanto Trudy ficava ali parada, de boca aberta.

Naquele momento ela se deu conta de que ele levava coisas dentro dele, coisas inteiramente independentes dela. Aos cinco anos, mal entrado no jardim de infância. Ela não fazia ideia de que ele já tinha ouvido falar de hipnose. Não conseguia se lembrar de ter visto nada na televisão que pudesse ter colocado aquilo na cabeça dele. Achava que nenhum dos livros dele mencionava hipnose. Onde quer que tivesse ouvido aquilo, tinha andado com a ideia na cabeça durante semanas, meses talvez, sem nunca falar nada a respeito.

Apenas observando, pensando, se perguntando. Ele era esse tipo de menino. E ela se dera conta de que, em certo sentido, já o havia perdido: na sua essência, ele se tornara independente dela. Ele não guardava segredos. Se ela tivesse perguntado sobre hipnose, ele teria contado. Ele só não tinha fornecido a informação porque ela não tinha perguntado.

E a questão óbvia era: em que mais ele andava pensando? O que mais ele já havia aprendido que ninguém suspeitava?

A carreira de Edgar como hipnotizador durou várias semanas. Em seu ponto alto, ele mesmerizou o pequeno Alex Franklin para que atirasse uma bola de neve na orelha da professora do jardim de infância. Quando Trudy investigou, descobriu que Alex Franklin tinha dito isso. Edgar apenas dissera ao menino, sob influência profunda do pêndulo do relógio, para pegar um pedaço de neve um pouquinho mais amarelo. Em vez disso, Alex havia estendido os braços como o monstro de Frankenstein e marchara até a professora, depois tomara impulso e jogara a bola de neve. Edgar não esperava aquilo. Esse negócio de hipnotismo é imprevisível, ele admitiu.

Isso levou a uma discussão sobre responsabilidade. Era o mesmo com os cachorros, Trudy lhe dissera. Se você pedia que eles fizessem alguma coisa, tornava-se responsável pelo que aconteceria em seguida, mesmo que não fosse o que você havia pretendido. Você era especialmente responsável pelos cachorros, disse ela, porque eles respeitavam a pessoa o suficiente para fazer o que ela pedia, mesmo que lhes parecesse sem sentido. Se queria que eles confiassem em você, era melhor assumir a responsabilidade todas as vezes.

E depois ela deixou que ele tentasse hipnotizá-la, porém não sentiu sono, sono. Ele se decepcionara, mas ela não mentiu para ele. Nem Gar. Nem Almondine, nem nenhum dos filhotes (que queriam arrancar o relógio de suas mãos e mastigar). Então Edgar abandonou a ideia, embora não deixasse de levar com ele o relógio. De vez em quando abria a tampa, conferia com o relógio da cozinha, dava corda, mas Trudy desconfiava que ele só fazia isso quando estava perto deles. Quando a neve derreteu naquela primavera, ela encontrou o relógio enterrado debaixo da comovente cuequinha branca da Fruit of the Loom, no fundo da gaveta da cômoda.

SE AOS CINCO ANOS EDGAR TINHA SIDO para ela um menino ensimesmado e obscuro, agora era um mistério total. Desde a morte de Gar, ele

passava os dias como um sonâmbulo, parecendo zangado num minuto, depois trágico, depois pensativo e feliz no momento seguinte. Parecia que só o trabalho com sua ninhada lhe prendia a atenção. Ela disse a si mesma que não devia se preocupar. Afinal de contas, ele podia estar se drogando (se é que era possível encontrar drogas em Mellen, coisa que ela duvidava). Se ele queria passar dia e noite no canil, então que passasse.

Na realidade, essa última obsessão só começara muito depois da morte de Gar, realmente nas últimas semanas de aula, quando ele passara a fugir da escola. Ela conversou com o diretor. Não ia permitir que caíssem em cima de Edgar e comprometessem todo o seu comportamento escolar, quando ele estava atravessando o que ela tinha certeza de ser o pior momento da sua vida.

Ele vivia um momento delicado agora, se ela lidasse com essa rebelião de um jeito errado, ela se fixaria. Trudy não acreditava que as lições de treinamento de cachorros sempre se aplicavam a pessoas, mas fazia parte da natureza das coisas que se você castigava alguém, um cachorro ou um garoto, quando eles chegavam perto de alguma coisa, guardariam na cabeça que aquela coisa era ruim. Tantas vezes já tinha visto pessoas estragarem cachorros, forçando-os a repetir uma tarefa que assustava o animal, ou mesmo o machucava. Não encontrar uma variação da mesma tarefa, não saber abordar as coisas por um ângulo diferente, não fazer o cachorro apreciar qualquer coisa que tivesse de ser feita, era uma falta de imaginação.

E, nesse caso, a analogia se aplicava. Ela dissera ao diretor que pouco se importava se Edgar não aparecesse mais um dia na escola naquele semestre, depois do que tinha passado, e que se o pressionassem mais, ela própria o tiraria da escola. Tanto quanto Trudy, eles sabiam muito bem que os professores estavam deixando correr frouxo nas últimas semanas. Que diferença fazia ele ficar olhando pela janela durante as aulas ou simplesmente não estar lá? Quantos meninos de fazenda, ela perguntou, matavam aula quando chegava a hora de expor o gado em uma feira rural? E ela precisava, sim, de ajuda no canil.

E havia Claude, a quem Edgar desaprovava. No lugar dele, quem não faria o mesmo? Depois da morte de Gar, ela e Edgar tinham ficado tão próximos que era quase como se formassem um casal, fazendo o jantar, se aninhando juntos no sofá para assistir à televisão, os braços de um em volta do outro. Ela adormecera assim mais de uma vez. E em outras noites, quando ele é que adormecia, ela alisava a testa dele como se fosse um bebê. Depois disso, claro que ele ficaria com ciúmes. Talvez ela devesse ter se distanciado um pouco do filho, deixando que lidasse com a dor à

sua própria maneira, mas quando se está sofrendo, e seu filho está sofrendo, você faz o que é preciso ser feito.

Além disso, Claude não era algo que ela tivesse planejado. Era última coisa que passava por sua cabeça, principalmente depois do último quebra-pau entre ele e Gar. (Ela não entendia aquilo , aquela coisa entre irmãos, soterrada debaixo de tantas camadas de histórias familiares para ela desenterrar.) As coisas com Claude tinham apenas, bem, acontecido uma manhã, uma fraquejada da parte dela, uma estranha e inesperada delicadeza da parte dele. Não parecera errado; tirara um grande peso das costas, permitindo-se começar uma nova vida.

O que Edgar não entendia era que tudo, de agora em diante, tudo não passaria de um arranjo. Não era uma coisa que ela pudesse dizer, nem para Edgar, nem para ninguém, mas sabia que era verdade. Eles tinham conhecido a coisa real, o mundo dourado, o paraíso, o reino da terra, e não se consegue isso duas vezes. Quando vinha uma segunda chance, você simplesmente aceitava. Sim, Claude a pedira em casamento; era uma bobagem, uma tolice, que não valia pena discutir. Pelo menos não agora, não quando havia tanto trabalho a fazer.

Ela e Gar tinham tido a previsível discussão sobre o que gostariam que o outro fizesse se um deles morresse. Ela havia sido direta e franca sobre as responsabilidades dele:

— Quero que você passe o resto da vida num luto miserável — dissera. — Que chore em público duas vezes por semana. Só não vou exigir um santuário no pomar porque você vai estar ocupado cuidando do canil e dando palestras sobre a minha divindade.

Gar tinha sido mais modesto. Ele queria que ela se casasse de novo no momento em que encontrasse alguém que a fizesse feliz, nem antes nem depois. Em poucas palavras, isso era Gar: quando você fazia uma pergunta séria, recebia uma resposta séria. Simples assim. Ela o amava por isso, entre muitas outras coisas.

Ele era apaixonado de um jeito que Claude nunca conseguiria ser: apaixonado por princípios e apaixonado pela ordem, que ele via como um bem fundamental. Como aqueles arquivos, cheios de registros. O canil tinha sido uma coisa importante quando ele falara sobre o que deveria acontecer se ele morresse; ele não falara abertamente, mas deixou claro que esperava que Trudy achasse um jeito de continuar o trabalho com os cachorros.

Então Trudy pensou que Gar não iria necessariamente se opor ao rumo que

as coisas estavam tomando. Tudo indicava que o canil se reorganizaria no final do verão. E o que mais importava aos dois era que o outro encontrasse um jeito de ser feliz. Gar talvez não tivesse gostado das mudanças que Claude estava sugerindo, mas Gar tinha planejado dar continuidade a um canil exclusivo, uma grife de pedigrees permanente. Claude estava menos preocupado com linhagens, o que o liberava para pensar com maior abertura em outras coisas.

Enquanto isso, a questão era enxergar Edgar com mais clareza, garantir que ele superasse aquele mau pedaço. E era só disso que se tratava: de um mau pedaço. Não havia nada seriamente errado.

Se houvesse, ela logo saberia.

Popcorn Corners

NO DIA SEGUINTE, EDGAR PARTIU DE NOVO PARA POPCORN CORNERS, dessa vez sozinho, de bicicleta. Qualquer coisa para ficar longe da casa quando Claude estava lá. E ele agora estava lá o tempo todo. Edgar enfiou a foto de Claude e Forte no bolso traseiro e pedalou para o norte, refazendo o trajeto que ele e Claude tinham percorrido naquele estreito caminho de cascalho que cortava a floresta Chequamegon.

Um caminhão de cascalho da prefeitura passou, deixando uma onda parda de poeira atrás de si. O ar ainda estava turvo quando ele chegou ao asfalto e virou para uma estradinha na floresta. Passou por brejos fervilhando de sapos e cobras e, depois, por uma tartaruga que nadava nos alagados como uma calota viva, a boca aberta e ofegante.

A distância, apareceu um sinal de Pare. Quando chegou até ele, observou no que consistia toda a Popcorn Corners: uma taverna, um armazém, três casas igualmente decrépitas, uma bando de galinhas ferozes que viviam nos esgotos. Ele passou diante da taverna, que exibia um anúncio da cerveja Hamm, aceso para mostrar o urso da cerveja pescando num lago cintilante de águas azul-celeste, e parou na frente do armazém, coberto com placas de madeira brancas penduradas com uma ligeira inclinação, como se encobrissem algum profundo desvio das vigas do prédio. Dois freixos colossais projetavam sua sombra na frente da loja, e havia uma antiquada bomba de gasolina solitária no meio do mato logo ao lado.

O pequeno estacionamento estava vazio. Ele deitou a bicicleta no chão e empurrou a porta de tela pelo quarto de circunferência que ela deixara marcado na terra. Na frente, atrás de um comprido balcão de madeira escalavrado, estava sentada Ida Paine, a míope proprietária da loja, com seu nariz de falcão. Pilhas de pacotes de cigarros enchiam as prateleiras atrás dela: Lucky Strikes vermelho e branco, Newports verde-água, Camels cor de deserto. De algum lugar, um rádio resmungava as notícias de uma estação AM em Ashland. Edgar levantou a mão num cumprimento. Ida correspondeu ao gesto em silêncio.

Ele e Ida tinham um longo relacionamento, embora formal. Ainda se

lembrava do dia que o pai o trouxera à loja, quando era praticamente um bebê. Embora Ida nunca tivesse dito uma palavra a Edgar, ele não se cansava de olhar para ela. Gostava de olhar, sobretudo, suas mãos enquanto registravam o dinheiro recebido com o tilintar da campainha ao manipular as compras. Elas se movimentavam com uma independência ágil que o fazia pensar em pequenos macacos sem pelos.

A mão direita arrastava os panos pelo balcão, enquanto a esquerda dançava sobre as teclas de uma velha máquina registradora. E Ida, sem piscar, olhava seus clientes de alto a baixo, as pupilas ampliadas ao tamanho de moedas pelos óculos de fundo de garrafa. Depois de cada registro, a mão esquerda baixava a manivela da máquina registradora com força suficiente para carimbar os números num pedaço de carvalho.

Os fregueses estavam acostumados com tudo aquilo, mas os forasteiros às vezes perdiam a cabeça.

— É só isso? — perguntava ela quando terminava de registrar os produtos, inclinando a cabeça e encarando-os. — Mais alguma coisa? — Os dedos cheios de veias de sua mão esquerda pressionavam as teclas da máquina registradora e pulavam para a alavanca. Tump! O tump realmente os assustava. Ou talvez fosse a inclinação de cabeça. Dava para ver as pessoas pararem para pensar se realmente era isso. A pergunta reverberava em suas mentes, um enigma metafísico.

Não estava faltando alguma coisa ? Começavam a se perguntar se aquela poderia ser sua Última Compra: quatro latas de feijão com salsicha, um saco de batatas fritas Old Dutch e meia dúzia de flutuadores de pesca. Era só isso? Não precisavam comprar mais nada? E, a propósito, tinham conseguido algo significativo em suas vidas?

— Não — diziam, engolindo em seco, olhando as salientes pupilas negras de Ida — , só isso.

Ou, às vezes:

— Hum, um pacote de cigarro Lucky Strike?

Esta última frase era pronunciada como uma pergunta, pois eles tinham começado a desconfiar que uma resposta incorreta podia lançá-los num abismo. Cigarro era o que sempre lhes vinha à mente, em parte porque a própria Ida fumava como um demônio, uma espiral branca sempre saindo de sua boca para subir e misturar-se à grande galáxia de fumaça que coroava sua cabeça. Mas,

principalmente, quando os não iniciados estavam diante de Ida Paine, viam-se pensando que o futuro já estava determinado. Então, por que não levar cigarros?

Quando aterrissava em seu balcão alguma mercadoria cujo preço Ida não sabia, sua mão direita a pegava e girava até encontrar a etiqueta branca com números roxos, depois dava uma olhada num cartão amarelecido fixado com uma fita adesiva no balcão e dizia, sem emoção:

— Oferta do dia.

Ela nunca declarava o preço. Edgar ficava à espera dessas frases. No carro, a caminho de casa, ele gostava de comparar as etiquetas com os números do recibo da máquina registradora que vinha com as compras. De vez em quando, todos os números coincidiam; na maioria das vezes, ficava tudo misturado. Ele uma vez se dera o trabalho de somar as etiquetas. Embora nenhum de seus números batesse com os números do recibo da máquina, o total era exatamente igual.

Ele foi até o último corredor, passou pelo leite em pó, pelo SpaghettiOs e pelos cereais. Não queria nada, na verdade, e não tinha muito dinheiro, ficou só vagando. A vitrine que dava para a rua deixava entrar menos luz do que se podia imaginar, e o escuro só aumentava mais para o fundo. Ele, de certa forma, esperava encontrar aranhas tecendo teias nos recessos mais escuros, mas o armazém de Popcorn Corners era assim: à primeira vista, parecia desarrumado e decadente, porém, quando se olhava melhor, via-se que era limpo e arrumado. No fundo da loja havia um açougue, domínio do marido esquelético de Ida, com seu avental e chapéu branco. Quando Edgar era pequeno, achava que o marido de Ida morava atrás do balcão de carne entre moedores, facas e o cheiro de sangue e carne gelados.

Os frascos chamavam sua atenção, principalmente os menores. Pegou um frasco de removedor de esmalte de unhas e ficou um pouco com ele. Só conhecia dois usos para aquilo: o segundo era matar borboletas, ato que havia testemunhado, mas nunca praticado. A ideia o fazia lembrar de Claude, Epi e o Prestone. Pegou frascos de sacarina, de xarope, de óleo de milho, pesou-os na mão e recolocou-os no lugar.

Por fim, voltou ao balcão da frente. Ida estava de costas, girando a antena do rádio, enquanto o som chiava e estalava. Ela então se virou e focou nele as pupilas negras. Ele apontou a caixa de refrigerante lá fora e ela assentiu com a cabeça. A mão esquerda foi para a máquina registradora, parou em cima das teclas e afastou-se. Ele esperava que ela fosse fazer uma pergunta, mas tudo que disse foi:

— Mais cinco centavos pela garrafa.

Ele deixou cair uma moeda de vinte e cinco centavos e uma de cinco na palma da mão dela. Ela ficou imóvel um momento, piscou, depois virou e largou as moedas na gaveta do caixa. Lá fora, ele pegou uma garrafa de Coca-Cola na geladeira vermelha, removeu a tampa no abridor de zinco e ficou olhando o refrigerante borbulhar. Tinham aparecido nuvens no céu azul durante seu trajeto e agora elas começavam a se adensar, a ficar escuras. A brisa trazia consigo um vestígio do frescor da primavera.

A vidraça ao lado do caixa deslizou. O rosto de Ida Paine apareceu, cinzento atrás da tela.

— Você tem saudade do seu pai — disse ela. — Ele era bom. Veio aqui uma semana antes e eu senti uma coisa. Nenhuma certeza. Acontece o tempo todo. Alguém passa os flocos de milho, a sopa: nada. Aí entregam alguma coisinha e eu levo um tranco, de tão carregada a coisa. Não é um recado. Vão dizer que é um recado, mas está errado. O que é, se a gente presta bem atenção, bastante tempo, é que dá para ler a coisa. Ler a seiva.

Através da tela, ele conseguia ver a forma do rosto dela, o brilho dos óculos, a coluna de fumaça que saía de suas narinas.

— Tem seiva que é boa — disse ela. — Tem seiva que é ruim.

Ele concordou com a cabeça. Houve um raio e um trovão.

— O que se pode fazer? — disse ela. — Ninguém sabe quando uma coisa dessas vai acontecer. O peso de uma moeda pode mudar tudo. Um homem um dia entrou aqui, me disse que tinha quase morrido, não fosse o troco no bolso dele, troco que eu tinha dado para ele no dia anterior. Alguma coisa assim: que uma moedinha era do tamanho certo para virar um parafuso e sem ela ele estaria perdido.

Ela não esperava resposta, ele sabia disso. Ficou aguardando que ela continuasse e pensou em todas as vezes que tinha visto a mão esquerda de Ida Paine pular sobre as teclas da máquina registradora.

— Quando seu pai entrou aqui aquela última vez, ele comprou leite e ovos. Só isso. Eu cobrei o leite como qualquer dia, mas com os ovos tinha tanta seiva que era como uma mão me agarrando quando eu peguei. Deixei a caixa cair no chão.

Ele voltou e pegou outra. Eu fiquei com um pouco de medo de cobrar. E tive

uma sensação forte, que quase nunca acontece, de que eu devia cobrar do seu pai mais por aqueles ovos, não menos. Mais, entende? Mas eu não podia fazer isso. As pessoas ficam bravas. Mas o seu pai, ele olhou para mim e disse: "Aqui está, pelas duas caixas." Eu devia ter aceitado o dinheiro. Teria sido a coisa certa. Mas eu disse não, que eu é que tinha derrubado os ovos e não podia cobrar as duas caixas. E daquela vez o total deu dois dólares certinho.

Ela ficou quieta um longo tempo.

— Certinho — repetiu. — Foi a última vez que vi seu pai. Eu devia ter ido, mas não consegui. Ao enterro, eu digo.

Ela então inclinou a cabeça e fixou Edgar com um olho só, um pássaro primevo em sua gaiola.

— Menino — ela disse, do escuro — , entre aqui e me mostre o que foi que você trouxe aí com você.

Ele quase não entrou. Ficou parado, olhou a bicicleta, depois a prancha de madeira com sua pintura maluca e pensou como, embora cada prancha parecesse direita e reta, quando se olhava todas juntas elas pareciam tortas. Mas acabou empurrando a porta de tela e foi até o balcão. Do bolso traseiro tirou a fotografia de Claude e Forte e colocou sobre a madeira escalavrada entre eles.

A mão direita de Ida deslizou pelo balcão e ela levantou a foto para olhar.

— Esse não aparece aqui faz muito tempo — disse. Olhou da fotografia para Edgar e de volta para a fotografia. — Mas eu me lembro dele. Aquelas brigas de cachorros. — A mão esquerda dela colocou uma moeda de cinco centavos no balcão. — Pegue o seu depósito — disse.

Ele pegou a moeda e deixou a garrafa de Coca-Cola vazia no balcão. Antes que a soltasse, a mão que Ida usava na máquina pulou para a frente. Seus dedos envolveram o pulso dele com uma força surpreendente e prenderam sua mão contra o balcão. Os dedos dele imediatamente se fechavam em torno da garrafa torneada. Antes que Edgar entendesse direito o que estava acontecendo, a outra mão de Ida apertou a fotografia de Claude e Forte contra a palma da mão livre dele e de alguma forma ela fechou os dedos dele, também manteve aquela mão presa. Então, aproximou-se dele, curvando-se sobre o balcão.

— Acha que consegue encontrar essa garrafa? — perguntou. — Precisa procurar a garrafa. Porque, se não conseguir botar as mãos nela, vai ter de ir embora

. Está entendendo? Você vai ter de ir embora . É isso o que diz a seiva.

Ele não entendeu o que ela dizia. Nada. O rosto dela estava horrivelmente próximo ao seu e os dedos dela apertaram sua mão até a fotografia entrar na carne. A fumaça acima da cabeça dela emaranhou-se em nós e cordas. Imagens que ele não entendia invadiram sua cabeça: uma viela escura, calçada com pedras, um cachorro mancando na chuva, um velho oriental segurando um bambu fino com grande delicadeza.

Edgar olhou a garrafa de Coca em sua mão crispada e os dedos de macaco de Ida prendendo seu pulso como uma manopla de ferro quente e então viu que a garrafa tinha mudado. Assumira a forma de uma galheta ou tinteiro antigo, talvez um frasco de remédio dos velhos tempos. Algum líquido oleoso revestia o interior, brilhante, transparente, viscoso. A coisa tinha uma fita enrolada, e sobre a fita havia sinais de algum estranho alfabeto.

— E se você for embora — ela sussurrou — , não volte, por nada deste mundo. Não deixe que o vento faça você mudar de ideia. É só o vento, só isso.

Ela inclinou a cabeça e olhou para ele. Piscou. Então ele reconheceu nela uma versão enrugada da menina com cachos de Shirley Temple, aquela que o havia confrontado no restaurante em Mellen e perguntado um segredo que ele não sabia.

Minha avó é como eu. Quer saber o que minha avó falou?

Uma mão apareceu no ombro de Ida Payne, trazendo com ela um cheiro de sangue e carne. E o açougueiro estava parado atrás da velha, o avental branco manchado com riscos vermelhos da largura de salsichas.

— Ida — disse o homem. — Ida.

— É só o vento — ela repetiu. — Não quer dizer nada.

Os dedos dela soltaram seu pulso. Instantaneamente, Edgar sentiu sua mão se abrir e a garrafa era de novo apenas uma garrafa de Coca e não o estranho frasco que havia segurado. Ida agarrou a garrafa e encolheu-se em seu banquinho, queixo no peito, respirando muito fundo. De suas narinas saía uma fumaça lentamente. Quando seus olhos, ampliados pelas lentes dos óculos, ficaram vermelhos de repente, ele viu de novo a cara de boneca da menininha.

Ela disse que antes de você nascer Deus contou um segredo que não queria que ninguém mais soubesse.

O açougueiro pegou a garrafa de Coca da mão de Ida e foi com passos pesados para os fundos da loja. Ouviu-se um ruído quando ele guardou a garrafa vazia. Durante algum tempo, Edgar ficou plantado no piso sem verniz do armazém de Popcorn Corners enquanto o rádio anunciava entre chiados a cotação da carne de porco.

Quando se deu conta, estava pedalando como um louco pelo cascalho da Town Line Road, a meio caminho de casa.

PREVENIDO NÃO É PRECAVIDO. A catástrofe, quando veio, despertou em Edgar um vazio tão vasto e inocente que depois ele olharia para os acontecimentos daquela tarde e veria culpa apenas em si mesmo.

Tinha quase chegado em casa, pedalando pelo aclive daquele último morrinho, antes do trecho onde o campo se abria a oeste, quando começou a tremer, primeiro as mãos, depois os ombros e o peito, até ele achar que ia vomitar ou girar o guidão e cair no cascalho. Baixou o suporte com o calcanhar e, cambaleando, foi se sentar no mato à beira da estrada.

O que quer que tivesse acontecido nas garras de Ida Paine, tinha sido bem assustador, mas o pior é que despertara uma súbita e sufocante vontade de evocar as lembranças do pai, aquelas lembranças que ele tivera tão brevemente. Fechou os olhos, apertou as mãos na cabeça. Ouviu o chiado da chuva caindo na grama nova e sentiu os milhares de suaves sensações provocadas pelas gotas escorrendo friamente sobre sua pele. Lembrou das mãos do pai atravessando seu peito.

A sensação de seu coração batendo reconfortado. As imagens passando por ele como por uma peneira. A briga dos cachorros. O desejo de ficar entre Claude e o mundo. Toda uma história que ele não podia saber, mas cuja substância perdia-se outra vez para ele, tão fugidia como a chama de uma vela.

Preciso voltar, pensou. Ela pode me ajudar a lembrar. Ela sabe alguma coisa sobre Claude: o que foi que ela disse das brigas de cachorros? E quem era o velho que ele vira na viela? O que estava segurando? Mas lembrou como Ida ficou depois, prostrada na cadeira como uma concha vazia de uma velha mulher, e imaginou se ela iria se lembrar de ter conversado com ele. Se perguntasse sobre o velho na viela, tinha certeza de que ela não saberia do que ele estava falando. De qualquer forma, não tinha coragem de enfrentá-la de novo. Não por um bom tempo. Talvez nunca mais.

Quando lembrou da fotografia, tateou o bolso da camisa. Vazio. Sentiu o suor na testa. Inicialmente, achou que tinha deixado a foto no armazém. Se assim fosse, teria de voltar. Deitou na relva, procurando ansiosamente nos bolsos da calça, até que a encontrou, dobrada em duas e enfiada de qualquer jeito no bolso direito traseiro.

A fotografia estava em mau estado depois de ter sido amassada em sua mão contorcida pelos dedos de Ida. A emulsão apresentava rachaduras brancas em meia dúzia de pontos. Ele alisou a foto. Estava enrugada em baixos-relevos geométricos sem sentido, que dividiam a imagem em triângulos e trapezoides. Mas Claude e Forte ainda eram figuras inconfundíveis. Edgar apoiou o braço no joelho, segurou a foto e olhou para ela. Quando sua mão parou de tremer, montou de novo na bicicleta.

Chegou ao alto do morro e desceu o caminho de entrada de sua casa. Era meio da tarde. O Impala estava estacionado atrás do trator e a mãe de Edgar vinha atravessando do celeiro para a casa com uma pilha de anotações de treinamento na mão. Quando ele passou por ela, Trudy chamou.

— Edgar! Pode descarregar a caminhonete? Estive na loja de ração ontem.

Ele levou a bicicleta até a casa de ordenha, desejando ter chegado em casa sem ser visto, ir para algum lugar com Almondine e pensar antes de ter de enfrentar sua mãe ou Claude. Pelo menos a mãe estava ocupada; quando fechou a porta da casa de ordenha, ela havia desaparecido dentro da casa. Ele virou a esquina do celeiro para pegar o carrinho de mão. Ao passar pela oficina, olhou pela porta, por força do hábito. Não estava procurando nada específico. Nem sabia que havia alguém lá dentro.

Claude estava diante da bancada, curvado sobre alguma coisa pequena, talvez o molejo emperrado de uma guia, mexendo naquilo como um relojoeiro. Almondine estava deitada no chão, as ancas de lado, olhando para Claude, relaxada e complacente, a boca aberta, ofegando em silêncio. Uma nesga de luz descia da janela no alto da oficina. Ciscos de palha suspensos no ar.

Tudo ali iluminado em graus de luz e sombra: os ombros e a cabeça de Claude, a poeira em seus sapatos, os serrotes e martelos pendurados na prancha, a curva do peito de Almondine, o contorno da cabeça e das orelhas dela, o rabo balançando no chão como uma foice. Almondine virou-se para olhar Edgar, olhos sonolentos, relaxada, depois de volta para Claude. Tudo emoldurado pela porta, como uma espécie de pintura, mas era o acidente de um momento, uma coisa não

prevista nem ensaiada.

E linda aos olhos de Edgar.

Seu coração parou como se ele tivesse deixado de respirar. De repente, absolutamente nada naquela situação parecia tolerável. Entendeu com absoluta clareza que havia se acomodado na aquiescência e na cumplicidade. Mas agora alguma coisa acabou cedendo dentro dele, alguma coisa sem nome.

Talvez pudesse ser chamada de esperança de redenção. Para ele. Para Claude. Para todos eles. Quando aquilo passou, sentiu que havia se tornado um outro, que o Edgar que se separara dele naquela primeira manhã depois da chuva, retornara, e naquele novo estado, como aquela nova pessoa, ele acreditava que Almondine tinha agido de forma imperdoável, sua pose tão linda e serena, completando o quadro doméstico como se Claude fizesse parte daquele lugar, quando de fato ele fazia parte de outro. Da cadeia. Ou pior.

Conseguiu continuar andando. Agarrou o carrinho de mão do outro lado do celeiro e o empurrou diante de si pelo corredor até o caminho de entrada. Então, Almondine trotou ao lado dele. Ele empurrou os suportes do carrinho, virou-se e levantou as mãos acima da cabeça para fazê-la deitar.

Ela olhou para ele um momento e deitou no chão.

Ele virou e chutou o carrinho para a frente, as rodas levantando nuvens de poeira pelo caminho. Almondine saiu do chão e foi até ele. Dessa vez ele se virou, levantou-a por cima do pescoço até tirá-la do chão e sacudiu, sacudiu. Depois, soltou-a, a fez deitar outra vez e foi embora. Carregou os pesados sacos de cal no carrinho de mão, empilhou os sacos de ração em cima, cruzados, deu a volta para pegar os suportes e afastou o carrinho de mão da caminhonete.

Queria simplesmente ir embora sem mais nem uma palavra para ela, mas no último minuto virou-se, ajoelhou, braços e ombros tremendo com tamanha violência que quase perdeu o equilíbrio.

Desculpe, sinalizou. Desculpe. Mas você tem de fazer o fica . Fica.

Rodou o carrinho sobrecarregado pelo caminho, cambaleando. Quando tentou virá-lo para o celeiro, a coisa tombou e os sacos de ração caíram no chão. Um deles se rompeu e deixou o conteúdo escapar. Ele chutou o saco, chutou e chutou, até a ração se espalhar, formando uma mancha marrom pelo chão.

Ele se abaixou e atirou punhados na direção da floresta, até não poder mais

respirar. Depois de algum tempo, endireitou o carrinho e colocou os sacos de ração que não haviam se rompido e conduziu seu peso. Saiu do celeiro com uma pá batendo dentro da caçamba. Fez uma pilha com a ração que caíra e foi jogando dentro do carrinho com as mãos. Levou um longo tempo. Via manchas dançando diante dos olhos como se tivesse ficado olhando o sol.

Almondine continuava deitada atrás da caminhonete quando ele voltou para o celeiro. Ele passou por ela a caminho da casa, o passo incerto e duro, como se sua coluna tivesse se petrificado, e então fez um sinal para liberá-la.

Na escada da varanda, virou-se. Almondine estava parada ao sol, ofegando e olhando para ele, de rabo baixo.

Vá embora, ele sinalizou. Pode ir. Vá. Vá embora !

E antes que ela pudesse se mover ele subiu a escada da varanda e entrou na casa.

O Texano

A INSÔNIA ESSA NOITE FOI ALÉM DE TUDO O QUE EDGAR CONHECIA, uma presença assombrada em seu quarto, jogando-o da autorrecriminação num minuto para a raiva ardente no instante seguinte. A visão de Almondine deitada aos pés de Claude como um filhote idiota havia ferido alguma coisa em Edgar tão perto de seu âmago, de forma tão viva, tão dolorosa, que ele não conseguia olhar para ela. Ficou sentado, inventando argumentos, réplicas, acusações, o coração disparando como um pistão dentro do peito, as ideias em redemoinho como moscas em torno da luz fosforescente. Ele devia ter tomado uma atitude naquela manhã, havia tanto tempo, no momento em que entendera o que Claude fizera. O martelo estava em sua mão. Em vez disso, hesitara e duvidara, e a chama dentro dele se apagara em brasas. Mas um sopro de ar puro havia acendido aquilo de novo. Tinha sido Almondine. Nada daquilo era culpa dela, ele sabia. No entanto, não conseguia perdoá-la.

Quando sua mãe viu como ele estava tratando Almondine, no fim daquela tarde, ignorou toda a sua paciência. Ia parar com aquilo imediatamente, e enquanto ele estava com a mão na massa, disse ela, ia voltar à vida familiar e deixar de lado aquela bobagem de dormir no canil. Ele subira a escada furioso, batera a porta e ficara parado, com o corpo oscilando, cheio de raiva e confusão. Os raios vermelhos do amanhecer estavam cobrindo a floresta quando ele finalmente caiu exausto de sono. Mas não foi repousante nem confortável. Quando acordou, com os sons de sua mãe trabalhando com uma dupla de cachorros no quintal, foi quase um alívio.

Ele sentou na cama e olhou a porta do quarto fechada. Não se lembrava de ter aberto os olhos um único dia na vida sem ter visto Almondine. Quando era mais novo (quando eles eram mais novos), ela ficava ao lado da cama e tocava com o focinho o arco de seu pé para acordá-lo; depois, dormia ao lado dele, levantava quando ele se espreguiçava e bocejava. Mesmo que ela descesse para cumprimentar os que acordavam mais cedo, por mais silencioso que ele fosse ao descer a escada, lá estava ela esperando, as patas dianteiras no degrau de baixo, olhando para ele.

Enfiou a calça jeans e a camiseta. Podia ouvir o ruído de suas unhas em contato com o piso do corredor. Quando girou a maçaneta e abriu a porta, ela

fingiu surpresa, deu um salto, aterrissou com as patas dianteiras abertas, cabeça abaixada, orelhas viradas para trás. E ele pretendia perdoá-la, mas ao vê-la brincalhona e inocente todos os seus argumentos da noite anterior o dominaram de novo: como ela enganava. Já que ela era tão igual a outra pessoa cujo nome ele podia dizer, devia então ir procurar por ela . Ou mesmo por ele , uma vez que Almondine não se importava de onde vinha a atenção que ela desejava. Ela foi dançando atrás dele, puxando as barras de sua calça. Levou um minuto para que ela descesse atrás dele pela escada envernizada: o mergulho de cabeça da juventude substituído pela navegação cautelosa. Mas passou correndo por ele atravessando a sala e girou para olhá-lo de frente, dando um pequeno latido e se abaixando para brincar outra vez.

Ele sinalizou para que ela deitasse e passou por cima dela.

Na mesa da cozinha havia duas xícaras de café vazias, as cadeiras afastadas para uso de ocupantes invisíveis. Ele pegou uma xícara da pia e serviu-se dos restos da cafeteira. O gosto era ácido na língua. Deu um gole e jogou o que sobrou na pia.

SUA MÃE ESTAVA TRABALHANDO COM os dois cães que iam ser entregues naquele dia: Singer e Indigo. Ele sabia que ela estaria de mau humor. Nas manhãs de colocação, ela só falava das qualidades que faltavam para os cães estarem preparados para ir embora. Edgar sabia de cor a ladainha. Todo aquele tempo empregado para lhes dar segurança. Todo o trabalho para ensinar uma linguagem em que perguntas podiam ser feitas e respondidas, tudo isso a ponto de ser abandonado e perdido. Seu pai sempre fora mais circunspecto a respeito das colocações, porém a essa altura ele já costumava estar afastado dos filhotes, para o treinamento. Era ele também quem mantinha o cuidadoso planejamento da comunicação por carta e telefone com os novos donos para acompanhar os cachorros, de forma que em certo sentido ele não os perdia. A mãe de Edgar, por outro lado, trovejava pela casa, indignada com a idiotice dos donos, a preguiça, a falta de piedade, jogando papéis, batendo portas.

A ironia era que ninguém perceberia isso ao olhar para ela trabalhando com os cães, nem mesmo no dia em que eles iam ser entregues, porque, com os cachorros, ela se transformava em outra mulher, era quase um personagem que representava: a treinadora, interessada apenas no que os cães faziam naquele momento. O treinador não demonstrava raiva quando os cachorros eram bagunceiros. O treinador fornecia imediata e firme orientação. Ao se aproximar o momento da colocação, a única diferença que os cães podiam notar era que

recebiam menos atenção: se sentissem um pouco solitários, isso ajudaria a se ligarem aos novos donos.

Edgar não tentou ajudar a mãe. Cumpriu as tarefas matinais, depois tirou Tinder e Baboo, e trabalhou de perto com eles: sentar, deitar, guia emaranhada, e as coisas que vinham treinando em segredo: pique canino, cair, carregar pequenos objetos com a boca. Claude estava dando mamadeira para os novos filhotes. Quando saiu do criadouro, Edgar levou os cachorros para o campo.

E Almondine se colocava no caminho de Edgar aonde quer que ele fosse. Se estava atrás do celeiro, ela deitava perto do silo. Se estava no celeiro, ela esperava à sombra dos beirais para encontrar seu olhar. Ele a rejeitava todas as vezes. Por fim, ela perdeu o ânimo e encontrou um lugar para dormir. Levou algum tempo para isso acontecer, mas ele viu o momento em que ela finalmente se virou. E deixou que se fosse.

POUCO ANTES DO JANTAR o doutor Papineau estacionou seu sedã no gramado, atrás do Impala. Edgar observou do celeiro quando o velho cumprimentou Claude com um tapa nas costas e foram juntos para a casa. Logo depois, uma picape desconhecida parou no caminho de entrada, virou e passou devagar na frente da casa. Era uma caminhonete grande com capota sofisticada e placa do Texas. A mãe dele, Claude e o doutor Papineau saíram de casa, com Almondine atrás. Alguma coisa ao observar Almondine do celeiro, a quase trinta metros de distância, algo no porte dela, hesitante e um tanto frágil, fez Edgar por fim entender como estava sendo cruel. Mentalmente, prometeu que ia recompensá-la à noite, embora naquele momento nada pudesse fazer — os acontecimentos exigiam que ele ficasse ali um pouquinho mais.

Claude contornou o veículo até a janela do motorista e gesticulou para que desse a volta. A picape manobrou e parou de novo, de frente para a estrada. Então, a porta se abriu e um homem desceu. Houve uma breve conversa, Almondine saudou o visitante junto com os outros. Então, a mãe de Edgar olhou para ele e gritou:

— Edgar, pode trazer Singer e Indigo?

Foi o começo da apresentação, na qual ele sempre desempenhava um papel específico. Quando era pequeno, era especialmente impressionante para os novos donos ver uma criança pouco mais alta que os cachorros tirá-los do canil. Agora que estava mais velho, a apresentação era menos impactante, mas o elemento cênico

permanecia: depois da chegada de cada novo dono, depois das apresentações e conversas, Edgar saía com o cachorro (ou cachorros, nesse caso — nada incomum, uma vez que costumavam colocar muitos pares). Seu pai adorava esse pequeno drama coreografado. Afinal, dizia, os donos só são apresentados a seus cachorros uma vez. Por que não providenciar para que fosse inesquecível? Era uma pequena garantia extra de que os cachorros seriam bem tratados. Às vezes, os donos perdiam o fôlego quando Edgar e os cães apareciam; ele tinha visto até a mãe sorrir, apesar de suas sombrias previsões, quando ele calculava os passos pelo caminho, fingindo uma expressão relaxada, nada de especial.

Os cachorros, excitados com a chegada de um estranho, corriam uns atrás dos outros pelos cercados, se enfiavam pelas abas de lona para dar uma espiada, voltavam, se enfiavam de novo. Edgar os aquietou e foi até o cercado onde estavam os dois cães da colocação. Singer era um macho com um reluzente pelo castanho-avermelhado com uma postura altiva mas de comportamento afável. Indigo era pequena para um cachorro sawtelle e preta como se tivesse sido mergulhada em tinta, a não ser por uma mancha creme no peito e outro redemoinho nos quadris. Edgar tirou uma escova do bolso de trás e escovou-os uma última vez. O pelo de Indigo ficava bonito, brilhante, quando escovado. Os cachorros pisoteavam a palha e ofegavam com as escovadas. Singer protestou contra o atraso com um gemido profundo.

Calma, ele sinalizou. Você vai logo saber o que é.

Acariciou a cara deles e se abaixou diante dos dois. Fez com que olhassem firme para ele e pôs as mãos em seus peitos, procurando o ponto que os acalmaria. Depois colocou as coleiras, deu ordem de junto, um de cada lado, mãos em seus cangotes, e seguiram pelo corredor do celeiro. Quando saíram, o grupo de pessoas diante da casa movimentou-se. A conversa cessou. Edgar parou um momento debaixo do braço de luz acima de sua cabeça. Seu pai sempre fazia piada dizendo ouvir anjos cantarem quando ele e os cachorros viravam aquela esquina.

— Minha nossa — ouviu o homem dizer.

Quando estavam na metade do caminho de entrada, Edgar deu um tapinha de leve nos ombros de cada cachorro. Eles se viraram para olhar para ele. Ele sinalizou rapidamente uma liberação e eles saíram como flechas, movimentos sedosos, as patas batendo macias no chão ao correr. Em seguida, caos e apresentações. O novo dono era um homem magro, de constituição delicada, cabelo castanho, orelhas de abano e bigode grosso. O sotaque combinava com a

placa de seu carro, uma fala arrastada. Ele conhecia cachorros: apresentou as costas da mão e não os dedos; seu toque era seguro e lento. De vez em quando, os cachorros ficavam nervosos com um novo dono, mas não aquele homem e aqueles cachorros.

— Eles olham mesmo para a gente, não é? — disse ele.

A mãe de Edgar e Claude explicaram os exercícios de olhar e então apresentaram Edgar. O nome do homem era Benson.

— Prazer em conhecer — disse o senhor Benson, apertando a mão dele. Deixaram o senhor Benson dar uma boa olhada nos cachorros, ver sua estrutura. Edgar os fez correr e chamou de volta, para fazer com que se movimentassem. O senhor Benson sabia o que estava procurando. Examinou seus joelhos e jarretes, comentou sua andadura. Quando tinham terminado, o sol quase havia se posto, e foram juntos até a casa, os cachorros correndo à frente para esperar na porta.

— Filho — disse o senhor Benson — , você tem o dom com esses cachorros, mais ainda que sua mãe. — Virou-se para Trudy. — Não se ofenda, minha senhora. Digo isso como o maior elogio. Nunca vi nada como o jeito que eles ficam com ele.

— Ofensa nenhuma — disse ela. Edgar percebia que ela relutava em se deixar seduzir pelo homem e estava orgulhosa do comportamento dos cachorros, que tinham sido impecáveis. — Edgar faz isso sem nenhum esforço.

— Não é tanto o esforço — disse o senhor Benson. — É outra coisa. Isso não tem nome. Eles simplesmente sentem vontade de trabalhar para ele.

A mãe de Edgar riu.

— Não fique tão impressionado. Eles estão se comportando muito bem esta noite. Amanhã repassamos melhor as coisas. Indigo tem alguns maus hábitos que o senhor precisa saber. Mas são bons cachorros.

— Bom, estou com medo de não estar à altura do que esses cachorros estão acostumados a receber — disse o senhor Benson. — Não me envergonho de admitir. Eu me pergunto por que eles haverão de dar ouvidos a um bobo como eu depois de trabalharem com vocês.

Fizeram os dois cachorros sentarem na sala de estar com Almondine e foram jantar. O senhor Benson disse que vivia nos montes perto de San Antonio. Perguntou se já tinham estado lá e eles responderam que não. Então, ele contou como era: os carvalhos resplandescentes e as árvores de pecã, o visco silvestre e o

rio. Perguntaram da viagem. Foi uma viagem longa, disse ele, mas adorava a estrada livre, aquela extensão de asfalto à frente.

Edgar ficou sentado escutando. O senhor Benson tinha reservado um quarto no Fisher"s Paradise, ao sul da cidade. Ia ficar vários dias. Ele gostava de conversar, era quase páreo para o doutor Papineau, mas suas ideias tendiam para a filosofia e a religião.

— Vou contar a vocês uma coisa que acho curiosa — disse. — Na Bíblia quase não se mencionam cachorros. As menções que existem os fazem parecer vermes. Não consigo entender isso, vocês entendem?

— Claro — disse a mãe de Edgar. — Naquele tempo, para cada cachorro doméstico havia uma dúzia de outros que comia lixo e vagava pelas ruas. Cães de companhia eram exceção.

O homem concordou com a cabeça e olhou para todos. Edgar ficou com a impressão de que ele havia abordado essa questão em outras mesas.

— "Não deis aos cães as coisas santas, nem atireis aos porcos as vossas pérolas", está em Mateus. Isso sempre me incomodou. Mas hoje sou pagão. As pessoas da minha congregação desmaiariam se eu entrasse na igreja num domingo. Mas muitas delas não são tão santas como um bom cachorro.

O doutor Papineau entusiasmou-se a ponderar sobre a população de cachorros da arca e daí a conversa voltou para Singer e Indigo. O humor de Edgar melhorou por algum tempo enquanto ele trabalhava com os cachorros, mas quando Claude começou a contar a história do canil voltou a ficar mal-humorado. O senhor Benson não questionou a autoridade de Claude, embora para Edgar cada palavra dita por ele o revelasse um impostor. Agora Claude estava falando de Buddy e dos laços de sangue entre os cachorros sawtelle e o programa de criação da Fortunate Fields.

Edgar ficou surpreso: achou que o que ele havia descoberto nas cartas era um segredo, ou algo esquecido, mas enganara-se, e não havia razão para Claude não saber. Agora ele estava explicando quantos cachorros eram colocados a cada estação, como o programa de reprodução estabelecido pelo avô de Edgar funcionava; que a metade dos cachorros encaminhados ia para famílias que já possuíam um sawtelle; que a maioria dos cachorros estava com fazendeiros próximos. E ali sentado, ouvindo Claude, Edgar perguntou-se por que não tinha jogado o Impala contra as árvores quando teve chance.

Ao terminarem o jantar, a mãe de Edgar serviu a torta de queijo do doutor Papineau e ofereceu café. O senhor Benson elogiou a torta e o doutor Papineau repetiu a conhecida piada da padaria. Algo nisso deixou Edgar furioso. Sempre que olhava para o doutor Papineau, via mão paternal no ombro de Claude e pensava que o velho era um tolo por se deixar manipular de modo tão descarado. Até o novo dono começou a incomodar Edgar. A maioria deles queria sair da mesa o mais depressa possível, para liberar os cachorros e tocá-los, mas o senhor Benson parecia estranhamente indiferente. Os cães estavam pacientemente sentados; Singer até cochilava. Mas qualquer um podia ver que estava esperando para levantar e investigar o homem outra vez.

Então, o senhor Benson se virou para Claude.

— Agora, preciso perguntar uma coisa e você pode simplesmente dizer não se eu passar dos limites. Claro, vamos tratar disso amanhã quando discutirmos o contrato da filial e a seleção das matrizes, mas eu gostaria de poder dar uma olhada no canil. É um lindo celeiro. Não vi muitos assim desde que saí de Killeen. E quero ver com meus próprios olhos que tipo de mágica acontece ali.

Claude e o doutor Papineau olhavam para o homem com expressões igualmente satisfeitas. Edgar se virou para a mãe.

Do que eles estão falando?

Ela o calou com um pequeno gesto. Ele sinalizou de novo.

Por que ele está falando de contrato de filial?

Ela se virou para ele com uma expressão calma, mas fervendo de raiva por dentro.

Não agora, ela sinalizou. Há semanas você não quer conversar. Vamos discutir isso depois.

O que ele disse de escolher matrizes? Matrizes de criação?

Agora, não.

O senhor Benson estava acompanhando a conversa e reclinou-se na cadeira.

— Não quero ser inconveniente. Mas estou ficando muito curioso. Talvez possa ficar para amanhã.

— De jeito nenhum — disse Claude. — Mas devo dizer ao senhor que não tem mágica nenhuma ali dentro. Só trabalho firme e constante.

Claude levou o senhor Benson para fora, seguido pela mãe de Edgar e do doutor Papineau. Singer e Indigo trotaram na frente. Edgar ficou parado na varanda. Lembrou-se do jogo de canastra que tinham jogado no outono anterior. Você pode conseguir tudo o que quiser neste mundo se estiver disposto a ir com calma , Claude tinha dito. Naquele momento, Edgar interpretara aquilo como generosidade um caipira movido a cerveja, mas agora lhe parecia um insulto obstinado.

Quando você começou a querer tanto isso?, ele se perguntou enquanto observava Claude caminhar ao lado do estranho, explicando que eles faziam como uma coisa a ser imitada, capitalizada, multiplicada. Teria sido numa daquelas tardes que você passou na cobertura do celeiro observando todo mundo? Ficou surpreso com o que o irmão conseguiu realizar depois que você foi embora? Ou estaria pensando nisso há mais tempo? Até onde você está disposto a ir com calma?

No quintal, soou a voz do senhor Benson respondendo a alguma pergunta de Claude.

— Quanto a isso tenho boas notícias para você — disse o senhor Benson. — Conversei com meu filho, James, na véspera da minha viagem. Ele ficou muito animado com a ideia, comentou que é uma oportunidade única. Fica dizendo o tempo todo: um cachorro caruthers, um marco no merchandising de catálogo; pela primeira vez uma raça com marca registrada. Disse que está com o boneco do folheto de pedidos de Natal pronto na mesa, com filhotes na capa e tudo. Claro que ainda são filhotes falsos, mas dá para trocar a foto em um dia.

Almondine veio por trás de Edgar e parou no batente da porta da cozinha. Ele passou a noite toda querendo fazer as pazes com ela, mas agora estava fervendo de raiva outra vez e na sua cabeça a via deitada na oficina, a luz caindo sobre ela como uma pintura e Claude trabalhando. Fechou a porta da cozinha e certificou-se de que o trinco estava virado. Saiu com passos rápidos atrás dos outros. O longo crepúsculo tinha se apagado. Um vento indeciso balançava o bordo. A oeste, a cortina da floresta tremulava contra a borda azul que escurecia.

— Às vezes, esqueço como é ficar assim tão longe das luzes da cidade — o senhor Benson estava dizendo. — Nosso céu nunca é tão preto à noite com San Antonio tão perto. Chegam a ver a aurora boreal?

Mas antes que alguém pudesse responder à pergunta do homem aconteceu algo curioso. Uma rajada de vento passou pelo quintal, trazendo com ela uma cortina de chuva quente, translúcida e rápida. Os pingos tamborilaram na capota

dos veículos e respingaram sem força em cima de todos eles. Os cachorros morderam o ar. No caminho, subiu poeira. Então, a chuva passou e a noite voltou. Todos olharam para cima. Não havia nada no alto, apenas um campo de estrelas.

— Isso não me surpreende — disse o senhor Benson. — Acontece o tempo todo na minha terra. Chove com céu claro. Esta chuva podia estar no ar em Dakota do Norte e só agora tocou o chão.

Haviam parado na frente do celeiro, perto do buraco de cal onde a grama tinha ficado branca. O homem se abaixou para afagar o peito de Indigo. Era a primeira vez que tocava um dos cachorros desde a hora do jantar e, quando se levantou de novo, tirou um lenço do bolso, esfregou as mãos no tecido, limpando dedo por dedo.

— De vez em quando me vem à noite que está chovendo em algum lugar mesmo quando o céu está claro. Tem mais água no ar do que imaginamos. Tire toda a água do ar e vem uma enchente que espantaria até Noé. Quando não consigo entender as coisas, procuro pensar grande a ponto de ver chuva caindo em algum lugar. A água está sempre em movimento, nisso é que tento pensar. Se não está caindo, está subindo pelo solo pronta para cair de novo. Isso me consola, não sei por quê.

Às vezes, só preciso ficar mais alto que as árvores. No fim da tarde, onde moro, dá para ver meia dúzia de tempestades das boas chegando, raios no meio delas e chuva caindo como água viva. Mas, às vezes, subo até conseguir enxergar o campo inteiro, muito, muito adiante, na Califórnia, para poder ver chuva e céu claro ao mesmo tempo. Isso tudo na minha cabeça, claro. Mas, esteja eu onde estiver, se consigo ver chuva e céu claro é quando consigo pensar melhor.

Então o senhor Benson se calou.

— Minha nossa! — exclamou. — Não me dei conta do quanto fiquei sentado sozinho naquela caminhonete.

A mãe de Edgar deu uma risada e eles entraram no canil. Ninguém parecia se lembrar mais da chuva, embora para Edgar ela tivesse sido como a mão roçando seu rosto. Durante um momento, foi incapaz de se mexer. Quando os alcançou, os cachorros começaram a latir. Sua mãe os silenciou, algo pequeno que impressionou muito o homem. O senhor Benson começou a fazer perguntas: quanto tempo deixavam os filhotes mamar, se acreditavam em cortar os dedos rudimentares dos cães, correspondentes aos polegares no nascimento, por que não usavam serragem

em vez de palha e assim por diante. Claude pegou o livro de registro de ninhadas, puxou um arquivo ao acaso, falou sobre a pesquisa de cruzamentos, sobre as folhas de registro e o acompanhamento, tudo com grande autoridade, como um homem descrevendo a mobília. A mãe de Edgar levou o senhor Benson ao depósito e mostrou a ele as balizas de orientação, as argolas no piso e todo o resto.

— E onde esse jovem se encaixa? — o senhor Benson perguntou quando desceram. — Ele trabalha, com certeza.

— Bom, para começar, Edgar escolhe o nome dos filhotes — disse a mãe. — E está encarregado da escovação. E este ano está treinando sua primeira ninhada. Espero que esteja pronta no outono.

O senhor Benson pediu para ver a ninhada de Edgar e Claude pôs a mão em seu ombro, pedindo que Edgar a trouxesse. Até então, não tinha pensado em fazer sua ninhada mostrar o que eles vinham treinando. Sempre imaginara uma situação com apenas ele, os cachorros e Claude, mas agora viu que não importava quem mais estivesse ali. De qualquer forma, não tinha escolha. Precisava de uma resposta. Não podia suportar saber sem saber, o resíduo de lembrança sem a lembrança em si, o constrangimento toda vez que sentava à mesa na frente de Claude. Tudo o que precisava era de um momento desprevinido como aquele em que Claude o vira observando galho da macieira. Uma expressão havia se manifestado no rosto de Claude então, choque, culpa, medo, mas, fosse o que fosse, desaparecera antes de Edgar entender o que poderia revelar. Dessa vez, ele estaria pronto. Iria entender o significado. E se visse culpa, não seria detido por ninguém, nem a mãe nem Almondine. Ele não ia cair de joelhos, tremendo como um bezerro recém-nascido.

— Vamos treinar as paradas, para aproveitar — disse a mãe.

Ele concordou com a cabeça. Passou pelos cercados, entrou na enfermaria, abriu a gaveta reservada aos medicamentos do doutor Papineau e enfiou seis seringas no bolso da camisa. Parecia estranho, ele sabia, e tentou parecer natural ao voltar. Tirou Opal e Umbra e ordenou que ficassem quietos no corredor, depois Pout, Baboo, Tinder, Finch e, finalmente, Essay. Os sete sentaram, trêmulos e excitados, no corredor, a doze metros de sua mãe, do senhor Benson e de Claude.

— É só um minuto — disse a mãe. Lançou um olhar intrigado para Edgar e continuou falando. — Usamos todas as oportunidades para treinar os animais. Quando uma pessoa estranha vem nos visitar, os cachorros naturalmente querem investigar. Grande parte do nosso treinamento consiste em descobrir maneiras de testar as habilidades deles em situações novas, como sustentar uma ordem de fica

quando há alguma distração. Agora, Edgar, mande um deles para cá.

Primeiro, diga a eles que os cachorros enxergam tudo o que acontece aqui, ele sinalizou.

Como?

Só diga isso. Diga que eles enxergam tudo e nunca esquecem. Daqui a um minuto você vai entender.

Ele ficou parado, esperando. Achou que a mãe talvez ignorasse seu pedido, mas ela se virou para o senhor Benson, Claude e o doutor Papineau.

— Edgar pediu para dizer a vocês que os cachorros... — ela hesitou um momento, depois continuou — veem tudo o que acontece aqui e que eles nunca esquecem.

Edgar estava parado na frente dos cachorros, olhando a fila para ter certeza de que eles não iam desobedecer. Tocou Opa debaixo do queixo. Ela olhou para ele. Ele a liberou e ela saiu rápido pelo corredor até os quatro que estavam parados diante da oficina. Então, Edgar pegou uma das seringas que tinha no bolso da camisa. A mão tremia, e quando a seringa saiu acabou se enroscando em outra, que rolou pelo chão. Ele a pegou e colocou na boca de Baboo.

Pega, sinalizou. E virou-se para olhar.

Baboo trotou pelo corredor com a seringa na boca. Edgar ficou de olho em Claude, que tinha visto a seringa. Quando Baboo chegou junto deles, apertou o focinho no quadril de Opal e Opal olhou para Edgar. Ele fez um pequeno gesto com a mão direita. Ela deitou no chão e virou de lado.

— Bom, minha nossa — disse o senhor Benson. Abaixou-se para acariciar o focinho de Baboo e levantou-se com a seringa na mão.

— O que é isto? — perguntou. Aproximou a seringa da luz. Antes que alguém respondesse, Edgar mandou Pout. Pout empurrou Baboo, que se deitou. O senhor Benson estendeu a mão e tirou a segunda seringa da boca de Pout.

— Isso faz parte do treinamento? Carregar remédio?

Ao ver a expressão no rosto de Claude, Edgar começou a tremer tão violentamente que teve de se ajoelhar. Finch foi em seguida; ela empurrou Pout, Pout olhou para Edgar, hesitou e deitou. Depois foi a vez de Umbra e de Tinder. A cada vez havia uma seringa, um toque no quadril e o cachorro deitava.

— Bom, minha nossa! — disse o senhor Benson. — É quase como... como se... Eles pensam...

Claude observava tudo. Olhou a porta aberta, depois os cachorros, depois Edgar.

Edgar não esperava que a última parte funcionasse: era diferente do resto, algo que havia trabalhado apenas com Essay. Colocou a última seringa em sua boca e sinalizou para que seguisse pelo corredor. Quando alcançou Tinder, o único cachorro em pé, virou-se a fim de olhar para Edgar.

Esquerda, ele sinalizou.

Essay contornou Tinder. A ampola da seringa estava de lado na boca. Ela foi até Claude. A agulha estava com a capa de segurança, mas quando ela apertou a ponta macia de seu focinho no músculo da perna de Claude, ele se encolheu como se tivesse levado uma picada. Edgar estava vindo pelo corredor, sem piscar nem desviar os olhos.

— Pare com isso! — Claude disse. — Pare! — Ele olhou para as portas, depois para a oficina, então controlou-se, respirou fundo, olhou firme para Edgar. Um músculo debaixo do olho esquerdo tremia.

— Que diabo! — disse, e saiu do celeiro.

Edgar começou a rodar no corredor, fazendo uma dança estranha, animada. Sinalizou uma liberação geral e os cachorros deitados se puseram em pé e se aproximaram, agitados, do senhor Benson. A mãe de Edgar permitiu-se um olhar furioso para ele, mas, quando falou, a voz era calma e controlada.

— Edgar — disse — , pode pôr esses cachorros de volta nos cercados? Acho que já basta.

Você viu?, ele sinalizou. Viu a cara dele?

Vi, sim.

— Que incrível — disse o senhor Benson. — O que foi isso?

— Eu mesmo nunca tinha visto isso — disse o doutor Papineau — , e tenho visto esses cachorros fazerem coisas realmente inacreditáveis.

A mãe de Edgar se virou para o senhor Benson.

— Nem sempre faz sentido quando se vê o treino ainda em processo — disse.

— Vão — ela disse aos cachorros agitados a seus pés. — Para o canil. Vão .

Os cachorros trotaram pelo corredor. Edgar foi até o cercado de Essay, abraçou-a pelo pescoço e acariciou-a, depois visitou o resto. Boa menina. Isso. Bom cachorro. Boa menina. Todos tinham saído do celeiro e, enquanto ele elogiava os cachorros, ouviu o Impala dando partida, mas só escutou uma conversa apressada entre sua mãe e o senhor Benson.

Estava totalmente escuro lá fora agora. Se fosse até a casa, haveria cobranças e discussões, e ele precisava de tranquilidade para fechar os olhos e rever tudo: a expressão no rosto de Claude quando Essay o empurrou, o sangue lhe subindo às faces, os músculos repuxando a pálpebra. Subiu a escada da oficina e acendeu a luz do depósito. Quando o som da caminhonete do senhor Benson desapareceu, sua mãe entrou como um raio.

— Vamos conversar, Edgar. Agora mesmo, aqui mesmo. Quero saber o que foi aquilo. Você faz ideia do quanto foi embaraçoso?

Você viu a cara dele? A expressão da cara dele?

— Cara de quem, Edgar? Do senhor Benson? Que acha que eu tenho um filho lunático? Ou de Claude? Que, por sinal, está em casa neste momento, enlouquecido de raiva.

Ele passou entre os fardos de palha espalhados pelo chão do depósito, depois parou e olhou as vigas. Sua respiração rugia em seus ouvidos.

Está chovendo, ele sinalizou.

O quê?

Está chovendo? Está ouvindo a chuva?

Correu para a frente do depósito, destrancou a grande porta de carga e abriu. Pendurou-se na viga e jogou o corpo no espaço, olhou as estrelas queimando no céu claro da noite, depois a floresta.

Lembre de mim.

Puxou o corpo para dentro.

Venha aqui, sinalizou. Veja você mesma.

— Posso ver de onde estou. Não tem chuva nenhuma. Saia daí. Mas a paciência dele se acabou. Foi até ela e tentou puxá-la.

Como Trudy resistiu, ele segurou-a com as mãos pelo pescoço e arrastou-a até a porta do depósito, o corpo servindo de contrapeso ao dela. Fardos e vigas giravam em torno deles. A mãe tentou enfiar as mãos debaixo das dele e retirá-las. Estavam na metade do caminho até a porta do depósito quando ele perdeu o equilíbrio e os dois caíram no chão. No tumulto, ele se ajoelhou em cima dela e prendeu seus braços. Ofegavam. Deixou que ela saísse e começou a sinalizar loucamente.

Você o ajudou? Me diga se ajudou.

— Ajudar? Ajudar quem ?

Eu mostro quem.

Ele se levantou de novo, pegou o pulso da mãe e começou a arrastá-la para a porta do depósito, ainda aberta para a noite. Quando ela se deu conta do que ele estava fazendo, começou a espernear de modo que se colocasse de pé.

De trás deles veio um grito rouco. Sem fala, sem palavras, apenas um gemido de apreensão. Ele olhou para trás. Dentro do vestíbulo, no alto da escada, o vulto de um homem. Edgar largou o pulso da mãe e correu para a porta, tão austero, estático e absorto que tropeçou num fardo de palha e foi ao chão, as pernas chutando o vazio. Quando se pôs de pé outra vez, o forcado de feno estava em sua mão. Ele se lançou à porta, o forcado levantado no ar atrás dele como uma grande garra única. O vulto recuou mais para a sombra e tentou fechar a porta do vestíbulo, mas Edgar se atirou em cima dela antes que fosse trancada.

A porta bateu de volta com um estrondo de estilhaçar. Houve um gemido e depois o som de um corpo caindo pesadamente pela escada. Em seguida, silêncio. Edgar olhou e viu que o forcado de feno estava cravado fundo na madeira da moldura da porta. Arrancou a ferramenta e atirou-a no depósito. Sua mãe tinha se levantado e correu para ele, dizendo:

— O que foi isso? O que você fez?

Mas ele demorou a responder. Uma eletricidade divinal percorria seus nervos. Do peito subiu um espasmo. As mãos se abriam e fechavam, portanto, ele mal conseguia fazê-las sinalizar.

Eu devia ter feito isso na primeira noite que ele esteve aqui.

Só quando a mãe gritou foi que ele a seguiu até o vestíbulo. Ela estava parada no meio dos degraus, as mãos segurando a cabeça. No fim da escada, jazia o doutor

Papineau, os pés virados para cima num degrau alto, a cabeça no chão da oficina, horrivelmente retorcida. Um dos braços estava lançado à frente, num gesto casual. Edgar passou pela mãe e pulou o corpo do veterinário. Abaixou-se para olhar. Os olhos do velho estavam se apagando naquele momento.

Lágrimas corriam no rosto da mãe enquanto ela descia a escada.

Edgar levantou-se. Os músculos das pernas tremiam com a força galvânica que o havia dominado no depósito.

Agora você chora? Acha isso terrível? Você não tem sonhos? Ele não está lá quando você dorme?

— Meu Deus, Edgar. Este não é o seu pai. É o doutor Papineau. É Page.

Edgar olhou o velho caído ali, tão pequeno e frágil. O mesmo homem que tivera forças para levantá-lo da neve pelas costas da camisa.

Ele não era tão inocente! Eu ouvi os dois conversando.

A mãe dele estava com as mãos no rosto.

— Como vamos contar para Glen? — ela perguntou. — Não entendo o que aconteceu com você.

Vamos ter de... ter de...

Ela olhou para ele.

— Espere — disse. — Preciso pensar um pouco. Page caiu da escada.

Ela passou para sinais.

Você tem de ir embora.

Eu não vou a lugar nenhum.

Vai. Vai, sim. Quero que você saia correndo, vá para o campo. Encontre um lugar para se esconder até amanhã.

Por quê?

Vá e pronto!

Assim você se livra de nós dois?

Ele não viu a mão dela se movendo mais do que os cachorros a viam ao emitir correções. Um ardor viajou do rosto até a coluna vertebral. Ele cambaleou contra a

parede para não cair por cima do corpo do doutor Papineau. Sentia uma das faces pegando fogo.

Não me desafie, ela sinalizou, e era Raksha agora, a Mãe Loba. Está falando com sua mãe e vai fazer o que digo. Quero que você vá embora. Fique longe até me ver parada atrás do silo, sozinha. Olhe ao anoitecer. Quando me vir, vai ser seguro voltar. Até lá, desapareça. Mesmo que a gente chame, fique longe.

Ele se virou, saiu tropeçando da oficina e foi para o quintal pálido e azul à luz da lua. Apertou os olhos contra a luz acima da porta do canil. O céu da noite não tinha nuvens. Não havia tempo para pegar nada. Contornou o celeiro, destrancou as portas do cercado e sinalizou para a ninhada sair. Sete cachorros correram para grama. Juntos, desceram o declive atrás do celeiro até chegarem à pilha de pedras, e ali Edgar sentou, inconsciente, enquanto os cachorros andavam de um lado para o outro. Fechou os olhos. O tempo passou, se um minuto ou uma hora, ele não sabia dizer. Então sua mãe chamou:

— Edgar! Edgar! — A voz dela parecia de brinquedo, encolhida. As estrelas giraram em sua imaginação. Impossível ele algum dia

ter vivido ali.

Levantou-se. Começou a correr, os cachorros a seu lado. Quando chegaram à floresta, uma radiopatrulha apareceu na estrada no alto do morro, luzes azuis e vermelhas piscando nas árvores, a sirene reverberando aguda pelo espaço. Glen Papineau vinha encontrar seu pai. Agora não tinha como voltar para buscar Almondine, pensou. E ao pensar nisso achou quase impossível não voltar.

O luar permitiu-lhe enxergar as duas bétulas que marcavam a entrada da velha trilha de lenhadores. Os cachorros lançavam-se pelo mato rasteiro em loucas corridas, todos, menos Baboo, que seguia alguns passos atrás dele. A floresta era bem mais escura que o campo. Não entendeu como tinha andado tão pouco até a aparição dos faróis da radiopatrulha, sacudindo nos sulcos de trator do campo, e iluminando os troncos das árvores à frente dele. Fachos de luz projetavam-se entre as árvores, mas Edgar não voltava para olhar com seus olhos acostumados ao escuro. Não iam entrar com a radiopatrulha na floresta, o veículo não conseguiria avançar pela trilha de lenhadores e não haveria jeito de manobrar sem que atolasse.

A quase quarenta e cinco metros do córrego havia uma descida. Agora os cachorros tinham se espalhado para longe dele. Quando chegou à água, bateu as mãos. Baboo tinha ficado perto e sentou junto à sua perna, ofegando. Finch se

materializou de um arbusto de samambaia, seguido por Opal e Umbra, como sombras saídas das trevas. Depois, Pout e Tinder. No escuro, Edgar precisou de algum tempo para ter certeza de que era Essay que faltava. Levantou-se de novo, bateu palmas fortes e ficou ouvindo a água correr pelo leito do córrego. Não podia esperar mais.

Quando entrou no córrego, a água cobriu seus tornozelos, fria e veloz. Segurou a primeira estaca que encontrou e sacudiu-a para a frente e para trás até soltá-la, ofegante. A coisa era pesada como um pilar de granito e ele teve de se ajoelhar na água para conseguir tirá-la do lugar. Quando finalmente levantou a estaca, ele equilibrou a ponta cortada no leito rochoso do regato.

Dois cachorros saltaram na água antes mesmo que ele os chamasse, embora no escuro não soubesse dizer quais eram. Ele os empurrou por baixo do arame e eles foram para o outro lado, se sacudindo. Bateu as mãos chamando os outros. Os quatro cachorros restantes andavam de um lado para o outro à margem do córrego, mas não entravam. No alto, o facho de uma lanterna começou a cortar o ar. Os cachorros ganiam e olhavam para trás. Por fim, Edgar saiu do córrego, ajoelhou-se, pôs as mãos na parte de cima do pescoço deles e pressionou o rosto no topo de suas cabeças. Finch, Pout, Opal e Umbra.

Então recuou e liberou-os. Primeiro, eles sentaram e olharam para ele, inseguros. Depois, Finch virou e subiu a encosta na direção de onde tinham vindo, e os outros três foram atrás, seguindo sua trilha.

Edgar caminhou na água rasa do córrego e passou entre os arames farpados da cerca. Perdeu o equilíbrio ao tentar recolocar a estaca; o buraco estava cheio de lama e de repente ele se viu caído na água, coberto até o meio do peito. Por fim, deixou a estaca meio torta no regato. Queria colocar de volta direito, mas duvidava que fosse fazer alguma diferença.

Na outra margem do córrego, ele deu de cara no chão. Não dois, e sim três cachorros o saudaram: Baboo, Tinder e Essay, sendo que Essay tinha atravessado em algum outro lugar, à sua maneira. Eles pularam, lamberam seu rosto e dançaram em torno dele como selvagens em algum ritual arcaico e sem nome. Como se soubessem exatamente o que tinham pela frente. Quando se levantou, as mãos estavam cobertas de lama. Uma pasta de barro começou a secar e a fazer rachaduras no rosto de Edgar. Ele encheu as mãos no córrego e jogou a água sobre a cabeça algumas vezes. Depois levantou-se, virou as costas a tudo o que conhecia e os quatro puseram-se a caminho do escuro Chequamegon.

Parte IV

CHEQUAMEGON

Fuga

RÉSTIAS DE LUAR PERMEAVAM A FLORESTA. AS SAMAMBAIAS ARQUEAVAM à altura do pescoço ao longo da velha trilha de lenhadores, encobrindo galhos de amoras-silvestres, como lâminas de serrote em bainhas. Touceiras de sumagre escuro. Troncos de bétulas e álamos, vagamente luminescentes. No alto, uma abertura pálida e estreita dividia o dossel da floresta, marcando o caminho deles com mais clareza do que qualquer coisa ao nível do chão. Com medo de ramos na trilha, ele mantinha os braços cruzados à frente do rosto, sem se preocupar com os espinhos das amoras rasgando sua roupa. De vez em quando, parava e batia palmas, chamando os cachorros.

Eles vinham, roçavam os focinhos e a boca na palma de sua mão e desapareciam de novo, tão confiantes no escuro. Ele parou um pouco. Buscou-os com os olhos. Havia sombras sobre sombras por toda parte. Deu um passo à frente e começou de novo. À sua volta, vagalumes brilhavam com ventres luminosos. As vozes que os chamavam haviam sumido havia muito sob o rangido dos troncos de árvores movendo-se na brisa da noite como os mastros de um vasto navio. Não andavam em círculo; ele não sabia como percebia. Pela direção do vento, talvez, ou pela sombra do luar voltada para oeste. Quando um bosque de bétulas reluziu, azul, onde ele esperava uma abertura, Edgar entendeu que o caminho havia acabado ou tinham se perdido.

Depois de algum tempo, encontrou os cães, reunidos, esperando. Contou os focinhos, depois movimentou as mãos no escuro, tentando entender por que tinham parado. Seus dedos roçaram um arame farpado e enferrujado, e uma estaca de cerca rachada pelo tempo. Deslizou as mãos pela madeira nodosa até localizar o arame mais baixo, depois foi se afastando da estaca, curvou-se, acompanhando o arame farpado de leve com os dedos. Parou onde havia folga suficiente para levantar o arame. Bateu as mãos duas vezes e os cachorros avançaram. Pelo toque, fez com que passassem por baixo do arame: Essay primeiro, ele achou, depois Tinder, em seguida Baboo. Estavam ofegantes e quentes quando passaram. Ele foi o último a rolar por baixo, pôs-se de pé e limpou a roupa num gesto sem propósito, molhada e pendurada em seu corpo como placas de cera. Olhou para cima. Ilhas de

estrelas num lago de negrume. Estava cercado por uma floresta fechada e espectral. Partiu em uma direção que esperava fosse o oeste. As horas da noite passavam.

Parou quando a floresta se abriu numa clareira. A lua estava alta e clara e, diante dele, esqueletos de árvores escuras feito carvão subiam do mato azul do brejo. Ele piscou os olhos diante do excesso de luar da clareira e bateu palmas, chamando os cães. No alto da coroa de uma árvore queimada uma coruja girou a cara redonda, e, um galho abaixo, três pequenas réplicas a imitaram. Baboo atendeu imediatamente. Tinder tinha começado a avançar pelo mato alto, mas voltou e trotou até Edgar. Ele bateu as mãos de novo e esperou. Como Essay não apareceu, levou Tinder e Baboo para o meio das árvores e tocou o solo com a mão.

Os cachorros giraram e deitaram. Ele se afastou alguns passos e abriu o zíper da calça. A urina pareceu levar todo o calor de seu corpo. Tirou a camisa e a calça jeans molhadas e pendurou-as num galho, e ali ficou, parado na noite, apenas de cueca. Por mais encharcada que estivesse, ele não conseguia tirá-la. Voltou e deitou-se ao lado de Baboo. Baboo levantou a cabeça, olhou o braço de Edgar em torno de seu peito e deitou a cabeça outra vez. Quando estavam todos acomodados, Essay saiu de uma passagem de veados nas sebes. Ela farejou os três e ficou ofegando até Edgar sentar e pôr a mão no alto de seu pescoço. Ela deitou, acomodou-se contra as costas dele, gemendo com algo que parecia reprovação. Um após outro, os cachorros soltaram suspiros e pressionaram mais as cabeças contra os flancos.

Edgar ficou deitado olhando as silhuetas das corujas esticando as asas enquanto observavam a clareira. Pensou se não deveriam ter continuado até encontrar água para os cachorros, mas depois de tantas horas de movimentação dura e cautelosa no escuro um cansaço esmagador se abateu sobre ele. Porém, no momento em que fechou os olhos, lá estava o doutor Papineau no final da escada do depósito.

Edgar arfou com ruído e abriu os olhos.

Você é um assassino, disse a si mesmo. Vai ter o que merece.

No instante seguinte estava dormindo.

QUANDO ACORDOU, OS CACHORROS estavam parados em torno dele como enfermeiras com a cabeça inclinada sobre o paciente, espiando, os focinhos apontados para ele. O chão ao lado de Edgar ainda guardava o calor do corpo dos cães. Ele tirou as mãos do meio dos joelhos e se pôs de pé. Os cachorros

pulavam e giravam. Essay firmou as patas traseiras e andou empinada até os tendões tremerem nas laterais de seu corpo. Baboo e Tinder bocejaram com suaves ganidos saindo das bocas abertas. As corujas tinham desaparecido. Do outro lado da clareira, o alto das árvores refulgia cor de carmim onde o sol nascente as tocava. Sua cabeça latejava. Não devia ter dormido mais de duas horas, pensou.

Sentou-se, braços em torno dos joelhos, até o mato que despertava começar a fazer cócegas em suas partes de baixo. Pegou a calça no galho onde estava pendurada. Estava tão molhada quanto na hora em que a tirou, e agora fria. Levantou um pé, parou e olhou pela abertura das pernas. Quando terminou de se vestir, teve a sensação de estar vestido com uma alface murcha.

Baboo ficou a seu lado, mas Essay e Tinder já tinham deslizado pelo mato alto, um perseguindo o outro. Trilhas se abriam no meio do mato, eles saíam para a clareira, davam um giro e mergulhavam de novo. Acariciou o pescoço de Baboo e ficou olhando. Os cachorros tinham crescido nos últimos meses. Os peitos estavam fortes e musculosos, as costas, largas, e eles se moviam com graça poderosa, leonina. Bateu as mãos. O mato parou de se mover, Tinder e Essay saíram. Ele pôs os três sentados numa fila, andou para trás e chamou um por um. Repetiu isso três vezes, depois quebrou um pedaço de galho seco, rolou entre as palmas da mão para ficarem com seu cheiro e mandou que fossem buscar. Treinaram deitar, rolar e rastejar enquanto os pássaros nas bordas da clareira cantavam.

Então, todos estavam aquecidos, até mesmo o desanimado Baboo. Ele achou que era melhor procurarem água. Sua preocupação da noite pareceu sem sentido; nunca estariam longe de um córrego no Chequamegon inferior. Olhou para trás, na direção de onde vieram. Depois circundou com eles a clareira, escolheu um ponto e partiu para dentro da floresta outra vez.

DEPOIS DE MEIA HORA, DESCERAM um barranco afogado em amieiros que dava num córrego de quinze centímetros de profundidade e cheio de uma relva verde pálida oscilando na corrente como cabelos de sereia. Os cachorros começaram a beber água imediatamente. Edgar jogou o sapato e as meias do outro lado, entrou na água e com as mãos em concha colheu a água, que tinha gosto de chá frio e fraco. Deixou a água correr pelos pés até os cachorros saírem e se espreguiçarem perto de um tronco coberto de musgo. Depois, prosseguiram.

A inclinação do sol da manhã facilitava a localização. Estavam atravessando os morros a oeste do canil, para os quais ele e Almondine tinham olhado vezes

incontáveis, sentados na encosta do campo ao sul. Não sabia até onde ia a serra nem aonde ia dar. Raramente tinham viajado nessa direção; aquela velha vida, de repente tão remota, tinha sido orientada ao longo do meridiano da rodovia 13 com Ashland ao norte e tudo mais (Wausau, Madison, Milwaukee, Chicago) ao sul. Então, ele se impôs duas regras: manter distância de estradas e viajar para o oeste. Sempre que era forçado a contornar um obstáculo, escolhia a alternativa ao norte. Além disso, não tinha nenhum destino nem objetivo específico, não mais do que quando começara a ensinar aqueles truques que os cachorros haviam mostrado no depósito. Queria distância daquela vida anterior. Queria tempo, depois, para pensar sobre o que havia acontecido e o que fazer a respeito. Por enquanto, queria pensar neles quatro e em como deviam se locomover. Já começava a se preocupar com os cachorros. Não sabia o que faria quanto a comida. Não tinha nem canivete.

Apesar de tudo, pensou no que estaria acontecendo no canil. Pensou em Almondine, não tinha tido tempo de fazer as pazes com ela. Pensou onde ela iria dormir sem ele na casa. Pensou em sua mãe parada atrás do silo naquela manhã, sinalizando para ele voltar. Talvez ainda estivessem andando pela floresta gritando seu nome. A ideia produzia nele arrepios tanto de satisfação como de remorso. A força da bofetada da mãe voltava sempre, e sua expressão furiosa. E os olhos do doutor Papineau, a vida desaparecendo deles enquanto ele olhava.

SUA DETERMINAÇÃO SÓ FOI POSTA à prova mais tarde naquela manhã, quando chegaram a uma estrada que cortava a floresta. Não era mais que uma trilha de terra coberta de cascalho e ladeada por árvores altas de ambos os lados, tão deserta que ele não sentiu nenhuma apreensão de parar no meio dela. O sol estava quase no zênite. Contraiu os olhos em ambas as direções, em busca de caixas de correio ou sinais de parada de ônibus. Não havia nada, nem mesmo postes telefônicos, apenas nervuras listradas marcadas na lama. A linha clara e longa da estrada era uma visão surpreendentemente bem-vinda, porque o esforço incessante de ler o emaranhado de moitas e escolher um caminho começava a deixá-lo cansado.

Além disso, misericordiosamente, havia no campo brisa suficiente para espantar os mosquitos que tinham passado de incômodo a tormento enquanto ele e os cachorros viajavam. Cada samambaia, cada haste de grama que roçavam, agitavam mais uma nuvem daquelas coisas detestáveis. Para se defender, ele irrompeu num trote, sacudindo as mãos sobre a cabeça e estapeando cara e pescoço,

mas no momento em que parou eles baixaram outra vez, agora atraídos por sua pele superaquecida.

Sentou-se na terra de pernas cruzadas e reuniu os cachorros. Um carro que se aproximasse seria visível quilômetros antes, e ele queria descansar um pouco. A viagem era dura, pensou, mas pelo menos havia o consolo de observar os cachorros. No canil, Essay tinha sido sempre a mais delinquente, a mais difícil de adestrar e a primeira a se entediar, porém na floresta estava à vontade, abrindo caminho, agindo como caçadora, avançando disposta a desafiar qualquer elemento estranho que encontrassem: um toco extravagantemente perfumado, um tâmia correndo entre as folhas, um tetraz batucando.

Quando ela estava quase fora de vista, virava-se para olhar para trás, embora nem sempre; às vezes, saía correndo pelo mato baixo. Isso fazia dela uma viajante flagrantemente ineficiente, que cobria o dobro do trajeto necessário, mas sempre que Edgar tentava mantê-la por perto ela gania e baixava as orelhas. Baboo era o confiável. Se Edgar mandasse esperar, Baboo esperava, como uma pedra posta na terra pelo próprio Deus, satisfeito por conhecer seu trabalho. Sempre estivera claro que Baboo era encantadoramente literal, mas na floresta era um pragmático.

Trotava atrás de Edgar quando ele partia, às vezes junto a seus calcanhares, às vezes ficando para trás. Mas se pouco mais que alguns metros se interpunha entre os dois, Baboo avançava, determinado, até diminuir a distância. Dos três, Tinder era o mais difícil de entender. Ele estava sempre à vista, sem fazer sombra a Edgar nem sair correndo pelo mato, mas sempre que Essay reaparecia de uma de suas expedições era Tinder que a encontrava e voltava para tocar o focinho no focinho de Baboo, como se trouxesse notícias.

Edgar sentou-se ao sol na estrada. Ao longe, havia um trecho tão viçoso de samambaias que parecia pertencer à floresta primária. Deviam sair do espaço aberto, ele sabia. Ainda estava se convencendo a enfrentar os mosquitos quando as orelhas de Essay ficaram em pé e ela girou a cabeça. Ele acompanhou seu olhar. Lá longe na estrada uma minúscula nuvem alaranjada estava subindo e o para-brisa refletiu um raio de sol ao entrar e sair da sombra.

Ele se pôs de cócoras. O carro estava muito longe e inicialmente ele não se apressou. Se o motorista tivesse visto Edgar e os cachorros, provavelmente os teria tomado por veados. Edgar bateu palmas, sinalizou aqui e enveredou pelas samambaias gigantes. Os cachorros seguiram atrás dele. Ele penetrou num sombreado mundo verde de capim e samambaias gigantes e foi avançando de

quatro. No fundo da moita toparam com uma densa touceira de amoras-silvestres, os espinhos curvados e agudos como bisturis. Mesmo que forçasse a passagem, os cachorros iam refugar. Ralhou consigo mesmo por partir para o desconhecido. Pensou que ainda havia tempo de voltar por onde tinham vindo, recuando para um terreno conhecido, embora não fossem avançar nem vinte metros na floresta até o carro passar.

Baboo e Tinder estavam logo atrás, mas Essay já havia virado e começara a farejar o caminho de volta para a estrada. Ele pôs os dois cachorros em posição de fica , Baboo sentou-se como um soldado, avançou abaixado entre as samambaias e tocou o quadril de Essay. Ela olhou para ele ao longo das primeiras costelas. Ele mandou que voltasse. Quando ela voltou a se sentar, ele se pôs de cócoras e espiou pelas frondes.

O carro estava mais perto que o esperado, uns noventa metros adiante, e diminuindo a marcha. Não havia como atravessar sem ser visto. Estavam talvez a quatro metros e meio das samambaias e tinham aberto um caminho largo o bastante para ver a terra da estrada, mas ele achava que estariam escondidos de um carro em movimento. Chamou a atenção dos cachorros, sinalizou deita , deixando as mãos visíveis por um breve momento, enquanto executava o comando. Os cachorros se deitaram no chão. Essay ganiu e enfiou as patas debaixo do quadril, empinou o nariz contra um raio de sol, com pequenos movimentos ascendentes para farejar.

Ele passou um braço por cima de Essay e estendeu o outro para trás, para tocar Tinder, esperando que, se conseguisse manter os dois quietos, podia contar que Baboo acompanhasse. O para-choque do carro apareceu entre os caules de samambaias, avançando devagar. Ouviu-se um pong! de uma pedra arremetida por um pneu. Essay tremia debaixo da mão dele. Um para-lama branco passou pela linha de visão de Edgar, depois um pneu. Uma porta preta e branca. Outra porta. Outro pneu. O para-choque traseiro. Quando o carro estava a alguma distância na estrada, ele estalou os dedos. Os cachorros olharam para ele.

Fica , ele sinalizou. Olhou nos olhos de Essay e repetiu o comando.

Fica , duas vezes. Melhor obedecer.

Terminou com um dedo de alerta na frente do focinho dela. Essay passou a ofegar e deitou o quadril de lado. Ele levantou a cabeça acima das samambaias. O carro era uma patrulha de xerife, coberto de poeira como se tivesse rodado pelas estradas a noite inteira. Havia uma figura solitária, compacta, sentada à direção, um

braço estendido no encosto do banco. A luz do freio piscou. Edgar voltou a se abaixar entre as samambaias.

Contou até cem. Quando tudo que ouvia era apenas o zumbido dos insetos no calor do meio-dia, liberou os cachorros. Eles olharam para Edgar. Liberou-os uma segunda vez, sem resultado. Ele entendeu que havia alguma coisa errada e levantou cautelosamente a cabeça acima das samambaias uma segunda vez. A radiopatrulha estava parada uns duzentos metros adiante. Só então ele ouviu o motor em ponto morto. A porta do motorista estava aberta e Glen Papineau olhava a estrada, um homem tão grande que parecia impossível que conseguisse se espremer de novo para dentro do carro.

Edgar mergulhou para baixo das samambaias.

Fica, fica , sinalizou.

Essay abanou o rabo e escondeu as patas, Tinder apertou o focinho contra a mão de Edgar com olhar interrogativo, mas por fim os dois permaneceram no fica . Foi Baboo que começou a se levantar, em parte por curiosidade, em parte por confusão. Edgar bateu palmas, alto demais. O cachorro imobilizou-se e olhou para ele por entre os caules de samambaias.

Deita , ele sinalizou, nervoso. Fica.

De longe na estrada, ele ouviu a voz de Glen Papineau.

— Edgar? — Glen chamou. — Edgar Sawtelle?

Baboo baixou no chão, os olhos arregalados. Esperaram. Edgar ouviu uma porta bater e depois o ronco baixo do motor quando o carro seguiu adiante. Dessa vez esperaram, até ele começar a se preocupar que a estrada pudesse não ter saída e Glen precisasse voltar. Deixou os cachorros na posição fica e engatinhou para a estrada.

Não havia nada para ver, nem mesmo nuvem de poeira.

Bateu palmas. Os cachorros saíram das samambaias e dançaram em torno dele numa espécie de cortejo que a mãe chamava de Dança do Fim do Fica. Poucos metros adiante, na estrada, encontrou uma trilha aberta na direção da floresta. Um minuto depois, a estrada havia desaparecido atrás deles, e os quatro penetraram o imperceptível pontilhado da floresta ao meio-dia.

NO FIM DA TARDE, Edgar estava com fome; na verdade, fazia bastante tempo que ele estava com fome. Os vestígios finais de pânico da noite anterior tinham se esgotado na monotonia de seguir a trilha e ele estava com a cabeça aérea, irritado, o estômago roncando. Imaginou se os cachorros estariam sentindo a mesma coisa. Eles não pareciam inquietos. Tinham passado a tarde pisando o mato rasteiro e atravessando regatos de floresta. Até o momento, os cachorros haviam pulado apenas a refeição matinal, mas ele , embora estivesse acostumado com café da manhã, almoço e jantar, não tinha nem fósforo para acender uma fogueira e muito menos um plano para arrumar comida.

Tinha, sim, alguma coisa em mente, embora não fosse bem um plano, uma vez que dependia em grande parte do acaso. A floresta era salpicada de cabanas de férias e barracões de pesca. O que se chamava Chequamegon, apesar de sua aparência de mata fechada, era na verdade um queijo suíço de florestas pertencentes ao governo e propriedades privadas, principalmente em torno das dezenas de lagos. Mais cedo ou mais tarde eles encontrariam uma cabana com um estoque de provisões ou cruzariam com um carro com o almoço de algum pescador dentro. Ainda não tinham visto nenhum. Ele esperava que isso quisesse dizer que estavam perto de encontrar.

O problema dessa ideia, pensou ao chegarem à outra clareira, era que cabanas e carros ficavam em estradas , não no meio da floresta. E estradas deviam ser evitadas a qualquer custo: o encontro com Glen Papineau tinha eliminado qualquer dúvida que tivesse na cabeça sobre eles estarem sendo procurados. Se fossem vistos, mesmo por um motorista que depois telefonasse para a delegacia para informar ao xerife que vira um rapazinho com um bando de cachorros, teriam uma boa ideia de onde ele estava. Mas andar pela floresta significava avançar devagar. Ele duvidava que estivessem percorrendo mais que um quilômetro e meio a cada duas ou três horas, tendo que se preocupar com o mato, os pântanos, os cachorros, com o cuidado que precisavam ter para avançar. Um pé torcido seria um desastre.

Perguntou-se se alguém podia estar fazendo busca com cães. A floresta perto do canil estaria repleta do cheiro dele, os campos tão riscados com camadas de trilhas de seu trabalho diário normal que só o mais genuíno e experiente cão de caça teria alguma chance. E a cada hora que passava a trilha deles se misturava mais a toda aquela variedade. Havia também a questão de onde encontrar cães de caça. Os cachorros sawtelle seriam inúteis. Farejar uma trilha era uma arte para a qual eles não haviam sido adestrados. Ele podia ouvir sua mãe rindo da ideia; ela diria a

qualquer um que sugerisse isso que seria o mesmo que usar vacas para farejar.

Mas, longe do canil, tudo mudava. O cheiro deles seria indisfarçável, nítido, e os quatro juntos estavam deixando um rastro olfativo de quase dois quilômetros de largura, tão óbvio para um cão de caça quanto se o chão estivesse em chamas. O único jeito de interromper essa trilha seria entrar num veículo, mas pegar carona com três cachorros era o mesmo que ir direto para a delegacia do xerife em Mellen. Essa era mais uma razão para evitar as estradas.

Estava pensando nesse problema, revirando na cabeça e planejando alternativas, quando viu entre as árvores o sol refletindo na água. O fim da tarde tinha ficado fresco e o vento acalmara. Quando alcançaram a água (era um lago), seguiram por uma pequena península de junças e paineiras-do-brejo. A linha da água era irregular e densamente arborizada. Ele procurou cabanas, mas tudo o que viu foram pinheiros formando uma linha serrilhada contra o céu e pássaros mergulhando sobre o lago, à cata de insetos. Mosquitos, desejou fervorosamente. Os cachorros foram até a beira da água. Como nunca tinham estado em lagos, recuavam e pulavam com as ondinhas que banhavam suas patas.

Teriam de dar volta ao lago de um lado ou de outro. Como podia ver a maior parte da linha da água para o norte, escolheu essa direção. Ao entardecer, encontraram uma tartaruga-mordedora do tamanho de um prato de jantar marchando para a água. Os cachorros se juntaram em torno dela, recuando quando ela virava a cabeça rombuda, maxilares abertos, chiando. Ele correu e espantou-os, lembrando das histórias que tinha ouvido sobre mandíbulas de tartarugas travadas naquilo que mordiam mesmo depois de suas cabeças serem cortadas fora. Manteve os pés bem distantes da coisa. Não queria descobrir se as histórias eram verdadeiras.

Assim que os cachorros abandonaram a tartaruga, Tinder virou-se e voltou por onde tinha vindo, depois começou a ganir e a cavar. Um momento depois, os outros cachorros juntaram-se a ele, e voou terra pelo ar. Estavam engolindo os ovos da tartaruga, os dentes trincando ruidosamente, quando Edgar se aproximou. Ele passou pelos cachorros e pegou um ovo. Era frio e macio, do tamanho e da textura de uma rígida bola de pingue-pongue. Ao olhar para o ovo, sentiu o estômago revirar-se. Antes que ficasse com a boca ainda mais cheia de água, pegou mais três ovos da pilha que diminuía rapidamente e limpou a terra deles. Quando Baboo levantou a cabeça, ele lhe jogou um. O cachorro o pegou no ar. Edgar enfiou os outros três no bolso da camisa.

Incomodou-se de vê-los comendo daquele jeito, mas não tinha nada melhor

a oferecer. Quando eles não conseguiram encontrar mais nenhum ovo, ele bateu na perna e se virou a fim de escolher um lugar para dormir enquanto ainda havia alguma luz. Escolheu um ponto debaixo de um grupo de freixos perto da água. O céu no alto estava azul-cobalto profundo. De repente, Edgar estava exausto. Foram os quatro até o lago, deixou que eles bebessem, tirou os sapatos, enrolou a calça jeans e entrou na água. Seus pés agitaram o limo na água e ele teve de avançar bastante, equilibrando-se, para colher alguma água limpa. Mesmo assim, tinha gosto de algas e lodo, deixava resíduo entre os dentes. Bebeu de novo.

Levou os cachorros de volta, com sapatos e meias na mão. Eles se enrodilharam imediatamente. Tentou deitar entre eles, mas uma pedra cutucou-lhe as costelas. Sua roupa tinha secado durante o dia, porém sentiu-a sebosa e frouxa, e o estômago chacoalhava, cheio de água. Achou que ia sentir náusea se pensasse no gosto. A fome o revirava por dentro. Levantou-se, procurou uma posição melhor, embora só conseguisse abraçar Essay. Baboo se pôs de pé, grunhindo como se dissesse, ah, tudo bem, e mudou de lugar, deu duas voltas em torno de si e acomodou-se com o focinho junto ao rosto de Edgar. Logo depois, Tinder fez o mesmo.

ACORDOU EM ALGUM MOMENTO durante a noite. Os cachorros estavam encolhidos em torno dele, num círculo de sono, e em algum lugar um rouxinol cantava: Old Sam Peabody Peabody . Não importa o que o tivesse acordado, era em seu sonho. E então ele se lembrou. Estava flutuando acima da escada da oficina. E estava caindo, caindo...

AMANHECER. ALGAZARRA E CHILREIOS de passarinhos, como se a luz do sol os tivesse incendiado. Os cachorros se espreguiçaram onde estavam. Na mesma hora ele pensou em comida: sentia a barriga dura e um gosto metálico recobria-lhe os dentes, como se os minerais do solo tivessem se impregnado nele. Quando se sentou, os cachorros estavam fuçando a vegetação rasteira. Ele os chamou, um de cada vez, e apalpou à procura de picões e carrapichos, começando pelo rabo e indo na direção da cabeça.

Eles ficavam mordendo as patas dianteiras, como se estivessem puxando grãos de uma espiga de milho enquanto ele trabalhava. De vez em quando, pressionavam o focinho nas mãos dele, protestando contra algum puxão ou beliscão. Então ele os colocou em posição de fica , andou com cada um deles e

trotou de volta. Depois liberou-os. Quando voltaram, ele pôs a mão no bolso da camisa e de lá tirou um ovo de tartaruga. Tinder primeiro, depois Baboo. Essay ficou por último — uma vã tentativa de lhe ensinar um pouco de paciência. Tendo visto os outros ganharem suas recompensas, ela foi voando para cima dele através da floresta no instante que ele moveu as mãos.

Depois, partiram de novo, mantendo o lago à esquerda. O mato era esparso, comparado com a viagem do dia anterior, e eles avançavam depressa. O ar da manhã estava cheio de umidade e a relva soltava pingos de água que brilhavam no pelo dos cães. Depois de terem percorrido metade do lago, ele viu a água projetando-se para o sul, em um curso acidentado.

Estava preocupado com o problema da comida, quando vislumbrou a primeira cabana. Não se sentiu mais tranquilo ao vê-la. Imobilizou os cachorros e avançou, até entender que ela possivelmente não estava ocupada. Saíram juntos das moitas para inspecioná-la. A cabaninha havia desmoronado muitos anos antes. Se um dia havia sido pintada, a pintura fora lavada e absorvida pela terra, e agora só o vermelho brilhante das telhas de madeira não ficara cinzento. Uma cadeira de dobrar estropiada era só o que restava da rústica varanda da frente, soltando flocos de tinta cor de mostarda seca à medida que a ferrugem abria caminho por baixo. Dentro, era uma catástrofe de madeira compensada, molas de cama cheias de musgo e vastas teias de aranha penduradas entre as vigas como velas de barco.

A coisa toda ocupava um terreno não maior que uma barraca de bom tamanho, com três metros de extensão. Os cachorros circularam, meteram os focinhos em fendas e cantinhos até ele os chamar, temendo ratos e cobras.

Uma hora depois, chegaram a um lugar à beira da água em que o mato emaranhado cedia espaço a uma pequena faixa de areia grossa com o formato de lua crescente. Mais adiante, juncos brotavam da superfície prateada. Ele tirou a roupa, separou os cachorros e entrou no lago. A água era marrom de tanino. Ele estava coberto de picadas de mosquitos e o abraço frio do líquido abrandou a coceira. Olhou para baixo e viu uma pescada passando entre seus joelhos. Os cachorros olhavam, abanando o rabo, mas não entravam na água.

Ele saiu nu, com água pelos joelhos, jogando água nos cachorros. Eles correram para longe e voltaram, de orelhas caídas, agachando-se e dando saltos para escapar da água, lembrando, talvez, das brincadeiras que faziam no quintal com a mangueira de regar. Uma parte de Edgar se alegrou por ter encontrado alguma coisa que divertisse os cachorros, mas ele logo parou. Não sentia nada além de

melancolia, e a brincadeira parecia falsa, um faz de conta de que tudo ia ficar bem. Além disso, começou a se preocupar em estar trabalhando com eles. Não era certo, não enquanto eles não ganhassem comida de verdade.

Eles já pareciam mais magros, embora provavelmente fosse imaginação. Estavam um pouco agitados demais , a fome os deixava elétricos. Ficaram ofegando e observando enquanto ele enxugava a água das pernas. Em dois ou três minutos o sol o havia secado o bastante para se vestir. Dessa vez, sacudiu a calça e olhou por dentro das pernas, depois bateu os sapatos na mão sem pensar duas vezes.

A PRÓXIMA CABANA PARECEU mais promissora. A pintura era de um verde ordinário, porém sólida e bem conservada. Uma chaminé galvanizada se projetava além do telhado inclinado. De cada lado da porta havia duas pequenas janelas, bem altas, afastadas do chão. A cabana estava tão arrumada, na verdade, que ele ficou algum tempo olhando antes de ter certeza de que não estava ocupada. Mesmo assim ficou arrepiado ao se aproximar.

A porta estava trancada com um cadeado que passava por um sólido fecho de metal. O cadeado havia sido lambuzado de graxa e embrulhado num saco plástico, provavelmente para protegê-lo das intempéries. Ele virou o trinco e deu uns empurrões fortes. Depois recuou, saiu correndo e atirou-se contra a porta. Ele quicou. Tentou de novo. A cabana sacudiu, mas a porta não se mexeu na moldura. E o ombro começou a doer.

Os cachorros olhavam, cabeças de lado.

Dá certo na televisão, ele sinalizou. Sem comentários, por favor. Olhou a janela de novo. Eram basculantes de três painéis, com dobradiças na parte de cima, instaladas a quase dois metros do chão. Dá para passar, pensou, e era fácil quebrar o vidro, mas parecia pouco provável que conseguisse deslizar por elas sem se cortar todo. E enquanto se atirava contra a porta, ocorreu-lhe que o melhor seria entrar sem dar na vista.

Procurou um galho ou alguma coisa que pudesse lhe servir de apoio para subir até a janela e ver se valia a pena quebrá-la e entrar por ela, mas não encontrou nada útil. Procurou um lugar provável onde podia estar escondida a chave. Nada de novo.

Foi para a frente da cabana e olhou para os cachorros.

Vamos voltar para buscar aquela cadeira, sinalizou, e partiu na direção de onde tinham vindo.

NÃO SE DERA CONTA DO QUANTO era preciso voltar. Levou mais de uma hora até ver de novo as telhas vermelhas. Pegou um pauzinho e removeu as teias da aranha da cadeira, depois, tirou-a da varanda. Meia dúzia de aranhas saíram de suas pernas como de frutas podres. As correias trançadas que um dia formaram o assento não passavam de farrapos marrons pendurados, mas a estrutura em si parecia sólida, mesmo que enferrujada. Baboo farejou tudo, curioso. Essay e Tinder ficaram embaixo. Os três cachorros mantiveram os focinhos no chão durante a volta, sem dúvida à espera de mais ovos de tartaruga. Mais de uma vez saíram correndo atrás de esquilos que brincavam no mato até entenderem que era perda de tempo. Agora mostravam desânimo, e ele sentiu uma pontada de ansiedade no peito.

Quando, na volta, passaram pela pequena praia, ele estava tão ansioso que começou a correr. Colocou a estrutura da cadeira debaixo de uma das janelas e estava a ponto de levantar o corpo quando controlou o impulso e resolveu primeiro experimentar a cadeira. Apoiou o traseiro no braço. Uma das pernas da cadeira se amassou como um canudinho de refresco. Edgar olhou aquilo, surpreso, depois virou a cadeira e apertou com ambas as mãos a junção entre as costas e o assento. Satisfeito, subiu na estrutura e pôs as pontas dos dedos no peitoril da janela.

Durante a caminhada de volta, ele se permitira imaginar que um pescador devia ter equipado uma cabana tão bem-conservada com todo tipo de comidas em lata e equipamentos, mas o que ele viu pela janela revelou apenas uma cama de dobrar nua encostada a uma parede de compensado, uma lareira pré-fabricada na base da chaminé galvanizada, um pequeno fogão de querosene e um lampião. Não havia por que entrar; era evidente que não encontraria comida, e, mesmo que o lampião tivesse combustível, o que ele duvidava, queimaria apenas por algumas horas. O fogão de acampamento era pesado demais para carregar.

Saltou para o chão. Sentou ao lado da cadeira estropiada e puniu-se. Um bom pescador jamais deixaria comida para atrair animais. Era o que devia ter imaginado, mas em vez disso alimentara uma fantasia. Haviam desperdiçado boa parte do dia numa atividade sem sentido. Estava com tanta fome que sentia espasmos nas entranhas. Sua boca tinha ficado cheia d"água assim que vira a cabana. Havia lido em algum lugar que uma pessoa pode viver um mês sem comida,

só que aquilo lhe parecia impossível. Talvez, se a pessoa ficasse sentada num lugar sem fazer nada, mas não se ela estivesse atravessando quilômetros de mata fechada.

Era demais. Com tudo o que tinha acontecido no canil, e agora a fome, a preocupação com os cachorros, e de repente sem Almondine a seu lado, a sensação era de que algum órgão havia sido arrancado de suas entranhas. Apertou os joelhos contra o peito e deitou-se de lado. Achou que ia chorar, mas em vez disso sua cabeça se esvaziou e ficou olhando as raízes e as folhas do chão da floresta, ouvindo o ruído distante dos cachorros andando pelo mato. Ficou assim um longo tempo. Por fim, os cachorros voltaram: Baboo primeiro, depois Tinder e Essay. Ofegantes, lamberam o rosto dele, esticaram-se em volta dele, grunhindo, suspirando e, por fim, adormeceram.

SEU MAL-ESTAR NÃO TINHA passado inteiramente, mas havia melhorado. Sentou-se e olhou em torno. A distância, um avião teco-teco zumbiu. Um bando de pequenos pássaros pretos com bicos de obsidiana cacarejaram alertas uns para os outros nos galhos mais baixos das árvores. Obrigou-se a se levantar, e os cachorros se juntaram em torno dele, tocando os focinhos em sua mão, querendo comida. Ele se ajoelhou e acariciou a parte alta do pescoço deles.

Não tenho nada, sinalizou. Desculpem. Nem sei quando vou ter.

Andaram pela margem do lago. Numa clareira, descobriu um solitário mirtilo maduro pendurado em um arbusto. Ainda não era época deles, no entanto estava ali. Não achou que fosse beladona venenosa, mas virou as folhas para verificar. A moita de mirtilo se espalhava por um círculo de uns dez metros e ele colheu ali um único punhado de frutas maduras. Experimentou uma, depois agachou-se e estendeu-as. Os cachorros farejaram o tesouro e se afastaram. Não, experimentem, ele sinalizou. Voltem. Mas eles não voltaram. Assim que ele engoliu os mirtilos, seu estômago começou a se retorcer. Por um momento, chegou a pensar que ia vomitar, mas não vomitou.

Ao anoitecer, escolheu um lugar para dormir debaixo de um grupo de bordos. Estavam acomodados e meio adormecidos quando um zumbido alto e agudo encheu a copa das árvores e depois mergulhou na direção deles; começando a infernizá-los. Quando olhou o braço, estava coberto por uma massa cinzenta e ondulante. Passou a mão do cotovelo ao pulso, deixando para trás uma massa de sangue e mosquitos esmagados. Logo depois, uma nova e feroz camada apareceu naquela superfície viscosa. Mosquitos começaram a entrar em suas narinas e

orelhas. Os cachorros pulavam, abocanhavam o ar, e Edgar agitava os braços, estapeava o pescoço e o rosto, até que por fim saíram correndo e correndo, os cachorros desaparecendo na frente, na penumbra.

Depois de algum tempo, parou, ofegante e desorientado. O chão da floresta estava coberto com uma camada de agulhas de pinheiro grossa o suficiente para cobrir o mato. Tremendo, ficou à espreita dos mosquitos. Uma nuvem deles tinha ficado à espera no dossel da floresta e ele e os cachorros tinham voluntariamente se deitado ali embaixo. Nunca tinha ouvido falar de uma coisa daquelas. Os cachorros vieram trotando do crepúsculo e fizeram a cama sobre as agulhas de pinheiro. Ele ficou olhando a copa das árvores. Estava com fome, cansado, desanimado e agora humilhado. O estômago dos cachorros roncava quando se deitaram em torno dele.

Afinal, iam ter de procurar uma estrada, pensou, senão morreriam de fome.

No terceiro dia, ele não parou de fazer as contas: os cachorros não comiam nada além de ovos de tartaruga havia dois dias. Ele comera talvez trinta mirtilos. Num certo momento, disse a si mesmo que não era nenhuma tragédia ter perdido seis refeições. No momento seguinte, seu estômago pulsou e contraiu. Havia esquilos e pássaros por toda parte, mas ele não fazia ideia de como caçá-los. Os lagos, provavelmente, estavam transbordando de peixes, porém ele não tinha nem um centímetro de linha de pesca, muito menos anzol.

Meia hora depois de chegarem à estrada ouviram um gemido de pneus no asfalto. Por trás do tronco de um bálsamo acompanharam uma procissão irregular de carros, depois se esgueiraram pelo aterro e correram para a floresta do lado oposto. Começaram a seguir a estrada como haviam seguido a linha d"água do lago no dia anterior, mantendo-se bem escondidos na floresta. Por duas vezes, regatos fundos demais ou pantanosos forçaram-nos a voltar à estrada e esperar, para atravessar correndo uma ponte e poderem continuar.

À tarde, chegaram a um campo de cárex e cereja-negra de uns quatrocentos metros de largura por várias centenas de metros de comprimento. Na metade da linha de árvores Edgar parou e olhou a estrada. De um lado, estariam expostos se atravessassem ali, mas, de outro, ele estava começando a se cansar, e aquele era um atalho significativo. A relva era alta o suficiente para esconder os cachorros. Ele podia se abaixar se aparecesse um carro. Estavam na metade da travessia quando algo chilreou no meio da relva. Tinder foi atrás, e os outros cachorros atrás de Tinder. Edgar alcançou-os enquanto dançavam em torno da entrada de uma toca. Na estrada, um carro se aproximava. Ele ficou de cócoras e esperou.

Por algum tempo, o ronco distante de um pequeno avião vinha crescendo e diminuindo; quando começou a crescer de novo, ele esticou o pescoço e olhou para cima. Não viu nada contra o céu azul. O ronco ficou mais alto e ainda mais alto. No momento em que o carro passou, ele bateu palmas para liberar os cachorros de sua imobilidade e saiu correndo. Quando mergulhou entre as bétulas do lado oposto da clareira, dava quase para ouvir cada cilindro do motor do avião. Os cachorros tinham ficado junto dele como sempre e ele os escondeu debaixo de um corniso. Quando o avião passou, estava tão baixo que ele conseguiu ver o escudo do Serviço Florestal.

Idiota, pensou. Era para você ficar na floresta.

Ficaram escondidos por quase uma hora, acompanhando o som do avião, que seguia para o norte e para o sul em sua rota de busca. Depois que colocou os cachorros em movimento outra vez, manteve-os estritamente sob a copa das árvores, circundando até as menores clareiras. No meio da tarde, chegaram a uma estrada de cascalho que corria paralelamente a uma floresta de pinheiros. Havia cabos de força esticados nos postes tratados com creosoto. Algumas centenas de metros a oeste, a estrada cruzava o asfalto. Eles voltaram na direção oposta, conservando-se dentro da floresta. Os cachorros tinham começado a balançar baixo os rabos, irritados e perigosos. Setenta horas, dizia a parte de seu cérebro que fazia cálculos. Um ovo de tartaruga a cada quatro horas. Um mirtilo por hora para ele. Meio mirtilo.

Viram uma perua passar roncando, seguida de uma trilha de poeira marrom. Foram para a linha de árvores. Adiante, onde a estrada fazia uma curva, viram a primeira cabana e o lago brilhando atrás dela. Depois, todas as outras cabanas aninhadas entre as árvores. Postes com refletores delimitando as entradas. Por cima do ruído das ondas batendo na beira do lago ele ouviu o estralejar de um barco a motor e o grito dos maçaricos e gaivotas do lago.

A perua tinha feito a curva e seguido em frente. Ele conduziu os cachorros até chegarem à cabana mais próxima. Nenhum carro na entrada de grama. Os cachorros sabiam que alguma coisa estava acontecendo e giravam, cutucavam-se uns aos outros com o focinho e saltavam, excitados.

Deita , ele sinalizou. Eles ganiram, mas obedeceram, um após o outro.

Fica , ele sinalizou. Fica .

Já havia desenvolvido um mau costume, pensou. Repetir comandos era ruim.

Não confiar neles era pior. Esforçou-se para não repetir a ordem de fica uma terceira vez, saiu para a estrada e olhou para trás. Os cachorros ficaram resfolegando na sombra da floresta, olhando para ele. Edgar virou e seguiu o caminho de entrada da cabana, tentando dar a impressão que era dali.

Aquilo não era um barracão de pescador. Uma parte da janela tinha sido levantada. Cortinas inflavam sob a brisa por trás da tela. Debaixo da janela, uma mesa de fórmica coberta com jornais dobrados e correspondência espalhada. Vacas de cerâmica com as letras S e P se cumprimentavam. Atrás, ele viu uma cozinha cheia de armários, uma geladeira e um fogão. O balcão estava coalhado de pacotes de celofane. Biscoitos. Batatas fritas. Pães.

As mãos tremiam. Tentou a porta da frente, mas estava trancada. Voltou à janela. Nos fundos da cabana havia uma porta de tela, trancada com um colchete. Ele sacudiu a porta. O colchete não cedeu.

Virou-se para olhar em torno. Ninguém tomava sol na praia. Ninguém mergulhava da doca. Ele andou rápido até a floresta ali perto e voltou com uma vara curta e achatada. Abriu um buraco na altura da barra central da porta, por intermédio do qual conseguiu passar o braço, levantar o colchete e abrir a porta. Passou por cima da confusão de brinquedos no chão da sala e foi para a cozinha, abrindo os armários. Latas de SpaghettiOs e de feijão com carne de porco em fileiras organizadas ao lado de Macaroni com queijo Kraft, milho para pipoca, pães de cachorro-quente, pães. Numa geladeira encontrou salsichas, ketchup, mostarda, condimentos. Duas embalagens de meia dúzia de cerveja.

Agarrou todas as salsichas, depois, pensando melhor, devolveu um pacote. Separou as latas de SpaghettiO e feijão com carne de porco. Vasculhou as gavetas e enfiou um abridor de latas no bolso de trás. Depois perdeu a paciência. Recolheu a pilhagem e estava indo para a porta de trás quando algo na mesa de fórmica chamou sua atenção. A pimenteira em formato de vaquinha estava em cima de uma página mimeografada com um título em grandes letras azuis.

Só conseguia ler a primeira metade: DESA .

Desajeitado, pôs a comida em cima da mesa e puxou a folha sob o jornal. O odor agradável do fluido de mimeógrafo subiu do papel. Havia uma foto mal reproduzida do anuário escolar e embaixo um texto curto:

DESAPARECIDO

Edgar Sawtelle desapareceu no dia 18 de junho. Idade: catorze anos, altura

um metro e sessenta e cinco, cabelo preto. O rapaz não fala, porém pode se comunicar por escrito e com linguagem de sinais. Pode estar acompanhado de um ou mais cachorros. Visto pela última vez próximo a Mellen usando calça jeans, tênis e camisa de manga curta xadrez vermelho e marrom...

Antes que pudesse terminar de ler, ouviu latidos vindos da floresta. Enfiou o papel no bolso e recolheu as latas de comida e as salsichas. Lá fora, teve de largar tudo no chão outra vez para enfiar o braço pela tela rasgada e encaixar o gancho na alça. Depois, fez o que pôde para ajeitar a tela, recolheu a comida e atravessou correndo a estrada de cascalho.

Essay estava esperando poucos metros além do limiar da floresta, Tinder e Baboo não muito mais longe. Severamente, ele colocou todos em posição de fica , depois virou-se e lutou com o abridor de latas. Despejou o SpaghettiO em três pilhas bem separadas. Os cachorros gemeram. Ele sinalizou liberação, eles deram um pulo e o SpaghettiO sumiu , mas ele já estava rasgando o pacote de salsichas, enfiou uma na boca e estendeu as outras para os cachorros.

Então, caiu em si. Tinha lido em algum lugar que pessoas que tentavam comer depois de passar longos períodos sem se alimentar vomitavam, embora ele não sentisse esse tipo de perigo em si mesmo, e sim apenas uma sensação reconfortante no estômago. Provavelmente, esse conselho tinha sido escrito por alguém que conseguira sobreviver um mês sem comida. Eles tinham aguentado três dias. Mas seria tolice não esperar alguns minutos, só para ter certeza. Os cachorros ficaram lambendo o chão onde o SpaghettiO tinha estado por tão pouco tempo, enquanto Edgar contava cem respirações. As salsichas eram salgadas. Elas o deixaram com sede, mas tudo bem. Tudo muito bem.

Pegou o que restava da comida e retirou-se para uma clareira longe da vista das cabanas. Era o lugar mais agradável que ele via fazia dias. Sentou-se de pernas cruzadas com os cachorros reunidos em torno dele, olhando fixamente, e, como um mágico fazendo um truque com as mãos, começou a enfiar o abridor na lata de feijão com carne de porco.

Piratas

JÁ ESTAVAM EM MOVIMENTO HAVIA DEZ DIAS, TALVEZ MAIS (Edgar tinha começado a perder a conta), e durante esse tempo acomodaram-se a um novo jeito de estar juntos. Ele não tinha equipamento com ele, nem guia, nem coleira, nem fios longos, nem aros no chão, nenhum dos meios de que dispunham no canil para resolver o que era importante: o jeito de parar e começar, quando ficar perto e quando sair para explorar, como esperar uns aos outros. Ele tinha poucas recompensas para dar, alguns dias nem mesmo comida, embora isso acontecesse com menos frequência que na primeira semana, depois que aprenderam a tirar proveito das cabanas. E assim, por necessidade, ele começara a observar os cachorros mais de perto, a parar mais vezes, a tocá-los com maior carinho e mais cuidado do que nunca.

E os cachorros, por sua vez, descobriram que se esperassem quando ele os punha na posição de fica e desaparecia dentro de uma cabana, ele sempre voltava. Juntos praticaram novas habilidades que ele inventou. Havia muito tinham entendido o que se esperava deles com uma ordem de fica , fosse no pátio de treinamento, fosse na cidade; agora Edgar ordenava o fica numa clareira da floresta quando estavam cansados, pica-paus batucavam no chão em busca de emboás, esquilos os provocavam ou uma pedra voava por cima da cabeça deles, indo se chocar contra as folhas mortas. Várias vezes por dia ele encontrava um lugar adequado, protegido pelo sumagre ou pelas samambaias, e os colocava em guarda diante de alguma coisa pequena: um graveto que levava na mão de manhã, digamos, ou um trapo. Depois entrava na floresta, tomando cuidado para não forçá-los além da medida, uma vez que não tinha como aplicar-lhes corretivos. Em seguida, amarrava um pedaço de linha de pesca na coisa a ser guardada e pedia a eles que se mexessem só quando ela se mexesse, fazendo-lhe um cerco. Quando entendiam isso direito, ele corria de novo para o meio dos cães sinalizando podem sair! e jogando-se sobre eles para rolarem e brincarem, lançando a coisa para cada um deles pegar, tomando cuidado para que de algum jeito cada um recebesse o que ele havia aprendido que era o maior prazer para aquele cão.

Edgar entendeu também que cada um deles tinha limites diferentes de

paciência. Quando sob a ordem de fica , Baboo permanecia tão imóvel como as colinas e tendia a adormecer. Essay, sempre alerta, dos três era a que mais ficava tentada pelo ruído de uma pedra jogada entre as samambaias. E Tinder, tão disposto a ficar quanto disparar, por duas vezes havia saltado quando Essay interrompera seu fica , lambera o focinho dela e a convencera a permanecer sentada.

Pouco a pouco, eles concordaram que sair correndo era tão importante quanto ficar. Depois de algum tempo, Edgar podia pedir que eles encontrassem um ponto em outro lugar para esperar. Inicialmente, os cães se aventuraram apenas alguns metros; depois, correram até não poderem mais ser vistos. Eles concordaram que era importante não latir quando precisavam da atenção de Edgar ou quando estavam excitados. Treinavam essas coisas muitas vezes por dia, sempre que cansavam de caminhar pelo mato. Ele começou a associar a ideia de sair correndo com a de guardar; colocava a coisa a ser guardada no chão e afastava os cachorros dela; depois os fazia voltar, observar, correr com ela quando era puxada pela linha por entre as folhas mortas. Ele passava longas horas da noite explorando a pelagem deles para remover carrapatos e carrapichos. Verificava as patas umas cem vezes por dia.

Edgar precisou fazer concessões de que rumo tomar, por uma questão de sobrevivência. Só podiam avançar o quanto a comida permitisse. De que adiantava dispararem para o norte se iam morrer de fome no meio do caminho de qualquer lugar que tencionasse atingir? Precisavam escolher uma rota que os mantivesse escondidos e onde pudessem obter comida. Isso significava um ritmo mais lento e uma rota mais tortuosa do que ele imaginara.

Virou um perito ladrão de cabanas de férias e barracões de pesca. De manhã, enquanto os campistas fritavam bacon e viravam suas panquecas, ele e os cachorros permaneciam no meio do mato; mais tarde, essas mesmas cabanas ficavam vazias, prontas para o saque. Ele aprendeu a entrar sem arrombar e sempre ia embora levando o suficiente para não ser notado. Levava poucas ferramentas e nenhuma que pudesse atrapalhá-lo. Um abridor de latas e um canivete e, depois, quando a dieta alimentar começou a fazer com que sentisse os dentes e gengivas escorregadios, uma escova de dentes. Uma vara de pesca com carretilha, tamanho infantil, pequena o suficiente para levar pela floresta. Uma mochila de pescador com um flutuador e alguns anzóis presos num pedaço de papelão. Com um pouco de habilidade, ele provia para todos; percas principalmente, mas, às vezes, um labro ou uma lampreia-de-rio também. Muitas noites foram dormir com fome, porém

quase nunca em jejum. As cabanas forneciam bolos Twinkies, conservas Suzie—Q"s e rocambole Ho Hos aos punhados, patê de presunto, tortas de creme, flocos de milho e manteiga de amendoim para comer direto das latas, punhados de cereais matinais Wheaties e Cap"n Crunch, acompanhados de refrigerante e de uma infinita procissão de salsichas, salame, sardinhas e ba rras de chocolate Hershey"s. De vez em quando, encontrava ração para cães, que os cachorros devoravam de sua mão como se fosse a mais preciosa iguaria.

E ele roubou um repelente, aquele bálsamo de paz e contentamento, aquela ambrosia para a pele. Celestial, maravilhoso, miraculoso, principalmente aquele do tipo Floresta Profunda, cujo aroma amargo e gordurosa viscosidade passaram a significar uma coisa tão essencial quanto comida ou água: um dia imune às moscas, uma noite a salvo dos mosquitos. Ele roubava isso de todas as cabanas que invadia, sempre sem remorso. Onde quer que passassem mais de um dia, ele juntava dois ou três frascos de aerossol branco e laranja e uma porção de sabonete líquido Bactine também.

Dias chuvosos eram difíceis. Às vezes, não havia abrigo melhor do que a base de um pinheiro grosso, e se o vento soprava não havia abrigo nenhum. As noites chuvosas eram uma tortura: grandes tempestades angustiantes, com raios explodindo por toda parte. Se olhava a chuva agitada tempo demais, acabava encolhido e alheio, porque, se não havia nenhuma figura para ver nos pingos de água que caíam, ele se sentia abandonado, e se via alguma coisa, uma forma, um movimento, gritava em silêncio, apesar da determinação em contrário.

Outros cachorros eram um problema, cachorros idiotas que, ao sentirem o cheiro deles, trotavam para a floresta, ignorando os gritos de seus donos de volte aqui, venha cá, vamos brincar... Alguns rodavam como palhaços, outros, em busca de confusão, como franco-atiradores. Baboo, principalmente, se ofendia e liderava seus irmãos em ataques selvagens, ignorando os protestos de Edgar, até os invasores fugirem uivando.

Vagavam de lago em lago, como pedras no meio de um córrego, seguindo para oeste pelo Chequamegon. Às vezes, Edgar descobria o nome dos lagos nos folhetos que encontrava nas cabanas: Phoebus, Duckhead, Yellow, mas geralmente era apenas O Lago. Sem mapas, eles se viam limitados pelos pântanos e forçados a retroceder. Os cachorros já tinham virado peritos em encontrar ovos de tartaruga; um ou outro de repente achava uma trilha, corria numa tangente e começava a cavar. Os ovos amadureciam e ficavam cada vez mais nojentos, aparentemente na

mesma proporção da sua disponibilidade. Mas Edgar ajudava a cavar e guardava alguns no bolso, para usar como recompensas posteriores. Ele marchava em meio aos juncos da linha da água até as rãs saltarem para os cachorros à espera, que investiam e mastigavam.

Roubava fósforos sempre que encontrava. Durante o dia, não faziam fogueiras, temendo os vigilantes florestais nas torres, mas à noite permitia-se uma fogueirinha pequena e traiçoeira para cozinhar, alimentando as chamas com os rolos de casca de bétula que pareciam papel. Depois de cobri-las com terra, ele e os cachorros dormiam ouvindo os ganidos e gemidos dos castores. Ao amanhecer, as mobelhas grasnavam.

O LAGO SE CHAMAVA SCOTIA e o feriado de Quatro de Julho trouxe tais multidões de campistas que Edgar e os cachorros foram forçados a se retirar para longe das cabanas e campings. Embora ele não pudesse ter certeza de que noite caía o Quatro de Julho, fogos de artifício espocaram por três noites seguidas. Ele transferiu os cachorros para perto do lago, numa floresta que ficava do outro lado da água, diante de um pequeno camping. Escolheu um lugar terra adentro e se preparava para acender uma pequena pirâmide de gravetos e cascas de bétula quando uma bateria de roucos assobios subiu do outro lado da água. Virou-se e viu trilhas vermelhas no ar, seguidas de três fortes explosões. Levou os cachorros até a água, seguiu uma ponta de terra ocupada por um bosque de pinheiros e sentou-se. O céu estava carregado de nuvens esculpidas, com estrelas brilhando nos interstícios. Uma dúzia de fogueiras ardia nos campings. Ele ouviu música, risadas e gritos de crianças. Entre os fogos e o lago corriam silhuetas, agitando fagulhas pelo ar. Um besouro de fogo deslizou pela praia, soltando faíscas e estalos.

Outra salva de foguetes se ergueu sobre a água. Uma fileira de fogos estralejou. Flores simples e duplas se abriram, grandes como luas, e em seguida choveram partículas vermelhas e azuis, os reflexos subindo na água para apagá-las no encontro. Os cachorros ficaram sentados, observando. Essay foi até a beira do lago para farejar o reflexo de uma chama, depois voltou e cutucou Edgar com o focinho pedindo explicação. Ele ficou sentado, olhando, e levantou a mão para segurar a barriga dela.

Em algum lugar, o rádio tocava uma música. Os campistas começaram a cantar, as vozes tremulando sobre a água. Um cachorro deu um uivo, seguido por um ataque de risos. O cachorro continuou, emitindo um som alto e forte. Depois

de algum tempo, Tinder levantou o focinho e uivou, respondendo. Essay se pôs de pé na mesma hora, lambendo o rosto dele. Como ele não parou, ela juntou-se a ele com seu próprio yike-yike-yow! e, então, Baboo completou o trio. Os cachorros do camping escutaram como se avaliassem uma proposta e depois uivaram de novo. Edgar sabia que devia detê-los, mas gostava do som. Estava solitário na floresta à noite, mais do que o normal, e não conseguiu resistir a algum contato, mesmo que tênue, com aquela gente e suas festividades. Os cachorros alternavam seus coros e os campistas riram e se juntaram a eles até todos, menos Edgar, estarem uivando para o céu.

Depois de algum tempo, os cachorros silenciaram e os campistas pararam. Por um momento, houve silêncio. Depois, das montanhas ao norte do lago, onde não havia cabanas nem fogueiras acesas, veio um grave uuuuuuuuuuuhr-uhr-uuuuh que terminava num latido agudo. Edgar reconheceu aquele uivo imediatamente, embora o tivesse ouvido no canil naquela única noite: um grito de tamanha solidão que levou o calor da noite de julho para as estrelas. Essay levantou-se, os pelos eriçados, depois Baboo e Tinder. Edgar pôs as mãos nas costas deles e orientou-os, andaram pelo cascalho exposto ao vento e esperaram. Um rajada de risos nervosos subiu do outro lado do lago. Então, lentamente, todos os sons da noite foram voltando: os passarinhos e os grilos, o chiar do vento nas árvores e, de mais longe, o trovejar dos raios e o chamado impressionante de corujas, rouxinóis e curiangos. Mas o uivo tinha vindo uma vez só, e não viria de novo.

NESSA NOITE, ELE SONHOU com Almondine, seu olhar inabalável procurando a resposta para alguma pergunta. Despertou no escuro. Quando voltou a dormir, lá estava ela outra vez. Acordou de manhã desolado e cansado, pensando nas coisas de que sentia falta. Sentia falta das tarefas matinais e da simplicidade do café da manhã na mesa. Sentia falta da televisão: o filme da tarde na WEAU. Da maciez do gramado. Logo depois, de Almondine, sentia falta de palavras : o som da voz de sua mãe, o Novo dicionário enciclopédico Webster da língua inglesa , ler e sinalizar coisas para os filhotes nos criadouros.

E acordou com fome. Pegou a vara de pesca e a mochila, chutou folhas em cima das brasas mortas da fogueira e seguiram a praia do lago até um ponto onde ele havia pescado no dia anterior. Da mochila tirou uma perna de meia de náilon feminina esfiapada, dobrou a calça jeans e entrou descalço no lago. Voltou com um punhado de peixinhos na rede improvisada. Minutos depois, puxou do lago um

vairão, limpou, deixou-o de lado para os cachorros, colocou outro vairão no anzol. Alimentou um cachorro de cada vez, tomando cuidado para que cada um recebesse sua parte. Removia as escamas e separava a carne, jogava fora as espinhas e, ao terminar, dava a cada um duas cabeças para levar e roer. Ele próprio não comia o peixe cru. Ao sul havia um chalé que ele uma vez invadira; se não conseguisse entrar lá agora, teria de esperar para assar seu peixe à noite.

Deixou a vara e a mochila, levou os cachorros. Quando estavam perto do chalé, colocou-os na posição de fica e avançou pelo meio do mato para olhar melhor. O chalé ficava perto do lago, no final de uma longa estrada de terra. Era pintado de vermelho vivo, com janelas bem-acabadas, brancas. Duas famílias carregavam coisas num carro. Ele voltou até os cachorros e esperou. Ouviu o ruído das vozes das crianças, as portas do carro batendo e um motor dando partida. Quando tudo voltou a ficar quieto, levou os cachorros adiante e deixou-os na posição de fica na borda da clareira.

Um segundo carro, um sedã marrom com a capota de couro, estava estacionado no jardim tomado pelas ervas daninhas. Não havia nenhum som no chalé, a não ser uma dupla de esquilos cinzentos pulando ruidosamente pelo telhado. Ele olhou por uma janela, depois bateu na porta. Como ninguém respondeu, abriu uma janela e subiu no peitoril. Minutos depois, esgueirou-se para fora, trazendo dois sanduíches de manteiga de amendoim, um pacote de bacon, uma barra de manteiga. Em um dos bolsos traseiros tinha uma barra de chocolate Hershey"s e no outro um frasco de repelente.

Estava passando pelo carro de novo quando se lembrou das chaves do carro que tinha visto brilhando no balcão dentro do chalé. Olhou pela janela do motorista, a marcha encravada no solo, um H entalhado na manopla. Não achava que soubesse dirigir aquilo, mas por um momento permitiu-se imaginar mesmo assim: ele sentado atrás da direção, correndo por uma autoestrada, as janelas abertas, Essay na frente, Baboo e Tinder atrás, a cabeça deles fora da janela na corrente de ar do verão.

E depois? Até onde poderia chegar com um carro roubado? Como iriam comprar gasolina? Onde iriam comer? Do jeito que as coisas iam, embora avançassem muito lentamente, pelo menos havia comida quase todos os dias. Com um carro, não haveria espera diante de chalés, nada furtivo. E o pior de tudo: pegar o carro destruiria a ilusão de que ele e os cachorros tinham desaparecido havia muito tempo. Fazia uma semana que o avião do Serviço Florestal não sobrevoava as

árvores. Ele não vira radiopatrulhas nas estradas desde aquele primeiro dia. Não havia mais folhetos nas cabanas. Mas alguém que rouba um carro existe. Pode ser perseguido, localizado, capturado. E mesmo que fossem por estradas secundárias (não que ele soubesse quais estradas secundárias seguir), os quatro seriam um espetáculo. Roubar um carro significava deixar a existência fantasmagórica e voltar para o mundo real.

Regressou até onde estavam os cachorros deitados, ofegando. Sentou-se e deu a eles tiras de bacon, espremeu a barra de manteiga em pedaços que eles podiam lamber em seu punho. Depois, eles o acossaram por seus sanduíches de manteiga de amendoim.

Sumam, sinalizou. Ele girava e girava, depois cedeu, partiu um cantinho para cada um, exigindo que fizessem alguma coisinha. Deitar. Ir buscar um graveto. Rolar e ficar de barriga para cima. Mas guardou a barra de Hershey"s pa ra si, quebrada, mole e derretida até virar pudim no calor de seu corpo. Depois que lambeu os dedos, partiu para um lugar onde pensava dormir.

OS QUATRO ESTAVAM ESCONDIDOS numa clareira perto do local de pesca. Edgar untou-se com repelente e começou a cochilar, os cachorros estendidos em volta dele como crocodilos. Nuvens dobravam-se e desdobravam-se acima das árvores. Ondas passavam pelos caniços à beira da água, hush, hush , e vozes impessoais se propagavam pela água: Mamãe, cadê aquela pá? Acho que eu falei para você não fazer isso! Risos. Um delicioso e prolongado scriiiiiii de um bebê. Vá encher isto no lago para mim. Portas de carro batendo; pratos tilintando, garrafas quebrando. Não, no carro, não .

Baboo gania e balançava a perna, sonhando com rato correndo pelos túneis da vegetação rasteira. Em seu sonho, ele havia se tornado do tamanho deles e os perseguia, hastes de grama passando depressa à medida que se deslocava, mas era de tamanho normal também, dentro e fora do túnel, grande e pequeno ao mesmo tempo. E a mesma coisa acontecia com os outros cachorros, recebendo a tarde quente no peito, exalando suspiros, sonhando e ouvindo o murmúrio das águas e o vento nas árvores.

No começo, os cachorros tinham pensado que haviam saído de casa para um passeio e logo voltariam. Agora, parecia que seu mundo tinha levantado âncora e que seu lar viajava com eles enquanto a terra girava sob seus pés. Córrego. Floresta. Margem de pântano. Lago. Lua. Vento. O sol agora esquentando-os através das

copas das árvores. No canil tinham dormido muitas vezes ao lado de Edgar: no depósito, no quarto da sua casa, até no pátio, mas nunca havia sido como nessas noites recentes, nunca encolhidos junto dele com tamanha intimidade que os movimentos dele os punha de pé a observá-lo, lutando contra alguma ameaça invisível. Arrepiava-lhes os pelos. Desciam a cabeça abaixo dos ombros, rosnavam e espiavam em torno. Tão vulnerável ele era com a pele azul ao luar, o braço dobrado sobre o rosto, o sangue pulsando debaixo da pele. Nesses momentos, só Essay se afastava, caçando no escuro.

Eles se preocupavam quando Edgar se afastava em busca de comida. Discutiam entre si. Ele foi embora. Ele vai voltar. E se ele não voltar, o que acontece? Ele volta. Muitas vezes, na ausência de Edgar, as árvores curvavam-se, com sua carga de pássaros e esquilos envolvidos em uma disputa encarniçada. Às vezes, ele voltava trazendo petiscos desconhecidos. Às vezes, vinha de mãos vazias, mas disposto a brincar.

Nessa tarde, eles tinham deixado de lado sua aflição. O lugar era conhecido. Não havia nada a fazer além de espantar as moscas e deixar o tempo passar. Edgar meio adormecido, ainda mais hipnotizado do que eles pelo sol da tarde. Ele não percebeu o cheiro que se infiltrou na clareira, não reagiu aos sons que, um após outro, os cachorros ouviram. Só quando se levantaram de um salto, Essay primeiro, depois Tinder e depois, num grande torvelinho de folhas, Baboo, foi que Edgar finalmente acordou, se pôs em pé e viu o que tinha acontecido.

QUANDO A MAIS NOVA das duas meninas chegou à clareira, ela e sua companheira tinham parado de falar havia muito tempo. Chegaram a um atalho aberto na floresta, que terminava num chalé vermelho. Um carro estava estacionado no mato, mas parecia não haver ninguém em casa. Elas seguiram pelo meio da floresta acompanhando a linha da água, procurando um trecho arenoso até que chegaram a uma ponta de terra pela qual a garota mais velha seguiu e sentou-se encostada a uma árvore, olhando os campings do outro lado da água. A garota mais nova vagou entre os caniços e as cárex. Encontrou uma sacola de pescador e uma vara de pescar para crianças encostada a uma árvore. Olhou em torno. Havia uma clareira na floresta, banhada pelo sol, e ela seguiu nessa direção, esperando localizar os botões brancos de três pétalas de trillium , sua flor predileta.

O rapaz já estava olhando para ela quando ela o viu. Ele estava parado do outro lado da clareira, alto e ágil, com grossas madeixas de cabelo caindo sobre a

testa e os olhos, tudo sugerindo juventude, embora no sol forte seu rosto parecesse marcado como o de um velho. Uma batida de coração depois, ela viu três animais parados em torno dele, um à frente e um de cada lado. Lobos , ela pensou, mas claro que não eram. Eram cachorros, pastores, talvez, embora não de nenhum tipo que ela conhecesse. A pelagem era castanho e preto e o rabo balançava próximo às patas traseiras. Mas o que mais a impressionou foi a serena imobilidade de seus corpos e principalmente o olhar, fixo nela e firme.

Então, o rapaz gesticulou e os cachorros saíram correndo pela clareira. Um saltou para dentro da floresta. Os outros dois partiram na direção dela numa linha reta, os ombros ondulando como de leões, as costas arqueando e esticando. Ela perdeu o fôlego diante daquilo. Quando olhou, o rapaz apontava para ela. Ele levou um dedo estendido aos lábios, depois estendeu a mão aberta com a palma virada para ela indicando com clareza que devia ficar quieta e parada.

Os dois cachorros que atravessaram a clareira pararam diante dela, à direita e à esquerda. Não pareciam hostis, mas também não pareciam inteiramente amistosos. Por instinto, ela recuou um passo e de trás dela veio um rosnado alarmante. Ela parou e virou a cabeça. O terceiro cachorro estava parado com o focinho na parte de trás de seu joelho. Farejou sua perna e olhou para ela. Quando ela pôs o pé de volta onde estava, os cachorros da frente chegaram mais perto, e isso a fez oscilar um pouco, como se estivesse acossada por uma prensa que aos poucos se fechava. Porém, assim que ela recuperou o equilíbrio e ficou imóvel, os cachorros recuaram de novo.

Ela olhou para o outro lado da clareira. O rapaz tinha sumido.

Agora, atrás dela, ouviu a voz da garota mais velha:

— Jess? Vamos embora. Jess?

A garota queria responder, mas não sabia o que os cachorros fariam se ela começasse a gritar. Além disso, havia algo fascinante no modo como eles a encaravam. Parados ao alcance de um braço. Tinha nítida impressão de que os cachorros queriam apenas mantê-la imóvel. E eram bonitos, com testas franzidas, cor de mel acima de olhos castanhos que brilhavam com uma excepcional sensação de... quê? Prontidão? Serena prontidão. Ela se perguntou o que aconteceria se falasse com eles. Eles avançariam e a tocariam?

Estava para testar essa ideia quando ouviu duas batidas de mãos firmes. Instantaneamente o cachorro da direita se afastou, pôs-se em movimento e

desapareceu entre os arbustos. Um momento depois, o cachorro atrás dela se virou e desapareceu também. Mas o terceiro cachorro não se mexeu. Ficou olhando para ela, depois avançou e, tremendo, farejou a barra de seu short. Ela estendeu a mão. O cachorro deu um passo atrás com uma expressão com um ar de culpa. Depois, ele também disparou. Ela esticou o pescoço para vê-lo correr, com tanta graça e segurança. A uns dez metros, os outros dois cachorros esperavam, ao lado do rapaz, que estava ajoelhado e gesticulando para atrair o último cachorro para perto de si. Quando o cão chegou, as mãos do rapaz deslizaram depressa pelas laterais do corpo dele e pelas pernas, como se estivesse verificando, por hábito, qualquer ferimento. A varinha de pesca que ela vira antes estava no chão ao lado dele e a mochila pendurada em seu ombro. Ele se pôs de pé. Os cachorros olharam para ela por cima dos flancos uma última vez, depois sumiram e o mato agitou-se e voltou ao seu lugar.

Ela expirou.

Devia ter ficado com medo, mas não fiquei , pensou. E estranhamente: Nunca mais vai me acontecer algo assim.

Esperou um pouco, soltou um grito e correu na direção do som da voz da outra garota.

ELE CONTINUOU EM MOVIMENTO até ficar tão escuro que não conseguia mais enxergar o caminho. Muito tempo atrás, na primeira noite de fuga, o céu estava claro e uma lua cheia brilhava bem em cima dele, mas agora a lua estava em quarto crescente. Escolheu um ponto junto a um grupo de pinheiros, amontoou agulhas, afastando os galhos resinosos. Fez os cachorros deitarem. Eles sabiam que iam ficar sem comida nem água esta noite e seguiu-se um coro de grunhidos e reclamações.

Quatro dias e meio no lago Scotia. Deviam estar indo para oeste norte, mas em vez disso tinham se demorado onde a comida era fácil, correndo o risco de serem vistos. Ele sabia que era um erro mesmo enquanto estavam ali. O uivo já tinha sido bem ruim na noite dos fogos, mas agora a garotinha loira o tinha visto muito bem, e visto melhor ainda os cachorros. Quando estavam fugindo da clareira, ele a ouvira gritar: — Diane! DIANE! Aqui! Ah, meu Deus! Você não vai acreditar!

Fosse quem fosse Diane, ela havia acreditado, sim. Acreditara e os pais dela iam acreditar, bem como o xerife do condado. Não havia nada a fazer senão se

afastar o mais depressa possível e manter distância das estradas: o velho plano. O único plano que tivera. Tinham percorrido uns três quilômetros talvez quando escureceu. Se apertassem o passo no dia seguinte, conseguiriam avançar mais uns cinco ou seis dentro da floresta.

Mas havia uma boa notícia, enfim. A vara de pescar, sendo uma coisa miúda, havia sobrevivido à corrida desabalada. Quando atravessaram a estrada da floresta, Edgar cortou o anzol e o prendeu na improvisada pasta de anzóis de papelão que guardava no bolso de trás. Depois, conseguiu passar pelas moitas com a vara enfiada debaixo do braço. A outra boa notícia era a perfeição com que os cachorros tinham interpretado o jogo de guarda. Fora adorável vê-los correr pelo sol na direção da garotinha. Parte de Edgar queria ficar e observá-los. Assim que eles a cercaram, qualquer movimento que fizesse, qualquer mudança, mesmo que fosse para reequilibrar o peso nas pernas, um deles a pressionaria a voltar ao lugar. E na hora de sair correndo eles se mantiveram por perto e quietos.

Essay deitou com a cabeça ao lado do joelho de Edgar. Ele ouviu o estômago dela roncar e começou a matemática de novo: a pé, marchando bem e tendo de procurar água e comida, podiam avançar quase cinco quilômetros por dia. Cerca de cento e cinquenta quilômetros num mês. Era começo de julho. Ele esperava que faltassem menos de duzentos quilômetros para a fronteira canadense.

Isso permitiria que chegassem onde queriam em meados de agosto.

Logo iria precisar de um mapa. Ainda estavam no Chequamegon, mas não por muito mais tempo, se mantivessem o ritmo.

NA MANHÃ SEGUINTE, uma névoa começou a cair, tão fina que se aglutinava em gotas no pelo dos cachorros. Ao meio-dia, a névoa se transformou em chuva, e quando um pinheiro de copa larga surgiu, se enfiaram debaixo dele para esperar o tempo melhorar. Meia hora depois, a chuva torrencial era ensurdecedora. Cortinas de água varriam tudo o que via ali, agachado. A água caía desordenadamente embaixo da árvore adotada; de repente, uma onda gelada descia em cascata pelo cone da árvore em cima das costas deles. Quando estava disposto a se molhar mais, Edgar enfiou a cabeça por baixo da parte baixa da árvore para procurar uma abertura nas nuvens. Os cachorros alternavam entre reclamações grunhidas e um semiadormecimento, trotando na chuva para urinar e voltando, sacudindo o corpo antes de entrar debaixo da copa, ou, às vezes, para incômodo de todos, debaixo dos galhos. O ar sob o pinheiro começou a cheirar a cachorro

molhado. Depois de algum tempo, Edgar não conseguia encontrar posição que fosse ao mesmo tempo confortável e seca. Seus ossos começaram a doer. Só Baboo mantinha-se sereno, cabeça sobre as patas, hipnotizado pela chuva que caía, às vezes rolando de costas para acompanhar os acontecimentos de cabeça para baixo.

Inicialmente, os pensamentos de Edgar foram práticos: precisavam continuar andando. Avaliou a própria fome para calcular como os cachorros podiam estar se sentindo. Tinha adquirido uma noção de quanto tempo podiam resistir. Pular um dia, pensou, os deixaria inquietos, mas não em perigo. Agora já estavam acostumados a sentir alguma fome. Na verdade, a não ser pelo desconforto, não havia nada especialmente ruim em passarem um dia sentados debaixo de uma árvore. Não tinham feito praticamente isso nos três últimos dias?

Mas alguma coisa em sua cabeça começou a deixá-lo inquieto à medida que o dia passava, alguma coisa em que ele não queria pensar. Pela primeira vez, desde que atravessara o córrego ao fundo de suas terras, sentia uma genuína saudade de casa e, uma vez iniciada, a ladainha de lembranças depressa tomou conta dele. Sua cama. O som dos degraus que rangiam. O cheiro do canil (e ficar debaixo daquela árvore, naquele tempo, o relembrava dele com cada vez mais força). A caminhonete. As macieiras, decerto carregadas de frutas verdes agora. Sua mãe, apesar do tumulto de emoções que a cercava dentro da mente dele. E a falta mais feroz que ele sentia era de Almondine. A imagem dela parecia acompanhada de um espasmo de pura infelicidade. Os cachorros que estavam com ele eram bons cães, cachorros incríveis, mas não eram Almondine, que percebia sua alma. Mesmo assim, continuava fazendo planos para ir cada vez mais longe dela, e não sabia se algum dia iria voltar. Não podia voltar. Sua última imagem dela era aquela postura desolada, deitada no chão da cozinha, a acompanhá-lo com os olhos quando ele a desprezou. Tinha ficado com o focinho muito grisalho no último ano. Houve tempo em que ela descia a escada na frente dele e o esperava lá embaixo; ultimamente, havia manhãs em que tentava se levantar e não conseguia, e ele a levantava pelos quartos traseiros e caminhava a seu lado enquanto ela descia cautelosamente a escada.

Mas o que ela perdera em agilidade ganhara em sensibilidade, em sua capacidade de enxergar dentro dele. Como ele havia esquecido disso? Como havia esquecido que nos meses depois da morte de seu pai só ela conseguia consolá-lo, comprimindo seu focinho nele no instante exato em que alguma espiral de desespero ia se romper? Como havia esquecido que alguns dias ela o havia salvado simplesmente por se encostar nele? Ela era o único outro ser no mundo que sentia

tanta falta de seu pai quanto ele, e ele a abandonara.

Como não entendera isso? Em que estava pensando?

Bastava fechar os olhos para sentir de novo as mãos de seu pai dentro dele, a certeza de que o coração de seu pai não estava prestes a parar. A lembrança era muito ofuscante, como a lembrança de nascer: algo que, se lembrado inteiramente, destruiria a pessoa. Ele não conseguia separar a imagem do pai caído no chão do canil, boca aberta, e aquela exalação final que Edgar pressionara para fora do corpo dele. Então pensou em Claude, na expressão de seu rosto quando Essay trotara até ele com a seringa na boca, e no dente-de-leão branco com a mancha de grama branca em torno. E pensou no doutor Papineau, olhos abertos e cabeça virada ao pé da escada da oficina.

Cambaleava pela chuva antes mesmo de ter consciência do que estava fazendo. Não importava em que direção viajava, mas apenas seguir em frente. Quando olhou para baixo, os cachorros estavam pulando a seu lado. A roupa molhada tinha esquentado com a temperatura de seu corpo, no entanto, a chuva lavou o calor. Atirou-se pelo meio das moitas, rasgando o mato fechado, caindo, levantando e correndo de novo. Pela primeira vez, desde que saíram de casa, apareceram campos de verdade. Duas vezes atravessaram estradas de cascalho: estranhas linhas contínuas de lama ferruginosa. Tudo passava por ele, carregava seus pensamentos. A chuva transformou-se num tamborilar sem sentido em sua pele, nem quente nem fria, e ele apreciava aquilo. Uma chuva de julho nunca os deteria. O perigo estava em ficar parado muito tempo. Encontravam agora muitas cercas, algumas derrubadas, enferrujadas e mais perigosas porque eram difíceis de enxergar. Ele colhia mirtilos dos galhos sempre que os encontrava e guardava para os cachorros, que faziam rolar na boca e engoliam com relutância. O papelão se dissolveu dentro de seu bolso e os anzóis começaram a espetar sua pele. Passou uma hora nu da cintura para baixo, extraindo os anzóis, envolvendo-os em camadas de casca de bétula, e quando terminou as pontas dos dedos estavam furadas e doloridas.

Perto do anoitecer, as nuvens se dissiparam e a chuva parou. Réstias de azul profundo apareceram no céu. Avistavam um pequeno campo de feno de uns vinte hectares no extremo do qual se erguia um velho celeiro. Edgar despiu a roupa encharcada e escondeu-a na margem da floresta. Antes que aparecesse uma das estrelas mais brilhantes, os quatro estavam deitados uns sobre os outros, dormindo nos limites do Chequamegon.

Quando acordou de manhã, não entendeu que os cachorros tinham ido embora, nem que fosse tão tarde, só que milhares de quilos de areia cobriam seus membros. Estava deitado de costas, braço dobrado sobre o rosto, deixando que o sol radioso aquecesse peito e braços. A ausência do peso macio dos cachorros sobre seu corpo não queria dizer nada: só havia a lógica do sonhador, que desejava o retorno ao mar de sonhos de onde tinha aportado. Quando finalmente abriu os olhos, fitou o mato achatado onde Tinder deveria estar dormindo, ergueu o corpo e olhou em volta. Diante dele havia um campo tomado por capim silvestre e serralha. Estendia-se num longo aclive até o celeiro que tinha visto na noite anterior. Dois falcões planavam sobre o campo, caçando, mergulhando.

Um dos cachorros (Essay?) saltou no capim no meio do campo e os outros acompanharam, saltando em arco e desaparecendo no mato alto. Ele se pôs de pé, bateu as mãos e eles abriram caminho pelo campo, em zigue-zague, saltando, até que por fim Essay apareceu no campo aberto. Trazia na boca uma enorme cobra listrada preta e marrom, com a barriga cheia e quase tão comprida quanto ela. Parou junto a Edgar e sacudiu a cobra até seu corpo sem vida dançar no ar. Baboo e Tinder passaram depressa, tentando abocanhar o prêmio. Ela trotou para um lado, depois para outro, até que finalmente Tinder agarrou o rabo da cobra. Depois de uma briga, a cobra se dividiu em dois pedaços, com um fio de entranhas estremecendo entre as duas partes. Baboo e Tinder repetiram o processo com a parte de trás da cobra, até cada cachorro se retirar com sua porção.

Argh, meu Deus, Edgar pensou, virando o rosto, não tanto por nojo da ideia de comerem uma cobra (embora as cobras listradas cheirassem mal), mas por comerem crua . Perguntou-se se os fósforos em seu bolso já estariam secos; podia cozinhar a cobra para eles. Quando terminasse de se vestir, não sobraria mais nada. Os cachorros deviam estar mortos de fome, a julgar pela indicação de seu próprio estômago. Nada parecia mais importante do que encontrar comida.

Vestiu a roupa molhada, juntou os cachorros e andaram pelas ervas daninhas, serralhas e barbascos, os cachorros patinando em torno dele e improvisando órbitas cerradas ao sabor do caminho. O velho celeiro ficava ao lado de uma estrada asfaltada cheia de mato, sem nenhuma casa à vista. Era o primeiro celeiro que viam em sua viagem, e Edgar tomou aquilo como sinal de que enfim tinham atravessado o Chequamegon e estavam finalmente em terras cultiváveis. Espremeu o olho entre um dos espaços da grossura de um dedo que havia entre as tábuas da parede lateral. Lá dentro viu uma roçadeira de disco e um arado, cada um com seu assento metálico côncavo, e uma carreta de feno dilapidada, cuja estrutura cedera atrás

como uma máscara de tragédia grega. No extremo oposto, uma antiga segadeira feita de lâminas e funis enferrujados. Planos de luz irregulares riscavam as máquinas e o chão coberto de palha como se Edgar estivesse olhando, pelas costelas de uma carcaça devorada por pássaros, aquilo que a comera por dentro e ali ficara preso.

Os cachorros ignoraram o celeiro e foram investigar a cerca de arame farpado que dava para a estrada, farejando a lenha e as ipomeias enroladas nos mourões. Edgar caminhou até o calçamento. Nem sombra de uma linha central. Os cachorros estavam decididamente alegres, pensou, vendo-os correr para ele, como se aliviados de terem voltado à vida itinerante, depois de retidos pela chuva. Atravessaram juntos o pequeno fosso e passaram pela linha de árvores, onde havia uma bem-arrumada cerca com duas fieiras de arame farpado. Os cachorros deslizaram por baixo, mal diminuindo o passo.

Diante deles havia o ligeiro aclive de um campo de girassóis mais altos que Edgar: fileira após fileira de solenes caules encimados por discos cabeludos, canelados, todos virados em ângulo para o sol alto. Seguiram pela beira do campo de girassóis para facilitar a caminhada, até um carro aparecer lá longe no asfalto. Edgar virou para dar uma última olhada no celeiro destroçado, depois bateu as mãos e mergulhou no espaço entre duas fileiras de caules de girassol que iam até o infinito.

Nos Arredores de Lute

TINHAM ATRAVESSADO METADE DO CAMPO QUANDO OS GIRASSÓIS FORAM rareando até se tornar um trecho de terra aberta, e Edgar parou para olhar em torno. Lá embaixo, o campo terminava num pátio de fazenda cheio de árvores. A casa era simples, quadrada, com águas-furtadas e telhados de betume marrom. Um longo caminho se bifurcava atrás da casa e ia dar em um prédio isolado que parecia um abrigo de carroças. Na frente do abrigo havia um velho carro surrado. Ninguém andando, nenhum cachorro na varanda dos fundos, nenhum som emanava do pequeno celeiro atrás do quintal. Tudo o que ele ouvia era o zunido coletivo de milhares de abelhas coletando o néctar pegajoso que cintilava nos botões de girassol. O campo em si era longo e estreito, uma alameda limitada de um lado por uma cerca de arame farpado e do outro por um sólido bosque. Acima das copas via-se a torre de uma caixad"água cor de água -marinha e barriguda. Extensos cúmulos-nimbos pairavam sobre tudo em tons de branco e azul, suas sombras projetando-se sobre a terra mantida conforme a topografia natural para evitar a erosão. O nome da cidade estava pintado no bojo da caixad"água em grandes letras brancas: Lute.

Ele bateu palmas chamando os cachorros, segurou o focinho de cada um e passou o dedo pela gengiva para ver se estavam com muita sede. Isso permitiu que avaliasse se Essay estava a fim de disparar ou de ficar junto, se Tinder e Baboo estavam inquietos. Quando se certificou de que iam ficar por perto (quando os quatro concordaram com isso), seguiram pela borda do campo.

Durante seu breve aprendizado, Edgar concluíra que era perda de tempo especular se um lugar estava desocupado ou só parecia assim: era mais fácil simplesmente chegar e bater. Se alguém se movimentasse lá dentro, ele sempre podia fugir. E, além disso, a fome o fazia imprudente. Pôs os cachorros deitados (Essay foi pressionado centímetro por centímetro: precisariam praticar aquilo) e foi com seu passo mais inocente até a porta dos fundos. Não ouviu vozes lá dentro, nem televisão nem rádio. O fecho da janela quadrada, pequena ao lado da porta, estava abaixado e travado.

Ele bateu. Passou-se um minuto (tempo suficiente para alguém sair da cama

e atravessar a sala; tempo suficiente para alguém gritar "Quem é?", tempo suficiente para um cachorro latir) e ele abriu a porta de tela, experimentando a maçaneta interna. Para sua surpresa, a porta abriu para dentro e ele se viu olhando uma cozinha bem-arrumada, com piso de linóleo e um capacho com motivos natalinos do lado de dentro. Inclinou-se e bateu de novo, dessa vez mais alto. A única resposta foi o clique do motor da geladeira desligando.

Ele deu mais uma olhada e então foi uma correria louca. Abriu a geladeira. Latas de cerveja e garrafas de Coca-Cola. Agarrou uma Coca e vasculhou as gavetas do armário até encontrar o abridor de garrafas, e levou a garrafa gelada aos lábios. Do balcão junto à porta pegou um pão e um saco de batatas fritas, saiu e tentou ir caminhando, embora soubesse que em sua excitação estava andando às tontas como um drogado. Uma moita perto da beira do campo começou a sacudir. Mergulhou nela sinalizando desajeitado a liberação antes que os cachorros saíssem, mesmo sem a ordem. Eles não eram idiotas: sabiam o que era comida quando a viam chegando.

Rasgou o saco plástico do pão e distribuiu fatias; devorou uma ele próprio, depois outra, seguidas de grandes goles de Coca. Em um minuto, o pão tinha acabado. Ele rasgou o saco de fritas e devorou-as, uma após outra: as salgadas e crocantes fritas. Os cachorros tentaram enfiar o focinho no saco. Ele fechou a boca da embalagem, depois dividiu as delícias, os cachorros acompanhando sua mão cada vez que ela desaparecia no saco. Ele sorriu, os dentes cheios de pedaços de pão e fritas. A verdadeira intensidade de sua fome só então ficara aparente. A visão de toda aquela comida quase o deixara em pânico: ele precisava pegar alguma coisa modesta, senão teria desmaiado ali mesmo na cozinha.

Sentou-se, observando a casa outra vez, de certa forma esperando que alguém saísse pela porta afinal, gritando e sacudindo um punho. Os cachorros ofegavam em seu rosto como se dissessem: o que está esperando? E saíram em disparada. Não havia como detê-los. Quem morava ali podia voltar a qualquer momento, e a oportunidade estaria perdida.

Não vai ser nada elegante, pensou.

Os cachorros não entravam numa casa, na verdade em nenhuma construção, havia várias semanas. Precipitados, contornaram o batente até que ele os espantou. Entraram sorrateiramente. Ele encheu uma grande tigela plástica com água da torneira e pôs no chão. Eles saltaram e lamberam a água, que sumiu como um fantasma, enquanto ele revistava os armários separando a comida que descobria. Quando abriu a geladeira, seu olhar bateu num pacote embrulhado em papel

branco de açougueiro. O rótulo em tinta roxa dizia: Salsicha bratwurst .

Comeram como reis esfaimados. Iriam embora dentro de poucos minutos, nunca mais veriam aquele lugar, que ia alimentá-los até onde todos aguentassem. Levou as salsichas para a porta de trás, rasgou o papel e jogou aqueles rolinhos lisos nas tábuas da varanda. Os cachorros as devoravam antes que caíssem no chão. Na mesa da cozinha havia um frasco de mel cor de caramelo, enevoado pela cristalização. Edgar tirou a tampa, lambuzou o dedo lá dentro, depois despejou uma farta porção em cima de uma tigela de cereal Wheaties, verteu leite por cima e parou na porta, observando os cachorros, enquanto enfiava aquela mistura na boca. A salsicha praticamente acabara antes que ele começasse a comer; os cachorros lamberam os beiços e olharam para ele.

Tudo bem, Edgar sinalizou. Para trás.

Pôs seu cereal na mesa, esvaziou a tigela de água e despejou nela o conteúdo de meia dúzia de latas de sopa de galinha Campbell"s, várias outras de creme de milho. Quando terminou o cereal, os cachorros já tinham lambido toda a tigela deles. Ele saiu para a varanda com um saco de marshmallows. Três cubos brancos e brilhantes voaram no ar. Ele enfiou um na boca, sorrindo, maldoso, e começou outra rodada. Na metade do saco, ele de repente se sentiu farto. Sinalizou para os cachorros entrarem de novo na cozinha e começou a revistar tudo metodicamente, separando a comida que podia levar da que devia colocar de volta no lugar. Quando terminou, pegou um saco de papel pardo de uma pilha atrás da geladeira e enfiou o lixo deles. Guardou o abridor de latas na gaveta de talheres, encheu de novo a tigela com água e deixou os cachorros beberem.

Eles se puseram de pé letargicamente, as barrigas inchadas. De repente, ele pensou na bobagem que era deixar que comessem tanto depois de um longo tempo com fome. Corriam o risco de inchar. Mas também corriam o risco de morrer de fome, veio a resposta. Enxaguou a tigela de água e pôs debaixo do armário, onde a encontrara.

Havia poucas e preciosas coisas que podiam levar. Um saco de jujubas. Um pacote de bacon achatado e congelado tirado do freezer. Enquanto examinava o freezer, encontrou um pacote de carne ensopada, também no papel de açougueiro, mas grande demais para levar. Deixou na geladeira, onde estavam as salsichas. No balcão junto à porta, havia um vidro de geleia com lápis e canetas e caixas de fósforo. Por hábito, ele pegou os fósforos (Bar e Grill The Lute) e guardou no bolso da camisa. Depois, revistou o banheirinho junto à cozinha. O armário de remédios

tinha sabonete antisséptico Bactine (que ele pegou), iodo, mercuriocromo, uma série de pequenos curativos adesivos em seus envelopes encerados (que ele deixou) e gaze, mas nada de repelente.

Os cachorros estavam andando pela cozinha quando ele saiu. Ele os mandou para fora, tirou os sapatos enlameados, lavou os pratos, arrumou a cozinha, umedeceu a toalha que estava nas costas de uma cadeira e limpou a terra que tinham deixado no chão. Quando terminou, a cozinha estava quase igual a quando tinham chegado. O relógio da parede marcava uma e quinze. Ele levou o saco de papel contendo as provas do crime para a lata de lixo atrás do abrigo, levantou o saco que estava em cima e colocou o seu embaixo.

Retiraram-se para o campo. Pegou a vara de pesca e a mochila e seguiram a linha da cerca. Na metade da subida, a caixad"água de Lute voltou a ficar visível. Ouviu um ruído surdo e notou então os trilhos de trem no fundo do barranco ao lado do campo. Um trem de carga apareceu, vindo do sul. Na estrada, as barreiras de cruzamento baixaram e o sino tocou. Ficaram olhando a locomotiva e quinze vagões desfilarem. Os trilhos pareciam tangenciar Lute. Isso era uma sorte, pensou. Podiam tentar seguir os trilhos.

Mas não ainda. Uma letargia pós-refeição tomou conta de Edgar e ele cambaleou até onde os cachorros estavam deitados à sombra de uma árvore solitária junto à cerca. Tinder estava de costas, as pernas levantadas numa posição de abandono. Baboo e Essay de frente para a cerca, queixos nas patas, olhares sonhadores fixos no horizonte. Quando Edgar chegou ao lado deles, Essay deu um arroto ruidoso, lambeu os beiços e rolou de lado. Edgar sentia-se como eles. Os girassóis, cúmplices, os escondiam da casa. Sentou-se ao lado de Baboo e acariciou seu pescoço até os olhos do cachorro se fecharem. Então, Edgar deitou na grama.

QUANDO ACORDOU, enormes nuvens cuneiformes tinham deslizado pelo céu, e por entre elas grandes colunas do sol da tarde se esgueiravam em direção à terra. Ele bocejou e sentou-se. Olhou em torno. Embora a tarde estivesse no fim, restava ainda uma hora ou duas de boa luz, calculou. Se partissem imediatamente e a viagem fosse fácil, podiam avançar vários quilômetros antes de dormir outra vez. Estava com a cabeça latejando, por causa do sono, do banquete ou de ambas as coisas. Os cachorros também pareciam sonolentos. Levantaram, bocejaram, sacudiram-se e de alguma forma deslizaram de novo para o chão. Ele os deixou deitados e esgueirou-se pelo campo para dar mais uma olhada na casa.

Alguém tinha chegado não fazia muito tempo. Havia um sedã de aspecto comum estacionado junto à porta, o porta-malas aberto e um homem alto e magro, de uns trinta anos, tirando sacos de compras lá de dentro. O homem já havia estado na casa, a porta dos fundos estava aberta, mas ele não parecia alarmado. Edgar sorriu consigo mesmo. Tinha começado a sentir orgulho de sua capacidade como ladrão. Transformara aquilo numa espécie de jogo: quanto podia tirar sem serem notados? Conseguia arrumar as coisas de volta para esconder o que estava faltando? As pessoas não esperavam que ninguém invadisse sua casa para roubar um pouco de comida; esperavam ser saqueadas : perder televisões, dinheiro, carros, encontrar as gavetas do guarda-roupas jogadas, os colchões revirados. Ninguém nas cabanas (pelo que ele podia dizer) nunca fizera mais que coçar a cabeça diante de suas despensas esvaziadas. Quem roubaria meio pão e depois arrumaria tudo? Edgar e os cachorros tinham feito um banquete onde esse homem agora descarregava as compras e havia a possibilidade de ele nem notar.

Quando voltou, Edgar encontrou os cachorros farejando com grande interesse o pacote de bacon que tinha tirado da cozinha da pequena casa de fazenda. Olhou para eles e sacudiu a cabeça, sem poder acreditar. Edgar sentia-se como uma daquelas cobras que engoliam porcos inteiros; não estava exatamente chacoalhando ao andar, mas a ideia de pôr mais comida no estômago era risível. Espantou os cachorros, eles se afastaram e ficaram olhando enquanto ele guardava o prêmio na mochila. Pegou então a vara de pescar e levou os cachorros barranco abaixo.

Os trilhos da estrada de ferro viravam para noroeste. Lera em algum lugar que se podia avaliar se vinha vindo um trem pressionando o ouvido contra um dos trilhos, e ele experimentou: a barra de metal prateado estava quente mas silenciosa. Os quatro foram trotando pelos trilhos longe o bastante para algum motorista ao passar não reparar muito neles (um menino e alguns cachorros), e então, quando veio a noite, ele seguiu mais devagar, dormente após dormente, feliz e até um pouco vaidoso de ter sido bem-sucedido ao saquear a fazenda. Uma vegetação rasteira seguia paralela aos trilhos à esquerda e à direita. Lá longe, uma ponte baixa e descoberta esperava no crepúsculo. Lembrou-se de histórias de pessoas atropeladas por trens ao caminharem pelos trilhos e se perguntou como era possível: elas não ouviam um trem trovejando na direção delas muito antes de ele chegar? Desejou que viesse um trem, só para ele poder contar os segundos entre o primeiro som e sua passagem.

Era nisso que estava pensando quando Tinder deu o primeiro grito, um

ganido de surpresa e dor que imediatamente fez o estômago de Edgar se torcer de medo. Ele sabia onde estava cada cachorro: Essay e Baboo seguiam ao lado dele pelos dormentes, tão felizes e perdidos em pensamentos como ele, mas Tinder tinha trotado para investigar alguma coisa numa moita de taboas, um pouco abaixo. Provavelmente rãs, Edgar pensara. Lembrava-se até de ter visto, com o rabo dos olhos, Tinder parar e dar um pulo. Mas sua atenção estava voltada para os trilhos, a imaginar trens passando. O movimento de Tinder parecera comum, cachorros davam aqueles pulos dezenas de vezes por dia, em cima de sapos, rãs, camundongos, louva-a-deus, sabe-se lá o quê mais.

Mas dessa vez Tinder soltara um agudo ai-ai e dera um pulo para trás. Edgar ficou olhando, sem conseguir se mover logo, enquanto o cachorro tentava pisar o chão. Tinder ganiu e atirou-se no meio das taboas, mantendo a pata direita no ar e atacando com a esquerda.

Picada de cobra , foi a primeira coisa coerente que Edgar pensou. De uma forma que finalmente rompeu sua paralisia. Ele correu até o mato abaixo do aterro e se pôs de joelhos ao lado de Tinder, mas antes mesmo de tocar o cachorro viu um caco de vidro verde-azulado, cheio de lama e pontiagudo, enfiado embaixo da pata do cachorro, uma ponta fina saindo por cima. Por puro reflexo, Edgar agarrou o focinho de Tinder. Nos dias seguintes, ele iria lembrar desse gesto instintivo e pensar que tinha feito ao menos uma coisa direito, porque Tinder estava para morder o vidro, e isso teria rasgado sua boca tanto quanto a pata.

Tinder livrou-se das mãos dele e tentou se levantar. Edgar jogou uma perna por cima do cachorro e colocou-o de lado. Tinder revirava o corpo de um lado para outro, deixando uma porção de filetes rubros sobre os dois. Então, Edgar sentiu os dentes de Tinder no antebraço, mas não havia tempo para ver se tinha sido mordido e se era fundo. De alguma forma, conseguiu ajoelhar-se em cima do cachorro. Essay e Baboo tinham descido do aterro junto com ele e dançavam diante do focinho de Tinder, preocupados, lambendo sua boca. Por um momento o corpo de Tinder amoleceu, quando olhou para os outros cachorros. Agora , Edgar pensou, sabendo que podia não haver outra chance. Prendeu a pata de Tinder com firmeza, agarrou o caco grosseiramente afiado entre o polegar e o indicador e puxou. A ponta rasgou horrivelmente a carne quando deslizou por dentro da pata de Tinder. O vidro estava pegajoso de sangue e lama, e o polegar de Edgar escorregou. Se Tinder não tivesse mexido a pata, a sensação de corte no polegar de Edgar o teria feito soltar o caco antes que o tirasse da pata do cachorro. Sentiu os dentes de Tinder no antebraço, dessa vez com mais força, mas aí já era tarde

demais. Jogou o caco de vidro, rolou, e ficou deitado de lado, apertando a mão e olhando a incisão irregular que aparecera na ponta carnuda do polegar. O corte queimava como ácido e ele sacudiu a mão para abrandar a dor.

Tinder saiu mancando e afundou no chão perto do aterro. Se a sensação no polegar de Edgar servia de medida, Tinder devia estar agoniado. Edgar apertou o polegar na mão fechada e correu para o cachorro, sangue pingando entre os dedos. Sentou-se, ofegante. Essay e Baboo farejavam as taboas, curiosos, abanando os rabos. Levantou-se e correu até eles, alarmado com a ideia de mais cacos de vidro, batendo as mãos até o sangue espirrar em sua camisa. Atraiu os cachorros para perto de Tinder, eles farejaram as patas e em toda volta do cachorro, até terem certeza de que tinham localizado o ferimento.

O caco de vidro estava entre as ervas daninhas. Edgar pegou-o. O lado mais largo tinha três vincos lisos, a rosca da tampa de um frasco. Um caco de vidro de geleia ou algo assim, jogado no mato de um trem que passava ou por alguma outra pessoa seguindo os dormentes. Lama e sangue preenchiam as depressões. Jogou o caco raivosamente no meio das taboas. Fez um esforço para esticar o polegar, abriu o corte para olhar lá dentro. Sentiu um tranco e viu-se sentado. Essay o cutucava com o focinho, lambia seu rosto. Quando a vista parou de escurecer, ele se pôs de pé, cambaleou e caiu de joelhos.

Espere, pensou, respirando fundo. Tente de novo.

Na tentativa seguinte, conseguiu ficar de pé. Foi cambaleando até Tinder, que estava com a pata curvada para dentro, como se aninhasse uma parte órfã do corpo, lambendo pesaroso a pata. A pelagem contraiu-se no ponto em que Edgar pôs a mão. Tinder desviou momentaneamente a atenção de seu ferimento para olhar para Edgar. Com a mão boa, Edgar fez uma carícia no cachorro, que se iniciou no alto da cabeça e se estendeu ao longo da coluna. Apalpou as patas traseiras de Tinder, esperando que ele entendesse o que ia acontecer. Então, Edgar passou a mão ao longo da pata dianteira de Tinder de novo, dessa vez até a ponta, sem nenhum protesto do cachorro, a não ser um breve grunhido de repreensão e uma lambida.

Havia um corte em forma de meia-lua no meio da almofadinha triangular central, vertendo sangue, cheio de lama. Edgar não tentou tocar ali, mas devagar, bem devagar, girou a pata até poder olhar os pelos ensanguentados da parte de cima. Delicadamente, tocou as pontas das unhas de Tinder, uma a uma, movimentando os dedos. Quando tocou o segundo dedo, Tinder ganiu e puxou a

pata. Então era isso. Alguma coisa no segundo dedo; talvez não o osso, mas havia ligamentos, tendões, pequeninos músculos ali.

Soltou a pata de Tinder, acariciou-o e tentou pensar. Experimentou dobrar o polegar. Dobrado não doía mais do que esticado, o que era um bom sinal, mas provavelmente ambos precisariam levar pontos. Pôs-se de pé, ainda cambaleante, e recuou uns passos, levando Essay e Baboo junto com ele. Tinder ficou olhando, orelhas baixas, como se soubesse o que Edgar ia lhe pedir.

Venha, Edgar sinalizou.

Tinder olhou para ele. Ganiu, depois levantou-se e ficou sobre três patas, segurando a pata machucada no ar, farejando-a como algo quebrado.

Edgar ajoelhou-se.

Desculpe, sinalizou. Preciso fazer isso. Então chamou Tinder outra vez.

Tinder experimentou o chão com a pata machucada e a recolheu de novo. Tentou um passo, olhou para Edgar, tentou mais uma vez. Quando finalmente chegou junto a Edgar, deitou-se, ofegante, fugindo ao olhar de Edgar mesmo quando Edgar pôs o rosto na frente dele.

Ele pode estar entrando em choque, Edgar pensou. Passou a ponta de um dedo pela gengiva de Tinder. Estava úmida, o que era um bom sinal, mas, evidentemente, o cachorro não podia andar. Com a mão debaixo de sua barriga, Edgar conseguiu fazer Tinder levantar. Passou um braço pelas pernas traseiras do cachorro e o outro por baixo do peito, com cuidado para não tocar a pata pendurada. Achou que se cometesse algum erro, Tinder podia mordê-lo por medo e, se derrubasse o cachorro, sabia que não teria uma segunda chance. Mas Tinder ofegou em seu rosto, esperou, e Edgar levantou-se suavemente.

Devagar subiu a encosta da ferrovia, fincando a ponta do pé no cascalho antes de apoiar seu peso. Uma vez no alto, só conseguia dar um passo curto de cada vez, com medo de tropeçar num dormente. O polegar latejava como se fosse explodir. Tinder estava totalmente largado em seus braços, como se tivesse concluído que era assim que as coisas tinham de ser. E isso fez Edgar entender de uma vez por todas a gravidade do corte na pata do cachorro.

Então lembrou da vara de pescar e da mochila de pescador largadas ao lado dos trilhos. Não voltou para buscá-las. Não seria mesmo possível carregar aquilo, e o escuro estava rapidamente ficando absoluto. Teria de voltar depois. Ao longe,

brilharam faróis que desapareceram quando o carro atravessou os trilhos abaixo da encosta que tinham descido.

Ele focalizou aquele ponto e deu mais um passo.

ANTES DE CHEGAREM AO ASFALTO, precisou pôr Tinder no chão três vezes para esperar passarem as cãibras nas costas. O cachorro era pesado: quarenta quilos ou mais, mais da metade do peso de Edgar. Cada vez que paravam, Tinder tentava andar, mas só conseguia mancar alguns metros e deitava. A sorte (se assim se podia chamar) era terem avançado pouco mais de um quilômetro no trilho. Essay e Baboo ficaram perto, o que era outra coisa boa, uma vez que Edgar não tinha como sinalizar um chamado com os braços ocupados.

Levantou Tinder. Começaram de novo.

Chegaram, enfim, ao asfalto deserto. A única luz vinha das janelas da casinha quadrada além do campo de girassóis. A adrenalina que o estimulara até então tinha se esgotado, e ele cambaleava com Tinder nos braços. O asfalto estava esplendidamente liso e macio debaixo de seus pés. Quando chegaram à caixa de correio, Edgar subiu o caminho de entrada, entre as altas árvores do jardim da frente. O ar em torno da casa estava iluminado por vagalumes. Um besouro passou zunindo. Essay e Baboo correram na frente e viraram no canto da casa. No momento em que desapareceram, Tinder começou a ganir, e Edgar andou mais depressa.

Essay e Baboo estavam andando de um lado para o outro da varanda quando ele chegou. Edgar ajoelhou-se e acomodou Tinder nas tábuas de madeira. Depois bateu palmas de leve, levou Essay e Baboo alguns metros adiante no gramado e os fez deitar também.

Quando virou, o rosto de um homem tinha aparecido na janela acima da pia da cozinha. A luz da varanda acendeu-se. Edgar conferiu os cachorros. Eles estavam em posição de atenção, vigiando. A porta interna se abriu e o homem que ele vira tirando compras do carro naquela noite olhou para ele pela tela.

— Deseja alguma coisa? — o homem perguntou. O olhar dele pousou em Tinder, ofegando na varanda. Ele olhou para Edgar e viu o sangue. — Você sofreu um acidente?

Edgar sacudiu a cabeça e sinalizou uma resposta. O homem não ia entender a

linguagem de sinais, mas não havia melhor jeito de começar. Com sorte, ele entenderia que eram sinais.

Meu cachorro está machucado. Preciso de ajuda.

O homem olhou as mãos do rapaz. Edgar esperou enquanto ele interpretava.

— Você é surdo — disse.

Edgar negou com a cabeça.

— Pode me ouvir?

Sim.

Então Edgar apontou a garganta e sacudiu a cabeça. Fez sinal de escrever na palma da mão. O homem olhou para ele sem entender, depois disse:

— Ah! Entendi. Certo. Espere um pouco.

Desapareceu dentro da casa, deixando Edgar olhando a cozinha que havia saqueado de manhã.

Sentiu as pernas tremerem enquanto esperava. Ajoelhou-se ao lado de Tinder, acariciou o alto de seu pescoço e observou o cachorro lambendo devagar a pata ferida, os olhos vidrados e sem foco, como se olhassem para um outro mundo. À luz amarelada da varanda, sua pelagem ensanguentada brilhava negra. Então Edgar foi até Essay e Baboo, pôs a mão com intimidade debaixo do queixo deles, tocando-os do jeito que faria se estivesse tudo bem, e juntos observaram a porta.

O homem voltou. Ficou atrás da tela, segurando o lápis e o bloco. Seu olhar pousou em Tinder, depois em Edgar agachado ao lado dos dois outros cachorros. Evidentemente, ele não tinha notado Essay e Baboo.

— Nossa — disse. Estendeu a palma das mãos para a frente e tateou o ar, como se estivesse tentando fazer tudo parar enquanto analisava a situação.

— Tudo bem. Tudo bem. Indiscutivelmente... indiscutivelmente não é uma situação comum — disse, olhando preocupado para Essay e Baboo. — São mansos?

Edgar fez que sim com a cabeça. Para mostrar ao homem, virou-se e os pôs na posição de fica . Havia algo meio melancólico no homem, Edgar pensou. Era uma coisa estranha de pensar sobre alguém que acabara de encontrar, mas havia uma inconfundível aura de resignação em torno daquele homem, como se ele fosse uma dessas pessoas mostradas nas histórias em quadrinhos sempre com uma nuvem em

cima da cabeça, pessoas cujas moedas caíam do bolso quando iam se abaixar para pegar outra. A reação dele diante de Essay e Baboo só reforçava essa impressão, como se de alguma forma estivesse esperando encontrar um bando de cachorros ferozes em frente à sua porta algum dia. Ele não sorriu, sua expressão era reservada, embora não fosse hostil, mas também não franziu a testa. Seus olhos mostravam um ar de benigna apreensão, consequência de algum abatimemento ao longo de toda uma vida.

— Certo — disse. — Treinados. Mas mansos? Sim?

Sim.

Ele olhou o escuro:

— Mais algum aí fora?

Edgar negou com a cabeça e teria sorrido se seu estômago não estivesse revirado de ansiedade. O homem abriu a porta de tela e saiu, fixando um olhar inseguro nos cachorros. Edgar pegou o lápis e o bloco.

Meu cachorro cortou a pata. Preciso de água para limpar e uma tigela ou um balde.

Os dois olharam para Tinder.

— Alguém se machucou?

Não.

— Quer que eu chame um médico? — o homem perguntou. Edgar sacudiu a cabeça com veemência.

— Qual é o problema com sua voz? Machucou a garganta?

Não.

— Sempre foi assim?

Sim.

O homem pensou um segundo.

— Tudo bem, espere, já volto.

Ele entrou na casa. Edgar ouviu batidas e ruídos, depois água correndo na pia da cozinha. Um momento depois, o homem saiu com uma tigela branca esmaltada transbordando. Trazia uma toalha azul rota debaixo do braço.

— Aqui está — disse, colocando a tigela nas tábuas da varanda. — Está morna. Pode começar com isso. Vou pegar um balde e ver o que mais eu tenho.

Edgar levou a tigela até Tinder, recolheu uma boa porção de água com as mãos em concha e deu para o cachorro cheirar. Tinder estava ofegando energicamente e lambeu a água dos dedos dele. Edgar mergulhou o trapo na água e passou a mão pela pata dianteira de Tinder. O cachorro ganiu e apertou o focinho em Edgar, ansioso, mas deixou que ele limpasse a sujeira de sua pata. Edgar enxaguou o trapo. A água turvou e ficou marrom. Ele apertou o rosto contra o focinho de Tinder enquanto passava o pano molhado na pata do cachorro várias vezes. A cada vez o trapo saía coberto com uma mistura de sangue e sujeira.

O homem surgiu trazendo um balde de metal e foi até a torneira que se projetava do alicerce da casa. A torneira guinchou quando ele a girou. A água fresca jorrou. Enquanto o balde enchia, ele se virou para Edgar.

— Se eu levar isto aí, seu cachorro vai se assustar?

Edgar estava com o braço em cima das costas de Tinder. Não achava que a aproximação do estranho o assustaria, mas era uma boa pergunta e sua opinião sobre o homem subiu um ponto.

Não.

O homem trouxe o balde, manteve uma distância cautelosa e sentou-se. A água da tigelinha esmaltada estava marrom e cheia de terra. O homem estendeu a mão, jogou fora a água suja, mergulhou a tigela no balde e devolveu para Edgar.

Essay e Baboo gemiam atrás de Edgar. Tinha sido um erro colocá-los num lugar às suas costas, abrindo a possibilidade de eles saírem da posição por curiosidade. Ele endireitou o corpo, manteve a mão nas costas de Tinder e gesticulou para o homem não se mexer. O homem fez que sim com a cabeça. Edgar virou-se, olhou para os dois cachorros, que se puseram de pé e fixaram o olhar nos olhos dele.

Venham , ele sinalizou.

Eles saltaram à frente. Edgar temeu que Tinder se esquecesse de seu ferimento e se levantasse para se encontrar com eles, mas a pressão de sua mão entre as escápulas do cachorro o manteve quieto. Essay e Baboo se aproximaram com as cabeças levantadas para trás, estufando os peitos enquanto examinavam abertamente o estranho.

— Espero que esteja falando sério quando diz que eles são mansos — observou o homem. Ele estava sentado muito ereto, tentando olhar para os dois ao mesmo tempo. Então, desistiu e passou a olhar para o cachorro que estivesse à sua frente.

— Minha nossa — murmurou. — Tudo bem. Tudo bem.

Depois que mataram a curiosidade, Edgar bateu palmas e apontou um lugar no gramado. Inicialmente, eles recusaram. Edgar bateu palmas de novo e eles foram trotando para o ponto, rosnando. Ele escolhera um local de onde podiam observar o que estava acontecendo e sentiu que relaxaram, agora que estava ao alcance da vista deles. Voltou a limpar a pata de Tinder. A água estava suja de novo; agora com mais sangue do que terra.

— Você também se feriu — disse o homem.

Edgar fez que sim com a cabeça. O polegar queimava cada vez que o mergulhava na água fria, e o fazia lembrar o que Tinder sentia quando ele passava o pano frio em sua pata.

— O que aconteceu?

Edgar parou de lavar a pata de Tinder tempo suficiente para fazer a pantomima de espetar a palma de uma mão com dois dedos da outra.

— Ah. Ai — fez o homem. Ficou olhando um momento em silêncio. — Tudo bem — disse por fim. — Escute um pouco. Vou lá dentro ver o que tem no armário de remédios. Olhe, me dê isso aí... — Esticou o braço, pegou a tigela e encheu de novo com água do balde. — Devo ter mercuriocromo ou água oxigenada.

Edgar concentrou-se inteiramente em Tinder. Tinha limpado a maior parte da terra e precisava esfregar entre os dedos de Tinder e em volta da almofadinha. Manipulou a pata do cachorro de forma que pudesse submergi-la inteira dentro da tigela. A água ficou marrom. Tinder ganiu e deu um pulo, mas delicadamente Edgar conseguiu abrir os dedos de Tinder outra vez e mergulhou na água diversas vezes enquanto o homem estava lá dentro.

Então, o homem se agachou na frente deles. Depositou no chão uma panela de metal forrada com papel-alumínio, na qual havia uma coleção de frascos tirados do armário de remédios. Um deles era Tylenol. Ele abriu o frasco e estendeu dois comprimidos.

— Melhor você tomar dois disto aqui — disse.

Edgar colocou depressa os comprimidos no fundo da boca de Tinder, apontou o focinho do cachorro para cima e acariciou o pescoço dele até ele lamber o focinho. Depois encheu a mão com água limpa do balde e deu para Tinder beber. O homem balançou a cabeça. Pegou mais dois comprimidos, que Edgar engoliu depressa.

— Certo — disse ele. — Tenho uma coisa que esses aí talvez vão gostar. Removeu o papel-alumínio e pegou um pedaço de carne ensopada marrom entre o polegar e o indicador: a carne que Edgar tinha tirado do freezer naquela manhã para substituir as salsichas roubadas. — Fiz hoje à noite. Ainda está até um pouco morna.

Edgar assentiu com a cabeça e liberou os cachorros. Houve tempo, pensou, em que os cachorros pediriam sua autorização antes de aceitar comida de um estranho, tinham sido adestrados para isso na cidade. Mas o que restava de vida da cidade havia desaparecido fazia muito tempo, substituído por animais que caçavam rãs e cobras e comiam ovos de tartaruga chocados. Essay e Baboo se acomodaram em torno do homem, orelhas empinadas, esperando sua vez enquanto ele atirava pedaços de carne reluzente na grama.

O homem agia quase com timidez diante do olhar dos dois. Tremendo um pouco, deixou que Tinder pegasse um pedaço diretamente de suas mãos. Mas Edgar estava agradecido por qualquer distração que permitisse se concentrar mais em lavar a ferida de Tinder. Quando a carne acabou, o homem deixou Tinder lamber o molho de seus dedos e empurrou a tigela com o pé para os outros cachorros lamberem. Estava com uma expressão estranha no rosto. Edgar teve a sensação de que aquilo era o máximo da felicidade para aquele homem.

— Chame como quiser — disse o homem — , mas isto realmente não é nada comum.

Henry

COMO EDGAR ESTAVA COM AS MÃOS OCUPADAS, A CONVERSA NÃO EVOLUIU muito. Essay e Baboo estavam deitados na grama, saciados, observando o andamento das coisas à luz da varanda, riscada por mariposas. Edgar levantou a pata de Tinder e examinou a ferida em forma de coração no centro da almofadinha, inchada.

— Xi, isso está feio — disse o homem quando Edgar acariciou a pata de Tinder. — Só com muita sorte ele vai conseguir usar isso aí de novo. — Depois de pensar um momento, acrescentou: — Seu dedo também não está grande coisa.

Edgar substituiu a água da tigela esmaltada e continuou lavando a pata de Tinder. Fios de sangue espalharam-se na água. A água da torneira de fora era gelada, mas isso era bom — ele queria que fosse o mais fria possível. Se ele mal podia sentir suas mãos, talvez Tinder mal sentisse a ferida.

Trabalhou os ossos da pata de Tinder, levantou e pressionou os dedos como teclas de piano, contornando as unhas de Tinder com as suas, apertando a ponta dos dedos nas depressões macias entre as almofadas. Suavemente, bem suavemente, abriu a incisão e deixou o cachorro mostrar onde estava a dor. Quando Tinder puxou a pata, Edgar fechou os olhos e apertou o rosto no pescoço de Tinder, acariciou seu peito e queixo, ouviu o sangue correr dentro do pescoço do animal, para fazer Tinder entender como era importante a água, perguntando seguidas vezes se podiam tentar só mais uma vez. Depois de algum tempo, Tinder deixou Edgar levantar sua pata e pôr dentro da tigela outra vez. Edgar esperou até sentir os dedos amortecidos, depois começou a abrir e fechar a ferida, para a água lavar de novo.

Quando abriu os olhos, a tigela estava cheia de água limpa e fria outra vez.

— É uma coisa incrível — disse o homem. — Às vezes não sei dizer se é você ou o cachorro que está mexendo essa pata.

Edgar balançou a cabeça.

— Conhece o bicho bem mesmo, hã?

Sim.

— Os outros cachorros também?

Sim.

— Tudo bem ele ter enfiado os dentes no seu braço desse jeito?

Edgar balançou a cabeça: sim, sim.

Continuou a trabalhar na pata de Tinder. Quando a água permaneceu limpa, ele procurou os remédios na varanda. Despejou a água oxigenada na tigela e em seguida lavou a pata de Tinder. Isso fez espumar a almofadinha de Tinder e a carne branca e enrugada do polegar de Edgar. Quando acabou a efervescência, ele apoiou a pata de Tinder na perna e enxugou dando palmadinhas. O homem entrou na casa e voltou com uma toalha, um retalho de pano e uma tesoura.

— Não tenho gaze, mas se quiser pode enfaixar com isto aqui — disse.

Edgar assentiu com a cabeça e pegou lápis e papel.

Tem uma meia?, escreveu.

— Certo — disse o homem, e desapareceu dentro da casa.

Ele cortou o pano em tiras, enrolou na pata de Tinder e amarrou as pontas das bandagens para não se soltarem. O homem voltou com uma meia branca na mão. Edgar a prendeu com a última tira.

— Tudo bem, olhe — disse o homem. — Preciso ir dormir. Eu trabalho amanhã. — Olhou os cachorros, cheio de dúvidas. — Acho que você não vai entrar sem eles, não é?

Não.

O homem balançou a cabeça como se aceitasse mais uma humilhação de uma longa lista.

— Me diga que eles estão acostumados a ficar dentro de casa. Minta se precisar.

Edgar fez que sim.

— Tudo bem, entre. Amanhã cedinho a gente vê o que faz.

Edgar chamou Baboo e Essay e lavou depressa as patas deles. O homem segurou a porta aberta, friamente cerimonioso, quando os cachorros passaram

levantando o focinho e farejando o ar ao entrarem na cozinha. Edgar ajoelhou-se, acomodou Tinder nos braços e cambaleou de lado pela porta.

— À esquerda — o homem disse.

Edgar foi andando de lado por um corredor curto. Tinder farejou os casacos pendurados nos ganchos ao passar. Então, estavam numa sala de estar com um sofá, poltronas estofadas, estantes e uma televisão com um toca-discos em cima. O piso era de madeira antiga, muito marcada e escurecida pelo tempo. Ele depositou Tinder em cima de um tapetinho na frente do sofá. O cachorro tentou levantar-se, mas Edgar tirou a mão debaixo dele e levantou um dedo, e ele deitou outra vez. Quando o homem apareceu com um travesseiro e dois cobertores, Edgar já havia posto os cachorros deitados e quietos.

— Tome — disse o homem. — Eu agradeço se dormir com um desses cobertores por baixo de você, por causa da lama e tudo.

Edgar olhou para si mesmo e se deu conta de que, embora tivesse limpado os cachorros, estava coberto com uma mistura de sangue seco e terra.

— Durma um pouco... não que eu ache que você precise que eu diga isso. Está cambaleando, sabia disso, certo? A má notícia é que eu preciso levantar cedo amanhã para trabalhar. Tem um banheiro ao lado da cozinha. Vou deixar uns Band-Aids e um antibiótico na mesinha, se quiser tratar desse dedo.

Edgar fez que sim.

O homem deu mais uma boa olhada nos cachorros.

— Quando eles começarem a roer as coisas, tente levar os dois para aquela cadeira, pode ser? — Apontou com o polegar uma poltrona no canto. Era estofada de laranja e marrom. Havia imagens de patos no estampado. — Detesto essa poltrona — disse.

Edgar olhou para ele, tentando entender se estava fazendo uma piada.

— A propósito — disse — , meu nome é Henry Lamb.

Estendeu a mão que Edgar apertou. Então Henry foi até a porta da sala e virou-se para olhar.

— Acho que não quer avisar ninguém, não é? Família? Alguém que venha buscar você?

Não.

— Certo — Henry resmungou. — Eu só precisava perguntar.

Edgar estava cansado demais para se lavar. Estendeu o cobertor no sofá e deitou. A cabeça doía de tanta fadiga; o polegar apenas doía. Pegou os Band-Aids e espalhou a pomada antibiótica na ferida aberta e purulenta em seu dedo. Ainda estava pensando se teria energia para apagar a luz quando uma onda de exaustão o dominou, a pomada e o papel da embalagem de Band-Aid ainda em cima de seu peito.

O SOFÁ DEVERIA TER SIDO um raro prazer. Em vez disso, seu sono foi devastado por ausências: por que a noite retinha sua panóplia de sons? Onde estavam os corpos dos cachorros que o aqueciam no escuro? Ele flutuou perto do sono como uma boia no meio do mar, até que em algum momento da noite a grande píton Kaa se materializou e enrolou seus anéis iridescentes em torno das pernas e do peito de Edgar. Era reconfortante encontrar uma figura que reconhecia, no entanto, como era estranho sentir a pele reptiliana de Kaa parecida com algodão sob a ponta de seus dedos, quente, aveludada e interrompida em certos pontos por algo que parecia quase uma bainha virada. O triângulo da cabeça de Kaa flutuava diante dele, ciciando bobagens, mas mesmo aquela hábil hipnotizadora não conseguia puxá-lo para um sono mais profundo. Cachorros ausentes. Silêncio sufocante. Anéis de serpente.

Quando os cachorros começaram a latir, Edgar deu um pulo, eletrizado pelo alarme de suas vozes. Não se deu o trabalho de desenrolar-se do que sabia ser uma fabricação de sonho, mas de alguma forma Kaa passou para o mundo desperto e assumiu a forma de um cobertor enrolado com força em suas pernas.

Considerando o breve tempo que permaneceu na vertical, Edgar captou uma quantidade admirável de informações sobre a situação: lá estavam Essay, Baboo e Tinder, pelos eriçados, fixando alguma coisa do outro lado da sala; lá estava Henry Lamb, objeto da atenção deles, enrolado num surrado roupão xadrez, perplexo e de rosto inchado na porta de seu quarto; e do outro lado da janela da sala havia uma manhã de verão totalmente agradável despejando-se pelo gramado. Então tudo o que Edgar viu foram pernas de poltronas, tapetes, porque estava ocupado caindo no chão. Os cachorros se viraram para olhar. Seus ombros caíram, eles começaram a abanar os rabos, a ganir, resfolegando, em posturas que diziam, talvez, que estavam reagindo em excesso. Baboo apertou o focinho na orelha de Edgar e babou para fazer as pazes.

Henry encostou-se na moldura da porta. Tentou falar, mas só saiu um grunhido. Passou por eles arrastando os pés e entrou na cozinha.

— Café, se quiser — coaxou depois de um momento.

Edgar acalmou os cachorros e ajoelhou-se ao lado de Tinder. O curativo ainda estava na pata, o que surpreendeu Edgar e o preocupou também. Se Tinder estivesse saudável, teria arrancado a bandagem com os dentes durante a noite. Com a mão debaixo da barriga de Tinder, Edgar estimulou o cachorro a dar alguns passos.

Bom, Edgar pensou, vendo que Tinder mantinha a pata levantada. Pelo menos não vai tentar andar com ela.

Quando Edgar entrou na cozinha com os cachorros, Henry estava sentado à mesa, com uma xícara de café aninhada às mãos. Edgar empurrou a porta, Essay e Baboo começaram a trotar pelo gramado descuidado entre a casa e o celeiro. Edgar pôs a mão nas costas de Tinder para guiá-lo para fora. O cachorro deu uns passos em falso, urinou e mancou de volta. Quando entrou na cozinha, o chuveiro estava aberto e a xícara de Henry vazia em cima do balcão. Edgar serviu-se de café. Encontrou leite na geladeira e açúcar numa tigelinha perto da janela. O resultado era amargo e denso, mas o despertou como um choque. Sentou-se na varanda ao lado de Tinder.

Henry saiu, as chaves do carro tilintando numa mão, a marmita na outra.

— Teve tempo de pensar no que vai fazer hoje? — perguntou, sentando-se ao lado deles.

Edgar assentiu com a cabeça. Era uma mentira. O que fazer naquele dia era exatamente o que o preocupava, ao observar Tinder e tentar calcular quanto tempo ia durar o curativo se começassem a caminhar. Ou se Tinder conseguiria caminhar.

— Como está o cachorro?

Edgar deu de ombros.

— Certo. Talvez seja cedo demais para dizer.

Ficaram sentados, olhando para Essay e Baboo.

— Tudo bem, olhe só — disse Henry. — Enquanto estava no banho, tentei pensar no que a maioria das pessoas faria no meu lugar. Assim, qual a maneira normal de lidar com isso? Chamar a polícia, talvez, contar que estou com um rapaz

perdido e três cachorros nas mãos. Como é o meu primeiro instinto, não confio nele: é muita falta de imaginação, sabe?

Edgar fez que sim.

— Então, não vou fazer isso. Quer dizer, acho que não vou fazer isso.

Henry virou-se para olhar para Edgar, um olhar significativo, embora Edgar não tivesse certeza do que queria dizer. Ocorreu-lhe outra vez que havia alguma coisa cativante no sincero pessimismo daquele homem. Henry Lamb via o mundo repleto de bloqueios de estrada e dificuldades, ou pelo menos era o que parecia. De alguma forma, ele dava a impressão de que nenhuma má notícia seria surpresa para ele, que cada situação era um paradoxo esperando ser decifrado.

— Olhe — disse Henry — , estou falando francamente que não mereço confiança. Já mereci um dia, mas não mais. Nada de promessas. Eu agora sou negligente e imprevisível. — Disse isso sem um pingo de ironia na voz.

Edgar piscou.

— Vou deixar a casa destrancada. Pode ficar se quiser, dar tempo para a pata do seu cachorro ficar boa.

Edgar assentiu com a cabeça. Estavam sentados na beirada da varanda, olhando os girassóis. Era muito cedo e o sol ainda não havia aparecido na linha do horizonte, mas os enormes discos das flores já estavam virados para o leste.

— Não acredito que você esteja planejando me roubar tudo.

Edgar negou com a cabeça.

— Bom, o que mais posso dizer? Se eu mandar você embora e trancar a porta, você pode simplesmente jogar uma pedra na janela, então de que adianta? Tenho que confiar em você ou chamar a polícia e perder um dia quase todo com essas coisas.

Levantou-se com um gemido e foi para o carro.

— Pode ser que eu seja burro. Só para garantir, vou logo dizendo que não tem quase nenhum dinheiro aí e nada de muito valioso que dê para levar a pé: nenhuma joia, nada desse tipo. Nenhuma arma. Mas a cozinha está bem sortida. Ontem mesmo eu fiz compras. Coma o que quiser, você parece estar morrendo de fome. Fique longe do meu quarto. Não mexa neste carro (apontou a ruína de carro sustentada por tijolos), e a televisão está quebrada. Que saber mais alguma coisa?

Não.

Henry manobrou o sedã. Ao passar junto da casa, inclinou-se e abriu a janela do carona.

— Se sair — disse — , tranque a porta. Senão, melhor não trancar, a menos que queira esperar do lado de fora até eu voltar: a única outra chave está na minha mesa no meu trabalho.

Ele seguiu pelo caminho de entrada e então ouviu-se o ruído de pneus no asfalto, desaparecendo na direção de Lute.

EDGAR FICOU NA VARANDA, sorvendo o café nocivo de Henry Lamb. A casa estava num bolsão de sombra matinal atrás do campo de girassóis; o céu sem nuvens riscado por raios brancos, como se alguém tivesse jogado açúcar de confeiteiro no ar. Um leve aroma de terebintina emanava dos girassóis.

Essay e Baboo xeretavam em torno do celeiro. Quando Tinder ganiu, Edgar sinalizou uma liberação e o cachorro foi pulando à frente. Parou e solenemente farejou a pata enfaixada, depois perseverou até chegar junto dos outros cães, tocando a pata de leve no chão ao avançar. Os cachorros cheiravam um ao outro. Então Tinder voltou mancando para a varanda e deitou, com um suspiro.

Observar o cachorro em movimento revelou a Edgar que levaria duas semanas (duas, três até) para poderem viajar, contanto que a pata de Tinder não infeccionasse e que ele não tivesse cortado um tendão ou ligamento tão vital que fosse ficar (como Henry havia sugerido tão delicadamente) aleijado. A ironia era que se fosse para algum dos cachorros se machucar numa exploração inconsequente, teria sido Essay, não Tinder. Havia sido apenas falta de sorte de Tinder, pois caçar rãs sempre fora uma coisa inofensiva.

Então, será que tinham alguma escolha, senão aceitar a oferta de Henry? O homem parecia não saber nada sobre cachorros. Edgar duvidava que Henry fizesse alguma ideia de quanto tempo iria demorar a convalescença de Tinder ou o que seria necessário para alimentar uns cento e cinquenta quilos de cachorros famintos todos dias. Edgar não tinha dinheiro para pagar comida. Sem um lago por perto, sem cabanas a serem pilhadas, não havia a opção de pescar e roubar.

Além de tudo, para culminar, Henry era um personagem bem estranho. Seu alerta de que não era confiável: ninguém dizia coisas assim. Ao mesmo tempo,

estava claro que Henry gostava deles. Edgar até surpreendera o sujeito sorrindo depois da confusão da manhã. Ou talvez tivesse sido apenas sua reação ao ver Edgar despencar no chão. Mas mesmo que Henry tivesse sido sincero em sua proposta, a caminho do trabalho (fosse onde fosse) será que ele podia concluir que tinha sido um erro aquilo que estava fazendo , de deixar a casa com um estranho? O que ia acontecer em seguida era que Edgar veria um carro de polícia parando no jardim. Depois de semanas na floresta de Chequamegon, Edgar tinha certeza de que, recuperados, eram capazes de escapar de qualquer perseguidor isolado. Mas com Tinder manco, e tantos campos abertos em torno, não havia como se esconder de ninguém. A menos que tivessem uma vantagem inicial muito grande.

Claro que havia uma opção. Podiam ir embora naquele instante. O ferimento de Tinder ia diminuir o ritmo deles, mas não os deteria. Tinha carregado Tinder por quase dois quilômetros na noite anterior. Verdade que suas costas ainda estavam doendo loucamente, mas poderia fazer isso de novo, se fosse preciso. E se só conseguissem avançar uns dois quilômetros por dia? Dois quilômetros além da casa de Henry era o mesmo que estarem em outro condado, e como todos sabiam, quando chegassem ao lago podiam ficar por um longo tempo. Até agora, não tinham dependido de ninguém. Era o único plano que ele tinha certeza que funcionava.

Bateu palmas chamando Essay e Baboo de volta e levou todos para dentro da casa. Deixou a água correndo no chuveiro e tirou a roupa. O espelhinho acima da pia foi ficando embaçado e olhou para si mesmo: magro como um passarinho, o rosto sarapintado de picadas de insetos, cabelo castanho clareado pelo sol, caído sobre os olhos azuis. As semanas que tinha passado lutando pela vida sozinho haviam dissipado o que havia de suavidade nele, e Edgar parecia um galgo, impaciente e retesado.

Além disso, estava imundo. A sujeira no pescoço queimado de sol parava em algum ponto em torno dos ombros. Demorou para ajustar a temperatura da água, entrou debaixo do chuveiro, puxou a cortina de plástico branca e ensaboou-se. Deixou a água quente correr pelo corpo. Apesar das doses diárias de repelente, cada parte de seu corpo parecia ter servido de jantar para alguma mutuca, carrapato ou pernilongo. Quando a água quente acabou, ele abriu a cortina. Essay e Baboo estavam olhando, intrigados, na porta. Ele sorriu, pegou uma toalha e girou no ar como um toureiro.

Depois de se vestir, encheu uma tigela de cereais, leite e mel, e levou com ele

enquanto olhava a casa. O corredor era coberto de fotografias: um casal mais velho posando diante de um telão de estúdio, pais de Henry, ele imaginou; algumas crianças de pijama segurando brinquedos ao lado de uma árvore de Natal cintilante; um Henry mais jovem no saguão de um grande prédio, ao lado dos pais, uma expressão hesitante no rosto. Na mesinha lateral, notou o retrato de uma mulher angelical, assinado com uma caligrafia floreada: "Amor, Belva." A televisão cont inuou escura quando Edgar ligou o aparelho, mas havia um toca-discos que funcionava. Encontrou na estante uma pilha de manuais de mecânica de automóveis e alguns manuais de telefone Bell Systems. Aparentemente, Henry trabalhava para a companhia telefônica.

A porta do quarto estava fechada. Ele pensou em abrir, mas tudo na casa de certa forma coadunava, e ele podia bem imaginar a cama simples, os lençóis desarrumados, mas não demais, o roupão xadrez jogado. A cômoda. O armário. Mais fotos de família na parede. Não entrar no quarto tinha sido o único pedido de Henry. Não pedira nem que não o roubasse: coisa que já tinha feito, gulosamente, e sem um pingo de remorso.

Edgar voltou à cozinha, pensando. Esvaziou quatro latas de ensopado de carne em uma tigela para Essay e Baboo e duas latas de peru com massa em outra para Tinder, e pôs as tigelas no lado de fora. Enquanto eles comiam, despregou o Band-Aid do polegar e examinou a ferida. O corte era profundo e feio, mas estava limpo. Começou a desenrolar a meia da pata de Tinder. Mentalmente, evocou Tinder virando de costas, a ponta de vidro brilhando acima e abaixo da pata. Esperava que sua imaginação tivesse ampliado a gravidade do ferimento de Tinder: que ela parecesse inofensiva à luz do dia.

Mas não foi assim. Havia se formado uma mancha marrom no curativo. Tinder lambeu e puxou a bandagem quando Edgar a desenrolou. Com dificuldade, fez o cachorro deitar de lado e virou a pata para cima. A almofadinha estava com o dobro de seu tamanho normal. Ele fez um esforço para abrir a ferida e foi brindado com a horripilante visão de uma carne rosada e cinzenta e um relance de um tendão branco se contraindo. Então, foi obrigado a parar, em parte porque sentiu a cabeça girando, em parte porque Tinder ganiu e puxou a pata, que cobriu de lambidas longas e lentas, censurando Edgar com os olhos.

A tigela esmaltada estava no balcão. Ele a encheu com água morna e mediu quatro gotas de detergente. Tinder ameaçou rebelar-se quando Edgar colocou a vasilha no chão. Edgar circundou o focinho de Tinder com a mão e olhou nos olhos

dele.

Pode ir se acostumando, sinalizou. Vamos fazer isso muitas vezes.

DE SEU PONTO PRIVILEGIADO no campo Edgar viu o carro de Henry parar ao lado da caixa de correio, depois atravessar o caminho de entrada. Era fim de tarde, ele e os cachorros tinham se recolhido para o local onde haviam dormido na tarde anterior, melhor acomodação que conseguiu pensar entre ficar e ir embora. Embora Tinder não conseguisse forçar o menor peso na pata, quando Edgar tentou carregá-lo ele se retorceu tanto que imediatamente Edgar o colocou no chão, temendo que pudesse saltar e abrir a ferida. Relutante, deixou o cachorro seguir seu rumo acompanhando a cerca, trajeto que levou meia hora. Mas, assim que se acomodaram, Edgar sentiu-se muito melhor. De manhã, ele aproveitara a chance, tinha deixado os cachorros na posição de fica na casa e corrido pela trilha para pegar a vara de pescar e a mochila que deixara no aterro da ferrovia. Agora o equipamento de pesca estava escondido entre os girassóis. Em poucos segundos, todos eles podiam estar escondidos entre os girassóis, até mesmo Tinder.

Lá embaixo, Henry saiu de seu sedã, um saco de compras debaixo do braço e a marmita na mão. Chamou, abriu a porta dos fundos, desapareceu lá dentro. Eles tinham deixado a casa vazia e destrancada, sem nem um bilhete de agradecimento. Era grosseiro, mas ele não podia deixar nenhuma prova de que ele e os cachorros tinham estado ali, caso Henry voltasse acompanhado por... bem, quem sabe quem poderia vir junto ou aparecer uns minutos depois?

Henry voltou à varanda, cerveja na mão. Olhou o quintal. Edgar se abaixou, e quando levantou a cabeça de novo, Henry estava parado na estrada, olhando na direção do asfalto, sacudindo a cabeça. Depois, arrastou do celeiro uma grelha barriguda de churrasco até a varanda. Trouxe um saco de carvão e uma lata de fluido, e logo as chamas brotaram no hemisfério preto, ondas de calor subiram tremulando.

Em seguida, Henry tirou duas cadeiras de cozinha e uma mesa de jogo que desdobrou no gramado. Arrumou pratos de ambos os lados da mesa e distribuiu pelo centro um saco de pães escuros, frascos de ketchup e mostarda, e um prato de alguma coisa que podia ser uma salada de batata ou de macarrão. Usou um copo como peso em cima de uma pequena pilha de papéis e jogou dois lápis amarelos dentro dele. Depois, desembrulhou um pacote que só podia ser de salsichas frescas e arrumou-as sobre a grelha; abriu uma lata de feijão e pôs para esquentar ao lado

das salsichas. Quando estava tudo decididamente cozido e uma coluna de fumaça subia da grelha, Henry sentou-se a uma das mesas e desdobrou um jornal.

Ao ver tudo isso, Edgar sorriu. Se tinham sido vistos, Henry podia ter chamado por eles sem precisar de toda aquela encenação. Era um interessante ato de fé de um homem que se declarava negligente e imprevisível. Na verdade, Edgar pensava que Henry era estranhamente confiável: preparar um jantar e encenar aquele convite para hóspedes que ele nem tinha certeza se existiam.

E embora detestasse admitir, o plano de Henry estava funcionando. Depois da orgia alimentar do dia anterior, Edgar achara que não ia comer por uma semana, mas agora estava com água na boca. Toda vez que olhava, havia surgido uma coisa nova em cima da mesa. Picles. Refrigerante. Alguma coisa embrulhada em papel de açougue. Algo parecido com um suspiro de limão. No entanto, não podiam ir para aquele quintal. Só lhe restava esperar; não havia outro jeito de ter certeza de que o homem não havia alertado o xerife do condado a dar uma passada, digamos, às nove da noite, quando tinha certeza de que o rapaz estaria confortavelmente instalado na casa.

Quando terminou de grelhar as salsichas, Henry pegou a lata quente de feijões com uma luva térmica para forno e despejou o conteúdo numa tigela. Empilhou as salsichas num prato, colocou-o na mesa de jogo e tranquilamente se serviu; pegou um monte de salada de batatas e um pouco de feijão. Depois, dobrou em quatro o jornal numa agitação ruidosa, pegou um lápis do copo vazio sobre a mesa e começou a fazer as palavras cruzadas. Talvez fosse imaginação de Edgar, mas ele achou que sentia o aroma apimentado das salsichas grelhadas lá do campo. Baboo com certeza sentia. Ele se colocou ao lado de Edgar e ofegou ansiosamente no ouvido dele. Edgar passou a mão distraidamente pelas costas do cachorro.

Uma semiescuridão havia baixado. Um punhado de estrelas emergira no céu claro ultramarino. Ele se pôs de pé e bateu palmas de leve para chamar Essay para perto. Como ela não apareceu a seu lado, ele de repente entendeu que Baboo não tinha ofegado pedindo comida. Girou e bateu palmas mais fortes. Ao se voltar, Essay já estava trotando para o círculo de luz da varanda, o passo saltitante, o rabo sacudindo lindamente no ar, girando as patas fronteiras em círculos largos ao correr, como se saudasse um amigo havia muito perdido. Henry colocou o jornal na mesa. Essay parou diante dele sentada com perfeição, talvez a uns dez centímetros.

— Olá, você — disse Henry, encostando na cadeira. A voz dele atravessou a encosta no ar parado do anoitecer. Mesmo a distância, Edgar podia ver Essay

olhando para Henry com olhos pedintes, sentada ereta, orelhas empinadas, balançando o rabo.

Parado ao lado de Edgar, Baboo começou a ganir e a bater com a pata no chão.

Senta , Edgar sinalizou.

Com um gemido mal-humorado, Baboo sentou, depois virou à esquerda, para olhar melhor. Tinder avançou mancando. Os dois ficaram farejando o ar, cabeças balançando e inclinadas como marionetes cada vez que Henry falava.

Agora não adiantava, Edgar pensou. Foi até Tinder e ajoelhou-se. Não vai correr para lá com essa pata, sinalizou. Fez o cachorro levantar, passou os braços por baixo dele e olhou-o nos olhos. Quando se entenderam, ele liberou Baboo e com um braço debaixo da barriga e outro debaixo do peito de Tinder, levantou-se. Tinder era pesado, mas esse peso estava ficando familiar, e Edgar desceu a encosta com passos cuidadosos.

Henry bebeu um gole de cerveja e ficou olhando eles se aproximarem. Nos últimos quinze metros, Baboo dispensou suas últimas reservas de prudência e disparou, até estar sentado ao lado de Essay. Os dois cachorros olhavam de Edgar para Henry. Então, Essay trotou de volta para encontrar Edgar e Tinder, indiferente ao olhar que Edgar lhe deu, agitando a cabeça como se os escoltasse a uma festa, tudo ideia dela.

Tinder tinha sido paciente na descida, mas agora começou a se retorcer nos braços de Edgar, que o pôs no chão. O cachorro farejou Essay, depois manquejou pelo gramado. Em um momento, Henry estava cercado de cachorros. Dados todos os preparativos, Edgar esperava que Henry fosse fazer um convite animado, mas ele ainda não conhecia Henry muito bem.

— Achei que tinha fugido — Henry resmungou, olhando para ele por cima dos cachorros. Gesticulou para a comida. — Coma uma salsicha. Eu deixei queimar demais, mas acho que são melhor do que nada.

DEPOIS QUE EDGAR ENFIOU uma salsicha dentro de um pão e serviu salada de batata em seu prato, Henry apontou o pacote branco em cima da mesa. Edgar desembrulhou e encontrou três grandes ossos para sopa com fiapos de carne crua e vermelha presos neles, e muito tutano.

— O sujeito do açougue me falou que são bons para cachorros — disse.

Edgar concordou com a cabeça. Ofereceu o pacote a Henry para que os distribuísse, porém Henry sacudiu a cabeça.

— Eu agradeço, mas pretendo usar todos os meus dedos amanhã — disse.

Os cachorros já tinham farejado os ossos e estavam esperando quando Edgar agachou-se ao lado da cadeira. Eles saíram trotando para rilhar os dentes nos ossos e imaginar, com olhares esgazeados, de que animal vinham aqueles ossos.

Então, como se a chegada de Edgar não fosse do mínimo interesse, Henry voltou às palavras cruzadas. De vez em quando, encostava na cadeira e batucava com o lápis, olhando o escuro, tão perdido em pensamentos quanto os cachorros.

Finalmente, largou o lápis e abriu uma nova lata de cerveja.

— Droga — disse. — Preciso de uma palavra com onze letras que signifique "relativo a borboleta". Começa com L .

Edgar olhou para Henry. Pegou um lápis, escreveu Lepidóptero e empurrou o papel em cima da mesa.

Henry voltou às palavras cruzadas.

— Ótimo — disse. — E o que você acha que é... vamos ver... uma palavra de doze letras para "eco". Termina com ao .

Edgar pensou um momento e embaixo da outra palavra escreveu reverberação .

— Oba, oba. Funcionou de novo — disse Henry. — Aha: lentilha ! — gritou, e preencheu outra fileira. — Falta uma. Palavra de sete letras: "formado por fogo ou luz." Começa com E , termina com O .

Edgar sacudiu a cabeça.

— Tudo bem. Deixa pra lá. Cheguei perto. Obrigado pela ajuda. — Largou o jornal, dividiu a torta em seis fatias, passou um prato com uma fatia para Edgar, depois pegou uma para ele. Com o garfo, apontou Tinder, ocupado em roer seu osso de sopa. — Como está a pata desse cara? — perguntou.

Ruim, Edgar escreveu. Inchada.

— O maior problema vai ser a infecção, você sabe disso, certo?

Sei.

— Lavou hoje de novo?

Edgar mostrou quatro dedos.

Henry balançou a cabeça.

— Não estou falando nenhuma novidade, não é?

Edgar deu de ombros, não queria parecer ingrato.

Henry deu uma garfada na torta e olhou para ele.

— Não quero me meter — disse — , mas as coisas ficariam mais fáceis se me dissesse seu nome.

Edgar ficou se atormentando enquanto Henry terminava a torta. Em todas as suas reflexões e planejamento ao longo do dia esse era um detalhe que não havia lhe ocorrido. Ele não podia simplesmente escrever seu nome. Depois de anos dando nomes aos filhotes, pensou, devia ser simples encontrar um nome para si próprio. Mas ele não tinha dias nem semanas para pensar nisso. Tentou encobrir sua confusão servindo-se de uma segunda fatia de torta. Olhou os cachorros. Então, teve uma ideia. Rabiscou no papel e empurrou para Henry.

— Nathoo? — Henry perguntou, em dúvida. — Você não tem cara de "Nathoo". É um nome indiano, não é?

Me chame de Nat, Edgar escreveu.

Henry olhou para ele.

— Como se chamam seus cachorros?

As palavras Essay , Baboo e Tinder apareceram no papel. Henry repetiu-as, apontando para cada cachorro.

Isso.

Então, para desviar Henry do assunto nomes, Edgar resolveu que era hora de lavar a pata de Tinder outra vez. Encheu a bacia esmaltada com água e um pouco de sabão e levou-a até Tinder.

— Vai demorar tanto quanto demorou ontem à noite? — Henry perguntou.

Edgar fez que sim.

— Então vou para a cama. Fique à vontade quando terminar. Henry recolheu

os restos do jantar, assim como a mesa de jogo

e as cadeiras. Quando Edgar enfaixou a pata de Tinder, Henry tinha se retirado para seu quarto. Edgar levou os cachorros para dentro e acomodou-os no tapete da sala.

Esperava que a noite anterior tivesse sido uma exceção, mas assim que se esticou no sofá ficou claro que tinha perdido a habilidade de dormir em mobília estofada. Isso nunca lhe parecera uma habilidade. Semanas antes, dormira normalmente numa cama, com lençóis e cobertores, um teto sobre a cabeça e uma única janela pequena pela qual se via a noite. Agora seu corpo reagia como se estivesse trancado em uma cela. Os sons da noite chegavam pela janela semiaberta com se viessem por um longo tubo. A maciez das almofadas do sofá parecia toda errada; muito mais confortável do que gravetos pinicando e insetos picando, mas na floresta ele e os cachorros dormiam tocando um ao outro: se um deles se mexia, os outros sabiam na mesma hora. Agora, era forçado a estender a mão se queria tocar os cachorros, e mesmo assim só com a ponta dos dedos. E qualquer um poderia aparecer na janela sem que ele se desse conta.

Por fim, ele se levantou e, com um cobertor enrolado no corpo, atravessou a cozinha com os cachorros e saiu para a parte plana da encosta. Acomodaram-se num emaranhado de membros caninos e humanos, com a casa confortavelmente atrás deles, oito olhos e oito ouvidos abertos para a noite. Um a um os cachorros exalaram profundos suspiros. No alto, frias estrelas brancas faziam um arco no céu escuro. A lua e o fino resplendor em torno dela brilharam. Parecia-lhe empíreo (formado por luz ou fogo), a palavra que teria completado as palavras cruzadas. Por que ele não quisera contar para Henry? Ficou ponderando sobre essa questão enquanto os sons da noite giravam à volta deles, mas, antes que encontrasse a resposta, adormeceu.

Comum

PASSARINHO CANTANDO. CHEIRO DE CAFÉ COADO. HENRY ABRIU A porta de tela e olhou Edgar e os cachorros dormindo enrolados uns nos outros e sacudiu a cabeça como se fossem a coisa mais deprimente que vira. Baboo foi o primeiro a se levantar, espreguiçou as patas dianteiras e avançou devagar, bêbado de sono, até Henry. Edgar prendeu Essay e Tinder com os braços, mas eles estavam acordados e ofegantes. A água corria sonora pelos canos da casa e o chuveiro chiava. Edgar recordou-se, foi até a cozinha, serviu-se de uma xícara de café e foi tomar na varanda. Essay lembrou-se do osso de sopa, o que também fez lembrar os outros cachorros, e o dia clareou ao som de dentes raspando osso. Mal olharam quando Henry saiu, marmita na mão. Na varanda, jogou um par de luvas de lona ao lado de Edgar.

— Venha comigo — disse. Foi até o galpão, destrancou uma trava e abriu as portas. — A proposta é a seguinte. Eu quero pôr aquele carro (ele apontou o monólito enferrujado em cima dos blocos) neste galpão .

Visto de fora, o galpão de Henry não tinha nada de especial, a não ser um certo desgaste. Media talvez uns cinco metros de largura por cerca de dez de profundidade, uma estrutura sem janelas, com teto em duas águas e pintura branca queimada pelo sol. Mas por dentro era um pequeno depósito de ferro-velho. Edgar precisou de alguns instantes para fazer com que seus olhos se detivessem em alguma coisa. As paredes estavam incrustadas de calotas, rolos de arame, placas de carro, antigas chaves de roda, serrotes, ancinhos, enxadas, foices, serras circulares e uma coleção de antigos instrumentos de ferro, enferrujados e estranhos. Rolos de corrente empilhavam-se em torno de si mesmos, como cobras petrificadas. Um pedaço de grelha usado como ralo amassado e dobrado. Um espelho sem moldura com base de placas de vidro temperado rachado e empoeirado. Havia uma porção de baldes enferrujados transbordando de bugigangas e peças.

De um lado, uma pirâmide de tijolos vermelhos desmoronada com uma corda grossa em cima, disputada por insetos fibrosos. Folhas de compensado, desfolhando como livros de figuras tirados de uma poça d"água. H avia montes de pneus, pilhas de jornal se desmilinguindo no lugar, bacias empilhadas de qualquer

jeito, o esmalte rachado como lama de deserto. Uma bigorna marrom atarracada. Nos fundos, escondia-se uma máquina de lavar roupas cilíndrica com rolos de espremer, e o que parecia um hidrante de incêndio ou uma peça de transmissão de caminhão.

Tudo isso estava nos cantos. No centro, ficava (ou talvez jazia) uma carroça de feno. Dava a impressão de um animal vergado sob o peso de sua carga. Três de suas rodas tinham saltado para o lado numa manifestação de choque e exasperação. O eixo dianteiro estava torto, puxando a roda da frente para dentro, e toda a plataforma apodrecida pendia em diagonal para a frente, debaixo de uma montanha de paus, telhas de madeira, molduras de porta, rolos de arame farpado e estacas vermelhas de ferrugem. Se a carroça ainda estivesse sobre as rodas, a pilha não passaria pela porta.

— Está vendo o meu problema? — disse Henry.

Edgar fez que sim. Olhou o carro arruinado sobre os blocos. Definitivamente, ficaria melhor no galpão. Então Henry apresentou seu plano: o que arrumar primeiro, o que queria que Edgar evitasse até estarem os dois juntos ali. Ele levou um longo tempo para explicar, havia muita coisa a fazer, e ele orientava Edgar em detalhe.

— Roupas de trabalho da Carhartts no armário, quando você encontrar coisas que espetam — disse, apontando um ninho de arame farpado.

Depois, levou Edgar ao celeiro e mostrou onde podia encontrar cortadores de arame e um carrinho de mão. Quando voltaram para a casa, Edgar rabiscou um pedido de ataduras e Henry lhe deu um lençol branco velho. Fizeram uma lista de coisas que ele precisava da cidade. E Henry foi embora.

Baboo e Essay tinham ido com eles ao galpão e agora olhavam para dentro da cozinha pela porta de tela. Tinder juntara-se a eles, pisando em três patas. Enfrentou o olhar de Edgar com um lampejo de rebeldia. A menos que Edgar o segurasse, dizia seu olhar, ia começar a se movimentar.

Primeiro vamos limpar essa pata, Edgar sinalizou.

Da pata de Tinder saiu um pus amarelo-esverdeado, sem cheiro, mas mesmo assim assustador. Ao ver aquilo, Edgar sentiu gotas de suor brotarem em todo seu couro cabeludo. Apertou as costas da mão contra a pata ferida. Não estava quente demais. Começou a limpá-la de modo brusco e Tinder ganiu, puxando a pata.

Desculpe, Edgar sinalizou. Mas ainda não podemos parar. Sentou com a mão estendida. Tinder acabou estendendo para Edgar a pata molhada, e dessa vez Edgar foi mais cauteloso. Depois, lavou a atadura velha no tanque e pendurou para secar no varal. Tinder começou a mascar a atadura nova.

Pare com isso, Edgar sinalizou. Pôs o osso de sopa na frente de Tinder e voltou ao varal. Pelo canto do olho, viu que Tinder voltara a roer a atadura. Virou-se e o deteve de novo.

Podemos ficar nisso o dia inteiro se você quiser, sinalizou.

Fez contas mentalmente: há três dias ele e os cachorros não treinavam. Alinhou-os na grama atrás do barracão. Trabalharam chamados, vir buscar coisas ao sol da manhã, depois ir buscar, ficar quieto e guardar. Pensou que isso talvez os fizesse lembrar de casa, mas lá eles precisavam apenas cumprir os movimentos e responder perguntas de sala de aula que não dependiam de nada. Perseguir. Sentar. Farejar alvos. Agora, os mesmos atos estreitavam os laços entre eles, juntavam todos de novo, como se o mundo recomeçasse do nada. Ao trabalhar, colocavam o céu em seu lugar lá no alto, as árvores no chão. Inventavam cor, ar, cheiro e gravidade. Riso e tristeza. Descobriam a verdade, mentiras e meias mentiras. Essay ainda fazia a brincadeira mais velha que havia, passando por ele com um graveto como se ele fosse invisível, trotando de lado e virando o pauzinho na boca como se dissesse: na verdade é tudo brincadeira, não é? O que mais importa se temos isto para fazer?

A PRIMEIRA PARTE DO PLANO de Henry era fácil: levar tudo para a terra e para o gramado e separar em três pilhas: entulho para queimar, entulho para jogar fora e entulho para guardar. As madeiras velhas seriam queimadas, com as revistas e os jornais; a poltrona velha e as estacas seriam jogadas fora. Henry falou que a categoria lixo para guardar era altamente teórica. Além disso, embora Henry não soubesse de nada que pudesse ter feito seu lar no galpão, não era difícil imaginar um rato aninhado dentro de alguma coisa. Edgar pegou uma barra de ferro e, antes de mexer em algo grande, batia nele. Uma cobra listada solitária deslizara, de trás do compensado, mas por enquanto só isso.

Rapidamente ele empilhara as estacas de qualquer jeito sobre o cascalho e amontoara o entulho perto do barril de queimar. Um após outro os cachorros trotavam atrás para farejar o que Edgar tirava. Baboo e Essay deixaram sua marca no banco do velho carro; quando Tinder tentou, viu-se diante de um problema de equilíbrio, uma vez que só contavam com três pernas boas. Edgar pensou em detê-

los, mas depois refletiu que não havia por quê.

Ao meio-dia, distribuiu comida para os cães e lavou a pata de Tinder outra vez, protegendo-a com as ataduras que secara no varal. Ouviu o som de um carro passando na estrada. Por hábito, levantou os olhos para localizar os cachorros, mas não havia nenhum motivo de preocupação. Baboo e Tinder dormiam na sombra. Essay tinha escolhido um ponto ao sol de onde podia acompanhar os movimentos de Edgar. Todos estavam escondidos atrás da casa. Edgar pensou brevemente em partir pelo trilho do trem, mas rejeitou a ideia outra vez. Além da dificuldade de viajar com Tinder, mais a água oxigenada e as outras coisas que Henry traria à noite, Edgar havia feito um trato com Henry e já sentia mais que uma pontada de culpa por ter roubado o homem. Não queria recuar. Limpar o galpão parecia um pequeno pagamento.

Edgar retornou ao galpão e deixou a cabeça voar enquanto trabalhava. Cada vez que resgatava alguma coisa interessante (um globo amassado e embolorado ou um espremedor de maçã com o cabo de madeira quebrado), examinava nas mãos, espanando a terra, a poeira e as teias de aranha. Imaginou quem teria construído aquele lugar. Quantos verões essa pessoa teria usado aquele aparelho na mesa da cozinha, espremendo maçã após maçã, retirando a polpa do cilindro, depois coando o suco num pano fino? Será que a casa ficava cheirando a sidra na manhã seguinte? Será que abelhas se juntavam na tela da janela enquanto o trabalho era feito?

Edgar não sabia dizer quando exatamente se deu conta de que não estava sozinho. Trabalhava devagar, entrando e saindo da divagação, quando sentiu os cabelos da nuca arrepiarem como se um fio de suor tivesse se reduzido a sal pelo vento, uma sensação que inicialmente não associou a nada. Da segunda vez que aconteceu, viu pelo canto do olho uma figura parada nos fundos do galpão. Edgar cambaleou de costas para o sol e olhou o pântano acinzentado de sombras.

Viu os cachorros espalhados pelo quintal. Deu a volta ao galpão, mantendo uma boa distância. Não havia janelas para olhar para dentro e tudo o que podia fazer era acompanhar as tábuas com a pintura saindo como se fossem finos pedaços irregulares de casca de bétula. Quando terminou a volta, parou na frente da porta, protegeu os olhos com a mão e olhou para dentro. Podia ver o contorno da velha carroça e o entulho amontoado em cima, mas só isso. Derrubou a barra de ferro no canto interno da porta, inclinou-se para dentro, pegou-a e bateu na moldura da porta. Depois de algum tempo, entrou de novo e bateu na pilha de estacas até uma

nuvem de poeira alaranjada encher o galpão. Todo o resto continuou inerte. Ele parou, balançando a cabeça consigo mesmo. Quando se virou, os cachorros estavam alinhados na porta, olhando para ele.

Boa ideia, sinalizou. Deitados. Fiquem vigiando.

Depois que os cachorros se acomodaram, ele voltou cautelosamente ao trabalho. Quando sentiu de novo o arrepio na nuca, fez força para olhar primeiro para os cachorros. Só Baboo ainda estava acordado, ofegante e indiferente ao sol. Edgar deixou o olhar vagar para os fundos do galpão. O vulto visto pelo canto dos olhos estava lá, mas quando Edgar se virava para olhar de frente, não o via.

Foi formando uma imagem pouco a pouco: um velho de ombros caídos com os braços grossos de um fazendeiro e uma grande barriga. Usava calça jeans e camiseta manchada de gordura, um boné de loja de rações no alto da cabeça de cabelos brancos. Quando o homem finalmente falou, sua voz era baixa, quase um sussurro, e ele pronunciava as palavras com um sotaque que Edgar reconheceu, depois de muitas horas ouvindo os velhos fazendeiros na loja de ração que pronunciavam da em lugar de the [o, a] e dere em lugar de there [lá].

Era a mulher, disse o homem. Nada podia ser jogado fora. Tinha de guardar tudo.

Edgar, temendo o que tinha acontecido da última vez que olhara, fez força para se concentrar em soltar duas rodas de carro.

Ela queria guardar tudo que era coisa no caso da gente precisar de uma peça, disse o homem. Eu podia ter usado melhor este galpão, garanto a você. Acabei tendo de botar toda a maquinaria de verdade no vizinho.

Edgar colocou uma roda em cima da outra, ajoelhou-se e começou a separar umas peças menores para manter os olhos ocupados com as mãos.

Veja a caldeira de carvão ali.

Edgar arriscou um olhar para a volumosa forma de metal atrás da carroça. Não ousou examiná-la de perto, porque sentia que o olhar era atraído pelo velho fazendeiro, mas aquilo, decerto, parecia ter sido uma caldeira. Até então só havia notado uma coisa redonda, de metal, rebitada.

Botamos aquilo ali no porão antes mesmo de assentar as primeiras tábuas do soalho. Nossa, como era grande! Nós três levamos a manhã inteira. Choveu o tempo todo. Mas não foi muito difícil. Levar para fora foi bem pior, teve de quebrar

com a marreta. “Guarde bem isso”, ela falou. “Nunca se sabe.”

Com o rabo dos olhos, Edgar viu o homem sacudir a cabeça.

Nem sei lhe dizer quantas toneladas de carvão botei dentro dessa coisa. Acabei até gostando disso aí. Chamava de Carl. Tem de dar comida para o Carl, eu dizia, quando esfriava. Ou então: Carl vai se divertir bastante esta noite, quando vinha uma tempestade de neve.

Quanto tempo o senhor viveu aqui?, Edgar sinalizou. Mas permitiu-se olhar e, de novo, não havia ninguém ali. Levou um volante até o quintal e dedicou-se ao trabalho até sentir os cabelos da nuca arrepiarem de novo.

Trinta e sete anos, disse o homem. Uns quinze anos depois, não cabia mais nada no galpão, então ela deixou que eu jogasse alguma coisa fora. Ela esfregava as mãos o tempo todo. Ah, eu não devia ter sido tão duro com ela. Era uma boa mulher, e gostava dos nossos filhos que era uma loucura. Depois que ela morreu, achei uma caixa de sapato cheia de araminhos de amarrar o pacote de pão. Milhares de araminhos! Quem sabe todos que a gente comprou nesta casa. Para que ela ia usar aquilo?

Edgar não tentou responder. Desviou os olhos e pegou um velho engradado cheio de compotas em conserva quebradas para levar para a pilha de entulho. Depois tirou um alicate do bolso de trás e começou a cortar um emaranhado de arame farpado e mourões de cerca. Endireitava os pedaços de arame e jogava numa pilha, onde ganhavam a aparência de caules de rosas de ferro.

Quando ela morreu, continuou o velho fazendeiro, pensei: agora vou poder limpar o galpão. Vim aqui fora, abri as portas e pensei: não, não posso fazer isso. Trinta e sete anos botando as coisas dentro, não posso começar a tirar agora. Era como enterrá-la duas vezes. Então vendi tudo e me mudei para a cidade. Quando teve o leilão, eu disse para as pessoas que por vinte dólares podiam ficar com tudo que estava dentro do galpão, se esvaziassem aquilo. Ninguém me escutou.

Então, apesar de todos os esforços, o olhar de Edgar se voltou para o homem outra vez, e ele desapareceu. Edgar trabalhou e esperou. A tarde passou. Então, Henry voltou para casa, trouxe ração para os cachorros e as outras coisas que Edgar tinha pedido, mais várias latas de tinta e pincéis. Havia trazido também outra coisa: discos, que fez questão de tirar do carro imediatamente para não derreterem ao sol quente.

Os cachorros excursionavam excitados pelo quintal, soltando sonoros

bocejos para se acalmarem até Henry sair da casa. Edgar acalmou Tinder, que gania baixinho. Os outros dois acompanharam Henry. O homem não tinha muita intimidade com cachorros, isso era óbvio. Ele ficava olhando, os braços suspensos no ar como alguém parado numa poça d"água. Quando Baboo se sentou à sua frente, em vez de coçar atrás da orelha do cachorro ou acariciar seu pescoço, para surpresa de todos Henry agarrou o focinho de Baboo e o sacudiu como num aperto de mão.

O gesto era bem-intencionado e é possível que Henry tenha até pensado que o cachorro gostou, mas Baboo baixou a cabeça, tolerante, e lançou um olhar comprido para o lado de Edgar. Essay, depois de testemunhar a sorte de Baboo, escapou numa dança agitada quando chegou sua vez. Por fim, Henry aproximou-se e acariciou a cabeça de Tinder com a mão aberta, como quem arruma mecha de cabelo rebelde. Avaliou as pilhas de coisas, que tinham crescido de modo impressionante ao longo do dia, entrou no galpão e olhou.

— Cristo — disse Henry. — Ainda tem tanta coisa aqui dentro como no começo.

Era exatamente essa a sensação de Edgar, que ficou aliviado de ver Henry confirmá-la. Começou a calçar de novo as luvas de trabalho, mas Henry o interrompeu.

— Basta por hoje — disse. — Se você continuar, me sentirei obrigado a ajudar.

Edgar fechou as portas do galpão e enfiou a tranca de novo no aro enferrujado. Foram juntos até o carro. Henry pegou duas embalagens de meia dúzia de cervejas suadas do chão do banco do carona. No banco de trás, havia um saco de vinte quilos de ração para cachorro. Edgar jogou-o no ombro, levou para a varanda, sentou-se e alimentou os cães direto do saco, segurando a ração com a palma em concha.

NESSA NOITE, FOI UM JANTAR de trabalhador. Henry sentou à mesa da cozinha, leu o jornal e comeu salsichas requentadas com salada de batatas. Gesticulou a Edgar para se servir e olhou os cachorros como se esperasse que eles fossem avançar na comida. Ia começar a pedir a Edgar que os deixasse lá fora, mas pareceu reconsiderar. Em vez disso, dobrou o jornal em quatro e concentrou-se nas palavras cruzadas, batucava com o lápis na mesa e pegava as indicações fáceis.

Depois disse:

— Ah! — e foi para a sala. Ouviu-se um pop dos alto-falantes. Música de piano encheu a casa.

— Isso se chama Variação Goldberg — disse ao voltar. Segurava uma velha capa de disco na mão. Olhou para a capa de novo, com uma constrangida precisão, e corrigiu-se: — Varia ções .

Voltou às palavras cruzadas, irrequieto e agitado, tocava a testa como se perturbado pelo som do piano. Esvaziou o copo de cerveja, inclinou-se para a geladeira e pegou outra, despejou no copo enquanto as bolhas subiam.

— Ei, leia alguma coisa, não quer? — disse. — Com você sentado aí eu não consigo me concentrar. — Não parecia zangado, só um pouco desanimado. — Tem revistas e livros na sala.

Edgar levou os cachorros para fora e começou a escová-los usando a escova de cerdas de arame que Henry havia trazido. Era uma escova de plástico barata, mas melhor do que escovar com os dedos, que era tudo o que tinha conseguido em semanas. A pelagem dos cachorros estava terrivelmente embaraçada. O crepúsculo tinha terminado, mas da porta da cozinha vinha luz suficiente. Trabalhou no rabo de Essay até ela ficar impaciente, depois passou para Tinder e Baboo, e voltou para Essay. A música de piano vinha pela porta de tela. Quando parou, chiando, ele ouviu os passos de Henry indo até a sala. Um minuto depois, uma nova melodia começou. Henry saiu para varanda com lápis e papel na mão, copo de cerveja na outra e sentou com as costas apoiadas nas tábuas brancas. Baboo foi até ele. Hesitante, Henry passou os dedos no pelo de Baboo embaixo do queixo, tentando coçar sem ficar com saliva nos dedos. Baboo tolerou um momento, depois virou a cabeça, de forma que a mão de Henry deslizou para baixo de sua orelha e ele começou a empurrar a cabeça contra os dedos de Henry.

— Nat — Henry disse — , uma palavra de seis letras para “aumenta a visão”. Começa com O e termina com S .

Empurrou o jornal para Edgar.

— Vinte e três vertical.

Edgar olhou as palavras cruzadas, largou a escova, escreveu óculos e empurrou o jornal de volta.

— Certo — disse Henry. — Eu devia saber essa. — Levantou a cerveja contra

a luz da varanda e olhou o copo. — Óculos — repetiu, pensativo, como se a ideia de óculos tivesse acabado de lhe ocorrer. Encostou a cabeça na parede. Quando parou de coçar Baboo, o cachorro apertou o focinho contra sua mão e colocou a pata em cima de sua perna.

Cuidado, Edgar sinalizou para ele.

Baboo tirou a pata.

— Sabe — disse Henry — , talvez seja difícil de perceber, mas nunca tive um cachorro. Nem quando era criança. Muitos gatos: três, quatro de uma vez. Meu melhor amigo na escola primária tinha um cachorro malhado chamado Bouncer. De uns dez quilos talvez. Bem esperto. Equilibrava coisas no focinho. Seguia a gente para todo lado. Mas esses cachorros... esses cachorros são diferentes. Quer dizer, o jeito que eles olham para a gente e tudo.

Ficaram um momento sentados em silêncio. A luz da cozinha projetava-se sobre as tábuas da varanda.

— Sempre foram seus?

Sim.

— Você que treinou?

Sim.

— Como está aquele... Tinder? Como está a pata do Tinder?

Edgar estava trabalhando na miríade de nós do rabo de Essay e ela não estava gostando. Quando largou a escova e liberou-a, ela deu um salto e girou, examinou seu inestimável apêndice, depois pulou em cima de Henry e Baboo e farejou os dois. Edgar juntou-se a eles.

Desenrolou a atadura de Tinder e levantou a pata para a luz.

Henry aproximou-se depressa.

— Ufa — disse. — Pensei que tivesse imaginado isso a noite passada.

Edgar pegou os trapos, a bacia e um frasco de água oxigenada. — Foi o maior frasco que eu achei. Talvez dê para aproveitar

mais se molhar um pano e esfregar — Henry disse.

Edgar fez que sim. Pegou o jornal.

Por que plantou girassóis?, escreveu. Molhou o pano com água oxigenada como Henry havia sugerido. As bordas da ferida de Tinder estavam vermelhas e purulentas e a água oxigenada espumou debaixo do pano.

— Ahá. Boa pergunta — disse Henry. Sentou-se e olhou o campo. — Pode dizer que foi uma experiência. Normalmente, planto milho, mas queria alguma coisa diferente este ano. Algo fora do comum. Então, tive essa ideia. Mais para o sul girassol não é tão raro, sabe, mas por aqui não se vê muito.

Quando a pata de Tinder estava o mais limpa possível, Edgar amarrou-a com as ataduras que tirou do varal.

Dá mais lucro que o milho escreveu.

— De fato, não — Henry disse. — Mas não ligo. Cinquenta centavos o quilo da semente. O milho dava mais dinheiro, mas não muito mais. — Olhou o campo e franziu a testa. — Só não sei bem como se colhe o girassol. Vai demorar uma eternidade se fizer à mão. O homem que colheu o milho no ano passado ficou de arrumar um aparelho especial para o trator dele. Mas posso também deixar as flores aí, se ficarem bonitas. Tudo depende. Claro, não tem nada mais triste do que um campo cheio de girassóis mortos. — Deu um gole na cerveja e olhou as estrelas. — Faz muito tempo que você não conversa, não é? Com esses sinais e tudo?

Edgar assentiu com a cabeça.

— Foi um acidente ou alguma coisa? Quer dizer, se você não se importa que eu pergunte.

Nasci assim, ele escreveu. Os médicos não sabem por quê. Deu de ombros e escreveu: obrigado por comprar a ração para os cachorros.

Henry olhou as pilhas de ferro-velho.

— Que bela bagunça — disse. Olhou o carro sobre os blocos. — Gostei da ajuda. Preciso tirar essa pilha da chuva antes que a ferrugem coma tudo. Eu devia vender, sabe.

Olhou o carro e pegou de algum lugar outra garrafa de cerveja. — Mas não consigo me livrar disso — falou.

Edgar concordou com a cabeça. Colocou uma meia nova na pata de Tinder e amarrou outra vez, usando o indicador para alertar o cachorro a não morder. Tinder começou a ofegar, como se estivesse surpreso de Edgar ler seus

pensamentos.

— Nat — disse Henry — , alguma vez já disseram que você é uma pessoa "comum"?

Edgar ficou olhando para ele.

— Sabe: comum. Simplesmente... comum. Aposto que ninguém nunca acusou você disso.

Não. Edgar olhou para ele. Não que eu me lembre.

— É, achei mesmo. Andando por aí com cachorros adestrados de circo, sei lá. Cristo. Quer saber de uma coisa ridícula? Eu já fui. Por minha própria noiva: ex - noiva. A gente ia se casar em março, e aí, do nada, ela desmarcou. Disse que até que me amava, mas tinha concluído que eu era muito comum e que com o correr dos anos isso ia destru ir nosso casamento. " Comum de aparência ou o quê?", perguntei. "Não, comum em tudo", ela respondeu. "Comum no jeito de fazer as coisas, comum no que você vê, fala e faz. Simplesmente comum." Depois que pôs essa ideia na cabeça, ela disse que não conseguia mais se livrar dela. Toda vez que olhava para mim, sentia amor e ao mesmo tempo sentia que eu era comum.

Tomou um grande gole de cerveja.

— Agora pergunto a você: isso faz sentido?

Edgar fez que não com a cabeça. O fato é que não fazia sentido para ele. Ele gostava das coisas comuns, dias comuns, trabalho comum. Mesmo enquanto Henry falava, sentiu saudade da rotina do canil. E se aquilo não podia ser chamado de comum, o que podia? Além disso, embora Henry não lhe parecesse alguém que pudesse ser chamado de fora do comum, não via razão para ele ter se ofendido com aquilo. Ou, na realidade, o que significava ser chamado de comum?

— Que droga, não faz sentido mesmo — Henry declarou num súbito ataque de indignação. Depois murchou. — Mas ela acertou, sim. O que exatamente faço de fora do comum? Todo dia vou para o escritório central e no fim do dia volto para casa. Tenho uma casa como todo mundo. Planto no campo e colho todo outono. Tenho um carro em cima de uns blocos para brincar. Gosto de pescar. O que não é comum nisso tudo?

Ela é comum?, Edgar escreveu.

Henry olhou para Edgar como se nunca tivesse se feito esta pergunta.

— Bom, acho que Belva não se destaca na multidão. Mas ela é bem incomum quando a gente conhece. Por exemplo, tem um olho azul e outro castanho, então, só isso já é bem incomum. Além disso, não acredita em Deus. Diz que se Deus existisse os dois olhos dela seriam da mesma cor. Acredito em Deus, só não quero perder a manhã inteira na igreja. Acho que para Deus tanto faz se você reza na igreja ou a caminho do trabalho. Belva diz que isso não é ser nem ateu nem crente; que é simples preguiça.

Você acredita em fantasma?

— Não me surpreenderia — Henry disse, como se aquilo confirmasse suas suspeitas mais sombrias. Mas ele queria falar de Belva; era como se conseguisse vê-la naquele momento, diante deles.

— Precisa ver os tornozelos dela: lindos, delicados, tornozelos de estátua. Ficamos noivos dois anos. — Soltou um suspiro. — Ela está saindo com um cara do banco.

Nunca aconteceu nada de incomum com você?

— Não que eu saiba — Henry disse. Na verdade, ele gemeu isso. Depois estalou os dedos. — Não, espere aí. Sabe a coisa mais incrível que já aconteceu comigo? Uma vez, no ano passado, fui ao supermercado. No meio do dia, não tinha quase ninguém. Andando pelo corredor, comprei leite, sopa, batata e lembrei que precisava de pão. Então fui para o corredor do pão. Tem pacotes e pacotes de pão nas estantes no fim do corredor. Comecei a empurrar meu carrinho para o pão. E o que você acha que aconteceu?

Edgar encolheu os ombros.

— Isso mesmo, você não sabe — disse ele. — Porque não foi comum. O que aconteceu foi que, antes de eu chegar no fim do corredor, um pacote de pão se esticou assim sozinho e caiu no chão. Ninguém encostou nele, ele simplesmente se desdobrou feito uma sanfona e lá se foi. Plop. Eu peguei o pacote e coloquei de volta na estante. Aí continuei pelos condimentos. Agora vem a parte que não é comum: estou indo para o caixa e viro no corredor de pão outra vez. O que eu escuto atrás de mim?

Ele lançou um olhar significativo a Edgar.

O quê?, Edgar sinalizou, embora provavelmente pudesse adivinhar.

— Plop! — disse Henry. — Isso mesmo. Virei e lá estava o mesmo pacote de

pão caído no chão.

O que você fez?

— Não sou idiota. Comprei o pão, claro. Devolvi a marca que sempre costumo comprar.

Era melhor?

— A mesma coisa — Henry disse, encolhendo os ombros. — Na semana seguinte, mudei de novo. — Tomou um grande gole de cerveja. — Então, é isso. Foi o pico. O ápice. O apogeu. Essa é a vida exótica que Belva desprezou.

Isso não acontece com todo mundo, Edgar escreveu.

Henry deu de ombros.

— Seria fantástico ver um disco voador, mas acho que não vai acontecer.

Então, a música de piano começou a falhar e Henry entrou para ajeitar o disco. Baboo foi até a porta e olhou pela tela. O cão, aparentemente, havia tomado alguma decisão a respeito de Henry. Edgar percebeu isso desde o início da noite. Quando Henry se sentou de novo, Baboo ficou ao lado dele, olho no olho, e esperou até Henry descobrir que ele precisava que fosse coçado embaixo do queixo, ou no alto da cabeça, ou nas costas, um pouco antes do rabo. Mesmo sóbrio, Henry não perceberia com que habilidade Baboo colocava sua mão onde queria ser coçado.

Henry encostou a cabeça na parede e depois de um momento adormeceu, resmungando. Edgar e os cachorros ficaram olhando a noite de verão. A música fez Edgar se lembrar daquela noite de Ano-novo em que ele dançara com a mãe há muito tempo; em seguida, seu pai os havia interrompido e os dois dançaram diante das luzes da árvore de Natal; ele havia roubado pedacinhos de coalho para dar a esses mesmos cachorros para comemorar. Naquele época, ele mal os conhecia, pensou.

Então, a música de piano acabou, e Henry acordou sobressaltado.

— Agora, imagine se eu me alistasse na Marinha — disse, veemente, respondendo a algum argumento de seus sonhos. — Vou para algum lugar. Para a Birmânia. Depois de algum tempo, deixo de ser comum. Tudo bem. Mas como Belva vai ficar sabendo? Esse é que é o problema. Tenho de parar de ser comum aqui mesmo, em Lute. — Inclinou-se para a frente e olhou para Edgar com olhos

sonolentos. Então, deve ter entendido o que aconteceu, porque se pôs de pé e deu um bocejo dramático. — Tudo bem — disse. — É isso. Por hoje chega.

Henry com Edgar e os cachorros entraram na casa. Henry podia ter achado divertido encontrá-los dormindo na varanda certa manhã, mas não queria abusar da paciência do homem. Quando entrou na sala, os cachorros já haviam se acomodado em cima do tapete. Ele apagou a luz da mesinha lateral, estendeu o braço para fora do sofá e pôs a mão em cima de Tinder. No escuro, pensou no velho do galpão. Conferiu o cobertor para ter certeza de que não estava enrolado em suas pernas. Em todos os dias que passaram percorrendo o Chequamegon, nem uma vez se esquecera de olhar dentro das pernas da calça para ver se havia aranhas lá, mas na primeira noite que passou numa casa tinha levado uma rasteira de um cobertor.

Alguma coisa mudara, concluiu. Acomodado no sofá, ele não teve aquela sensação da noite anterior de estar preso numa armadilha e achou que uma parte dele tinha resolvido confiar em Henry, que naquele lugar podiam passar a noite em paz. Talvez isso tivesse acontecido apenas minutos antes. Talvez quando observara Baboo.

Então, a parte calculista de sua mente começou a litania: três dias em um lugar. Começo de agosto. Com que velocidade iam ter de se deslocar quando Tinder ficasse bom? Quanto tempo ainda podiam ficar? Até onde chegariam antes que esfriasse? Até onde chegariam simplesmente? Por fim, Edgar acomodou-se no sofá, puxou um dos cachorros para perto de si e se ajeitou, em meio a um coro de suspiros e gemidos, de forma que dali a pouco estava tocando todos eles.

Satisfeito, disse a si mesmo, meio como aviso, meio como oração: não se acostume com isto.

Máquina n º 6.615

EDGAR ESTAVA TRABALHANDO NO GALPÃO DE HENRY HAVIA SEIS DIAS. De manhã, lavava e enfaixava a pata de Tinder. As ataduras não estavam mais manchadas de secreções, mas se Edgar limpasse demais a ferida a água ficava avermelhada. Apesar das tentativas de Edgar para manter Tinder quieto, sempre que Essay e Baboo lutavam no quintal, Tinder manquejava junto, a pata enrolada na meia encardida. Às vezes, ele gania e caía rolando, mas depressa se punha de pé outra vez. À noite, ouviam os discos arranhados da discoteca pública que Henry trazia para casa, música dos compositores russos habituais: Tchaikovsky, Rimsky-Korsakof, Shostakovitch. Durante o jantar, Henry xingava as palavras cruzadas enquanto Edgar lia as informações da capa dos discos. Depois, Edgar cuidava da pata de Tinder e ensinava Henry a falar por sinais.

No meio da manhã de sábado, Henry saiu com uma lista de coisas para fazer. Esperava voltar no começo da tarde, disse, embora, com a sorte que ele tinha, isso só deveria acontecer à noitinha, e o dia já teria terminado. Depois que ele saiu, Edgar parou no galpão, pensando no que atacar primeiro. As paredes tinham sido despidas ferramentas e dos serrotes enferrujados. A carroça em desintegração tinha sido escavada até a metade. Enquanto Edgar batalhava com um espelho de parede oval, miraculosamente inteiro, sentiu as cócegas do suor evaporando na nuca, sinal de que o velho fazendeiro tinha aparecido nos recessos mais remotos do galpão.

Esse espelho, esse é um que eu detesto me desfazer dele, disse. Foi da minha filha durante todo o período de crescimento dela. Ele deve ter visto ela mais do que eu: tudo, desde bebezinho até os vinte anos. Às vezes, penso se aquilo tudo ainda pode estar aí dentro. O fato de refletir a mesma pessoa todo dia deve deixar alguma marca na coisa.

Edgar passou um pano no vidro e olhou. A superfície do espelho estava empoeirada e o metal corroído tinha formado ilhas negras. Esperou as imagens do fantasma aparecerem: um bebê nos braços da mãe, uma menina escovando o cabelo, uma garota rodopiando contente num vestido de formatura. Mas tudo o que viu foi a própria imagem inclinada em sua direção.

Não tem ninguém aqui, respondeu.

Ah, disse o homem. Bom, pensei que podia ter.

O melhor jeito de fazer o homem continuar falando, Edgar tinha aprendido, era ficar quieto e esperar. Encostou o espelho de volta na carroça, começou a recolher a louça quebrada que havia por toda parte e jogá-la dentro de uma tigela de cerâmica lascada.

Houve muitos anos em que não fui feliz aqui, disse o velho. A maior parte dos anos 1950, principalmente. Os anos Eisenhower. Maus momentos.

O senhor era fazendeiro?

Era.

Gostava da fazenda?

Ah, Deus, acho que às vezes eu detestava. Sabe que horas a gente tem de levantar para tirar leite das vacas? Se você chega tarde, elas tentam pisar no seu pé. Quando a vaca vê você com o banquinho e o balde às dez da manhã, melhor ir direto para o meio do corredor, porque é certeza que vem um coice de dez quilos. Elas chutam a gente direto nas bolas, se acham que vão acertar. Aconteceu isso com um sujeito que eu conheço. Desistiu da fazenda e mudou para Chicago assim que conseguiu andar de novo.

Edgar pensou a respeito.

O nome dele era Schultz, por acaso?

Não, um dos filhos do Krauss, disse o velho. Bom, nem que seja só por medo, a gente acaba levantando quando ainda está escuro feito breu e elas ainda estão meio com sono. E a gente ordenha até doer a mão. Depois tem de esvaziar as baias com a pá, o que não é muito gostoso. Eu sempre achava incrível o quanto de estrume saía de uma vaca. Um pouco de feno para dentro, aquelas tortonas imensas para fora. Como isso pode acontecer?

Não entendo muito de vacas, Edgar sinalizou, depois de uma longa pausa.

E isso é só o trabalho de antes do café da manhã, continuou o homem. Depois tem a plantação e a colheita. As coisas dão errado. Bezerros que nascem dentro de grandes placentas azuis com veias da grossura de um dedo. Mastite. Vermes. Já viu ímã de vaca? Incrível. Parece uma bala de revólver gigante. Você enfia dentro da garganta da vaca e um ou dois anos depois sai pelo outro lado

coberto de pregos, porcas, pedaços de arame. Conheço um homem que encontrou o relógio dele desse jeito. A gente cortava forragem até a hora que a neve começava a cair, pensando se a gente ia acabar matando tudo se guardasse molhada. Cercas quebradas, vacas perdidas na floresta. Às vezes eu chegava em casa tão cansado que não sabia se ia conseguir levantar o garfo até a boca.

Se o senhor não gostava, por que não desistiu?

Para fazer o quê? Não tinha nada que eu conhecesse melhor do que uma fazenda. Eu era amaldiçoado, esse era o problema. Só porque eu não gostava não quer dizer que eu não fosse bom na coisa. Eu sabia prever o tempo, por exemplo. Saía lá fora num dia de primavera e pensava: agora a gente pode plantar. Lá na loja de ração diziam: "George, você vai se boicotar. Está plantando muito cedo, vai perder três quartos de tudo." Mas eu tinha intuição. Sempre adivinhei mesmo; até se nevasse, era como espanar pó, espalhando em todas as direções. Os fazendeiros em torno daqui começavam a plantar assim que ouviam dizer que eu tinha comprado sementes.

Isso não me parece maldição.

É maldição, sim, você que é moço demais para entender dessas coisas. Ser bom numa coisa que não é importante para você? Não é nem uma coisa rara. Muitos médicos detestam medicina. A maioria dos comerciantes perde o apetite quando olha uma nota fiscal. É uma coisa comum. O velho Bert lá da cidade, despreza aquele armazém. Diz que aquela rotina lhe deixa louco: arrumar, armazenar, pensar qual produto pode estragar. Um dia ele me contou que sonha mais com tomate do que com a própria mulher dele.

O que o senhor teria feito se pudesse ter desistido?

Teria sido maquinista de trem. Melhor trabalho do mundo. Você vira uma alavanca e dez mil toneladas de carga começam a rodar. Já entrou numa locomotiva?

Não.

Eu entrei, em Duluth, uma vez. Eu ia até o estacionamento de trens só para olhar as locomotivas, comecei a conversar com um sujeito e ele conhecia um dos maquinistas que estava por ali. Disse: "O Lem, venha cá." E o sujeito, de macacão e boné de condutor, igual a gente vê na televisão, veio. Aí o homem diz: "Este cavalheiro aqui nunca entrou numa locomotiva." "É mesmo?" , o Lem disse, foi para o telefone e ligou para alguém. Talvez o chefe da estação, não sei. Aí desligou.

“Bom, venha”, disse.

A gente foi indo pela plataforma, passando por aquilo tudo, vagão para carga solta, tênder, vagão-alojamento, ele virou para trás e disse: “O que você quer ver? Vapor ou diesel?” “Vapor”, falei. E ele me levou na máquina meia-meia-um-cinco: o número estava pintado com letras enormes do lado. Era uma das grandes, um limpa-trilhos que parecia um bigodão espetado, coberto de pinos do tamanho da cabeça da gente, manivela de direção da grossura da perna da gente. Preta, como se fosse cortada de um bloco só de minério. Ele apontando e falando o nome das coisas. Reservatório de ar. Cilindro. Caixa de areia. Domo de vapor. Injetores. Direção. Aí, ele sobe uma escada e faz sinal para eu subir também e a gente entra na cabine. E ele dizendo os nomes das coisas. Boca do fogo. Reverso. Regulador. Válvula de pressão. Aquela máquina estava fria e morta enquanto a gente estava ali, o Lem disse que estava em manutenção, mas mesmo assim dava para a pessoa sentir a força dela.

A voz do homem assumiu um tom tristonho.

Se teve um momento em que fiquei tentado a largar de tudo foi esse. Novecentos e cinquenta e cinco. Eu tinha cinquenta anos. Fiquei lá um pouco, saboreando aquilo. Aí o Lem me falou para sentar no banco do maquinista e olhar pela janela. Ia ter de usar boné e óculos de proteção se estivesse correndo de verdade, ele disse. Ia ter uma chuva de fagulhas quentes passando pela janela. “Sabe o que acontece se você faz a besteira de olhar para fora sem proteção?”, ele perguntou. “Aí”, ele se virou e mostrou o lado direito do rosto. Todo cheio de umas marquinhas pretas de queimadura, feito umas crateras velhas na pele. “Isso que acontece”, ele fal ou. Mas estava rindo, estava, sim. Eu já andava achando que ia ver cinza nos dentes dele. E pela cara do sujeito dava para ver que era dos sortudos, daqueles que é bom naquilo que faz. Isso é raro. Quando você vê isso numa pessoa, não dá para não reparar.

Edgar tomou o cuidado de deixar o olhar vagar até o velho fazendeiro aparecer em sua visão periférica. Ele estava parado com o queixo tocando o peito, perdido em pensamentos.

Ora, pois então, disse o homem depois de um longo tempo. Quando sentei naquele banco e olhei a chuva pela janela, imaginei aquelas fagulhas vermelhas quentes passando pela minha cara feito vagalumes, olhando uma ponte que chegava, que era o sonho da minha vida inteira, sabe no que pensei?

Na sua fazenda?

Isso mesmo. Lá estava eu, sentado numa locomotiva a vapor, uma das máquinas mais bonitas que já inventaram. Era magnífica, grande e pesada, lembrava um gigante deitado, dormindo. Desde menino eu achava que conduzir um trem era a coisa mais incrível do mundo, principalmente em campo aberto, com a válvula aberta, gritando, o mundo inteiro dividido por aqueles dois trilhos onde você está correndo. Dava para sentir isso, mesmo naquela máquina fria, morta, dava para sentir direitinho como era. E quando debrucei do trem e o engenheiro me falou das fagulhas voando e me mostrou a cara dele, tudo o que eu pensava era na lama toda do pasto e como as vacas iam ficar furiosas de manhã se não fossem para o pasto. E se o telhado do celeiro estava com goteira.

Ora, se isso não é uma maldição, disse o homem, então é o quê?

Antes que Edgar pudesse responder, ele ouviu o carro de Henry entrando pelo caminho. Edgar tirou as luvas e saiu para o sol. Teve de se ajoelhar ao lado de Tinder e apoiar a mão no peito do cachorro para detê-lo quando Henry desceu do carro. Ele e Tinder ficaram olhando enquanto Essay e Baboo giravam e pulavam.

NESSA NOITE, HENRY SE OFERECEU para levar todos à cidade. Edgar disse não. Mas fazia tempo que Henry já tinha deduzido que Edgar não queria ser visto. Ele disse que podiam rodar pela cidade em relativa segurança depois do anoitecer. A ideia pegou Edgar de surpresa: estava tão acostumado a viajar de dia e dormir à noite que aquilo não tinha lhe ocorrido, nem mesmo quando olhou para aquele carro no lago Scotia. Quando a noite chegou, ele cedeu. Puseram os cachorros no carro de Henry, um sedã marrom com um banco de trás espaçoso mas escorregadio. Edgar fez Tinder sentar na frente. Baboo e Essay lutavam para se equilibrar no banco de trás.

— Há quanto tempo você não entra num carro? — Henry perguntou, descendo o caminho de entrada. Depois, pareceu alarmado. — Espere um pouco. Desde quando esses cachorros não entram num carro? Será que vão vomitar?

Edgar deu de ombros, rindo.

— Ótimo — disse Henry. — Você limpa se eles vomitarem. Combinado? Senão a gente desiste disto agora mesmo.

Antes que ele pudesse reclamar mais, Baboo se debruçou do banco de trás e babou na orelha de Henry.

— Ai, meu Deus — disse Henry. — Detesto quando eles fazem isso. — Mas ele não detestava de verdade. Edgar percebeu. Qualquer um percebia.

No asfalto, seguiram para a cidade. Os faróis iluminavam dentes-de-leão brotando nas rachaduras do asfalto. Passaram por uma galeria de escoamento sobre um córrego onde o reflexo da lua tremulava entre as taboas.

Lute era uma cidade minúscula, cujo cruzamento único era controlado por um semáforo que pendia como uma lanterna na rede fios suspensos. Em cada esquina havia prédios de tijolos de dois andares idênticos, que pareciam quatro velhos pioneiros agachados em torno de uma panela de feijão. Uma farmácia Rexall, um Bar e Restaurante Mike"s, um depósito de materiais True Value e o armazém de Lute.

— Tudo bem fechado depois das cinco da tarde — disse Henry, apontando os prédios com um gesto. — A vida social começa às seis e meia, quando o Mike"s abre.

Naquela noite, a vida social consistia em três carros parados no pequeno estacionamento do bar, iluminados pela luz fantasmagórica do luminoso da Pabst Blue Ribbon (“A melhor cerveja de... qualquer lugar !”) pend urado em cima da porta.

No outro lado da cidade, o coração compartimentado da caixad"água de Lute pairava no céu noturno, preso à terra por quatro pernas metálicas e o caule central do cano. Quando entraram na zona rural, rodaram sem destino por onde Henry quisesse seguir, e Henry queria ir para o norte. Henry gostava de dirigir velozmente. Isso surpreendeu Edgar, mas ele também gostou. Tinha esquecido da força da aceleração. Rodaram por uma teia de estradas secundárias. Essay e Baboo escorregavam no banco de trás quando Henry acelerava nas curvas. Pântanos, florestas e lagos passavam como relâmpagos. Tinder esticava o pescoço para olhar pela janela. Faróis aproximavam-se como bolas de fogo. A velocidade comprimia o perfume da noite em um aroma denso, de algas, que invadia as janelas. Henry girou o botão do rádio, procurando estações AM distantes: Chicago, Minneapolis, Little Rock. O sinal estalava com os raios sobre o lago Superior.

Nos arredores de Ashland, com suas luzes urbanas e carros de polícia, Henry pegou o acostamento e afastou-se da cidade por uma rota inteiramente diferente, passando por barracos distantes da estrada. Parou junto a um brejo que refulgiu fantasmagórico quando ele apagou os faróis. Ao chegarem aos trilhos da ferrovia, Edgar olhou a encosta à direita e se deu conta de que tinham voltado ao ponto de

partida. Acomodaram-se em duas espreguiçadeiras no gramado. Henry bebeu uma cerveja, depois outra, e foi até o carro detonado.

— Vou contar um segredo para você — disse. — Este carro já estava aqui quando me mudei para cá. Pode ser que eu tenha comprado a propriedade só por causa dele.

Aquilo, decerto, era novidade para Edgar. Há dias passava pelo veículo, sem achar que merecesse sequer um segundo olhar. Tinha um capô comprido e faróis protegidos por exageradas abas marrons. Uma faixa partia do capô, descia na direção das rodas traseiras e formava um longo arco com uma aresta saliente que virava o rabo de peixe. Mas a aparência graciosa que o carro podia ter possuído desaparecera. Sua carroceria estava tão avariada que parecia que alguém tinha batido na lataria de maneira selvagem, com sua própria chave de roda. A ferrugem havia corroído grandes trechos do painel traseiro. O cromo do para-choque duplo e trabalhado estava fosco como ferro. E é claro que o veículo não tinha pneus: levitava sobre o cascalho em cima de sombrios blocos de concreto. No fim das contas, o carro dava a impressão de um animal que havia rastejado até as imediações de seu covil antes de dar o último suspiro.

— O veículo que você está vendo aí, hã — disse Henry gesticulando com o braço como alguém que se dirige a uma multidão deslumbrada — , é um Ford 1957 Fairlane Skyliner, primeiro conversível de capota retrátil fabricado na América. Nenhum outro carro teve esse aspecto antes ou depois. Até o modelo cinquenta e oito era diferente: a Ford alterou esse belo para-choque e a grade do radiador sem nenhuma razão. Este espécime é único.

Henry deu um tapinha orgulhoso no retrovisor. O espelho soltou-se e caiu no chão.

— Droga — disse. Pegou o espelho e enfiou os parafusos de volta nos buracos corroídos. — Está um pouco acabado — disse — , mas veja isto. — Abriu a porta do motorista, puxou uma alavanca e o porta-malas se abriu, fazendo um movimento para trás, perto do para-choque traseiro. Henry puxou a capota do porta-malas, primeiro, relaxado, depois, aplicando maior esforço, gemendo e mexendo os pés no cascalho. Contornou o carro, soltando presilhas. O teto de metal separou-se da carroceria. Dobrou-se até a metade do porta-malas e depois emperrou. — Isso era elétrico — disse Henry por cima do ombro — , mas a bateria acabou. Depois, entrou no banco de trás, tirou um martelo e bateu impiedosamente numa dobradiça.

O capô despencou dentro da cavidade do porta-malas com um guincho metálico final que por um momento silenciou os pássaros noturnos. Henry bateu a tampa do porta-malas e virou para Edgar, vitorioso mas ofegante.

— Então você entende por que simplesmente não posso vender este carro. Tem tantas possibilidades aqui. No verão passado, alguém se ofereceu para comprar e usar as peças, mas não consegui deixar que fosse desmontado. Expliquei isso para Belva, só que ela não ficou nem um pouco impressionada. Disse que era uma ofensa para os olhos, o que, admito, tudo bem, é mesmo, agora . Mas comum ? Acho que não dá para dizer isso.

Henry tinha se animado ao falar do Skyliner, mas parou e sacudiu a cabeça, afastando a ideia.

— Quem estou querendo enganar? — disse.

Não, Edgar sinalizou. Você está certo. Não é nada comum. Henry olhou para ele, captando os sinais.

— Acha mesmo?

Edgar fez que sim.

— Eu já não sei dizer — falou. — Quando baixo a guarda, esqueço. Volto para o comum, nem vejo mais o carro.

Foi até a espreguiçadeira no gramado e juntos contemplaram o Skyliner.

— Quase levei você para a delegacia de polícia agora à noite, Nat — disse ele. — Você talvez soubesse disso.

Edgar sacudiu a cabeça e sorriu. Não, você não ia fazer isso.

— Ah, ia. Houve um momento em que pensei: só preciso virar à esquerda na próxima rua e vamos estar na delegacia de polícia de Ashland.

O galpão ainda não está pronto.

— É, o galpão foi a sua salvação — disse Henry. — Dessa vez. Melhor pensar num jeito de estender as coisas, é o meu conselho.

Chegaram ao limite da capacidade de Henry ler sinais e Edgar pegou o jornal.

Você não tinha como obrigar a gente a entrar, escreveu. Nós podíamos sair correndo.

— Como você ia correr com Tinder?

Edgar não sabia como responder aquilo. Não teria entrado no carro com Henry se não confiasse nele. Havia momentos em que Edgar entendia Henry melhor que o próprio Henry entendia a si mesmo. O que Henry não percebia era que, comum ou não, ele era confiável. Isso, ao menos, era claro como o dia.

NO DOMINGO, TRABALHARAM LADO A LADO no galpão, tirando as peças que exigiam duas pessoas para carregá-las, como a máquina de lavar com rolos espremedores e a velha caldeira. Henry prendeu uma mangueira na torneira da casa e acendeu o fogo no barril usado para queimar coisas. Jogaram jornais velhos, mourões lascados com grampos de arame farpado que rebrilhavam, vermelhos, cadeiras de madeira quebradas. Com o machado, Henry cortou em dois a lingueta da carroça e jogou as metades, com ferragens e tudo, dentro do barril. Uma coluna de cinzas cor de laranja subiu no ar. Quando o fogo baixou, já era tarde. Sentaram-se na varanda comendo batata frita, olhando o que restava do entulho.

— Sei de uma carreta que pode levar essas coisas embora — disse Henry. — Quem sabe eu pegue na semana que vem.

Seu carro não tem engate, Edgar escreveu no jornal. Antes que o devolvesse para Henry, completou a 14 vertical das palavras cruzadas: uma palavra de dez letras para "movimento curto que serve de ligação entre as partes principais de uma composição musical". A segunda letra era N e terminava com O .

Henry olhou a palavra que Edgar tinha escrito: intermezzo . Estreitou os olhos para ele.

— Já pensou em entrar num concurso?

Edgar sacudiu a cabeça.

— Bom, devia entrar. E um engate se pode alugar.

Tinder aproximou-se mancando. Henry tinha um fraco por dar presentes e, assim que Tinder se pôs a mastigar ruidosamente uma batata frita, Baboo começou a pedir para Henry. Edgar acabou mandando os dois pararem. Um relacionamento havia se desenvolvido entre Henry, Baboo e Tinder. Só Essay mantinha distância. Ela não dava atenção para Henry, era o jeito dela. Com Essay, mais que com qualquer outro cachorro que Edgar conhecia, confiança era uma coisa que tinha de

ser conquistada.

NESSA SEMANA, ELE RASPOU A TINTA descolada das paredes externas do galpão e calafetou os buracos. Henry tinha comprado tinta vermelho-celeiro para o exterior. A ideia era caiar por dentro. Pintar as paredes era um trabalho solitário: o velho fazendeiro tinha parado de aparecer assim que o último entulho foi jogado fora. Os dias eram quentes e o céu cheio de nuvens monumentais. Ao final de cada tarde, Henry subia o caminho de entrada no seu sedã. Quando saía do carro, agachava-se e deixava os cachorros lamberem seu rosto, depois inspecionava o progresso de Edgar.

— A cor está ótima — disse quando Edgar terminou de pintar a fachada. — Mas faz a casa ficar parecendo meio ordinária.

À noite, saíam para passeios vertiginosos, Henry concentrado e acelerando nas curvas enquanto as árvores passavam, estroboscópicas, e os cachorros escorregando no banco de trás. Quando voltavam, Henry abria uma cerveja e gravitava pelo Skyliner. Muitas vezes, acabava sentado atrás da direção. Tinder chegava mancando e se punha no banco ao lado dele.

E em algum momento entre as palavras cruzadas, os discos da discoteca pública e a cerveja, Henry pediu a Edgar que o ensinasse a lidar com os cachorros. Saíram depois do jantar e Edgar ensinou-lhe alguns sinais. Depois ele e Essay demonstraram algo simples: busca orientada. Edgar colocou dois gravetos no chão e pediu a Essay que fosse buscar. Era uma variação dos exercícios de olho no olho, e todos os cachorros sabiam como funcionava. Quando Essay atingiu os alvos, olhou para Edgar.

Quando ele olhou para o graveto da esquerda, ela o pegou e levou para ele, o rabo abanando. Edgar pegou o graveto e passou a mão na cara de Essay. Depois de outra demonstração, com Baboo, foi a vez de Henry. Ele preferiu trabalhar com Tinder, uma boa escolha. Alguma coisa na ferida do cachorro e em sua convalescença forçada tinha dado a Tinder uma dose extra de paciência, que ele bem precisava, porque, no começo, Henry foi um desastre. E mesmo assim o cachorro perseverou, como se tivesse resolvido transformar Henry em seu projeto pessoal. Às vezes, Tinder esquecia da pata e dava alguns passos sem mancar.

Para começar, o sinal de Henry era vago, não era nem um chamado, nem uma liberação, nem um pedido para prosseguir, mas Tinder captou a ideia e foi até

os gravetos. A próxima etapa não exigia nenhuma habilidade, porém, de alguma forma, Henry conseguia confundir o cachorro, que ficou esperando pacientemente, sem pegar nenhum dos dois gravetos. Então, por alguma razão, Henry deu o comando liberar outra vez. As orelhas de Tinder baixaram. Henry avançou. Desesperado, estava a ponto de levar o graveto à boca de Tinder quando Edgar interferiu, deu o comando do modo correto e olhou para o graveto mais à direita. Tinder pegou-o imediatamente.

Edgar pôs dois dedos em garfo diante dos olhos de Henry.

Olhe para o alvo. Eles sabem a diferença.

— Tudo bem, tudo bem. — Henry pegou o graveto de Tinder, esqueceu de agradecer ao cachorro e colocou-o no chão. Edgar deixou passar essa falha de etiqueta e voltaram. Quando Henry confundiu o sinal de prosseguir pelo de liberação, Edgar agarrou as mãos dele e fez com que executassem o comando da maneira certa. Henry ficou vermelho. Mas na vez seguinte sinalizou o pedido com perfeição. Sem hesitar, Tinder atravessou o gramado, mancando, olhou para Henry e trouxe-lhe o alvo.

E naquele momento Henry entendeu, fosse qual fosse, a diferença entre comandar Tinder e trabalhar com ele. Quando Henry sinalizou a partida, ele olhou para Tinder em vez de olhar para suas mãos; quando Tinder cumpriu a ordem, ele percebeu que o cachorro leu seu rosto. E, então, começou a torrente de revelações, do mesmo modo como havia ocorrido com Edgar. Dava para perceber pela expressão no rosto de Henry. Edgar se lembrou de todas aquelas cartas entre Brooks e seu avô, das intermináveis discussões sobre companheirismo e trabalho, dos argumentos de seu avô de que não havia diferença, da exasperação de Brooks, recusando-se a prosseguir aquele debate. Lembrou também da pergunta que sua mãe lhe fizera um milhão de anos antes: o que estavam vendendo, senão cachorros?

E ali estava Henry Lamb sorrindo. Até aquele momento, Edgar nunca tinha visto aquele homem sorrir sem alguma reserva fatalista, certo de que, em última análise, ele era o alvo da chacota. E embora Edgar ainda não conseguisse colocar em palavras, pela primeira vez tinha certeza de que sabia a resposta para a pergunta de sua mãe.

— MAS PARA ONDE É QUE VOCÊ ESTAVA INDO? — Henry perguntou. Era bem mais tarde nessa noite e eles estavam sentados à mesa da

cozinha. — Não quero ser invasivo. Se não quiser, não precisa responder.

Tudo bem, Edgar sinalizou. Rabiscou Colônia Starchild num papel e mostrou a Henry. O interessante foi que, antes de as palavras aparecerem no papel, ele não tinha certeza de qual seria a resposta; pelo menos, não expressa assim tão diretamente. Mas ele sempre rumara para noroeste, não?, para ultrapassar a ponta do lago Superior e em seguida começar a caminhada ao longo do lago, até alcançar a fronteira canadense. Depois, de algum jeito, encontrar o lugar? O plano tinha sido esse. Alexandra Honeywell dissera que precisava de gente, gente disposta a trabalhar duro. Ele estava disposto a trabalhar duro. Então, era para lá que estava indo.

Henry assobiou.

— Aquele lugar que os jornais falam? Alexandra Não-sei-o-quê? Lá em Thunder Bay?

Edgar fez que sim.

— Conhece alguém lá?

Não.

— Alguém sabe que você vai para lá?

Não.

Henry sacudiu a cabeça.

— São uns trezentos quilômetros. O que você vai fazer, andar até lá?

Edgar deu de ombros.

— Acho que dá. O problema é a comida.

Edgar mexeu os pés ao lembrar do assalto à cozinha de Henry.

— Tinder consegue ir com essa pata?

A questão era essa, não era? A pata de Tinder não estava mais enfaixada, mas de manhã o cachorro mancava muito. Edgar não sabia se Tinder estava pronto, ou se estaria um dia.

Encolheu os ombros. Não havia resposta, senão tentar.

NA SEXTA-FEIRA, HENRY CHEGOU em casa com uma carreta reboque

do sedã. Desceu, ajoelhou-se e, sorrindo para Edgar, deixou os cachorros pularem em cima dele. Apontou a carreta, onde havia quatro pneus cheios.

— Mandei recauchutar os pneus do Skyliner. Amanhã ele vai rodar pela primeira vez em, hã, quinze anos. — Pegou um saco de mantimentos do banco do carona do carro. — Espetinho de frango e salada de batata — disse. — Comum ou incomum?

Comum, Edgar sinalizou. Mas bom.

Acenderam a grelha, colocaram os espetos e sentaram-se nas cadeiras do gramado, olhando as pilhas de entulho.

— Estou quase me acostumando a ver isso aí — disse Henry. — Colocar o Skyliner dentro do galpão: comum ou incomum?

Incomum, Edgar sinalizou.

— Só para conferir — disse Henry. Estava fazendo as palavras cruzadas.

— Palavra de seis letras que significa "gravar uma moeda". Começa com a letra Q.

Edgar ficou olhando para ele.

— Não sei.

— Te peguei! — disse. — É brincadeira. Começa com C . — Passou o jornal para Edgar.

Cunhar , Edgar escreveu no jornal e devolveu.

— Jesus — disse Henry. — É assustador.

NO DIA SEGUINTE, LEVANTARAM o Skyliner com o macaco, colocaram os pneus e arrastaram para longe os blocos de concreto.

— Ah, cara — Henry disse. — Ah, menino! Espere, espere um pouco. — Correu até o celeiro, voltou com um martelo e dobrou a capota do carro para dentro do porta-malas outra vez. Quando terminou, embarcaram os três cachorros no banco da frente. Levou quase uma hora para, laboriosamente, empurrar o carro para a frente para trás até alinhar com o galpão. Os cachorros havia muito tinham abandonado o barco.

— Voltem — Henry gritou quando eles fugiram. — Isto é uma honra !

Então, empurraram o carro para o galpão. Henry correu na frente para impedir que ele batesse na parede, uma vez que o freio não funcionava.

— Cuidado — disse. — Só... um pouquinho... mais...

E, então, o Skyliner estava dentro do galpão. Fecharam as portas agora pintadas de vermelho brilhante e Henry colocou a trava no trinco.

Henry pegou uma cerveja e começou a caminhar entre as pilhas de entulho depositadas no gramado, coçando a cabeça. Olhou o espelho e as estacas.

— Puxa, que pena — disse. Diante de uma pia de porcelana quebrada, lamentou: — Ah! Imagine o que aconteceu com isto .

Foi para a varanda e sentou-se.

— Não consigo — disse.

Não consegue o quê?

— Jogar fora essas coisas. Estava tudo aqui antes de mim. — Tomou um grande gole de cerveja e levantou-a contra a luz. — Colocar tudo isso de volta no galpão: comum ou incomum?

Edgar olhou para ele.

Não sei.

Henry tomou a decisão.

Trabalharam como loucos. Nem tudo podia voltar para dentro, mas tornaram a pendurar as calotas e as velhas ferramentas na parede. Encontraram espaço nas vigas para colocar as placas de compensado aproveitáveis. Edgar entregou a velha pia quebrada e a tesoura de poda e os dois encostaram duas estacas no canto. Quanto terminaram, o espelho enfeitava a parede da frente do galpão e refletia o para-choque dianteiro do Skyliner, e duas rodas da carroça encostadas do lado de fora pareciam guirlandas de madeira cinzenta. O galpão estava atulhado. O Skyliner podia sair, mas com centímetros de folga.

— É isso — disse Henry, recuando um passo para ver o que tinham feito. — Parece certo.

Parece certo mesmo , Edgar pensou. Observou os cachorros que foram farejar as rodas da carroça enquanto Henry dava ré com a carreta no espaço coberto

de cascalho. Colocaram a velha caldeira, o eixo de transmissão e a máquina de espremer poupas na caçamba.

— Que tal a gente comemorar dando uma volta? — disse Henry.

Edgar sacudiu a cabeça. Durante o dia, não.

— Ah, que é isso. Anime-se. Não vai acontecer nada de mal. Talvez a ideia de Henry Lamb lhe dizer para se animar é que

tenha feito o convite parecer razoável.

Certo, ele sinalizou. Tudo bem.

Desengataram a carreta, entulharam-se no carro e atravessaram as ondas de calor que emanavam do asfalto. Ousado, Henry levou-os por dentro de Ashland, e Edgar sentiu-se, senão inteiramente despreocupado, pelo menos mais leve, como fazia muito tempo não se sentia. Seguiam de volta para a estrada quando o luminoso da passagem de nível começou a piscar e as cancelas finas e listradas baixaram. Henry freou o sedã e Edgar sentiu uma onda de adrenalina. Escorregou para baixo até estar escondido dos carros à volta deles. Era bastante seguro assim, pensou. Um homem com três cachorros em um carro não era tão incomum. O trem passou devagar. A luz do cruzamento piscava e os sinos tocavam. Edgar levantou a cabeça para ver se o último vagão ainda estava à vista, e arriscou dar uma olhada em volta.

No carro ao lado deles havia uma moça sozinha.

Edgar tocou o braço de Henry e apontou.

— Minha nossa — disse. — É Belva. Aja com naturalidade.

Edgar não entendeu bem o que Henry quis dizer. Edgar estava agindo com naturalidade. Os cachorros estavam agindo com naturalidade. Henry, porém, imediatamente deixou de agir com naturalidade. Empertigou-se no banco como uma vareta, começou a assobiar um fufi-fi-fiu e a batucar com os dedos na direção como se no rádio estivesse tocando uma balada de rock bem cadenciada, quando na verdade era a previsão do tempo que estava sendo transmitida: parcialmente nublado hoje, dizia o locutor, possíveis pancadas de chuva amanhã. Tempo de colheita, Edgar pensou.

A mulher deve ter virado o rosto e visto Henry, porque quando Edgar levantou a cabeça para olhar de novo ela também tinha virado para a frente,

olhando intensamente para a frente. O trem continuava rodando, vagão após vagão. Tempo de sobra para ler as letras e os números das laterais. Por fim, a mulher curvou-se e baixou o vidro da janela do carona.

Gritou:

— Henry!

Henry virou e olhou para ela, ainda assobiando. Fufi-fi-fiu.

— Belva — ele gritou de volta.

— Estava pensando em ligar para você!

— É mesmo? — disse Henry. Deu uma olhada para Edgar e piscou o olho. — Deve ter visto os girassóis!

— O quê?

— Os girassóis! Você deve ter visto os girassóis!

— Que girassóis?

— Ah — disse ele. — Deixa pra lá.

— Vou me mudar — ela gritou.

— O quê?

— Mudar. Vou me mudar para Madison.

— Como assim?

— Por que está com esses cachorros? — ela gritou, em vez de responder a pergunta.

— Ah, não sei — Henry respondeu debilmente. Deu um soco na direção e olhou para Edgar agachado abaixo da janela.

Comum, Edgar sinalizou para ele.

— Certo — Henry murmurou. Virou-se de novo para Belva. — Resolvi ter um cachorro. Ahn. Três cachorros.

— Puxa — disse ela. — Bacana mesmo.

Muito comum, Edgar sinalizou, revirando os olhos com ar de tédio.

— Na verdade, são do meu sobrinho — ele corrigiu. — Estou só cuidando

deles.

Ela riu de novo.

— Você não tem sobrinho, Henry. Você é filho único.

Ele pareceu confuso por um momento.

— Como é? Não, não, sobrinho não. Nathoo . Eles são do meu amigo Nathoo. Cumprimente Nathoo. — E gesticulou para Edgar levantar do chão.

Edgar negou com a cabeça.

— Vamos lá — ele chiou — , me ajude aqui.

Não.

— Com quem você está falando? — Belva gritou.

— Com ninguém, só os cachorros — ele disse. — Por que vai se mudar para Madison?

Houve uma longa pausa e Edgar ouviu o clangor das juntas entre os vagões, o clanque-clanque das passagens de nível e até, baixinho, os rádios que tocavam nos carros à volta deles. Os cachorros olhavam pelas janelas e resfolegavam contentes. Baboo, principalmente, parecia interessado em Belva. Enfiou a cabeça pela janela do carona para ver melhor.

— Bom — ela gritou afinal — , porque Joe vai.

— Joe?

— Meu noivo.

— Ah! — Henry disse. — Ah! Puxa.

— Você sabia que eu estava noiva, não?

— Sabia, claro!

— Saiu no jornal!

— É, foi no jornal que eu vi! — disse ele. — Aposto que ele é um babaca.

— O quê?

— Eu disse que aposto que você vai adorar Madison.

— Fale a verdade, Henry. Quem está no carro com você?

Henry olhou para Edgar. Gotas de suor em sua testa.

— Vamos lá — ele ciciou. — Só desta vez.

Então, o último vagão passou depressa e Edgar pensou que talvez pudesse arriscar aquela única vez, as cancelas já estavam levantando e eles iam logo embora. Bobagem ficar se escondendo debaixo do painel daquele jeito.

Sentou-se no banco.

Acenou para Belva.

E foi então que ele olhou pela janela traseira do sedã de Henry e viu o carro da Patrulha Estadual.

Glen Papineau

GLEN PAPINEAU ACREDITAVA QUE ESTAVA DE LUTO. JÁ TINHA USADO esta palavra antes, até achava que entendia o que ela significava, mas, na verdade, ele não entendia. Em primeiro lugar, luto soava como uma formalidade, um estágio que se exigia que a pessoa atravessasse (vestir terno preto e comparecer ao funeral), porém o luto verdadeiro não terminava no dia seguinte ao enterro, nem na semana seguinte, nem no mês seguinte. O pai dele tinha morrido quase dois meses antes e, às vezes, Glen sentia como se tivesse acabado de receber o telefonema.

Em sua cabeça, chamava aquilo de sentimento diurno e sentimento noturno. O sentimento diurno o alcançava antes do almoço quase todos os dias, um cobertor quente de letargia tão sufocante que fazia suas têmporas latejarem. Ele se arrastava no trabalho como se enfrentasse um forte vento. Tudo levava uma eternidade, se transformava em um detalhe trabalhoso. E Glen detestava detalhes. Era feito para grandes gestos: bastava ver suas mãos para entender isso. Um homem com as mãos de Glen podia fazer certas coisas, e outras mais nunca entrariam no seu repertório. Ele jamais seria um pianista, por exemplo, ou um veterinário. Não que quisesse isso, mas ultimamente pegava-se muitas vezes olhando as próprias mãos, e elas lhe diziam que não eram feitas para trabalhar com detalhes.

O sentimento diurno era ruim, sem dúvida, mas o noturno era de matar: uma desolação martelando sua alma, como se algum estranho sussurrasse um terrível segredo em seu ouvido e esse segredo fosse que a morte é sem sentido e inevitável. Esse conhecimento tornara o sono impossível. Ele ficava assistindo televisão e se não queria ficar sozinho ia para os bares; um homem da lei bebendo em público: não era a coisa mais inteligente a fazer, mas pessoas entendiam. Algumas até pagavam cervejas para ele e contavam histórias sobre seu pai.

Havia momentos de aceitação. Afinal, seu pai envelhecera nos últimos anos e Glen havia pensado na morte dele mais de uma vez, até a imaginara como algo demorado e lento: uma dificuldade com algum câncer, um declínio inominável. O que ele não esperava era que a visita da morte fosse tão súbita. Num dia ele era um homem vigoroso de sessenta e sete anos, conduzindo sua clínica, flertando com as

moças da padaria, contando em alto e bom som o que fizera nas férias de inverno na Flórida e no dia seguinte lá estava ele caído ao pé da escada do celeiro dos Sawtelle.

Como filho único, Glen se encarregara das providências do funeral. Havia um testamento detalhado, especificando que seu pai queria ser enterrado ao lado da mãe de Glen, em Park City. No estabelecimento, que era como seu pai chamava a clínica veterinária, Glen havia encaixotado tudo o que havia na escrivaninha do pai, seus livros e os paletós pendurados nos ganchos. Jeannie telefonara para os clientes de seu pai e os encaminhara para o doutor Howe, em Ashland. O testamento especificava que entrassem em contato com a escola de veterinária de Madison e a clínica fosse vendida in totum e não oferecida em leilão, mas ninguém parecia muito interessado num consultório no interior, e Glen não recebera nenhum telefonema sério. A clínica estava agora escura e silenciosa, a farmácia, trancada, plásticos cobriam tudo como se fosse um necrotério. Glen achava que o local estava à espera de um assalto; na verdade, alguém já havia atirado uma pedra em uma das janelas escuras, embora ele não tivesse dado por falta de nada.

Então, havia o sentimento diurno e o sentimento noturno, e isso era ruim, e ele estava bebendo mais do que costumava, mas Glen achava que estava conseguindo levar as coisas, mesmo que não com muito sucesso, até Claude telefonar e dizer que queria conversar. Glen se ofereceu para ir até a casa dos Sawtelle, mas Claude sugeriu o Kettle, um bar ao sul da cidade. A televisão mostrava um jogo dos Brewer quando Glen entrou. Claude o chamou nos fundos do bar. O balconista, Adam, levou uma Leinenkugel para ele e Glen sentou-se ao lado de Claude.

Viram o jogo e conversaram sobre o pai de Glen, Claude lembrou que quando era menino o via indo ao canil. Claude disse algumas coisas bonitas sobre o pai dele. Disse que, além de Glen, provavelmente ele era a coisa mais próxima que o doutor Papineau tinha como família. Disse que considerava o pai de Glen como um tio, o que significava muito porque os Sawtelle eram uma família pequena.

Só muito mais tarde chegaram ao motivo do telefonema de Claude. O doutor Howe era incompetente, disse Claude. Até encontrarem outro veterinário, Claude pretendia conduzir o dia a dia da clínica ele mesmo: dar vermífugo aos filhotes, tratar de mastites, assim por diante. Tinha sido enfermeiro na Marinha e sabia lidar com uma maleta de médico. Glen sabia que seu pai tinha algum tipo de arranjo com os Sawtelle, uma vez que não era nada prático ir até lá cinco vezes por semana só para receitar penicilina. Então, mantinham no celeiro uma caixa de

remédios para o suprimento que o pai geralmente guardava trancado no consultório. E agora Claude perguntava a Glen se ele gostaria de vender alguns medicamentos da farmácia, uma vez que não havia ninguém batendo à porta para assumir a clínica.

Nesse ponto, já estavam na quarta ou quinta cerveja, o que não era muito para alguém do tamanho de Glen, mas ele já havia tomado algumas antes de chegar. Viram o time dos Brewer perder mais um tempo. Adam xingou a televisão em nome dos clientes.

— Sabe do que eu lembro quando penso no seu pai? — Claude disse. — Do Massacre de Patos da Mistura Quente.

Glen riu.

— É. Aquela primeira chuva... lembra daquela porção de patos grasnando no consultório?

Quando Glen tinha oito anos, o governo estadual havia pavimentado a rua principal e colocado iluminação pública, primeiro progresso significativo que Mellen via, em seu prolongado declínio para o esquecimento após o auge madeireiro, desde que Truman assumira o poder. As ruas estavam em tão mau estado que a brincadeira dos meninos era percorrê-la de bicicleta atravessar nenhum buraco. Não era fácil. Em alguns trechos, era impossível .

Mas, em vez do asfalto granuloso de betume e cascalho que um dia cobrira a rua, o pessoal do governo estadual aplicara uma nova fórmula que se espalhava como uma cola preta e fumegante e que endurecia como uma crosta de pudim. Chamava— se "mistura quente", provavelmente porque era despejada de uma imensa caldeira sobre rodas. A caldeira de mistura quente havia empesteado tudo nas três semanas que levara para recobrir a rua, mas era um pequeno preço a pagar; depois disso, a antes esburacada rua principal de Mellen transformou-se em uma imaculada faixa de pavimento liso e negro.

As coisas foram muito bem até a primeira chuvarada. Uma noite, um casal de patos veio voando, procurando um ponto de pouso no rio Bad. Com a nova iluminação rebrilhando na mistura quente e lisa de chuva, a rua principal deve ter parecido um regato plácido, cheio de peixes, mais convidativo que o rio Bad jamais fora. Os dois primeiros patos baixaram para aterrissar na água, grasnando como loucos, e quebraram o pescoço com o impacto. Em seguida, o grosso do bando baixou das árvores, seus cerebrozinhos de ave incapazes de compreender por que

seus pares agiam de um modo tão estranho na água. O resultado ficou conhecido desde então como O Massacre de Patos da Mistura Quente.

As aves mais afortunadas rolaram de ponta-cabeça, sacudiram os bicos, confusas, e saíram voando, mas meia dúzia de outras se transformou em jantar para os observadores mais espertos. O resto sofreu todo tipo de ferimentos. A lanchonete ficou vazia. Formou-se um estranho ajuntamento de feridos. As pessoas recolhiam os patos mancos e tontos em caixas, capturaram-nos com cobertores; até os enfiaram em carros. Uma caravana chegara ao consultório do pai de Glen.

— Eles iam mancando atrás do meu pai aonde ele fosse — disse Glen.

Claude tinha esquecido alguns detalhes, mas enquanto bebiam e conversavam passara do sorriso ao riso aberto ouvindo as recordações de Glen.

— É. O que eu mais me lembro é dele colocando os patos em cima do balcão da recepcionista — disse Claude — e falando assim para as pessoas, como se não visse os bichos: "Que pato?" Eu rolei de rir quando ele fez isso.

Glen também se lembrava disso. Foi quando Claude havia trabalhado na clínica, fazendo serviços ocasionais. Lembrava que naquela época, achava Claude uma figura notável, na verdade ele era uma espécie de herói para Glen. Claude era atlético. (Ele ainda parecia bem para os seus... o quê?, quarenta anos?) E mais uma coisa: Claude sempre parecia ter uma namorada que, mesmo naquela época em que ele tinha oito anos, Glen achava que ia acabar sendo um problema para ele.

— Já contei o que ele fez na lanchonete? — disse Glen.

— O que foi?

— Uma vez, quando os feridos estavam por aí e ele sabia que aqueles patos eram capazes de fazer qualquer coisa por ele, ele pôs um pato dentro de uma velha sacola de remédios e fomos comer na lanchonete. Ele colocou a sacola no banco e esperou. O pato não deu um pio. O pai pediu primeiro, e enquanto a garçonete anotava meu pedido, ele abriu a sacola e o pato botou a cabeça para fora.

— Não — disse Claude, rindo.

— Quando terminei, ele falou: "Não vai anotar o pedido dele ?", aí ela viu o pato e deu um berro.

— Não.

— É. Deixou cair o caderninho e tudo. E sabe o que o pato fez?

— O quê?

— Saiu da sacola e perseguiu a garçonete até a cozinha, beliscando o calcanhar dela. Ela berrando o tempo todo.

Claude se sacudia de tanto rir, agarrado ao balcão como se fosse cair do banquinho.

— O pai gritou que o amigo dele queria peixe.

— Ah, meu Deus!

— Disse que não ia pôr o pato de volta na sacola enquanto ele não terminasse de comer, que até os patos tinham direito a um almoço decente. Principalmente em Mellen.

— Pare — Claude implorou. — Pare, por favor. — Lágrimas escorriam em seu rosto.

Glen gostava de fazer Claude rir daquele jeito. Não tinha se dado conta do quanto a história era engraçada, mas Claude se entregara ao riso de verdade, e para Glen foi impossível não rir junto. Quando Claude finalmente enxugou os olhos, pediu mais uma rodada, e brindaram.

— Ao Page.

— Ao pai.

— E o que aconteceu com os patos?

— Não me lembro — Glen admitiu. — Não podiam voar de novo. Acho que o pai deu para um fazendeiro em Prentice.

Viram mais um pouco do jogo, então Glen comprou uma embalagem de meia dúzia e foram para a clínica. Claude o seguiu com o Impala. Glen foi até a escura porta lateral, pegou um maço de chaves e, embriagado, experimentou uma depois da outra. Uma vez lá dentro, ligou o interruptor e uma fantasmagórica bateria de luzes fluorescentes entrou em funcionamento no alto. A farmácia não era mais que uma despensa muito bem organizada ao lado do consultório do pai. Glen o destrancou, abriu a porta e entrou.

— O que você está procurando?

Claude entrou e examinou cuidadosamente as prateleiras de frascos e ampolas, detendo-se duas ou três vezes para observar melhor os rótulos, quase

como se estivesse olhando vitrines e não simplesmente procurando a penicilina. Quando terminou seu detalhado exame do conteúdo da farmácia, pegou três frascos da estante.

— Isto aqui — disse, entregando um para Glen. — Isto. E isto. — Saiu para permitir que Glen fechasse a porta. — Se souber onde está o talão de notas, registro estas aqui — disse.

— Pode levar. Vai custar mais caro contar ao advogado do que dar de presente para você.

— Bom, obrigado — disse Claude. — Quem sabe eu ache um jeito de pagar você.

— Não precisa — disse Glen, acenando a mão imensa para Claude. — Esqueça.

Saíram, trancaram a porta e foram para seus carros. Glen pegou duas cervejas no banco traseiro e ficaram olhando o céu noturno. Então, o silêncio ficou incômodo. Glen sabia que Claude estava pensando em alguma outra coisa além do remédio. Na verdade, ao longo dos últimos dois meses Glen falara diversas vezes com Claude e Trudy. Na noite em que seu pai morrera, Edgar tinha fugido, com alguns cachorros.

Tinha sido demais para o menino ver dois homens morrerem no mesmo local. No começo, pensaram que ele estava escondido na floresta. Depois, tiveram a esperança de encontrá-lo pedindo carona. Era isso o que fazia a maioria dos meninos que fugiam. Toda manhã, a Polícia Rodoviária transmitia por rádio uma lista de fugitivos encontrados, mas nunca o identificaram. Claro que Glen havia espalhado uma rede de informações em Mellen: Walt Graves, que entregava a correspondência rural, fez questão de falar com todo mundo em seu roteiro; na telefônica, Glen sugerira às telefonistas que fizessem uma ligação anônima se ouvissem alguma coisa interessante em alguma ligação. A Polícia Florestal havia feito uma breve busca aérea. Mas, afinal, Edgar era apenas mais um garoto que fugiu, e não havia muito a esperar senão que aparecesse e fosse enviado para casa.

E assim, sem que Claude perguntasse, Glen disse:

— Você sabe que telefono assim que tiver alguma notícia.

Claude deu um gole na cerveja em silêncio e pareceu pensativo.

— Quase todos os fugitivos, pelo menos os que não estão querendo escapar

de alguma situação ruim, voltam sozinhos para casa antes do inverno. Ele vai ser encontrado ou aparecerá sozinho.

— É — Claude disse. E depois de um momento: — Mas, cá entre nós, não tenho certeza se isso seria bom. Talvez seja melhor ele continuar fugido. Você não imagina o tormento que esse menino foi para Trudy nesses nove meses. Tem alguma coisa nele... bom, ele é difícil.

— Está chegando naquela idade. Além disso, deve ter ficado muito abalado com o Gar. Quando falei com ele, ele não conseguia lembrar muito bem o que tinha acontecido.

Isso chamou a atenção de Claude.

— Trudy também mencionou isso — disse ele. — Como foi, afinal? Ele lembrou alguma coisa daquele dia? Ou apagou tudo?

— Ah, claro. Uma porção de coisas. Contou o que estava fazendo com os cachorros, o que tinha comido no café da manhã. Mas quanto mais perto chegava do momento em que encontrou Gar, mais confusas as coisas ficavam.

— Ahn-han — disse Claude. Ele agora olhava intensamente para Glen. — Achei mesmo muito estranho o jeito que ele... encontrou o pai. Não quis perguntar a Trudy para não mexer com coisas dolorosas. Mas você está me dizendo que ele não escutou nada ? Gar pedindo socorro, os cachorros latindo, nada?

— Não quando conversamos, e isso foi no dia seguinte. Tecnicamente, eu devia ter falado com ele na hora, mas meu pai ficou meio bravo quando falei nisso. Ele tinha certeza que se podia esperar e eu mesmo vi que o menino estava arrasado. — Glen deu de ombros e tomou outro gole de cerveja. — Agora podia ser diferente. As pessoas lembram de coisas depois de algum tempo.

— Acho que sim — disse Claude. — Mas como você ia saber se essas lembranças são verdadeiras, se elas vêm meses depois?

Glen pensou no que Claude tinha dito, que Edgar era difícil. Olhou para Claude.

— Se bem me lembro do que diziam, você também era um tanto difícil. Quem sabe isso é de família?

Claude fez que sim com a cabeça.

— Eu tinha os meus momentos. Não tanto na idade dele, mas entendo o que

você quer dizer. Não censuro ele ser difícil. Só que com Edgar a coisa é diferente.

Glen olhou para ele.

— Diferente como?

— Bom, eu era difícil como a maioria dos meninos fica difícil: queria agitar as coisas. Achava que tudo precisava ser mais agitado. Nunca parti para machucar ninguém. Mas o Edgar... não sei. Ele nem sempre consegue se controlar.

Claude então se calou. Parecia estar procurando as palavras. Tomou um longo gole de cerveja.

— Não sei como contar isto — disse — mas, por outro lado, também não gosto de guardar segredos.

— Contar o quê?

— Sobre o seu pai.

— O que tem ele? Vai me dizer que ele também era um arruaceiro?

Glen riu da ideia. Se seu pai não fosse veterinário, teria sido professor, mais provavelmente diretor de escola. Gostava de ser uma autoridade, de dizer às pessoas o que era o quê.

— Não, nada disso — Claude falou. — Entenda bem que tudo o que estou dizendo é porque ouvi dizer, eu não estava lá quando aconteceu, certo? Eu estava na casa, e a primeira coisa que realmente vi com meus próprios olhos foi quando entrei no celeiro e Page estava lá, caído.

E então, embora fosse uma noite quente de verão, Glen sentiu um calafrio.

— O negócio é que, depois que Edgar fugiu, Trudy me contou que Page não tropeçou apenas. Parece que ele caiu daquela escada porque Edgar estava partindo para cima dele.

Fez-se um longo silêncio, durante o qual o sangue começou a pulsar nos ouvidos de Glen.

— Partindo para cima dele.

— É.

— Quer dizer, indo para cima dele para bater?

— É. Foi isso que eu disse.

— Por que ele faria isso?

— Bom, essa é a parte que eu não entendo. Depois que Gar morreu, ele se fechou. E quando Edgar resolve se fechar, ninguém pode fazer nada. Naquela noite, a gente estava conversando com um criador interessado em abrir uma filial do canil. Ele tinha umas ideias interessantes de procurar o pessoal do catálogo Carruthers. Isso deixou Edgar muito perturbado. Ele abriu aquela porta grande do depósito e puxou Trudy, quase empurrou a mãe para fora. Quem sabe o que podia ter acontecido se ele não fosse contido. Além disso, ele não estava muito contente de eu ficar tanto lá, o que acho que dá para entender. O fato é que ele dormia no depósito quase toda noite.

Como se ali fosse o lugar dele, em vez de dentro de casa.

— Claude — disse Glen. — Pelo amor de Deus.

— Eu não sei, Glen. Talvez Trudy tenha entendido errado. De qualquer jeito, não cabe a mim contar isso para você. Fiquei revirando e virando isso na cabeça e, por mais que eu pense, foi um acidente esquisito. Pegue o Milwaukee Journal amanhã e veja o obituário: aposto cinquenta dólares que você vai encontrar alguém que morreu em algum acidente esquisito. Lembra quando Odin Kunkler caiu da macieira tentando sacudir um porco-espinho de cima de um galho? Ele podia ter quebrado o pescoço em vez de quebrar os dois braços. Quem sabe o que fez a diferença? Mesmo que Trudy esteja certa, Edgar não tocou no seu pai. Ele simplesmente correu para cima dele, e Page caiu.

— Mesmo assim é assassinato — disse Glen.

— Além disso...

— Além disso o quê?

— Bom, eu não sabia que você era tão ligado ao seu pai. Algumas pessoas ficam contentes quando o pai morre.

— Ah, meu Deus! Ah, merda. Puta que o pariu, Claude! A gente discutia às vezes, quem não discute? Mas ele era meu pai .

Glen olhou para Claude, para ver se ele estava querendo provocá-lo, porém Claude parecia genuinamente sincero. Talvez um pouco perplexo com a veemência da reação de Glen.

— Ahn-han. Bom, nem sempre é assim. Entre pai e filho, eu quero dizer. Eu

não tinha certeza.

— Bom, agora você tem.

— Eu não queria ofender, ok? Só estou falando para ser correto. Acho que uma pessoa deve agir sempre às claras — disse Claude. — Olhe, se você quisesse, podia nos processar. Afinal de contas, seu pai estava na nossa propriedade, ele caiu da nossa escada. Se caiu porque Edgar deu um susto nele, ou não, talvez isso não importe; o advogado certo poderia dizer que a gente deixou de fazer alguma coisa que devia ter feito, que o corrimão não era bom, sei lá. Se bem que tem corrimão...

— Não seja ridículo.

— Pode ser, mas a questão é a seguinte: sempre me disseram que num caso desses, onde nada é preto no branco, somos nós que decidimos o que está certo. Não estou falando de tribunal; quero dizer, as próprias pessoas resolvem. Mas se você quiser a justiça oficial, ela está aí. Você podia fechar o canil, se quisesse. Fim dos cachorros sawtelle. Nunca mais. A decisão tem de ser sua, e tudo bem. Não posso falar com Trudy, claro. Ela está muito dependente daqueles cachorros agora, principalmente com o desaparecimento de Edgar. Para colocar cada cachorro, eu tenho de convencer Trudy.

— Eu não quero uma coisa dessas, e você sabe disso.

— Não quer? Espere só para ver. Amanhã talvez você acorde desanimado e deprimido. Essas coisas são assim. Você não vai estar com raiva, não na hora, só desalentado, como se não tivesse vento nas velas do barco. Mas no dia seguinte, ou dois dias depois, você pode acordar e, antes mesmo que se dê conta, você se veste, vai até a clínica do seu pai, sai pela porta e desce a rua sem nem entender que seu pai foi embora para sempre. E é aí que a coisa pega. É aí que você fica com raiva. Por alguma coisinha sem importância. Então não me diga o tipo de justiça que você quer, Glen. É uma promessa que não vai poder cumprir.

— Bom, pelo menos uma coisa posso dizer: não vou processar você nem Trudy por uma coisa que Edgar fez.

— Por que não? — disse Claude. — Ele é menor. Trudy é a mãe dele e eu sou o tio. Ele foi criado por Trudy. Ela deve ter feito alguma coisa errada, senão ele não teria ido para cima de Page.

— Não, não, não é assim, não. Bom, talvez seja. Não sei. O que quero dizer é que, veja eu... eu sou uma mistura, na melhor das hipóteses. Mas o pai, ele fez o

melhor que pôde. Nunca aconteceu de ele não me dizer como... por que eu haveria de...

Então Glen se deu conta de que estava chorando. Ficou envergonhado, mas aquilo simplesmente se apossou dele, e não havia jeito de parar. E foi nesse instante que ele se deu conta de que seu luto não havia acabado; na realidade, talvez mal tivesse começado. Uma pessoa que tinha encerrado o luto não chorava em cima da cerveja.

— Eu era um belo de um fodido, se você lembra bem — disse Glen, quando conseguiu falar sem choramingar. — Você talvez nem saiba o que a gente sente quando sabe que está fazendo a coisa errada e mesmo assim faz. É como se não desse para controlar. Mas sei o que é isso. O pai ficou do meu lado um monte de vezes em que achei que ia acabar numa instituição para menores.

Claude deu um gole na cerveja e balançou a cabeça.

— Uma grande ironia eu acabar como policial aqui, não acha?

— Acho que combina com você. Acho que faz um bom trabalho.

— Obrigado — disse Glen. — Eu tento.

Havia alguma outra coisa que ele queria dizer, algum outro argumento que estava tentando elaborar, mas as cervejas estavam fazendo efeito e ele não conseguia se lembrar. Estaria com a cabeça rodando mesmo que estivesse sóbrio, e Claude tinha um jeito de tornar as coisas complexas e confusas.

— Vou dizer uma coisa — Claude falou, afinal. Glen percebia que Claude estava perturbado com tudo aquilo, talvez mais perturbado que o próprio Glen. — Você tem o poder aqui. Sabe disso, e eu também sei, e não há por que fingir que não é assim ou pensar que você sabe neste momento o que quer fazer a respeito. O dia de você se enfurecer ainda está por vir. Quando chegar, tudo o que posso pensar em oferecer é que você ligue para mim e a gente encontre um lugar para sentar, tomar umas cervejas e discutir o que fazer. É o mínimo que posso fazer: ouvir você.

Glen olhou para ele. Claude também parecia a ponto de chorar. — Antigamente, os velhos sabiam todas as respostas — disse

Claude. — Seu pai. Meu pai.

— É.

— Agora é com a gente. Nós é que temos de saber as respostas.

— Nem todos já morreram.

— Não. Mas quase todos.

— Ida Payne ainda está aqui.

Claude estremeceu.

— Ida Payne sempre esteve aqui — disse. — Ida Payne vai estar aqui muito depois que a gente tiver morrido.

— Fui ao armazém na semana passada. Se mudou alguma coisa, é que ela está mais assustadora ainda.

— Ela perguntou? — disse Claude, e Glen não precisava que ele explicasse do que estava falando. — Ela olhou para você por trás de todas aquelas garrafas de Coca-Cola e perguntou?

— Ah, claro: "É só isso?" — Glen cacarejou, imitando a voz enfumaçada de Ida. — "Mais alguma coisa?"

Era engraçado, mas nenhum dos dois riu. Não se ria de Ida Payne.

Claude endireitou o corpo e foi para o Impala. — Lembre do que eu disse.

Disparou uma despedida bêbada.

— Tudo bem. Afirmativo. Entendido. Câmbio, desligo.

Então Claude foi embora, as luzes traseiras desaparecendo ao subir a encosta ao sul da cidade. Glen ainda não estava com vontade ir embora. Encostou-se no capô do carro, cambaleando ao luar, e observou a silhueta escura da clínica de seu pai. Era uma linda noite de verão, os grilos faziam uma balbúrdia melodiosa, o céu era um desfile de estrelas e galáxias. Quando teve certeza de que não havia ninguém para vê-lo fazer algo tão bêbado e sentimental, Glen Papineau levantou a garrafa de Leiney"s para o céu e deixou as lágrimas caírem de novo.

— A você, pai — sussurrou. — A você.

Vento

BASTOU UM OLHAR PARALISANTE PELA JANELA TRASEIRA DO SEDÃ DE Henry para entender que a temporada deles havia terminado. Assim que o trem passou e a radiopatrulha entrou numa rua lateral, Edgar pulou para o banco de trás e até o fim da viagem manteve Tinder e Baboo quietos e abaixados, com a esperança de que Essay, no banco da frente, ao lado de Henry, passasse despercebida. Jamais devia ter concordado com um passeio em plena luz do dia. Se o policial da Patrulha Estadual tivesse olhado um pouquinho mais, se fosse um pouquinho menos distraído ou se naquela manhã tivesse se lembrado do curioso boletim que falava de um desaparecido com três cachorros, aquelas luzes acima do carro teriam começado a girar e seria o fim de tudo.

Quando estacionaram no caminho de entrada, Edgar já havia resolvido ir embora imediatamente. Henry o reteve, desencavou um mapa e calculou a distância de Lute até Thunder Bay — mais de trezentos quilômetros. Henry chamou a atenção para a impossibilidade de Tinder andar tudo aquilo com a pata em processo de cicatrização.

— E isso se você for direto pelo lago Superior. Como vai fazer isso se está tão preocupado em não ser visto?

Não sei, Edgar escreveu. A gente dá um jeito.

— Olhe — disse Henry — , se você está mesmo decidido, deixe eu levar vocês até a fronteira. Conheço estradas secundárias por aqui. Podemos ficar longe das estradas principais. Podemos até contornar o lago Superior. Depois é uma linha reta pela via expressa North Shore.

Deixe eu ver o mapa, Edgar sinalizou.

Ele próprio traçou uma rota, mas não havia mesmo escolha. Henry podia fazê-los avançar semanas em um único dia. Uma vez perto da fronteira, poderia escolher um local adequado e continuar a pé. Depois disso, os dois achavam que seria uma caminhada de mais cinco dias até Thunder Bay, dez com ele cuidando de Tinder. Na verdade, aceitar a oferta de Henry parecia ser o único jeito de chegar a Starchild.

Tudo bem, Edgar sinalizou. Mas nós partimos amanhã.

À NOITE, ELE ESPEROU HENRY DORMIR, foi até o galpão e abriu as portas. Esgueirou-se pelo para-lama do Skyliner, entrou pela

porta, sentou no banco do motorista e pôs as mãos na direção canelada. No escuro, mal podia ver suas mãos.

Você está aqui?, sinalizou.

Esperou. Seguiu-se um longo silêncio. Depois de um momento, concluiu que era inútil, e começou a voltar para a casa. Então, disse a si mesmo que não fazia mal nenhum tentar outra vez. Levantou as mãos no escuro.

Viu essa coisa em mim?, sinalizou. Essa coisa rara?

DE MANHÃ, EDGAR ACALMOU OS CACHORROS com exercícios de corrida no quintal: buscar, trazer, sentar. Os cães tinham passado tanto tempo com Henry que começaram a neglicenciar a importância de se manterem próximos a Edgar, e agora que iam embora precisavam dessas habilidades. Henry ligou para o trabalho dizendo que estava doente, tossindo fraco no telefone e sorrindo para Edgar. Partiram logo depois das dez da manhã, hora que Henry achou que o trânsito estaria mais livre. Tinder sentou na frente, mas Edgar ficou atrás com Essay e Baboo e um monte de cobertores, tentando se acalmar. Fez os cachorros se abaixarem e puxava o cobertor sobre eles sempre que um carro aparecia. Henry estava calado. Estendeu o braço no banco da frente e pousou a mão no ombro de Tinder.

Uma hora depois, estavam a oeste de Brule. Henry atravessou a rodovia 2. Disse que tinha um lugar em mente onde podiam parar, dar uma folga aos cachorros: uma enseada que ele e Belva haviam descoberto ao explorar o litoral.

Pode ir em frente, Edgar sinalizou. Eles não precisam disso.

— Está brincando? — disse Henry. — Esses cachorros são máquinas de fazer xixi. Não quero descobrir como é limpar isso das dobras e reentrâncias dos meus belos bancos de vinil.

Essay pareceu pressentir uma oportunidade. Ela olhou para o rosto de Edgar e respirou ansiosamente.

Pare com isso, ele sinalizou. Vai nos arrumar encrenca.

Ao saírem do pequeno vale de Henry, o sol brilhava entre nuvens brancas esparsas, mas ao se aproximarem do lago Superior as nuvens se fundiram na sólida massa azulada de uma frente de tempestade. Quando Henry chegou ao desvio e desligou o motor, o sol tinha sido encoberto pela tempestade que vinha vindo.

Henry desceu do carro. Edgar ficou sentado no banco de trás, olhando estrada acima e abaixo, para ver se vinha carro.

— Relaxe — disse Henry, com uma batida na janela lateral. — Não quer ver o lago? Dê uma olhada. Não tem ninguém aqui.

Henry tinha razão, mas a ideia de ficar parado em local aberto com os três cachorros o deixava nervoso. Ele já havia gasto toda a sorte que possuía. Por outro lado, o tempo estava virando, portanto, havia pouca chance de demorarem. E seria mesmo mais difícil deixar os cachorros saírem na chuva.

— Está vendo? — disse Henry. — Ninguém a quilômetros. Você vai gostar. Venha comigo.

Ele os conduziu por um bosque de pinheiros e bordos seguindo uma trilha quase imperceptível. As árvores estavam lisas de musgo verde e o solo escorregadio, ainda mais traiçoeiro com as pancadas de chuva que tinham começado a cair na mata. O aroma do lago impregnava o ar. Mesmo antes de ver a água, Edgar ouviu as ondas quebrando na praia.

Saíram perto de uma enseada protegida, não muito maior que o quintal de Henry. Atrás havia uma muralha de pedra vertical, entre seis e nove metros de altura, formando uma curva irregular coberta de placas cinzentas e cheia de pontos de erosão, alguns tão grandes que pareciam cavernas. Uma colônia de pássaros aquáticos piava e batia as asas perto do alto, onde um tufo de mato e raízes de árvore pendiam da rocha.

Edgar não demorou a entender por que Henry gostava dali. Num dia ensolarado, devia ser aconchegante e tranquilo: um lugar onde Edgar podia relaxar e olhar o horizonte plano e aquoso sem medo de ser descoberto. De um lado e do outro do litoral, tudo o que se via eram árvores e escarpas rochosas. Nenhuma casa, nenhuma estrada, nem mesmo barcos na água.

Enquanto Edgar e Henry desciam os últimos metros de trilha, os cachorros pularam para a praia juncada de madeiras flutuantes. No lago, a água sob a

tempestade tornara-se negra e agitada. Um raio brilhou entre o céu e a água.

Quando Tinder levantou a pata contra um dos pedaços maiores de madeira flutuante, Henry lançou um de seus olhares significativos para Edgar. O cachorro estava apenas marcando território, mas Henry interpretou aquilo como indício de que os cachorros realmente precisavam de uma parada.

— Eu falei. Não fique chateado. É apenas uma questão de saber entender os cachorros — ele disse modestamente. — Se você ficasse mais um pouco, eu podia ensinar como sei essas coisas. As pessoas acham que é preciso algum talento especial, mas eu digo que...

Então, o queixo dele caiu e ele levantou a mão, apontando na direção do lago. Estava acontecendo alguma coisa ali. No tempo que levaram para chegar à praia, a frente de nuvens da tempestade tinha baixado, escurecido, começado a se enrolar sobre si mesma. Uma coisa que parecia uma coluna de fumaça emergiu da água, desapareceu, depois formou-se de novo.

— Tornado — disse Henry. — Quer dizer, tromba— d"água. Ah, meu Jesus Cristo, olhe só isso.

Tão logo se virou, Edgar ficou abismado com o que viu. Ao sugar a água do lago, o funil girava, de baixo para cima, primeiro translúcido, depois branco, por fim, cinza. Apareceram mais dois funis atrás do primeiro, tubos lanosos descendo das nuvens. Um rugido que vibrava no peito chegou até eles. Os cachorros olharam, pelos arrepiados.

— Isso não é bom — disse Henry. — Não estou gostando.

De alguma forma, os três funis davam a impressão de parar e avançar ao mesmo tempo. Edgar não sentiu nenhum impulso de correr, se esconder ou fazer qualquer coisa além de olhar. O mais distante dos três não era nada mais que um fio sinuoso serpenteando sobre a água. O mais próximo da praia, talvez a um quilômetro e meio, tinha engrossado e virado um vórtice sólido que se estreitava até se tornar um ponto na superfície da água. Os três rumavam para leste, atravessando o lago; se continuassem assim, passariam ao largo da enseada, embora não muito longe. Ele se perguntou se a tempestade que deixara o celeiro destelhado teria gerado funis como aqueles.

Henry não sentia nada parecido com o fascínio de Edgar. Ele se virou para a íngreme trilha que levava à floresta, deu alguns passos rápidos, parou e se virou.

— Ah, não. Precisamos encontrar abrigo. Não podemos ficar no carro se isso vier para cá — disse. — Dizem que é para procurar uma galeria, se possível. — Olhou em torno, a muralha côncava de pedra atrás deles. — Vamos para dentro de uma daquelas cavernas. Não dá tempo para mais nada.

O funil central levantou-se do lago. Estava tão perto que pareceu bater na água quando baixou de novo. Momentos antes, ele parecia largo e lento. Agora mostrava-se mais compacto, como se tivesse se voltado para dentro, girando mais depressa, e o barulho de repente era ensurdecedor.

— Nat? — disse Henry. — Nat? Está me ouvindo? Precisamos sair do descampado. Agora .

Relutante, Edgar desviou os olhos da água. Bateu palmas e chamou os cachorros quando a primeira rajada de vento de verdade o jogou de costas no chão. Ele se pôs de pé e quase caiu de frente. Quando juntou os cachorros, Henry estava esperando junto à muralha de pedra.

— Aqui e aqui — disse Henry, apontando e gritando por cima do rugido. — Temos de nos separar. Nenhum deles é grande o suficiente para caber todo mundo.

Henry havia localizado dois nichos, ambos a poucos metros do chão: alcovas cavadas na rocha por milhares de anos de ondas. Nenhum deles era muito profundo, um metro e vinte, um metro e meio no máximo. Havia outras cavidades na rocha, mais profundas, mas eram ou muito pequenas ou muito altas para se atingir sem uma subida árdua.

Edgar fez que sim com a cabeça e caminhou rápido para a frente, Baboo seguindo seus passos. Essay e Tinder mais atrás. As alcovas eram separadas por uns doze metros ou mais; a que ficava mais à esquerda era maior, mas também mais alta e mais difícil de se alcançar. Edgar escolheu essa para ele e dois dos cachorros.

Apontou Tinder para Henry, depois se virou para Baboo.

Suba.

O cachorro olhou para ele, tentando ter certeza do que Edgar queria.

É, ele sinalizou. Suba!

Então Baboo abaixou e saltou para a beirada. Assim que o cachorro aterrissou, Edgar virou para Essay, que estava pedalando para trás, na direção da água.

Venha, sinalizou para ela. Suba.

Essay sacudiu-se e recuou de novo. Edgar correu até ela.

Sem brincadeira agora, sinalizou. Venha.

Pôs a mão na barriga dela e empurrou-a para a frente. Ela se virou e mordeu de leve seu braço, soltou-se e pulou para a plataforma junto de Baboo, os dois cachorros lado a lado olhando para ele. Atrás deles, o teto da alcova estava preto de fuligem: alguém antes tinha acendido um fogo lá dentro. O piso, no nível dos olhos de Edgar, tinha sido varrido pelo vento e pela água. Ele recuou, olhos fixos nos cachorros, depois olhou para Henry e Tinder, em pé um ao lado do outro na areia.

— Ele não vai deixar que eu o carregue — disse Henry. — Não vai pular e não tem outro jeito de subir.

Edgar olhou o buraco na rocha. Era bem grande para acomodar um homem e um cachorro. E Henry tinha razão: abaixo da abertura havia uma superfície de pedra chapada. Não havia jeito de Tinder subir.

Edgar foi até Tinder e segurou a cabeça do cachorro.

Você vai precisar tentar.

Henry subiu para a plataforma enquanto Edgar e Tinder recuavam uns passos. Em seguida, Edgar correu e bateu a mão contra a rocha.

— Venha, Tinder! — Henry gritou. — Tente não matar todo mundo.

No começo, Tinder ficou ali parado, ofegando e olhando por cima do ombro os funis que rugiam no lago. O som vinha agora de todos os lados, uma vez que a muralha de pedra o recolhia e reverberava por cima da água. Estimulado por Edgar, Henry e pelos latidos dos outros cachorros, Tinder pulou duas vezes, mas em ambas o salto foi curto e ele baixou as orelhas, olhando para Edgar.

Então Essay e Baboo saltaram da plataforma e vieram correndo pela areia; Edgar pegou Essay com as duas mãos quando ela passou, mas Baboo seguiu correndo. Quando chegou junto de Tinder, tocaram-se os focinhos e então, sem demora, Baboo girou e correu na direção da muralha de pedra. Tinder não se moveu. Baboo voltou, latiu e o farejou. E dessa vez eles foram correndo juntos, Tinder mancando muito.

Quando chegaram à muralha, Tinder lançou-se desajeitadamente no ar, ganindo ao sair do solo, a pata pedalando. A aterrissagem foi dura, a pata traseira

quase para fora da plataforma, chutando areia no ar, porém Henry segurou-o pelas patas dianteiras e puxou-o para si. Baboo tinha voado ao lado dele, mas como não havia espaço para os três na estreita plataforma ele saltou para baixo imediatamente.

O rugido do lago penetrava todo o corpo de Edgar. Ele estimulou Essay e Baboo a subirem para a outra alcova e eles saltaram sem hesitação. Edgar engatinhou atrás deles.

— Nat? — veio o grito de Henry. Edgar olhou a muralha de pedra. Henry estava ajoelhado na outra plataforma, as mãos em concha em torno da boca. — Vai vir uma onda do lago. Fique dentro da caverna. — Não havia mais nada a dizer e nada que Edgar pudesse ouvir por cima do vento. Virou-se para os cachorros.

Estavam numa cova baixa e rasa, que se transformava numa cavidade oval à medida que se estreitava. Edgar esperava bloquear a entrada com seu corpo, mas logo viu que era impossível; na melhor das hipóteses, poderia cobrir metade da abertura. Correu para o fundo, a cabeça raspando a fuligem do teto, e virou para olhar o lago. Sinalizou para Baboo ficar debaixo da sua perna e prendeu-o com a outra. Mandou Essay deitar e, para sua surpresa, ela obedeceu. Ele passou os dois braços em torno dela. Era o melhor que podia fazer. Se entrassem em pânico, podia mantê-los imobilizados, pelo menos durante algum tempo, talvez o suficiente para acalmá-los.

E, então, no fundo daquele buraco lotado, eles esperaram e observaram o lago. Duas trombas— d"água tinham se aproximado, o som que faziam era uma explosão de todas as oitavas e tons ao avançarem pela atmosfera. A mais próxima chegou a uns quinhentos metros, como um cabo atirado das nuvens até um novelo de vapor de água na superfície do lago. Um fragmento de nuvem girou em seu eixo e desapareceu. Jatos de água batiam nas rochas, cuspidos do lago Superior e jogados na direção da terra.

Aquilo levou Edgar a pensar em seu pai parado na porta do celeiro durante as tempestades, olhando o céu. Ao tentar puxar os cachorros mais para dentro da caverna, Edgar se perguntou se seu pai estaria fazendo a mesma coisa agora.

Conforme Henry previra, a água começou a subir; o ponto em que tinham visto os funis já estava submerso pelas ondas que quebravam na praia. O vento entrava nas narinas e na boca de Edgar, inflava suas bochechas, tentava levantar as pálpebras de seus olhos. Eram bombardeados por areia e seixos. Ele havia pensado que o som e o vento poderiam assustar os cachorros, mas não: eles permitiram que

ele os segurasse, sem recuarem ainda mais para perto dele pedindo segurança. Um pedaço cinzento de madeira flutuante começou a girar em torno de si mesmo pela praia, vivo agora e lutando pela vida; os cachorros viraram o focinho para acompanhar o tronco.

Então, o funil menor passou, a flor de água roçando a superfície do lago como uma rosa em pé. Um raio serpenteou no céu, atraído por uma árvore junto à praia. O som que se seguiu mais lembrava uma explosão que um trovão, mas foi instantaneamente arrebatado pelo uivo do vento. Quando Edgar olhou o lago de novo, restava apenas o funil maior, tão atarracado e negro que parecia juntar céu e terra.

O que aconteceu em seguida durou talvez dez segundos. O funil que parecia uma corda e que acabara de passar ressurgiu, deslizando e se retorcendo pela água como um tentáculo, refazendo o trajeto que percorrera antes. Então, o sinuoso fio cinzento de seu corpo foi atraído para o funil maior. Eles se separaram um momento, depois se juntaram, o menor girando em torno do maior antes de ser consumido. Ou quase. Uma serpentina que rodopiava separou-se e debulhou-se em cima do lago, chegando até a metade da altura da água antes de evaporar. Ao mesmo tempo, o funil maior passou de cinza para um branco fantasmagórico, uma torre pálida sobre a caverna, arremetendo e recuando.

Inacreditável, Edgar pensou, enquanto o vento os esbofeteava.

O que ele via era inacreditável.

No entanto, vira coisas inacreditáveis antes, veio a resposta. E fugira delas.

Foi nesse momento que Essay resolveu saltar. Num momento Edgar a abraçava com força pelo peito, no momento seguinte ela escorregou com tanta facilidade como se estivesse lubrificada. Atravessou correndo a caverna, os saltos encurtados pelo vento. Baboo latiu, as patas traseiras arranhando a rocha nua, mas Edgar dobrou-se e lançou os braços em torno do cachorro, fechou seu focinho com a mão para impedir que latisse. Quase imediatamente, ele entendeu que Baboo não pretendia ir atrás de Essay: não estava atraído pela visão dela, pela compulsão, por qualquer coisa que a fez correr ao encontro da coluna que se deslocava pela água, rugindo para eles. Estava apenas tentando chamar Essay de volta.

O funil branco deu uma guinada em direção à praia, a uns duzentos metros agora, talvez menos, a distância da casa dos Sawtelle até o meio do campo de baixo, e lá se deteve, oscilando sobre o lago. Essay ficou olhando para ele, latindo e

rosnando, o rabo abaixado como uma cimitarra. Quando ela se virou de lado, a força do vento levantou suas patas traseiras e ela rodou, duas vezes, como um barril, antes de se pôr de pé de novo e encarar o vento outra vez, agora com o cuidado de manter-se no chão.

Alguma coisa despencou na praia diante das rochas e um jato de sangue deixou o ar vermelho. Era um enorme peixe de algum tipo, as entranhas abertas escorrendo pelos seixos da caverna.

Então Essay tentou avançar. Cada vez que levantava uma pata seu corpo balançava precariamente no vento que, afinal, jogou-a no chão. Ela ficou lá, as orelhas pregadas no crânio, o focinho enrugado, as pernas estendidas como um hieróglifo de cachorro, com o rugido do vento a reduzi-la ao que Edgar pensou ser sua essência, uma coisa ao mesmo tempo cruel e insana. Quando o vento diminuiu um instante, os pelos dela se eriçaram. Então, o vento bateu de novo, mais forte que nunca. As árvores da praia estremeceram, dobraram-se e se endireitaram, os galhos rompendo-se como tiros de rifle.

Eu devia ir lá, Edgar pensou. Ela vai morrer. Mas se eu for, Baboo vai atrás.

Ele teve tempo de ponderar isso, de pesar a perda de um contra perda de outro, e viu que não havia como decidir. Ela fizera essa escolha, ele pensou: o que seu avô sempre quisera, o que ele desejara tantas vezes em suas cartas. Então, por fim, Edgar deitou-se no piso da caverna enquanto o vento atirava pedras como balas sobre eles. Redobrou a força com que abraçava Baboo e olhou entre os dedos quando Essay foi arrastada para trás da linha das árvores, agachada, recuando, o focinho se mexendo, mas sem que nenhum som chegasse a eles.

E naquele momento, ele pensou: não vai dar certo. Nunca vou conseguir chegar lá. Nem devia ter ido embora.

No lago, alguma coisa mudou. O funil parou, ficou mais fino, tornou-se mais branco, tornou-se ainda mais branco, depois subiu da água. O vapor de sua base caiu no lago como se um encanto tivesse acabado. Seu caule tremulou no ar acima deles como uma cobra pendurada nas nuvens. O vento diminuiu e o rugido do ar abrandou. O latido de Essay chegava tenuemente até eles e Baboo começou a latir em resposta. Da outra caverna, Edgar ouviu Tinder fazer o mesmo.

No alto, o tubo de vento deslizou de modo ameaçador no ar, preparando-se para baixar de novo, dessa vez direto sobre a praia, mas sem nenhuma pausa rolou para dentro das nuvens e desapareceu, como se perseguisse algo que o

atormentasse. Uma onda de água negra e espumosa veio varrendo do lago até quase a muralha de pedra, depois levou com ela metade da água que enchia a pequena caverna. O ruído de trem de carga desapareceu; o vento soprou e parou. Ouvia-se o chiado e o estrondo das ondas quebrando na praia.

Assim que Edgar soltou Baboo, o cachorro foi para a plataforma e correu até Essay, que já trotava triunfante diante das ondas que recuavam. Baboo acompanhou-a durante alguns metros, depois virou e correu na direção das pedras em que Tinder e Henry estavam encolhidos, e ficou andando ali, à espera.

Não foi fácil descer Tinder. A rocha estava molhada e escorregadia e Tinder resistia a ser carregado. Henry pegou-o nos braços, mas escorregou, conseguindo apenas conservar elegância suficiente para manter o equilíbrio e raspar as costas na pedra. Quando Henry depositou Tinder na areia molhada, o cachorro foi mancando farejar o peixe atirado pelo vento. Gotas de chuva, chuva de verdade, não água do lago levantada, começaram a cair. No meio do lago, uma grande massa de madeira flutuante oscilava na água como a ossada emaranhada de um navio que acabara de emergir.

Encontraram o carro de Henry coberto de folhas verdes. A janela do lado do carona exibia uma longa rachadura branca. Apressaram os cachorros a entrar e ficaram um longo tempo respirando e ouvindo os pingos da chuva caindo sem ritmo sobre a capota.

— Tem alguma coisa errada com esse cachorro — disse Henry. — O que ele fez não foi uma coisa sensata.

Edgar fez que sim com a cabeça. Mas pensou: como podemos saber? Fechou os olhos e a imagem de Ida Paine curvada sobre o balcão ocupou sua mente. Se for embora , ela sussurrou, não volte, por nada deste mundo. É só o vento, só isso. Só vento. Não quer dizer nada.

Não quer dizer nada. Ele tentou dizer isso a si mesmo.

Pegou o papel e o lápis no banco.

Vamos voltar, escreveu.

— Ora, isso , sim — disse Henry. Girou a chave de ignição e rodou para a estrada na direção de onde tinham vindo. — Pelo menos um de vocês está pensando direito.

Edgar sorriu tristemente, o rosto virado para olhar a chuva e as árvores que

passavam. Se Henry soubesse qual era a alternativa, pensou, ia gostar menos ainda.

No caminho de volta, Henry manteve o rádio desligado. Dirigiu sem fazer comentários, a não ser por um momento em que, sem nenhuma razão aparente, sacudiu a cabeça e resmungou:

— Meu Deus do céu.

UM SOL DE RACHAR FERVIA AQUELA TARDE seguinte em agosto, quando o carro de Henry rodou pela estrada da floresta perto do lago Scotia, onde Edgar e os cachorros tinham passado o Quatro de Julho no que lhe parecia agora um momento de perambular sem destino. A água estava escondida pelas árvores e pela folhagem. De dentro do carro, tudo parecia desconhecido. Ultrapassaram a rodovia antes de Edgar enxergar o chalezinho vermelho, agora ocupado para a temporada.

Pare, ele sinalizou. É esse.

— Tem certeza?

Edgar olhou de novo e assentiu com a cabeça. Reconheceu o acabamento branco, a porta da frente e a janela pela qual havia engatinhado. Lembrou do gosto da barra de chocolate que tinha roubado ali, e de como ela havia derretido em seu bolso enquanto dava aos cachorros a manteiga espremida entre os dedos.

Henry embicou o sedã no caminho de entrada cheio de mato e desligou o motor.

— Vou falar pela última vez — disse ele — , posso levar você até onde você quiser. Eu não me importo.

Obrigado, Edgar sinalizou. Mas não.

Ele sabia que Henry queria que ele explicasse mais, porém o que ele queria fazer ali no lago — quem ele esperava encontrar, o que ele esperava resultaria disso — exigia que fosse a pé. Não conseguia encontrar palavras para explicar suas esperanças, assim como sua mãe fora incapaz de encontrar palavras para avaliar os cachorros. Saíram do carro e ele pegou a mochila de pesca e a vara do porta-malas. Pôs a alça da mochila no ombro. Os cachorros farejaram até sentir a curiosidade satisfeita, depois trotaram de volta para o carro, Tinder primeiro, mancando pela relva, seguido por Baboo e Essay. Edgar ajoelhou-se diante de Tinder e acariciou o focinho dele. Levantou pela última vez a pata ferida para passar a ponta dos dedos

pela cicatriz na almofadinha. Esperou que Tinder fosse puxar a pata, mas o cachorro limitou-se a olhar para ele. Todo o inchaço tinha desaparecido, porém o segundo dedo ainda estava exposto. Pôs a pata de Tinder no chão. Tinder levantou-a e apresentou-a de novo.

Fica , ele sinalizou. Fez isso por hábito, e imediatamente desejou voltar atrás, porque não era o que queria. Começou a se levantar, depois se ajoelhou de novo.

Cuide de Henry. Ele ainda é meio inexperiente. Depois levantou-se e estendeu a mão para Henry, que a

apertou.

— Qualquer coisa de que você precisar, é só voltar e pedir — disse Henry. — Até lá vou tomar conta dele direito.

Não. Ele pertence a você. Ele escolheu.

E tinha escolhido mesmo. Edgar via isso em Tinder sentado de olhos brilhantes, ofegando, ligeiramente encostado à perna de Henry. Tinha visto no carro, ao voltar do lago Superior e, depois, naquela noite, na casa de Henry. Para Edgar, parecia que Tinder ainda estava saltando para se juntar a Henry na plataforma, e de um jeito ou de outro estaria fazendo isso todos os dias, pelo resto da vida.

Edgar virou-se e andou até a cabana com Baboo e Essay a seu lado. Só se permitiu olhar para trás uma vez. Henry e Tinder estavam parados junto ao carro, olhando-os irem embora. Quando chegaram ao lago, Baboo notou que Tinder não estava vindo. Olhou para Edgar, depois se virou e trotou de volta para o carro. A meio caminho, deteve-se. Edgar parou, se virou e bateu na perna. Baboo avançou uns passos na sua direção, depois olhou para trás, para Henry e Tinder ao lado do carro, ganiu, infeliz, e sentou.

Edgar ficou olhando o cachorro. Voltou e ajoelhou-se na frente dele.

Você precisa ter certeza, sinalizou.

Baboo olhou para ele, ofegante. Olhou para Essay, atrás de Edgar. Depois de um longo tempo, Baboo se levantou e juntos voltaram até o carro. Baboo disparou nos últimos cinco metros e saltou para o banco de trás para se juntar a Tinder.

— Não é por minha causa, é? — Henry perguntou. — Ele não pode deixar o Tinder.

Não.

— Acha que posso dar conta dos dois?

Edgar fez que sim.

— Por mim tudo bem. Nossa, mais que tudo bem.

Edgar ficou olhando os dois cachorros durante um longo tempo, tentando fixar a lembrança deles na mente. Então, Essay veio trotando e Baboo saltou para fora, para juntar-se a ela. Os dois giraram, farejando o traseiro um do outro, como se não se vissem havia muito tempo, e Baboo apoiou o focinho no pescoço dela.

Edgar se virou e seguiu pelo caminho de entrada. Não chamou, nem deu nenhum outro comando. Não aguentou olhar para trás. O mato roçava seu rosto, mas ele mal notou por baixo da pulsação que sentia na cabeça. Apertou os olhos até quase fechá-los, no entanto as lágrimas correram mesmo assim. Afinal, Essay apareceu a seu lado. Depois, ela disparou à frente e sumiu no meio do mato.

Basta de comandos, ele pensou. Nunca mais. Ela sabia onde estavam tanto quanto ele e podia correr o quanto quisesse.

Atrás deles, o carro de Henry gemeu, acordando. Sem querer, Edgar acompanhou o som dele rodando pela estrada até que, mesmo parado, só os sons da floresta chegavam até ele.

Volta

PASSARAM AQUELA NOITE NA PENÍNSULA ONDE TINHAM VISTO OS FOGOS de artifício consumidos por seus próprios reflexos, onde o uivo dos cachorros tinha levado outro observador a se anunciar. No dia seguinte, contornaram o lago. Trechos sombreados dando em taboas e vastas extensões de nenúfares. Sapos pulavam para a água onde quer que pisassem. Os peixes eram numerosos, os campistas, raros. A maior parte das cabanas estava fechada para a temporada, placas de compensado pregadas nas janelas, e não havia por que forçar a entrada nelas. Henry o tinha equipado com fósforos, anzóis e um já gasto canivete de cabo marrom com incrustações de marfim.

A cada uma das três noites seguintes eles acamparam em um ponto mais avançado nas colinas do lago Scotia. Essay adaptou-se à vida solitária mais depressa do que Edgar esperava. À noite, ela e Edgar dormiam encaixados um no outro para se proteger do ar frio. Ela entendeu que eles esperavam alguém ou alguma coisa. Às vezes, ela se levantava e andava de um lado para o outro, farejando em busca de seus dois irmãos. Os dias tinham ficado mais curtos agora. O crepúsculo de agosto começava às sete horas, a noite, uma hora depois disso.

Na quarta noite, já tarde, quando a fogueirinha deles já tinha virado brasas, um par de olhos cintilou na relva. Não um veado ou um guaxinim, cujos olhos refletiam em verde a luz alaranjada do fogo. Aqueles olhos refletiam vermelho quando a chama era vermelha, amarelo quando era amarela, desapareciam um instante e brilhavam de novo. O dono deles aproximava-se contra o vento, um costume, Edgar pensou, depois de tanto tempo na floresta. Edgar passou um braço por cima das costas de Essay. Tinha guardado um pedaço de peixe, pegou-o e jogou do outro lado da fogueira.

Forte saiu das sombras. Deu uns passinhos para farejar a oferta. Quando Essay o viu, seu corpo enrijeceu, mas Edgar pediu que ficasse quieta com um aperto da mão. Não era um comando. Ele sentiu que não tinha mais o direito, que há muito caíra em desgraça, mas só recentemente entendera isso. As cores do desgarrado eram exatamente como Edgar lembrava, âmbar e preto nas costas, o peito largo e alourado. Uma orelha pendia, rasgada em alguma briga antiga. Seu

corpo, porém, tinha se tornado mais robusto, as pernas eram grossas e sólidas.

Essay rosnou um alerta na garganta e Forte recuou para o escuro. Edgar cuidou do fogo até tarde da noite, curvado sobre os carvões como um velho mirrado, exausto, embora não tivessem feito quase nada o dia inteiro. De manhã Essay também tinha desaparecido. Ela voltou ao meio-dia, ofegante e coberta de carrapichos. Edgar já havia pescado um grande número de peixes. Assaram os peixes em espetos e se banquetearam. Quando Essay virava o focinho para o outro lado, ele insistia para que comesse mais; era importante que ela não quisesse comer mais tarde. Edgar pescou mais um pouco, assou o peixe e pensou em Henry sentado na mesa de jogo atrás da casa, assando salsichas enquanto ele e os cachorros espiavam do esconderijo junto aos girassóis.

A noite azul refletia-se na água. Véus de cirros pontilhados de estrelas. Forte apareceu de novo tarde da noite, e dessa vez Essay trotou ao encontro dele, farejou seus flancos enquanto ele esperava, rígido. Depois, foi a vez de Essay ficar parada. Quando Forte foi embora, muito mais tarde, o monte de peixes que Edgar havia separado tinha se acabado.

ELE COMEÇOU A PESCAR DE NOVO assim que acordou no dia seguinte. Assou os peixes e os empilhou. Soavam chamados da floresta. Depois de comer bastante, enfiou o restante na mochila, deixou a vara no chão e partiram. A viagem se tornara fácil. Ele não entendia por que tinham demorado tanto para atravessar uma distância tão pequena na ida. Em um único dia, cobriram um quarto da distância de volta. De vez em quando, jogava um pedaço de peixe assado no chão, como trilha. Perguntava-se se iria reconhecer a rota que percorrera tantas semanas antes. Reconheceu.

Essay desaparecia por uma hora ou mais de cada vez, mas ele continuava sempre em movimento. Havia, então, uma agitação nas samambaias e ela surgia numa clareira, corria para ele, abanando o rabo. Chegaram a um lago conhecido no fim do dia e ele acendeu uma pequena fogueira. Dormiu ao lado das brasas que morriam como se as trocasse por sonhos.

Só na segunda noite teve certeza de que Forte os seguia como ele esperava. Caminharam o dia inteiro beliscando o peixe, um pedaço para ele, um pedaço para Essay, um pedaço jogado no chão. Essay cavava em busca de ovos de tartaruga, mas essa temporada havia passado. Nos arbustos, uns poucos mirtilos pendiam ressecados em suas cascas. Ao meio-dia, pararam num lago, Edgar tirou a roupa,

entrou na água e ficou lá até a pele refrescar e as novas picadas de mosquito pararem de coçar. Uma garça levantou voo dos caniços à margem do lago, branca e arcaica. Pairou acima da água e pousou perto da praia, a uma distância segura, piou sua objeção por ele espantar os peixes. Mas a garça estava errada. Edgar comeu apenas o peixe que restava na mochila, reaquecido ao fogo. Deus, como estava saturado de peixe.

Colocou o restante do peixe junto à fogueira. Desconfiava que era uma má ideia. A mochila estava engordurada por causa dos peixes. Talvez todos os ursos da região agora já soubessem onde eles estavam, mas Forte saberia também, e ele tinha razão sobre isso. Quando acordou na manhã seguinte, o desgarrado levantou o focinho e olhou para ele por cima das brasas brilhantes. Ele ficou imóvel. Essay levantou, contornou Forte, farejou-o, e ambos giraram em círculo. Forte esticou o pescoço e farejou Edgar, as pernas tremendo. Ele acariciou Essay debaixo do queixo, depois deixou a mão passar em Forte.

Quando se pôs de pé, o cachorro recuou. Com a orelha rasgada, ele parecia ao mesmo tempo cômico e cauteloso. Edgar virou as costas e recolheu suas coisas. Quando olhou de novo, Forte tinha desaparecido. Assim como Essay.

AGORA, ALMONDINE OCUPAVA SEUS PENSAMENTOS. Fazia dois meses, ou mais, que não a via, e de repente parecia que tinha se afastado de algum fundamento do seu ser. Ao fim do dia seguinte, ou do outro dia, iriam se reencontrar. Talvez ela tivesse esquecido os crimes dele, os quais ele queria, mais do que tudo, reparar. Tudo que lhe acontecera desde que partira o fazia pensar nela. Outros sonham em encontrar uma pessoa no mundo, cuja alma seja um reflexo da sua, mas ela e Edgar tinham sido concebidos quase ao mesmo tempo, tinham crescido juntos e, por mais estranho que pudesse ser, ela era seu complemento. Isso ajudava a suportar muita coisa. Ele também sabia que ela estava velha, e ele havia perdido um bom tempo circulando na floresta, cego, confuso, parando e partindo com noções apenas vagas do que fazer. Se não fosse aquele tipo estranho de intercessão, talvez ele nunca mais voltasse a vê-la. Talvez só quando ficasse velho ele se desse conta do quanto havia se diminuído por tomar aquela decisão, o quanto havia definhado longe dela.

Ele partira confuso, mas voltava esclarecido. Tanta coisa que achava obscura ao fugir era agora evidente. Assim que saiu daquela caverna do lago, a necessidade de voltar para casa tomou conta dele. Entendia o acerto da decisão de Tinder e de

Baboo. Henry era uma pessoa rabugenta, cheio de dúvidas e preocupações, mas também era fiel. Edgar se perguntou o que teria acontecido com eles se Tinder tivesse se ferido dois quilômetros adiante. Tanta coisa no mundo era governada pelo acaso. Se tivessem saído da casa de Henry um dia antes, podiam estar no Canadá nesse momento, talvez mesmo na colônia Starchild. A vida era um enxame de acidentes à espera no alto de uma árvore, atacando qualquer ser vivo que passasse, pronto para devorá-lo vivo. Nada-se num rio de acaso e coincidências. A pessoa se apega aos acidentes mais felizes: o resto você larga de mão. Você encontrou um bom homem, aos cuidados de quem um cachorro ficaria seguro. Você olha em volta e descobre a coisa mais estranha do mundo ali, olhando para você. Algumas coisas eram certas, já tinham acontecido, mas não se podia adivinhar o futuro. Com exceção de Ida Paine, talvez. Para todas as outras pessoas, o futuro não era um aliado. Uma pessoa tinha apenas a própria vida para oferecer. Era assim que ele sentia. Podia se perder na colônia Starchild ou trocar o que tinha por algo que lhe era importante. Aquela coisa rara. De qualquer forma, sua vida passaria.

Eram esses seus pensamentos enquanto caminhava pela margem de uma clareira pantanosa. No meio do caminho, Essay saltou, virou-se e provocou Forte, que seguiu atrás dela, repentinamente desajeitado, parecendo um filhote. Depois de algum tempo, por causa da inércia e da falta de jeito de Forte, estourou uma briga entre eles. Mas era uma luta de mentira e logo Essay saracoteou até Edgar, ignorando o desajeitado.

Dormiram longe da água ou de qualquer marco que lhe parecesse familiar. Edgar acendeu uma fogueira para se aquecer e deixou que se cobrisse de cinza. Forte ficou olhando, encolhido debaixo de um broto de castanheira. Nessa noite, Edgar atravessou o círculo iluminado para sentar-se ao lado do desgarrado e remover os carrapichos de sua pelagem. Quando terminou, acariciou o animal ao longo do pescoço. Forte farejou seu pulso. Ele se lembrou daquelas noites no jardim, Forte prateado pelo luar, tremendo sob suas mãos. Então, Edgar voltou para o seu lado da fogueira. Seu último pensamento antes de dormir foi que estava contente de não comer peixe, mesmo que isso significasse ficar com fome.

Na manhã seguinte, partiram na direção leste, com a sombra projetada para trás deles muitas e muitas vezes. Essay e Forte desapareceram. Quando ele viu Essay outra vez, seu focinho estava manchado com o vermelho de sangue fresco. Ajoelhou-se ao lado dela, passou os dedos pela gengiva, pelo pescoço e pelas pernas, mas o sangue não era dela. Forte não estava à vista.

Chegaram à clareira cheia de árvores marcadas pelo fogo onde haviam parado na primeira noite, onde as corujas se viraram para olhá-los. Ele começou a correr. O sumagre, antes parecido com sombrinhas verdes, agora brilhava vermelho. Quando olhou para baixo, Essay estava a seu lado.

Apareceu a velha trilha da madeireira. Chegaram à cerca plantada no meio do córrego. A água não era mais que um filete, e o mourão que ele havia desenterrado estava torto na lama, no lodo. Pisou na água e levantou o arame farpado. Essay passou por baixo quase sem interromper o passo. Do outro lado, ela se sacudiu sem necessidade e esperou. A água do córrego corria sobre areia e pedras. Ele ficou esperando Forte. Depois de algum tempo, concluiu que o cachorro encontraria seu próprio jeito de atravessar, se é que atravessaria. Empurrou o mourão e passou por cima dos arames, sem se dar o trabalho de consertá-lo ao pisar de novo a terra deles.

Almondine

QUANDO JÁ NÃO ESTAVA DORMINDO, ELA FICAVA NA SOMBRA E ESPERAVA o sono voltar. No sono, tudo era como havia sido um dia, quando eles eram um só e ele corria ao lado dela, rosado, miúdo e desajeitado. Eram noites em que as vigas da casa sussurravam por eles e a areia ainda não se fazia sentir em suas juntas. Não era preciso procurá-lo. Em seus sonhos, ele estava lá, sempre, abanando flores de centáurea para ela cheirar, desencavando coisas estranhas que ela precisava tirar de suas mãos com medo de que pudessem ser perigosas. Nada disso no mundo consciente, que não passava de uma infindável espera.

Toda a sua vida ela tivera de encontrar tudo o que lhe pediam para encontrar, e sempre houvera apenas uma coisa. Agora ele estava realmente perdido, desaparecido, passado para um outro mundo, talvez, alguma terra desconhecida para ela, de onde não podia voltar. O armário estava tão perplexo quanto ela, a cama silenciosa sobre a questão. Sem dúvida, ele havia aprendido o segredo do voo, e a janela não era pequena demais para ele passar. Lá, dormindo na cama dele à noite, ela seria a primeira a vê-lo voltar. Velha como estava, ela ainda tinha perguntas para fazer a ele, coisas para lhe mostrar. Preocupava-se com ele. Precisava encontrá-lo, inteiro ou mudado, mas saber, em todo caso, como ele estava, e provar o gosto de sal do pescoço dele.

Ela havia aprendido, na vida, que o tempo vivia dentro de você. Você é tempo, você respira tempo. Quando era nova, ela tivera uma fome insaciável por mais tempo, embora não entendesse por quê. Agora trazia dentro de si uma cacofonia de tempos, e, ultimamente, isso apagava o mundo. A macieira ainda era boa de deitar debaixo. A peônia, por seu perfume, também era boa. Quando passeava na floresta (raramente agora), seguia a trilha, abrindo caminho para o menino dentro dela correr. Podia ser difícil escolher o tempo externo em vez do tempo interno. Ainda havia trabalho a fazer, claro. Os pequenos no celeiro sabiam tão pouco e ela havia ensinado tantos antes! Não parecia valer a pena tentar, quando lhe pediam, mas ela fazia.

Estava mais lenta. A fazenda rodava em torno dela. As macieiras brigavam com o vento, juntavam os galhos contra ele, os melros e os pardais, os esquilos e as

corujas bordejavam suas copas. O jardim gritava seu odor verde infantil, a mistura que nele havia, inventada por veados ou, agora lhe parecia, o contrário. O celeiro projetava sua gorda sombra no pátio, segurando-a suavemente pelos pulsos escuros e deixando que virasse, virasse, se esticando pelo chão ao anoitecer, mas sem nunca soltar. Tudo em torno dela girava mais depressa quando fechava os olhos. As nuvens deslizavam pelo céu, e ela ficava debaixo, e à passagem da sombra e do sol amarelo, a casa murmurava segredos à caminhonete, a viajante, que ficava ouvindo só até seu devotado empirismo a forçar a sair, olhos arregalados de pânico, para testar essas ideias entre seus semelhantes. O bordo sustentava a roupa lavada e recebia (chamas brilhantes) capas amarelas todos os dias. A caixa de correio permanecia como um soldado junto à rua, capturando um homem e soltando-o, sem parar.

Entre eles, a mulher passava, indiferente a tudo, conduzindo os filhotes na sequência que eles, sem dúvida, já deviam ter aprendido, os filhotes bobinhos, que faziam todos parar e olhar, tal era sua força. Almondine sentava, olhava para eles e depois, de alguma forma, o menino estava sentado ao lado dela, braços sobre seu pescoço. Os filhotes tinham tão pouco tempo dentro de si que mal ficavam parados no chão. Assim tinha sido com ela, talvez. E quando ela virava a cabeça e olhava, Edgar não estava ali outra vez. Teria mesmo estado? Ou seria apenas um pedacinho de tempo dentro dela?

A resposta era cada vez mais importante, mesmo que estivesse minguando dentro dela a força para encontrá-lo. Eles tinham se moldado um ao outro sob o calor de um sol mais brilhante, cuja luz se fora silenciosamente deste mundo. Os altos pinheiros do pátio da frente sabiam disso; eles sufocaram uma noite quando uma névoa do mar pairou sobre o pátio, embora, além dela, ninguém tivesse notado. Ela ficou três dias de luto embaixo deles. Os esquilos, que não respeitavam nada, saquearam suas carcaças. As noites ficaram mais escuras, as estrelas, perdidas. Ela dormia ao lado da cama dele porque era para ali que ele voltaria, e não para outro lugar. Ele estava brincando com ela: tinha se escondido muito bem! Que encontro seria quando ele saísse de seu esconderijo, como iam rir, que alegria ia ser! O maior truque apresentado por ele, que estava ali o tempo todo, observando enquanto ela procurava! O tempo todo! A ideia era tão surpreendente que ela se levantou, ofegou, balançou a cabeça. Tantos lugares mereciam uma segunda olhada. Mas vazios, todos eles, e todos sem culpa, impassíveis, alegres, despreocupados.

E então, no meio da manhã de um dia com um céu esplendoroso, ela tomou

uma decisão. Levantou-se do seu lugar de dormir na sala. Na cozinha, apoiou o queixo mole na perna da mulher e tentou deixar claro que ia precisar procurar em outra parte. A mulher afagou-a, distraída, a mão conhecida contra seus flancos, uma carícia atrás das orelhas. Almondine agradeceu aquilo. A porta ficava destrancada. Ela ainda tinha força para abri-la. Passou entre as fileiras de árvores no longo aclive do pomar e esperou perto da árvore mais alta.

Talvez ele tivesse viajado. Agora ela viajaria também.

De longe, ouviu um viajante chegando. Desde que se lembrava, eles passavam por seu quintal, conhecidos da caminhonete, negociantes do empírico, do factual, do matemático: mercadores de quantidades desconhecidas. Longitudes e azimutes. Secantes e triangulações. Ela os considerara intrusos quando jovem, mas aprendera a não prestar atenção, seu alarme era tolo. Eles eram benignos, rodando ali por suas próprias razões. Conspícuos, grandes e burros eles eram, porém tinham visto muito do mundo.

Vinha vindo do outro lado da encosta; sua nuvem de poeira enchia o ar entre as árvores. O brilho da dianteira apareceu. Ela não tinha medo. Era preciso experimentar coisas novas. Dentro de si, guardava a imagem dele naquela primeira manhã, desperto nos braços da mãe adormecida. Ela pensara que ali tivera início o que nunca terminaria. No entanto, ele estava desaparecido havia tempo demais para as coisas estarem totalmente certas. Nenhuma novidade sobre ele no quintal. Nenhuma na casa. Tudo sendo esquecido, devagar, ela sentia, e só se podia durar um certo tempo separado de sua essência.

Havia um desafio à espera nessas circunstâncias, sempre.

O viajante estava quase chegando. Se aquele ali não soubesse de nada, ela perguntaria ao próximo. E ao próximo. Um deles saberia. Ela perguntara à caminhonete, mas com silêncio esta admitira sua ignorância. Não tinha levado o menino ultimamente, embora não negasse que o tivesse levado muitas vezes antes. Ela nunca havia pensado em perguntar aos outros viajantes até aquela manhã. A ideia lhe ocorreu como um sussurro.

Ela pisou no duro cascalho vermelho da estrada. Praticamente, quase não se encontrava ali, tão mergulhada estava em si mesma. Havia dentro dela um tempo em que ele caíra da macieira, uma árvore da qual ela acabara de se afastar. Ele tinha aterrissado com um baque nas costas. Um tempo de inverno em que ele empilhara neve em seu rosto até o mundo ficar branco, e ela cavou em busca de sua mão enluvada. Dentro dela havia incontáveis manhãs vendo os olhos dele tremularem e

se abrirem ao acordar. Acima de tudo, ela lembrava da língua que os dois tinham inventado, uma língua em que tudo que era importante podia ser dito. Ela não sabia como perguntar ao viajante o que precisava perguntar, nem qual forma teria a resposta. Mas ele agora estava em cima dela, zangado, apressado, e não demoraria muito para ela saber a resposta. Uma flor de poeira como uma nuvem de tempestade a perseguiu morro abaixo.

Ela ficou parada no cascalho, virou a cabeça e fez sua pergunta.

Perguntou se ele tinha visto seu menino. Sua essência. Sua alma.

Mas, se o viajante entendeu, não deu sinal disso.

Parte V

VENENO

Edgar 2

ATRAVESSARAM O MANTO DE SOMBRA DAS ÁRVORES QUE SE ESTENDIA pelo campo ocidental. Adiante, a lateral vermelha do celeiro brilhava, fosforescente, no avermelhado pôr do sol. Uma dupla de corças saltou por cima da cerca do lado norte do campo, dois saltos cada uma, despreocupadas, pairando no ar, a tocar a terra apenas como uma consequência, e correram pelas aveleiras e sumagres. O ar estava parado, quente, e o feno roçava, seco, nas pernas de Edgar. Hastes de milho silvestre pontilhavam o campo, as folhas estavam esfarrapadas e mordidas até o caule, e o tabaco indígena, marrom e ressecado pelo calor. Tudo aquilo quebradiço e estralejando como se feitos de papel de cigarro dobrado.

Quando Edgar chegou à pilha de pedras, Essay já havia disparado pelo quintal, despertando um frenesi nos cachorros do canil. Ele subiu numa pedra e escutou. Partes iguais de saudade e repulsa subiam dentro dele, mas o som dos cachorros o agradou do mesmo jeito que uma canção de ninar agrada a um velho. Ele identificou a voz de cada um e seus nomes. De onde estava, podia ver apenas o teto da casa pairando escuro sobre o quintal. Esperou que aparecesse alguma figura humana, mas só havia o brilho do corpo de Essay, abaixado e alongado, cortando o gramado ao dar mais uma volta.

Levantou-se e caminhou o resto do trajeto. A casa estava escura. O Impala, estacionado na grama. No quintal, dava para ver os trechos verdes dos pés de pepino e abóbora, lá longe a floresta, meia dúzia de girassóis debruçados sobre tudo aquilo. Espiou pelas janelas da sala, na esperança de ver Almondine, sabendo o tempo todo que se ela estivesse em casa já teria encontrado um jeito de correr para fora.

Quando entrou no celeiro, os cachorros apoiaram as patas da frente nas portas dos canis e o saudaram com ganidos, rugidos e uivos. Foi de cercado em cercado, deixou que saltassem e rasgassem sua camisa, riu de seus loucos saltos, mesuras e rolamentos. Deixou Pout, Finch, Opal e Umbra por último. Ajoelhou-se, com a boca pronunciou seus nomes em seus ouvidos e eles lavaram seu rosto com as línguas. Quando se aquietaram, ele encontrou uma lata de café numa pilha e pegou ração para Essay. Ela começou a comer sem vontade, depois avançou naquilo como

se de repente lembrasse o que era comida.

Dois filhotes o saudaram na enfermaria, apenas dois, da ninhada de oito nascida antes de ele ir embora. Estavam desmamados e gordos, sacudindo a barriga e balançando o rabo. Ele se agachou e coçou-lhes o queixo.

Que nome deram para vocês? Onde estão os outros?

Foi até a oficina. Olhou os arquivos e os livros arrumados em cima deles. O Novo dicionário enciclopédico Webster da língua inglesa pesava tão pouco em suas mãos. O aroma de suas páginas como poeira de estrada. Encostou-se à parede, pensou em seu avô e nas infindáveis advertências de Brooks, pensou em Hachiko. No meio da pilha confusa de correspondência, encontrou a carta de Tóquio e pegou a fotografia amassada que tinha escondido ali. Olhou para Claude e Forte através da teia de rachaduras da emulsão e enfiou-a no bolso.

Fechou o canil e foi para a casa. A chave da porta da cozinha estava pendurada num prego no porão. Comeu direto da geladeira, a névoa despejando-se sobre seus pés. Pão, queijo e frango assado segurando no osso, depois andou pela casa abraçado a um pote de sorvete de baunilha, comendo com a colher e olhando em volta. O relógio da cozinha. O fogão. A vela noturna. A mobília da sala petrificada como ogros na penumbra. As roupas penduradas no armário de sua mãe. Subiu a escada e sentou em sua cama. Uma nuvem de pó subiu no ar. Pelas tábuas do assoalho, havia moscas mortas espalhadas, cascas secas, azuis e verdes, com asas de celofane. Ele não imaginava que todo mundo estaria fora. Não imaginava saudar as coisas antes de ver sua mãe. Antes de ver, sobretudo, Almondine. Tinha imaginado dormir naquela cama outra vez, mas ao vê-la agora não sabia como poderia.

Devolveu o sorvete à geladeira e deixou a colher na pia. Essay estava arranhando a porta da varanda. Ele saiu, empurrou a porta e deixou que ela trotasse pela casa, repetindo sua inspeção. Estava sentado à mesa, no lugar de seu pai, quando ela voltou. Ficou sentado um longo tempo, esperando. Era difícil para ele não pensar em como seriam as coisas. Por fim, decidiu se lavar. Quando tirou a toalha do rosto no banheiro, viu o sabonete em forma de tartaruga no peitoril da janela, completa e perfeita a não ser por uma pata traseira encolhida.

Foi para a cozinha, achou um lápis e um pedaço de papel. Quando tocou o grafite no papel, olhou pela janela da cozinha. As janelas estavam abertas, sustentadas por pauzinhos, e uma brisa noturna, quente como o hálito de um animal, agitava as cortinas de algodão xadrez. Maçãs escuras, maduras, pendiam do

galhos diante das janelas. Levou o lápis ao papel outra vez. Comi enquanto vocês não estavam, escreveu. Volto amanhã. Então, tirou do bolso a fotografia de Claude e Forte e deixou ao lado do bilhete.

Ofereceu a Essay a opção de ficar ou ir com ele. Ela desceu a escada da varanda, calma agora, a curiosidade satisfeita. Guardou a chave no bolso e ficou parado tentando decidir onde dormir. O depósito, numa noite tão quente, seria sufocante. Na casa de ordenha encontrou uma pilha de sacos de estopa. Foram para o campo. Estava totalmente escuro quando uma vaga réstia da luz do pátio lançou sua sombra diante dele. Na ponta estreita das árvores, junto à pedra da baleia, ele bateu o pó dos sacos e jogou no chão. Essay girava e girava, resolvendo mais uma vez o eterno enigma de deitar para dormir. Ela pousou as costas nele, o focinho encaixado na dobra de sua perna. No céu, a aurora se aproximava, cortinas de néon selvagem. Ele focalizou a semente suspensa da luz do pátio tremulando através do feno e aspirou o aroma de pólen e decadência que impregnava a noite.

Tinham dormido algum tempo quando a caminhonete apareceu na crista da encosta. A lua havia saído. O campo em torno deles como sal e prata. Ele sentou nos sacos e observou a caminhonete manobrar e parar junto à varanda, os cachorros do canil latindo numa frenética saudação. Essay ficou parada, ganindo. Edgar pôs uma mão no quadril dela. Essay o farejou e virou-se para olhar.

A caminhonete vomitou as figuras de Claude e sua mãe. Claude levantou a tampa da carroceria e pegou dois sacos de compras, enquanto sua mãe dava uma parada para acalmar os cachorros. A porta da varanda rangeu e bateu. A luz da cozinha apareceu tênue pelas grandes janelas da sala. Claude foi da varanda à caminhonete outras duas vezes. Na última passagem, ficou olhando o quintal, depois fechou a carroceria, foi à varanda e apagou a luz.

E sentado debaixo das estrelas e do céu Edgar esperou para ver Almondine. Ela não saltara da carroceria da caminhonete. Ele esperava isso. Sinto falta dela, disse a si mesmo. Fechou os olhos para ver de novo. Mas ela teria sentido o cheiro dele na mesma hora. Ele se sentiu absolutamente atraído e repelido, desejando que aquela parte de sua vida tivesse terminado e que ao mesmo tempo nunca terminasse, sabendo que qualquer coisa que acontecesse em seguida apenas reduziria o que acontecera até não existir mais que uma lembrança, uma história desgastada, um sonho vagamente lembrado.

Se ela não estava em casa, devia ter ido à cidade com eles. Era uma coisa ou outra. Uma ou outra.

Olhou o grupo de bétulas, isolado no centro do campo. Estavam em meados de agosto, e quando ele se pôs de pé o capim chegava quase a seu quadril. Cambaleou por ele, roçando as espigas com as mãos. Os troncos das bétulas oscilaram e ficaram indistintos, as folhas de suas copas tremeram, palidamente. Estava parado no grande círculo de mato cortado na raiz das árvores. Lá estava a familiar cruz branca do bebê natimorto e a outra mais nova, de seu pai. E ao lado delas, ainda sem identificação, um retângulo de terra escura, revolvida havia pouco tempo.

Ele prendeu a respiração. Caiu como um boneco cujos fios foram cortados. Testa apertada no solo, o cheiro de ferro e argila a encher suas narinas, agarrou a terra e deixou cair das mãos. Um bramido oceânico enchia-lhe a cabeça. Toda a sua memória, todo o seu passado, subiu e engolfou-o. Imagens de Almondine. Como ela gostava de manteiga de amendoim, mas não de amendoins; como preferia feijão-verde a milho, porém recusava ervilhas; como acima de tudo, adorava mel, de qualquer jeito que pudesse conseguir: lambido dos dedos dele, dos lábios dele, passado em seu focinho. Como gostava de tirar as coisas da mão dele e deixá-lo pegar de volta. Se ele segurava seu queixo, ela baixava a cabeça mais e mais, até o chão, para ele permanecer daquele jeito. Como era diferente agradá-la com a palma da mão e com as pontas dos dedos. Ele podia pôr a mão em cima dela quando estava dormindo e ela não abria os olhos, mas mesmo assim entendia, e sua respiração mudava.

Lembrou de uma vez, quando era pequeno, e Almondine era jovem, impetuosa, e para ele mais parecia um cavalo selvagem do que um cachorro, em que ela atravessou o quintal mais depressa que um pardal e o alcançou correndo naquele mesmo campo. Ele gostava de escapar, de fazê-la persegui-lo, de vê-la voar. Quando ela o alcançou, eles se viraram e saíram correndo pelo campo, na direção do bosque de amoreiras, um lugar de que ele gostava simplesmente porque ainda era tão pequeno que podia circular livremente entre elas. Mas ao chegarem havia alguma coisa parada lá: um animal que ele nunca tinha visto, com a cara larga e o focinho pontudo, grandes garras negras e afiadas. Tinham chagado correndo e surpreenderam o bicho, que se virou e olhou para eles com uma tosse rouca, silvando e raspando o chão, interpretando a corrida deles como um ataque. Espalhava terra atrás de si. Ele tentara recuar, mas a coisa avançava na mesma proporção, ligada a ele por alguma força invisível, fixando seus olhos pretos de vidro como se estivesse olhando para um monstro, ofegando, virando e batendo as pernas de trás, virando e olhando de novo para eles, uma barba de espuma cinzenta

na mandíbula.

Ele não sabia quanto tempo Almondine ficara a seu lado, imobilizada pela maneira como a coisa avançava um passo a cada passo que ele recuava. Então, ela se pôs longitudinalmente entre eles, tapando sua visão, e deu-lhe um empurrão com o quadril que ele quase caiu. Ela não correu para fazer isso, não usou nenhuma de suas brincadeiras encantadoras, nada esperto, nenhuma coreografia graciosa. Simplesmente colocou-se entre eles e parou, o rabo imóvel. Depois virou, lambeu o rosto dele e ele ficou perplexo ao entender o que ela estava fazendo. Se ela se mexesse, expunha-o, e, portanto, não ia se mexer. Estava pedindo a ele que fosse embora, dizendo que ele é que podia salvá-la , não o contrário. Ela não ia nem arriscar uma luta com a coisa. Só sairia dali se ele tivesse ido embora, e de um jeito que o bicho não começasse uma perseguição. Só tirara os olhos da coisa por aquele breve instante, para esclarecer tudo.

Enquanto recuava, ele olhou para ela ali parada por um longo tempo. Quando ele chegou ao celeiro, ela se abaixou, deu um pulo e se materializou ao lado dele. Edgar se lembrou que no dia seguinte tinham encontrado a coisa, morta e cheia de moscas, na estrada.

Lá estava Almondine, fazendo as brincadeiras deles. Dançando para ele, leve como um grão de poeira.

Ele pensou no pai parado na porta do celeiro olhando o céu quando a tempestade se aproximava, enquanto sua mãe gritava:

— Gar, venha para dentro, pelo amor de Deus.

Era assim, às vezes. Você se põe diante da coisa e espera o que vai acontecer, só isso. Dá medo, mas pouco importa. Você para e enfrenta. Não precisava ser mais esperto que nada. Quando Almondine era brincalhona, era brincalhona diante desse conhecimento, tão desafiadora quanto diante da coisa raivosa. Não era um pensamento mórbido, apenas o mundo tal como existia. Às vezes, a gente olha a coisa de frente e se vira. Outras vezes, não. Essay podia ter sido arrebatada pelo tornado no lago, mas não fora, e não havia nada de especial nisso a não ser a certeza dela de que tinha mandado embora aquela coisa.

De manhã, ele planejava ir até a casa. Não sabia o que ia acontecer então. Claude é que havia encontrado seu bilhete. Ele sabia disso. Se sua mãe tivesse lido aquilo, teria saído gritando seu nome. Mas a casa estava escura e ninguém saiu correndo.

Pôs a mão nas costas de Essay e olhou o pátio. Sentiu-se vazio como uma cuia. Sabia que não ia mais dormir aquela noite. A luz do pátio brilhava no alto do poste acima do pomar, a casa e o quintal envolvidos por seu brilho, e tudo além era escuridão, o céu negro lá em cima. Depois de algum tempo, Claude saiu na varanda e seguiu pelo caminho de entrada. Uma faixa de luz apareceu debaixo das portas de trás do celeiro. Minutos depois, a faixa apagou-se e Claude atravessou de volta para a casa, subiu a escada da varanda e sem nenhuma pausa foi engolido pelas sombras.

Trudy 2

TRUDY ESTAVA NA CAMA, MEIO DORMINDO, PENSANDO NOS CACHORROS: naquele peculiar sinal de agitação que sentira no latido deles ao descer da caminhonete. Não um frenesi, exatamente, embora algo próximo disso, o suficiente para fazê-la parar e olhar pelo pátio. Não tinha visto nenhuma das habituais causas de alerta: nenhum veado nos canteiros da horta, nenhum gambá correndo na sombra, nenhum guaxinim espiando da macieira com seus olhos vermelhos. Na verdade, assim que sinalizou quietos , os cachorros se acalmaram. Ela concluiu que era apenas sua chegada tardia, ou o espetáculo da lua cheia pairando sobre as copas das árvores. Mas o tom dos latidos agora a incomodava. E talvez incomodassem Claude também; enquanto ela pensava nessas coisas, ele se sentou e começou a se vestir ao luar azulado que se derramava através da janela.

— Vou dar uma olhada naqueles filhotes — ele sussurrou.

— Vou com você.

— Não. Fique e durma. Volto já.

A mola da porta da varanda deu um bocejo metálico e ela se viu sozinha. Desconfiava que os cachorros não eram a única razão de Claude ter se levantado. Por razões que ela não entendia, ele tinha vergonha da própria insônia, era reticente a ponto de calar-se quando ela perguntava de manhã quanto tempo fazia que estava acordado. As primeiras vezes que acordara e descobrira que ele não estava na cama, saíra para vê-lo no quintal, mãos nos bolsos, cabeça baixa, andando até que o ritmo constante do passo, passo, passo eliminasse seja lá o que fosse que havia nele. Mas eram sobretudo as noites chuvosas que atormentavam Claude. Ele ficava sentado na varanda trabalhando com a ponta do canivete numa barra de sabão até a figura de uma coisa ou outra aparecer em suas mãos e ser transformada em outra coisa, menor, e depois em outra, menor, até finalmente desaparecer totalmente. As aparas e migalhas de sabão que ela encontrava no lixo falavam com muita eloquência sobre quanto tempo ele havia ficado sentado no escuro.

Trudy tinha suas próprias razões para querer sair. Seria uma oportunidade, embora tardia, de ficar atrás do silo, de dar seu sinal noturno de que era seguro

Edgar voltar para casa. Mas era tarde quando estacionaram a caminhonete e entraram com as compras, e estava totalmente escuro. Mesmo assim, se encontrasse um motivo discreto para sair, ela poderia tentar.

Esse arranjo entre ela e Edgar era um resultado daquela noite no depósito que ela mantivera em segredo de Claude, deixando que ele acreditasse, assim como Glen e todo mundo, que Edgar tinha fugido em pânico ao ver Page caído tão perto do lugar onde Gar havia morrido. Por que escondera esse fato de Claude, quando havia lhe contado tanto do resto, ela não sabia dizer.

Em parte porque achava que seria uma manobra que duraria muito pouco. Na noite imediatamente seguinte, ela havia atravessado mato alto, ficara de frente para o pôr do sol, esperando ver Edgar sair da floresta, como Gar havia feito, tanto tempo antes, tremulando até se estabilizar entre os choupos. Por fim, temendo que Claude perguntasse o que ela estava fazendo, voltara para casa, ignorando o sussurro que dizia que Edgar estava lá, olhando, mas preferindo não acreditar nela.

E assim tinha sido na noite seguinte. E em todas as noites depois.

O que a fizera dizer para Edgar ir embora? Quase instantaneamente ela se dera conta de que aquilo era desnecessário e tolo, mas ele já havia desaparecido. Parar atrás do silo todas as noites passara a ser sua penitência diária pelo erro, embora aquilo não fosse suficiente para tranquilizá-la. Seu único consolo era que os cachorros que tinham acompanhado Edgar nunca voltaram, o que queria dizer que todos ainda estavam lá fora. O que queria dizer que ele estava em segurança. Ela respirou com dificuldade, pensando nisso: ele era tudo o que restava de sua família, e estava em algum lugar.

Mas, às vezes, Trudy não conseguia evitar imaginar que o filho tinha voltado, apenas uma vez, numa noite em que ela não encontrara uma desculpa para ir lá fora, e ele perdera a esperança e fora embora para sempre. O que lhe vinha à cabeça nesses momentos era a imagem de uma semente negra, que agora se transformara numa trepadeira com caules e folhas de um negro perfeito: uma imagem daqueles dias remotos depois de seu último aborto.

(A noite estava quente. Seus pensamentos começaram a deslizar para um plano entre a divagação e o sono, rodando, sumindo. Ela se abandonou a eles, uma lúcida passageira da própria mente.)

Ela e Gar tinham tanta certeza de que estava tudo bem com a gravidez. Depois, o que havia nela era um vazio, um centro cru, raspado pelo sol, uma coisa

atroz que murmurava como seria simples rolar pela escada. Encontrar um lugar sossegado no rio e entrar. Comer era como despejar areia na boca. Dormir, sufocante. O alívio só vinha quando ela se voltava para dentro e abraçava aquele lugar. A decisão era indulgente, autopiedosa, sim, mas ali o tempo passava com uma certa rapidez tranquilizadora. Quando abriu os olhos, era de manhã. Gar lhe estendia uma xícara de café. Quando ele se afastou, ela fechara os olhos, e, então, já era outra manhã e o dia havia passado.

Cada hora passada assim a envenenava, pensou ela, mas a sensação era irresistível, sedutora, partes iguais de horror e desejo. Por fim, ela despertara daquilo em nome de uma preocupação perversamente egoísta com Gar, porque se retirar para aquele centro negro não lhe traria paz se ele também fosse arrastado para ali. Ela obrigou-se a sair da cama e descer. Gar estava quase bêbado. Ele a deixara sozinha na varanda e voltara aninhando nas mãos aquele filhotinho selvagem, tão gelado que mal conseguia respirar, preto, cinza e marrom, olhos brilhantes, as patas arranhando suas palmas. E foi a primeira coisa a se mover dentro dela, a primeira coisa tangível desde o natimorto. No momento em que tocou o filhotinho, ela percebeu que ele não sobreviveria, mas com a mesma certeza sabia que deveriam tentar.

O berço estava pronto havia semanas. Viver ou morrer, ela queria que o filhote decidisse. Para aqueles preparativos terem alguma finalidade. Quando Almondine a acordara durante a noite, ela se inclinara sobre a grade de madeira e levara o filhote para a cadeira de balanço e o acomodara nas dobras do roupão. Balançara e olhara o filhote. Será que ele tinha seu próprio lugar negro?, perguntou. Não estava ferido. Poderia simplesmente escolher viver? E se escolhesse morrer, por que lutava tanto assim? Ela passara a mão nas costelas, no pelo fino da barriga. De alguma forma, articulou-se uma barganha entre eles; Trudy não tinha certeza de como aquilo acontecera, só que tinha sido assim. Então, o filhotinho fechara os olhos e dera seu último e imperceptível suspiro.

Uma coisa era viver num mundo em que a morte era uma figura distante, outra, muito diferente, segurá-la nas mãos, e Trudy a tinha segurado duas vezes num mesmo mês. Pensou na noite em que fizera um pacto com a própria morte: ela podia ficar se permitisse que a morte ficasse também. Ao escolher a vida, ela abraçara a contradição. A noite passou. Quando Gar encontrou os dois na manhã seguinte, uma grande onda de tristeza a invadira e recuara, e em sua trilha o lugar negro havia se reduzido a uma semente.

Depois, ela despejara sua vida nos poucos que havia ali: Gar, Almondine, os cachorros e seu treinamento. Trancara aquela partícula murcha, ignorando-a e submergindo-a em trabalho febril. Anos se passaram. Edgar nasceu, ao que parecia, um infinito mistério para todos eles, menos para os cachorros. Trudy quase nunca pensava naquela noite. Passara a acreditar que o lugar negro a havia abandonado e que lembrar com toda a força de sua imaginação apenas o traria de volta.

Ela estava errada. Depois do enterro de Gar, quando a pneumonia estava no auge, aquela minúscula semente aparecera de novo em seu sono. A casca quebrada. Da fissura brotara um fio, delicado como seda. Desaparecera como um animal arisco na manhã seguinte. Mas seus sonhos febris mais profundos ainda estavam por vir, e neles ela recebeu aquela hera. O caule circundou seus quadris, sua cintura, seus seios. Entrelaçou seu cabelo e seu rosto, até envolvê-la toda, cada centímetro, com seu negro aveludado. Um conforto a princípio. Até que ela acordou uma manhã e descobriu que aquela trepadeira era uma jaula. Houve um momento de pânico até ela se lembrar como funcionava; então, respirou fundo e voltou-se para a planta.

Tinha tomado decisões durante o tempo que se seguiu, más decisões provavelmente. Estava convencida de que o ressentimento de Edgar por Claude diminuiria. Agora, perguntava-se se isso não teria influenciado no afastamento de Edgar. Não conseguia encarar essa ideia, ou a ideia de que Edgar poderia não voltar nunca mais. Essas coisas só podiam ser examinadas perifericamente. Tais eram as contradições com as quais aprendera a conviver. Em julho, Claude arranjou colocação para dois cachorros da ninhada de Edgar: Opal e Umbra, os dois que Edgar chamava de "gêmeos". Mas quando chegou o momento, Trudy recuou. Na verdade, qualquer diminuição da presença de seu filho a deixava histérica. As colocações foram canceladas. Para satisfazer todo mundo, concordaram em deixar que dois filhotes fossem no lugar. Coisa que nunca tinham feito antes.

(No quarto, Claude voltou. Sentou na beira do colchão, desabotoando a camisa. Ela suspirou e virou para o outro lado.)

Semanas depois da pneumonia ela forçara a si mesma a ir ao canil, fingindo ter se recuperado. Não, não fingindo: ela estava se recuperando, no corpo. De manhã, depois que Edgar pegava o ônibus escolar, o silêncio do celeiro era insuportável; ouvir música, ainda pior. Almondine se aproximava, encolhia-se e dormia perto, um conforto, mas a cama a chamava com tanta força, o peso de sua dificuldade era tão grande que na metade da manhã, na maioria dos dias, ela estava

em casa, exausta, dormindo.

Certa vez, logo depois do meio-dia, o Impala de Claude apareceu no fim do caminho de entrada. Da porta da varanda, Trudy observou-o abrir a porta do celeiro e entrar. Sentou-se na sala e esperou. Finalmente, foi até o celeiro. Encontrou-o pesando um filhote e fazendo anotações. Ele levantou os olhos para ela, mas não disse nada. Passaram toda aquela primeira semana quase sem se falar, a não ser pequenas perguntas, problemas urgentes. Trudy não aceitava bem a presença de Claude, e não podia esconder isso; queria pedir a ele que fosse embora, mas sabia que precisava de ajuda. Todos os dias, antes de Edgar voltar para casa, Claude pegava o carro e ia embora, às vezes com nada mais que um "Tchau" displicente. Duas vezes, quando ela olhou, ele já tinha ido.

Naquele sábado, quando Claude não apareceu, tudo o que ela sentiu foi alívio. No meio da tarde de domingo ela se viu olhando pela janela da cozinha. O Impala reapareceu no fim da manhã de segunda-feira. Trudy estava na cama, incapaz de se levantar. Aí, raiva. O que ele queria? Silencioso ou não, Claude continuava vindo, por alguma razão. Mas ela precisava ficar em paz. A pouca energia que tinha era usada para administrar tropegamente as tarefas e cuidar de Edgar. Ela foi até o celeiro. Claude estava ajoelhado no chão da enfermaria. As gavetas e os armários abertos. Ele cercado de frascos de comprimidos, tesouras de aço inoxidável, pacotes de gaze, garrafas de Fisohex e Betadine. Ela pretendia pedir que ele fosse embora, mas em vez disso apenas deixou escapar uma pergunta.

— Só me diga uma coisa. Você tem saudade dele?

Claude levantou-se, olhou para ela e umedeceu os lábios. Respirou fundo, a ponto de os ombros subirem.

— Não — disse. E, então, depois de uma pausa: — Mas me lembro dele. Lembro exatamente como ele era.

Trudy havia esperado alguma mentira fácil. Na verdade, esperava por isso; teria tornado mais fácil pedir que Claude fosse embora. Mas ele pronunciara as palavras como se oferecesse algum tipo de presente. Uma reparação. No silêncio que se seguiu, ela pensou que ele devia até pedir desculpas pela resposta que dera (soaria falso também), mas ele simplesmente esperou. A postura dele, a expressão em seus olhos, diziam que ele iria embora se ela pedisse. Trudy ainda não entendia o que estava fazendo, mas ele não impunha sua presença. Estava vindo, ela achava, por algum motivo particular, para aplacar alguma lembrança ou sentir-se ligado a Gar. Ou, talvez, estivesse querendo compensar o fato de não lamentar a morte do

irmão.

— Se vai continuar vindo aqui, seria melhor ao menos me perguntar o que precisa ser feito — ela disse.

— Então, o quê?

A primeira coisa que lhe veio à cabeça foi que a enfermaria estava uma bagunça, que precisava passar por uma limpeza completa, os remédios vencidos, jogados fora, tudo reorganizado. Mas estavam parados no meio da sala, e ele já estava fazendo exatamente isso.

— Um pneu da Alice furou no inverno — ela disse.

— Tudo bem. O que mais?

— Nada. Tudo.

— Deixe os cercados de manhã — disse ele. — Eu limpo quando chegar.

O QUE ACONTECEU FOI O SEGUINTE: quando Trudy se sentiu mais vulnerável, ela viu em Claude uma chance de encontrar uma âncora, de deter o retrocesso que, sozinha, ela não conseguia evitar. Pediu a ele que contasse alguma coisa de Gar.

— O que você quer saber?

— Qualquer coisa. Me conte a primeira coisa que se lembra dele. Sua lembrança mais antiga.

Os olhos dele tremeram brevemente e ele desviou o rosto.

— Você pode não gostar — ele disse. — Eu conheci um Gar diferente do seu.

— Tudo bem. Me conte. — Mas por dentro ela pensou: espero que sim. Se você conhecesse o mesmo Gar, estaríamos perdidos.

— Se quer mesmo saber, me lembro é de uma tempestade de neve — disse ele. — O começo de uma nevasca: a primeira que vi. Eu não devia ter mais de três anos, porque ver tanta neve caindo foi um choque. Nós estávamos na sala, olhando o quintal e o campo pela janela. Tudo começou a desaparecer: primeiro, as árvores nos fundos do campo, depois, o campo todo e até o celeiro. Eu achei que o mundo tinha mudado para sempre. Fiquei tão excitado que queria sair. Me lembro que eu queria ver quantos flocos de neve conseguia pegar na mão. Se conseguia

acompanhar um deles até o chão, ver o floco aterrissar. Queria comer neve. Não entendia que era gelada e não conseguia ver por que Gar não me deixava ir. Só que, agora, pensando bem, não era com o frio que ele estava preocupado. Estava preocupado era que ninguém...

— ... deixasse pegadas na neve — ela sussurrou.

Claude pareceu surpreso e balançou a cabeça.

— Isso mesmo. Ele me falou que se eu esperasse até de manhã íamos ficar deslumbrados. A caminhonete teria desaparecido. O celeiro seria um iglu. Mas só se a gente não pisasse na neve enquanto ela estivesse caindo. Porém eu estava tomado pela ideia de que alguma coisa tremenda havia acontecido, de que alguma força tinha sido liberada, e na manhã seguinte tudo voltaria ao normal. E comecei a correr. O que lembro em seguida é de ele estar entre mim e a porta da cozinha, me empurrando para trás, gritando.

É, ela pensou. Todas aquelas tempestades com Gar parado na porta do celeiro, olhando o céu. Um nó dentro dela se desmanchou. Claude não havia conhecido um Gar diferente, apenas um mais jovem. Ela riu. Incrível, mas ela riu . Depois iria chorar, claro, do jeito que choram as pessoas quando um bálsamo finalmente é aplicado à queimadura. Mas o mais milagroso é que naquela noite ela havia descansado pela primeira vez depois da morte de Gar.

No dia seguinte, chamou Claude da porta da varanda e serviu-lhe café. Perguntou se eles, afinal, acabaram saindo na neve ou se haviam esperado até de manhã. Ela sentia que estava pisando um terreno perigoso, que se pressionasse demais (e esse era seu instinto: pegar o fio de história que Claude havia oferecido e puxar com toda a força) ele silenciaria. Teve início uma espécie de sedução. Sim: sexual. Ele queria mais do que ela, mas ela não era avessa à ideia. Não estavam exatamente trocando uma coisa pela outra. Verdade que, às vezes, quando ela esgotava as perguntas, via-se levando-o para o quarto, e havia sempre um elemento de gratidão pelo ato. Mas havia um egoísmo também. E à noite ela dormia. Maravilhosamente, ela dormia.

O irônico era que, quanto mais as lembranças que Claude tinha de Gar a libertavam de sua obsessão, mais elas dominavam Claude. Ouvindo as histórias dele, Trudy pôde finalmente dizer adeus: adeus ao jovem Gar, ao Gar adolescente, ao Gar que ela não conhecera, mas que, de alguma forma, esperara conhecer. Claude falava de seu irmão mais velho com um tom não sentimental, desanuviado. Ela ficou sabendo de coisas que só um irmão saberia, principalmente um irmão

mais novo que tinha crescido à sombra de Gar, a estudá-lo, copiá-lo, adorá-lo e brigando terrivelmente com ele.

Como ela podia explicar isso tudo a Edgar? Como podia dizer que precisava de Claude porque Claude conhecia Gar e não tinha sido destruído por sua morte? Como dizer que sentia mais falta de Gar quanto mais conversava com Claude e ele lhe contava histórias e, por um momento, ela lembrava, ela realmente se lembrava , que Gar tinha existido? Como podia explicar que conseguia sair da cama de manhã já que havia uma chance de entrar em contato com Gar de novo?

E AOS POUCOS ELA FICOU CONHECENDO quem era Claude. O grande agitador. Ele tinha um prazer quase perverso em provocar os cachorros enquanto ela os treinava. Um dia, enquanto ela testava chamados, ele atravessou o quintal com uma caixa de papelão cheia de esquilos. Naquele momento, ela ainda não sabia disso. Quando os cachorros estavam a meio caminho do trajeto até ela, ele abriu a tampa e três esquilos cinzentos dispararam pelo quintal. Os cachorros se viraram e saíram em perseguição a eles.

— Tudo bem — ela disse, rindo. — Como você faz isso ?

— Ah. Velho segledo chinês — ele disse.

O dom de Claude, se podia ser chamado assim, era ainda mais desconcertante, por não ser fruto de esforço. Ele acabava sabendo de todos os divertimentos humanos que aconteciam num dia. Voluntariamente, as pessoas o informavam de todas as comemorações, grandes e pequenas.

Desde aquele plano do esquisitão da loja de rações de experimentar o novo bolo de carne da lanchonete até jogos de beisebol e brigas de rua. Nessa noite, eles tinham saído para fazer compras em Park City e inesperadamente acabaram numa festa de casamento no quintal de alguém, amigo do primo de um homem que Claude conheceu um dia no The Hollow. Só por uma hora, Claude prometera, embora fosse quase meia-noite quando voltaram para casa. Como órfã, que antes dos doze anos passara de parente em parente meia dúzia de vezes, Trudy era capaz de exibir uma independência quase insular, porém, como não se encantar quando um grupo de quase estranhos lhes dava as boas-vindas? Gente com quem convivera esses anos todos mas que nunca conhecera? Como podia ser isso?

Ela sabia que não era uma boa ideia comparar Claude e Gar, mas nisso eles eram totalmente diferentes. Gar havia evitado agitações, até agitações alegres, em

troca de uma apaixonada ordem. Aqueles registros de criação (tantas gavetas transbordando de registros, fotografias, anotações, pedigrees), Gar adorava aquilo. Acreditava ardentemente no poder da reprodução, assim como ela acreditava no treinamento: que não havia nada na personalidade de um cachorro que não pudesse ser adaptado ao trabalho útil. Não mudado, mas acomodado e, em última análise, transformado. Era isso que as pessoas não entendiam. A menos que tivessem trabalhado muito e duro nisso, a maioria das pessoas achava que treinamento queria dizer impor a vontade delas a um cachorro. Ou que o treinamento exigia algum dom mágico. Ambas as ideias estavam erradas.

O verdadeiro treinamento significava observar, ouvir, canalizar a exuberância de um cachorro, não suprimi-la. Não se pode transformar um rio em mar, mas pode-se traçar um canal para ele seguir. Era uma discussão que ela e Gar alegremente nunca haviam resolvido. Gar dizia que o sucesso do treinamento dela comprovava que seus registros, interpretados de forma adequada, aproximavam cada nova geração de filhotes mais perto de algum ideal, mesmo que ele não conseguisse traduzir esse ideal em palavras. Trudy pensava diferente. O treinamento, na realidade, ficara mais difícil com os passar dos anos.

Mas Claude dava pouca atenção àqueles registros. Para ele, não passavam de meios para atingir um fim. Estava mais interessado em chamar a atenção do pessoal do catálogo Carruthers depois de os arranjos para uma filial do canil terem dado errado com Benson, o homem do Texas que, na noite que Edgar fugira, tinha visto o suficiente para ficar apreensivo em vez de entusiasmado.

Talvez as saídas não fossem acidentais. Sempre que ela começava a se preocupar, Claude praticamente pulava sobre ela, a fim de afastá-la para o vinho, a música, coisas imediatas e menos complicadas. Um cinema em Ashland. Passeios de carro por estradas secundárias através de clareiras entre as árvores. Uma caminhada até a cachoeira, onde o rio Bad despencava por estreitos de granito com um bramido imponente. Ela cedera a esta última ideia mais de uma vez; parados na plataforma sobre o abismo cinzento, ele tirara uma garrafinha de conhaque e os dois tinham olhado a água dar um soco no ar e despencar. Depois de uns goles de conhaque, ele murmurara:

— "Entre estas rochas dançantes, eterno desde o passado, irrompeu caudaloso o rio sagrado. Cinco milhas movendo-se em meandros labirínticos, por bosques e vales, o rio sagrado vem, chega às cavernas imensuráveis, ao homem, e num oceano sem vida mergulha em desordem." [2]

Ele levou o velho toca-discos da oficina para a casa. Adorava música de qualquer tipo (as Big Bands, Rolling Stones). Só a música clássica o entediava, com sua ordenada esterilidade. Mais especialmente, ele adorava vozes (vozes chorosas, súplices, risonhas), e os grandes cantores melodiosos eram seus favoritos, quer irradiassem incontrolável tristeza ou ardente indiferença. Gostava de Frank Sinatra, por sua força bruta. Gostava de Eydie Gormé, pelo seu brilho inalcançável. (Blame it on the bossa nova o deixava ridiculamente emocionado.) Mas tinha especial carinho pelos cantores românticos: Perry Como, por exemplo, ou Mel Tormé, que Trudy desprezava.

Sempre que Claude encostava a agulha num disco de Mel Tormé, ele anunciava em voz baixa: "A Neblina de Veludo!", e arregalava os olhos para Trudy como se fossem prisioneiros de uma cena de filme de terror. Mas esse era o Claude que a enganava para fazê-la rir precisamente porque ela resistia. Isso a deixava um pouco zangada, embora acabasse sempre querendo que ele fizesse aquilo de novo, como uma menina que bate palmas e grita para o mágico tirar mais um pombo da cartola. Só que com Claude o pombo parecia sair de dentro dela.

(Ela estava naquele estado crepuscular de consciência em que as ideias racham e saem flutuando como placas de geleiras. Claude, deitado atrás dela, sólido, pesado, quente. Ela estava contente de ele ter ido dar uma olhada no canil. A primeira notícia que ela teria de dar a Edgar seria sobre Almondine; como ele ficaria vulnerável àquilo. Ela tinha que telefonar para Glen Papineau amanhã. Mas se tivesse havido notícias ele mesmo teria vindo lhe dar. E ela precisava tomar cuidado; toda vez que perguntava, arriscava-se a fortalecer na cabeça de Glen a ligação entre Edgar e o acidente de Page.)

Edgar 3

ELE FICOU SENTADO AO LADO DO TÚMULO DE ALMONDINE E OLHOU A casa, o celeiro descomunal, se perguntando se tudo o que estava acontecendo não seria fruto de sua imaginação, embora soubesse que não era, do mesmo modo que soubera muito bem naquela noite na chuva o que era real e o que não era. Pensou na primeira noite que Claude ficou com eles, quando ele e Almondine esgueiraram-se no celeiro. E encontraram Claude dormindo no depósito, mas não dormindo de fato. Olhando as vigas do teto.

— Não mudou nada — ele dissera. — Seu pai e eu, a gente conhecia cada canto e recanto deste lugar. A gente escondia cigarros aqui, bebida até. O velho sabia que estava aqui, em algum lugar, mas era orgulhoso demais para procurar.

Um dia, eles abriram uma parede na casa e descobriram os escritos de Schultz. E uma vez Edgar encontrara na frente do depósito um pedaço solto da tábua do piso, que dava para levantar. Debaixo dela havia um espaço grande o suficiente para um maço de cigarros ou uma garrafinha de uísque. O único conteúdo era uma renda de teias de aranha e uma tampa de garrafa. Na época, ele não pensou nada daquilo.

Uma tampa de garrafa.

Um dia alguém havia escondido uma garrafa ali.

Minha avó é como eu. Quer saber o que minha avó falou?

Ele tentou lembrar se tinha olhado debaixo daquela tábua desde aquela primeira e estranha conversa com Claude.

Acha que consegue encontrar essa garrafa? Precisa procurar essa garrafa. Porque, se não conseguir botar as mãos nela, vai ter de ir embora . É isso o que diz a seiva.

Ele se levantou. A lua tinha nascido tarde, com um halo, encobrindo o brilho das estrelas. Essay tinha trotado para longe, explorando o campo iluminado pelo luar, mas agora ele não conseguia vê-la e começou a caminhar. Quando se aproximou do canil, dois cachorros começaram a latir. O barulho não o

incomodava, contanto que fosse breve. Sentiu uma espécie de sombria excitação ao saber que, naquela noite, não era um veado passeando no pomar que os assustara, nem uma coruja caçando um coelho no mato alto.

Abriu as portas dos fundos do canil. Um retângulo de luar atravessou o corredor, com sua sombra nele. Antes de fugir, podia entrar no celeiro no meio da noite que os cachorros não emitiam nem um som, mas agora estavam em polvorosa. Ele foi tateando no rumo da enfermaria, sentiu a íris dos olhos fecharem quando acendeu a luz. Atravessou o corredor, agachou-se diante dos cercados e tocou os cães, olhando a luz refletida nos olhos deles e sinalizando quieto .

Quando se acalmaram, encontrou uma lanterna na oficina e apagou a luz da enfermaria. Parou na porta dos fundos no escuro, à procura de Essay, mas ela não estava em lugar nenhum, e ele fechou as portas.

No escuro, houve um surdo zumbido eletromecânico. Percorreu o corredor com o facho da lanterna até ele parar num telefone fixado numa das grossas colunas. Tinham posto uma extensão no celeiro, mas o toque de linha cruzada era o mesmo de sempre. Pegou o receptor e pôs no ouvido. Por baixo do tom de discar, uma tênue conversa, duas vozes estranhas, um homem e uma mulher.

Foi até a oficina e subiu a escada, passando com esforço pelo ponto onde o doutor Papineau tinha caído. O depósito ainda guardava o calor do dia. O último terço do espaço estava cheio de palha fresca, os fardos empilhados até o teto. O cheiro teria sido agradável, em outras circunstâncias. Fazia lembrar de todo o tempo que passara ali, fardos espalhados em currais improvisados, os filhotes que cambaleavam até as traseiras tocarem o chão, mantê-los sentados para serem escovados e terem suas unhas cortadas, ou folhear o dicionário em busca de nomes.

Começou a procurar junto à porta do vestíbulo, passando o facho da lanterna em arcos baixos, espalhando a palha com o pé até que, no canto mais recuado da parte da frente, viu o pedaço de tábua que tinha em mente. Uma borda havia sido lascada por uma chave de fenda ou uma faca. Ele se agachou, abriu o canivete de Henry e enfiou a lâmina na fresta antes de notar os pregos em ambas as extremidades e as marcas das marteladas na madeira. Encontrou um pé de cabra da oficina. A tábua levantou centímetros e a madeira velha cedeu, o pé de cabra se soltou. O suficiente para arrancar os pregos.

O espaço vazio debaixo da tábua era exatamente como ele lembrava, poucos centímetros livre, tendo por baixo uma das vigas principais, na qual havia sido feito um entalhe. Estava tão vazio quanto ao descobri-lo. Mas a tampa de garrafa e as

teias de aranha tinham desaparecido. E havia outra diferença: um novo entalhe ampliava a cavidade original em um centímetro ou mais de cada lado. Ao contrário da depressão mais antiga, feita com cuidado, cujas superfícies eram lisas e os cantos retos, o novo entalhe parecia ter sido mordido na madeira. Passou os dedos nas lascas. Havia aparas de madeira cor de âmbar espalhadas sobre a velha viga.

Tentou lembrar da forma da garrafa, nas mãos dele e nas de Ida Paine. A tampa era uma bola rústica de vidro. O rótulo com suas letras indecifráveis. O conteúdo oleoso lambendo a parte de dentro. Olhou a palma da mão, comparou a sensação da garrafa com as marcas entalhadas. Recostou-se e passou o facho da lanterna pela parede amarela de fardos de palha. A poeira voejava na luz. Com a vassoura do celeiro, varreu a palha para longe da parede dianteira e atravessou o piso, batendo nas tábuas. Dezenas de esconderijos, Claude tinha dito. Edgar podia trabalhar até o sol nascer e ainda não ter examinado todos.

Os cachorros dos cercados dos fundos iniciaram uma série de latidos. Ele abriu uma fresta na porta do depósito, olhou para baixo e viu Essay passando. Desceu depressa a escada, abriu a porta de trás e bateu palmas até ela trotar para ele no escuro. Levou-a para o cercado de Finch e Pout e abriu a porta. Antes que pudesse sinalizar qualquer coisa, ela entrou e os três se acomodaram na palha.

Na enfermaria, ele passou uma água numa lata de café, jogou a água suja no ralo, encheu de novo, tomou um gole e levou-a para o depósito. Recolocou a tábua em seu lugar sem pregar e espalhou a palha para parecer que não tinha sido varrida. As pilhas da lanterna começaram a falhar. Ele a apagou, sacudiu e esperou, depois apertou o botão com o polegar outra vez. O filamento acendeu amarelo, depois baixou para um âmbar-alaranjado. Era luz suficiente para escalar os fardos. Uma vez lá em cima, encaixou a lanterna no ângulo de uma viga e lutou com os fardos até criar um espaço vazio, acomodou-se nele e apagou a lanterna. No escuro, o calor das vigas espalhou-se pelo seu corpo. Precisou fazer força para respirar.

Depois de um longo tempo, andorinhas começaram a piar em seus ninhos nos beirais. As primeiras cigarras anunciaram suas queixas. Ao longe, a porta da varanda rangeu e os cachorros se manifestaram. As portas da frente do celeiro estremeceram ao serem abertas e depois presas. Então, a voz de Claude ecoou pelo canil. Edgar se perguntou quanto tempo ele levaria para encontrar Essay. Quando a luz começou a aparecer pelas frestas dos beirais, ele levou a lata de café aos lábios. A água tinha gosto de ferro, poeira e sangue. Por fim adormeceu, mas foi um sono amaldiçoado. Cada som o despertava de um salto. A poeira o cobria como se fosse

cinza. A cada movimento, uma nova coceira ou picada e ele entrava e saía da inconsciência sem saber o que fazer além de esperar.

Glen Papineau

NÃO FUNCIONARA EXATAMENTE COMO CLAUDE PREVIRA, PORÉM, UMA vez plantada a semente da ideia, Glen se viu pensando, intrigado, em Edgar Sawtelle.

Claude receava que ele pudesse abrir um processo, mas essa era a última coisa que Glen pensava em fazer. O fato era que, nos últimos meses, Claude havia se revelado um sujeito legal, um bom amigo. Levá-los a um tribunal não seria correto. Tinham ficado quase tão abalados quanto ele com a morte de seu pai, e, além do mais, havia um desaparecido com que se preocupar. Tudo que uma pessoa má poderia desejar a eles já acontecera, e pior.

Não, na cabeça dele funcionava assim: supondo que Edgar aparecesse. Supondo que Glen entrasse na delegacia uma manhã e encontrasse mesmo uma descrição do garoto num telegrama. Ele chamaria os Sawtelle imediatamente? Ou iria querer verificar primeiro? Parecia uma coisa humana a fazer: ter certeza antes de alimentar as esperanças deles. Dependeria de onde Edgar aparecesse, claro. Uma porção de fugitivos surgia surpreendentemente perto de casa, o que, no caso de Edgar, significava Ashland, Superior, Eau Claire ou alguma das dezenas de pequenas cidades entre essas: fácil de ir buscá-lo. Glen imaginava poder ir até Madison, embora Edgar pudesse estar muito além, na Califórnia.

Porém... supondo que ele estivesse perto? Supondo que o policial que telefonasse fosse um policial de cidade pequena como Glen, e Glen simplesmente entrasse e dissesse:

— É, é ele mesmo.

— Seria o jeito certo de fazer as coisas: ele mesmo identificar o garoto antes de telefonar, evitar mais confusão e um desagradável alarme falso para Trudy. Conversariam um pouco, ele assinaria o termo de custódia e depois seria apenas Glen e Edgar na radiopatrulha. Claro, ele entregaria Edgar são e salvo, mas isso não queria dizer que não pudesse dar uma parada para fazer umas perguntas. Discutir o que tinha acontecido naquele depósito. Descobrir uma coisa ou outra.

Era natural que Glen imaginasse a conversa na radiopatrulha, porque era ali

onde ele pensava melhor, sentado à direção, com as árvores, os campos e as casas passando. Gostava de deixar o vento entrar um pouco. Uma coisa que realmente o incomodava era a ideia de que outros policiais — e ele usava a palavra com certa reserva, porque implicava uma dignidade e uma honra que nem todos tinham — caçoavam dele. Sabia que tinha um apelido, algo colado nele desde a infância. Boi. Detestava quando o chamavam assim. Ao se formar na escola secundária de Mellen, achara que havia deixado isso para trás, mas de alguma forma os cadetes da academia em Madison tinham descoberto. Sua aparência não ajudava. As pessoas davam uma olhada e pensavam: "Esse deve ser aquele que chamam de „Boi"", praticamente pronunciando as palavras. Não demorou muito, alguém o viu de uniforme, e isso consolidou seu destino, aquela memorável mas tênue ligação com Paul Bunyan 3 , ou melhor, com sua besta de carga: Babe, o boi azul.

O nome não o incomodava tanto quanto as implicações de que era desajeitado ou burro. Mas a maioria das pessoas via o que queria ver. Sujeitos magros e pequenos pareciam espertos. Sujeitos grandes pareciam burros. Mesmo oficiais da polícia, treinados para ver além das aparências, caíam nessa armadilha. Quando viam Babe, o boi azul, chegando, viam uma pessoa burra, e qualquer pequeno erro se tornava emblemático.

Por exemplo, a entrevista com o garoto. Numa reunião da equipe em Ashland, ele tinha deixado escapar que Trudy havia traduzido as respostas de Edgar em vez de fazer o garoto escrevê-las. E as pessoas tinham dado risada. Como se dissessem: lá vem o Boi Papineau fazendo a maior bobagem que se pode imaginar. O que eles não entendiam era que seu pai tinha passado a noite com os Sawtelle. Passara na delegacia de manhã, antes deles, e dissera, com todas as letras, para fazer um rápido interrogatório porque Trudy e o filho estavam arrasados, atordoados. Não fazia nenhum sentido forçar Edgar a reviver a experiência, e podia muito bem deixar sequelas. Então, Glen prometera ir direto ao assunto.

Além disso, na noite anterior, a caldeira tinha pifado, e ele passara cada momento livre da manhã seguinte convencendo-a a funcionar. Quando chegou a hora do interrogatório, ele talvez não estivesse tão bem preparado como gostaria. Tinha, sim, mandado Annie datilografar o depoimento e passara para eles assinarem, mas isso não impediu aqueles caretas de Ashland de representarem a cena, um deles fazendo perguntas, o outro sacudindo os braços em resposta, um terceiro cuspindo interpretações ridículas. Chegara a tal ponto que toda vez que ele fazia uma pergunta eles começavam a sinalizar enquanto algum espertinho inclinava-se para ele e sussurrava:

— Ele diz que não foi ele.

Todos caíam na gargalhada: o burro do velho Babe, o boi azul. Então, toda vez que pensava em interrogar Edgar, de novo recobrava o ânimo. Não de um jeito inteiramente bom. Quando estava em patrulha, sem muita coisa a lhe ocupar a mente, imaginava olhar pelo espelho retrovisor e ver Edgar sentado ali. E, então, Glen perguntava: que diabo aconteceu de verdade naquele depósito, Edgar? É do meu pai que estamos falando. Eu tenho o direito de saber. É só isso que eu quero: saber o que aconteceu.

E então, na imaginação de Glen, Edgar Sawtelle fazia uma coisa que jamais havia feito: respondia em voz alta.

Dizia: "Sinto muito." Isso, apenas: "Sinto muito."

Na imaginação de Glen, a voz do garoto era grave como a de um velho, porque nunca havia sido usada. O gratificante era que Edgar escolhera pronunciar aquelas primeiras palavras para Glen porque sabia que, se não a causara, havia contribuído para a morte do pai. Aquilo demonstrava um verdadeiro remorso.

Uma vez dentro da cabeça de Glen, esse filminho grudou como um carrapicho. Ele começou a ensaiar em todo lugar. Às vezes, estavam sozinhos numa estrada rural, sem uma fazenda nem um carro a quilômetros; às vezes, ele tinha acabado de estacionar a radiopatrulha em frente à prefeitura: uma cena do tipo "última chance antes de entrarmos". Às vezes, estavam presos no trânsito em Ashland. Mas onde quer que acontecesse, Glen sempre olhava pelo retrovisor e fazia as perguntas e sempre Edgar Sawtelle respondia em voz alta.

Glen até começara a falar suas frases em voz alta ao dirigir.

— Que diabo aconteceu lá em cima, Edgar? Estou perguntando porque sou filho dele e tenho o direito de saber.

Na primeira vez, pareceu bobagem, e ele ficou vermelho. Sem querer, olhou para ter certeza de que o interruptor do microfone não estaria, caprichosamente, acionado e ele fazendo uma transmissão. (Podia imaginar aquilo sendo representado no vestiário de Ashland.) Mas estava tudo bem, totalmente privado. E catártico. Repetiu. Chegou a pegar o microfone, fingiu que o ligava e fez a pergunta, deixando os olhos queimarem o retrovisor. Às vezes, enfatizava a palavr a "filho", outras vezes "saber". Por fim, escolheu uma versão com ênfase em ambas, só um pouquinho mais forte em "filho", para deixar claro que ele estava falando como membro da família, não como policial.

Isso tudo era muito gratificante.

Menos gratificante era ninguém responder.

E as coisas ficaram assim durante algumas semanas. Então, como um homem que desperta de um sonho, ele entendeu que estava se tornando compulsivo e estranho, e precisou parar. Era um pouco como algumas outras atividades que ele podia identificar: não devia praticá-las, mesmo que fossem agradáveis. Ninguém precisa nos dizer isso. A pessoa simplesmente sabe que não é saudável.

Para desabafar, resolveu conversar com Claude. Dessa vez, Claude tinha ido à casa de Glen. Sentaram-se na sala e conversaram até de madrugada. Depois de bastante cerveja (e, ao longo do verão, "bastante" para Glen tinha passado a significar uma embalagem com uma dúzia; ele parara de ir ao The Kettle ou ao The Hollow, e chegara a ir até Ashland para se abastecer), Glen balbuciara a linha básica de seu pequeno roteiro.

Confiar em Claude mostrou-se a decisão acertada. Claude disse duas coisas. Primeiro, que estava começando a achar que Edgar não ia voltar. Se estava distante havia tanto tempo (quase dois meses), devia estar bem decidido a ficar longe. Agora já podia ter chegado ao Canadá, ao México ou a um dos dois oceanos. Em segundo lugar, e mais importante, ele achava que a reação de Glen era absolutamente razoável. Afinal, Glen ia querer magoar Edgar? Decerto que não. Queria apenas lhe fazer a pergunta, não era isso? Não tinham ambos perdido o pai naquele ano? O próprio Edgar não ia querer fazer a mesma pergunta se alguém soubesse o que tinha acontecido com o pai dele ? Claro que sim. Pensando dessa forma, nem o próprio Edgar poderia censurar Glen por uma simples pergunta, se a situação fosse inversa. Na verdade, quanto mais conversavam, mais ficava claro que se Edgar realmente aparecesse Claude não faria nenhuma objeção a Glen levar o garoto para dar uma volta antes de ir para casa. Se isso pudesse ser providenciado. O que parecia possível, uma vez que, se ele voltasse para casa, provavelmente seria escoltado por um policial.

Claro que ele também podia voltar de carona, disse Glen.

Mesmo assim, Claude ponderara, talvez se possa dar um jeito. Claude telefonaria e informaria Glen da volta de Edgar. Tinham instalado um telefone no celeiro no verão: ele podia simplesmente sair e pegar o telefone. E uma noite, quando Trudy não estivesse em casa, Glen podia aparecer. Claude fingiria não ver. Concordaram que não seria o ideal; o melhor seria Glen interrogar Edgar antes de ele ir para casa. (Porque, Glen pensava, e se a resposta fosse algo mais que "sinto

muito”? Então teriam de dar um pulo à prisão de Ashland, passar por todo aquele triste moedor de carne do juizado de menores, que, por sinal, significava que ele sairia aos dezoito anos com a ficha limpa, apesar de tudo. Algumas pessoas poderiam considerar isso injusto.)

Glen reclamara da logística da coisa. Como exatamente conseguiria pôr o garoto em seu carro se ele já estivesse em casa? Achava que não conseguiria simplesmente convencer Edgar a dar uma volta. Na verdade, ele talvez fosse se debater como um louco para evitar isso, e lutar com um garoto não fazia parte do filme que rodava na sua cabeça. O que aqueles idiotas em Ashland não entendiam era que o “Boi” Papineau valorizava a sutileza mais que a força. Mesmo em seus dias de luta greco-romana, atracado com mastodontes de cento e cinquenta quilos de mãos trançadas atrás do pescoço dele, a sutileza sempre vencera a força bruta. Ele usara de sutileza para prender adversários em tesouras. E não perdera todas essas habilidades. Outro dia mesmo as utilizara quando Mack Holgren, em mais uma briga com a mulher, resolvera partir para cima de Glen.

Além disso, na imaginação de Glen, uma das razões para o garoto estar disposto a falar direito, a simplesmente falar, era que o mero fato de estar no carro deixava claro que se explicar o levaria de volta para casa. Glen não diria isso, lógico; por isso tratava-se de sutileza.

Mas se o garoto já estivesse em casa...

Glen divagava sobre isso em voz alta quando Claude abriu um sorriso estranho, um sorrisinho perverso, e levantou uma garrafa de cerveja recém-aberta. Algo no gesto dele tranquilizou Glen, porque, se havia uma coisa que Claude Sawtelle entendia, era a natureza da camaradagem. Claude reclinou-se na cadeira. Tomou um longo gole de cerveja e olhou para Glen.

— Alguma vez já expliquei para você — disse — como se usa Prestone [4] ?

Quando Claude ligou naquela noite, tudo o que ele disse foi que Edgar havia deixado um bilhete na mesa da cozinha. Claude não sabia se o garoto havia roubado um carro. O mais provável era que tivesse vindo para casa de carona e estivesse escondido em algum lugar na floresta. O bilhete dizia que ele ia voltar no dia seguinte, então, se Glen ia fazer a pergunta sobre a qual tinham conversado, precisava estar de prontidão.

Depois, ele se viu diante do seguinte fato: todas aquelas vezes imaginara Edgar sentado no banco de trás da radiopatrulha. Durante o dia. No campo. Na

cidade. Agora parecia que ia ser no campo e à noite.

Se ele viesse a agir. Com a oportunidade na cara dele, Glen não tinha certeza se era uma ideia tão boa assim. Claude praticamente lera seus pensamentos.

— Parece meio tolo agora, não é?

— É — Glen admitiu. — No mínimo uma coisa esquisita.

— Bom, ninguém vai censurar você se não fizer isso — disse Claude. — Só você precisa conviver com isso, de um modo ou de outro. Só que eu andei pensando e não vejo como possa funcionar com ele em casa. Se você visse como Trudy fica quando está zangada...

— ... Ah, claro.

— Então você sabe o que iria acontecer. Quando nós conversamos, parecia que você ia simplesmente chegar e pegar o garoto, mas agora acho que nós não fomos realistas. Se você queria uma chance de falar com ele, a hora é esta.

Glen admitiu que ele também tinha razão naquilo.

— Então. O que você acha? — Claude perguntou.

Glen ficou um longo tempo em silêncio.

— Ele disse para onde ia?

— Não. Dizia só: "Comi enquanto vocês não estavam. Volto amanhã." Estou olhando para o bilhete neste instante.

— O que você disse a Trudy?

— O que você acha que eu disse?

— Ah. Bom, acho que não vai fazer mal nenhum eu dar uma passada aí.

Claude, então, desligou, e Glen levantou-se, o telefone na mão, ouvindo o sinal de linha ocupada. Pensou no truque do Prestone que Claude havia explicado, uma coisa de que nunca tinha ouvido falar, mas claro que Prestone era éter quase puro. Glen sabia exatame nte onde havia um suprimento de éter medicinal verdadeiro. Isso o fez sorrir, porque gostava da ideia de ser melhor do que Claude, nem que fosse só um pouquinho. Em algum momento, Glen tinha comprado uma velha garrafinha de uísque de bom tamanho, com tampa de puxar. Guardou-a no bolso e foi para a porta.

Estacionou a radiopatrulha no gramado em torno da clínica, destrancou a porta lateral, passou pela mobília e macas cobertas com lençóis. Abriu a porta do pequeno depósito da farmácia. Nem precisou procurar. Mentalmente, ele já havia localizado o que queria na estante de cima: três latas enfileiradas, cada uma com uma tampa baixa no formato de um cogumelo. Os rótulos estavam impressos nas cores bege e marrom:

Éter Squibb

Para anestesia. Uso cirúrgico.

225g

VENENO

Abaixo disso, em grandes letras manuscritas verdes, os dizeres "Proteção de cobre!" Glen ficou um pouco surpreso de Claude não ter comentado sobre essas três latinhas na noite que perscrutara a farmácia. Eram uma raridade, com certeza, e Claude não deixava passar muita coisa. Por outro lado, Claude não tinha crescido como filho de veterinário. Talvez não soubesse o que tinha visto.

Glen pegou uma das latas da estante, reuniu mais alguns poucos itens, e levou tudo para fora, trancando a porta. O produto era forte, não se devia manuseá-lo dentro de casa, a menos que houvesse algum equipamento de ventilação, senão podia-se ficar bastante drogado. Pegou a garrafinha de uísque do bolso de trás, tirou a tampa, depois furou a tampa do éter com a chave da radiopatrulha e começou a despejar o éter no frasco. O líquido pingava e escorria, prateado, mas translúcido como água. Apoiou a lata e fez um buraco maior, mas mesmo assim, sem um funil, levou um bom tempo para terminar.

Não era tão idiota a ponto de achar que a garrafinha de uísque iria impedir a evaporação, mas tinha aprendido um truquezinho com seu pai. Pegara uma luva cirúrgica ao sair e esticou-a sobre o gargalo da garrafinha, virou a tampa para baixo, comprimindo o material. Depois rasgou o excesso, deixando apenas uma pequena borda em volta da tampa.

Sacudiu a garrafinha debaixo do nariz. O melhor do éter era que se caísse em você dava para sentir o cheiro na hora. Mas a vedação improvisada com a luva de borracha funcionara perfeitamente. Só percebeu um vago aroma, resíduo de uma só gota evaporando depressa sobre o metal quente. Um odor de petróleo e flores que fazia cócegas no fundo do nariz. Jogou a lata de éter na floresta, com dois dedos levou a garrafinha até a radiopatrulha e colocou-a no lado do carona do largo banco

da frente.

GLEN CONHECIA BASTANTE BEM aquelas estradas secundárias. Se ficasse de olhos abertos, pensou, podia encontrar o garoto andando pela estrada ou atravessando um campo. Podia também rodar pelas estradas próximas à casa deles, em busca de veículos suspeitos estacionados. Se não fosse um casal de estudantes namorando, podia ser Edgar dormindo num carro que roubara.

Tentou, primeiro, chegar pelo sul, mas não havia Edgar nenhum andando por ali, nenhum carro parado nas dezenas de pequenos estacionamentos que os caçadores gostavam de usar. No morro perto dos Sawtelle, Glen manobrou e voltou para a estrada, depois deu a volta pelo norte. Tudo o que viu foi a caminhonete de Jasper Dillon quebrada, perto do velho cemitério de Mellen, onde estava havia quase duas semanas. Parou e iluminou com a lanterna a carroceria empoeirada da caminhonete, depois pela janela, caso Edgar estivesse usando o veículo para se abrigar à noite, mas a única coisa que havia ali era uma caixa de ferramentas cheia de graxa e dois maços de Marlboro amassados. Voltou à radiopatrulha e foi embora. Então, foi se aproximando do quintal dos Sawtelle, bastante perto, a ponto de ver a luz no alto do pomar. Estacionou a uns cinquenta metros de onde a floresta se abria, pôs a garrafinha no bolso, uns panos velhos, a lanterna e partiu.

Seguiu pelo acostamento da estradinha de cascalho e atravessou todo o quintal. Um cachorro corria solto, contornando o celeiro em silêncio. Antes que ele percebesse sua presença, Glen virou e seguiu ao longo da cerca ao norte da casa. Quando chegou aos fundos da horta, encontrou uma trilha que ia até a floresta. A lua cheia deixava o campo iluminado, mas, na floresta, Glen teve de fixar o botão da lanterna e movimentar o facho de luz para lá e para cá no emaranhado de folhagem negra como a noite para ver onde estava indo.

Quase trinta metros adiante, sentiu que era inútil. Se Edgar estivesse enfiado na floresta, Glen nunca o alcançaria com uma lanterna. Talvez estivesse dormindo profundamente com uma fogueira acesa. Mas por que faria isso, se pretendia voltar no dia seguinte? Por que simplesmente não entrar e se poupar desse trabalho todo? E mesmo supondo que estivesse na floresta, a propriedade dos Sawtelle tinha o quê? Uns quarenta, cinquenta hectares? Glen podia procurá-lo durante uma semana em plena luz do dia e jamais encontrá-lo.

Voltou e refez seu trajeto. Quando retornou à estrada, ficou olhando para a casa. Ou ele está naquele celeiro, Glen pensou, ou a quilômetros daqui. E não havia

como entrar no celeiro sem que os cachorros acordassem o mundo. Não ia funcionar.

O cascalho estalava à medida que caminhava até a radiopatrulha. Algo lhe dizia que não devia passar de carro pela casa dos Sawtelle, depois de ter se dado o trabalho de evitá-la. Com os faróis apagados, manobrou de novo e seguiu na direção de Mellen. Talvez pudesse patrulhar mais algumas estradas secundárias a caminho de casa.

A lua brilhava. O mato se debruçava sobre a estrada, verde e hipnótico à luz dos faróis; olhos vermelhos com o reflexo da luz surgiam nas moitas emaranhadas com frequência suficiente para quebrar a monotonia e mantê-lo alerta. Só depois de começar a respirar com facilidade foi que se deu conta de que estava ofegando. Parou-a, forçando um suspiro.

Quando chegou ao asfalto, a radiopatrulha ganhou velocidade suficiente para neutralizar os buracos e flutuar pela noite. Tentáculos de bruma pairavam pálidos sobre a estrada e condensavam-se no para-brisa numa espécie de escrita de sonho que ele deixava acumular e depois apagava com uma varredura dos limpadores. Aquilo tudo o tranquilizava. Depois de um momento, não pôde deixar de dar uma olhada no espelho retrovisor.

Com grande empenho, quase timidamente, Glen permitiu-se fazer sua pergunta em voz alta uma última vez.

Edgar 4

DE SEU ESCONDERIJO NO ALTO DO DEPÓSITO ELE IDENTIFICOU PELO som a rotina matinal do canil. O sol de agosto batia no teto do celeiro e a atmosfera perto das vigas arrancava gotas de suor de sua pele. Para passar o tempo, contou os pontos dos pregos martelados nas tábuas novas do teto e pensou que, antigamente, teria contado os buracos luminosos nas pranchas do telhado. A luz que vazava pelas beiras da porta do depósito enchia o espaço com uma aurora perpétua e difusa.

No meio da manhã, sua mãe havia trabalhado com os dois filhotes, depois com os de seis meses e com os de um ano, e voltara aos filhotes. Edgar podia fechar os olhos e ouvi-la convencendo-os com uma voz baixa e serena, podia vê-la treinando caminhada com os pequenos, pedindo aos outros que fossem buscar coisas, sempre testando, experimentando, perguntando o que era e o que não era fica , alerta , buscar , acompanhar . Edgar caiu num semissono impregnado por esses sons, como se ele próprio tivesse crescido para abarcar o depósito, o celeiro e o pátio.

A porta da varanda bateu quando Claude voltou para dentro. O tilintar de ambos os telefones, ali embaixo e na cozinha. Os pássaros bicando as maçãs quase maduras. Um carro passando na estrada, o cascalho crepitando debaixo dos pneus a rodar pela fileira de árvores do quintal.

Perto do meio-dia, houve um contido bater de pés na escada do depósito, mas ele não chegou a acordar totalmente senão quando a porta do vestíbulo já estava aberta. Encolheu-se no espaço entre os fardos, o suor escorrendo pelo rosto. Houve um longo silêncio. A porta então se fechou e houve passos descendo. Lá embaixo, os portões de correr bateram e fecharam, para conter os cachorros enquanto Claude limpava os cercados. Edgar sentou-se e bebeu água da lata de café, resistindo ao pedido do corpo de despejar água no rosto. Depois de algum tempo, engatinhou até o ponto em que as vigas se juntavam à parede no canto, pôs-se de joelhos e liberou um jato de urina que viu desaparecer dentro da palha.

Quando não conseguiu mais aguentar o calor e os membros encolhidos,

arrastou-se para baixo da montanha escarpada dos fardos em meio a camadas de ar fresco, as pernas tremendo de medo de fazer barulho e de ficar tanto tempo no calor. Assim que tocou o piso, afundou num fardo. Nas vigas acima, como uma grande fera enjaulada, podia sentir à sua espera o calor do qual havia escapado, e aspirou gulosamente o ar fresco e habitável para dentro dos pulmões, deixou o sangue esfriar e o suor secar na pele. Mas antes que se passasse um minuto convenceu-se de que havia traído sua presença de alguma forma, que Claude devia estar parado lá embaixo, olhando para o teto, a escutar.

Só até o pôr do sol, disse a si mesmo.

Passou um braço molhado pelo rosto e subiu para dentro da fornalha outra vez.

À TARDE, A PORTA DO VESTÍBULO SE ABRIU e Claude entrou no espaço aberto diante do depósito.

— Edgar? — disse baixinho. E depois de uma longa pausa: — Edgar?

Edgar encolheu-se no espaço entre os fardos e prendeu a respiração. Quando a pulsação em sua cabeça foi demais para aguentar, permitiu-se uma exalação tão comedida que achou que ia sufocar. Houve passos na palha. Um tremor sacudiu a pilha de fardos. Algo pesado caiu com um baque no chão. Os fardos sacudiram de novo e houve outro baque. Por um longo momento, Edgar teve certeza de que Claude começara a desmontar o monolito de palha para encontrá-lo.

O sacudir e os baques continuaram em ritmo constante. Embora não houvesse quase espaço entre os fardos e as vigas, Edgar foi abrindo caminho entre eles. Claude mexia na longa parede a oeste, a cabeça um metro e meio ou dois abaixo de Edgar. Ele estava usando luvas de lona e puxava fardo após fardo, que deixava cair no chão. Não era fácil: os fardos estavam empilhados cruzados de dois em dois para que a coluna pudesse se equilibrar. Ele já tinha aberto uma cavidade semicircular, e sua camisa estava escura de suor nas costas. Edgar podia ouvi-lo ofegando no calor.

Quando havia trinta ou quarenta fardos no chão, ele parou, tirou as luvas, pegou um martelo do chão e ajoelhou-se dentro da cavidade que havia criado, meio escondido de Edgar. Houve um rangido de prego sendo arrancado da madeira seca e uma tábua batendo. Claude reclinou-se e esfregou as mãos como se estivesse pensando, depois pegou as luvas de trabalho, calçou-as e entrelaçou os dedos para

acomodá-las.

Pela cabeça de Edgar passou a ideia de empurrar um fardo para baixo. Vinte, trinta quilos de palha densamente prensada, caindo daquela altura, podiam derrubar Claude. Mas de que serviria isso? Ele não ficaria no chão. Além disso, Claude já estava olhando inquieto para a porta do vestíbulo; num espaço tão cheio, muito antes de Edgar conseguir empurrar um fardo até a beira e derrubá-lo, Claude já teria ouvido e olhado para cima.

Claude, então, afastou-se dos fardos. Pôs no chão algo pequeno e brilhante. Uma garrafa, uma garrafa antiga, com uma bola de vidro rústico na tampa e uma fita em torno do gargalo, com letras pretas. Claude ficou olhando para ela, tão fascinado quanto Edgar. Então, com a mão enluvada, transferiu a garrafa para junto da parede do depósito e puxou uma pilha de palha solta para escondê-la. Começou a reempilhar os fardos. Edgar escondeu-se. Pouco depois, ouviu passos no depósito, o clique da porta do vestíbulo e mais passos descendo a escada. Edgar esperou para ouvir o som das botas de Claude no caminho de entrada, mas tudo que ouviu foi a voz de sua mãe estimulando os filhotes no pátio. Ele abriu com os cotovelos. Claude não tinha se dado o trabalho de pôr os fardos localizados mais ao alto nos seus respectivos lugares. Perto do chão, os fardos se projetavam do restante da pilha amarela bem-arrumada. No lugar onde Claude momentaneamente havia coberto a garrafa com palha, Edgar viu apenas um trecho das tábuas nuas.

Tomou um gole de água na lata de café e desceu, o corpo oleoso de suor. Arrastou os fardos que Claude deslocara. A tábua estava lascada no ponto onde os pregos haviam sido arrancados. Enfiou a ponta do canivete de Henry na fresta e puxou-a para cima. Não sabia o que esperava encontrar. O buraco estava seco e vazio, igual ao que ele tinha visto na noite anterior, só que mais fundo. Podia acomodar com facilidade a garrafa que Claude havia separado: a garrafa que não tinha sido fruto de sua imaginação. Nem de Ida Paine.

Ela existia. Ele a tinha visto, à luz do dia, mesmo que só por um momento.

Foi até a parede da frente, abriu uma fresta da porta do depósito e encostou o olho no vão, piscando contra o brilho do meio-dia. O ar fresco soprou em seu rosto, quente do sol de agosto, mas suavemente refrescante depois do que ele suportara nas vigas. A porta do depósito abria para o lado mais próximo da casa e ele só conseguia enxergar o campo, onde insetos saltavam como fogos de artifício acionados pelos raios de sol.

Os passos de Claude soaram então no cascalho. O motor da caminhonete foi

ligado, ficou funcionando ao lado do celeiro e parou de novo. A mãe de Edgar chamou os filhotes. Não podia deixá-los muito tempo no calor, ele pensou. Escutou um momento, depois fechou a porta do depósito e foi para o alto da escada.

Trudy 3

QUANDO TRUDY CHEGOU À SOMBRA DO CELEIRO, ELA SE VIROU, ajoelhou-se e chamou os filhotes, convencendo-os a entrar no longo corredor de concreto. Já estavam bem crescidos para dormir nos cercados de criação, mas manter aqueles de quatro meses ali durante o calor de agosto não era nada mau. Filhotes daquela idade tinham dificuldade para regular a temperatura corporal e nem sempre juízo para sair do sol. As salas de parto, isoladas do exterior, costumavam ser as mais frescas do canil.

Estava trancando a porta do cercado quando sentiu os braços dele em torno dela. Soltou um curto começo de grito antes que uma mão tapasse sua boca e outra surgisse diante de seu rosto, soletrando depressa como um raio.

Silêncio. Só sinalize. Tudo bem?

Ela fez que sim com a cabeça. Ele a soltou, deu um passo para trás e ela se virou para olhar Edgar.

Ele tinha um dedo nos lábios. As maçãs do rosto estavam salientes e a linha do queixo tão dura que ele parecia todo feito de tendões e ossos. O cabelo caía emaranhado e queimado de sol sobre a testa, e a roupa esfarrapada fedia como se ele tivesse passado dias no celeiro. Mas seus olhos eram assustadores, quase sobrenaturais, perspicazes, olhando com firmeza para ela num rosto marcado por linhas de suor que cortavam a sujeira. A visão que tinha de Edgar era mais rápida que os pensamentos dela, que só depois se condensaram em sentimentos distintos, identificáveis, como se a cabeça de Trudy estivesse demorando para se ajustar a um relâmpago de luz brilhante: alívio arrebatador por saber que seu filho estava em segurança; fúria pelo castigo de sua longa ausência; perplexidade por sua aparência, que denunciava uma longa e difícil jornada. Antes que ela pudesse destilar qualquer desses pensamentos em palavras, ele olhou adiante dela, pela porta da sala de parto, o espaço do canil.

Onde está Claude?, sinalizou.

Está trocando o óleo da caminhonete. Onde você esteve? Você está bem?

Ele esticou o braço e fechou a porta.

Eu não ia voltar. Quase não voltei.

Mas por quê? Eu dei o sinal para você logo na manhã seguinte. Disse a eles que você tinha fugido porque estava perturbado com o que aconteceu com seu pai.

Eles me procuraram.

Claro que procuraram. Você estava desaparecido. Mas agora está tudo bem. Eu disse a eles que foi um acidente. Ela fez uma pausa e corrigiu-se. Foi um acidente.

Encontrou meu bilhete?

Que bilhete?

Vocês não estavam em casa quando cheguei ontem à noite. Deixei um bilhete em cima da mesa.

Não tinha bilhete nenhum.

Claude então pegou.

Ela precisou pensar um pouco para entender o que ele queria dizer.

Preciso que você faça uma coisa, ele sinalizou.

Venha para casa. Não vá embora de novo.

Se você fizer isso, prometo que eu fico. Mas preciso passar uma noite aqui, sozinho. Depois que escurecer, preciso que você faça Claude ficar na casa de qualquer jeito.

Por quê?

Porque ele está escondendo alguma coisa.

Claude?

É.

O que ele esconderia?

Ele olhou para ela, como se tentasse adivinhar alguma coisa.

O quê? O que é?

Você o viu?

Claude?

Não. Na chuva. Você o viu?

Ela piscou. Não sabia do que Edgar estava falando. Ela sacudiu a cabeça. O tempo todo imaginara que ele ia voltar e que tudo ficaria bem, mas, em vez disso, Almondine tinha morrido, Edgar estava ali na sua frente e, evidentemente, nada bem. Nada bem. Estava morrendo de fome e perturbado.

Venha para casa.

Não quero que ele saiba que estive aqui.

Você disse que ele já sabe.

É, mas não sabe que eu estive aqui. No celeiro.

Certo.

Não chore. Respire fundo.

Certo.

Não pode contar para ele. Se contar para ele, eu vou embora de novo. Juro. Não volto nunca mais. Você nunca mais vai me ver.

Ela sacudiu a cabeça e sinalizou: Não, não.

Sabe que eu faço isso.

Sei.

Você faz ele ficar dentro da casa depois que escurecer?

Posso dizer que quero sair à noite. Podemos ir para a cidade.

Não. Faça ele ficar na casa.

E se eu não conseguir?

Precisa conseguir. Acenda a luz da varanda se não conseguir. Acenda a luz se eu tiver de manter distância.

Tudo bem.

Quando isto terminar, eu volto para sempre, prometo.

Tudo bem.

Ouviu-se então a porta da caminhonete bater e os passos de Claude no

corredor do canil. Edgar entrou no cercado mais próximo e se encolheu junto à parede. Os filhotes começaram a latir e a pular.

— Tudo bem aí? — Claude perguntou.

— Claro — Trudy disse, respirando fundo e tentando demonstrar tranquilidade. — Estou ensinando esses monstrinhos a ficarem sentados para escovar.

— Quer ajuda?

— Não. Eu peço se precisar.

— Tudo bem. A caminhonete vai estar pronta daqui a vinte minutos — ele disse. Ela ouviu Claude pegar alguma coisa na oficina e sair.

Edgar deixou o cercado.

Volto depois que escurecer, sinalizou. Não esqueça, se a luz da varanda estiver acesa, vou ficar longe até amanhã.

Edgar. Tem uma coisa que eu preciso contar para você. Uma coisa ruim.

Ele olhou para ela.

Eu sei. Estive nas bétulas ontem à noite.

Sinto muito, Edgar.

Ele sacudiu a cabeça, enxugou os olhos bruscamente, passou por ela e olhou o corredor do canil.

Pus a Essay junto com o Pout e o Finch.

O quê?

Ela está junto com o Pout e o Finch. Claude deve ter visto hoje de manhã quando deu comida para eles.

Não, ele teria me contado.

Ele está esperando eu ir embora de novo.

Antes que tivesse uma chance de perguntar qualquer coisa a Edgar, ele correu para as portas dos fundos. Trudy foi atrás e ficou no batente, olhando enquanto ele atravessava o campo e desaparecia no mato sem se deter. Quando ela voltou para dentro, parou em um dos cercados e bateu na porta de madeira. Finch e Pout empurraram a aba de lona e passaram para dentro. Um momento depois, Essay

juntou-se a eles. Os cachorros também estavam olhando Edgar ir embora.

Edgar 5

QUANDO CHEGOU AO CÓRREGO, TIROU A CAMISA E MERGULHOU NA água rasa e fresca. Limpou o suor e a poeira da pele. Estava calor, muito calor, o ar, pegajoso e úmido, e ele ficou esperando as gotas de água evaporarem. Depois, foi até o imenso carvalho moribundo no extremo das terras deles, esperando encontrar Forte lá. A árvore subia, negra e despida de folhas em quase todos os galhos, exceto uns poucos mais altos. No momento em que se acomodou junto às raízes retorcidas, ele entendeu por que certa vez o lugar havia atraído o desgarrado: dali de onde estava, Edgar enxergava claramente a trilha em ambas as direções. Não se via nem o córrego nem a estrada, mas se alguém se aproximasse de um lado ou de outro seria visto, e o tronco do carvalho era bem largo, dava para se esconder ali. Mas achava que não precisava se preocupar com isso. Claude não teria razão para procurá-lo naquele lugar, mais que em qualquer outro. Ele nunca estivera junto quando Edgar e seu pai caminhavam pela cerca, e nada sabia da importância da árvore.

Edgar recostou-se e observou o mosaico do céu passando entre os galhos nus. A imagem do doutor Papineau continuava a aparecer em sua mente, o velho retorcido e moribundo ao pé da escada do depósito. Depois de tudo o que acontecera, parecia demais desejar que o doutor Papineau não tivesse caído, não tivesse morrido, mas Edgar pensou que gostaria muito de conversar com Glen Papineau. Sentia que não podia ficar, a menos que fizesse isso, porém não conseguia pensar como colocaria seu sentimento em palavras. Lamentar era simples demais. Tristeza talvez fosse a coisa mais próxima. Mas era uma tristeza misturada com raiva, e ele não sabia qual seria a palavra para isso. E, de qualquer forma, aquilo não estava direito.

Pensou também no que tinha dito à mãe e também no que não tinha dito. Ela precisava acreditar que ele fugiria de novo se não ajudasse, e por isso não contara o que sabia que ela mais queria ouvir: que ele estava contente de vê-la; que tocar nela tinha sido quase incontrolável. A lembrança dela tinha se tornado abstrata enquanto estava longe; os detalhes de seu rosto, o cheiro dela, a vasta e carismática aura dela . Queria desesperadamente contar o que tinha aprendido ao

viver, trabalhar, cuidar dos cachorros dia e noite, contar de Henry Lamb, Tinder e Baboo, dos girassóis, dos fogos de artifício, do velho com quem conversara no galpão de Henry. A tentação de correr para casa com ela tinha sido tão poderosa que ele tivera de fugir antes que sua determinação fraquejasse diante do peso da solidão.

E a solidão era uma grande parte da coisa: sua proximidade da casa, saber que Almondine tinha morrido, tudo isso trouxera uma desolação que ele jamais conhecera. Pensou na correspondência entre Brooks e seu avô, em todos aqueles debates sobre os cachorros e o que eles viriam a ser, no que Brooks tinha dito, que seria melhor imaginar como os homens podiam ser mais adequados aos cachorros do que o contrário.

Depois da última noite, em que quase não dormira por causa do calor, nem o sol da tarde nem o tagarelar dos esquilos conseguiram mantê-lo acordado por muito tempo. Estava pensando em Brooks e nos cachorros quando a exaustão e a tristeza se juntaram para lançá-lo na inconsciência. O sol de agosto queimava. As cigarras fizeram uma pausa no seu grito autômato quando uma nuvem passou na frente do sol. Quando o céu clareou, elas recomeçaram.

Ele acordou quando ouviu um forte farfalhar vindo do mato ao longo do córrego. Antes que pudesse se mexer, Essay explodiu na clareira e correu para ele, ofegando e farejando-o, frenética. Alguém tinha posto uma coleira nela e, perto da fivela, um trecho da coleira estava rusticamente envolto por uma fita adesiva.

Ele fez Essay sentar, tirou a coleira e removeu a fita adesiva. Ali, dobrada em três, encontrou a fotografia que tinha deixado na mesa da cozinha ao lado do bilhete, a fotografia de Claude segurando Forte nos braços. Dentro dela, três notas de cem dólares, uma de vinte, uma de dez.

E a chave do Impala.

Glen Papineau 3

NO FIM DA TARDE, CLAUDE COMPARECEU À DELEGACIA, O QUE DEIXOU Glen inquieto. Não era bom ter essas conversas no trabalho, mas não teve tempo de protestar; o tom da voz de Claude era tão evidentemente apressado que Glen entendeu que a conversa duraria apenas alguns segundos.

— O que aconteceu ontem à noite?

— Nada. Não tinha nenhum carro estacionado perto da sua casa. O pátio estava vazio. Acompanhei a cerca até certo ponto, mas não fazia sentido continuar.

— Ele não apareceu.

— Aposto que ele está no celeiro, Claude. Você não disse que antes de fugir ele dormia no depósito?

— Talvez estivesse lá a noite passada, mas não agora. Está um forno lá em cima durante o dia.

— Acha que ele vai voltar?

— Acho.

— Para o celeiro ou para a casa?

— Não sei. Tenho um palpite de que ele está planejando pegar o Impala e fugir. Acabei de descobrir que a chave reserva sumiu.

Glen pensou nisso um segundo. Isso facilitaria as coisas. Ele podia começar uma perseguição na radiopatrulha, dizer que tinha reconhecido o veículo, mas não o motorista.

— Tudo bem. Eu vou hoje à noite.

— Espere escurecer. Vou garantir que a gente fique dentro de casa. Posso até levar Trudy para Ashland. Seja como for, se a luz do celeiro estiver acesa, é Edgar.

— E se ele for para a casa?

— Aí eu acendo a luz da varanda. Se a luz da varanda estiver acesa, esqueça.

Nós achamos algum outro jeito.

— Luz da varanda acesa significa que ele está na casa?

— É. E se você achar que ele está no celeiro, vá pelo campo ao sul. Use a porta daquele lado. É menos provável que os cachorros vejam você.

E assim terminara a conversa. Quando deram cinco horas, Glen voltou para casa. O dia havia sido sufocante e o entardecer não refrescara muito. Para um sujeito do tamanho dele, era um trabalhão se refrescar. Sentou-se na cozinha, tomou uma cerveja, depois outra. Olhou a garrafinha de uísque no meio da mesa da cozinha. Tinha jogado o éter da noite anterior no gramado ao chegar em casa: aquilo era altamente inflamável, não era coisa para se deixar em qualquer lugar, principalmente num recipiente mal vedado. O lugar onde despejara já estava marcado por uma mancha marrom em forma de rim.

Quando o sol estava quase se pondo, foi com a radiopatrulha até a clínica. Pegou uma lata de éter, como tinha feito na noite anterior, sem se dar o trabalho de abri-la dessa vez; apenas colocou-a no banco do carro e foi para a Town Line. Estacionou o veículo no mato, no extremo da colina em frente à propriedade dos Sawtelle. Então pôs o trapo e a garrafinha no bolso e seguiu a estrada com o resto do equipamento: um abridor de latas, uma embalagem com meia dúzia de cervejas e a lata de éter em cima. Uma barragem natural subia do lado oposto à propriedade dos Sawtelle até o topo da colina. Glen subiu pesadamente pelas pedras e acomodou-se no ponto de onde tinha uma boa visão da casa e do velho e imenso celeiro.

A paisagem diante dele era extremamente bonita. Dava para ver o pátio e as montanhas se estendendo para o oeste. Quem decidira construir uma casa de fazenda ali havia tomado uma sábia decisão, pensou, aninhada num vale daqueles, protegida do vento, mas ladeada por campos abertos. Tanto a caminhonete como o Impala estavam estacionados no pátio. A luz da varanda estava apagada, o que queria dizer que Edgar não tinha ido para a casa. Ficar ali sentado parecia uma tocaia policial, Glen pensou. Nunca havia participado de nenhuma, não havia muita necessidade delas em Mellen. A ideia o animou. Abriu uma Leiney"s enquanto o entardecer banhava o horizonte ocidental e as estrelas começavam a se apresentar no céu noturno.

Durante um longo tempo observou o campo e não viu nada além de criação. Ensaiou mentalmente como faria sua pergunta a Edgar, como queria enfatizar que estava perguntando como filho único de seu pai, não como um representante da lei.

Atrás dele, surgira uma lua suficiente para ele ver as folhas tremularem na longa e estreita linha de bordos que se projetava sobre o campo, um dedo fino de mata apontando para o lugar onde tinham enterrado Gar, uma ilha de bétulas no meio daquele lago cintilante de feno.

Pensou no que ia acontecer. Quando Edgar estivesse grogue, ele levaria o garoto para seu carro. Não devia pesar mais que cinquenta e cinco quilos. Glen era capaz de atravessar o campo correndo com esse peso. E quando Edgar acordasse, estariam rodando por uma estrada secundária.

Vagamente, viu a silhueta cinzenta de uma figura passando pelo feno, a meio caminho entre a estrada e a floresta ao fundo. Um cachorro acompanhava a figura. Fizeram uma pausa junto às bétulas. Glen pegou a lata de éter, desceu depressa a encosta e atravessou a estrada, com os olhos fixos nos dois. Realmente não havia dúvida de quem se tratava, mas precisava tomar cuidado agora. Esperou para ver se uma luz se acendia no celeiro ou se o Impala de repente rugia, acordando. A figura havia desaparecido no escuro atrás do celeiro. Veio uma breve rajada de latidos, depois silêncio.

Foi só quando pôs a mão no bolso para pegar a garrafinha de uísque que Glen se lembrou de tê-la deixado no alto da barragem. A lata de éter era volumosa demais para caber no bolso. Olhou a garrafa de cerveja em sua mão. Esvaziou-a de um gole, furou a tampa em forma de cogumelo do éter e verteu um frasco no outro. O vapor circundou a garrafa de cerveja, escorreu sobre seus dedos em ondas prateadas antes de se dissipar no ar da noite. Ao terminar, enfiou um canto do trapo na boca da garrafa e passou debaixo do nariz. Não sentiu nem cócegas nas narinas. E se um pouco de éter vazasse, isso não seria preocupante. Era preciso muita coisa para afetar o Boi Papineau. Muito de vez em quando, o tamanho lhe beneficiava.

Enfiou a garrafa de cerveja no bolso de trás e conferiu o relógio. Se a luz da varanda não acendesse nos próximos cinco

minutos, Glen disse a si mesmo, Edgar Sawtelle ia dar uma volta.

Edgar 6

CHEGARAM À CERCA AO SUL E ATRAVESSARAM AS BAIXAS ELEVAÇÕES do campo, Essay enfim contente de estar ao lado dele. O feno seco roçava as pernas de Edgar à medida que ele avançava. Um curiango assobiou na floresta. A distância, outro respondeu, tristonho. Pararam junto às bétulas e olharam o pátio. A caminhonete estava parada ao lado da casa de ordenha; o Impala, na curva diante da varanda. A luz do pátio lançava um brilho amarelado contra o sólido obelisco do celeiro, deixando as portas na sombra. Ele não viu nenhuma faixa de luz entre as portas ou por baixo delas. O mais importante de tudo era que a luz da varanda estava apagada. Claude, então, estava na casa.

Quando chegaram ao celeiro, ele parou, destrancou a porta de trás e abriu-a. Dentro estava escuro, o cheiro almiscarado dos cachorros intensificado pelo calor e por estar tudo fechado. Dois cachorros o saudaram latindo, mas, antes que continuassem, ele e Essay entraram. Edgar acendeu a luz do corredor e percorreu os cercados, acalmando os cães. Quando terminou, foi até o cercado onde estavam Finch e Pout, abriu a porta e deixou Essay entrar. Ela farejou seus irmãos e virou-se. Edgar agachou-se na frente da porta do cercado.

Última vez, sinalizou. Só mais um pouquinho.

Pegou um balde na oficina, levou-o pelo corredor e, subindo no balde emborcado, foi das portas da frente até os fundos desatarraxando todas as lâmpadas, menos a que ficava próxima da porta dos fundos, lambendo os dedos para se proteger das leves queimaduras. Já conhecia essa atividade daquelas noites em que sua mãe estava presa em casa com pneumonia e ele dormia na cama improvisada de fardos de palha. Enquanto seguia pelo corredor, ia planejando onde procurar. Não havia por que procurar no depósito. Claude achara que a garrafa não estaria segura lá; não a teria posto de volta, portanto. Podia estar na oficina ou na enfermaria, ou atrás de alguma tábua solta. Podia também estar no Impala, mas duvidava disso. Nada importante poderia estar no Impala, não depois que Essay aparecera com a chave do carro. Ao ver Claude esfregar as mãos e calçar as luvas antes de tocar a garrafa, ele concluiu que ela também não estaria na casa: Claude não a manteria próxima de si mais do que o necessário. Mas Edgar também tinha

certeza de que ele não teria jogado a garrafa e seu conteúdo fora. Poderia ter feito isso meses antes, mas algo na maneira como a manuseara denunciava fascínio e medo.

Edgar começou pela enfermaria. Meia dúzia de armários esmaltados de branco ao longo da parede dos fundos. Apenas dois continham remédios; os outros guardavam pilhas de toalhas, balanças e coisas raramente usadas. Examinou cada armário, abrindo suas portas, olhando lá dentro, levantando objetos e recolocando-os no lugar antes de prosseguir. Obrigou-se a agir devagar e olhar duas vezes, apesar da pressa. Não queria ficar em dúvida e precisar verificar outra vez. Quando terminou os armários, vasculhou as gavetas debaixo do balcão, e ao fazer isso descobriu que podia revirar o conteúdo de cada gaveta sem retirar as coisas de lá e mesmo assim ter certeza de que não havia deixado passar nada tão grande como uma garrafa.

Não estava lá. Pelo menos, não nos lugares óbvios. Para procurar em reentrâncias e tábuas soltas, precisava de uma lanterna. Foi até a oficina. Então se deu conta de que a lanterna ainda estava no depósito, onde a tinha deixado. Subiu a escada e, usando quase unicamente o tato, escalou os fardos. O filamento da lanterna brilhou como uma brasa quando ele empurrou o botão, e depois se apagou. Encontrou pilhas novas na cômoda de muitas gavetas da parede dos fundos da oficina.

Voltou à enfermaria, sem saber como alcançaria as tábuas entre as vigas do teto. Podia bater em cada uma para ver se estava solta. Podia trazer uma escada da casa de ordenha, ou, quem sabe, usar o cabo de um ancinho. Distraído, notou os cachorros todos em pé às portas dos cercados, mais uma vez agitados com sua movimentação. Mas ficaram quietos quando ele pediu. Afinal, não era costume ele trabalhar no celeiro tão tarde da noite. Iam se acalmar logo.

Virou a esquina para a enfermaria ainda concentrado. Teve tempo apenas de registrar alguma coisa aromática. Pelo canto do olho, viu uma figura parada ao lado. Então o celeiro girou em torno dele. Uma mão, grande e sólida como um bife apertou um pano em seu rosto. Imediatamente seus olhos começaram a lacrimejar. Ele engasgou e então, mesmo sem querer, inalou. Era como se alguém tivesse enfiado seu rosto em flores apodrecidas.

O cheiro era inconfundível.

Prestone. Éter.

A lanterna caiu com ruído no chão. Ele enfiou os dedos de ambas as mãos na mão que cobria seu rosto, mas o pulso e o braço que a mantinham no lugar eram grossos e musculosos, e não conseguiu tirá-los do lugar nem um milímetro. O dono da mão não tentou se mexer. Ficou parado, segurando o pano no rosto de Edgar enquanto ele se debatia.

— Apenas espere — disse o homem. — Só vai levar um minuto.

Não foi surpresa ouvir a voz de Glen Papineau. Só Glen tinha mãos tão grandes. Edgar desistiu de afastar o pano do rosto. Em vez disso, começou a jogar os punhos para trás, sem nenhum resultado. Glen simplesmente passou outro braço pelo peito de Edgar e prendeu seus braços; na mão segurava uma garrafa de cerveja com o polegar em cima.

Edgar prendeu a respiração, contou as batidas aceleradas de seu coração.

— Quanto mais demorar, mais fundo vai respirar — disse Glen, aumentando a pressão sobre seu rosto. Ele tinha razão, claro. Depois de um momento, um momento extremamente breve, Edgar começou a sufocar e aspirou de novo a droga nauseante. E então, como seus pulmões ainda estavam queimando, precisou respirar de novo e de novo.

Tudo se acalmou. Permaneceram ali um pouco e ele ouvia apenas o sopro da própria respiração. Ficou tonto, do jeito que imaginava que as pessoas ficariam se olhassem para o relógio de bolso que ele tinha ganhado no Natal quando era pequeno. Só que o relógio de bolso não funcionava e aquilo, sim. Era o ritmo de sua respiração, não o balançar da corrente. Começou a se distanciar, mesmo afogado em flores como estava. Parou de se debater. Começou a flutuar a alguma distância de seu corpo, de início só a uns três ou quatro centímetros acima de si mesmo. O cheiro do éter aos poucos diminuiu. Depois de certo ponto, ele não flutuou para mais longe.

As paredes começaram a se mexer. Sentiu as solas dos pés arrastando no chão. Na porta da enfermaria, Glen parou, agachou-se ligeiramente e apertou o braço, prendendo Edgar com mais firmeza. Em seguida, começaram a percorrer o corredor do canil. Edgar voltou para dentro do seu corpo. Um braço soltou-se e ficou pendurado, mole, na direção do chão.

Quando chegaram às portas dos fundos, ainda trancadas, Glen colocou-o no chão. O pano sumiu de seu rosto momentaneamente e a mão de Glen reapareceu, segurando a garrafa de cerveja. Ele levantou o polegar e virou a garrafa no pano.

Edgar tinha dificuldade em mover os olhos para onde queria e mesmo em focalizar as coisas. Parou de olhar para as mãos de Glen. Um olho resolveu se fechar sozinho. Pelo outro, viu uma pilha de sacos marrons estirados, vultos enevoados. Então o pano estava de novo em seu rosto.

Glen apertou o abraço, preparado para levantar. Os vultos marrons revelaram-se sacos de cal, empilhados ao lado das portas dos fundos. A lata de café vazia que usavam para espalhar o pó aparecia por uma abertura no saco do alto.

Edgar sentiu as costelas dobrarem quando Glen o levantou com mais força, e se sentiu subindo no ar. Viu sua mão estender-se para a frente. A borda da lata de café, irregular onde o abridor havia cortado metal, raspou seus dedos e então havia apenas pó contra a palma, ressecado como poeira lunar. Ele tentou e errou. Mas quando conseguiu focalizar os olhos a lata estava presa entre seus dedos, a mão tendo de alguma forma corrigido sozinha o próprio erro.

Glen estava pegando o trinco da porta. Edgar fechou os olhos e apertou a borda da lata de café com toda a força. Estava apenas meio cheia, mas pesada como uma bigorna. Tudo que ele conseguiu fazer foi um movimento espasmódico para cima. Sua mão então caiu de volta e a lata de café caiu, retinindo no chão.

Uma pesada camada de cal caiu sobre sua cabeça e ombros. Ele tinha lembrado de fechar bem os olhos, mas sua boca ficara aberta, mole por causa do esforço e do efeito do éter. Sentiu a língua e a garganta se cobrirem imediatamente com uma pasta amarga, engoliu sem querer, sentiu o calor na boca e tentou vomitar.

Glen também começou a tossir. O braço que prendia o peito de Edgar soltou-se e deslizou. Durante um longo tempo Edgar ficou suspenso no ar por absolutamente nada. Sabia que era importante recuperar os pés sob o corpo, mas antes que conseguisse fazer isso o celeiro girou como um pião com ele no centro, o chão subiu em sua direção e os fogos de artifício sobre o lago Scotia explodiram de novo dentro de seus olhos fechados.

ACORDOU SUFOCANDO. Mesmo antes de conseguir abrir os olhos, ouviu a voz de Glen Papineau sussurrando seu nome.

— Edgar? — ele disse. — Edgar, você está aí? — Então, Glen murmurou baixinho: — Ah, meu Deus. — Em seguida, o baque de alguma coisa caindo ao chão.

Edgar levantou as mãos e passou os dedos cuidadosamente sobre as pálpebras. Seus cílios estavam com uma crosta de cal e precisou de muita concentração para fazer suas mãos limparem aquilo. Abriu um olho até registrar uma fresta de luz, depois o outro, piscou e olhou para o cimento do piso do canil. Uma nuvem de pó de cal flutuava no ar, baixando, assentando sobre tudo. Glen havia cambaleado e caído à frente. Estava deitado de lado, o cabelo encaracolado embranquecido, o rosto grosseiramente empoado. Olhos fechados, e sua expressão era uma careta contraída de dor.

— Ai, meu Deus — Glen repetiu. Levou as mãos ao rosto e apertou os dedos contra os olhos fechados. Os tendões de seu pescoço estavam salientes e ele chutou o chão: outro baque. Suas mãos então começaram a bater no rosto, abertas, como se apagassem uma chama. Com grande esforço, conseguiu controlar as mãos e ficou ofegando.

— Edgar, você está aí? — repetiu. A voz rouca, mas impressionantemente calma. — Pode me pegar um pouco de água? Eu só queria te fazer uma pergunta. Não ia machucar você, juro. Mas agora preciso de água para lavar os olhos. Ah, meu Deus. Edgar?

Edgar, porém, jazia numa espécie de ausência, como se visse tudo pelo lado errado de um binóculo. Quando tentou levantar a cabeça, sentiu a dor outra vez e depois a náusea. O cheiro enjoativo do éter agora estava por toda parte, quase tão forte quanto no pano pressionado contra seu rosto. Olhou o chão e viu a garrafa de cerveja quebrada, o líquido espalhado em manchas prateadas. Uma emanação tremeluzia no ar.

Edgar se ajoelhou. As portas dos fundos do celeiro estavam ao alcance de seus braços. Tentou se levantar, mas caiu de volta e arrastou-se diante delas até conseguir pôr os dedos no aro de metal do trinco. Quando a porta da esquerda se abriu, ele despencou junto com ela, bêbado, para a noite.

Começou a bater na porta com a mão aberta.

Glen virou o rosto para o som e se pôs de quatro.

— Ah, meu Deus, ah, meu Deus, ah, meu Deus, ah, meu Deus — ele sussurrava. Foi engatinhando e parou para limpar o rosto e os olhos. Edgar bateu na porta outra vez e Glen começou a se deslocar, depois parou uma segunda vez para bater a base da palma da mão contra os olhos. Um grito partiu dele, agudo e incongruente, ele apertou o rosto no chão, esfregou e gritou mais alto ao avançar;

— Meu Deus, como queima! Ah, qualquer coisa, por favor ! Cristo Jesus. Qualquer coisa.

Edgar soltou a porta e tentou voltar, mas girou e caiu no mato. A massa escura do celeiro projetou-se sobre ele, um grande recorte negro no céu estrelado. Sentou-se e sacudiu a cabeça, o que foi um erro; a dor quase o apagou de novo. No entanto o ar fresco da noite o estava trazendo de volta do éter e ele conseguia manter os olhos focalizados. Em um minuto seus pés voltariam a reagir.

Os cachorros estavam todos eretos nos cercados, olhares fixos no espetáculo que era Glen Papineau engatinhando pelo corredor — a última coisa que Edgar queria ver; queria os cachorros fora do celeiro, longe daqueles vapores. Quando Glen chegou ao batente, passou os dedos pela parte de baixo da porta e levantou-se, virando o rosto para lá e para cá. Quando tentou levantar uma das pálpebras, seu corpo teve um espasmo, ele soltou outro grito rouco e sem palavras e passou cambaleante por Edgar numa disparada.

E então Edgar conseguiu o que queria, porque os cachorros viraram e mergulharam pelas passagens para a parte externa. Ele ficou olhando quando eles sumiram entre as tiras de lona dos portais e desapareceram, até só restar dentro do celeiro a assombração das emanações de éter, tremeluzindo e subindo para a única lâmpada, quente.

UMA VEZ DO LADO DE FORA, os cachorros começaram a latir. Glen Papineau fez um grande círculo pelo campo ao sul e entrou na luz do pátio como um ator entra num palco: enorme, pescoço grosso, cabeça e ombros empoados e riscados de lágrimas, uma mão crispada no rosto como se fosse arrancar uma máscara, a outra cortando o ar à frente. Cambaleou até Alice, estacionada ao lado do celeiro. Quando seus dedos brutos tocaram o radiador, ele parou e tateou as bordas da grade, a tinta descascada da barra da direção. Caiu de joelhos e apertou a testa nos pneus menores da frente.

— Ah, meu Deus — disse. — Não enxergo onde eu estou. Isso é uma luz? Alguém está me escutando? Claude! Claude! Meus olhos nem estão abrindo! Alguém pode me dar, por favor, por favor , água para os olhos?

Então Edgar ouviu a voz de sua mãe chamando da varanda de trás.

— Glen? Glen! O que você está fazendo?

Edgar olhou dentro do celeiro. Todos os cercados estavam vazios, mas alguns cachorros dos cercados dos fundos não conseguiam ver Glen nem sua mãe e, ao ouvirem suas vozes, tinham voltado para dentro. Edgar se levantou, tentando se equilibrar. Sua mãe vinha correndo pelo pátio.

Ele virou e cambaleou pelo aclive atrás do celeiro, batendo as mãos com toda a força. Quando chegou às portas dos cercados, martelou com as mãos nuas as madeiras e telas de arame, fazendo todo o barulho que podia para atrair os cachorros para fora. Um a um, eles passaram pelas tiras de lona e trotaram em sua direção.

Estava percorrendo o corredor, acalmando os cachorros, quando uma luz irrompeu das portas dos fundos do celeiro, brilhante azul. Por um momento, as bétulas do campo ao sul se iluminaram com uma luz gelada, as sombras projetadas para trás sobre as ondas de feno. Então, Edgar sentiu uma pressão nos ouvidos que lentamente se transformou num som, como se o céu no alto tivesse sido agarrado pelos cantos e sacudido.

Trudy 4

ELA ESTAVA DEITADA, ESPERANDO OUVIR O SOM DOS PASSOS DE EDGAR na varanda. Não sabia o que ele poderia estar procurando no celeiro, e não se importava. Estava disposta a fazer o que fosse preciso para trazê-lo para casa. Escurecera havia muito tempo e ele devia estar quase pronto. Pensou no quanto ele estava magro. Pensou na expressão do rosto dele quando lhe contara sobre Almondine.

Os cachorros começaram a latir. Depois, entre os latidos, uma voz de homem, gemendo ou chorando. Ela sentou de um salto na cama.

— O que é isso? — perguntou. — Quem está aí?

Trudy pensou que Claude estivesse dormindo, mas com o barulho dos cães ele se levantou como se tivesse recebido uma ferroada e agora estava sentado também. Parecia completamente acordado. Tinha uma expressão perplexa no rosto, embora aquilo parecesse de alguma forma artificial, e por trás da surpresa havia um ar de espanto.

— Não levante — ele disse. — Eu vou ver. — Já estava vestindo a roupa. A voz de homem soou de novo. Vinha do pátio de trás. Trudy não conseguia entender direito as palavras, mas havia nelas um tom inconfundível de medo e dor.

— Parece o Glen — ela disse.

— Ah, meu Deus. Totalmente embriagado, aposto. Ele tem abusado. Encontrei com ele na semana passada, já completamente bêbado antes do fim do dia. Falei para ele aparecer aqui se precisasse conversar. Mas nunca pensei que fosse ser no meio da noite.

Trudy vestiu-se depressa e correu para a varanda dos fundos. Claude ficou na porta, olhando o pátio. A caminhonete estava estacionada onde ele a deixara aquela tarde, atrás do trator. Os cachorros corriam de um lado para outro dos cercados, latindo e olhando para o campo ao sul. De início, Trudy não viu nada de estranho. Então a imagem registrou: era Glen. Estava ajoelhado na frente do trator, a testa encostada nos pneus menores da frente, como numa súplica.

Claude parecia plantado na varanda. Ela passou por ele e atravessou correndo o gramado. Glen chorava, o cabelo, o rosto e os ombros empoados de branco. Atrás dele, a sombra do celeiro dividida por uma luz oscilante, e nela, parado, Edgar. No momento que seus olhares se encontraram, ele virou e foi para o escuro, cambaleando. Trudy estacou, sentindo-se dividir em duas; uma metade dela gritava Vá para Edgar! e a outra metade queria apenas impedir que Claude, logo atrás dela, o visse. A ideia de que Edgar podia ir embora dominava sua mente. Inicialmente, não fez nenhuma ligação entre a presença de Glen e Edgar. Só queria que todos se virassem, olhassem para a casa.

— Glen — disse ela. — O que está acontecendo?

— Trudy. Por favor. Me traga água — Glen pediu. — Preciso lavar os olhos. — A voz dele tremia. Ele agarrava a frente do trator e apertava as mãos no rosto alternadamente, como se só não tocasse os olhos por uma tremenda força de vontade. Aspirava o ar com ruído. Lágrimas riscavam o pó branco em seu rosto. Então, Claude chegou e ajoelhou-se ao lado de Glen.

— Tudo bem, Hoss — disse ele. — Nós cuidamos de você esta noite. — Enfiou o ombro por baixo do grosso braço de Glen e começou a fazê-lo levantar.

— Não — disse Trudy. — Espere.

Claude olhou para ela; no rosto, uma cuidadosa máscara de surpresa. Ela passou os dedos pelo rosto de Glen e levou à boca. Era inconfundível o gosto gredoso, horrível, de cal virgem e a sensação de queimação no momento em que ficava úmido. Ela olhou o rosto enfarinhado de Glen.

— O que você estava fazendo aqui?

— Pergunte depois que a gente levar ele para casa — disse Claude. — Isso é cal virgem.

— Eu sei que é — disse ela. — Primeiro ele vai explicar o que estava fazendo aqui .

Estas últimas palavras saíram como um guincho.

— Eu só queria fazer uma pergunta para ele — disse Glen. — Fale para ela, Claude! Só fazer uma pergunta para ele.

Ela se virou para Claude. Ele sacudiu a cabeça e deu de ombros, querendo dizer que aquilo era conversa de bêbado.

— Mentiroso — disse ela.

Então, antes que se desse conta do que estava fazendo, entrelaçou os dedos no cabelo encaracolado de Glen e levantou seu rosto. A outra mão ela apertou com a palma aberta no rosto dele. Pele contra pele. Glen estremeceu e quase desmaiou, mas em vez disso começou a chorar e apertar os olhos.

— Você vai esperar — disse ela — até eu ter certeza de que meu filho está bem.

Ela soltou os dedos do cabelo de Glen e se pôs de pé. Os cachorros dos cercados da frente comprimiam-se contra as portas, latindo, ganindo, esforçando-se para ver o que estava acontecendo. De trás do canil, Trudy ouviu batidas e estalos. Portas de cercados se abrindo. Tinha dado apenas alguns passos na direção do som quando a primeira bolha azul de gás inchou para fora das portas traseiras. Deslizou pelo ar, mudando de azul para laranja ao subir. Iluminou o campo, depois desapareceu, de baixo para cima, a meia altura antes dos beirais. Houve um huff abafado do fogo acendendo, o som de um fósforo jogado no carvão de churrasco encharcado de fluido de isqueiro. Então, um segundo arroto de fogo saiu pela porta, mais alaranjado que o primeiro, devorando-se quase antes de conseguir subir. Na aparente calma da noite, um filete de fumaça começou a esgueirar-se pelo alto da porta. Subiu pela lateral vermelha e acumulou-se debaixo dos beirais. Com desesperadora rapidez, alargou-se até se tornar uma faixa cinzenta da largura da porta.

Trudy parou, descalça, os pensamentos momentaneamente bloqueados. Cambaleou em círculo, sem conseguir se decidir para que lado ir primeiro. Uma vasta e macia explosão tinha irrompido no celeiro. Por quê? Não guardavam inflamáveis lá dentro. Glen tinha estado lá. Ele estava coberto de cal virgem. Será que Glen tinha a intenção de pôr fogo no celeiro? Teria espalhado gasolina lá dentro? Por quê? Claude fez Glen se levantar. Estavam indo para a casa, o braço maciço de Glen sobre os ombros de Claude. Claude não tinha ouvido o barulho? Ele estava falando incisivamente com Glen, mas Trudy não conseguia entender o que ele dizia. Então Glen cambaleou e os dois foram para o chão.

Só quando Opal apareceu na esquina de trás do celeiro e passou em disparada por ela foi que Trudy teve a certeza de que Edgar devia estar bem: ele estava soltando os cães de seus cercados. Ela correu para os cercados da frente, destrancou as portas e abriu-as, batendo palmas e gritando:

— Para fora! Saiam! Fora!

Quando terminou, duas dúzias de cachorros estavam soltos; outros doze ou catorze contornavam o celeiro por trás. Matilhas formavam-se e voltavam a se formar, misturavam-se e separavam-se quando corriam por trás do celeiro, pelo pátio, circundavam a casa e o jardim. Claude tinha posto Glen de pé outra vez e os dois homens abriam caminho entre os cachorros que os cercavam.

— Vá! — Claude gritava para os cachorros. E: — Vamos, vamos — para Glen.

— Chame os bombeiros — Trudy gritou. — Ele pôs fogo no celeiro!

Claude olhou para ela um momento. Depois fez que sim com a cabeça e se virou. Com o braço de Glen por cima dos ombros, os dois cambalearam o resto da distância até a escada da varanda. Ali ele fez o homem sentar-se e correu para dentro da casa.

Dois cachorros começaram a rosnar um para o outro. Trudy correu para o mais próximo, levantou-o pelo rabo e girou para trás, gritando para o outro:

— Vá! Saia daqui! Vá!

Soltou o rabo do cachorro, avançou depressa e sacudiu-o pelo pescoço. Quando olhou, dois cachorros estavam correndo pelo pomar, perto da estrada.

— Vocês dois — ela gritou. — Venham!

Os cachorros se viraram e começaram a correr para ela, mas em seguida juntaram-se aos bandos que circulavam pelo pátio. Ela começou a chamar e acalmar os cães metodicamente, um a um, olhando para trás, à espera de que Edgar aparecesse, e toda vez que olhava, mais fumaça saía do celeiro.

Dado o caos do momento, ficou surpresa com a quantidade de cachorros que obedeceu à ordem de fica , mas todos pareciam dispostos a disparar no momento que ela virasse o rosto; eles esticavam o pescoço para olhar os outros que corriam pelo campo, circundavam a casa, disparavam pela escada da varanda, onde Glen Papineau estava sentado, com as mãos no rosto.

Edgar 7

CATORZE CERCADOS PROJETAVAM-SE PARA A LONGA SOMBRA NOTURNA do celeiro. Edgar procurou com a mão os fechos de madeira e abriu as portas sem esperar que os cachorros saíssem. A imagem produzida pela explosão retorcia-se no ar diante dele como uma cobra violeta. Quando abriu o último cercado, o mais próximo do silo, os cachorros estavam dando voltas em torno dele no escuro, batendo-se com as patas e dando pequenos saltos, excitados. Então o som da voz de Glen Papineau ecoou do pátio. Opal e Umbra pararam, inclinaram a cabeça, depois viraram, saíram galopando lado a lado pelo meio do bando e contornaram a barriga de pedra do silo.

Sim , ele sinalizou para os outros. Passou as mãos na lateral do corpo deles para que se movimentassem. Vão! Vão! Eles viraram a cabeça para morder de leve suas mãos e em seguida, um depois do outro, dispararam pela frente do silo até restar apenas Essay, sentada na grama. Estava farejando o pelo macio da parte da trás das patas traseiras. Ele se ajoelhou, empurrou o focinho dela e passou a mão no pelame queimado. Duro como arame. Outra área perto do rabo dela. A explosão devia tê-la alcançado ao sair, ele pensou, mas as tiras de lona da porta tinham amortecido o impacto. Impaciente, Essay empurrou a mão dele com o focinho, mascou a perna e bufou por causa do cheiro em suas narinas. Levantou-se e se sacudiu.

Edgar apontou o silo. Você também. Vá.

Ela olhou para ele, piscando, depois se virou e disparou na luz pálida, sombra saindo da sombra, uma coisa criada no meio do salto, as orelhas apontadas para a frente, olhos alertas, boca aberta, pela primeira vez parecendo um lobo aos olhos de Edgar.

Ele correu para os fundos do celeiro. Uma faixa de fumaça esgueirava-se pelo beiral acima das portas e subia para o céu. Quanto tempo tinha levado para soltar os cachorros? Um minuto? Dois? Como era possível tanta fumaça estar saindo do celeiro? Do ponto privilegiado onde estava, podia ver Glen sentado na escada da varanda, a mão no rosto. Um semicírculo de cães em torno dele, cabeças inclinadas.

A mãe de Edgar segurava meia dúzia ou mais de cães em uma trêmula imobilidade no quintal lateral e um número duas vezes maior corria solto, formando bandos e percorrendo o pomar, separando-se e se juntando num balé caótico. Enquanto ele olhava, sua mãe deteve um cachorro pelo nome, foi até ele e o fez deitar usando ambas as mãos. Então, ao notar o olhar dos cães, ela virou. Os dois começaram uma troca simultânea de sinais.

Os filhotes estão com você?

Você está bem?

Não.

Sim.

Vou buscar os filhotes.

Antes que ela pudesse sinalizar qualquer outra coisa, ele correu pelas portas. O interior do celeiro estava assustadoramente quente. A lâmpada que ele havia deixado no soquete piscava, a fumaça aumentava e subia além dela até o teto, depois para a noite. O ar tinha cheiro de nogueira e palha queimando. Edgar encontrou os restos do pano ensopado de éter, um carvão alaranjado de bordas esfiapadas. Em dois cercados encontrou palha ainda queimando, as chamas esparsas e amarelas. Abriu as portas, chutou as brasas até ficarem escuras e olhou ao redor. As paredes de tábuas estavam chamuscadas em alguns pontos. As vigas dos cercados, enegrecidas. Encontrou montes de palha semiqueimada brilhando e soltando fumaça em três outros cercados e apagou-os, pisando neles. No alto, o pesado madeiramento em cruz estava coberto de fuligem, mas não em chamas. A fumaça, porém, não tinha diminuído. De fora, ele podia ouvir uma conversa, aos berros, de sua mãe com Claude. Correu pelo corredor em busca do foco da fumaça, mas tudo o que viu foi um tênue brilho alaranjado entre duas pranchas do teto. Quando olhou de novo, até mesmo isso tinha ficado preto.

Da sala de cria vieram dois gritos agudos, apavorados. O ar lá dentro estava limpo. As paredes sólidas da sala de parto tinham bloqueado quase toda a fumaça, mas os dois filhotes estavam em pânico, quase histéricos. No momento em que ele destrancou a porta do cercado, eles passaram correndo, viraram no canto, as patas traseiras desajeitadas, e sumiram. Ele foi atrás. Não estava mais tonto por causa do éter, mas a cabeça latejava. Uma vez lá fora, aspirou o ar fresco para dentro dos pulmões, levantou a mão e apertou o galo no ponto em que sua cabeça tinha batido no chão. O que sentiu não era nem dor, apenas a mão negra da inconsciência

passando diante de seus olhos. Os joelhos quase dobraram, e ele afastou os dedos.

Desde que passara, a fumaça que saía pela porta tinha duplicado e escurecido. Atravessou correndo o pátio até onde sua mãe estava com os cachorros. Os dois filhotes latiam e pulavam aos pés dela. Ela pôs as mãos nos ombros dele, depois em suas faces.

— Você está bem?

Ele fez que sim.

— Os cachorros estão soltos?

Estão.

Então fique longe do celeiro. Vai pegar fogo.

Não. Eu apaguei todas as chamas que encontrei. Chamou os bombeiros?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não conseguimos ligar.

O quê?

— Quando puseram a extensão no celeiro, ela ficou sendo o ponto principal da linha. Claude só tentou no telefone de casa. Os fios devem ter queimado ou entrado em curto-circuito.

Não. Não. Não. A luz ainda está acesa no celeiro. O telefone de lá ainda deve estar funcionando.

— Edgar, escute. Ninguém vai entrar no celeiro. Olhe essa fumaça. Olhe. O celeiro acabou .

Bastou um olhar para saber que sua mãe tinha razão. A fumaça tinha começado a vazar dos beirais, subia e escurecia as estrelas em volutas de ébano. A visão daquilo exerceu uma tremenda pressão sobre Edgar. Ele sabia muito bem o quanto a madeira do celeiro estava seca e quebradiça. Podia ter apagado todas as chamas que encontrou, mas alguma coisa estava em combustão dentro das paredes e do teto. Mesmo que chamassem naquele instante, não haveria tempo para o Corpo de Bombeiros Voluntários de Mellen chegar. Meia hora talvez. E, então, o celeiro estaria em chamas.

De repente, a imagem de seu pai caído no chão da oficina surgiu em sua mente. Neve caindo sobre ele. Ele não olhava para Edgar. Não respirava.

— Esses registros são a coisa — ele dissera uma vez. — Sem esses registros, nós não saberíamos o que significa um cachorro.

Quando Edgar se virou, sua mãe estava olhando para a casa. Glen estava caído na escada da varanda, uma toalha apertada no rosto. Claude parado ao lado dele, falando com uma voz baixa e incisiva, tentando tirar a toalha para poder enxaguar os olhos de Glen com uma panela de água.

— Por que Glen fez uma coisa dessas? — disse sua mãe. — Maldito seja.

Ele estava com éter. Eu fiz ele derrubar.

— O que ele estava fazendo com éter?

Estava numa garrafa. Ele pôs na minha cara.

Ela olhou o pó cinzento no cabelo e na roupa de Edgar.

— Você jogou cal em cima dele.

Sim.

— Aquela explosão foram as emanações do éter.

É. Acho que foi o calor da lâmpada.

— O que ele queria?

Não sei.

Ela estava sacudindo a cabeça.

— Não faz sentido — disse ela. — Como ele sabia que você...

Então, sua voz se calou. Só então ela pareceu registrar que Glen Papineau não estava de uniforme. Usava calça jeans e uma camisa xadrez de manga curta com seu próprio babador de cal virgem. Claude tinha conseguido convencê-lo a largar a toalha e os dois viram quando ele abriu as pálpebras de Glen e verteu água em seu rosto grande. Quando o líquido tocou os olhos de Glen, ele arqueou para trás. Empurrou Claude com um gesto e curvou-se para a frente de novo.

— Como ele sabia? — ela perguntou.

Deu um suspiro trêmulo. Lágrimas rolaram por seu rosto. Ela começou a caminhar para a varanda, as mãos cerradas ao lado do corpo. Seus passos aumentaram, ela começou a correr e sua voz virou um grito, repetindo e repetindo a mesma pergunta.

EDGAR SE ESFORÇOU PARA DESVIAR OS OLHOS da casa, desviar os olhos dos cachorros reais, vivos, no chão a seus pés. Aqueles cachorros podiam se cuidar sozinhos durante os poucos minutos que ele levaria para fazer o que tinha em mente. Correu para frente do celeiro, empurrou a pesada tranca de ferro e abriu as portas. Uma onda de fumaça cinzenta o envolveu, trazendo o cheiro de palha e madeira queimando. Deu um passo para trás. Depois de um minuto, a fumaça se concentrou a um metro e meio acima do piso do celeiro.

Se mantivesse a cabeça abaixada, sob o teto de fumaça, poderia facilmente chegar à porta da oficina. Seria impossível mover os armários, mas podia levar as pastas. As mais valiosas seriam as mais novas, que continham as últimas cinco gerações. Quantas vezes poderia entrar? Quantas pastas em cada viagem? Iam ficar misturadas, mas depois haveria tempo para organizá-las. Permitiu-se um rápido olhar para a escada da varanda. Sua mãe estava parada diante de Claude e Glen.

— Como você sabia, Glen? — ela gritou. — Me diga como você sabia que Edgar estava aqui.

Claude estava ao lado de Glen na escada. Ele se inclinou e começou a dizer alguma coisa.

— Cale a boca, Claude. Cale a boca . Quero ouvir Glen.

Mas Glen continuou balançando o corpo em silêncio, esfregando a toalha no rosto. Trudy se ajoelhou, pôs ambas as mãos dos lados da imensa cabeça de Glen e puxou-o para ela.

Se ficasse olhando mais um momento, Edgar pensou, ia correr para a casa, para cima de Claude, e aí não haveria mais esperança. Começou a respirar o mais fundo que conseguia e, antes que as dúvidas e as hesitações começassem, correu para dentro do celeiro enfumaçado.

A FUMAÇA QUENTE AUMENTAVA acima de suas costas. A única lâmpada acesa, no extremo do celeiro, piscava entre dobras de fumaça. Caminhando, ele cobriria a distância até a oficina em poucos segundos, mas com a cabeça baixa e olhando em torno em busca de chamas levou muito mais. Tocou a maçaneta da porta da oficina e esfregou o polegar com a ponta dos dedos, como um arrombador de cofres, para testar a temperatura. Quente, mas não mais quente que

o resto do celeiro. Abriu a porta. O escuro sugou a fumaça e foi distribuída entre o corredor e a oficina.

Seus olhos começaram a arder, e um rio de lágrimas transbordara para seu rosto. Cambaleou porta adentro, girou o interruptor e a luz do teto acendeu. Deu um pequeno suspiro de alívio. Conhecia a sala tão bem que era capaz de encontrar os arquivos no escuro total, mas não conseguiria localizar as pastas que queria só pelo tato, e não havia tempo para procurar uma lanterna.

Abriu a gaveta superior do armário da extrema direita. Uma massa sólida de papel com centenas de divisões veio em sua direção, as etiquetas acima das pastas de papel pardo formando uma elevação comprida e irregular no centro, cada uma marcada com um nome. Cotton. Vesta. Hup. Frog. Passou as mãos por aquela massa, levantou desajeitadamente um maço e acabou espalhando anotações, fotografias e clipes de papel. Deixou tudo isso, virou-se e seguiu abaixado pela porta e pelo corredor. Os papéis eram pesados e escorregavam, secos, uns contra os outros em seus braços. Em seguida, se viu no pátio, ao ar livre. No extremo do gramado parou, curvou-se e despejou os papéis no chão.

E por um breve instante Edgar sentiu algo novo, algo impossível e inteiramente deslocado. Uma sensação de júbilo. Como se, de alguma forma, tivesse viajado para o momento em que seu pai jazia no chão da oficina e encontrado a coisa que podia salvá-lo. Então, tão depressa como tinha surgido, a sensação desapareceu. Alguma coisa dentro dele clamava por ela de novo, já. Correu para o celeiro, descuidadamente abriu caminho através da fumaça, encheu os braços com mais um monte de pastas de papel pardo e todos os papéis e fotografias que continham. Estava quase chegando às portas quando o piso de cimento subiu; ele viu o piso se inclinando para ele, mas não teve tempo para se equilibrar e despencou de ombro em cima das dobradiças da porta da direita, chutando ao cair os papéis abraçados ao peito.

O impacto o fez despertar. Ficou um momento caído meio para dentro, meio para fora do celeiro. Depois de algumas respiradas de ar fresco, empurrou os pés e rastejou para a grama. Quando alcançou as pastas que já havia resgatado, dobrou a cintura e deixou os papéis flutuarem e caírem no chão.

Lembre de mim.

A distância, a voz de sua mãe.

— Edgar! Saia daí!

Ela estava parada na varanda. Glen pegara um de seus pulsos na mão gigante, como uma haste de palha numa prensa. Edgar olhou para ela e fez que não com a cabeça. Não havia tempo para discutir. Ela não podia sentir o que ele sentia nem ouvir o que ele ouvia. Não entenderia como aquilo era o certo. Não havia palavras para a sensação que o dominava.

Sua mãe teria corrido para detê-lo, mas não conseguia se soltar das garras de Glen. Ela se virou e começou a bater no rosto de Glen com a mão livre. Isso fez aquele homem imenso se levantar. Estava confuso, com uma dor terrível, e, de pé, sacudia a cabeça para um lado e para o outro, querendo evitar os golpes. Estava postado de pernas abertas, corpo abaixado. E então, com um movimento fluido, passou uma perna grossa por baixo dela, dobrou-a nos braços e juntos rolaram pela grama. Quando pararam, Glen mantinha as pernas dela presas numa tesoura das pernas dele.

— O que está acontecendo ? — Glen perguntou. Sua voz estava cheia de dor e de medo, mas não havia o menor sinal de esforço físico, como se todos aqueles reflexos de lutador emergissem por vontade própria para protegê-lo. — Por que ninguém me ajuda? — ele gritou. — Ninguém entende que eu não consigo enxergar ?

Edgar respirou e virou-se. A última coisa que viu foram os vultos de Glen Papineau e sua mãe, ela se revirando e lutando nos braços dele. E Claude, parado na escada da varanda acima deles.

ELE ENGATINHOU PARA DENTRO DA OFICINA, com cuidado agora para ficar abaixo da camada de fumaça, prendendo a respiração o máximo que podia, até explodir. Conseguiu pegar o que restava na primeira gaveta do armário. Ao sair com os braços cheios ficava muito mais difícil manter-se abaixado. Os olhos lacrimejavam e a luz da oficina se transformara em um borrão amarelo e cinzento. Precisava tomar cuidado para não engolir ar. A tontura que o derrubara na última tentativa fora um alerta. Mesmo assim, sentiu a fumaça queimando traqueia e pulmões. Lá fora, despejou os papéis no chão e caiu de joelhos. Pensou que uma pessoa normal estaria tossindo, mas tudo o que sentia era uma ligeira vertigem. Curvou-se e fez um esforço para tossir, expirando e raspando a garganta para expelir a fumaça.

Levantou o rosto e viu Essay parada a seu lado, abanando o rabo. As orelhas empinadas, plenamente atenta, os olhos alegres e brilhantes. A mesma expressão de

quando se exibira diante da caverna depois do tornado. Ela parecia disposta a acompanhá-lo ao celeiro. Ele agarrou-a pela parte de cima do pescoço para sacudi-la, mandá-la embora, mas se deteve. Bastava de comandos. Pôs a mão na barriga dela e atraiu sua atenção.

Fique longe , sinalizou, colocando no gesto toda a força que conseguia. Sei que você entende. Sei que a escolha é sua. Mas, por favor, fique longe!

Essay recuou um passo, seus olhos intensos nele. Olhou os outros cachorros, correndo em torno das macieiras. Olhou Edgar de novo, afastou-se um pouco e sustentou o olhar dele.

Isso, ele sinalizou. Isso.

Ela saltou para a frente, passou a língua no rosto dele e disparou para a massa de cachorros, todos agora livres, correndo, mesmo aquele que a mãe de Edgar havia acalmado. Ele queria desesperadamente saber se Essay o tinha entendido, mas, a menos que desistisse dos arquivos e corresse atrás dela, não havia como ter certeza.

Virou para o celeiro. Estava quase atravessando a larga porta para entrar no interior enfumaçado quando pensou na casa de ordenha e no que encontraria lá dentro. Passou pela frente do celeiro e, quando chegou à casa de ordenha, abriu a porta.

Disse a si mesmo que na hora que visse uma labareda, pararia.

Claude 1

QUE QUEIME, CLAUDE PENSOU.

Estava parado no último degrau da escada da varanda, olhando o desastre se desenrolar, tentando decidir o que fazer. Desastroso não era o celeiro queimar; com certeza, não. O celeiro tinha seguro, afinal de contas, e os cachorros estavam fora, sãos e salvos, mesmo que no momento estivessem soltos, correndo. Na pior das hipóteses, perder o celeiro tornaria as coisas inconvenientes durante alguns meses: teriam de abrigar os cachorros em algum lugar, embora achar famílias para cuidar deles nesse meio tempo não fosse difícil. Mas, em termos realistas, teriam um celeiro melhor, mais moderno, antes que a neve começasse a cair. Desastroso também não era o que tinha acontecido com Glen; embora Claude tivesse lavado os olhos dele com água assim que chegaram à casa, a cal virgem já tinha causado um dano atroz. Era difícil sentir pena de Glen. O sujeito devia ter usado Prestone suficiente para disparar um foguete. Não como Claude havia sugerido.

Não, o desastre era Edgar continuar correndo para dentro do celeiro em busca daqueles registros, voltando e voltando à oficina e aos arquivos enquanto a fumaça saía pelos beirais. Edgar tinha até pego o carrinho de mão da casa de ordenha e, enquanto Claude olhava, começara a traçar um amplo arco em direção à porta do celeiro.

Como se tudo aquilo já não fosse suficientemente estranho, Glen agora havia aplicado um golpe de luta livre em Trudy, imobilizando-a. Claude precisava dizer alguma coisa, ou fazer alguma coisa para que Glen a soltasse, mas não sabia o quê. O homem havia enrolado seus membros imensos em torno de Trudy e seu abraço de alguma forma lembrava a Claude as raízes das árvores em Angkor Wat, esmagando lentamente aqueles antigos templos de pedras. Pelo modo de agir de Glen, ele não ia parar a menos que estivesse inconsciente. Porém Claude não queria interferir enquanto não tivesse certeza de que nada seria feito acerca do celeiro. O celeiro tinha de ser uma causa perdida. Por isso dissera a Trudy que o telefone estava mudo. Agora, provavelmente estava mudo mesmo .

Havia algo de fascinante na imagem da fumaça subindo do celeiro, preta

sobre o preto, apagando uma faixa tão larga de estrelas. Fazia pensar em como o velho celeiro era grande . Quando voltara para casa, tinha se surpreendido de novo com seu tamanho; depois, bem depressa aquilo se tornara comum a seus olhos, do jeito que era ao crescer, fazendo os celeiros de outras pessoas parecerem miniaturas. O volume de fumaça que subia do telhado agora dava a exata dimensão das coisas outra vez, e ele se maravilhou com o homem que havia construído o local: que planos teria para construir um celeiro daqueles?

Melhor dar uma olhada, Claude pensou. Espiou a fumaça que vazava pelas frestas em torno da grande porta do depósito, a porta que Edgar tinha aberto na noite em que empurrara Papineau escada abaixo; a porta pela qual haviam descarregado seis cargas de fardos de palha apenas duas semanas antes, em um longo dia de suarento e exaustivo esforço. Estranho: toda aquela fumaça irrompendo para fora em rolos e dobrando-se sobre si mesma e, no entanto, nenhum som, nenhuma labareda. Claude sabia o suficiente sobre incêndios para entender que aquilo era uma fase, que o fogo, ou o que logo mais seria fogo, estava em combustão ao longo das velhas vigas, provavelmente da pilha também, explorando caminhos ocultos e passagens em busca de combustível e oxigênio. Olhou o céu de novo. Na luz da lua minguante, não havia uma nuvem à vista.

Edgar emergiu da fumaça empurrando um carrinho de mão com uma montanha de papéis. Aquela imagem fez Claude gelar. Trudy, se debatendo inutilmente, começou a gritar para Edgar ficar longe do celeiro. Mas Edgar não corria nenhum perigo imediato. Eram só alguns passos entre a oficina e a porta do celeiro, e a menos que todo o prédio explodisse em chamas de repente, havia pouca chance de ele ficar preso lá dentro. Até então, ao menos na aparência, Edgar fazia o certo ao salvar os arquivos. Uma ajuda para depois. Não indispensável, mas boa de ter.

O problema era aquela garrafa. Na verdade, Claude tinha perdido a coragem: a garrafa já estava bem escondida no depósito, e ele sabia disso, mas quando achou que Edgar poderia xeretar lá em cima Claude havia entrado em pânico e removido a garrafa. Depois daquela noite com Benson, e daquela estranha encenação, ele tinha certeza de que Edgar já havia encontrado a garrafa. Devia ter despejado o conteúdo dela no córrego na manhã seguinte (havia imaginado fazer isso inúmeras vezes), mas nunca conseguira responder à pergunta do que aconteceria se despejasse aquilo. Será que simplesmente seria absorvido pela terra, desapareceria? Ou encontraria algum canal subterrâneo até a casa, até o poço... até ele? Mais importante (e isso era difícil de admitir): no momento em que desaparecesse, fosse

o que fosse que havia dentro daquela garrafa, seria para sempre, e a ideia de que aquilo poderia resolver seus piores problemas passou a fazer parte da natureza de Claude. Saber disso lhe deu segurança, do mesmo jeito que alguns homens se sentem seguros com um monte de dinheiro no banco ou com uma arma no porta-luvas do carro. Aquilo passara a ser, às vezes, quase uma presença viva para ele. Eu existo por uma razão. E, então, vieram o nervosismo e a autodepreciação, quando entendeu. Mas se tivesse cuidado agora, aquela garrafa seria incinerada e, junto com ela, a pior parte dele mesmo.

Se tivesse cuidado. Já cometera um erro. Tinha tirado a garrafa do depósito e depois se dera conta de que havia poucos outros lugares confiáveis. Não tivera tempo de repensar as coisas. Trudy podia entrar a qualquer momento e o que exatamente ele responderia se ela perguntasse por que ele guardava uma garrafa com uma fita cheia de escrita hangul, contendo um líquido que parecia o mais puro, o mais destilado veneno? Escondê-la na casa estava fora de questão; tinha medo de ficar perto daquilo. Mal conseguia segurá-la com suas luvas de trabalho. Depois de Gar, ele tinha ficado embaixo do chuveiro até esvaziar a água quente do pequeno reservatório de seu apartamentinho alugado e, quando o reservatório se encheu, esvaziara tudo de novo.

Quando removera a garrafa do depósito, restaram-lhe poucas opções. A enfermaria parecia um péssimo lugar; Trudy, às vezes, entrava ali: ela podia abrir a gaveta, pensar O que é isto? , girar a tampa selada com cera, levar a garrafa ao nariz... Então, tinha de ser a oficina, onde Trudy praticamente só pisava para ir ao depósito. Por alguns momentos, ele pensou em deixá-la ao alcance dos olhos, nas estantes abertas, como se não fosse nada de valor. Com tantas coisas ali, uma garrafa a mais não chamaria a atenção. Mas podia chamar a atenção de alguém que estivesse procurando por ela; e seu próprio olhar sempre seria atraído por ela. Então, enrolara a garrafa num pano oleoso e a enterrara debaixo de um maço de cartas velhas nos fundos da gaveta de baixo dos arquivos mais velhos. Ninguém além de Edgar dava atenção aos arquivos, e nem mesmo Edgar iria se interessar por um maço de cartas velhas. Um bom lugar, Claude tinha certeza. E, no entanto, no momento em que a garrafa estava escondida em segurança, veio-lhe uma nova preocupação, e ele entrara na enfermaria, escolhera uma seringa no armário e a colocara dentro da trouxa de panos ao lado da garrafa.

Claude ainda estava parado na escada da varanda, assistindo à cena que se desenrolava diante dele. Glen jogara uma das pernas por cima dos quadris de Trudy e virara ambos, de forma que os dois agora estavam deitados de lado, de frente para

o celeiro. Claude mal podia ver Trudy por cima das costas largas de Glen. Ele suspirou e desceu da varanda para o gramado. Trudy tinha parado de lutar e jazia fora de si, murmurando algo como "Não, não, agora não" enquanto olhava Edgar sair correndo do celeiro empurrando mais um carrinho cheio de pastas. Os cachorros espalhavam-se em todas as direções. Dois vieram correndo, pararam para farejar Trudy e Glen, depois saltaram e foram embora. Claude ajoelhou-se atrás de Glen, estendeu o braço por cima de seu ombro e tentou tirar a imensa mão direita do homem do ponto em que estava travada em seu próprio pulso esquerdo.

— Basta, Glen — disse ele, surpreendendo-se com a serenidade sua voz. — Solte Trudy. Não podemos ajudar você, se não soltar Trudy.

Glen não reagiu, mas à menção de seu nome Trudy começou a se debater. Embora fosse ágil e forte, aquilo era inútil. Diante de Glen, ela era uma anã. Os ombros dele se curvaram e os braços apertaram até ela parar. Ela esticou o pescoço para olhar para Claude. Estava chorando.

— Faça Edgar parar. Por favor, Claude. Faça Edgar parar de entrar lá.

Claude apenas concordou com a cabeça. Não havia nada a responder. Levantou e atravessou o pátio, a cabeça a mil. Não gostava de tomar decisões assim; precisava de tempo para pensar as coisas, mas dificilmente poderia sentar e ponderar. Sim, podia deter Edgar, derrubá-lo e imobilizá-lo como Glen estava fazendo com Trudy, até o incêndio estar tão avançado que ninguém entraria lá. Para Trudy, pareceria que ele tinha salvado Edgar da loucura, enquanto lá dentro a garrafa se partiria, derreteria, seu conteúdo queimaria nas chamas.

Depois, seria preciso explicar Glen. O homem estava cego, seus olhos eram globos causticados. O fato de estar consciente era a prova de sua força, mesmo estando meio fora de si de tanta dor. A cegueira o subjugaria depois: todas aquelas conversas até tarde da noite haviam deixado Claude certo disso. Quando aquilo acontecera, Claude podia insistir em que Glen, em seu luto, havia confundido totalmente um inocente conforto pela morte de Page com algo diferente, e Trudy poderia acreditar nisso. Glen, afinal de contas, havia tentado sequestrar Edgar. E como se aquilo não fosse suficientemente comprometedor, quando Trudy bateu em Glen ele revidara com aquela estranha manobra de lutador, gemendo e oscilando o corpo, recusando-se a soltá-la.

Mas ainda havia Edgar. O garoto (era difícil pensar nele assim, o cabelo branco de cal, alto, magro como uma vareta) podia duvidar, embora qualquer prova real tivesse se dispersado nas nuvens havia muito tempo. Por outro lado, Claude

podia levantar suas próprias questões. O que havia acontecido de fato com Page no depósito? Com sorte, poderiam encontrar a chave do Impala no bolso de Edgar, junto com algumas centenas de dólares. Alguém se surpreenderia de encontrar um fugitivo pronto para roubar um carro?

Podia funcionar, Claude pensou. Tudo que precisava fazer era deter Edgar, salvá-lo aos olhos de Trudy, e esperar. Depois, haveria uma sensação de alívio, um novo começo para todos eles. O incêndio e a reconstrução mudariam tudo. Uma virada.

Claude se encaminhava para o celeiro, pensando nisso, quando sentiu algo pressionando sua coxa. Olhou para baixo. Essay estava parada ali na sua frente. Ela apertou o focinho em sua perna, pouco acima do joelho, e o coração dele disparou, porque por um momento Claude viu a seringa na boca da cachorra. Mas seus olhos estavam enganados. Não havia nada na boca de Essay. Ele estava pensando na noite em que Edgar fizera seu truque no canil. Essay estava parada na frente dele, olhar resoluto, boca aberta, olhos brilhantes e travessos, como se esperasse ver a reação dele naquela noite distante. Seria possível que o garoto fosse tão obsessivo que teria voltado para fazer aquele truque outra vez?

De repente, a convicção de Claude foi abalada. Ele não pensara com clareza. Não ia funcionar. Apesar disso tudo, bastou o olhar de um cachorro para fazer sua mão tremer e o sangue latejar em sua cabeça. Estava enganando a si mesmo. Vezes sem fim ele voltaria a olhar nos olhos de Gar exatamente daquele jeito.

Não, não de Gar. De Edgar.

Por que tinha pensado nisso? Assim que fez a pergunta, soube a resposta: porque Edgar, toda brandura despida do rosto, iluminado de lado pela luz do pátio, cabelo grisalho de cal, se parecia muito com o pai. Porque, levando os arquivos nos braços, o garoto até caminhava com a mesma postura curvada que Gar usava ao carregar os filhotes pequenos de um cercado para outro. Porque algumas noites Claude não conseguia dormir depois que um inseto ao bater na janela do quarto o fazia sentar na cama em sobressalto, adrenalina correndo nas veias, o coração batendo tão ferozmente que ele precisava andar lá fora, e depois não conseguia se deitar. Melhor sentar olhando a noite e dormir assim, se o sono viesse. E porque o olhar de Essay o fez pensar naquela manhã em que levantara os olhos da pia e descobrira Edgar do lado de fora da janela da cozinha, em cima da macieira e ele acabara tendo de desviar o rosto.

Quando Claude voltou a olhar para baixo, a cachorra tinha ido embora,

juntado-se a um dos bandos que corriam pelo pátio. Claude foi até a porta e entrou, abaixado. O ar estava respirável até a altura da cintura, embora cheirasse mal e fizesse arder os olhos. Só conseguia enxergar poucos metros adiante. Quando chegou à porta da oficina, divisou o carrinho de mão, virado no centro da sala, e Edgar abrindo a gaveta superior de um arquivo, de pé apenas o tempo suficiente para recolher o conteúdo da gaveta e se abaixando outra vez.

Edgar ergueu os olhos e viu Claude na porta. Parou um momento e os dois se olharam. Então Edgar se virou e pegou mais um maço de papéis da gaveta aberta. As gavetas mais próximas da porta estavam semiabertas e vazias: Edgar começara dos registros mais novos para os mais velhos. Isso explicava por que ainda não tinha saído ao pátio com a garrafa na mão.

Claude passou por Edgar em direção ao último arquivo. Abriu a gaveta superior e começou a transferir braçada após braçada de registros para o carrinho de mão, que encheu o mais depressa que pôde, embora já estivesse quase transbordando. Edgar continuava trabalhando na gaveta de baixo do arquivo vizinho, virando e atirando papéis. Alguns caíam completamente fora do carrinho e espalhavam-se perto da porta. Então Edgar se levantou, pegou o carrinho de mão e desapareceu na fumaça.

Edgar 8

ELE PODIA TER SE ABORRECIDO CONSIGO MESMO POR NÃO TER PENSADO antes no carrinho de mão. Assim, era possível tirar tudo, a história toda lá fora, segura. Trabalhando freneticamente, ele já havia carregado o conteúdo de um arquivo inteiro na caçamba metálica. A fumaça na oficina era amarga e densa, e ele se ajoelhou para aspirar o ar limpo perto do chão.

Então, levantou de novo, enfiou as mãos na gaveta, virou e jogou a carga de papéis. Como sua cabeça funcionava depressa ao trabalhar, como era eufórica a sensação de alívio que pulsava dentro dele. Sentiu que tinha obtido mais uma conquista, como conseguira ao olhar as macieiras no inverno, e trabalhava com grande intensidade. A parte dele que adorava ordem sofria pela loucura que estava fazendo, a organizada marcha das gerações misturada tão depressa. Mas não podia parar. Queria jogar tudo em uma última carga no carrinho, só que os papéis já começavam a transbordar. Uma parte ainda maior iria simplesmente escorregar e cair quando fizesse a curva para o corredor, e ficaria perdido na fumaça.

Dera uma olhada para a porta da oficina quando Claude apareceu, agachado e com os olhos apertados por causa da fumaça. A expressão de Claude era uma espécie de perfeita neutralidade, ou melhor, uma mistura de expressões, cada uma fugaz, insidiosa e sem conexão com a seguinte. Edgar pensou que outra pessoa, olhando de outro ponto de vista, poderia ver ali preocupação ou cuidado, ou medo, ou desejo, ou repulsa. Mas para Edgar o resultado era algo incompreensível, ilegível, sem compromisso com nada e que se resumia a nada. Como sempre tinha sido com Claude. Edgar não esquecera nada do que tinha visto no depósito, nem o fluxo de lembranças que passara por ele na chuva. Nunca tivera nenhum grande plano ao voltar, a não ser contar o que sabia ser verdade e continuar afirmando aquilo, sem evidências, sem provas.

Então, antes que tivesse a chance de fazer qualquer coisa, Claude passou por ele, abriu a gaveta superior do último arquivo e começou a jogar braçadas de papéis no carrinho. Não disse nada nem enfrentou o olhar de Edgar. Quando Edgar entendeu o que Claude estava fazendo, voltou aos arquivos e os dois trabalharam lado a lado. O carrinho rapidamente ficou cheio demais. Não havia tempo para

explicar nem linguagem para isso. Edgar apenas pegou o carrinho e correu pela porta. Ficar abaixado para respirar ar puro era difícil, e ele precisou parar duas vezes para arrumar a pilha de papéis.

Assim que saiu, caiu de joelhos e forçou um novo ataque de tosse; dessa vez, arranhou a garganta. Depois levantou, virou o carrinho no gramado e olhou os papéis se espalharem, folhas brancas e beges por toda parte, a caligrafia nelas como todas as línguas do mundo, algumas antigas, outras ainda por inventar. Fotografias, pedigrees, fichas de registro e anotações onde quer que olhasse. A história de quarenta gerações. Cinquenta.

Olhou para a casa. Sua mãe estava caída, presa nos braços de Glen Papineau. Quando viu Edgar, parou de se debater e se virou a fim de olhar para ele.

— Deixe isso, Edgar! Deixe!

Não posso, ele sinalizou. Não ainda.

Voltou para o canil fumegante. Os gritos de sua mãe intercalados com os gemidos de Glen faziam um dueto enervante. A faixa de fumaça antes estreita tinha se transformado em uma massa opaca que subia da metade superior da entrada do celeiro. Ele imaginou se a palha do depósito teria pegado fogo. Não havia a menor língua de fogo visível, embora penachos de fumaça negra brotassem do telhado.

Entendeu o que significava voltar à oficina. Não acreditava que Claude estivesse lá para ajudá-lo. No entanto, cada pasta que resgatava restaurava um pedaço de um mundo que ele achara que tinha se perdido para sempre. Por tanto tempo vivera separado: de seu pai, de si mesmo, agora de Almondine. O que ele pretendia fazer não era, para ele, uma questão de sabedoria ou tolice, de coragem ou intrepidez, de visão ou ignorância. Era apenas que não podia se dividir como tinha se dividido uma vez; não podia escolher entre imperativos. Ressurgir ou vingar-se. Lutar ou fugir.

Lá dentro havia mais dois arquivos cheios de pastas, as cartas de Brooks, o livro mestre de ninhadas e o Novo dicionário enciclopédico Webster da língua inglesa , com o artigo de Alexander McQueen sobre a importância dos nomes, páginas e páginas de anotações, registros de todos os cachorros que Edgar já conhecera. Ele empurrou o carrinho de mão a passos rápidos e pela última vez passou pelas portas, entrando no celeiro. Se trabalhasse depressa, podia sair em três minutos. E se precisasse de mais tempo, teve uma ideia capaz de limpar a fumaça tempo suficiente para tirar todo o resto.

Uma ideia que lhe ocorrera muito tempo atrás, num sonho.

Claude 2

NO MOMENTO EM QUE EDGAR DESAPARECEU NA PORTA DA OFICINA para dentro da fumaça, Claude abriu a gaveta de arquivos e desencavou o embrulho do fundo do maço de cartas e recortes de jornal. A seringa, enrolada no velho tecido oleado, soltou-se e caiu dentro da gaveta. Ele apalpou o calor ali dentro até seus dedos tocarem o tambor plástico. Moveu-se entre as fotografias e os pedigrees espalhados pelo chão como se fossem uma história lunática do canil. Ao chegar à bancada de trabalho, deu as costas para a sala e ajoelhou-se.

Enrolou o pano na mão e agarrou o frasco com ele, soltou a tampa e com o maior cuidado colocou-a no chão, longe dele, bem no canto. Removeu a proteção da agulha. Seus movimentos eram cautelosos, mas trabalhava com pressa e por acidente espetou ligeiramente a ponta da agulha na palma da mão direita. Antes mesmo de sentir a picada, já tinha afastado a mão. A perfuração era muito pequena para fazer sair até mesmo uma gota de sangue, mas um arco vermelho infinitesimal coloriu a ponta da agulha.

Quando olhou o frasco de novo, um filete iridescente tinha subido pelo gargalo de vidro. Colocou a agulha contra a boca do frasco. Ver aquele líquido subir impetuosamente através daquela minúscula artéria de aço fez sua pele arrepiar. Precisava de apenas uma gota, mas meio cc entrou no cilindro antes que ele pudesse pôr o polegar no êmbolo, e mesmo então sua força, autônoma e ascendente, pareceu-lhe uma coisa feroz que dava um bote de sua jaula. Com esforço, empurrou tudo, menos um pouquinho, de volta para dentro do frasco. Quando tirou a seringa, um filamento prateado tremulou no ar. Apoiou a ponta da agulha no vidro, virou-a e retirou-a de novo, deixando ali uma gota de óleo translúcido que tremulou, caiu e escorreu pela curva interna do gargalo do frasco. Deixou o frasco destampado, jogou fora o pano, virou-se, segurando a seringa a distância de um braço e esperou.

Os arquivos do outro lado estavam nebulosos e distantes, na densa fumaça. Ele não tinha certeza se Edgar pretendia voltar, mas podia largar a seringa e sair do celeiro em segundos se as coisas de repente ficassem perigosas. O fogo não avançava assim tão depressa, pensou. Olhou a lâmpada nua brilhando no soquete do teto e se

perguntou quanto tempo levaria para o isolamento do fio derreter. A fumaça adquiriu um cheiro orgânico, horrível, de carne queimada. Um ninho de ratos, pensou, ou um pássaro no beiral, surpreendido. Toda aquela fumaça e ainda nenhum som, nenhuma labareda. Lá fora, podia ouvir Trudy chorando e gritando.

Então Edgar apareceu, curvado atrás do carrinho de mão, tão abaixado que os apoios raspavam o chão de cimento. Colocou o carrinho no espaço abaixo da escada do depósito, ajoelhou-se e abriu a gaveta inferior do arquivo mais antigo, justamente aquela onde o frasco estivera escondido, e começou a tirar cartas e papéis. Claude se levantou. Lembrou como o herbanário tinha usado a vareta de ponta afiada. Como suas mãos, sequeladas por uma paralisia, tinham tremido depois. Agora, aquilo parecia uma reação até branda, porque Claude, de repente, estava consciente de todo o mecanismo de nervo, músculo e ligamentos que controlava seus dedos. A seringa começou a tremer em sua mão. Com a outra, livre, apertou o pulso trêmulo até os ossos estalarem uns contra os outros.

Atravessou a oficina.

O ato em si levou apenas um instante.

Concluído, ele recuou, estendeu um braço às costas para fechar a porta da oficina. De repente, seus dentes começaram a bater e ele apertou a mandíbula com tanta força para fazer que parasse que deixou escapar um gemido. Precisava se controlar, pensou. Tudo o que precisava agora era manter Edgar ali e deixar o tempo passar. Mas seu coração atirava-se contra as costelas e o sangue que corria dentro dele parecia pesado como mercúrio. Apoiou as costas na porta e escorregou para o cimento, notou que a seringa ainda estava em sua mão. Com um movimento brusco, jogou-a longe. Como tinha feito com Gar. Edgar continuava jogando pastas no carrinho como se nada tivesse acontecido. Então, de repente, sentou-se nos calcanhares, olhou para cima e para trás, como se tivesse se assustado com um som. Virou para Claude, mas seu olhar não se deteve nele. Levantou-se, então, atravessou a oficina, apalpou palmo a palmo a estante debaixo da escada e começou a procurar alguma coisa no canto, onde as ferramentas de cabo comprido ficavam entrelaçadas.

Ao virar-se, Edgar tinha um forcado na mão.

Ah, meu Deus, Claude pensou.

Mas Edgar não estava olhando para Claude. Foi até o centro da oficina, curvando-se muito para manter o rosto livre do denso acúmulo de fumaça.

Agachou-se um momento, de olhos apertados, limpou as lágrimas dos olhos oscilando o corpo como se procurasse a posição de alguma coisa perto da luz no teto.

Então Edgar se levantou e enfiou o forcado bem dentro da fumaça.

Edgar 9

SEU PRIMEIRO PENSAMENTO FOI QUE ALGUMA COISA TINHA CAÍDO EM cima dele e atingido um nervo, como acontece quando se bate o cotovelo. Um raio gelado na nuca, nada mais. Ele teve tempo de pôr as mãos dentro da gaveta e pegar mais um punhado de cartas e papéis, depois virar-se e jogá-los no carrinho, então a onda gelada irradiou-se das costas para os membros, aninhando-se na virilha, joelhos, axilas e na palma das mãos. Uma sensação indescritível de tão estranha. Dobrou o braço e tocou o pescoço. Virou-se. Nada tinha caído. Claude fechara a porta da oficina e agora estava sentado desajeitadamente contra ela, parecendo assustado e ofegando de boca aberta.

Então, sem nenhuma razão aparente para Edgar, a fumaça de repente triplicou de densidade, até as paredes da sala mal ficarem visíveis. A luz do teto virou um cristal alaranjado, riscado de fumaça. Ele disse a si mesmo que devia tossir, curvou-se e apoiou os cotovelos nos joelhos, mas o resultado foi insignificante. Precisava tirar a fumaça da sala; estava quase sucumbindo. Abriu caminho até os implementos que ficavam no canto. Ancinhos. Enxadas. Qualquer um servia, não importava. O que veio à sua mão foi um forcado.

Quando se virou, a sala girou em torno dele. O éter, pensou, porque aquela sensação de alheamento lhe ocorrera de novo, a mesma de quando Glen segurara o pano sobre seu rosto: a sensação de que estava fora do corpo, olhando para si mesmo. Mas aquilo era diferente também. Vinha daquela sensação de assombro que o tomara. Não conseguia afastar a ideia de que alguma coisa tinha caído em cima dele. Tocou a cabeça. Os dedos voltaram sem sangue e secos.

Foi até o centro da oficina, tentando manter o equilíbrio. Impossível ver o teto através da fumaça. Cada vez que respirava, alguma coisa raspava seus pulmões. Fez um esforço para se concentrar. Tentou ver mentalmente onde estava localizada a escotilha de feno em relação à luz do teto. Duas vezes cambaleou para o lado e teve de olhar os próprios pés para não cair.

Por fim, resolveu arriscar. Levantou o forcado e o empurrou para o alto. Os dentes do forcado tocaram a madeira. Quando ele empurrou, sentiu uma sólida e

firme resistência. Puxou para baixo e os dentes se soltaram. Ele empurrou dentro da fumaça de novo, trinta centímetros à direita. Dessa vez, alguma coisa cedeu. O alçapão subiu alguns centímetros, depois foi alcançado e erguido do seu encaixe. Mudou de posição, deu um empurrão final, sentiu o alçapão se abrir e deslizar pelo chão do depósito.

Então, o forcado caiu com ruído. Ele se viu deitado de costas, embora não lembrasse de ter caído. O ar perto do chão era abençoadamente fresco. A fumaça fez um redemoinho e foi tragada pelo alçapão, um movimento largo, como uma maré, como ver uma coisa viva. Tinha funcionado exatamente como ele esperava, do jeito que acontecera em seu sonho naquela primeira manhã depois que seu pai aparecera na chuva. Ver aquilo o encheu de exaltação e tristeza. A fumaça estava subindo para o depósito, espalhando-se ao chegar à abertura e rolando para cima. Ele não podia ver nada do depósito em si: nem a torre de fardos, nem as vigas, nem o guincho, nem as lâmpadas entre os espigões. Só mil camadas de palha subindo. Pensou que poderia ver chamas, mas não foi assim. Só a passagem fluente da fumaça.

Tencionava fazer alguma coisa antes de empurrar seu último carrinho de registros para fora do celeiro, uma coisa importante. Não se ressentia de Glen Papineau ter feito o que fez. Ele só queria fazer uma pergunta a Edgar, dissera. Mas Edgar tinha uma coisa que queria dizer para Glen e então fechou os olhos e imaginou Glen parado ali, imaginou a si mesmo dizendo as palavras, de forma que Glen pudesse escutá-las.

Sinto muito, falou. Imaginou isso com toda a força, com todo o poder de sua mente. Sinto muito por seu pai.

Sentiu alguma coisa ceder dentro de si. Uma diminuição de barreiras. Ficou deitado e viu a fumaça se deslocar pelo teto. Depois de algum tempo, Almondine entrou de algum lugar secreto perto dos arquivos. Foi até ele, olhou para ele e lambeu seu rosto.

Levante, ela disse. Depressa. Ela ofegava. As orelhas estavam viradas para a frente e espetadas, como ficavam quando estava mais agitada, embora seus movimentos fossem comedidos e calmos. Ele não se surpreendeu de ouvir a voz dela. Era exatamente como tinha ouvido em sua mente a vida inteira.

Achei que nunca mais ia ver você, ele sinalizou.

Você estava perdido.

É. Perdido.

Parecia que não ia voltar. Eu teria encontrado você.

Não, eu me encontrei. Entendi algumas coisas enquanto estava longe.

E você teve que voltar.

É.

O que foi que você entendeu?

O que meu avô estava fazendo. Por que as pessoas querem cachorros sawtelle. Quem deve ter um. O que vem depois.

Você sempre entendeu essas coisas.

Não. Não desse jeito.

Durante um momento, os dois apenas se olharam.

Tantas coisas aconteceram, ele sinalizou.

É.

Sente aqui do meu lado. Quero contar algumas para você. O nome dele é Henry.

Levante, ela disse. Vamos lá para fora.

Eu disse para ele que meu nome era Nathoo.

Ele riu um pouco ao dizer isso, sabendo que ela ia entender.

O nome humano de Mogli.

É.

Era o melhor?

Ele pensou na pergunta.

No começo. Depois não importava mais. Eu queria contar a verdade para ele, mas não deu.

Almondine sentou e olhou para ele, a testa franzida, os olhos feito cerejeira polida até brilhar como vidro. Veio-lhe então uma ideia inteiramente nova: que Nathoo não era seu nome, nem seu não nome; que mesmo "Edgar" era uma coisa separada de seu verdadeiro nome: o nome que Almondine tinha lhe dado em algum

passado distante, muito antes de ele aprender a manter ideias no tempo como lembranças, e fosse qual fosse aquele nome, não tinha expressão em palavras nem em gestos humanos, nem podia existir além da curva e do ângulo do rosto dela, do brilho em seus olhos, da forma de sua boca quando ela olhava para ele.

Baboo e Tinder ficaram com Henry.

Sei.

Eu não devia ter virado o rosto quando vi você com Claude aquele dia. Não sei o que aconteceu comigo.

Você estava perdido.

Eu estava perdido.

Levante, ela disse uma última vez.

Venha, ele disse. Deite aqui comigo.

Almondine acomodou-se e apoiou o peito contra o corpo dele. A cara estava perto do rosto de Edgar e ela olhava para ele, acompanhava o olhar dele para o teto.

Edgar fechou os olhos, depois abriu de novo, com um sobressalto, temendo que Almondine tivesse ido embora, mas não havia por que se preocupar. Estavam deitados no chão, olhando a fumaça se retorcer pelo teto. Não parecia mais fumaça, mas um rio, largo e plácido começando em lugar nenhum e terminando em lugar nenhum, correndo, correndo. Os dois ficaram deitados à margem desse rio que corria como o córrego em época de enchente. Talvez um dia também esse rio tivesse sido dividido por uma cerca. Mas não mais.

Do outro lado, apareceu uma figura, distante porém reconhecível: alguém que ele ansiava ver desde aquela noite em que os cachorros uivaram na chuva e o mundo começara a girar em um novo e terrível eixo. Ele quisera dizer alguma coisa aquela noite, a coisa mais importante de todas, parecia-lhe agora, mas se acovardara quando o momento surgiu, a chance se perdera e depois lhe foi amaldiçoado.

Pôs os dedos no pelo da base do pescoço de Almondine. Sopros entravam e saíam dela, entravam e saíam. Ele fechou os olhos, por quanto tempo não soube dizer. Quando abriu de novo, o rio continuava igual, mas de alguma forma o homem o tinha atravessado para se encontrar com eles. Ou, talvez, eles tivessem atravessado. Não tinha certeza. De qualquer forma, estava feliz. Sentia que tinha uma voz dentro de si pela primeira vez e com ela podia dizer o que sempre quisera

dizer. O homem estava próximo. Não havia necessidade de gritar as palavras. Podia até sussurrar, se quisesse.

Ele sorriu.

— Eu te amo — disse Edgar Sawtelle.

Claude 3

ESTAVA SENTADO COM AS COSTAS APOIADAS NA PORTA DA OFICINA, ESPERANDO, contando, observando Edgar caído à sua frente. Um vórtice de fumaça corria para o retângulo escuro no alto. Tinha havido um momento terrível em que pensara não está funcionando , mas estava errado. Em vez de avançar em cima de Claude, o garoto usara o forcado para abrir o alçapão para o feno. Depois que caiu, ficou olhando o depósito, as mãos se movimentando sobre o peito num fluxo de sinais que Claude não tinha esperança de entender. Isso acontecera durante muito tempo. Depois, como se Edgar tivesse chegado a uma decisão de algum tipo, apoiara uma mão em cima do peito, pousara a outra no chão ao lado da perna e não se mexera mais.

Claude pensou naquele beco molhado de chuva em Pusan, como tinha sido ver o velho enfiar a ponta da vareta afiada no dorso do cachorro aleijado, no movimento delicado, e o cachorro tinha parado de lamber a tigela de sopa, levantado a cabeça e despencado. Demorara apenas um instante. Aparentemente, o conteúdo do frasco não agia duas vezes do mesmo jeito. Talvez, com o tempo, tivesse perdido a potência. Talvez funcionasse de um jeito diferente com cada pessoa. Ele gostaria de voltar agora e pedir ao velho para explicar. O frasco estava do outro lado da sala, ao pé da bancada de trabalho. Ele precisou lutar contra o desejo de engatinhar até ela e girar o fecho de vidro no lugar, para selar de novo o frasco, ao menos enquanto estivesse confinado na mesma sala. Só o horror de se aproximar daquilo o deteve. E se tocasse o frasco de novo, não tinha certeza de que o deixaria para trás.

Ponderou se devia levar o corpo de Edgar para fora. Podia jogar o corpo do garoto por cima dos ombros, numa pegada de bombeiro, e atravessar para o pátio. Desse jeito seria melhor para Trudy, pensou, e teria feito o que ela pedira. Ou podia dizer para Trudy que o garoto tinha ficado confuso e mergulhado no centro enfumaçado do celeiro, e embora ele tivesse procurado e procurado, tinha afinal sido expulso pela fumaça, certo de que Edgar saíra pelas portas dos fundos. Assim era melhor, mas só se parecesse que ele havia procurado por um longo tempo, por tanto tempo quanto humanamente possível. Um tempo perigosamente longo. Fez

um esforço para ficar sentado mais um minuto. Concentrou-se para deter o tremor nos joelhos. Não lhe custou nada esperar, além de respirar um pouco de fumaça e ter de ficar olhando o garoto ali caído. Claude não podia fixar os olhos em Edgar durante muito tempo sem que um tremor lhe subisse pelas entranhas, mas isso era bobagem. O garoto, na verdade, parecia tranquilo.

Então, do depósito, veio um som. Um grunhido que subiu de tom até virar um guincho como metal raspando. Claude olhou para cima. Não havia mudança no aspecto da fumaça, nenhuma chama brilhava pelo alçapão aberto, mas de repente parecia perigoso ficar naquele celeiro um segundo que fosse. O garoto estava certo numa coisa: abrir o alçapão tinha limpado grande parte da fumaça na oficina. Mas Claude estava concluindo naquele instante que não tinha sido uma ideia assim tão boa por outras razões, e quanto mais pensava nisso, menos desejo tinha de permanecer no celeiro. Fumaça preta e fluida começara a se infiltrar por baixo da porta de ambos os lados dele.

Ficar em pé produziu uma onda de tontura. Ele recuou um passo da porta, tomando o cuidado de evitar o corpo do garoto. De pé, com as mãos nos joelhos, respirou haustos de ar limpo. Depois virou a maçaneta da porta da oficina. Era como se tivesse aberto uma barragem. A fumaça acre que entrou agarrou-se a sua garganta e jogou-o no canto. Ele se ajoelhou, tossiu, e quando levantou a cabeça de novo a fumaça corria para o alçapão aberto. Não subindo, correndo. E viu então que o interior do depósito estava refulgindo, alaranjado, através daquela cortina cinzenta.

E clareando.

Arrastou-se até o corredor do canil, as mãos no chão. A atmosfera turva girando em torno dele. Estava na porta, pronto para sair, quando uma coisa o fez parar e levar os nós dos dedos aos olhos lacrimejantes. Precisamente onde a fumaça saía para a luz da lâmpada protegida do lado de fora da porta, estava a figura de um homem. Enquanto Claude olhava, a figura desintegrou-se e desapareceu. Claude fechou os olhos. Quando abriu de novo, a figura tinha voltado, não tanto envolta na fumaça, mas feita de fumaça. Através dela, Claude viu os papéis que Edgar havia recolhido, espalhados pelo gramado.

Glen , foi seu primeiro pensamento. Mas a voz de Glen ecoava no pátio. E mesmo de relance Claude reconheceu a forma de seu irmão.

Aquilo era hipóxia, alucinação, arrebatamento da fumaça: coisa que acontecia com mergulhadores sem oxigênio. Ajoelhou-se e apertou o rosto no chão

de cimento para aspirar ar limpo para os pulmões. Ao se erguer de novo, a última luz do teto do corredor apagou-se. Lá fora, a luz protegida de cima das portas iluminou tempo suficiente para Claude ver claramente que era Gar, sem dúvida alguma.

E então escureceu. Ele ficou um momento tentando avançar, mas no fim virou-se para olhar o interior do celeiro. Havia outro par de portas à espera do lado oposto. Ele podia atravessar o canil e ganhar o ar fresco da noite de verão por lá, um trajeto de poucos segundos, se fosse depressa.

Orientou-se no escuro, imaginando a disposição dos cercados do canil a cada lado, o longo corredor reto, a porta da sala de parto adiante, as vigas do depósito passando em cima, uma por uma. Não saiu correndo enquanto as vigas não começaram a guinchar no alto, um grito tortuoso dessa vez, que lhe deu a certeza de que toda a construção estava prestes a despencar. E, no entanto, aquilo não podia estar acontecendo. Ele não vira praticamente nenhuma chama.

Levantou o rosto para o som. Por uma abertura na fumaça, duas finas linhas alaranjadas. Calor no rosto.

Tinha dado apenas um ou dois passos correndo quando uma explosão branca sem imagens desabrochou e dissipou-se diante dele. Então, estava sentado no cimento. Levou um momento para registrar a dor, para entender que tinha se chocado com uma das colunas que ladeava o corredor. Estendeu a mão, sentiu a coluna, coberta de fuligem, quente, embora não pudesse vê-la. Sua garganta queimava como se tivesse engolido ácido. Quando se levantou, cambaleante, uma crise de tosse quase o jogou no chão outra vez.

A colisão o tinha virado para o outro lado. A princípio, não soube dizer para que lado estava indo. Acima do som das vigas, pensou ouvir chamarem seu nome.

— O que foi isso? — gritou. — Quem é?

Mas não houve resposta, só sua própria voz, retornando seca pela fumaça. Gritou de novo. Alguma coisa na forma do eco fez com que se situasse. À esquerda, divisou um tênue retângulo de luz através da fumaça. Uma porta, mas a da frente ou a de trás? Virou-se para ela e começou a caminhar, os braços estendidos, seguindo na linha mais reta que conseguia.

Tocou madeira com a ponta dos dedos, depois uma dobradiça e a tela da porta de um cercado. Deu um passo para trás e corrigiu para a direita. Tinha apenas de seguir a linha perfeitamente reta do corredor para chegar às portas dos fundos.

Devia ter sido simples. Deu mais um passo no escuro. Várias vezes suas mãos pressionaram a tela de arame onde devia haver ar livre. O corredor parecia virar à esquerda, mas quando ele ia para a esquerda virava para a direita, como se o som em seus ouvidos não fosse a crepitação de madeira queimando, mas a agonia daquelas grandes vigas se retorcendo.

Por fim, um vento começou a soprar pelo corredor, fazendo a fumaça roçar seu rosto como uma fita de seda quente. Agora tinha motivo para entrar em pânico, mas para sua surpresa a sensação era deliciosa, como se tivesse ansiado por ela a vida toda. Ele parou. Então, até o som do madeiramento se acalmou, e houve apenas o rugido oco do vento. Ficou parado nas trevas, olhos fechados, e deixou a fumaça acariciá-lo. Então, levantou as mãos e entrelaçou os dedos na tela de arame quente que sabia que ia encontrar à sua espera.

Trudy 5

DURANTE UM LONGUÍSSIMO TEMPO NEM CLAUDE NEM EDGAR APARECERAM na porta do celeiro. Trudy chamou até a garganta arranhar, sua voz um agudo lamento sem palavras, e seu corpo se debatia e contorcia na jaula dos braços de Glen. Com o tempo, ela silenciou. Começou a pensar que não era Glen que a segurava, mas a hera negra, que se tornara grossa, forte e afundara as raízes no solo para puxá-la apertada contra a terra, expandindo-se em todas as direções de forma que seus tentáculos beliscavam e agarravam o próprio tempo, e o tempo, como uma lenta cortina giratória de teatro, travava; e a trepadeira negra descia por aquele telão para jazer mole e desconjuntada abaixo do grande proscênio onde, no fundo do palco, espalhava-se em confusão toda espécie de maquinaria e instrumentos sem nome ou nunca vistos antes.

E ali Trudy se viu incapaz de desviar os olhos de todas as coisas que tinha batalhado tanto para não ver. Depois de olhar o telão durante um longo tempo, de forma que nenhuma parte dele permanecia escondida dela e nenhuma parte estava errada, a hera negra relaxou, o tempo enrolou-se de novo em seus carretéis, rolou para a frente, e Trudy estava de novo deitada na grama do pátio. Lenta, lentamente, ela virou o rosto até a luz do mundo presente brilhar nas luas vidradas de seus olhos.

E, enquanto ela olhava, chamas começaram a devorar o longo telhado de madeira do celeiro: não as pequenas línguas de fogo alaranjadas que tinham filigranado tão horrivelmente os beirais, mas fogo de verdade agora, fogo vivo que explodia no ar, desaparecia e irrompia de novo, como se atirasse em desespero para agarrar a noite e puxá-la para dentro. Uma labareda alta de fogo brilhou acima do telhado do celeiro, retorcendo-se dentro de uma coluna de fumaça, uma rosa escarlate que desabrochou e desapareceu. De dentro do mastodonte veio um grunhido baixo e prolongado. A viga central do telhado cedeu. Então, uma guirlanda de fumaça tremeu e voltou para dentro do celeiro, como se a estrutura tivesse dado seu suspiro de donzela, e, então, o inferno começou. Muito depressa: num momento, um bloco de fumaça; no momento seguinte, tudo era chamas. O despertar queimou de leve o rosto de Trudy. A luz que lançou coloriu de vermelho

os campos e a floresta ao redor.

Quando o calor os banhou, Glen Papineau soltou Trudy, levantou-se, estendeu as mãos no ar e começou a bater no rosto, no peito, no cabelo, lançando uma nuvem de cal à sua volta.

Estou queimando?, gritou. Ah, meu Deus! Eu peguei fogo?

Mas Trudy não se mexeu nem respondeu. Ela não estava ali. Não sabia que tinha sido liberada. Glen Papineau cambaleou para longe, orientando-se por meridianos de calor. Trudy ficou caída na grama, olhos fixos nas portas abertas do celeiro e nas chamas que saíam por elas como membros incandescentes.

E Glen Papineau mergulhou no pátio, um touro cego, tropeçava, caía, levantava de novo, mugindo e mugindo:

— O que aconteceu? O que aconteceu? Pelo amor de Deus, o que aconteceu?

Os Cachorros Sawtelle

HAVIAM MOLDADO SUAS VIDAS NA PROXIMIDADE COM AQUELA CRIATURA silenciosa, interiorizada, aquele garoto de cabelo escuro, de olhos do céu, que alisava com as mãos seus flancos, patas, costas e focinhos, um garoto que viam desde o momento em que nasciam, um garoto que aparecia todas as manhãs trazendo água e comida e todas as tardes uma escova. Que pronunciava nomes para eles a partir das folhas de um livro. Eles o tinham ensinado enquanto observavam; tinham aprendido ouvindo Almondine. E embora raramente tivessem visto o fogo, entendiam seu sentido: olharam as chamas subindo para o céu da noite, as fagulhas a explodir do madeiramento, voando para cima, mais para cima, e os morcegos tremulando na fumaça, girando, mergulhando, e entenderam que não tinham mais casa.

Contornaram o incêndio com os peitos estufados e as línguas penduradas na boca. Brasas caíram na pilha de papéis que o garoto tinha feito e alguns começaram a enrolar e a subir, queimando no ar. As chamas lamberam as árvores do pomar pelo vento e pela compaixão, até só a casa, o bordo novo e a velha macieira, cujos dedos roçavam a casa e a elas se opuseram. Vigas vermelhas bateram nas árvores. No campo ao sul, as bétulas e as cruzes brancas brilhavam como rubis. As sombras dos cachorros, projetadas do alto do morro, escureceram a floresta. Grandes jatos de betume voaram com estrépito do telhado do celeiro até toda a estrutura ficar transparente, até as costelas brilhantes. As telas de arame dos cercados empoçaram como água e ferveram até desaparecer. A capota de fibra de vidro da caminhonete enrugou, soltou fumaça e encolheu, emitindo uma nuvem amarela nacarada. Os fios estendidos entre a casa e o celeiro caíram, enleados como cobras, fumegando no chão. Com o tempo, os pneus da caminhonete incharam e explodiram com o som de tiros, e a caminhonete pendeu para o lado mais próximo das chamas, sem a sensatez de se salvar. Ao longe, no limiar distante do mundo, uma nuvem de trovoada brilhou em resposta ao chamado do fogo, mas se aquelas nuvens chegassem não ofereceriam nada senão uma inspeção dos ossos, queimados e fumegantes.

A mulher jazia estendida na grama quente do fogo entre a casa e o incêndio,

surda a seus chamados, surda aos gritos do homem cego parado a seu lado, ignorante e insensato, como se tivesse abandonado seu corpo e o deixado arfante às margens do mundo. Aqueles que entendiam, viram que o tempo dentro dela tinha queimado no calor do incêndio e acharam que ela podia se levantar transformada num cisne ou numa pomba.

O calor aumentava. Levou-os primeiro para a casa, depois para horta atrás do bordo. O fogo ecoava entre o pomar agora incandescente e o pedestal de pedra rachado do celeiro. Aqueles cachorros não eram todos igualmente bons; alguns brigavam e outros se acovardavam, e outros, ainda, traçavam caminhos idiotas em torno do espetáculo e atormentavam o homem cego que arrastava a mulher pelo gramado. No entanto, eram testemunhas, todos eles, treinados e criados para olhar, ensinados por suas mães dedicadas a usar os olhos, ensinados pelo próprio menino a esperar por um gesto que desse sentido a um mundo onde nenhum sentido existia. Juntos, os dois filhotes ganiam e choravam apertando-se contra qualquer um que não rosnasse. De um jeito ou de outro, todos se orientavam contra aquele hemisfério de fogo. Alguns viravam a cara para a noite. Outros afundavam de barriga e descansavam o focinho sobre as patas dianteiras, de frente para as chamas, como esfinges ao pôr do sol.

Então Essay correu para o campo. Alguns cachorros a seguiram, inclusive seus irmãos e também os dois filhotes, estes últimos, lentos e confusos. Quando chegou à pilha de pedras, Essay esperou até todos pararem com ela, depois girou para o pátio, rosnando para qualquer um que tentasse seguir. Ficaram andando de um lado para o outro, à espera. Ela apareceu de novo com mais seis cachorros atrás, o resto não queria sair da auréola do calor. Ela trotou pelo bando, seguiu a borda do campo, as costas avermelhadas pelas chamas. Quando chegaram à velha trilha madeireira, ela ultrapassou as bétulas sem hesitação e deixou o campo perto do canto mais ao sul, cortando para a floresta. Na floresta, diminuíram o passo. Os cachorros se espalharam ao lado e atrás dela.

Passaram cerca após cerca. Alguns cachorros se dispersaram, perdidos ou desanimados, mas ela não parou nem voltou. Iam seguir ou não, ela tinha deixado a possibilidade clara. Os pássaros da noite gritavam à sua passagem. Um bando de veados saltou de seu lugar de dormir. Ela conduziu os cachorros, conferindo o caminho, embora ele estivesse marcado de forma tão óbvia que alguns corriam à frente. E então, ao se dar conta de que tinha perdido os filhotes, ela parou e voltou. Descobriu-os encolhidos debaixo de uma árvore caída, ganindo e tremendo ao luar. Ela baixou o focinho, eles lamberam sua cara e abanaram os rabos entre as

samambaias. Em troca, ela mordeu de leve seus pescoços e farejou os corpos, as patas, as barrigas, depois virou e foi embora trotando. Assim convencidos, eles recomeçaram a segui-la.

A floresta se espalhava ao redor. A noite passou. Cruzaram pântanos, atravessaram córregos até a escura abóbada celeste dar lugar a um alaranjado profundo, o céu incendiado que tinham deixado para trás. Então, Essay saiu da floresta. Diante dela, elevava-se um campo, não cultivado havia muitas estações e pontilhado de pinheiros. O capim pendia molhado e pesado na calma da manhã. De trás dela veio o grito áspero da diáspora, explodindo pelo mato. Quando o sol surgiu acima das árvores, tudo diante dela brilhava.

A oeste, do outro lado do campo, Forte andava de um lado para outro na linha de árvores, seu vulto cortando para lá e para cá a névoa rala junto ao chão. A leste, onde o campo descia, luzes esporádicas brilhavam entre as árvores, e aqui e ali via-se o telhado inclinado de uma casa. Essay podia ouvir a terra respirando em volta. Se não fosse a torre de igreja que subia acima das árvores e os faróis que brilhavam no asfalto ao longe, ela podia estar olhando um cenário do começo do mundo. Algo como uma canção ou um poema soou em seus ouvidos. Lá estava Forte. Lá estava a cidade. Um a um, os cachorros sawtelle trotaram do meio dos troncos de árvores e seguiram a margem da floresta até estarem todos juntos, Finch, Opal, Umbra, Pout e os dois filhotes sem nome, além de todos os outros que tinham seguido pela noite. Eles localizaram o olhar de Essay pelo campo, primeiro a leste, depois a oeste, e foram atrás dela, lamberam seu focinho, tornaram conhecidos seus desejos e então esperaram.

Essay caminhou sobre a relva. Parou, levantou uma pata à altura do peito, o focinho erguido, farejando o ar, observando tudo. Por um instante, enquanto clareava a luz da manhã, tudo no campo permanecia imóvel. Olhou para trás uma última vez, a floresta e o caminho que tinham percorrido, e quando teve certeza de que todos estavam juntos agora e nenhum outro apareceria, virou-se, fez sua escolha e começou a atravessar.

Agradecimentos

ESTE LIVRO LEVOU MUITO TEMPO PARA SER ESCRITO E, CONSEQUENTEMENTE, devo agradecimentos a muitas pessoas. Eleanor Jackson, minha agente literária, tem sido uma defensora, conselheira e amiga incondicional; é uma idealista do tipo mais acolhedor. Lee Boudreaux, minha editora na Ecco, trabalhou como um dínamo para melhorar este livro, questionando cada linha, cada palavra, cada preconceito, mas de alguma forma me fazendo rir no processo. O resultado é infinitamente melhor por seu empenho, e ela tem minha mais profunda gratidão. Abigail Holstein, também da Ecco, viu o manuscrito em meio a muitos trabalhos e forneceu conselhos tanto oportunos como sábios.

Muito devo a meus professores do Programa para Escritores do Warren Wilson College — Ehud Havazelet, Joan Silber, Margot Livesey, Richard Russo e Wilton Barnhardt — , assim como ao restante daquela notável faculdade, pela confluência de ideias e talento que levam a Swannanoa a cada janeiro e julho. Richard Russo foi especialmente generoso com seu tempo e consideração. Obrigado a Robert Boswell pelo workshop fundamental em Aspen e pelos conselhos benevolentes que se seguiram. Obrigado também a Robert McBrearty, pelo curso na Universidade do Colorado, workshops e inúmeros almoços de indispensáveis conselhos para a escrita e para a vida. Por fim, obrigado ao Vermont Studio Center por uma bolsa de redação durante a qual foram gerados trechos da Parte III.

As seguintes pessoas leram versões preliminares deste livro e ofereceram em troca o grande presente de suas impressões: Barbara Bohen, Carol Engelhardt, Charlene Finn, Nickole Ingram, Karen Lehmann, Cherie McCandless, Tim McCandless, Brad Reeves, Nancy Sullivan, Audrey Vernick e Karen Wolfe. Compassivamente, eles apontaram os pontos fracos de cada versão, o que ajudou a melhorar o livro, e também suas qualidades, que me deram esperança. Nenhum escritor poderia esperar melhor conselho consultivo.

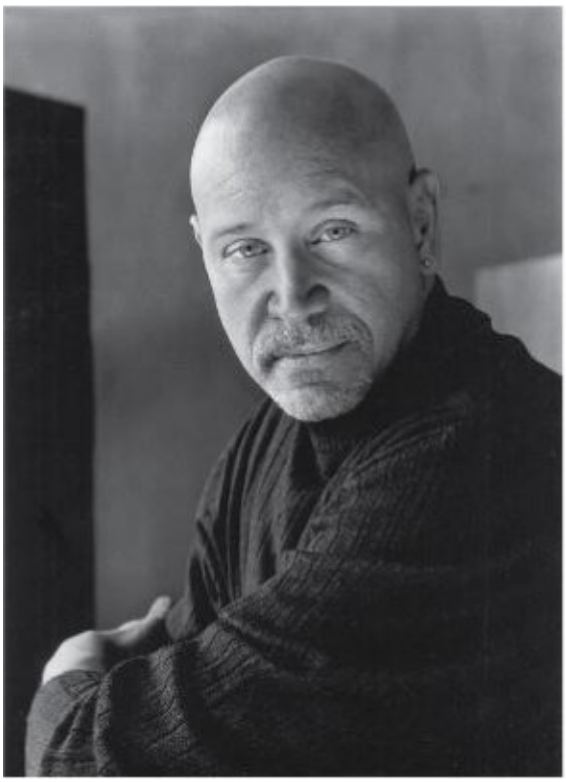
Informações factuais me foram fornecidas por Maura Quinn—Jones no St. Joseph"s Hospital em Marshfied, Wisconsin, sobre os fundamentos da fonoaudiologia; Peter Knox, da Universidade do Colorado, sobre a língua latina; Jim Barnett, sobre a língua japonesa; Rob Oberbreckling, sobre a natureza dos incêndios de estruturas; Roger Sopher e o doutor William Burton, sobre as

propriedades do éter; e a veterinária Lisa Sabichi, que teve de suportar algumas das perguntas certamente mais estranhas já feitas a um veterinário. Sou grato por suas respostas pacientes, assim como pelo extraordinário cuidado que ela dedica a dois cachorros que tive o privilégio de conhecer. Para servir a meus propósitos distorci todos os fatos que essas pessoas me forneceram; os erros e as inexatidões resultantes são de minha total responsabilidade.

Existe um tesouro bibliográfico sobre biologia, cognição e métodos de treinamento de cães. Uma lista de fontes consultadas seria decerto longa demais para esta nota e inevitavelmente incompleta, mas qualquer pessoa que esteja interessada nas técnicas de treinamento empregadas pelos Sawtelle nesta história de ficção pode começar com o ensaio "How to say „Fetch!"" [Como dizer "Pega"], de Vicki Hearne, e trabalhar a partir daí. Li também, com grande prazer, A Journey Into Mellen [Uma viagem a Mellen], coletânea de cem anos de artigos de jornais de Mellen, condensados e compilados por uma comissão de voluntários, editada por Joe Barabe. Por último, aos dois autores reais de Cães de trabalho , Elliot Humphrey e Lucien Warner, peço tardias desculpas por inventar um coautor; John Sawtelle precisava de um amigo que entendesse seu projeto e com quem pudesse aprender as lições do trabalho da Fortunate Fields.

Acima de tudo, este livro deve sua existência a Kimberly McClintock, uma artista extraordinária, parceira generosa e amorosa, minha mais feroz defensora, minha primeira, última e mais exigente leitora. Seu estímulo e sabedoria percorrem cada página deste livro.

Sobre o Autor



Mestre pelo Warren Wilson MFA Program for Writers (Programa para Escritores do Warren Wilson College), David Wroblewski vive no Colorado com a mulher, a escritora Kimberly McClintock, e com a cadela Lola. A história de Edgar Sawtelle é seu primeiro romance.

David Wroblewski cresceu no cenário de A história de Edgar Sawtelle : os limites da Floresta Nacional Chequamegon, área rural de Wisconsin. A essa lembrança ele atribui parte da inspiração para esse livro de estreia, que o colocou no topo da lista de best-sellers do jornal The New York Times , com mais de 1,5 milhão de exemplares vendidos nos Estados Unidos, e no primeiro lugar das listas do Canadá e de Portugal.

Notas

<< 1 Estou descontrolada de novo, seduzida de novo / Uma criança manhosa sorrindo tola de novo / Enfeitiçada, perturbada e desnorteada eu estou . Canção do musical da Broadway Pal Joey (1940), de John O"Hara, música de Lorenz Hart, letra de Richard Rodgers, gravada por Doris Day em 1950. (N. do T.)

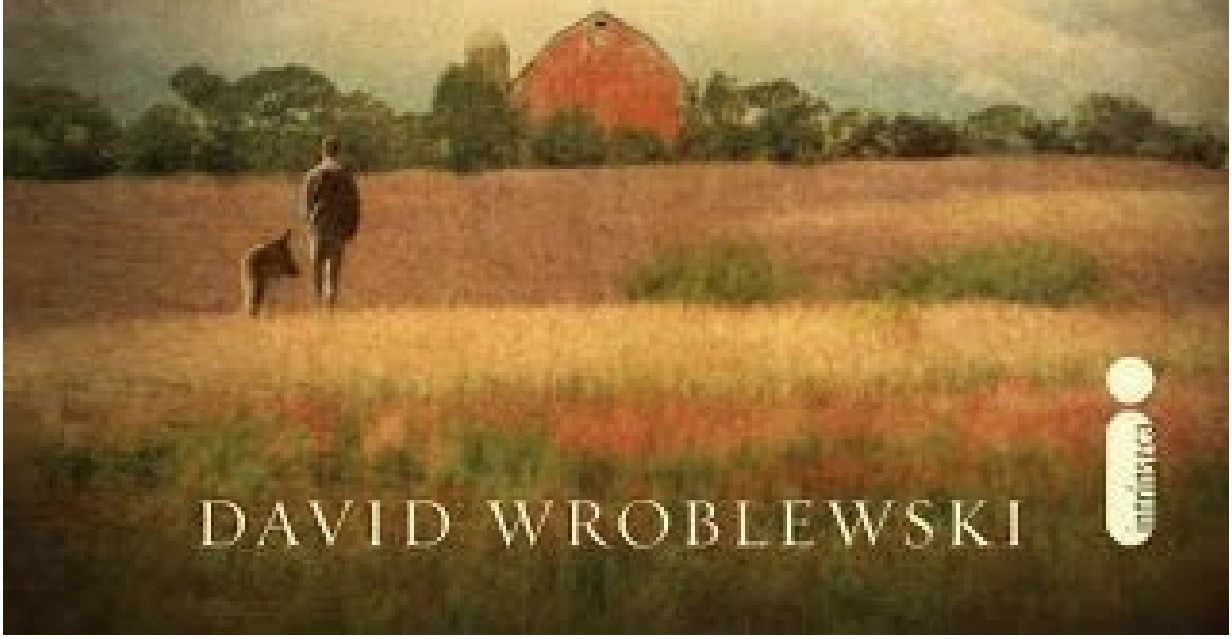
<< 2 Mid these dancing rocks at once and ever,/ it flung up momently the sacred river./ Five miles meandering with a mazy motion,/ through wood and dale the sacred river ran,/ then reached the caverns measureless to man,/ and sank in tumult to a lifeless ocean. Trecho do poema “Kublai Khan”, de 1798, do poeta romântico inglês Samuel Taylor Coleridge. (N. do T.)

<< 3 Paul Bunyan, um gigante lenhador, e Babe, o boi azul de força descomunal, são personagens folclóricos norte-americanos do século XIX. (N. do T .)

UM MENINO SEM VOZ NUM MUNDO DE HOMENS E CÃES

A HISTÓRIA DE EDGAR SAWTELLE

"A MAIOR SURPRESA DO ANO."
— *THE NEW YORK TIMES*



DAVID WROBLEWSKI